

ROBIN COOK

CRISE

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



CRISE

Robin Cook

Editora Europa-América 2006

AGRADECIMENTOS

Como sempre, ao escrever os meus romances baseados em fatos, tenho de contar com amigos e conhecidos para responderem às minhas inúmeras perguntas incômodas. Isto foi especialmente importante em Crise, uma vez que a história liga a medicina ao direito. Embora agradeça a todos os que se dispuseram graciosamente a ajudar, aqueles que gostaria particularmente de citar são (por ordem alfabética):

John W. Bresnahan, investigador, Divisão de Ética Profissional, Estado do Massachusetts
Jean R. Cook, psicóloga
Joe Cox, Dr. Mestre de Direito, advogado especialista em direito fiscal e sucessório
Rose Doherty, acadêmica
Mark Flomenbaum, Prof. Dr. médico legista chefe, Estado do Massachusetts
Peter C. Knight, Dr. advogado especialista em processos de negligência
Angelo MacDonald, Dr. advogado criminalista, antigo assistente do Ministério Público
Gerald D. McLellan, Dr. advogado especialista em direito da família, antigo juiz
Charles Wetli, Dr. médico legista chefe, Distrito de Suffolk, Nova Iorque

Este livro é dedicado ao profissionalismo médico contemporâneo tal como promulgado na Carta do Médico, na esperança de que ganhe raízes e floresça...
Abre caminho, Hipócrates!

“As leis da consciência, que afirmamos nascerem da natureza, nascem do costume”.
MONTAIGNE

Prólogo

8 de Setembro de 2005

O Outono é uma estação gloriosa, apesar de frequentemente usada como uma metáfora para a aproximação da morte. Em parte alguma a sua atmosfera e cor turbulenta são mais evidentes do que no nordeste dos Estados Unidos. Mesmo no princípio de Setembro, os dias quentes, nublados e úmidos do Verão da Nova Inglaterra são progressivamente substituídos por dias cristalinos com ar frio, límpido e seco e céus azuis. 8 de Setembro de 2005 foi um desses dias. Nem uma única nuvem manchava o céu translúcido desde o Maine até Nova Jersey, e no labirinto de alcatrão de Boston e na rede de betão da cidade de Nova Iorque a temperatura situava-se nuns confortáveis vinte e cinco graus Celsius.

O dia chegava ao fim quando, nas suas respectivas cidades, dois médicos pegaram ao mesmo tempo e com relutância nos telemóveis que tocavam presos nos cintos das calças. Nenhum deles ficou muito satisfeito com a intromissão. Cada um deles teve receio de que aquele toque melódico desencadeasse uma crise que exigiria a sua atenção e presença profissional. Uma interrupção inoportuna, já que os dois indivíduos antecipavam interessantes atividades pessoais para aquela noite.

Infelizmente, as suas intuições revelaram-se corretas. O telefonema em Boston estava relacionado com alguém prestes a morrer com sintomas agudos de dor no peito, uma fraqueza profunda e dificuldades respiratórias. Em Nova Iorque, a chamada era sobre alguém que já tinha morrido. As duas situações eram emergências para os respectivos médicos e implicavam a suspensão de quaisquer planos particulares que pudessem ter. O que os médicos não sabiam era que um dos telefonemas iniciaria uma sequência de acontecimentos que teria um sério impacto para ambos, os colocaria em risco e os transformaria em amargos inimigos, e que o outro acabaria por provocar uma reviravolta no primeiro!

Boston, Massachusetts 19:10

O Dr. Craig Bowman deixou cair os braços ao lado do corpo por instantes para aliviar os músculos doridos do antebraço. Estivera de pé diante do espelho preso no interior da porta do roupeiro, a tentar fazer um laço preto formal. Só tinha vestido um smoking uma meia dúzia de vezes em toda a sua vida; a primeira no baile de finalistas do liceu e a última no dia do casamento e em todas as ocasiões anteriores tinha colocado um laço já feito que vinha com o fato alugado. Mas agora, na sua reencarnação de si mesmo, queria o artigo genuíno. Tinha comprado um smoking novo e não ia contentar-se com um laço falso. O problema é que não sabia fazê-lo e não tivera coragem de perguntar ao vendedor. Na altura não ficara grandemente preocupado, pois estava convencido de que devia ser semelhante a atar os sapatos.

Infelizmente, constataria que era muito diferente, e já estava a tentar fazer aquela porcaria há uns bons dez minutos. Felizmente, Leona, a sua nova e bombástica administrativa-arquivista e ainda mais nova namorada, estava na casa de banho, muito ocupada com a maquiagem. Na pior das hipóteses, teria de lhe perguntar se sabia fazer o laço. Craig não queria ser obrigado a fazer isso. Não se relacionavam socialmente há muito tempo e Craig preferia que ela mantivesse a aparente crença na sua sofisticação, caso contrário nunca mais ouviria falar sobre outra coisa. A sua corpulenta recepcionista-secretária e enfermeira dizia que Leona era uma "desbocada". O seu ponto forte não era a delicadeza.

Craig olhou rapidamente na direção de Leona. A porta da casa de banho onde ela estava a maquiar-se encontrava-se entreaberta, mas a única coisa que conseguiu ver foi uma panorâmica lateral do traseiro curvilíneo da rapariga de vinte e três anos, coberto com um crepe de seda cor-de-rosa lustroso. Ela estava em bicos de pés, inclinada sobre o lavatório para se aproximar mais do espelho. Um sorriso fugaz de auto-satisfação passou pelo rosto de Craig quando os imaginou a percorrer a coxa do Symphony Hall nessa noite, pois era por esse motivo que estavam a ataviar-se com as suas melhores roupas. Para compensar o fato de ser uma "desbocada", Leona era uma "brasa", especialmente com o vestido decotado que tinham comprado recentemente no Neiman Marcus. Craig tinha a certeza de que ela ia fazer voltar algumas cabeças e que ele teria de aguentar alguns olhares invejosos de outros homens de quarenta e cinco anos como ele. Apercebeu-se de que esses sentimentos eram bastante juvenis, para não dizer mais, mas não os experimentava desde a primeira vez que vestira um smoking, e ia aproveitar ao máximo.

O sorriso de Craig vacilou quando se perguntou se algum dos seus amigos ou das amigas da mulher estariam na sala de espetáculos. O seu objetivo não era certamente o de humilhar ninguém, nem ferir os sentimentos de quem quer que fosse. No entanto, duvidava que encontrasse alguém conhecido, pois nem ele nem a mulher tinham o hábito de assistir a concertos, e muito menos os poucos amigos que tinham e que eram, na sua grande maioria, médicos com excesso de trabalho, como ele próprio. Aproveitar a vida cultural da cidade não tinha feito parte do seu estilo de vida suburbano, e isso se devia em grande medida às horas de dedicação que um consultório médico típico exigiam.

Craig já estava separado de Alexis há seis meses, por isso não era descabido de todo ter uma companheira. Não lhe parecia que houvesse um problema de idades. Desde que estivesse com uma mulher adulta, com uma idade razoável e pós-escolar, não devia importar. Afinal de contas, era uma questão de tempo até ser visto com uma namorada, ativo como se tinha tornado. Para além de assistir a concertos com frequência, passara a frequentar regularmente um novo ginásio, bem como o teatro, o ballet e uma série de outras atividades e reuniões sociais em que as pessoas normais e educadas

participavam numa cidade de nível internacional. Como Alexis se tinha recusado consistentemente a acompanhar a sua nova pessoa desde que ele começara a mudar, agora pensava que era justificado fazer-se acompanhar por quem lhe apetecesse. Não ia ser impedido de se tornar a pessoa que desejava ser. Até se tornara sócio do Museu de Belas Artes e aguardava com expectativa as inaugurações das exposições, apesar de nunca ter ido a nenhuma. Tinha sido obrigado a sacrificar o prazer de assistir a estas atividades culturais durante o esforço árduo e solitário que tivera de suportar para se tornar médico - particularmente, tornar-se o melhor médico que poderia ser - o que significara, durante dez anos da sua vida adulta, só se ausentar do hospital para dormir. E depois de concluir o treino da especialidade em medicina interna e de ter pendurado a placa proverbial, tinha tido menos tempo ainda para atividades pessoais de qualquer tipo, incluindo, infelizmente, grande vida familiar. Transformara-se no arquétipo do viciado em trabalho intelectualmente provinciano e sem tempo para ninguém a não ser para os pacientes. Porém, tudo isto estava a mudar, e as mágoas e a culpa, particularmente em relação a questões familiares, tinham de ficar para outra altura. O novo Dr. Craig Bowman abandonara a vida de trabalho apressada, frustrante e inculta. Sabia que algumas pessoas diriam que ele estava a passar por uma crise da meia-idade, mas ele tinha para isso um nome diferente. Chamava-lhe renascimento, ou, mais precisamente, um despertar.

Ao longo do ano anterior, Craig tinha-se empenhado - algo obsessivamente, até - em tornar-se uma pessoa mais interessante, mais feliz, mais perfeita e melhor e, conseqüentemente, um médico melhor. Na secretária do seu apartamento na cidade havia uma pilha de catálogos de diversas universidades locais, incluindo Harvard. Pretendia frequentar aulas de humanidades: talvez uma ou duas cadeiras por semestre, para compensar o tempo perdido. E o melhor de tudo era que, graças a esta mudança, tinha conseguido voltar a dedicar-se à sua adorada investigação, que fora completamente posta de parte quando começara a exercer. O que tinha começado na faculdade de medicina como um trabalho remunerado a auxiliar um professor no estudo dos canais de sódio nas células musculares e nervosas transformara-se numa paixão quando fora promovido ao nível de investigador. Enquanto estava a estudar medicina e durante o período de estágio, Craig tinha sido co-autor de diversos artigos científicos com grande aceitação. Agora estava de volta à bancada de trabalho, podia passar duas tardes por semana no laboratório, e estava a adorar. Leona dizia que ele era um homem da Renascença e, embora soubesse que a descrição era prematura, pensou que com um par de anos de esforço talvez se viesse a aproximar.

A origem da metamorfose de Craig tinha sido bastante súbita e apanhara-o totalmente de surpresa. Há pouco mais de um ano, e bastante inesperadamente, a sua vida profissional tinha mudado drasticamente, com o duplo benefício de aumentar significativamente o seu rendimento e também a sua satisfação no trabalho. De repente, tinha-se tornado possível exercer verdadeiramente o tipo de medicina que aprendera na faculdade, onde as necessidades dos pacientes eclipsavam as regras obscuras das apólices de seguro. De repente, Craig podia passar uma hora com um paciente, se a situação deste assim o exigisse. Apropriadamente, a decisão passara a ser sua. De um só golpe, fora libertado do duplo flagelo dos reembolsos decrescentes e custos ascendentes que o tinham obrigado a encaixar cada vez mais pacientes no seu dia ocupado. Para ser pago, já não tinha de discutir com funcionários de companhias de seguros que eram muitas vezes ignorantes em assuntos médicos. Até começara a fazer consultas no domicílio sempre que era do interesse do paciente, coisa que seria impensável na sua vida anterior.

A mudança fora um sonho transformado em realidade. Quando, inesperadamente, recebera a proposta, dissera ao seu possível benfeitor e agora sócio que teria de pensar no assunto. Como podia ter sido tão estúpido a ponto de não aceitar imediatamente? E se tivesse perdido a oportunidade de uma vida? Estava tudo melhor, exceto no plano familiar, mas a raiz desse problema residia na falta de tempo de que sofrera desde o primeiro dia da sua situação profissional anterior. Em última análise, a culpa tinha sido sua, e ele admitia esse fato sem qualquer problema. Deixara que as exigências do exercício da medicina ditassem e limitassem a sua vida. Porém, agora não estava certamente a afogar-se, por isso talvez as dificuldades

familiares pudessem ser resolvidas no futuro, na altura certa. Talvez conseguisse convencer Alexis de que as suas vidas poderiam ser muito melhores. Entretanto, decidiu dedicar-se a melhorar a sua pessoa. Pela primeira vez na vida, Craig tinha tempo livre e dinheiro no banco.

Com uma ponta do laço em cada mão, preparava-se para tentar uma vez mais quando o telemóvel tocou. O seu rosto ficou carrancudo. Olhou para o relógio. Eram sete e dez. O concerto começava às oito e meia. Os seus olhos procuraram a identificação da pessoa que estava a telefonar. O nome era Stanhope.

— Raios! — lançou Craig enfaticamente. Abriu a tampa do telefone, encostou-a ao ouvido e disse: — Estou, sim?

— Dr. Bowman! — disse uma voz refinada. — Estou a telefonar por causa da Patience. Ela está pior. Na verdade, desta vez parece-me que está realmente doente.

— Qual é o problema, Jordan? — perguntou Craig enquanto se voltava para olhar de relance para a casa de banho, onde Leona ouvira o telefone e estava a olhar para ele. Pronunciou mudamente o nome Stanhope e Leona anuiu. Sabia o que isso significava, e Craig percebeu na sua expressão que ela receava o mesmo que ele... nomeadamente, que o serão estivesse em risco. Se chegassem demasiado tarde ao concerto, teriam de esperar pelo intervalo antes de poderem sentar-se, o que significava que iam perder o encanto e a excitação da entrada, que ambos tinham antecipado com ansiedade.

— Não sei — respondeu Jordan. — Ela parece invulgarmente fraca. Nem sequer parece conseguir sentar-se.

— Para além da fraqueza, quais são os outros sintomas?

— Acho que devíamos chamar uma ambulância e ir para o hospital. Ela está extremamente perturbada e deixou-me preocupado.

— Se está preocupado, Jordan, então eu também estou — disse Craig suavemente. — Quais são os sintomas? Quero dizer, eu estive em vossa casa esta manhã e ouvi as queixas habituais. É alguma coisa diferente? Patience Stanhope fazia parte da menos de meia dúzia de pacientes que Craig rotulava de "pacientes problemáticos", mas era a pior do grupo. Todos os médicos tinham pacientes desse tipo, em todas as especialidades, e achavam-nos enfadonhos na melhor das hipóteses e desesperantes na pior. Eram os pacientes que persistiam dia após dia com uma litania de queixas que eram, na sua maioria, completamente psicossomáticas ou totalmente fantasiosas, raramente podendo ser tratadas com qualquer terapia, incluindo medicinas alternativas. Craig tinha experimentado tudo com esses pacientes, sem o menor sucesso. Estavam geralmente deprimidos, eram exigentes, frustrantes e ocupavam muito do seu tempo. E agora, graças à internet, tinham-se tornado bastante criativos nos sintomas que professavam e no desejo de longas conversas e gestos de consolo. No consultório anterior, depois de diagnosticar a hipocondria de um doente sem qualquer margem para dúvidas, Craig fazia todos os possíveis para vê-los o menos possível, mandando-os quase sempre para uma enfermeira ou, mais raramente, para um especialista, se os conseguisse convencer, particularmente um psiquiatra. Contudo, no panorama do consultório atual, Craig estava limitado na sua capacidade de recorrer a tais práticas, o que significava que os "pacientes problemáticos" eram os únicos pesadelos deste novo consultório. Embora representassem apenas três por cento da base de pacientes, como declarara o contabilista, consumiam mais de quinze por cento do seu tempo. Patience era o exemplo mais flagrante. Tinha-a consultado pelo menos uma vez por semana ao longo dos últimos oito meses, e quase sempre ao fim da tarde ou à noite. Como Craig dizia frequentemente aos seus colaboradores, ela estava a dar-lhe cabo da paciência. O comentário suscitava sempre uma gargalhada.

— Isto é muito diferente — disse Jordan. — É completamente diferente das queixas da noite passada e desta manhã.

— Em que sentido? — perguntou Craig. — Pode dar-me alguns pormenores? — Queria saber com a maior certeza possível o que se estava a passar com Patience, obrigando-se a ter em mente que os hipocondríacos, por vezes, também adoeciam a sério. O grande problema quando se lidava com

pacientes deste tipo é que eles baixavam o índice de desconfiança. Era como a alegoria de Pedro e o Lobo.

— A dor é num sítio diferente.

— Muito bem, já é um começo — disse Craig. Encolheu os ombros para Leona e fez-lhe sinal para que se despachasse. Se o problema que tinha em mãos era aquele que pensava, queria levar Leona consigo na consulta no domicílio. — Em que é que a dor difere?

— Esta manhã, a dor era no reto e na parte inferior da barriga.

— Eu recordo-me! — disse Craig. Como poderia esquecer? Inchaço, gases e problemas de evacuação descritos com pormenores sofisticadamente nojentos eram as queixas habituais. — Onde é agora?

— Ela diz que é no peito. Nunca se queixou de dores no peito antes.

— Isso não é bem verdade, Jordan. No mês passado houve vários episódios de dor no peito. Foi por isso que lhe fiz um eletrocardiograma com prova de esforço.

— Tem razão! Esqueci-me disso. É difícil lembrar-me de todos os sintomas.

Para si e para mim, foi o que Craig teve vontade de dizer, mas conteve-se.

— Acho que ela devia ir ao hospital — repetiu Jordan. — Parece-me que está a sentir algumas dificuldades para respirar e até para falar. Há pouco, conseguiu dizer-me que lhe doía a cabeça e estava enjoada.

— As náuseas são das suas queixas recorrentes — interrompeu Craig. — E a dor de cabeça também.

— Mas desta vez ela vomitou um pouco. Também disse que se sentia como se estivesse a flutuar no ar e que estava um bocado dormente.

— Esses sintomas são novos!

— Estou a dizer-lhe, isto é completamente diferente.

— A dor é visceral e esmagadora, ou aguda e intermitente, como uma câibra?

— Não lhe sei dizer.

— Quer fazer o favor de lhe perguntar? Pode ser importante.

— Está bem, espere um momento!

Craig ouviu Jordan a pousar o auscultador. Leona saiu da casa de banho. Estava pronta. Craig pensou que ela parecia saída da capa de uma revista. Disse-lhe isso mesmo levantando o polegar. Ela sorriu e murmurou:

— O que é que se passa?

Craig encolheu os ombros, mantendo o telemóvel encostado ao ouvido, mas afastando-o da boca.

— Parece que vou ter de passar pela casa dos Stanhope. Leona acenou afirmativamente e perguntou:

— Estás a ter dificuldades com o laço?

Craig acenou com relutância.

— Vejamos o que consigo fazer — sugeriu Leona.

Craig levantou o queixo para lhe dar mais espaço para trabalhar e Jordan voltou a aparecer em linha.

— Ela diz que a dor é horrível. Diz que é todas essas palavras que o doutor usou.

Craig acenou afirmativamente. Era mesmo a Patience que ele tão bem conhecia. Não ajudava nada.

— A dor dissemina-se para algum lado, como o braço, o pescoço ou outro sítio qualquer?

— Oh, valha-me Deus! Não sei. Quer que lhe pergunte?

— Por favor — pediu Craig.

Depois de algumas manobras precisas, Leona puxou as pontas do laço e apertou o nó que tinha feito. Ajustou-o ligeiramente e recuou:

— Não está nada mal, apesar de a minha opinião ser suspeita — declarou ela.

Craig olhou-se ao espelho e foi obrigado a concordar. Ela tinha feito o laço como se fosse a coisa mais fácil deste mundo. A voz de Jordan ouviu-se no telefone.

— Ela diz que apenas no peito. Acha que está a ter um ataque cardíaco, doutor?

— Temos de verificar essa possibilidade, Jordan — respondeu Craig. — Lembre-se de que eu lhe disse que ela tinha algumas alterações ligeiras no electrocardiograma e que foi por esse motivo que aconselhei mais exames ao seu estado cardíaco, embora ela não estivesse com vontade de os fazer.

— Agora que fala nisso, lembro-me. Mas, seja qual for o problema que ela tem neste momento, parece-me que está a piorar. Acho que ela até parece um pouco azulada.

— Está bem, Jordan, eu vou já para aí. Só mais uma pergunta rápida: ela tomou algum daqueles comprimidos anti-depressivos que eu deixei esta manhã?

— Isso é importante?

— Pode ser. Embora não me pareça muito provável que esteja a fazer alergia a um medicamento, não podemos ignorar essa possibilidade. É um medicamento que ela nunca tomou. Foi por isso que lhe disse para começar esta noite, quando fosse deitar-se, para o caso de ficar tonta ou com algum outro sintoma.

— Não faço ideia se tomou ou não. Ela tem imensos medicamentos que foram receitados pelo Dr. Cohen. Craig acenou afirmativamente. Sabia muito bem que o armário dos remédios de Patience parecia uma farmácia em miniatura. O Dr. Ethan Cohen era muito mais liberal do que Craig a receitar e fora originalmente o médico de Patience. Fora o Dr. Cohen que oferecera a Craig a oportunidade de ser seu sócio no consultório, mas, atualmente, era sócio de Craig mais na teoria do que na prática. Tinha os seus próprios problemas de saúde e estava de baixa prolongada, que talvez viesse a tornar-se permanente. Craig tinha herdado todos os pacientes problemáticos do sócio ausente. Para sua felicidade, nenhum dos pacientes problemáticos do anterior consultório tinha decidido pagar a quota necessária para passar para o novo.

— Escute, Jordan — disse Craig. — Vou agora para aí, mas faça um esforço para encontrar o frasco pequeno de amostra de comprimidos que dei à Patience esta manhã, para podermos contá-los.

— Vou tentar encontrá-los — disse Jordan.

Craig fechou a tampa do telemóvel. Olhou para Leona.

— Tenho mesmo de ir ver uma doente. Importas-te de vir comigo? Se for um alarme falso, poderemos ir diretamente para o concerto e chegar a tempo. A casa não fica muito longe do Symphony Hall.

— Por mim, tudo bem — disse Leona alegremente.

Enquanto vestia o casaco do smoking, Craig dirigiu-se rapidamente para o armário da entrada. Tirou uma maleta preta da prateleira de cima e abriu-a. Tinha sido um presente da mãe quando ele acabara o curso de medicina. Na época, tinha significado imenso para Craig, pois imaginou o tempo que a mãe levava a juntar dinheiro sem o pai saber para poder comprá-la. Era uma maleta de médico grande e antiquada, feita de couro preto com ferragens em latão. No consultório antigo, Craig nunca a tinha usado, pois não fazia consultas no domicílio. Porém, ao longo do último ano usara-a muito.

Craig guardou dentro da maleta uma série de artigos que pensou que poderia necessitar, incluindo um estojo portátil de análise de marcadores de enfartes do miocárdio ou ataques cardíacos. A ciência tinha evoluído desde que ele fizera o internato. Nessa altura, os resultados demoravam dias a chegar do laboratório. Agora, podia fazer as análises na cabeceira do doente. A análise não era quantitativa, mas isso não tinha importância. O que importava era a prova do diagnóstico. Também da prateleira de cima, tirou a máquina de eletrocardiogramas portátil, que entregou a Leona.

Quando se separara formalmente de Alexis, arranjava um apartamento em Beacon Hill, no centro de Boston. Era um duplex no quarto andar de um prédio em Revere Street, com boa exposição solar e vista para Cambridge do outro lado do rio Charles. O apartamento estava no centro da cidade e preenchia de forma soberba as necessidades de Craig, especialmente porque podia ir a pé até vários bons restaurantes e à zona dos teatros. O único pequeno inconveniente era o problema do estacionamento. Tinha sido obrigado a arrendar um espaço numa garagem em Charles Street, a cinco minutos de distância a pé.

— Quais são as hipóteses de conseguirmos despachar-nos a tempo do concerto? — perguntou Leona quando seguiam por Storrow Drive a grande velocidade no Porsche novo de Craig.

Craig teve de levantar a voz para se fazer ouvir acima do rugido do motor.

— O Jordan parece pensar que isto pode ser sério. É o que me assusta. Como ele vive com a Patience, conhece-a melhor do que ninguém.

— Como é que ele consegue viver com aquela mulher? Ela é uma seca do pior e ele parece um verdadeiro cavalheiro. — Leona tinha observado os Stanhope no consultório em duas ou três ocasiões.

— Imagino que haverá benefícios. Tenho a impressão de que é ela que tem o dinheiro, mas nunca se sabe. As vidas particulares das pessoas nunca são o que parecem, incluindo a minha própria vida, até há pouco tempo. — Apertou ligeiramente a coxa de Leona.

— Não sei como é que tens tanta paciência para este tipo de pessoas — maravilhou-se Leona. — E não estou a ser irônica.

— É uma luta e, só para nós, não os suporto. Felizmente, são uma clara minoria. Eu fui treinado para cuidar de pessoas doentes. Para mim, os hipocondríacos equivalem-se aos que fingem estar doentes. Se eu quisesse ser psiquiatra, teria estudado psiquiatria.

— Quando lá chegarmos, queres que espere no carro?

— Tu é que sabes — disse Craig. — Não sei quanto tempo vou demorar. Por vezes, ela prende-me durante uma hora. Acho que devias entrar. Vai ser muito aborrecido ficares à espera no carro.

— Será interessante ver como vivem.

— Não formam propriamente o casal médio.

Os Stanhope viviam numa maciça casa de tijolo de estilo Georgiano, com três andares, numa grande propriedade arborizada perto do Clube de Campo de Chestnut Hill, numa zona luxuosa de Brighton, Massachusetts. Craig entrou no caminho de acesso circular e parou à frente do edifício. Conhecia o trajeto bem demais. Jordan já tinha a porta aberta quando eles subiram os três degraus. Craig tinha a maleta preta na mão; Leona trazia a máquina de eletrocardiograma.

— Ela está lá em cima no quarto — disse Jordan rapidamente.

Era um homem alto, meticoloso, e vestia um casaco de veludo verde-escuro. Se ficou espantado ao ver Craig e Leona em trajes formais, não o demonstrou. Ergueu um pequeno frasco de plástico e deixou-o cair na mão de Craig antes de se virar e começar a andar.

Era o frasco de amostra grátis de Zolofit que Craig dera a Patience nessa manhã. O médico percebeu imediatamente que faltava um dos seis comprimidos. Obviamente, ela tinha iniciado a medicação mais cedo do que Craig sugerira. Guardou o frasco no bolso e começou a andar atrás de Jordan.

— Importa-se que a minha secretária nos acompanhe? — perguntou Craig. — Se for preciso, ela dá-me uma ajuda. Leona já tinha demonstrado algumas vezes no consultório a sua disponibilidade para ajudar. Craig tinha ficado impressionado com o seu espírito de iniciativa e empenhamento desde o primeiro momento, muito antes de lhe passar pela cabeça convidá-la para um evento social. Estava igualmente impressionado por ela estar a fazer um curso noturno no Bunker Hill Community College, em Charlestown, com a ideia de, eventualmente, fazer uma especialidade ligada à área da saúde, como técnica ou enfermeira. Isso só contribuíra para aumentar o encanto da rapariga.

— De maneira nenhuma — respondeu Jordan por cima do ombro, acenando-lhe para que os seguisse. Tinha começado a subir a escadaria principal, que contornava a janela clássica por cima da porta principal.

— Quartos separados — sussurrou Leona para Craig enquanto caminhavam rapidamente atrás de Jordan.

— É quase um desapontamento. Pensei que isso só acontecia nos filmes antigos.

Craig não respondeu. Percorreram rapidamente um comprido corredor alcatifado e entraram na suíte feminina, forrada com metros e metros de seda azul. Com as pálpebras pesadas, Patience estava deitada numa cama gigante, apoiada em almofadas demasiado cheias. Uma criada fardada a rigor endireitou-se. Tinha estado a segurar um pano molhado na testa de Patience.

Craig olhou rapidamente para a doente e, sem dizer uma única palavra, correu para junto dela, pousou a

maleta em cima da cama ao seu lado e pegou-lhe o pulso. Abriu a maleta e tirou o medidor de tensão e um estetoscópio. Enquanto colocava o medidor de tensão em volta do pulso de Patience, disse para Jordan:

— Chame uma ambulância!

Com um simples elevar das sobrancelhas para indicar que tinha ouvido, Jordan dirigiu-se para o telefone da mesa-de-cabeceira e marcou o 112. Com um aceno, mandou a criada sair do quarto.

— Santo Deus! — murmurou Craig enquanto tirava o medidor de tensão do pulso de Patience. Puxou as almofadas que estavam atrás do corpo da paciente e o tronco dela caiu para trás na cama como uma boneca de trapos. O médico puxou os cobertores para trás, abriu-lhe o negligêe e auscultou rapidamente o tórax com o estetoscópio antes de fazer sinal a Leona para que lhe desse a máquina de eletrocardiogramas. Jordan estava a falar com o operador do 112. Craig desenrolou os elétrodos do eletrocardiograma e colocou-os rapidamente com um pouco de gel condutor.

— Ela vai ficar bem? — perguntou Leona num sussurro.

— Sabe-se lá — respondeu Craig. — Ela está cianótica, por amor de Deus.

— O que é cianótica?

— Não tem oxigénio suficiente no sangue. Não sei se é porque o coração não está a bombear bastante ou ela não está a respirar o suficiente. É uma hipótese, ou a outra, ou as duas.

Craig concentrou-se na máquina de eletrocardiogramas enquanto a agulha desenhava um traço. Havia apenas pequenos blipes, muito espaçados. Craig rasgou a tira impressa e olhou com mais atenção para o papel antes de o enfiar no bolso do casaco. Em seguida, arrancou os elétrodos das extremidades do corpo de Patience.

Jordan desligou o telefone.

— A ambulância vem a caminho.

Craig limitou-se a acenar enquanto procurava rapidamente na maleta, de onde tirou um ventilador manual Ambu. Colocou a máscara sobre o nariz e boca de Patience e comprimiu o saco. O peito dela ergueu-se facilmente, sugerindo que havia boa ventilação.

— Podes fazer isto? — perguntou Craig a Leona enquanto continuava a ventilar Patience.

— Acho que sim — disse Leona, hesitante.

Espremeu-se entre Craig e a cabeceira da cama e encarregou-se da ventilação assistida.

Craig mostrou-lhe como manter o aparelho selado e como manter a cabeça de Patience para trás. Em seguida, observou as pupilas de Patience. Estavam extremamente dilatadas e sem reação. Não era bom sinal. Com o estetoscópio, verificou os sons respiratórios. Ela estava a ser bem ventilada.

Craig procurou novamente na maleta e tirou o estojo de análises para testar os biomarcadores associados ao ataque cardíaco. Abriu a caixa e tirou um dos dispositivos de plástico. Usou uma pequena seringa heparinizada para tirar um pouco de sangue de uma veia principal, abanou-a e depois deitou seis gotas para a zona de amostra. Seguidamente, segurou o tubo sob a luz.

— Bem, é positivo — disse ele passado um momento. Depois, atirou tudo apressadamente para dentro da maleta.

— O que é que é positivo? — perguntou Jordan.

— O sangue dela é positivo para mioglobina e troponina — respondeu Craig. — Em termos leigos, significa que ela teve um ataque cardíaco. — Com o estetoscópio, Craig confirmou que Leona estava a ventilar Patience apropriadamente.

— Então, a sua impressão inicial estava correta — comentou Jordan.

— Nem por isso — disse Craig. — Infelizmente, tenho de dizer que ela está em muito mau estado.

— Eu estava a tentar transmitir-lhe isso ao telefone — disse Jordan rigidamente. — Mas, de momento, estava a referir-me ao ataque cardíaco.

— Ela está pior do que me levou a acreditar — replicou Craig enquanto tirava alguma epinefrina e

atropina, juntamente com um pequeno frasco de soro.

— Como disse? Eu deixei bastante claro que ela estava a piorar progressivamente.

— O senhor disse que ela estava com algumas dificuldades para respirar. Na verdade, ela quase não respirava quando cá chegamos. Podia ter-me dito isso. Disse-me que lhe parecia que ela estava um pouco azulada, mas encontro-a com uma cianose acentuadíssima. Craig colocou destramente uma infusão intravenosa. Encaixou a agulha no lugar e administrou-lhe a epinefrina e atropina. Em seguida pendurou o pequeno frasco de soro no candeeiro com um pequeno gancho em forma de S que tinha feito especificamente para situações daquela natureza.

— Eu estava a fazer todos os possíveis para comunicar consigo, Doutor.

— Eu sei — disse Craig, levantando as mãos num gesto conciliatório. — Desculpe. Não é minha intenção ser crítico. Estou apenas preocupado com a sua mulher. O que preciso de fazer agora é levá-la para um hospital o mais depressa possível. Ela precisa de ser ventilada com oxigénio e precisa de um pacer cardíaco. Ainda por cima, tenho a certeza de que ela está com acidose e tem de ser tratada por isso.

O som ondulante da ambulância que se aproximava ouviu-se ao longe. Jordan desceu para o andar de baixo para abrir a porta aos técnicos de emergência e levá-los ao quarto de Patience.

— Ela vai safar-se? — perguntou Leona, sempre a comprimir o ventilador. — Já não me parece tão azul.

— Estás a fazer um ótimo trabalho com esse ventilador — respondeu Craig. — Mas não estou otimista, pois as pupilas não desceram e ela está muito flácida. No entanto, saberemos melhor quando a levarmos para o Hospital Newton Memorial. Não te importas de conduzir o meu carro? Eu quero ir na ambulância para o caso de ela fazer uma paragem cardíaca. Se precisar de reanimação, quero ser eu a fazer as compressões no peito.

A equipe da ambulância foi muito eficiente. Era composta por um homem e uma mulher que obviamente trabalhavam juntos há algum tempo, pois antecipavam os movimentos um do outro. Transferiram rapidamente a doente para uma maca, levaram-na para baixo e colocaram-na na ambulância. Poucos minutos depois de chegarem à residência dos Stanhope, estavam novamente na estrada. Reconhecendo uma verdadeira emergência, ligaram a sirene no máximo e a mulher conduziu depressa. Já a caminho, o técnico de emergência médica ligou para o Newton Memorial para comunicar o que deviam esperar.

Quando chegaram, o coração de Patience ainda batia, mas muito fraco. Tinha sido chamada uma cardiologista que Craig conhecia bem e ela já estava à espera à porta das urgências. Patience foi empurrada sem demora para o interior e uma equipa inteira começou a trabalhar nela. Craig disse tudo o que podia à cardiologista, incluindo que os resultados dos biomarcadores confirmavam o diagnóstico de enfarte do miocárdio, ou ataque cardíaco.

Como Craig tinha previsto, Patience foi colocada num ventilador com cem por cento de oxigénio e em seguida foi-lhe colocado um pace-maker externo. Infelizmente, depressa se confirmou que ela tinha AESP, ou atividade eléctrica sem pulso, o que significava que o pace-maker estava a criar uma imagem no eletrocardiograma mas o coração não respondia com quaisquer batimentos. Um dos internos subiu para cima da mesa para iniciar compressões no peito. O sangue recomeçou a circular e os gases no sangue não eram maus, mas o nível de ácido estava próximo do mais elevado que a cardiologista já tinha visto.

Craig e a cardiologista entreolharam-se. Ambos sabiam por experiência própria que o AESP tinha um desfecho triste nos pacientes hospitalizados, mesmo quando detectado precocemente. A situação de Patience era muito pior, uma vez que ela tinha vindo de ambulância.

Depois de várias horas de todos os esforços possíveis para que o coração reagisse, a cardiologista puxou Craig para um canto. Craig tinha a camisa de cerimônia vestida e o laço mantinha-se no lugar. Salpicos de sangue manchavam a parte superior da manga direita e o casaco do smoking estava pendurado num suporte de soro suplente, encostado à parede.

— Deve ter sido uma lesão extensa no músculo cardíaco — disse a cardiologista. — É a única explicação para as anormalidades de condução e para o AESP. Tudo podia ter sido diferente se tivéssemos começado a tratá-la mais cedo. Pela sua descrição cronológica, imagino que o tamanho do enfarte inicial aumentou muito.

Craig acenou afirmativamente. Olhou para a equipe que continuava a tentar a reanimação cardiopulmonar no corpo magro de Patience. Ironicamente, a cor dela tinha voltado quase ao normal, com o oxigênio e as compressões no tórax. Infelizmente, já não tinham mais nada para experimentar.

— Ela tinha um historial de doença cardiovascular?

— Fez um eletrocardiograma com prova de esforço inconclusivo há alguns meses — disse Craig. — Sugeriria um problema ligeiro, mas a paciente recusou-se a fazer mais exames de controlo do problema.

— Azar dela — disse a cardiologista. — Infelizmente, as pupilas nunca desceram, o que sugere danos cerebrais anóxicos. Tendo isso em mente, que é que quer fazer? A decisão é sua.

Craig respirou fundo e soltou o ar ruidosamente, como um reflexo do seu desânimo.

— Acho que devemos parar.

— Concordo a cem por cento — disse a cardiologista. Apertou o ombro de Craig num sinal de solidariedade e depois voltou para a mesa e disse à equipe que não havia mais nada a fazer.

Craig pegou no casaco do smoking e dirigiu-se para a recepção do Serviço de Urgência, onde assinaria a papelada que indicava o óbito da paciente e que a causa da morte tinha sido paragem cardíaca seguida de enfarte do miocárdio. Em seguida, encaminhou-se para a sala de espera das urgências. Leona estava sentada no meio dos indispostos, dos feridos e das suas famílias. Naquele momento, folheava uma revista velha. Vestida como estava, Craig pensou que ela parecia uma pepita de ouro no meio de um monte de gravilha. Os seus olhos ergueram-se quando ele se aproximou. Craig percebeu que ela tinha lido a sua expressão.

— Não tiveste sorte? — perguntou Leona.

Craig abanou a cabeça. Perscrutou a zona de espera.

— Onde está o Jordan Stanhope?

— Foi-se embora há mais de uma hora.

— A sério? Por quê? O que é que disse?

— Disse que preferia estar em casa, onde esperaria pelo teu telefonema. Disse alguma coisa acerca de ficar deprimido quando estava em hospitais.

Craig soltou uma pequena gargalhada.

— Parece-me consistente. Eu achei sempre que ele era um tipo frio que estava a fazer um frete com a mulher.

Leona atirou a revista para cima da mesa e seguiu Craig para o exterior. Craig pensou em dizer-lhe alguma coisa filosófica sobre a vida, mas mudou de ideia. Não lhe pareceu que ela compreendesse e estava preocupado com a eventualidade de não conseguir explicar-lhe. Nenhum deles falou até entrarem no carro.

— Queres que eu conduza? — perguntou Leona.

Craig abanou a cabeça, abriu a porta do passageiro para ela entrar e em seguida deu a volta ao carro e sentou-se atrás do volante. Não ligou logo o carro.

— Obviamente, perdemos o concerto — disse ele, a olhar pelo pára-brisas.

— No mínimo — declarou Leona. — Já passa das dez. Que é que te apetece fazer?

Craig não fazia a menor ideia. Porém, sabia que tinha de telefonar a Jordan Stanhope e não era perspectiva que lhe agradasse.

— Perder um paciente deve ser a coisa mais difícil, quando se é médico — disse Leona.

— Por vezes, o pior é lidar com os sobreviventes — replicou Craig, sem a menor ideia de como este comentário acabaria por se tornar profético.

Nova Iorque, 19:10

O Dr. Jack Stapleton estava sentado no seu gabinete exíguo no quinto andar do Instituto de Medicina Legal há mais horas do que estava disposto a admitir. O seu colega de gabinete, o Dr. Chet McGovern, abandonara-o pouco depois das quatro para ir fazer exercício no seu ginásio chique em Midtown. Como acontecia frequentemente, tinha atormentado Jack para o acompanhar, com conversas alicianantes sobre o novo grupo de sócias boazonas que andavam na sua aula de ginástica com fatos colados ao corpo que não deixavam nada para a imaginação, mas Jack despachara-o com a resposta habitual de que, no que tocava ao desporto, preferia ser participante, não observador. Nem podia acreditar que Chet ainda se risse do que se tinha tornado uma resposta tão banal.

Às cinco horas, a Dra. Laurie Montgomery, colega e alma gémea de Jack, tinha enfiado a cabeça dentro do seu gabinete e dissera-lhe que ia para casa tomar um duche e mudar de roupa, para se preparar para o jantar romântico que Jack organizara para os dois nessa noite, no seu restaurante preferido em Nova Iorque, o Elio's. Ao longo dos anos, tinham tido alguns jantares memoráveis naquele restaurante. Ela tinha-lhe sugerido que fosse também, para se refrescar, mas ele desculpara-se dizendo que estava cheio de trabalho e que se encontraria com ela no restaurante às oito horas. Ao contrário de Chet, ela não tentou fazê-lo mudar de ideias. Na sua perspectiva, era tão raro Jack ser tão expedito numa noite de semana que queria fazer o possível e o impossível para encorajar esse tipo de comportamento. Os planos de Jack para o serão incluíam invariavelmente uma viagem vertiginosa para casa na sua bicicleta de montanha, uma extenuante corrida no campo de basquetebol das redondezas com os amigos da vizinhança e uma salada engolida rapidamente num dos restaurantes de Columbus Avenue por volta das nove horas, ao que se seguia um colapso mudo na cama.

Apesar do que tinha dito, Jack não tinha assim tanto que fazer, e andara à procura de coisas que o mantivessem ocupado, particularmente na última hora. Antes de se sentar à secretária, organizara razoavelmente todos os casos de autópsias pendentes. O motivo por que estava a obrigar-se a trabalhar nesta tarde em especial era para manter a mente ocupada, numa tentativa vã de controlar a ansiedade que sentia em relação aos planos secretos para a noite que se aproximava. O processo de afogar-se em trabalho ou em atividades atléticas extenuantes tinha sido o seu bálsamo e salvação durante mais de catorze anos, por isso não estava disposto a abandonar o estratagema agora. Infelizmente, o trabalho que tinha arranjado não o mantinha interessado, acima de tudo porque estava a ficar sem nada para fazer. Os seus pensamentos começaram a deambular para áreas proibidas, que o atormentaram para pensar melhor no que planeava fazer nessa noite. Foi nesse momento que o seu telemóvel ganhou vida. Jack olhou de relance para o relógio. Faltava menos de uma hora para o Dia-D. Sentiu o coração a bater mais depressa. Um telefonema naquele momento era um sinal de mau agouro. Como a probabilidade de ser Laurie era nula, o mais certo era ser alguém que arruinaria os planos que tinha feito para aquela noite.

Jack tirou o telemóvel do clipe do cinto e olhou para o ecrã de LCD. Como temia, era Allen Eisenberg. Allen era um dos patologistas estagiários que era pago pelo Instituto de Medicina Legal para resolver problemas rotineiros fora de horas, problemas que o investigador forense de serviço achava que precisavam da atenção de um médico. Se o problema estivesse para além da zona de conforto do patologista estagiário, então o médico legista de prevenção tinha de ser chamado. Esta noite, o médico de prevenção era Jack.

— Peço desculpa por ter de lhe telefonar, Dr. Stapleton — disse Allen, num tom de voz lamuriendo e irritante.

— Qual é o problema?

— É um suicídio, Doutor.

— Muito bem, então qual é a dúvida? Vocês não conseguem resolver o assunto? Jack não conhecia Allen muito bem, mas conhecia Steve Marriot, o investigador forense que estava de serviço nessa noite e que era um homem experiente.

— É um caso importante, Doutor. A falecida é a esposa ou namorada de um diplomata iraniano. Ele anda a gritar com toda a gente e ameaça telefonar ao embaixador do Irão. O Sr. Marriot chamou-me para lhe dar apoio, mas isto é demais para mim.

Jack não respondeu. Era inevitável: teria de ir ao local do incidente. Casos importantes como aquele assumiam invariavelmente contornos políticos, a parte do trabalho que Jack detestava. O fato de não fazer a menor ideia se conseguiria ir ao local do incidente e mesmo assim chegar ao restaurante às oito horas aumentou a sua ansiedade.

— Ainda está aí, Dr. Stapleton?

— A última vez que olhei, estava — retorquiu Jack.

— Pensei que a ligação tivesse caído — desculpou-se Allen. — De qualquer maneira, estamos no apartamento cinquenta e quatro da Torre das Nações Unidas, na Rua Quarenta e Sete.

— Alguém mudou o corpo de lugar ou lhe tocou?

Jack pegou no casaco de bombazina, batendo inconscientemente no objeto quadrado que tinha no bolso direito.

— Eu e o investigador forense não lhe tocamos.

— E a polícia? — Jack começou a percorrer o corredor em direcção aos elevadores. O átrio estava deserto.

— Acho que não, mas ainda não perguntei.

— E o marido ou namorado?

— Terá de perguntar à polícia. O detetive responsável pela investigação está ao meu lado e quer falar consigo.

— Passe-lhe o telefone!

— Olá, companheiro! — disse uma voz alta que obrigou Jack a afastar o telemóvel do ouvido. — Põe-te a mexer!

Jack reconheceu a voz grave como sendo a do seu amigo de dez anos, o tenente detective Lou Soldano, da divisão de homicídios da Polícia de Nova Iorque. Jack conhecia Lou há quase tanto tempo como conhecia Laurie. Fora Laurie que os apresentara.

— Eu devia ter calculado que tu estavas por detrás disto! — lamentou-se Jack. — Espero que te lembres que devíamos estar no Elio's às oito horas.

— Hei, não sou eu que marco a hora destas porcarias. Acontecem quando acontecem.

— Que é que estás a fazer num suicídio? Vocês pensam que poderá ser outra coisa?

— Raios, não! É um suicídio, sem dúvida, com uma ferida de contato provocada por um revólver na têmpora direita. A minha presença deve-se a um pedido especial do meu adorado comandante, devido às partes envolvidas e à confusão que são potencialmente capazes de produzir. Vens ou não?

— Estou a caminho. Mudaram o corpo de lugar ou tocaram-lhe?

— Nós, não.

— Quem é que está aí aos gritos?

— É o marido ou namorado diplomata. Ainda temos de descobrir isso. Não passa de um fedelho, mas é agressivo e faz-me ter saudades do tipo silencioso e desolado. Está a gritar conosco desde que cá chegamos, a tentar dar-nos ordens como se fosse Napoleão.

— Qual é o problema dele? — perguntou Jack.

— Quer que tapemos a mulher ou namorada morta, que está nua, e ele está histérico porque nós insistimos em não mexer no local enquanto vocês não terminarem a observação.

— Calma aí! — disse Jack. — Estás a dizer-me que a mulher está nua?

— Nua como veio ao mundo. E ainda por cima não tem pêlos púbicos. É lisa como uma bola de bilhar, o que...

— Lou! — interrompeu Jack. — Não foi suicídio!

— Como? — perguntou Lou, incrédulo. — Estás a tentar dizer-me que foi homicídio sem sequer observares o local?

— Eu vou ver o local, sim, mas estou a dizer-te que não foi suicídio. Havia algum bilhete?

— Supostamente, mas está em persa moderno, por isso não sei o que diz. O diplomata diz que é um bilhete de suicídio.

— Não foi suicídio, Lou — repetiu Jack. O elevador chegou. Ele entrou, mas manteve a porta aberta. Não queria perder a ligação com Lou. — Até aposto uma nota de cinco. Nunca ouvi falar de um caso em que uma mulher se suicidasse nua. Simplesmente, não acontece.

— Estás a gozar!

— Não estou nada. O raciocínio é que não é assim que as mulheres vítimas de suicídio querem ser encontradas. É melhor agires em conformidade e chamares a polícia científica. E sabes que o diplomata agressivo que é marido ou outra coisa qualquer não pode deixar de ser o teu principal suspeito. Não o deixes desaparecer para o interior da missão iraniana. Talvez nunca mais voltes a vê-lo.

A porta do elevador fechou-se quando Jack desligou o telemóvel. Esperou que não houvesse um significado mais profundo por detrás da interrupção dos planos para aquela noite. O verdadeiro pânico de Jack era que a morte perseguisse as pessoas que amava, tornando-o cúmplice quando elas morriam. Olhou para o relógio. Passavam vinte minutos das sete.

— Raios! — proferiu em voz alta, e bateu algumas vezes na porta do elevador com as palmas das mãos num gesto de frustração. Talvez devesse repensar toda a ideia.

Com a rapidez nascida da repetição, Jack tirou a bicicleta de montanha da área da morgue onde estavam armazenados os caixões Field, destravou-a, colocou o capacete na cabeça, e levou-a à mão para a doca de descargas da Rua Trinta. No meio das carrinhas fúnebres, montou na bicicleta e pedalou para a rua. Na esquina, virou à direita para a Primeira Avenida.

Na bicicleta, as ansiedades de Jack desvaneceram-se. De pé, começou a pedalar com vigor e a bicicleta avançou, ganhando velocidade rapidamente. O tráfego da hora de ponta tinha diminuído um pouco e os carros, táxis, autocarros e caminhões deslocavam-se a bom ritmo. Jack não conseguia acompanhá-los, mas por pouco. Depois de atingir a sua velocidade de cruzeiro, sentou-se no selim e engrenou uma mudança mais alta. Devido à viagem de bicicleta e aos jogos de basquetebol diários, estava em ótima forma física.

O fim de tarde estava glorioso e um brilho dourado inundava a paisagem urbana. Arranha-céus individuais recortavam-se no céu azul, cuja tonalidade escurecia um pouco a cada minuto que passava. Jack passou pelo Centro Médico da Universidade de Nova Iorque à sua direita e, um pouco mais a norte, pelo complexo da Assembleia Geral das Nações Unidas. Quando pôde, desviou para a faixa da esquerda para virar para a Rua Quarenta e Sete, que tinha apenas um sentido, convenientemente para leste.

A Torre das Nações Unidas ficava pouco acima da Primeira Avenida. Revestida a vidro e mármore, a estrutura erguia-se com uns impressionantes sessenta e tal andares para o céu do fim de tarde. Diretamente à frente do toldo que se estendia desde a entrada até à estrada viam-se diversos carros da polícia de Nova Iorque com as luzes a piscar. Nova-iorquinos acostumados àquele aparato passavam sem um único olhar. Havia também um Chevi Malibu muito velho estacionado em segunda fila ao lado de um dos carros-patrolha. Jack reconheceu-o como sendo o de Lou. À frente do Malibu estava uma carrinha

mortuária.

Enquanto prendia a bicicleta num sinal de não estacionar, as ansiedades de Jack voltaram. A viagem de bicicleta tinha sido um intervalo demasiado curto para ter efeito duradouro. Agora, eram sete e meia. Mostrou o distintivo de médico legista ao porteiro uniformizado e foi conduzido ao quinquagésimo quarto andar.

No apartamento 54J, as coisas tinham se acalmado consideravelmente. Quando Jack entrou, Lou Soldano, Allen Eisenberg, Steve Marriott e uma série de agentes uniformizados estavam sentados na sala de estar como se estivessem na sala de espera de um consultório médico.

— Que é que se passa? — perguntou Jack. Reinava o silêncio. Nem sequer havia qualquer conversa.

— Estamos à tua espera e à espera da equipa da polícia científica — disse Lou, enquanto se levantava. Os outros seguiram o seu exemplo. Em vez da aparência amarrotada e ligeiramente desgrenhada que era a sua imagem de marca, Lou usava uma camisa muito bem engomada abotoada até ao pescoço, uma discreta gravata nova e um casaco desportivo de tecido escocês de bom gosto mas pequeno demais para a sua constituição corpulenta. Lou era um detetive experiente e tinha estado na unidade de crime organizado durante seis anos, antes de passar para os homicídios, onde trabalhava há mais de uma década.

— Tenho de dizer que estás bastante elegante — comentou Jack. Até os cabelos muito encaracolados de Lou pareciam ter sido penteados recentemente, e a sua famosa sombra das cinco horas não se via em parte alguma.

— É o melhor que se arranja — declarou Lou, ao mesmo tempo que erguia os braços e flectia os bíceps para impressionar. — Em honra do teu jantar, dei um salto por casa e mudei de roupa. A propósito, qual é a ocasião?

— Onde está o diplomata? — perguntou Jack, ignorando a pergunta do amigo. Olhou de relance para a cozinha e para uma divisão que era usada como casa de jantar. Com exceção da sala de estar, o apartamento parecia vazio.

— Pirou-se — respondeu Lou. — Saiu daqui furioso pouco antes de eu desligar o telefone quando estava a falar contigo, ameaçando-nos a todos que sofreríamos consequências terríveis.

— Não devias tê-lo deixado sair — disse Jack.

— Que é que eu podia fazer? — queixou-se Lou. — Não tinha um mandado de detenção.

— Não podias tê-lo retido para interrogatório até eu chegar?

— Escuta, o comandante escolheu-me para este caso com instruções para manter as coisas simples e não fazer ondas. Deter o tipo nesta fase seria fazer muitas ondas.

— Está bem! — disse Jack. — O problema é teu, não meu. Vamos ver o corpo.

Lou apontou para a porta aberta do quarto.

— Já identificaram a mulher? — perguntou Jack.

— Ainda não. O supervisor do prédio diz que ela estava cá há menos de um mês e não falava bem inglês. Jack observou o local antes de se concentrar no corpo. Sentia-se um ligeiro cheiro a talho. A decoração denotava a mão de um decorador de interiores. As paredes e a alcatifa eram pretas; o teto estava forrado com espelhos; e as cortinas, o amontoado de bibelots e toda a mobília eram brancos, incluindo as roupas de cama. Como Lou tinha explicado, a mulher estava completamente nua atravessada na cama, com o rosto voltado para cima e os pés caídos no lado esquerdo da cama. Embora tivesse uma compleição escura em vida, agora estava pálida contra o lençol, excetuando algumas nódoas negras no rosto, incluindo um olho negro. Os braços estavam estendidos de lado, com as palmas das mãos voltadas para cima. Uma pistola automática estava frouxamente presa na mão direita, com o dedo indicador dentro do suporte do gatilho. A cabeça da morta estava ligeiramente voltada para a esquerda. Os olhos estavam abertos. No cimo da têmpora direita havia sinais de um ferimento de entrada de bala. Atrás da cabeça, no lençol branco, via-se uma grande mancha de sangue. Do lado esquerdo da vítima havia alguns salpicos de sangue, juntamente com pedaços de tecidos.

— Alguns destes tipos do Médio Oriente podem ser brutais com as suas mulheres — disse Jack.

— Já ouvi dizer — disse Lou. — Aquelas nódoas negras e o olho negro são do ferimento de bala?

— Duvido — respondeu Jack. Em seguida, voltou-se novamente para Steve e para Allen. — As nossas fotografias do cadáver já foram tiradas?

— Sim, já foram tiradas — disse Steve Marriott, que estava próximo da porta.

Jack calçou um par de luvas de látex e afastou cuidadosamente os cabelos escuros, quase pretos, da mulher, para expor o ferimento de entrada. Via-se uma distinta forma estrelada na lesão, indicativa de que a boca da arma tinha estado em contato com a vítima quando fora descarregada.

Cuidadosamente, Jack rodou a cabeça da mulher para o lado para observar o ferimento de saída. Ficava por baixo da orelha esquerda. O médico endireitou-se.

— Bem, há mais indícios — disse ele.

— Indícios de quê? — perguntou Lou.

— De que não foi suicídio — replicou Jack. — A bala viajou de cima, num ângulo descendente. Não é assim que as pessoas se suicidam. — Jack formou uma arma com a mão direita e colocou a ponta do dedo indicador como um cano hipotético ao lado da têmpora. O plano do dedo estava paralelo ao chão.

— Quando as pessoas se suicidam com um tiro, o caminho percorrido pela bala é, regra geral, quase horizontal, ou talvez ligeiramente ascendente, nunca descendente. Isto foi um homicídio encenado para parecer um suicídio.

— Muito obrigado — murmurou Lou. — Eu estava com esperança de que a tua dedução sobre ela estar nua se revelasse errada.

— Lamento — disse Jack.

— Fazes alguma idéia de há quanto tempo ela está morta?

— Ainda não, mas diria que a morte não ocorreu há muito tempo. Alguém ouviu um tiro? A hora da morte seria mais exata.

— Infelizmente, não — respondeu Lou.

— Tenente! — disse um dos polícias uniformizados que estava à porta. — Os rapazes da polícia científica chegaram.

— Diz-lhes para virem para aqui depressa — disse Lou por cima do ombro. Depois, voltou-se para Jack e perguntou: — Já terminaste ou não?

— Já terminei. Teremos mais informações para te dar amanhã de manhã. Vou fazer a autópsia pessoalmente.

— Nesse caso, vou tentar assistir. Ao longo dos anos, Lou tinha aprendido a apreciar a quantidade de informações que podiam ser recolhidas das vítimas de homicídio durante uma autópsia.

— Muito bem — disse Jack, tirando as luvas. — Vou-me embora. Olhou de relance para o relógio. Ainda não estava atrasado, mas ia ficar. Eram sete e cinquenta e dois minutos. Demoraria mais de oito minutos a chegar ao restaurante. Olhou para Lou, que se tinha inclinado para examinar um pequeno rasgão no lençol a alguma distância do corpo na direção da cabeceira. — Que é que encontraste?

— Que te parece isto? Achas que pode ser o sítio onde a bala penetrou no colchão?

Jack inclinou-se para examinar um defeito linear, com um centímetro de comprimento. Acenou afirmativamente.

— Eu diria que sim. Há uma mancha de sangue quase imperceptível nas bordas.

Lou endireitou-se quando os técnicos da polícia científica entraram com o equipamento. Pediu-lhes que recuperassem a bala e os técnicos garantiram-lhe que fariam todos os possíveis.

— Vais conseguir sair daqui a uma hora razoável? — inquiriu Jack.

Lou encolheu os ombros.

— Não vejo qualquer razão para não sair contigo. Com o diplomata fora de cena, não tenho motivos para ficar por aqui. Dou-te uma boleia.

— Eu tenho a minha bicicleta — replicou Jack.

— E depois? Põe-na no meu carro. Chegas lá mais depressa. Para além disso, é mais seguro do que aquela tua bicicleta. Não posso acreditar que a Laurie ainda te deixe andar com aquela coisa pela cidade, particularmente quando vocês vêem tantos desses mensageiros passados a ferro.

— Eu sou cuidadoso — disse Jack.

— És cuidadoso, uma ova — replicou Lou. — Entra no carro.

Jack ponderou o que fazer. Queria ir de bicicleta pelo seu efeito calmante e também porque não suportava o odor dos cinquenta mil milhões de cigarros que tinham sido fumados no chevy de Lou, mas tinha de admitir que, com Lou a conduzir, o carro seria mais rápido, e a hora aproximava-se rapidamente.

— Está bem — disse ele com relutância.

— Não posso acreditar, uma centelha de maturidade — disse Lou. Pegou nas chaves e atirou-as a Jack.

— Enquanto tratas da bicicleta, eu vou dar uma palavrinha aos meus homens.

Dez minutos mais tarde, Lou seguia para norte na Park Avenue, afirmando ser o caminho mais rápido para o outro lado da cidade. A bicicleta de Jack estava no banco de trás com as duas rodas desmontadas, e ele tinha insistido em levar as quatro janelas com os vidros abertos, o que tornava o interior do carro ventoso mas suportável, apesar do cinzeiro a abarrotar de beatas.

— Pareces bastante nervoso — disse Lou quando contornava a Grand Central Station no viaduto.

— Estou preocupado por estar atrasado.

— No pior dos casos, chegaremos quinze minutos atrasados. No meu livro, isso não é atraso.

Jack olhou pela janela do lado do passageiro. Lou tinha razão. Quinze minutos estavam dentro do limite aceitável, mas isso não o deixou menos ansioso.

— Então, qual é a ocasião? Tu não chegaste a dizer-me.

— Tem de haver uma ocasião especial? — retorquiu Jack.

— Já cá não está quem falou — disse Lou, olhando fugazmente na direção de Jack. O amigo estava estranho, mas Lou não aprofundou o assunto. Passava-se alguma coisa, mas não ia insistir para saber o que era.

Estacionaram numa zona de estacionamento proibido e sujeito a reboque, a dois passos da entrada do restaurante. Lou colocou o dístico de veículo da polícia no tablier.

— Achas que isto é seguro? — perguntou Jack. — Não quero que a minha bicicleta seja rebocada juntamente com o teu carro.

— Ninguém vai rebocar o meu carro! — exclamou Lou convictamente. Os dois homens entraram no Elio's e foram engolidos pelo barulho. O restaurante estava cheio, especialmente na zona do bar junto à porta de entrada.

— Toda a gente regressou dos Hamptons — explicou Lou, praticamente a gritar para se fazer ouvir acima do estridor generalizado de vozes e risos.

Jack acenou afirmativamente, pediu licença às pessoas que se encontravam à sua frente e passou de lado para se dirigir para a zona de refeições. As pessoas fizeram malabarismos com as bebidas quando ele passou. Jack estava à procura da recepcionista, de quem se recordava como uma mulher esbelta, com uma voz suave e um sorriso agradável. Antes de conseguir encontrá-la, alguém lhe bateu insistentemente no ombro. Quando se virou, viu-se a olhar diretamente os olhos azul-esverdeados de Laurie. Jack percebeu que ela tinha levado muito a sério a "preparação". Os exuberantes cabelos castanhos tinham sido libertados da trança que usava no trabalho e caíam em cascata nos ombros. Tinha vestido um dos conjuntos de que ele mais gostava: uma blusa branca com folhos e colarinho alto de estilo Vitoriano com um casaco de veludo cor de mel. À média luz do restaurante, a sua pele brilhava como se estivesse iluminada no interior.

Jack pensou que ela estava espantosa, mas havia um problema. Em vez da expressão afetuosa, vaga e feliz que esperava, Laurie parecia mais âmbar e gelo. Ela raramente se dava ao trabalho de esconder as

suas emoções. Jack percebeu que alguma coisa estava errada.

Desculpou-se pelo atraso, explicando que tinha sido chamado para um caso, onde encontrara Lou. Esticou o braço e puxou o amigo para a esfera da conversa. Lou e Laurie trocaram diversos beijos no ar. Laurie reagiu virando-se para trás e puxando Warren Wilson e a sua namorada de há muito tempo, Natalie Adams. Warren era um afro-americano intimidantemente musculoso com quem Jack jogava basquetebol quase todas as noites. Em consequência disso, tinham-se tornado bons amigos.

Depois de trocarem cumprimentos, Jack gritou que ia procurar a recepcionista para saber qual era a mesa. Quando começou a abrir caminho para o balcão da recepção, pressentiu que Laurie o seguia.

Jack parou junto ao balcão da recepcionista. Atrás dele, havia uma zona tampão vazia que separava as pessoas que jantavam das que estavam sentadas no bar. Jack avistou a recepcionista a sentar um grupo de pessoas. Voltou-se para Laurie para ver se a expressão dela tinha mudado depois de se desculpar pelo atraso.

— Tu não chegaste atrasado — replicou ela, como se estivesse a ler-lhe o pensamento. Embora o comentário fosse exonerador, o tom não era. — Só chegámos alguns minutos antes de ti e do Lou. Na verdade, chegaste na hora certa.

Jack observou o rosto de Laurie. Pela posição do queixo e a compressão dos lábios, era claro que ainda estava irritada, mas não fazia idéia do que estaria a perturbá-la.

— Pareces maldisposta. Há alguma coisa que eu deva saber?

— Estava à espera de um jantar romântico — replicou Laurie. Agora, o seu tom era mais melancólico do que zangado. — Tu não me disseste que íamos convidar uma horda.

— O Warren, a Natalie e o Lou não são propriamente uma horda — respondeu Jack. — São os nossos melhores amigos.

— Bem, podias e devias ter-me avisado — retorquiu Laurie. A sua irritação não demorou muito a vir à tona. — Obviamente, eu imaginei mais para esta noite do que aquilo que tu pretendias.

Jack desviou o olhar durante alguns instantes para controlar as emoções. Após a ansiedade e ambivalência que tinha gasto a planear o serão, não estava preparado para aquele negativismo, mesmo que compreensível. Obviamente, tinha ferido os sentimentos de Laurie por estar tão absorto nos seus. O fato de ela pensar que estariam os dois sozinhos nunca lhe tinha ocorrido.

— Não me revires os olhos! — disse Laurie bruscamente. — Podias ter sido mais comunicativo em relação ao que tinhas em mente para o serão. Sabes que eu nunca me importo quando queres sair com o Warren e o Lou.

Jack olhou para o outro lado e mordeu a língua para não ripostar. Felizmente, sabia que se o fizesse o serão corria o risco de ficar arruinado. Respirou fundo, decidido a engolir um sapo, e depois fitou Laurie nos olhos.

— Desculpa — disse, com toda a sinceridade que conseguiu reunir, dadas as circunstâncias. — Não me passou pela cabeça que ias ficar ofendida por ser um jantar com amigos. Devia ter sido mais explícito. Para ser franco, convidei-os como apoio.

As sobrancelhas de Laurie uniram-se numa expressão de confusão.

— Que espécie de apoio? Não compreendo.

— Neste momento, seria difícil explicar — disse Jack. — Não te importas de me dar o benefício da dúvida durante mais ou menos meia hora?

— Acho que sim — respondeu Laurie, ainda confusa. — Mas não consigo imaginar o que queres dizer com apoio. Mas estou sensibilizada com o teu pedido de desculpas.

— Obrigado — disse Jack. Expirou energicamente antes de olhar para o interior do restaurante. — Ora bem, onde é que está essa recepcionista e onde é a nossa mesa?

Só vinte minutos depois é que o grupo se sentou quase ao fundo da sala. Nessa altura, Laurie já parecia ter esquecido a zanga de há pouco e comportava-se como se estivesse a divertir-se, com riso fácil e

conversa animada, ainda que Jack sentisse que ela evitava olhar para ele. Estava sentada à sua direita, por isso só conseguia ver o seu perfil esculpido.

Para satisfação de Jack e Laurie, o mesmo empregado de mesa de bigode com as pontas reviradas que os tinha servido nos jantares anteriores no Elio's apareceu junto à mesa. A maior parte das refeições anteriores tinham sido encantadoras, e ainda que outras não o tivessem sido tanto, tinham-se tornado mesmo assim inesquecíveis. O último jantar, que ocorrera um ano antes, durante o período de um mês em que tinham decidido deixar de viver juntos, tinha sido dos menos bons e marcara o ponto mais baixo do seu relacionamento. Nesse jantar, Laurie revelara a Jack que estava grávida e Jack tivera a indelicadeza de perguntar com algum atrevimento quem era o pai. Ainda que ele e Laurie tivessem reatado o relacionamento subsequentemente, a gravidez tivera de ser interrompida pouco depois. Era uma gravidez ectópica e fora necessária uma cirurgia de emergência para salvar a vida de Laurie. Aparentemente por iniciativa própria, embora na verdade fosse em resposta a um pedido prévio de Jack, o empregado de mesa começou a distribuir taças de champanhe de pé alto. Em seguida, abriu uma garrafa de champanhe. O grupo aplaudiu quando a rolha se soltou com ruído. O empregado encheu rapidamente todas as taças.

— Hei, meu — disse Warren, erguendo a sua taça de vinho espumante. — À amizade.

Todos o imitaram, exceto Jack, que ergueu, em vez disso, uma mão vazia.

— Se não se importam, gostaria de dizer algumas palavras. Todos se interrogam por que é que os convidei para estarem aqui esta noite, especialmente a Laurie. A verdade é que precisava do vosso apoio para fazer uma coisa que quero fazer há algum tempo e para a qual me tem faltado a coragem. Com isto em mente, gostaria de fazer um brinde que é bastante egoísta.

Jack levou a mão ao bolso lateral do casaco. Com dificuldade, conseguiu tirar uma pequena caixa quadrada embrulhada num bonito papel azul-esverdeado e enfeitada com um laço prateado. Pousou-a em cima da mesa diante de Laurie e depois ergueu o copo.

— Gostaria de fazer um brinde à Laurie e a mim próprio.

— Muito bem! — disse Lou, feliz e com grande ênfase. — Aos dois. — Ergueu o copo. Os outros fizeram o mesmo, com exceção de Laurie.

— Aos dois — repetiu Warren.

— Viva! — disse Natalie.

Todos beberam, com exceção de Laurie, que estava petrificada a olhar para a caixa que tinha à sua frente. Pensou que sabia o que estava a acontecer, mas não queria acreditar. Lutou contra o seu lado emocional, que ameaçava vir à superfície.

— Não vais participar no brinde? — perguntou-lhe Jack. A imobilidade de Laurie suscitou-lhe uma dúvida desagradável em relação ao que pensara que seria a reação dela. De repente, perguntou a si mesmo o que diria e faria se ela recusasse.

Com alguma dificuldade, Laurie afastou o olhar da caixa muito bem embrulhada e fitou Jack. Pensava saber o que se encontrava dentro da caixa mas teve medo de o admitir. Tinha-se enganado demasiadas vezes no passado. Por muito que amasse Jack, sabia que ele se debatia com um fardo de bagagem psicológica. Sem dúvida, tinha ficado profundamente traumatizado com uma tragédia acontecida antes de se conhecerem, e já se tinha acostumado à hipótese de ele poder nunca o ultrapassar.

— Hei, vá lá! — insistiu Lou. — Que diabo se passa? Abre.

— Sim, vá lá, Laurie — insistiu Warren.

— Mas é para abrir agora? — perguntou Laurie. Ainda tinha os olhos fixos nos de Jack.

— A idéia era essa — respondeu ele. — Claro que, se preferires, podes esperar mais alguns anos. Não quero pressionar-te.

Laurie sorriu. Ocasionalmente, achava piada aos sarcasmos de Jack. Com dedos trémulos, retirou primeiro o laço e depois o embrulho que envolvia a caixa. Com exceção de Jack, todos se inclinaram para a frente, com curiosidade. A caixa por baixo do papel de embrulho estava forrada com veludo

enrugado. Com receio de que Jack estivesse a pregar-lhe uma partida elaborada e de mau gosto, abriu a caixa bruscamente. A brilhar para ela estava um solitário da Tiffany, um diamante que cintilava com o que parecia ser uma luz interior.

Enquanto fechava os olhos e lutava para conter as lágrimas, rodou a caixa para que os outros pudessem ver. Tanta emotividade era um traço de personalidade que desprezava em si mesma, embora, nas actuais circunstâncias, até pudesse compreender. Ela e Jack estavam juntos há quase uma década e viviam intermitentemente um com o outro há anos. Ela gostaria de casar e convencera-se de que ele sentia o mesmo.

Lou, Warren e Natalie proferiram uma série de "ooohs" e "ahhs".

— Então? — perguntou Jack a Laurie.

Laurie esforçou-se para se controlar. Usou o nó de um dedo para limpar uma lágrima de cada olho. Levantou a cabeça para Jack e tomou a decisão instantânea de virar o feitiço contra o feiticeiro e fingir que não sabia o que ele estava a sugerir. Era uma coisa que Jack podia muito bem fazer. Passados tantos anos, queria ouvi-lo a dizer o que significava o anel de noivado.

— Então o quê? — perguntou ela.

— É um anel de noivado! — disse Jack com uma breve e embaraçada gargalhada.

— Eu sei o que é — respondeu Laurie. — Mas que é que significa? Estava contente. Pressionar Jack tinha a vantagem de manter as suas próprias emoções controladas. Apareceu-lhe mesmo um leve sorriso nos cantos da boca enquanto o observava a sofrer.

— Tens de ser específico, seu burro! — disse Lou para Jack. — Faz a pergunta!

Jack percebeu o que Laurie tinha feito e também esboçou um sorriso.

— Está bem, está bem! — disse ele, acalmando Lou. — Laurie, meu amor, apesar do perigo que no passado atingiu aqueles que amo e estimo e do receio de que esse perigo se estenda à tua pessoa, queres casar comigo?

— Assim está melhor! — exclamou Lou, erguendo uma vez mais a taça no ar. — Proponho um brinde ao pedido do Jack. Desta vez, todos beberam.

— Então? — repetiu Jack, voltando a sua atenção para Laurie. Laurie pensou por instantes antes de responder.

— Conheço os teus receios e compreendo a sua origem. No entanto, não os partilho. Seja como for, aceito totalmente o risco, seja ele real ou imaginado. Se me acontecer alguma coisa, a culpa será inteiramente minha. Com esta ressalva, sim, adoraria casar contigo.

Todos aplaudiram quando Jack e Laurie trocaram um beijo constrangido e um abraço embaraçado. Depois, Laurie tirou o anel da caixa e experimentou-o. Estendeu a mão para contemplar a jóia.

— Serve-me perfeitamente. É lindíssimo!

— Tirei um dos teus anéis durante um dia para ter a certeza do tamanho — admitiu Jack.

— Não é a pedra maior do mundo — disse Lou. — Veio com uma lupa?

Jack atirou o guardanapo ao amigo, que o apanhou antes de este se lhe enrolar no rosto.

— Os teus melhores amigos são sempre honestos. Lou riu-se. Devolveu-lhe o guardanapo.

— O tamanho é perfeito — declarou Laurie. — Não gosto de jóias ostensivas.

— Tiveste o que querias — acrescentou Lou. — Ninguém vai dizer que esse é ostensivo.

— Quando será o grande dia? — perguntou Natalie.

Jack olhou para Laurie.

— Obviamente, não falamos sobre o assunto, mas acho que vou deixar isso com Laurie.

— A sério? — perguntou Laurie.

— A sério — respondeu Jack.

— Nesse caso, gostaria de combinar a data com a minha mãe. Ela disse-me várias vezes no passado que gostaria que eu me casasse na igreja de Riverside. Sei que era onde ela gostaria de se ter casado, mas

não aconteceu. Se não te importares, quero que ela dê a sua opinião sobre o dia e o lugar.
— Por mim, tudo bem — disse Jack. — Agora, onde está o empregado? Preciso de mais champanhe.

Boston, Massachusetts 9 de Outubro de 2005 16:45

O exercício tinha sido excelente. Craig Bowman usara a sala de musculação durante meia hora para tonificar e alongar o corpo. Depois, tinha feito uma série de competitivos jogos de basquetebol de três para três. Por pura sorte, tinha ficado na equipa de dois jogadores talentosos. Durante bastante mais de uma hora, ele e os companheiros de equipa não tinham perdido e só tinham saído do campo por pura exaustão. Depois do basquetebol, Craig pedira uma massagem, seguida de sauna e uma ducha.

Agora, parado diante do espelho da zona VIP no balneário masculino do Sports Club/LA, observou-se com um olhar crítico e foi obrigado a admitir que há muitos anos não estava com tão boa aparência. Tinha perdido dez quilos e dois centímetros e meio de cintura desde que começara a frequentar o ginásio, há seis meses. Talvez mais evidente ainda era o desaparecimento da flacidez amarelada das faces. No seu lugar, via-se um brilho saudável e rosado. Numa tentativa de parecer mais contemporâneo, tinha deixado os cabelos cor de areia crescer um pouco e depois cortara-os num cabeleireiro, penteando-os agora para trás dos dois lados em vez de usar risco ao lado como acontecia desde que se lembrava de ser gente. Da sua perspectiva, a mudança geral era tão notável que se se visse há um ano não se reconheceria. Seguramente, já não era o médico pesado e desinteressante.

Ir ao ginásio três vezes por semana fazia parte da rotina atual de Craig: às segundas, quartas e sextas. Dos três dias, a sexta-feira era o melhor, uma vez que havia menos gente e proporcionava o estímulo psicológico do fim-de-semana que se estendia à sua frente com todas as suas promessas. Tinha decidido fechar o consultório ao meio-dia à sexta-feira e atender as chamadas no telemóvel. Assim, Leona podia ir para o ginásio com ele. Como um presente para ela e para si próprio, tinha feito uma segunda inscrição.

Duas semanas antes, Leona passara a viver com ele no apartamento de Beacon Hill. Ela tinha decidido sozinha que era ridículo pagar a renda de um apartamento em Somerville quando ficava em casa dele todas as noites. Inicialmente, Craig ficara aborrecido com a mudança, porque não tinham falado sobre o assunto e ela apresentara a decisão como um fato consumado. Parecia-lhe coercivo, numa altura em que estava a saborear a liberdade recentemente adquirida. No entanto, passados alguns dias, já se tinha adaptado. Tinha esquecido o poder do erotismo. Para além disso, interiorizou que a situação poderia ser facilmente revertida, se assim quisesse.

A última coisa que Craig fez foi vestir o seu casaco novo Brioni. Depois de encolher os ombros algumas vezes para o colocar no lugar, olhou de relance para o espelho. Virou a cabeça algumas vezes de um lado para o outro para se ver de ângulos ligeiramente diferentes e pensou brevemente na ideia de estudar representação ao invés de arte. A ideia trouxe-lhe um sorriso ao rosto. Sabia que a sua imaginação estava desenfreada, mas o pensamento não era totalmente absurdo. Da maneira que as coisas estavam a correr bem, não conseguia deixar de sentir que o mundo era a sua ostra.

Já completamente vestido, Craig verificou o telemóvel para saber se tinha mensagens. Não havia nada. O plano era voltar para o apartamento e descontrair com um copo de vinho e o número mais recente do New England Journal of Medicine durante cerca de uma hora. Depois iria ao Museu de Belas Artes ver a exposição patente e, finalmente, jantaria num novo restaurante na moda em Back Bay.

A assobiar baixinho, Craig saiu do balneário e dirigiu-se para o átrio principal do clube. A sua esquerda situava-se o balcão da receção e à direita, ao fundo de um corredor e a seguir aos elevadores, ficavam o bar e o restaurante. Nas áreas comuns ouvia-se música baixa. Apesar de as instalações desportivas não

estarem geralmente muito cheias nas tardes de sexta-feira, a happy hour no bar era outra história, e o espaço começava a animar-se.

Craig olhou para o relógio. Tinha planeado tudo na perfeição. Faltava um quarto para as cinco: precisamente a hora a que tinha combinado encontrar-se com Leona. Ainda que viessem para o clube juntos e saíssem juntos, enquanto lá estavam cada um fazia o que lhe apetecia. Leona estava naquela altura virada para a máquina de step, o Pilates e yoga, mas nenhuma das modalidades entusiasmava Craig.

Bastou um rápido olhar para o átrio para confirmar que Leona ainda não tinha saído do balneário feminino. Craig não ficou surpreendido. Juntamente com uma relativa falta de discrição, a pontualidade não era um dos pontos fortes da namorada. Sentou-se, perfeitamente satisfeito com a oportunidade de observar uma série de pessoas atraentes a ir e vir. Há seis meses, numa circunstância semelhante, ter-se-ia sentido deslocado. Agora, sentia-se totalmente à vontade, mas, logo que se instalou confortavelmente, Leona apareceu, atravessando a porta do balneário feminino.

Da mesma forma que se tinha observado criticamente alguns minutos antes, Craig lançou um olhar de soslaio a Leona. O exercício físico também estava a beneficiá-la, ainda que, devido à juventude, ela fosse firme, rosada e esbelta desde o começo. Enquanto Leona se aproximava, apreciou o fato de ela ser uma jovem mulher atraente e também dinâmica. Na perspectiva de Craig, a sua maior desvantagem era o sotaque e a sintaxe de Revere, Massachusetts. Particularmente irritante era a tendência para acentuar exageradamente a última sílaba de todas as palavras. Acreditando que agia no melhor interesse dela, Craig tinha tentado chamar a atenção para o seu hábito com a esperança de a fazer mudar, mas ela tinha reagido com fúria, acusando-o venenosamente de ser um elitista da Ivy League. Assim, Craig, sensatamente, desistira. Ao longo do tempo, o seu ouvido tinha-se aclimatado em certa medida e no calor da noite não se importava nada que ela tivesse sotaque.

— Como foi o teu exercício? — perguntou Craig, levantando-se.

— Formidável — respondeu Leona. — Melhor do que o costume.

Craig estremeceu. O acento de formidável soou na última sílaba e não na penúltima, e melhor saiu como "melhoar". Enquanto se dirigiam para o elevador, resistiu à vontade de comentar, deixando de lhe prestar atenção. Leona continuou a falar sobre o que tinha feito e a explicar-lhe os motivos por que ele devia experimentar Pilates e yoga, e ele pensou alegremente no serão que se avizinhava e como tinha tido um dia agradável até agora. Nessa manhã, tivera doze pacientes no consultório: não demasiados nem poucos. Não tinha sido obrigado a correr apressadamente de uma sala de observação para outra, como era costume no consultório anterior.

Ao longo dos meses, ele e Marlene, a sua volumosa secretária principal e recepcionista, tinham desenvolvido um sistema de marcação das consultas consoante as necessidades de cada paciente, baseados no diagnóstico e na personalidade de cada indivíduo. As consultas mais curtas demoravam quinze minutos e destinavam-se a observações rápidas para ver exames de pacientes dóceis e cultos, e as mais longas demoravam uma hora e meia. As consultas de uma hora ou mais destinavam-se regra geral a novos pacientes com problemas médicos conhecidos e graves. Os novos pacientes saudáveis eram marcados com espaços de tempo que variavam entre quarenta e cinco minutos e uma hora, dependendo da idade e da complexidade das queixas. Se surgia um problema inesperado ao longo do dia, como um paciente sem consulta marcada que precisava de ser observado ou Craig ter de ir ao hospital, coisa que não tinha acontecido nesse dia, Marlene telefonava a todos os pacientes seguintes para adiar as consultas, se fosse possível e apropriado.

Em consequência desse método de trabalho, era raro as pessoas esperarem no consultório de Craig e igualmente raro ele sofrer a ansiedade de estar atrasado e tentar recuperar o atraso. Era uma forma civilizada de exercer medicina e muito melhor para todos. Agora Craig gostava de ir ao consultório. Era o tipo de medicina que ele tinha imaginado, quando sonhara ser médico. O único fantasma no que de outra

forma seria uma situação quase perfeita tinha sido a impossibilidade de manter secretos todos os aspectos do seu relacionamento com Leona. As desconfianças eram crescentes e pioraram com a juventude e obstinação de Leona. Consequentemente, Craig teve de suportar a desaprovação de Marlene e da sua enfermeira, Darlene, bem como observar o comportamento ressentido e passivo-agressivo das duas funcionárias em relação a Leona.

— Não estás a ouvir o que eu digo! — queixou-se Leona, irritada. Inclinou-se para a frente para olhar furiosamente para Craig. Estavam ambos virados para as portas do elevador enquanto desciam para a garagem onde o carro estava estacionado.

— É claro que estou — mentiu Craig. Sorriu, mas a petulância caprichosa de Leona não ficou mitigada.

As portas do elevador abriram-se no andar onde os carros eram estacionados por um empregado e Leona saiu para se juntar a meia dúzia de pessoas que esperavam pelos seus veículos. Craig seguiu-a alguns passos atrás. As variações emocionais relativamente grandes eram um traço de Leona que Craig não apreciava, mas, se as ignorasse, regra geral passavam depressa. Se alguns minutos antes, quando atravessavam o átrio, tivesse cometido o erro de chamar a atenção para o sotaque dela, a história teria sido diferente. A única vez que ele fizera um comentário desse tipo provocara uma birra de dois dias.

Craig entregou o talão de estacionamento a um dos empregados.

— O Porsche encarnado vem já, Dr. Bowman — disse o empregado enquanto tocava na ponta do boné com o dedo indicador num cumprimento. Afastou-se a correr.

Craig sorriu intimamente. Estava orgulhoso por ter o que considerava o carro mais sensual da garagem e a antítese da carrinha Volvo que tivera na sua vida anterior. Imaginou que as pessoas que esperavam pelos carros à sua volta ficariam devidamente impressionadas. Os empregados do estacionamento ficavam, sem dúvida, impressionados, e provavam isso mesmo estacionando sempre o veículo perto da cabina.

— Se pareço um pouco distante — sussurrou Craig para Leona — é porque estou ansioso pela nossa noite: toda ela. — piscou-lhe um olho sugestivamente.

Leona olhou-o com uma sobrancelha erguida, indicando que estava apenas parcialmente aplacada. A realidade é que ela exigia atenção total cem por cento do tempo.

No momento em que ouviu o familiar rugido do motor algures ali perto, Craig também ouviu o seu nome a ser proferido atrás de si. O que lhe chamou particularmente a atenção foi que a sua inicial do meio, M, tinha sido incluída. Poucas pessoas conheciam a sua inicial do meio, e menos ainda sabiam que era a inicial de Mason, o apelido de solteira da mãe. Craig voltou-se, à espera de ver um paciente ou talvez um colega de profissão ou um antigo colega de escola. Em vez disso, viu um desconhecido a aproximar-se. O homem era um afro-americano atraente, rápido nos movimentos, com um olhar inteligente e aproximadamente da idade de Craig. Por instantes, Craig pensou que se tratava de um dos companheiros de equipa da maratona de basquetebol daquela tarde que queria vangloriar-se mais um pouco das vitórias da tarde.

— Doutor Craig M. Bowman? — perguntou o homem de novo, enquanto avançava diretamente para Craig.

— Sim? — disse Craig com um aceno interrogativo. Continuava a tentar perceber de onde é que conhecia o indivíduo. Não era um dos jogadores de basquetebol. Também não era um paciente nem um colega de escola. Craig tentou associá-lo ao hospital, mas não conseguiu.

O homem respondeu colocando um grande envelope selado na mão do médico. Craig olhou para ele. O seu nome, juntamente com a inicial do meio, estava datilografado na frente. Antes de poder reagir, o homem girou sobre os calcanhares, conseguiu apanhar o elevador em que tinha chegado antes de as portas se fecharem e desapareceu. A transação tinha demorado apenas alguns segundos.

— Que é que recebeste?

— Não faço a menor idéia — replicou Craig. Baixou os olhos para o envelope e teve o primeiro sinal

de problemas. Impresso no canto superior lia-se: Tribunal Superior, Distrito de Suffolk, Massachusetts.

— Então? — perguntou Leona. — Não vais abri-lo?

— Não sei bem se me apetece — respondeu Craig, embora soubesse que, mais cedo ou mais tarde, teria de o fazer. Os seus olhos perscrutaram as pessoas agrupadas à sua volta, à espera dos carros. Algumas olhavam para ele com curiosidade, depois de terem testemunhado o encontro.

No momento em que o empregado parou o Porsche de Craig e saiu, mantendo a porta do carro entreaberta, Craig colocou o polegar sob a dobra do envelope e abriu-o. Enquanto tirava o conteúdo sentiu o coração a bater mais depressa. Segurou um maço de papéis com o canto dobrado e agrafado.

— Então? — repetiu Leona, preocupada. Viu o rubor do exercício no rosto de Craig desvanecer-se perceptivelmente.

Os seus olhos ergueram-se e fitaram os de Leona. Refletiam uma intensidade que Leona nunca tinha visto. Não percebeu se seria por confusão ou descrença, mas era claramente choque. Durante alguns segundos, Craig pareceu paralisado. Nem sequer respirou.

— Alô? — disse Leona, curiosa. — Está alguém em casa? Acenou uma mão diante do rosto marmóreo de Craig. Um olhar furtivo disse-lhe que se tinham tornado o objeto de atenção de todos os presentes. Como se estivesse a despertar de uma pequena apoplexia, as pupilas de Craig estreitaram e a cor inundou-lhe rapidamente o rosto. As suas mãos começaram a amachucar reflexivamente os papéis antes de a racionalidade intervir.

— Recebi uma intimação — resmungou Craig num sussurro. — O filho da mãe está a processar-me! — Endireitou os papéis e folheou-os rapidamente.

— Quem é que está a processar-te?

— O Stanhope! Jordan Stanhope!

— Por quê?

— Negligência médica e morte injustificada. Isto é ultrajante!

— Por causa da Patience Stanhope?

— Quem mais? — perguntou Craig rancorosamente, através de dentes cerrados.

— Hei, eu não sou o inimigo — disse Leona, erguendo as mãos numa defesa forjada.

— Não posso acreditar numa coisa destas! É um ultraje!

Craig folheou novamente os documentos, como se houvesse a possibilidade de ter lido mal.

Leona olhou para os empregados do estacionamento. Um segundo empregado tinha-lhe aberto a porta. O primeiro continuava a segurar a porta do lado do condutor aberta. Leona olhou para Craig.

— Que é que queres fazer, Craig? — sussurrou ela insistentemente. — Não podemos ficar aqui para sempre. — Sempre soou "sempreah".

— Cala-te! — latiu Craig. O sotaque dela feriu-lhe os nervos já em franja. Leona soltou uma gargalhada tensa e trocistamente ofendida, e em seguida avisou:

— Não te atrevas a falar-me assim!

Como se tivesse acordado pela segunda vez e tomasse consciência de que todos os olhos estavam postos nele, Craig pediu desculpa em voz baixa e depois acrescentou:

— Preciso de uma bebida.

— Está bem — concordou Leona, ainda zangada. — Onde? Aqui ou em casa?

— Aqui! — respondeu Craig bruscamente. Virou-se e voltou para junto dos elevadores.

Com um sorriso apologético e um encolher de ombros para os empregados, Leona seguiu Craig. Quando chegou junto do médico, ele estava a carregar repetidamente no botão do elevador com o nó de um dedo.

— Tens de te acalmar — disse-lhe ela.

Virou-se para trás e olhou para o grupo. Todas as pessoas desviaram rapidamente os olhos para fingir que não tinham estado a observar.

— É muito fácil para ti dizeres-me para me acalmar — retorquiu Craig. — Não és tu que estás a ser

processada. E receber uma intimação em público, como acabou de me acontecer, é extremamente humilhante.

Leona não tentou fazer mais conversa até estarem sentados numa mesa pequena mas alta e o mais longe possível da multidão que enchia o bar àquela hora. As cadeiras tinham sido substituídas por bancos altos com costas baixas, que combinavam com a altura da mesa. Craig bebeu um uísque duplo, coisa que raramente fazia. Normalmente, bebia muito pouco, com medo de receber uma chamada profissional a qualquer hora. Leona pediu um copo de vinho branco. Pela maneira como ele pegou na bebida, com mãos trêmulas, Leona percebeu que o seu estado de espírito se tinha transformado uma vez mais. Tinha passado da inicial descrença chocada para fúria e agora ansiedade, tudo isto no espaço de quinze minutos decorridos desde que tinha recebido a intimação e a queixa.

— Nunca te vi tão perturbado — disse Leona. Embora não soubesse muito bem o que dizer, sentiu que tinha de dizer alguma coisa. Nunca reagia muito bem ao silêncio, a menos que estivesse a amuar deliberadamente.

— É claro que estou perturbado — replicou Craig bruscamente. Quando ergueu a bebida, estava a tremer o suficiente para o gelo bater repetidamente no vidro do copo. Ao levá-lo aos lábios, entornou uísque pela borda do copo. — Merda — disse, e pousou o copo em cima da mesa enquanto sacudia o uísque da mão. Em seguida, usou um guardanapo para limpar os lábios e o queixo. — Não posso acreditar que este filho da mãe do Jordan Stanhope me fez isto, especialmente depois de todo o tempo e energia que perdi com aquela mulher hipocondríaca e maçadora. Eu odiava aquela mulher.

Craig hesitou por momentos e em seguida acrescentou:

— Suponho que não devia estar a dizer-te isto. É o género de coisa sobre a qual os médicos não falam.

— Se estás assim tão perturbado, acho que devias falar sobre o assunto. — A verdade é que a Patience Stanhope dava comigo em doido, sempre com as suas nojentas descrições de cada movimento dos intestinos, e sem esquecer as descrições gráficas das mucosidades amarelo-esverdeadas e espessas que tossia diariamente e que guardava para me mostrar. Era patético. Por amor de Deus, ela dava com toda a gente em doida, até o Jordan, até ela própria.

Leona acenou afirmativamente. Embora a psicologia não fosse um dos seus fortes, sentiu que era importante deixar Craig desabafar.

— Não imaginas quantas vezes ao longo do último ano tive de ir depois do trabalho ou mesmo a meio da noite àquela casa enorme para lhe segurar na mão e ouvir os seus queixumes. E para quê? Ela raramente cumpria as coisas que eu aconselhava, incluindo parar de fumar. Fumava como uma chaminé, dissesse eu o que dissesse.

— A sério? — perguntou Leona, incapaz de se conter. — Ela não parava de se queixar de tosse e expectoração e continuava a fumar?

— Não te recordas de como o quarto dela cheirava a fumo de cigarros?

— Nem por isso — disse Leona, e abanou a cabeça. — Estava demasiado afetada com a situação para sentir algum cheiro.

— Ela fumava como se não houvesse amanhã, um cigarro atrás do outro, vários maços por dia. E isso era apenas uma parte. Estou a dizer-te, ela era o exemplo vivo de todos os pacientes desobedientes do mundo, especialmente no que dizia respeito à medicação. Exigia receitas e depois tomava ou não tomava os medicamentos conforme lhe dava na veneta.

— Fazes alguma ideia da razão por que ela não cumpria as ordens?

— Provavelmente, porque gostava de estar doente. Mantinha-a ocupada com alguma coisa. É a essência de tudo. Ela era uma perda de tempo para mim, para o marido e para ela própria. O seu falecimento foi uma bênção para todos. Ela não tinha uma vida.

Craig tinha-se acalmado o suficiente para beber um pouco do seu uísque sem entornar nada.

— Das poucas vezes que tive contato com ela no consultório, pareceu-me uma boa seca — disse Leona,

apaziguadoramente.

— Esse é o eufemismo do ano — resmungou Craig. — Ela era uma cabra do pior que herdou algum dinheiro, e esperava que eu lhe segurasse na mão e ouvisse as suas queixas e enjôos até à náusea. Eu fiz quatro anos de liceu, quatro anos de faculdade de medicina, cinco anos de especialização, exame da ordem e escrevi uma mão cheia de artigos científicos, e a única coisa que ela queria era que lhe segurasse na mão. Apenas isso, e se eu lhe segurava durante quinze minutos ela queria trinta, e se eu lhe dedicava trinta minutos ela queria quarenta e cinco e se eu recusava ela ficava amuada e hostil.

— Talvez se sentisse sozinha — sugeriu Leona.

— De que lado é que tu estás? — perguntou Craig, furioso. Atirou com o copo para cima da mesa, fazendo os cubos de gelo tilintar. — Ela era uma chata do pior.

— Bolas, vê lá se te acalmas! — disse Leona. Olhou em volta, embaraçada, e ficou aliviada ao constatar que ninguém estava a prestar-lhes a mais pequena atenção.

— Só não quero que comeces a fazer de advogada do diabo — replicou Craig com brusquidão. — Não estou com disposição para isso.

— Estou apenas a tentar acalmar-te.

— Como é que posso acalmar-me? Isto é um desastre. Trabalhei a vida inteira para ser o melhor médico. Raios, ainda estou a trabalhar para isso. E agora acontece uma coisa destas! Craig bateu raivosamente no envelope que continha os documentos do tribunal.

— Mas não é para situações como esta que pagas a apólice de seguro de negligência de que tanto te queixas?

Craig fitou Leona com exasperação.

— Acho que não estás a compreender. Este filho da mãe do Stanhope está a difamar-me publicamente ao exigir o seu, passo a citar, dia no tribunal. O processo é que é o problema. É mau, aconteça o que acontecer. Eu estou indefeso, sou uma vítima. E se formos a tribunal é impossível prever qual será o resultado. Não há garantias, mesmo na minha situação, em que fiz o possível e o impossível para ajudar os meus pacientes, particularmente a Patience Stanhope, fazendo visitas domiciliárias, por amor de Deus. E a idéia de que seria um julgamento pelos meus pares? É uma piada de mau gosto. Empregados de escritório, canalizadores e professores reformados não fazem a menor ideia do que é ser um médico como eu, que se levanta a meio da noite para segurar na mão de hipocondríacos. Jesus Cristo!

— Não podes dizer-lhes? Usa isso como parte do teu testemunho.

Exasperado, Craig revirou os olhos. Havia ocasiões em que Leona o deixava doido. Era o inconveniente de passar tempo com uma pessoa tão jovem e inexperiente.

— Porque é que ele pensa que houve negligência? — perguntou Leona. Craig desviou o olhar para as pessoas lindas e normais que estavam no bar, obviamente a aproveitar o fim de tarde com os seus gracejos felizes. A justaposição fê-lo sentir-se pior. Talvez tivesse sido má ideia vir para um bar público. Ocorreu-lhe o pensamento de que talvez estivesse fora do seu alcance tornar-se um deles através dos seus esforços culturais. A medicina e os seus problemas atuais, incluindo a trapalhada da negligência, tinham-no enredado.

— Que negligência é que pode ter havido? — perguntou Leona, reformulando a pergunta.

Craig levantou as mãos para o céu.

— Escuta com atenção, minha linda! A queixa é genérica e afirma alguma coisa sobre eu não utilizar os meus conhecimentos e cuidado para efetuar o diagnóstico e tratamento que um médico razoavelmente competente utilizaria na mesma circunstância... blá, blá, blá. É tudo uma treta. Em resumo, quer dizer que o resultado foi mau e resultou no falecimento da Patience Stanhope. Um advogado especializado em pedidos de indenização por negligência vai partir daí e ser criativo. Esses tipos conseguem encontrar sempre alguma coisa que um idiota de um médico puta-de-tribunal dirá que deveria ter sido feita de outra maneira.

— Minha linda! — lançou Leona, furiosa. — Não sejas condescendente comigo!

— Está bem, desculpa — disse Craig. Respirou fundo. — Obviamente, estou maldisposto.

— O que é um médico puta-de-tribunal?

— É um médico ou uma médica que é pago para falar na qualidade de, e passo a citar, especialista e que dirá tudo o que o advogado do queixoso quiser que ele ou ela diga. Dantes era difícil encontrar médicos que estivessem dispostos a testemunhar contra outros médicos, mas agora não. Existem alguns inúteis de uns filhos da mãe que ganham a vida dessa forma.

— Isso é terrível.

— É o menos mau de tudo isto — disse Craig. Abanou a cabeça com desalento. — É uma grande hipocrisia este filho da mãe do Jordan Stanhope estar a processar-me quando nem sequer ficou no hospital enquanto eu lutava para reanimar a patética da mulher. Raios, ele chegou a confidenciar-me em diversas ocasiões que a mulher era uma hipocondríaca sem remédio e que não conseguia lembrar-se de todos os seus sintomas. Até pedia desculpa quando ela o mandava telefonar-me a insistir para que eu fosse lá a casa às três horas da madrugada porque pensava que estava a morrer. Isso aconteceu em mais do que uma ocasião. Normalmente, as visitas no domicílio eram à noite, obrigando-me a interromper o que estava a fazer. Mesmo nessas alturas, o Jordan agradecia-me sempre, por isso sabia o esforço que representava ir lá sem um motivo válido. A mulher era um desastre. Todos estão muito melhor sem ela por perto, incluindo o próprio Jordan Stanhope, e no entanto ele está a processar-me e a pedir uma indenização de cinco milhões de dólares por perda de consórcio. Que piada cruel. — Craig abanou a cabeça tristemente.

— O que é consórcio?

— O que supostamente uma pessoa obtém de um cônjuge. Tu sabes: companhia, afeto, assistência e sexo.

— Não me parece que eles fizessem muito sexo. Dormiam em quartos separados!

— Provavelmente, tens razão nesse ponto. Não consigo imaginá-lo a querer ou sequer poder fazer sexo com aquela bruxa miserável.

— Achas que o motivo pelo qual te está a processar pode ter alguma coisa a ver com o fato de o teres criticado naquela noite? Ele pareceu-me bastante ofendido.

Craig acenou algumas vezes. Leona tinha dito uma coisa muito acertada. Com o copo na mão, desceu do banco e foi buscar mais uma dose ao balcão. Enquanto esperava no meio das pessoas que se divertiam, felizes, refletiu sobre a idéia de Leona e perguntou-se se ela estaria correta. Lembrou-se de se arrepender do que tinha dito a Jordan quando entrara no quarto de Patience e vira como ela estava mal. O comentário tinha-lhe escapado da boca devido à tensão da situação e à surpresa que tivera. Na altura, convencera-se de que o pedido de desculpas apressado tinha sido suficiente, mas talvez estivesse enganado. Se estivesse, ia lamentar ainda mais o incidente.

Com um segundo uísque duplo, Craig voltou para a mesa e sentou-se no seu banco alto. Movia-se lentamente, como se cada uma das pernas pesasse cinquenta quilos. Leona ficou com a impressão de que ele tinha feito mais uma transição. Agora parecia deprimido e tinha a boca tombada e os olhos decaídos.

— Isto é um desastre — declarou Craig com um suspiro. Baixou os olhos para o uísque, com os braços cruzados em cima da mesa. — Pode ser o fim de tudo, precisamente quando as coisas estavam a correr tão bem.

— Como é que pode ser o fim de tudo? — perguntou Leona, a tentar falar alegremente. — Que é que tens de fazer agora, que recebeste a intimação?

Craig não respondeu. Nem sequer se mexeu. Leona nem conseguia vê-lo a respirar.

— Não devias arranjar um advogado? — insistiu Leona.

Inclinou-se para a frente numa tentativa de olhar para o rosto de Craig.

— Supostamente a companhia de seguros é que deve defender-me — respondeu Craig num tom monocórdico.

— Bom, aí tens. Não seria boa idéia telefonares-lhes?

Craig levantou a cabeça e olhou para Leona. Acenou algumas vezes enquanto pensava na sugestão da namorada. Eram quase cinco e meia da tarde de sexta-feira, mas a companhia de seguros podia ter alguém de serviço. Valia a pena tentar. Seria bom pensar que estava a fazer alguma coisa. Uma grande parte da sua ansiedade devia-se ao desamparo que sentia face a uma ameaça tão avassaladora e incorpórea.

Com uma urgência recém descoberta, Craig tirou o telemóvel da bolsa do cinto. Com dedos desajeitados, percorreu a lista telefônica. Como um farol numa noite escura, o nome e número de telemóvel do seu mediador de seguros apareceu no visor. Craig fez o telefonema.

Acabaram por ser necessárias várias chamadas, incluindo deixar o nome e número num atendedor de emergência, mas passados quinze minutos Craig conseguiu contar a sua história a uma pessoa real com uma voz autoritária e que falava de forma calmamente conhecedora. Chamava-se Arthur Marshall e Craig achou que o nome era curiosamente tranquilizador.

— Uma vez que é a primeira vez que está envolvido neste género de acontecimentos — estava Arthur a dizer — e como sabemos por experiência própria como tudo isto é perturbador, penso que é importante que o doutor compreenda que para nós é demasiado comum. Por outras palavras, temos muita experiência a lidar com litigações de negligência e daremos ao seu caso toda a atenção que ele merece. Entretanto, quero realçar que não deve levar isto a peito.

— De que outra forma é que o posso levar? — queixou-se Craig. — É pôr em questão todo o trabalho de uma vida. É colocar tudo em risco.

— É um sentimento comum para uma pessoa como o senhor e inteiramente compreensível. Mas, confie em mim, não é assim! Não é um reflexo da sua dedicação e do seu trabalho de toda a vida. A maioria das vezes, é um tiro no escuro na tentativa de conseguir uma herança inesperada, apesar de o advogado do queixoso dizer o contrário. Todas as pessoas que conhecem o ramo da medicina sabem que resultados menos que perfeitos, mesmo os que envolvem erros honestos, não são negligência e o juiz dirá isso aos jurados, se este caso chegar a tribunal. Mas lembre-se! A grande maioria de casos deste tipo não vão a julgamento ou, se vão, são quase todos ganhos pela defesa. Aqui no Massachusetts, a sua queixa tem de ser apresentada em tribunal, mas com os fatos que me apresentou o mais certo é não avançar mais.

O coração de Craig já batia a um ritmo quase normal.

— Foi muito sensato em contatar-nos tão depressa no âmbito deste caso infeliz, Dr. Bowman. Muito em breve, vamos nomear um advogado hábil e experiente para o caso, e para que isso seja possível necessitaremos da intimação o mais depressa possível. O doutor tem de responder no espaço de trinta dias depois de a receber.

— Posso enviar o material por um mensageiro na segunda-feira.

— Será perfeito. Entretanto, deixe-me sugerir que comece a refrescar a sua memória em relação ao caso, especialmente juntando todos os seus registos. É uma tarefa que tem de ser feita e ficará com a impressão de que está a fazer uma coisa construtiva para se proteger. Pela experiência que temos, sabemos que é importante.

Craig deu por si a acenar em sinal de concordância.

— Em relação aos seus registos, Dr. Bowman, devo avisá-lo para não os alterar em nenhum aspecto ou forma. Isso significa que não pode mudar uma palavra mal escrita ou um erro gramatical óbvio, nem alguma coisa que possa pensar que é insignificante. Não mude data nenhuma. Em resumo, não mude nada. Compreendeu?

— Absolutamente.

— Muito bem! Dos casos de negligência médica em que o tribunal decidiu a favor do queixoso, um número considerável envolveu mudanças nos registos, mesmo que as alterações fossem inteiramente inconsequentes. Qualquer alteração é uma receita para o desastre, uma vez que põe em causa a sua

integridade e boa fé. Espero estar a ser claro.

— Perfeitamente claro. Obrigado, Sr. Marshall. Já estou a sentir-me um pouco melhor.

— E deve sentir-se melhor, Dr. Bowman. Fique tranquilo, pois daremos toda a nossa atenção ao seu caso, uma vez que todos queremos que fique resolvido depressa e bem para que o doutor possa voltar ao que faz melhor: cuidar dos seus pacientes.

— É aquilo de que mais gostaria.

— Estamos ao seu serviço, Dr. Bowman. Uma última coisa, que tenho a certeza de que já é conhecedor. Não... repito... não fale sobre este assunto com ninguém exceto a sua esposa e o advogado que nomearmos para o caso! Isso estende-se a todos os colegas, conhecidos e até amigos íntimos. Isto é muito importante.

Craig olhou culposamente para Leona, que estava do outro lado da mesa, e apercebeu-se de que tinha dito coisas que não devia.

— Amigos íntimos? — perguntou Craig. — Isso significa possivelmente ter de renunciar a apoio emocional.

— Nós reconhecemos isso, mas o inconveniente é pior.

— E qual é exatamente o inconveniente? — Não sabia ao certo que partes da conversa é que Leona conseguia ouvir. Ela estava a observá-lo intensamente.

— Os amigos e colegas podem ser descobertos. Se servir os seus interesses, os advogados de acusação podem obrigar os amigos e até os amigos íntimos e colegas a ser testemunhas, muitas vezes com grande efeito.

— Vou ter isso em mente — disse Craig. — Obrigado pelos avisos, Sr. Marshall. O coração de Craig acelerou de novo. Para ser honesto consigo mesmo, tinha de admitir que no fundo não conhecia Leona para além do seu egocentrismo jovem e compreensível. O fato de ter falado tanto aumentou a sua ansiedade.

— E obrigado, Dr. Bowman. Entraremos em contato consigo logo que recebermos a intimação e a formalização da queixa. Tente descontrair e continue com a sua vida.

— Vou tentar — disse Craig sem muita convicção. Sabia que ia viver sob uma nuvem negra até estar tudo resolvido. O que não sabia era até que ponto a nuvem ia escurecer. Entretanto, jurou a si mesmo que evitaria chamar a atenção para o sotaque de Leona. Era suficientemente inteligente para saber que o que tinha confidenciado sobre os seus sentimentos em relação a Patience Stanhope não seria bem visto num julgamento.

Cidade de Nova Iorque, Nova Iorque 9 de Outubro de 2005 16:45

Jack Stapleton concentrou-se no coração e nos pulmões. À sua frente, estendida na mesa de autópsia, encontrava-se o cadáver nu e esventrado de uma mulher de cinquenta e sete anos. A cabeça da vítima estava colocada em cima de um bloco de madeira e os olhos que não viam olhavam vaziamente para as lâmpadas fluorescentes do tecto. Até àquele ponto da autópsia tinha havido pouca patologia, com exceção de um fibroma bastante grande, mas aparentemente assintomático, no útero. Especificamente, ainda não havia nada que justificasse a morte de uma mulher aparentemente saudável que tinha sofrido um colapso no. Bloomingdale's. Miguel Sanchez, o técnico da noite que tinha entrado às três horas da tarde para começar o seu turno, estava a auxiliá-lo. Enquanto Jack se preparava para examinar o coração e os pulmões, Miguel ocupou-se da lavagem dos intestinos.

Através da simples palpação da superfície dos pulmões, as mãos experientes de Jack perceberam uma resistência anormal. O tecido era mais firme do que era habitual, o que era consistente com o fato de o peso do órgão ser mais elevado do que o normal. Com uma faca que parecia uma faca de talhante, Jack cortou várias fatias no pulmão. De novo, houve a sugestão de mais resistência do que seria de esperar. Ergueu o pulmão e observou as superfícies cortadas, que refletiam a consistência do órgão. O pulmão parecia mais denso do que era normal e Jack teve a certeza de que a análise microscópica revelaria fibrose. A questão era... porque estavam os pulmões fibróticos?

Voltando a sua atenção para o coração, Jack pegou em fórceps denteados e numa tesoura pequena, com as pontas redondas. No momento em que se preparava para começar a trabalhar no órgão musculoso, a porta que dava para o corredor abriu-se. Jack hesitou quando uma figura apareceu e se aproximou. Levou apenas um instante a reconhecer Laurie, apesar da luz que se refletia na máscara facial de plástico.

— Estava a perguntar-me onde estarias — disse Laurie com um leve toque de exasperação na voz. Tinha vestido um fato protetor Tyvek descartável de corpo inteiro, igual aos que Jack e Miguel usavam. O Dr. Calvin Washington, o vice-diretor do instituto, implementara a obrigatoriedade de usar fatos protetores para evitar potenciais agentes infecciosos na sala de autópsias. Nunca se sabia que tipo de micróbios poderiam aparecer, especialmente numa sala de autópsias tão movimentada como a de Nova Iorque.

— O fato de te perguntares sugere que andavas à minha procura.

— Dedução brilhante — disse Laurie. Olhou de soslaio para a concha humana, pálida como um fantasma, que estava em cima da mesa. — Este seria o último lugar onde me lembraria de te procurar. Por quê um trabalho tão tardio?

— Tu conheces-me — observou Jack sarcasticamente. — Não consigo conter-me quando a oportunidade de me divertir me bate à porta.

— Alguma coisa interessante? — perguntou Laurie, imune ao humor sarcástico de Jack. Esticou o braço e tocou na superfície do pulmão cortado com o dedo indicador enluvado.

— Ainda não, mas acho que estou prestes a encontrar. Como podes ver, o pulmão parece fibrótico. Acredito que o coração vai dizer-nos porquê.

— Qual é o contexto do caso?

— A vítima soube o preço de um par de sapatos Jimmy Choo no Bloomie's e teve uma paragem cardíaca.

— Muito engraçado.

— A sério, ela teve uma paragem cardíaca no Boomingdale's. Claro que não sei o que estava a fazer. Parece que os funcionários da loja e um médico Bom Samaritano que estava por ali assistiram-na imediatamente. Iniciaram reanimação cardiopulmonar, que foi continuada na ambulância até ao Manhattan General. Quando o corpo chegou aqui à morgue, o médico chefe das urgências telefonou para me contar a história. Disse que, embora tivessem feito tudo o que estava ao seu alcance nas urgências, nunca conseguiram um único batimento do coração, mesmo com um pace-maker. Ficaram consternados por a paciente não cooperar e estava com esperança de que nós pudéssemos esclarecer o que se passou, para perceberem se poderiam ter feito mais alguma coisa. Eu fiquei impressionado com o seu interesse e iniciativa, e como é o género de comportamento profissional que devemos encorajar, disse-lhe que trataria do assunto imediatamente e que depois lhe telefonaria.

— Muito louvável e diligente da tua parte — declarou Laurie. — Claro que, ao fazeres uma autópsia a esta hora, estás a fazer com que nós, os teus colegas, pareçamos uns preguiçosos.

— Se parece um pato e grasna como um pato, é um pato.

— Muito bem, espertinho! Não vou responder a provocações. Vejamos o que tens aí! Agora que me interessaste, aproveita.

Jack inclinou-se para a frente e, rapidamente mas com cuidado, procurou as artérias coronárias e em seguida começou a abri-las. De repente, endireitou-se.

— Bem, olha só para aqui! — disse ele. Pegou no coração e levantou-o para que Laurie pudesse ver mais facilmente. Apontou com a ponta da pinça.

— Santo Deus! — exclamou Laurie. — Este deve ser o mais dramático estreitamento do tronco principal da artéria posterior que já vi em toda a minha vida. E parece do crescimento, não ateromatosa.

— Essa também seria a minha conclusão, e provavelmente explica porque é que o coração não reagiu. Um bloqueio súbito, mesmo que passageiro, teria causado um ataque cardíaco em grande escala envolvendo partes do sistema de condução. Imagino que todo o lado posterior do coração esteve envolvido no enfarte. Mas, por muito dramático que seja, não explica as alterações pulmonares.

— Que tal se abrisses o coração?

— Era precisamente a minha intenção.

Trocando a tesoura e os fórceps pela faca de talhante, Jack fez uma série de incisões nas câmaras do coração.

— Aqui está! — disse ele, afastando-se da frente para Laurie poder ver o órgão aberto.

— Aí tens: uma válvula mitral danificada e incompetente!

— Uma válvula mitral muito incompetente. Esta mulher era uma bomba relógio andante pronta para explodir a qualquer momento. É surpreendente que não tivesse sintomas nem do estreitamento coronário nem da válvula que a levassem a um médico. E também é uma pena. Os dois problemas poderiam ter sido corrigidos cirurgicamente.

— Muitas vezes, o medo torna as pessoas tristemente estóicas.

— Tens toda a razão — concordou Jack, enquanto começava a tirar amostras para análise microscópica. Colocou-as em frascos devidamente rotulados. — Não me disseste porque é que andavas à minha procura.

— Recebi uma notícia há uma hora. Já temos uma data para o casamento. Estava ansiosa para saber se concordas, pois tenho de telefonar a confirmar o mais depressa possível.

Jack parou o que estava a fazer. Até Miguel interrompeu a lavagem dos intestinos no lavatório.

— É um ambiente curioso, para um anúncio destes — disse Jack.

Laurie encolheu os ombros.

— Foi onde te encontrei. Queria ligar esta tarde, antes do fim-de-semana. Jack olhou de relance para Miguel.

— Qual é a data?

— Nove de Julho, à uma e meia. Que é que te parece?

Jack riu-se.

— Que é que queres que eu diga? Parece-me muito tempo, agora que decidimos finalmente casar. Estava a pensar, tipo, na próxima terça-feira.

Laurie riu-se. O som foi abafado pela máscara de proteção do rosto, que embaciou por momentos.

— Que amoroso. Mas a realidade é que a minha mãe sempre sonhou com um casamento em Junho. Pessoalmente, acho que Junho é um mês ótimo, porque o tempo deve estar bom, não apenas para o casamento mas também para uma lua-de-mel.

— Nesse caso, por mim está tudo bem — disse Jack, a olhar uma segunda vez de relance na direção de Miguel. Estava a incomodá-lo o fato de Miguel estar parado, sem se mexer e, obviamente, a escutar a conversa.

— Há apenas um problema. Junho é tão popular para casamentos que a igreja de Riverside já está reservada para todos os sábados do mês. Imagina, oito meses antes. De qualquer maneira, 9 de Junho é uma sexta-feira. Isso incomoda-te?

— Sexta-feira, sábado... não me incomoda nada. Eu sou uma pessoa fácil.

— Fabuloso. Na verdade, eu preferia o sábado, porque é tradicional e mais fácil para os convidados, mas a realidade é que a opção não está disponível.

— Hei, Miguel! — chamou Jack. — Que tal acabares de lavar esses intestinos? Seria bom que esse trabalho não demorasse uma eternidade.

— Já terminei, Dr. Stapleton. Estou só à espera que venha espreitar. — Está bem! — disse Jack simplesmente, algo embaraçado por presumir que o técnico estava a escutar a conversa. Depois, voltou-se para Laurie e disse: — Desculpa, mas tenho de continuar o trabalho.

— Não há problema — disse Laurie. Foi atrás dele até ao lavatório. Miguel entregou-lhe os intestinos, que tinham sido abertos no sentido do comprimento e em seguida muito bem lavados para expor a superfície da mucosa.

— Hoje descobri mais uma coisa — disse Laurie. — E queria partilhá-la contigo.

— Conta lá — disse Jack, enquanto começava a examinar metodicamente o sistema digestivo, iniciando a observação no esôfago e continuando para sul.

— Sabes que nunca me senti particularmente confortável no teu apartamento, principalmente porque o edifício parece uma pocilga. Jack vivia num terceiro andar sem elevador, num prédio delapidado na Rua Cento e Seis, em frente ao parque infantil do bairro, cuja remodelação tinha financiado. Devido a uma crença persistente de que não merecia ter conforto, vivia significativamente abaixo das suas posses. Porém, a presença de Laurie tinha alterado a equação.

— Não é minha intenção magoar os teus sentimentos em relação a isto — continuou Laurie. — Mas, com a aproximação do casamento, temos de refletir um pouco sobre o sítio onde vamos viver. Por isso, tomei a liberdade de procurar saber quem é o proprietário do imóvel, informação que a empresa de gestão de condomínios para onde envias o cheque da renda teve relutância em divulgar. De qualquer maneira, descobri quem são os proprietários e entrei em contato com eles para saber se estariam interessados em vender. E sabes que mais? Estão, desde que seja comprado "no estado em que está". Acho que isso levanta algumas possibilidades interessantes. Que é que te parece?

Enquanto Laurie falava, Jack tinha parado de examinar os intestinos que tinha nas mãos, e naquele momento voltou-se para ela.

— Planos de casamento sobre a mesa de autópsias e agora problemas práticos sobre o lavatório dos intestinos. Não achas que este poderá não ser o melhor lugar para termos esta conversa?

— Só soube há alguns minutos e fiquei excitadíssima para te contar, para que possas pensar sobre o assunto.

— Maravilhoso — disse Jack, reprimindo uma vontade quase irresistível de ser mais sarcástico. —

Missão cumprida. Mas que me dizes à idéia de discutirmos a compra e, presumo, a renovação de uma casa à frente de um copo de vinho e de uma salada de rúcula num ambiente um pouco mais apropriado? — É uma idéia maravilhosa — disse Laurie, feliz. — Vemo-nos no apartamento.

Dito isto, virou-se e saiu.

Jack continuou a olhar para a porta do corredor durante vários segundos depois de ela se ter fechado.

— É bestial vocês irem casar — comentou Miguel para quebrar o silêncio.

— Obrigado. Não é segredo, mas nem todos sabem. Espero que saibas respeitar isso.

— Não há problema, Dr. Stapleton. Mas devo dizer-lhe, por experiência própria, que o casamento muda tudo.

— Tens toda a razão — disse Jack. Também o sabia por experiência própria.

Boston, Massachusetts Segunda-feira, 5 de Junho de 2006 9:35

— Todos de pé — ordenou o oficial de diligências ao sair da sala do juiz. Segurava um bastão branco. O juiz surgiu imediatamente atrás do funcionário, envolto numa larga toga preta. Era um afro-americano forte, com papada, cabelos cinzentos e esquisitos e bigode. Os seus olhos escuros e intensos observaram rapidamente o seu feudo enquanto subia os dois degraus para o seu lugar com um andar enérgico e deliberado. Ao chegar à cadeira, virou-se para olhar para a sala, emoldurado pela bandeira americana à sua direita e pela bandeira do Estado do Massachusetts à esquerda, ambas encimadas por águias. Com a reputação de equidade e um profundo conhecimento das leis, mas com tendência para se irritar facilmente, era a personificação da autoridade firme. Para realçar a sua estatura, uma tira concentrada de forte luz do sol penetrava no cimo das persianas corridas ao longo das janelas metálicas e caía sobre a sua cabeça e ombros, conferindo um brilho dourado aos seus contornos, como se fosse um deus pagão num quadro clássico.

— Está aberta a sessão — continuou o oficial de diligências no seu tom de barítono com sotaque de Boston. — Todas as pessoas que tenham algum assunto a tratar perante o meritíssimo juiz do Tribunal Superior agora em sessão em Boston e no distrito de Suffolk aproximem-se, inscrevam-se e serão ouvidos. Deus proteja o Estado do Massachusetts. Podem sentar-se.

A fazer lembrar o efeito da conclusão do hino nacional num evento desportivo, a ordem final do oficial de diligências suscitou um murmúrio de vozes enquanto todos os presentes na Sala de Audiências 314 ocupavam os seus lugares. O juiz reordenou os papéis e os jarros de água à sua frente e o escrivão, sentado numa secretária diretamente por baixo da tribuna, declarou em voz alta:

— Os herdeiros de Patience Stanhope et ai. contra o Dr. Craig Bowman. Preside o honorável juiz Marvin Davidson.

Com um movimento estudado, o juiz abriu um estojo e colocou os seus óculos para ler sem aros, posicionando-os quase na ponta do nariz. Em seguida, olhou por cima dos óculos para a mesa da acusação e disse:

— Os advogados que se identifiquem para constar do registo. — Ao contrário do oficial de diligências, não tinha sotaque e a sua voz situava-se na área dos graves.

— Anthony Fasano, Meritíssimo — declarou rapidamente o advogado do queixoso, com um sotaque não muito diferente do do oficial de diligências, enquanto se soerguia da cadeira, como se tivesse um peso muito grande nos ombros. — Mas quase toda a gente me chama Tony. — Apontou em primeiro lugar para a sua direita. — Estou aqui em representação do queixoso, o Sr. Jordan Stanhope. — Em seguida, apontou para a esquerda. — Ao meu lado encontra-se a minha nobre colega, a Dra. Renee Relf. Feitas as apresentações sentou-se rapidamente, como se fosse demasiado tímido para estar sob a mira de todos os olhares.

Os olhos do juiz Davidson moveram-se lateralmente para a mesa da defesa.

— Randolph Bingham, Meritíssimo — declarou o advogado de defesa. Em contraste com o advogado de acusação, falava lentamente, realçando cada sílaba num tom de voz suave. — Estou a representar o Dr. Craig Bowman e acompanha-me o Dr. Mark Cavendish.

— E presumo que estão todos prontos para começar — declarou o juiz Davidson.

Tony limitou-se a acenar em sinal de concordância, mas Randolph levantou-se novamente.

— Existem algumas moções para ser apresentadas ao tribunal — disse ele.

O juiz olhou furiosamente para Randolph durante uma fração de segundo para sugerir que não gostava que lhe recordassem as moções preliminares. Baixou os olhos e levou o dedo indicador à língua antes de folhear os papéis que tinha nas mãos. Os seus movimentos sugeriam que estava vexado, como se o comentário de Randolph tivesse despertado o célebre desprezo que sentia pelos advogados em geral. Aclarou a garganta antes de dizer: — Moções de rejeição recusadas. O tribunal também pensa que nenhuma das testemunhas ou provas propostas é demasiado gráfica ou demasiado complexa a ponto de impedir a compreensão dos jurados. Consequentemente, todas as moções preliminares são recusadas. — Ergueu o olhar e fixou novamente Randolph, como se dissesse "Toma lá!" antes de se voltar para o oficial de diligências. — Traga o painel de jurados. Temos trabalho para fazer. — Também era conhecido como um juiz que gostava de despachar as coisas.

Como se todos estivessem à espera daquela deixa, levantou-se um murmúrio entre os espectadores que estavam na sala de audiências. No entanto, não houve muito tempo para conversas. O meirinho tirou rapidamente dezesseis nomes e o oficial de diligências foi buscá-los. Passados alguns minutos, as dezasseis pessoas foram escoltadas para a sala. O grupo estava quase equitativamente dividido entre sexos e, embora fossem, na maioria, caucasianos, as outras minorias também estavam representadas. Aproximadamente três quartos estavam vestidos de forma adequada e respeitosa, sendo metade homens ou mulheres de negócios. Os restantes vestiam uma mistura de T-shirts, camisolas de manga comprida, calças de ganga, sandálias e roupas largas, algumas das quais tinham de ser puxadas constantemente para não caírem. Alguns dos jurados experientes traziam material de leitura, essencialmente jornais e revistas, embora uma senhora mais velha tivesse um livro de capa dura. Alguns mostravam-se intimidados com o que os rodeava, outros ostensivamente desdenhosos, enquanto o grupo se dirigia para a zona reservada ao júri e se sentava.

O juiz Davidson fez uma curta introdução, durante a qual agradeceu o serviço dos possíveis jurados e lhes disse como aquele trabalho era importante, uma vez que teriam a missão de analisar fatos. Descreveu resumidamente o processo de seleção, sabendo que todos tinham sido informados dos critérios na sala do júri. Em seguida, começou a fazer uma série de perguntas para determinar a aptidão, na esperança de descobrir os jurados com preconceitos particulares que pudessem ser prejudiciais quer para o queixoso quer para o arguido. Insistiu que o objetivo era que fosse feita justiça.

"Está-se mesmo a ver", disse Craig Bowman para si mesmo. Respirou fundo e mexeu-se no assento. Ainda não tinha percebido até que ponto estava tenso. Levantou as mãos, que estavam apertadas no colo, e pousou-as em cima da mesa, inclinando-se para a frente apoiado nos antebraços. Abriu os dedos e estendeu-os totalmente, sentindo mais do que ouvindo os estalidos das articulações queixosas. Por ordem específica do advogado, Randolph Bingham, que estava sentado imediatamente à sua direita, usava um dos seus fatos cinzentos mais conservadores, camisa branca e gravata.

Também devido a ordens específicas do advogado, Craig mantinha uma expressão facial neutra, por muito difícil que fosse numa situação tão humilhante. Tinha sido aconselhado a agir de forma digna, respeitosa (o que quer que isso significasse) e humilde. Devia evitar parecer arrogante e zangado. Não parecer zangado era a parte difícil, uma vez que estava furioso com toda aquela história. Também tinha sido aconselhado a atrair os jurados, a olhá-los nos olhos, a considerá-los conhecidos e amigos. Craig riu-se sarcasticamente para si próprio enquanto os seus olhos perscrutavam os possíveis jurados. A ideia de que eram seus pares não passava de uma piada de mau gosto. Os seus olhos detiveram-se numa mulher com aspecto de sem-abrigo, de cabelos louros oleosos que realçavam ainda mais o seu rosto pálido e deslavado. Usava uma camisola de manga comprida Patriots demasiado grande, cujos braços eram tão compridos que apenas as pontas dos dedos eram visíveis quando ela afastava continuamente os cabelos da frente do rosto, desviando-o para os lados para poder ver.

Craig suspirou. Os últimos oito meses tinham sido um verdadeiro inferno. Quando recebera a intimação,

no Outono anterior, tinha adivinhado que o caso ia ser mau, mas estava a ser pior do que ele tinha imaginado. Primeiro, os interrogatórios que espiolharam todos os recessos da sua vida. Os depoimentos foram ainda piores.

Inclinando-se para a frente, Craig olhou Tony Fasano na mesa da acusação. Havia muito poucas pessoas de quem Craig não gostava na sua vida, mas nunca odiara tanto alguém como passara a odiar Tony Fasano. Até a sua aparência e a forma como vestia, com o moderno fato de seda cinzento, camisa preta, gravata preta e jóias volumosas, aumentavam a sua aversão pelo homem. Para Craig, Tony Fasano, com o seu aspecto de mafioso, era o estereótipo sórdido do advogado danos pessoais moderno, sempre a correr atrás de cada ambulância para ganhar uns tostões à custa de infelicidade de alguém, arrancando milhões às relutantes e ricas companhias de seguros. Para nojo de Craig, Tony até tinha uma página na Internet onde enaltecia as suas façanhas, não se importando com o fato de, com isso, poder arruinar a vida de um médico.

Os olhos de Craig voltaram-se para o perfil aristocrático de Randolph enquanto o advogado se concentrava no procedimento de escolha dos jurados. Randolph tinha um nariz ligeiramente aquilino e comprido, não muito diferente do de Tony, mas o efeito era totalmente oposto. Enquanto Tony olhava para as pessoas por baixo das sobrancelhas escuras e farfalhudas, com o nariz a apontar para baixo a esconder uma curva cruel dos lábios, Randolph mantinha o nariz direito, talvez levemente elevado, e olhava as pessoas que estavam à sua volta com o que alguns poderiam considerar um leve desdém. E em contraste com os lábios cheios de Tony, que ele molhava frequentemente com a língua enquanto falava, a boca de Randolph era uma linha fina e precisa, quase sem lábios, e quando ele falava a língua era praticamente invisível.

Em resumo, Randolph era o epítome do brâmane experiente de Boston, enquanto Tony era o jovem palhaço e arruaceiro do recreio. No começo, Craig tinha ficado contente com o contraste, mas agora, ao olhar para os possíveis jurados, não conseguia deixar de perguntar a si mesmo se a personalidade de Tony criaria mais empatia e teria mais influência. Esta nova preocupação aumentou a inquietação de Craig.

E havia muitos motivos para se sentir inquieto. Não obstante as garantias de Randolph, o caso não estava a correr bem. De realçar que, em essência, o tribunal estatutário já tinha deliberado a favor do queixoso ao decidir, após ouvir os testemunhos, que havia indícios suficientes de negligência devidamente substanciada para que o caso pudesse ir a julgamento. Como corolário, não havia necessidade de o requerente, Jordan Stanhope, pagar para entrar com o processo em tribunal.

O dia em que soube aquela notícia foi o mais negro de todo o período que antecedeu o julgamento e, sem ninguém saber, tinha contemplado a hipótese de suicídio pela primeira vez em toda a sua vida. Claro que Randolph lhe veio com a mesma conversa irritante que Craig tinha ouvido inicialmente; entre outras coisas, que não devia tomar uma pequena derrota demasiado a peito. Porém, como poderia ele não levar aquela notícia a peito, se a decisão tinha sido tomada por um juiz, um advogado e um médico seu colega? Não eram pessoas sem a escolaridade obrigatória nem operários; eram profissionais, e o fato de pensarem que ele tinha sido negligente, o que significava que tinha prestado cuidados abaixo da média, foi um golpe mortal para o sentido de honra e integridade pessoal de Craig. Ele tinha literalmente dedicado a sua vida inteira a tornar-se o melhor médico que podia ser, e conseguira-o, como provavam as notas extraordinárias na faculdade de medicina, as avaliações extraordinárias durante o internato numa das instituições mais cobiçadas do país e até a oferta feita por um gigante no campo da medicina clínica para fazer parte do consultório onde trabalhava atualmente. Porém, aqueles profissionais estavam a chamar-lhe carniceiro. Num sentido muito real, toda a imagem do seu valor e auto-estima tinha sido minada e estava agora em risco.

Outros acontecimentos para além da decisão do tribunal tinham toldado seriamente o horizonte. No começo de tudo, antes mesmo de os interrogatórios serem concluídos, Randolph tinha aconselhado

energicamente Craig a envidar todos os esforços no sentido de se reconciliar com a mulher, Alexis, desistir do apartamento recreativo no centro da cidade (como Randolph se lhe referira) e mudar novamente para a casa da família em Newton. Randolph estava convencido de que o novo estilo de vida relativamente descontraído (palavras do advogado) não seria bem visto pelo júri. Disposto a dar ouvidos a conselhos experientes, ainda que mortificado com a dependência que isso representava, Craig tinha seguido as recomendações à risca. Ficara satisfeito e agradecido por Alexis estar disposta a deixá-lo voltar, ainda que tivesse de dormir no quarto de hóspedes, e por tê-lo apoiado solidariamente, como evidenciava o fato de estar sentada na zona reservada ao público naquele preciso momento. Reflexivamente, Craig virou-se e fitou Alexis nos olhos. Ela estava vestida num estilo profissional descontraído, como o que usava para trabalhar como psicóloga no Hospital Boston Memorial, com uma blusa branca e um casaco de malha azul. Craig conseguiu esboçar um sorriso amarelo, e ela retribuiu com um semelhante.

Craig concentrou-se de novo na escolha dos jurados no momento em que o juiz massacrava um contabilista desleixado que pretendia ser dispensado por motivos profissionais, alegando que os clientes não podiam passar sem ele durante a semana que duraria o julgamento, pois era esse o tempo que o juiz estimava que o procedimento demoraria, tendo em conta a lista de testemunhas, a maioria das quais pertenciam à lista do advogado de acusação. O juiz Davidson foi impiedoso quando disse ao homem o que pensava do seu sentido de responsabilidade civil, mas a seguir dispensou-o. Foi chamado um substituto, que fez o juramento, e o processo continuou.

Graças à generosidade pessoal de Alexis, que Craig atribuiu em primeiro lugar à sua maturidade e em segundo ao seu treino como psicóloga, as coisas tinham corrido razoavelmente bem em casa durante os últimos oito meses. Craig estava consciente de que teria sido intolerável se Alexis tivesse decidido comportar-se como ele se comportaria, quase de certeza, se a situação fosse a inversa. Da sua atual posição estratégica, Craig percebeu que o seu pseudo "despertar" não passava de uma tentativa juvenil de ser uma pessoa que não era. Tinha nascido para ser médico, o que era uma vocação para toda a vida, e não um brâmane do jet-set. Na verdade, a mãe extremosa tinha-lhe oferecido o primeiro estojo de médico quando ele tinha quatro anos e recordava-se de consultar a mãe e o irmão mais velho com uma seriedade precoce que pressagiava o seu talento clínico. Embora na universidade e mesmo nos primeiros anos na faculdade de medicina sentisse que a sua vocação estava essencialmente voltada para a investigação médica, mais tarde viria a perceber que tinha um dom inerente para o diagnóstico clínico, o que impressionava os seus superiores e, por isso mesmo, lhe agradava. Quando terminou o curso de medicina, soube que seria um clínico interessado na investigação e não o contrário.

Embora Alexis e as duas filhas mais novas - Meghan, de onze anos, e Christina de dez, tivessem perdoado e, aparentemente, compreendessem, no caso de Tracy a história tinha sido muito diferente. Aos quinze anos e na agonia da adolescência, tinha-se recusado aberta e persistentemente a perdoar Craig por este ter abandonado a família durante seis meses. Em consequência disso, houvera alguns episódios de rebeldia com uso de drogas, violação descarada da hora de voltar para casa e até saídas furtivas de casa durante a noite. Alexis estava preocupada, mas, uma vez que tinha uma comunicação aberta com a rapariga, sentia-se razoavelmente confiante de que Tracy acabaria por acalmar. Tendo em conta as circunstâncias, Alexis pediu a Craig para não interferir. Craig obedeceu de bom grado, uma vez que em circunstâncias normais não faria a mínima ideia de como lidar com a situação e agora estava intelectual e emocionalmente preocupado com o seu próprio desastre.

O juiz Davidson recusou dois potenciais jurados com justa causa. Um deles era abertamente hostil a companhias de seguros e pensava que elas estavam a roubar o país: portanto, sayonara. Outro tinha um primo que trabalhara no consultório anterior de Craig e ouvira dizer que ele era um médico maravilhoso. Vários outros candidatos ajurados foram dispensados quando os advogados começaram a usar algumas das suas provocações peremptórias, incluindo um executivo bem vestido que foi dispensado por Tony e

um jovem afro-americano vestido ao melhor estilo do hip-hop. Foram chamados mais quatro candidatos do leque de convocados e todos prestaram juramento. As perguntas continuaram.

Ter de suportar a animosidade de Tracy magoara Craig, mas isso não fora nada quando comparado com os problemas que tivera com Leona. Como a amante desprezada, a rapariga tornara-se vingativa, especialmente quando descobrira que teria de procurar outro apartamento para morar. A sua atitude agressiva criara problemas no consultório e Craig ficara encurralado entre a espada e a parede. Não podia despedi-la com receio de um processo por discriminação sexual em cima do problema de negligência médica, por isso fora obrigado a lidar com ela o melhor possível. Não fazia ideia da razão por que ela não tinha tomado a iniciativa de se demitir, pois havia uma verdadeira guerra aberta entre ela e o duo Marlene e Darlene. Havia uma nova crise todos os dias, com Marlene e Darlene a ameaçarem demitir-se. Todavia, Craig não podia permitir que isso acontecesse, pois precisava delas mais do que nunca. Estava muito fragilizado, emocional e fisicamente, devido ao processo judicial e tornara-se quase impossível exercer medicina. Não conseguia concentrar-se e via todos os pacientes como potenciais litigantes. Praticamente desde o dia em que fora intimado, sofria de ataques recorrentes de ansiedade no plano físico, o que agravava o seu hipersensível sistema digestivo, provocando-lhe azia e diarreia. Para complicar tudo, havia a insónia que o obrigava a tomar comprimidos e o fazia sentir-se cansado e não revigorado quando acordava. Globalmente, estava um farrapo. A única parte boa era que, graças à falta de apetite, não recuperara o peso que tinha perdido com as idas ao ginásio. Por outro lado, o rosto voltara a ser pálido e flácido como antigamente, o que agora tinha ainda pior aspecto devido aos olhos encovados e escurecidos por olheiras.

Por muito venenoso que fosse o comportamento de Leona no consultório para complicar a vida de Craig, isso era suplantado pelo seu empenhamento no processo de negligência médica. O primeiro sinal de problemas surgiu quando ela apareceu na lista de testemunhas de Tony Fasano. Até que ponto isso ia ser mau tornou-se evidente no seu depoimento, que foi um momento doloroso para Craig, já que foi obrigado a testemunhar a intensidade do ressentimento de Leona, que culminou a humilhação com a descrição trocista das suas fracas prestações na cama.

Antes do inquérito, Craig tinha confessado a Randolph os pormenores do caso amoroso com Leona para que Randolph soubesse o que esperar e que perguntas fazer. Também o avisara de que tinha sido irresponsavelmente tagarela a respeito dos seus sentimentos pela falecida na tarde em que recebera a intimação, mas bem podia ter-se poupado a esse trabalho. Quer fosse por despeito, quer apenas por ter boa memória, Leona tinha recordado quase tudo o que Craig dissera acerca de Patience Stanhope, incluindo que ele odiava a mulher, chamando-lhe cabra hipocondríaca, e a sua asserção de que o seu falecimento tinha sido uma bênção para toda a gente. Depois daquelas revelações, o otimismo crônico de Randolph em relação ao resultado final do processo tinha sofrido um rude golpe. Quando ele e Craig deixaram o escritório de Fasano no segundo andar de um edifício em Hanover Street, na zona norte de Boston, o advogado estava ainda mais taciturno e constrangido do que de costume.

— Ela não vai ser nada benéfica para o meu caso, pois não? — perguntara Craig, com a esperança vã de que os seus medos fossem infundados.

— Espero que esta seja a única surpresa que tem para mim — respondera Randolph. — O seu palavreado conseguiu transformar este caso numa luta difícil. Por favor, garanta-me que não falou desta forma lamentável com mais ninguém.

— Não falei.

— Graças a Deus!

Ao entrarem para o carro de Randolph, Craig tinha percebido que desprezava a atitude superior do advogado, embora mais tarde viesse a compreender que o que detestava era a dependência que o ligava a ele. Craig fora sempre uma pessoa independente e até agora tinha tido competência para lutar sozinho contra os obstáculos que surgiam no seu caminho. Agora, não podia fazê-lo sozinho. Precisava de

Randolph. Ao longo dos meses que tinham antecedido o julgamento, os sentimentos de Craig para com Randolph cresciam e diminuía dependendo da evolução positiva ou negativa do caso.

Craig apercebeu-se de um arquejo de descontentamento de Randolph quando Tony usou a sua última prerrogativa para dispensar o administrador de um lar, um homem muito bem vestido. O dedo elegante de Randolph bateu com desagrado no bloco de apontamentos de folhas amarelas. Aparentemente para se vingar, recusou o vagabundo da camisola demasiado grande. Mais dois indivíduos foram então chamados do grupo de possíveis jurados, fizeram o juramento e as perguntas continuaram.

Inclinado para o advogado, Craig sussurrou que precisava de ir à casa de banho. O seu cólon hipervigilante estava a responder à sua ansiedade. Randolph tinha-lhe garantido que não haveria problema e que bastaria indicar a necessidade, como estava a fazer agora. O advogado acenou em sinal de compreensão e Craig empurrou a cadeira para trás. Era humilhante sentir todos os olhares postos em si enquanto saía da sala. A única pessoa que olhou foi Alexis. Evitou o contato visual com todos os outros na sala.

A casa de banho dos homens era antiquada e tresandava a urina velha. Craig não perdeu tempo a entrar num cubículo para evitar qualquer contato com diversos homens com a barba por fazer e aspecto suspeito que estavam junto aos lavatórios a conversar em voz baixa. Com as paredes com graffiti, o chão de mosaicos de mármore estragados e o odor desagradável, a casa de banho dos homens pareceu-lhe simbólica da sua vida atual, e com o sistema digestivo a comportar-se daquela maneira, teve medo de se ver obrigado a fazer visitas frequentes àquele lugar horrível durante o julgamento.

Com um pedaço de papel higiénico, limpou a tampa da sanita. Já sentado, pensou de novo no depoimento de Leona que, apesar de ter sido talvez o pior depoimento no sentido do potencial impacto no resultado do caso, não tinha sido o pior de um ponto de vista puramente emocional. Aquela honra dúbia pertencia ao seu próprio depoimento e ao dos peritos de Tony Fasano. Para espanto de Craig, a acusação não tivera dificuldade para conseguir especialistas locais dispostos a testemunhar, e a lista era impressionante. Eram todas pessoas que conhecia, que admirava e que o conheciam. Em primeiro lugar, foi ouvido o depoimento da cardiologista que tinha ajudado na tentativa de reanimação. Chamava-se Dra. Madeline Mardy. Seguiu-se o Dr. William Tardoff, chefe de cardiologia no Hospital Newton Memorial e por fim, e mais perturbador para Craig, o depoimento do Dr. Herman Brown, chefe de cardiologia do Hospital Boston Memorial e catedrático da cadeira de cardiologia na Faculdade de Medicina de Harvard. Todos declararam que os primeiros minutos após um ataque cardíaco eram os mais cruciais em termos de sobrevivência. Todos concordaram que era absolutamente essencial levar o paciente para um hospital o mais depressa possível e que qualquer atraso era inadmissível. Todos discordaram da ideia de fazer uma consulta em casa do paciente perante a suspeita de um enfarte do miocárdio, mas Randolph fê-los declarar a todos que Craig não tinha a certeza do diagnóstico da paciente antes de chegar à sua cabeceira. Randolph também tinha conseguido que dois deles declarassem, para que constasse dos autos, que estavam impressionados com a disponibilidade de Craig para fazer uma consulta domiciliária fosse qual fosse o diagnóstico.

Randolph não tinha ficado tão perturbado como Craig com os depoimentos dos especialistas e não se deixara desmoralizar. Mas Craig ficou muito incomodado com aquelas declarações porque aqueles médicos eram colegas respeitados. Interpretou a disposição de testemunharem a favor do queixoso como uma crítica declarada à sua reputação como médico. Isto aplicava-se particularmente ao Dr. Herman Brown, que tinha sido seu professor na faculdade de medicina e seu orientador durante o internato. A sua crítica e desaprovação deixaram Craig de rastos, especialmente porque o mesmo indivíduo o tinha apreciado tanto quando ele era estudante de medicina. Para piorar as coisas, Craig não tinha conseguido arranjar nenhum colega que se dispusesse a testemunhar a seu favor.

Por muito perturbadores que Craig tivesse achado os depoimentos dos peritos, o seu depoimento tinha sido muito pior. Fora a experiência mais penosa e alarmante de toda a sua vida até à data, especialmente

porque Tony Fasano tinha estendido as perguntas durante dois dias esgotantes como uma espécie de flibusteiro. Randolph tinha antecipado até certo ponto as dificuldades de Craig e tentara dar-lhe instruções. Aconselhara Craig a hesitar devidamente antes de responder a uma dada pergunta, a demorar algum tempo a responder, a pensar nas implicações da pergunta antes de dar uma resposta, a não oferecer nada que não tivesse sido perguntado e, acima de tudo, a não parecer arrogante e a não se envolver em discussões. Dissera que não podia ser mais específico, uma vez que nunca tinha trabalhado contra Tony Fasano no passado. Tanto quanto sabia, era a primeira incursão de Tony no campo da negligência médica, que se afastava um pouco da sua especialidade, que eram os acidentes pessoais.

O depoimento tinha decorrido no elegante escritório de Randolph no número cinquenta de State Street, com uma vista arrebatadora sobre o porto de Boston. Inicialmente, Tony tinha sido razoável, não muito agradável mas certamente não hostil. Aquela era a personagem do animador do recreio. Até tinha insistido em contar algumas piadas informais, embora só o escrivão do tribunal se risse. Porém, o animador depressa desapareceu para dar lugar ao arruaceiro. Quando começou a massacrar e a fazer acusações sobre a sua vida profissional e particular com pormenores humilhantes, as fracas defesas de Craig começaram a ceder. Randolph objetava quando podia, até tentou sugerir um intervalo por diversas vezes, mas Craig tinha chegado ao ponto em que não dava ouvidos a nada. Apesar de ter sido avisado contra a fúria descontrolada, tinha ficado muito, muito zangado e começara a violar todos os avisos e a ignorar todas as recomendações de Randolph. A pior troca de palavras tinha ocorrido ao princípio da tarde do segundo dia. Embora Randolph tivesse reforçado os avisos contra perder o controlo durante o almoço e Craig promettesse seguir os seus conselhos, caiu rapidamente na mesma armadilha sob o ataque devastador das alegações absurdas de Tony.

— Espere um segundo! — lançara Craig. — Deixe-me dizer-lhe uma coisa.

— Faça o favor — retorquira Tony. — Sou todo ouvidos.

— Cometi alguns erros na minha vida profissional. Todos os médicos cometem. Mas Patience Stanhope não foi um deles! Nem pensar!

— A sério? — perguntara Tony desdenhosamente. — Que é que quer dizer com "erros"?

— Acho que devíamos fazer um intervalo — dissera Randolph, a tentar intervir.

— Não preciso de porcaria de intervalo nenhum — gritara Craig. — Quero que este anormal perceba por um segundo o que é ser médico: estar na linha da frente com pessoas doentes e com hipocondríacos.

— Mas o nosso objetivo não é educar o Dr. Fasano — replicara Randolph. — Não importa aquilo em que ele acredita.

— Erros são quando fazemos uma coisa estúpida — continuara Craig, ignorando Randolph e inclinándose para a frente para aproximar o rosto do de Tony — como poupar trabalho quando estamos exaustos e temos mais dez pacientes para consultar ou nos esquecemos de pedir um exame quando sabemos que é indicado porque entretanto tivemos uma emergência.

— Ou fazer uma estúpida consulta domiciliária em vez de ir ao encontro da paciente no hospital para poder chegar ao concerto a horas?

O som da porta exterior da casa de banho dos homens a fechar-se com força trouxe Craig de volta ao presente. Esperando que o seu intestino permanecesse quieto durante o resto da manhã, Craig terminou o que estava a fazer, vestiu novamente o casaco e saiu para lavar as mãos. Ao mesmo tempo, contemplou-se ao espelho. Estremeceu ao ver o seu reflexo. A sua aparência era agora pior do que quando começara a frequentar o ginásio e, com o julgamento a decorrer, não via grandes hipóteses de melhorar num futuro próximo. Depois do depoimento, não precisara que Randolph lhe dissesse que se tinha comportado de uma forma horrível. Na verdade, Randolph tinha sido gracioso ao ponto de dizer que precisariam de treinar antes de ele depor no julgamento.

Depois de Tony sair do escritório de Randolph, Craig tinha puxado o advogado para o lado e olhara-o nos olhos.

— Quero que saiba uma coisa — dissera ele insistentemente. — Cometi erros, como disse ao Fasano, embora tenha feito tudo o que estava ao meu alcance para ser um bom médico. No entanto, não cometi um erro com a Patience Stanhope. Não houve negligência médica.

— Eu sei — respondera Randolph. — Acredite que compreendo a sua frustração e a sua dor e prometo-lhe que, aconteça o que acontecer, vou fazer todos os possíveis para convencer o júri do mesmo.

De novo na sala de audiências, Craig sentou-se no seu lugar. A seleção do júri estava concluída e os jurados tinham sido registados. O juiz Davidson estava a dar-lhes algumas instruções iniciais, incluindo que teriam de desligar os telemóveis, e a explicar-lhes o processo cível que estavam prestes a testemunhar. Disse-lhes que eles e apenas eles seriam os julgadores de fato no caso, o que significava que decidiriam sobre os assuntos factuais. Declarou que no final do julgamento os elucidaria sobre os aspectos legais, pois era a sua função. Agradeceu uma vez mais os seus serviços antes de olhar para Tony Fasano por cima dos óculos.

— A acusação está pronta? — perguntou o juiz Davidson. Já tinha explicado ao júri que o julgamento começaria com as alegações iniciais do advogado de acusação.

— Um momento, Meritíssimo — disse Tony. Inclinou-se e conversou em sussurros com a sua assistente, a Dra. Relf. Ela acenou afirmativamente enquanto escutava e depois entregou-lhe uma pilha de cartões de notas.

Durante o curto intervalo, Craig tentou começar a cativar o júri, como Randolph tinha recomendado, olhando para cada um dos jurados na esperança de estabelecer contato visual. Ao fazê-lo, esperou que a sua expressão não refletisse o que lhe ia no pensamento. Na melhor das hipóteses, a ideia de que aquele díspar grupo de leigos representava os seus pares parecia absurda. Havia um despreocupado bombeiro que vestia uma T-shirt imaculadamente branca sobre músculos bem desenvolvidos. Um grupo de donas de casa que pareciam eletrificadas com toda a experiência. Havia também uma professora reformada com cabelos azuis que parecia a imagem que todos faziam de uma avó. Um auxiliar de canalizador com excesso de peso, com calças de ganga e uma T-shirt suja, tinha um pé empoleirado na primeira grade do corrimão do banco dos jurados. Ao seu lado, em forte contraste, encontrava-se um jovem bem vestido com um lenço escarlate no bolso do peito de um casaco de linho castanho-claro. Uma enfermeira afetada de ascendência asiática sentava-se ao lado, com as mãos entrelaçadas no colo. A seguir estavam dois pequenos executivos de fatos de poliéster que pareciam claramente entediados. Um corretor consideravelmente mais bem sucedido sentava-se na fila de trás, diretamente atrás dos executivos.

Craig sentiu um desespero crescente à medida que os seus olhos percorreram os indivíduos, um após outro. Com exceção da enfermeira asiática, nenhum dos jurados quis estabelecer contato visual com ele, nem sequer por breves instantes. Reconheceu que havia muito poucas probabilidades de alguma daquelas pessoas, com exceção da enfermeira, fazer alguma ideia do que era ser médico no mundo atual. Qualquer otimismo que Craig sentisse em relação ao julgamento que ia ter início dissolveu-se como uma neblina matinal num dia de Verão. E quando combinou aquela realidade com o seu desempenho durante o depoimento, e com o testemunho esperado de Leona, e os testemunhos dos peritos da acusação, a possibilidade de um resultado favorável pareceu-lhe distante, na melhor das hipóteses. Era tudo muito deprimente, e no entanto não deixava de ser um fim adequado aos horríveis oito meses de ansiedade, desgosto, isolamento e insónia, gerada pela constante repetição mental de tudo o que tinha acontecido. Craig estava consciente de que a experiência o tinha afetado profundamente, roubando-lhe a auto-confiança, o sentido de justiça, a auto-estima e até a paixão pelo exercício da medicina. Sentado a olhar para os jurados, perguntou a si mesmo se, independentemente do resultado, alguma vez conseguiria voltar a ser o médico que tinha sido.

Boston, Massachusetts Segunda-feira, 5 de Junho de 2006 10:55

Tony Fasano agarrou as extremidades do pódio como se estivesse a segurar os comandos de um jogo de vídeo gigantesco. Os cabelos penteados para trás com gel tinham um brilho impressionante. O grande diamante no anel de ouro cintilava quando captava a luz do sol. Os botões de punho em ouro estavam completamente à vista. Apesar de ter uma estatura relativamente baixa, a forte constituição física conferia-lhe uma aparência formidável e a compleição robusta dava-lhe um ar saudável, em contraste com as paredes descoradas da sala de audiências.

Depois de pousar um mocassin com borlas no corrimão de ferro do pódio, Tony deu início às alegações iniciais:

— Senhoras e senhores do júri, quero expressar o meu agradecimento pessoal pelos vossos serviços que permitirão que se faça justiça para o meu cliente, Jordan Stanhope.

Tony interrompeu o discurso para olhar para Jordan, que se manteve impassível e imóvel, como um manequim. Estava impecavelmente vestido num fato escuro com um lenço branco recortado a espreitar do bolso do peito. As mãos cuidadas estavam entrelaçadas à sua frente, o semblante inexpressivo.

Tony olhou em volta e estabeleceu novamente contato visual com os jurados. O seu rosto assumiu uma expressão de perda.

— O Sr. Stanhope sofreu um desgosto profundo e quase não consegue fazer nada, após o lamentável e inesperado falecimento, há nove meses, de Patience Stanhope, a sua amorosa e atenciosa esposa e companheira de uma vida inteira. Uma tragédia que não precisava de ter acontecido, e que não teria tido lugar não fosse a lamentável negligência do cliente do meu colega advogado de defesa, o Dr. Craig M. Bowman.

Craig ficou reflexivamente tenso. Os dedos de Randolph apertaram-se prontamente em volta do antebraço do cliente, e ele inclinou-se para o médico.

— Controle-se! — sussurrou.

— Como é que aquele filho da mãe pode dizer uma coisa daquelas? — sussurrou Craig em resposta. — Pensei que o julgamento era para determinar isso mesmo.

— E é. Ele pode fazer a alegação. Admito que está a ser venenoso. Lamentavelmente, é o estilo dele.

— Agora — disse Tony, a apontar para o teto com o dedo indicador estendido — antes de vos apresentar, meus bons amigos, um mapa de como vou fundamentar o que acabei de dizer, gostaria de fazer uma confissão sobre mim mesmo. Não estudei em Harvard, como o meu distinto colega. Sou um simples rapaz do lado norte da cidade, e por vezes não falo assim tão bem.

O assistente de canalizador riu-se abertamente e os dois homens vestidos com fatos de poliéster esboçaram sorrisos.

— No entanto, esforço-me — acrescentou Tony. — E se vocês estão um pouco nervosos por estarem aqui, fiquem a saber que eu também estou.

As três donas de casa e a professora reformada sorriram ao ouvir a confissão inesperada de Tony.

— Agora, vou ser tão franco convosco, bons amigos — continuou Tony —, como fui com o meu cliente. Não tive muitos casos de negligência médica na minha carreira. Na verdade, é o meu primeiro caso.

O bombeiro musculoso sorriu e acenou uma aprovação perante a candura de Tony.

— Neste momento, devem estar a perguntar a vocês mesmos: por que é que este tipo aceitou o caso? Vou

dizer-vos porquê: para proteger os senhores, e a mim, e aos meus filhos, de pessoas como o Dr. Bowman. Leves expressões de surpresa registaram-se nos rostos da maioria dos jurados quando Randolph se levantou e ostentou toda a sua altura aristocrata.

— Protesto, Meritíssimo. O advogado de acusação está a ser inflamatório.

O juiz Davidson olhou para Tony por cima dos óculos com um misto de irritação e surpresa.

— Os seus comentários estão a ultrapassar os limites do decoro numa sala de audiências. Estamos numa arena de combate verbal, mas as regras estabelecidas são para ser seguidas. Fui bastante claro?

Tony ergueu por instantes as duas mãos carnudas acima da cabeça num gesto de súplica.

— Absolutamente, e peço desculpa ao tribunal. O problema é que, ocasionalmente, as emoções tomam conta de mim e este é um desses casos.

— Meritíssimo... — queixou-se Randolph, mas não terminou a frase. O juiz fez-lhe sinal para se sentar enquanto ordenava a Tony que prosseguisse com o devido decoro.

— Isto está a transformar-se rapidamente num circo — sussurrou Randolph enquanto se sentava. — Tony Fasano é um palhaço, mas um palhaço esperto.

Craig olhou para o advogado. Era a primeira vez que via uma fenda no glacial auto-domínio do homem. E o seu comentário era perturbador. Tinha um inquestionável elemento de admiração relutante.

Após um breve olhar aos cartões que estavam pousados no pódio, Tony retomou o discurso.

— Alguns de vocês podem perguntar-se porque é que casos como este não são decididos por doutos juizes e questionar porque é que têm de interromper as vossas vidas. Vou dizer-vos porquê. Porque vocês têm mais senso comum do que os juizes. — Tony apontou para cada jurado individualmente. Todos ouviam as suas palavras com muita atenção. — É verdade. Com todo o respeito, Meritíssimo — declarou Tony, levantando os olhos para o juiz. — Os seus bancos de memória estão atafalhados de leis e estatutos e todos os tipos de coisas legais, ao passo que estas pessoas... — voltou-se novamente para o júri — são capazes de ver os fatos. Pela experiência que tenho, isto é uma absoluta verdade. Se alguma vez me meter em sarilhos, quero um júri. Por quê? Porque vocês, com o vosso senso comum e a vossa capacidade intuitiva, conseguem ver através da névoa legal e perceber onde está a verdade.

Diversos jurados acenavam agora em sinal de concordância e Craig sentiu o coração a bater mais depressa e uma cólica a contrair-lhe os intestinos. O receio de Tony criar empatia com o júri parecia estar já a acontecer. Era sintomático de todo aquele lamentável caso. Precisamente quando pensava que as coisas não podiam piorar, elas pioravam.

— O que vou fazer — continuou Tony, gesticulando com a mão direita — é provar-vos quatro pontos básicos. Número um: através dos próprios empregados do Dr. Bowman, vou provar-vos que ele tinha um dever com a falecida. Número dois: com o testemunho de três peritos reconhecidos de três das melhores instituições da nossa cidade, mostrarei o que um médico razoável teria feito na circunstância em que a falecida se encontrava na noite do dia 5 de Setembro de 2005. Número três: com o testemunho do queixoso, de uma das funcionárias do médico e de um dos peritos que, por acaso, esteve envolvido neste caso, mostrarei como o Dr. Bowman falhou negligentemente não se comportando como um médico razoável deveria comportar-se. E, número quatro: como a conduta do Dr. Bowman foi a causa da triste morte da paciente. Em resumo, é isto.

A testa de Craig encheu-se de transpiração e de repente ele sentiu a garganta seca; precisava de ir à casa de banho, mas não se atreveu. Com uma mão embaraçosamente trémula, encheu o copo com água de um jarro que tinha à sua frente e bebeu um pouco.

— Agora, estamos novamente em terra firme — sussurrou Randolph.

Obviamente, não estava tão abalado como Craig, o que era algum consolo. No entanto, Craig sabia que havia mais.

— O que acabei de resumir — continuou Tony — é o âmago de um vulgar caso de negligência médica. É o que os advogados chiques e caros como o meu oponente gostam de chamar "prima facie" do caso. Eu

chamo-lhe o âmagô, ou o centro. Muitos advogados, como muitos médicos, gostam imenso de usar palavras que ninguém compreende, particularmente palavras em latim. Mas este caso não é um caso vulgar. É muito pior, e é por isso que estou tão empenhado nele. A defesa vai querer que vocês acreditem, e têm testemunhas para sugerir isso, que o Dr. Bowman é um médico ótimo, compassivo e caridoso, com uma família nuclear perfeita, mas a realidade não é essa.

— Protesto! — disse Randolph. — A vida particular do Dr. Bowman não está em causa. O advogado está a tentar desmoralizar o meu cliente.

O juiz Davidson baixou os olhos para Tony depois de tirar os óculos para ler.

— Está a afastar-se muito do assunto em questão, meu filho. A direção que está a tomar é relevante para esta alegação específica de negligência médica?

— Absolutamente, Meritíssimo. É crucial.

— Se não for, o doutor e o caso do seu cliente vão ficar em sérios apuros. Protesto indeferido. Continue.

— Obrigado, Meritíssimo — disse Tony, antes de voltar a concentrar-se nos jurados. — Na noite do dia 5 de Setembro de 2005, quando a vida de Patience Stanhope estava prestes a chegar ao fim, o Dr. Craig Bowman não estava na sua confortável e elegante casa em Newton com a sua querida família. Oh, não! Saberão por uma testemunha que era sua empregada e namorada que o doutor estava com ela no ninho de amor que tinham no centro da cidade.

— Protesto! — exclamou Randolph com uma intensidade pouco habitual nele. — Inflamatório e boato. Não posso permitir este tipo de linguagem.

Craig sentiu o sangue a subir-lhe ao rosto. Queria virar-se e olhar para Alexis, mas não teve coragem, não com a humilhação que estava a experimentar.

— Deferido! Sr. Advogado, faça o favor de se cingir aos fatos sem embelezamentos inflamatórios, até a testemunha depor.

— Claro, Meritíssimo. É difícil para mim conter a emoção.

— Se não se contiver, acuso-o de desrespeito ao tribunal.

— Compreendido — disse Tony. Olhou novamente para os jurados. — Vão ouvir testemunhos que comprovarão que o estilo de vida do Dr. Bowman tinha mudado dramaticamente.

— Protesto — disse Randolph. — Vida particular, estilo de vida... nada disto tem relevância para o assunto em questão. Trata-se de um julgamento por negligência médica.

— Santo Deus! — exclamou o juiz Davidson com frustração. — Senhores advogados, aproximem-se!

Randolph e Tony aproximaram-se obedientemente dos lados da tribuna do juiz, onde nenhum dos presentes na sala de audiências podia ouvi-los e, mais importante, para além do alcance auditivo do escrivão do tribunal e do júri.

— Por amor de Deus, a este ritmo o julgamento vai demorar um ano — queixou-se o juiz Davidson. — toda a minha agenda do mês vai ficar comprometida.

— Não posso permitir que esta farsa continue — queixou-se Randolph. — É prejudicial para o meu cliente.

— Estas interrupções fazem-me perder o raciocínio — queixou-se Tony.

— Cale-se. Não quero ouvir mais tretas e queixas de nenhum dos dois. Dr. Fasano, dê-me uma justificação para este desvio dos fatos médicos relevantes.

— Foi decisão do médico ir a casa da falecida fazer uma consulta em vez de concordar com o pedido do marido para a levar diretamente para o hospital, muito embora o doutor, como ele próprio testemunhará, suspeitasse de ataque cardíaco.

— E depois? — perguntou o juiz Davidson. — Presumo que o doutor respondeu à emergência sem atraso indevido.

— Estamos dispostos a estabelecer isso, mas o Dr. Bowman só começou a fazer consultas domiciliárias quando teve a sua crise de meia-idade, ou "despertar", como ele lhe chama, e quando se mudou para a

cidade com a amante. Os meus peritos vão testemunhar que o atraso provocado pela ida a casa de Patience Stanhope foi crítico para a sua morte.

O juiz Davidson refletiu sobre o que acabara de ouvir. Ao fazê-lo, pôs inconscientemente o lábio inferior na boca, de tal forma que o bigode desceu até ao meio do queixo.

— A motivação é irrelevante nos casos de negligência — argumentou Randolph. — A questão legal que está a ser debatida é se houve um desvio do padrão de cuidados que dê origem a indenização compensatória. A questão não é porquê.

— Geralmente tem razão, mas creio que o Dr. Fasano tem um argumento válido, desde que seja sustentado por testemunhos posteriores. Pode dizer que é inequívoco?

— Absolutamente — garantiu Tony, seguro.

— Nesse caso, caberá ao júri decidir. Protesto indeferido. Pode continuar, Dr. Fasano, mas devo adverti-lo contra a utilização de linguagem inflamatória.

— Obrigado, Meritíssimo.

Randolph voltou para o seu lugar, ostensivamente aborrecido.

— Vamos ter de aguentar a tempestade — disse ele. — O juiz permitiu a indiscrição invulgar de Fasano. O lado positivo é que vai ser benéfico para o recurso, se o caso acabar por ser decidido a favor do queixoso.

Craig acenou afirmativamente, mas o fato de Randolph mencionar pela primeira vez a possibilidade de um desfecho negativo aumentou o desânimo e pessimismo que sentia e que não paravam de crescer.

— Ora, onde diabo ia eu? — disse Tony depois de voltar para o pódio. Remexeu brevemente os cartões de notas, ajustou as mangas do casaco de seda para que os botões de punho aparecessem o suficiente e o relógio de ouro ficasse visível. Levantou os olhos. — No terceiro ano, descobri que era horrível a falar em público, e isso não mudou muito, por isso espero que me dêem algum desconto.

Vários jurados sorriram e acenaram em sinal de compreensão.

— Vamos provar que a vida profissional do Dr. Bowman mudou dramaticamente há quase dois anos. Antes disso, ele tinha essencialmente um consultório tradicional em que os seus honorários eram pagos consoante os serviços que prestava. Depois, mudou. Entrou e praticamente tomou conta de um bem sucedido consultório de concierge.

— Protesto! — disse Randolph. — Este julgamento não é sobre o estilo de consultório.

O juiz Davidson suspirou de frustração.

— Dr. Fasano, o estilo de consultório do Dr. Bowman está relacionado com o assunto de que falamos quando vos mandei aproximarem-se?

— Absolutamente, Meritíssimo.

— Protesto indeferido. Continue.

— Ora — disse Tony, concentrando-se nos jurados. — Estou a olhar para uma série de rostos interrogativos quando menciono o termo medicina de concierge. E sabem porquê? Porque existem muitas pessoas que não sabem o que é, incluindo eu próprio antes de aceitar este caso. Também se chama medicina com adiantamento e significa que os pacientes que querem fazer parte do consultório têm de desembolsar muita massa cada um e a cada ano. E em alguns consultórios é preciso mesmo muito dinheiro, mais de vinte mil dólares por pessoa, anualmente! Ora, o Dr. Bowman e o seu sócio quase reformado, o Dr. Ethan Cohen, não cobram tanto, mas cobram bastante. Como podem imaginar, este tipo de consultórios só pode existir em zonas ricas e sofisticadas como Palm Beach ou Naples, na Florida, ou Aspen, no Colorado.

— Protesto! — exclamou Randolph. — O tipo de medicina não está a ser julgado neste tribunal, Meritíssimo.

— Discordo, Meritíssimo — disse Tony, levantando os olhos para o juiz. — De certa forma, a medicina de concierge está a ser julgada.

— Nesse caso, relacione-a com o caso, Sr. Advogado — ordenou o juiz Davidson, irritado. — Protesto indeferido.

Tony olhou novamente para os jurados.

— Ora, que é que as pessoas num consultório de concierge obtêm em troca de toda a massa que pagam adiantada, para além de serem corridas do consultório e abandonadas se não pagarem? Vão ouvir testemunhos sobre o que supostamente obtêm. O que obtêm inclui acesso garantido ao médico vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, com a disponibilização dos seus números de telemóvel e endereço de e-mail e a garantia de que as suas consultas decorrem à hora marcada, coisas que eu penso que todas as pessoas deviam ter sem precisarem de pagar uma quota adiantada. Mas o mais importante de tudo em relação ao caso em questão é que têm a possibilidade de consultas domiciliárias sempre que for apropriado e conveniente.

Tony calou-se por alguns momentos para deixar que os seus comentários fossem entendidos.

— Durante o julgamento, vão ouvir testemunhos diretos de que na noite de 5 de Setembro de 2005 o Dr. Bowman tinha bilhetes para um concerto para si próprio e para a namorada que vivia com ele, enquanto a mulher e as queridas filhas estavam a limpar em casa. Uma vez que ele está novamente a viver no ninho familiar, adoraria ter a mulher dele como testemunha, mas não posso devido à confidencialidade conjugal. Ela deve ser uma santa.

— Protesto — disse Randolph — pelo motivo citado.

— Deferido.

— Também ouvirão testemunhos — continuou Tony quase sem fazer uma pausa — segundo os quais o procedimento estabelecido quando existe uma suspeita de ataque cardíaco é levar o paciente imediatamente para o hospital para se dar início ao tratamento. E quando digo imediatamente não estou a exagerar, porque minutos, talvez segundos, podem representar a diferença entre a vida e a morte. Ficarão a saber que, apesar de o meu cliente implorar para levar a mulher doente para o hospital e encontrarem-se com o Dr. Bowman onde ela pudesse ser tratada, o Dr. Bowman insistiu em fazer uma consulta domiciliária. E porque é que fez essa consulta na residência da paciente? Ouvirão testemunhos de que era importante porque se Patience Stanhope não estivesse a sofrer um ataque cardíaco, embora ele próprio vá declarar que suspeitava disso, se as suas suspeitas não se concretizassem, ele poderia chegar ao concerto sinfónico a tempo de exibir o seu novo Porsche encarnado, de entrar e ser admirado pela sua cultura e pela mulher jovem e atraente que levava pelo braço. E aqui, meus amigos, reside a negligência e o erro médico. Devido à sua vaidade, o Dr. Bowman violou o padrão de tratamento que dita que uma vítima de ataque cardíaco tem de ser levada para uma unidade de tratamento o mais depressa possível. Agora, o meu colega, mais educado e experiente, irá esforçar-se para interpretar os acontecimentos de maneira diferente. Porém, estou confiante que vocês verão a verdade como eu acredito que o tribunal do Massachusetts viu quando analisou este caso e recomendou que houvesse um julgamento.

— Protesto! — gritou Randolph, levantando-se de um salto. — E peço que a afirmação seja retirada dos autos e que o tribunal repreenda o advogado. As conclusões do tribunal não são admissíveis: Beeler versus Downey, Supremo Tribunal do Massachusetts.

— Deferido! — disse o juiz Davidson rispidamente. — O Sr. Advogado tem razão, Dr. Fasano.

— Desculpe, Meritíssimo — disse Tony. Aproximou-se da mesa da acusação e pegou num papel que a Dra. Relf lhe estendeu. — Tenho aqui uma cópia do Código de Leis do Massachusetts, capítulo trinta e dois, seção sessenta B, que diz que as descobertas e testemunhos perante o painel são admissíveis diante do júri.

— Isso foi anulado pelo caso citado — declarou o juiz Davidson. Olhou para o escrivão do tribunal. — Retire a referência ao tribunal dos autos.

— Sim, senhor — disse o escrivão.

Em seguida, o juiz Davidson olhou para o júri.

— Os senhores não podem ter em conta o comentário do Dr. Fasano sobre o Tribunal do Massachusetts e ficam a saber que não terá qualquer importância na vossa responsabilidade como julgadores de fatos. Fui claro?

Os jurados acenaram timidamente. O juiz olhou de relance para Tony.

— A inexperiência não é uma desculpa para o desconhecimento da lei. Espero que não haja mais escorregadelas deste tipo, se não serei forçado a anular o julgamento.

— Vou fazer todos os possíveis para que não volte a acontecer — disse Tony. Voltou para o pódio a arrastar os pés. Levou alguns momentos a organizar os pensamentos, depois ergueu o olhar. — Como já disse, estou confiante de que vocês verão a verdade e constatarão que a negligência do Dr. Bowman causou a morte da esposa extremosa do meu cliente. Ser-vos-á depois pedido que avaliem a indenização pelo cuidado, orientação, apoio, conselhos e companheirismo que Patience Stanhope daria hoje, se estivesse viva. Agradeço a vossa atenção e peço-vos desculpa, como pedi ao juiz, pela minha inexperiência neste ramo específico do direito e espero ansiosamente o momento em que me dirigirei de novo a vós no final do julgamento. Obrigado.

Tony juntou os cartões que estavam espalhados no suporte, dirigiu-se para a mesa da acusação e começou imediatamente a conversar com a assistente em sussurros furiosos. Estava a agitar o papel que ela lhe tinha dado há pouco.

Com um suspiro de alívio por Tony ter terminado, o juiz Davidson olhou de relance para o relógio antes de olhar para Randolph.

— O advogado de defesa deseja fazer as alegações iniciais nesta altura ou depois de ouvirmos as testemunhas da acusação?

— Sem dúvida que quero fazê-las agora, Meritíssimo — replicou Randolph.

— Muito bem, mas primeiro faremos um intervalo para o almoço. — Bateu com o martelo. — A sessão está suspensa até a uma e trinta. Os jurados não devem discutir o caso com ninguém nem entre eles.

— Todos de pé — disse o oficial de diligências como um pregoeiro quando o juiz se levantou.

Boston, Massachusetts Segunda-feira, 5 de Junho de 2006 12:05

Ainda que quase todas as pessoas comessem a sair da galeria da sala do tribunal, Alexis Stapleton Bowman não se mexeu. Estava a observar o marido, que se tinha afundado na cadeira como um balão vazio no momento em que a porta apainelada dos aposentos do juiz se fechou. Randolph estava inclinado sobre ele e falava em voz baixa. Tinha uma mão no ombro de Craig. Mark Cavendish, o assistente de Randolph, que estava sentado do outro lado de Craig, reuniu papéis, um computador portátil e outras pequenas coisas e guardou-os numa pasta aberta. Alexis teve a impressão de que Randolph estava a tentar convencer Craig a sorrir e considerou se devia interferir ou esperar. De momento, decidiu que era melhor esperar. Assim, ficou a observar o queixoso, Jordan Stanhope, a atravessar a divisória. O seu rosto era neutro, o comportamento reservado, a roupa conservadora e dispendiosa. Alexis observou-o quando ele encontrou sem palavras uma mulher jovem cujo comportamento e roupa condiziam com os dele como duas ervilhas numa vagem.

Psicóloga clínica, Alexis já tinha estado em inúmeros julgamentos a testemunhar em diversas qualidades, ainda que a maioria das vezes como testemunha especialista. Sabia por experiência própria que os julgamentos eram situações que provocavam muita ansiedade em toda a gente, acima de tudo nos médicos que estavam a ser julgados por negligência, e especialmente no marido, pois sabia que ele estava num estado extremamente vulnerável. O julgamento de Craig era o culminar de dois anos particularmente difíceis, e muita coisa estava dependente do seu desfecho. Graças à sua experiência e capacidade para ser objetiva, mesmo em relação a assuntos pessoais, conhecia tão bem as vulnerabilidades como as forças de Craig. Infelizmente, na crise atual, estava consciente de que a vulnerabilidade anulava de tal maneira as forças que, se ele não triunfasse neste interrogatório muito público das suas capacidades como médico, duvidava que conseguisse voltar a endireitar a sua vida, que se tinha estilhaçado mesmo antes daquele processo numa crise bastante típica da meia-idade. Craig era em primeiro lugar e acima de tudo um médico. Os seus pacientes estavam antes de tudo o resto. Ela soubera esse fato desde o começo do relacionamento e aceitara-o, até o admirara, pois sabia que ser médico, particularmente um bom médico, era - e tinha conhecimento bastante direto disso por trabalhar num grande hospital - uma das profissões mais duras, mais exigentes e difíceis do mundo.

O problema é que havia grandes hipóteses, pelo menos na primeira instância, como Randolph lhe confidenciara, de o caso estar perdido apesar de não ter havido negligência médica. No fundo do seu coração, Alexis tinha a certeza disso, pelo que ouvira da história e porque sabia que Craig colocava sempre os seus pacientes em primeiro lugar, mesmo em situações que envolviam alguma inconveniência e mesmo que fossem três horas da madrugada. Neste caso, era todo o barulho em torno da acusação de negligência médica e o distúrbio de adaptação à meia-idade que complicava a situação. O fato de terem ocorrido ao mesmo tempo não surpreendia Alexis. Ela não recebia muitos médicos no seu consultório porque procurar ajuda, especialmente ajuda psicológica, não fazia parte da natureza dos médicos. Eram prestadores de cuidados, não receptores. Craig era um exemplo perfeito. Ela tinha sugerido veementemente que ele se submetesse a terapia, tendo em conta a forma como tinha reagido ao depoimento de Leona e às declarações dos especialistas arrolados pela acusação, e ela poderia ter tratado do assunto sem grandes problemas, mas ele recusara peremptoriamente. Até tinha reagido com raiva quando ela repetira a sugestão uma semana depois, quando se tornara evidente que ele estava a

ficar cada vez mais deprimido.

Enquanto continuava indecisa em relação a aproximar-se de Craig e Randolph ou ficar onde estava, apercebeu-se de outra pessoa que tinha ficado na galeria após o êxodo em massa. O que lhe chamou a atenção foram as roupas do homem, que eram quase idênticas às do advogado de acusação em termos de modelo, cor e corte. A semelhança do traje, a constituição equivalentemente forte e os cabelos escuros davam-lhes a aparência superficial de gêmeos desde que não estivessem juntos, pois o homem que se encontrava na zona reservada ao público era pelo menos uma vez e meia maior do que Tony Fasano. Também diferia por ser menos moreno e, em contraste com a pele de bebê do rosto de Tony, guardar vestígios lamentáveis de um caso de acne muito grave na adolescência. As cicatrizes residuais eram suficientemente profundas para parecerem marcas de queimaduras.

Naquele momento, Tony Fasano interrompeu a conversa com a assistente, pegou na pasta de pele de avestruz e saiu intempestivamente para a galeria, a caminho da saída da sala de audiências. Estava obviamente furioso com o erro sobre a decisão judicial. Alexis perguntou a si mesma porque é que ele estaria a reagir exageradamente, uma vez que, do seu ponto de vista, as alegações iniciais tinham sido lamentavelmente eficazes e era sem dúvida por isso que Craig estava tão cabisbaixo. A assistente de Tony seguiu obedientemente o patrão. Sem um único olhar de relance ou qualquer sinal de hesitação, Tony chamou, "Franco", e em seguida fez sinal ao homem que estava vestido como ele próprio para que o seguisse. Franco obedeceu sem demora. Instantes depois, tinham desaparecido todos do outro lado das portas duplas que davam para o átrio, que bateram com uma finalidade chocante.

Alexis olhou novamente para o marido. Ele não se tinha mexido, e Randolph olhava agora na sua direção. Quando ela retribuiu o olhar, ele acenou-lhe para que se aproximasse. Com um convite explícito, ela teve todo o prazer em obedecer. Ao chegar junto do marido, constatou que o seu rosto estava tão abatido como ela tinha presumido a partir da sua postura.

— Tem de falar com ele — disse Randolph, aventurando-se para fora da sua estudada atitude patricia com um laivo de exasperação. — Ele não pode continuar a comportar-se desta maneira abatida e derrotada. Por experiência própria, sei que os jurados têm uma antena especial. Estou convencido de que conseguem sentir o estado de espírito do litigante e decidem o caso em conformidade.

— Está a dizer-me que o júri poderia decidir contra Craig simplesmente porque ele está deprimido?

— É precisamente o que estou a dizer. Tem de o convencer a controlar-se! Se ele continuar a comportar-se desta forma negativa, corre o risco de eles presumirem que ele é culpado da alegada negligência médica. Não estou a sugerir que eles não vão ouvir os testemunhos nem analisar as provas, mas só o farão com o intuito de, possivelmente, negar a impressão inicial. Este comportamento transforma um júri imparcial num júri preconceituoso e muda o ónus da prova da acusação, onde ele deve estar, para nós, a defesa.

Alexis olhou para Craig, que estava agora a massajar as têmporas enquanto segurava a cabeça entre as mãos, com os cotovelos em cima da mesa.

Tinha os olhos fechados e respirava pela boca aberta e descaída. Conseguir que ele ganhasse coragem era uma tarefa difícil. Ele tinha andado deprimido durante quase todo o período de oito meses que antecederam o julgamento. A única razão que o levava a agir "com otimismo" nessa manhã e nos dias anteriores ao julgamento fora a perspectiva do fim daquela provação. Agora que o procedimento tinha começado, era óbvio que a realidade do possível desfecho se instalara. Ficar deprimido não era uma reação ilógica.

— Que tal irmos todos almoçar, para podermos conversar? — sugeriu Alexis.

— O Dr. Cavendish e eu teremos de deixar o almoço para outra altura — respondeu Randolph. — Preciso de planejar as minhas alegações iniciais.

— Ainda não as tinha planejado? — perguntou Alexis com surpresa óbvia.

— É claro que planejei — replicou Randolph, irritado. — Mas como o juiz Davidson permitiu uma

liberdade tão grande nas alegações iniciais do Dr. Fasano, tenho de alterar o meu discurso.

— Fiquei surpreendida com as alegações iniciais da acusação — admitiu Alexis.

— E bem devia ficar. Não passou de uma tentativa de assassinio de carácter ou de culpa por associação, uma vez que obviamente eles não têm provas de negligência médica. A única coisa boa é que o Juiz Davidson já nos está a dar margem para um recurso, se for necessário, especialmente com os truques baratos do Sr. Fasano de introduzir a deliberação do tribunal.

— Então não acha que foi um erro?

— Dificilmente — lançou Randolph. — Mandei investigar alguns dos casos dele. É um advogado de acusação do tipo mais desprezível. O homem não tem consciência, não que eu ache que exista consciência na especialidade que ele escolheu.

Alexis não estava tão certa disso. Depois de observar o advogado a admoestar a sua assistente, se tudo não passava de uma charada, estava ao nível de um Oscar.

— E espera que eu me anime quando já estão a pensar num recurso? — suspirou Craig, falando pela primeira vez desde que Alexis chegara.

— Temos de nos preparar para todas as eventualidades — disse Randolph.

— Por que é que não vai andando para fazer a sua preparação? — disse Alexis para Randolph. — O Dr. Bowman e eu vamos conversar.

— Excelente! — disse Randolph secamente. Estava aliviado por ser libertado. Fez sinal ao assistente para sair. — Voltaremos a encontrar-nos aqui no início da audiência. Apesar das outras características menos desejáveis, o juiz Davidson é pelo menos pontual e espera que os outros também sejam.

Alexis observou Randolph e Mark a atravessarem a sala de audiências e a desaparecerem no átrio do tribunal antes de baixar os olhos para Craig. Ele estava a observá-la sombriamente. Ela sentou-se no lugar de Randolph.

— Que tal irmos almoçar? — disse ela.

— A última coisa que gostaria de fazer neste momento é comer.

— Então, vamos lá para fora. Temos de sair deste ambiente magistral. Craig não respondeu, mas levantou-se. Alexis liderou o caminho para fora da tribuna dos advogados, passou pela zona dos espectadores e saiu para o átrio e para a entrada dos elevadores. Havia imensas pessoas a andar de um lado para o outro e algumas estavam embrenhadas em conversas furtivas. O tribunal transmitia uma aura de contenção de cada canto. Craig e Alexis não falaram no elevador para o rés-do-chão e até saírem do edifício para um dia luminoso e soalheiro. Finalmente, a Primavera tinha chegado a Boston. Em forte contraste com o interior opressivo e gasto do tribunal, havia esperança e promessa no ar.

Depois de atravessarem um pequeno pátio de tijoleira encaixado entre o tribunal e um dos edifícios em forma de crescente do Centro Governamental de Boston, Craig e Alexis desceram uma pequena escada rolante. Não foi fácil atravessar as quatro movimentadas faixas de Cambridge Street, mas pouco depois estavam a aproximar-se da grande esplanada defronte da City Hall de Boston. A praça estava cheia de pessoas que fugiam dos seus escritórios acanhados para apanhar um pouco de sol e de ar fresco. Havia algumas bancas de fruta a fazer bom negócio.

Sem nenhum destino específico, o casal caminhou até à entrada do metropolitano. Sentaram-se formando um ângulo num parapeito de granito, para ficarem em frente um do outro.

— Não há maneira nenhuma de eu te convencer a animares-te — disse Alexis. — Tu só vais animar-te se quiseses.

— Como se eu não soubesse.

— Mas eu posso escutar. Talvez pudesses dizer-me apenas como te sentes.

— Oh, que maravilha! A terapeuta está sempre pronta para ajudar os mentalmente doentes. Diz-me como te sentes! — troçou Craig. — Que simpática!

— Não vamos ser hostis, Craig, eu acredito em ti. Estou do teu lado nesta questão.

Craig afastou o olhar durante alguns instantes, a observar dois miúdos que atiravam um disco voador de um lado para o outro. Suspirou, e depois olhou para Alexis.

— Desculpa. Eu sei que estás do meu lado, deixando-me voltar como um cão com o rabo entre as pernas e sem fazeres muitas perguntas. Estou-te agradecido. Acredita que sim.

— Tu és o melhor médico que eu conheço, e conheço muitos médicos. Também consigo perceber o que estás a passar, que ironicamente tem a ver com o fato de seres um médico tão soberbo. Isso torna-te mais vulnerável. No entanto, esquecendo isso, tu e eu temos alguns problemas. É óbvio, e haverá perguntas. Mas agora não. Teremos tempo para lidar com o nosso relacionamento, mas primeiro precisamos que ultrapassemos este assunto horrível.

— Obrigado — disse Craig simplesmente e com sinceridade. Depois, o queixo começou a tremer. Para afastar as lágrimas, esfregou os olhos com as pontas dos dedos. Demorou alguns momentos, mas quando sentiu que estava controlado olhou de novo para Alexis. Tinha os olhos aguados e encarnados. Passou uma mão nervosa pelos cabelos. — O problema é que este assunto horrível continua a piorar. Tenho medo de perder o caso. Raios, quando penso no meu comportamento social na altura em que isto aconteceu, fico embaraçado. E o fato de saber que tudo isso vai ser tornado público é uma desgraça para nós dois e uma desonra para ti.

— A divulgação do teu comportamento social é um fator importante no que está a deprimir-te?

— É uma parte, mas não a maior parte. A maior humilhação vai ser o júri a dizer ao mundo que eu exerço medicina medíocre. Se isso acontecer, não sei se conseguirei continuar a exercer a minha profissão. Já está a ser muito difícil nesta situação. Vejo todas as pessoas como outros litigantes e cada paciente é um possível caso de negligência. É um pesadelo.

— Eu penso que é compreensível.

— Se não puder exercer medicina, que mais poderei fazer? Não sei fazer mais nada. A única coisa que quis em toda a minha vida foi ser médico.

— Podias fazer as tuas investigações a tempo inteiro. Tiveste sempre um conflito entre a investigação e a medicina clínica.

— Suponho que é uma idéia. Mas tenho receio de perder a paixão pela medicina em geral.

— Então, é bastante claro que tens de fazer tudo o que estiver ao teu alcance para vencer. O Randolph diz que tens de te controlar.

— Oh, o Randolph, valha-me Deus! — queixou-se Craig. Olhou para longe. — Estou indeciso em relação a ele. Depois de ter visto o desempenho do Dr. Fasano, não me parece que o Randolph seja o advogado certo. Ele vai criar tanta empatia com aquele júri como azeite e água, enquanto o Fasano os tem a comer das palmas das mãos.

— Se pensas assim, podes pedir outro advogado à companhia de seguros?

— Não sei. Acho que sim.

— Mas será uma atitude sensata, nesta fase tão avançada?

— Quem sabe? — interrogou-se Craig, pensativamente. — Quem sabe.

— Bem, temos de tirar partido do que temos. Vamos ouvir as alegações iniciais do Randolph. Entretanto, temos de pensar numa maneira de te preparar para ficares com ótimo aspecto.

— É mais fácil dizer do que fazer. Tens algumas ideias?

— Dizer-te simplesmente para te animares não vai funcionar, mas que tal concentrares-te na tua inocência? Pensa nisso por enquanto. Foste confrontado com a gravidade do estado da Patience Stanhope; fizeste tudo o que era humanamente possível. Até foste na ambulância para poderes estar presente se ela tivesse uma paragem cardíaca. Meu Deus, Craig! Concentra-te nisso e na tua dedicação à medicina em geral e anima-te. Enche toda a sala de audiências. Como é que poderias ser mais responsável? Que me dizes?

Craig riu-se, duvidoso, perante o entusiasmo súbito de Alexis.

— Deixa-me ter a certeza se compreendi. Estás a dizer que devo concentrar-me na minha inocência e transmiti-la ao júri?

— Tu ouviste o Randolph. Ele tem muita experiência com júris e está convencido de que eles têm uma sensibilidade especial para detectar o estado de espírito das pessoas. Eu acho que devias tentar criar empatia com os jurados. Deus sabe que isso não faz mal nenhum.

Craig expirou ruidosamente. Não estava nada confiante, mas não tinha força para lutar contra o zelo de Alexis.

— Vou tentar — disse ele.

— Ainda bem. E mais uma coisa. Tenta usar a tua capacidade de médico para compartimentar. Já te vi fazer isso vezes sem conta quando estás a trabalhar. Enquanto pensas como és um ótimo médico e como deste o teu melhor em termos profissionais com a Patience Stanhope, não penses em mais nada. Concentra-te.

Craig limitou-se a acenar afirmativamente e desviou os olhos de Alexis.

— Não estás convencido, pois não?

Craig abanou a cabeça. Levantou os olhos para o edifício quadrado e pós-moderno que albergava a City Hall de Boston e dominava a esplanada como o castelo de um cruzado.

— A pior coisa nesta trapalhada é que me sinto completamente impotente. Estou absolutamente dependente do advogado que me foi atribuído pela companhia de seguros. Todos os outros obstáculos na minha vida pediam mais esforço da minha parte, e era sempre o esforço adicional que salvava o dia. Agora, parece que quanto mais me esforço, mais me afundo.

— Concentrares-te na tua inocência como eu estou a sugerir requer esforço. Compartimentar também requer esforço.

Alexis pensou como era irônico que o que Craig estava a dizer era exatamente o que as pessoas em geral sentiam em relação à doença e à dependência dos médicos.

Craig olhou novamente para Alexis.

— Eu disse que ia tentar estabelecer uma empatia com o júri. Só gostava que houvesse mais alguma coisa. Alguma coisa mais tangível.

— Bem, há mais uma coisa que me passou pela cabeça.

— Sim? O quê?

— Pensei telefonar ao meu irmão Jack e perguntar-lhe se pode vir de Nova Iorque para dar uma ajuda.

— Oh, isso será muito útil — disse Craig, sarcasticamente. — Ele não virá. Vocês não têm sido muito íntimos ao longo do tempo e, para além do mais, ele nunca gostou de mim.

— Jack tem tido uma dificuldade compreensível por nós sermos abençoados com três filhas maravilhosas quando ele perdeu as suas duas filhas de uma forma trágica. É doloroso para ele.

— Talvez, mas isso não explica porque é que não gosta de mim.

— Por que é que dizes isso? Ele alguma vez afirmou que não gostava de ti?

Craig olhou para Alexis durante uma fração de segundo. Estava encurralado e não sabia como sair daquela situação. Jack Stapleton nunca dissera nada específico; era só a sensação que tivera.

— Lamento que penses que o Jack não gosta de ti. A realidade é que ele te admira, e disse-me isso especificamente.

— A sério? — Craig foi apanhado de surpresa, convencido de que a opinião de Jack era a oposta.

— Sim, é verdade que Jack disse que eras o tipo de estudante de medicina na faculdade e no internato que ele evitava. Aquele que lia todas as leituras recomendadas, sabia todos os fatos triviais e conseguia citar na íntegra o último número do *The New England Journal of Medicine*. Admitiu que isso gerava algum desdém, mas estava na verdade a dirigi-lo a ele mesmo, significando que desejava ter-se dedicado tanto como tu.

— Isso é muito lisonjeiro. A sério. Não fazia idéia! Mas que será que vai pensar quando souber da minha

crise de meia-idade? E, mesmo que viesse, que ajuda poderia dar? Acho que chorar no ombro dele talvez me deixasse pior do que estou agora, se isso for possível.

— Na segunda carreira de Jack como médico legista, ele tem tido muita experiência de tribunais. Viaja por todo o lado como testemunha especialista do Instituto de Medicina Legal de Nova Iorque. Disse-me que gosta desse trabalho. Parece-me ser muito inventivo, embora num aspecto negativo, gostando de correr riscos. Neste momento, estás tão desanimado em relação ao rumo que as coisas estão a tomar que talvez a sua criatividade improvisada pudesse ser útil.

— Francamente, não vejo como.

— Eu também não, e suponho que foi por isso que não o sugeri antes.

— Bem, ele é teu irmão. Deixarei essa decisão contigo.

— Vou pensar no assunto — disse Alexis. Em seguida, olhou para o relógio. — Não temos muito tempo. Tens a certeza de que não queres comprar alguma coisa para comer?

— Sabes que mais? Agora que saí daquela sala de audiências, o meu estômago está a dar horas. Não me importava nada de comer uma sanduíche rapidamente.

Enquanto percorriam a praça, Craig envolveu a mulher num abraço contido. Apreciava verdadeiramente o seu apoio e sentiu-se ainda mais embaraçado com o seu comportamento antes dos problemas com a justiça. Ela estava certa em relação à sua capacidade de compartimentar. Ele tinha separado completamente a vida pessoal da vida familiar e dera uma ênfase demasiado grande ao lado profissional. Rezou para ter uma oportunidade de equilibrar as duas.

Boston, Massachusetts Segunda-feira, 5 de Junho de 2006 13:30

— Todos de pé — anunciou o oficial de diligências. O juiz Marvin Davidson saiu dos seus aposentos fazendo rodopiar a toga preta no exato momento em que o segundo ponteiro do relógio institucional de parede passava pelo número doze.

O sol tinha-se movido na sua trajetória diurna e algumas das persianas das janelas que iam desde os altos painéis de carvalho até ao teto tinham sido subidas. Via-se um pouco da paisagem urbana, bem como uma tira minúscula de céu azul.

— Podem sentar-se — declarou o oficial de diligências depois de o juiz ter ocupado o seu lugar.

— Espero que todos tenham almoçado bem — disse o juiz para o júri. A maior parte dos jurados acenou afirmativamente. — E, como recomendei, espero que ninguém tenha falado sobre o caso em circunstância alguma. — Todos os jurados acenaram em sinal de concordância. — Muito bem. Agora, vão ouvir as alegações iniciais da defesa. Dr. Bingham.

Randolph levantou-se sem pressa, dirigiu-se para o pódio e pousou as notas na superfície angulosa. Depois ajustou o casaco do fato azul-escuro e os punhos da camisa branca. Endireitou-se, usando cada centímetro da sua altura de mais de um metro e noventa enquanto os dedos compridos prendiam suavemente os lados do pódio. Cada cabelo branco no seu escalpe conhecia o seu lugar e tinha sido cortado num tamanho predeterminado. A gravata, salpicada de escudos veritas de Harvard sobre um fundo carmesim, tinha um nó perfeito. O advogado era a personificação da elegância inata e refinada e salientava-se no meio da sala gasta do tribunal como um diamante num leito de gravilha.

Da perspectiva de Craig, não podia deixar de impressionar, e por instantes voltou a pensar que o contraste com Tony Fasano poderia ser favorável. Randolph era a figura paternal, o presidente, o diplomata. Quem não quereria confiar nele? Mas depois os olhos de Craig moveram-se para o júri e passaram do bombeiro musculoso para o assistente de canalizador e em seguida para os executivos entediados. Todos os rostos refletiam um enfado que era o oposto à reação a Tony Fasano, e antes mesmo de Randolph abrir a boca o breve instante de otimismo que Craig sentira desapareceu como uma gota de água numa frigideira quente.

Porém, este rápido volte-face não foi mau de todo. Validou o conselho de Alexis sobre o estado de espírito, por isso Craig fechou os olhos e concentrou-se na imagem de Patience Stanhope na sua cama quando ele e Leona tinham entrado intempestivamente no quarto da mulher. Pensou como tinha ficado chocado com a sua cianose, como tinha reagido prontamente e, por último, tudo o que tinha feito a partir daquele momento até se tornar evidente que ela não ia recuperar. Durante os últimos oito meses, tinha recordado a sequência inúmeras vezes e, ainda que em alguns outros casos ao longo dos anos conseguisse refletir e pensar que devia ter feito outra coisa ligeiramente diferente, com Patience Stanhope tinha seguido os procedimentos padrão à risca. Se fosse confrontado com a mesma situação nesse mesmo dia, não teria feito absolutamente nada diferente. Não tinha havido negligência médica. Estava absolutamente certo disso.

— Senhoras e senhores do júri — disse Randolph lentamente e com precisão. — Escutaram uma alegação inicial única de uma pessoa que admite não ter experiência em julgamentos de negligência médica. Foi um tourde force que começou com algumas autocríticas inteligentes que vos fizeram sorrir. Eu não sorri porque percebi a intenção do ardil. Não vou rebaixar-vos com truques oratórios desse tipo.

Limitar-me-ei a falar a verdade, que estou certo que compreenderão quando ouvirem as testemunhas que a defesa vai apresentar. Em contraste com o advogado da acusação, eu defendo os nossos bons médicos e hospitais há mais de trinta anos e em todos os julgamentos em que participei nunca ouvi alegações iniciais como as do Dr. Fasano, que foi de muitas formas um assassinato do caráter do meu cliente, o Dr. Craig Bowman.

— Protesto — gritou Tony, levantando-se de um salto. — Argumentativo e inflamatório.

— Meritíssimo — interrompeu Randolph. Aborrecido, acenou ligeiramente uma mão num sinal de desdém, como se estivesse a enxotar mosquitos. — Posso aproximar-me?

— Faça o favor — respondeu o juiz Davidson bruscamente. Acenou para que os advogados se aproximassem da tribuna.

Randolph aproximou-se da parte lateral da tribuna do juiz, com Tony colado aos seus calcanhares.

— Meritíssimo, o Dr. Fasano teve uma grande liberdade de ação nas suas alegações iniciais. Espero a mesma cortesia.

— Eu limitei-me a descrever o que pretendo fundamentar com testemunhas, que é o que as alegações iniciais devem esclarecer. E o senhor protestou de dez em dez segundos, interrompendo a minha linha de raciocínio.

— Pelo amor de Deus. Isto não é um julgamento de homicídio qualificado — declarou o juiz. — Trata-se de um julgamento por negligência médica. Nem sequer terminámos as alegações iniciais e vocês já estão engalfinhados. A este ritmo, vamos ficar aqui durante meses. — Deixou os advogados digerirem o que tinha dito durante alguns segundos. — Que isto seja um aviso para os dois. Estão a ouvir? Cada um de vocês tem experiência suficiente para saber o que é adequado e o que o outro tolerará, por isso controlem-se e limitem-se a apresentar os fatos. Agora, quanto ao protesto em questão, Dr. Bingham, o que é bom para um é bom para o outro. O senhor opôs-se à linguagem inflamatória do Dr. Fasano. Ele tem todo o direito a protestar se o senhor fizer o mesmo. Dr. Fasano, o senhor teve bastante liberdade de ação, e que Deus o ajude e ao seu cliente se as suas testemunhas não confirmarem as suas alegações. O Dr. Bingham tem direito à mesma liberdade. Estou a ser claro?

Os dois advogados acenaram obedientemente.

— Muito bem! Vamos continuar.

Randolph voltou para o pódio. Fasano recostou-se na sua cadeira, na mesa da acusação.

— Protesto deferido — disse o juiz Davidson para o escrivão. — Continue.

— Senhoras e senhores jurados — disse Randolph — a motivação não faz normalmente parte do procedimento de negligência médica. O que costuma estar em causa é se o padrão de cuidados esteve à altura dos conhecimentos que o médico possuía e se ele usou esses conhecimentos e perícia para tratar a doença do paciente como um médico razoavelmente competente faria nas mesmas circunstâncias. Notarão que, nas alegações iniciais, o Dr. Fasano não disse nada sobre os seus peritos sugerirem que o Dr. Bowman não usou os seus conhecimentos e perícia de forma apropriada. Em vez disso, Fasano teve de introduzir o conceito de motivação para que a sua alegação de negligência tenha coerência. E o motivo para isto, como os nossos peritos testemunharão, é que no momento em que se apercebeu da gravidade do estado de Patience Stanhope, o Dr. Craig agiu com velocidade e competência louvável e fez todos os possíveis para salvar a vida da paciente.

Alexis deu por si a acenar em sinal de concordância enquanto escutava Randolph. Gostou do que estava a ouvir e pensou que ele estava a fazer um bom trabalho. Os seus olhos voltaram-se para Craig. Ele estava ao menos sentado direito. Desejou poder ver o seu rosto do lugar onde estava, mas era impossível. Voltou-se então para o júri e a avaliação do trabalho de Randolph começou a erodir. Havia algo na postura das pessoas que era diferente de quando Tony Fasano estava a falar. Pareciam demasiado relaxados, como se Randolph não tivesse captado a sua atenção. Depois, como que a confirmar os seus receios, o assistente de canalizador soltou um bocejo longo e contido que contagiou quase todos os outros

jurados.

— O ônus da prova cabe à acusação — continuava Randolph. — A defesa tem como missão refutar a alegação da acusação e as declarações das testemunhas da acusação. Como o Dr. Fasano sugeriu que a motivação é o fator-chave, nós, a defesa, teremos de nos adaptar em conformidade e apresentar com as nossas testemunhas uma afirmação do empenho e espírito de sacrifício do Dr. Bowman ao longo da maior parte da sua vida, começando por uma maleta de médico que lhe foi oferecida aos quatro anos até ser o melhor médico e praticar a melhor medicina.

— Protesto — disse Tony. — O empenho e espírito de sacrifício do Dr. Bowman durante a sua formação não são relevantes para o caso que está a ser julgado.

— Dr. Bingham — perguntou o juiz Davidson — as suas testemunhas vão referir o empenho e espírito de sacrifício do Dr. Bowman com Patience Stanhope?

— Absolutamente, Meritíssimo.

— Protesto indeferido — disse o Dr. Davidson. — Prossiga.

— No entanto, antes de referir como planeamos fazer isso, gostaria de dizer algumas palavras acerca do consultório do Dr. Bowman. O Dr. Fasano descreveu-o como "medicina de concierge" e sugeriu que o termo tinha uma conotação pejorativa.

Alexis olhou de soslaio para os jurados. Estava preocupada com a sintaxe de Randolph e perguntou a si mesma quantos deles já teriam ouvido as palavras conotação e pejorativa e se os que conheciam o seu significado pensariam que eram pretensiosas. O que viu não foi encorajador. Os jurados pareciam bonecos de cera.

— Ainda — disse Randolph, erguendo um dos seus dedos compridos e arranjados no ar como se estivesse a pregar um sermão a um bando de crianças mal comportadas — o significado da palavra concierge no sentido comum é ajuda ou serviço, sem a menor conotação negativa. E, de fato, é por essa razão que foi associada à medicina de quota, que requer o pagamento de uma pequena quota. Ouvirão testemunhos de vários médicos que vos dirão que o objetivo deste formato é passar mais tempo com o paciente durante as consultas para que o paciente tenha o tipo de medicina que todos nós gostaríamos de experimentar. Ouvirão testemunhos de que o tipo de medicina praticada num consultório de concierge é o tipo de medicina que todos os médicos aprendem na faculdade de medicina. Ficarão igualmente a saber que as suas origens se devem às restrições nos consultórios tradicionais que obrigam os médicos a acumular cada vez mais pacientes numa dada hora para poderem manter as receitas acima dos custos. Deixem-me dar-vos alguns exemplos.

Foi um reflexo mais do que um pensamento consciente que levou Alexis a levantar-se em reação à opção de Randolph por enveredar pela aborrecida economia médica. Pediu licença e deslocou-se lateralmente ao longo do banco corrido, semelhante ao de uma igreja. Os seus olhos cruzaram-se fugazmente com os do homem que estava vestido de forma idêntica a Tony Fasano. Ele estava sentado do outro lado da coxa quando Alexis saiu da sua fila. A sua expressão e olhar fixo enervou-a, mas esqueceu-o imediatamente. Dirigiu-se para a porta do átrio e abriu-a, a tentar fazer o mínimo ruído possível. Infelizmente, a pesada porta deu um estalido que se ouviu em toda a sala. Momentaneamente mortificada, saiu para o átrio e dirigiu-se para a vasta zona dos elevadores. Sentada num banco forrado a couro, procurou o telemóvel na mala a tiracolo e ligou-o.

Ao constatar que o sinal era fraco, desceu no elevador até ao rés-do-chão e saiu para a luz do sol. Depois de ter passado tanto tempo no interior do tribunal, teve de franzir os olhos. Para evitar o fumo de cigarro dos fumadores espalhados em volta da entrada, caminhou um pouco até estar sozinha. Debruçou-se num parapeito com a mala ao ombro e presa debaixo do braço e procurou na agenda electrónica até encontrar os números do irmão mais velho. Como já passava das duas da tarde, telefonou-lhe para o emprego no Instituto de Medicina Legal de Nova Iorque.

Enquanto a chamada era transferida, Alexis tentou recordar-se ao certo quando fora a última vez que

falara com Jack. Não se lembrou, mas teve consciência de que devia ter sido há meses, talvez há meio ano, quando ficara absorvida na confusão familiar. Mas mesmo antes disso tinham tido apenas contatos intermitentes, ocasionais, o que era uma pena porque tinham sido extremamente unidos quando crianças. A vida não fora fácil para Jack, especificamente quinze anos antes, quando a mulher e as duas filhas, com dez e onze anos, tinham morrido num acidente aéreo. Iam a caminho de casa em Champaign, Illinois, depois de visitarem Jack em Chicago, onde ele estava a fazer uma especialização em patologia. Quando Jack se mudara para leste, para a cidade de Nova Iorque, ela pensara que se veriam com muita frequência. Porém isso não tinha acontecido devido ao que ela dissera a Craig pouco antes. Ela sabia que Jack continuava a lutar para ultrapassar a tragédia, e as filhas de Alexis eram uma lembrança dolorosa. Tracy, a filha mais velha, tinha nascido um mês após a trágica perda de Jack.

— Espero que seja importante, Soldano — disse Jack no instante em que atendeu a chamada. — Não estou a conseguir fazer nada.

— Jack, é a Alexis.

— Alexis! Desculpa! Pensei que era o meu amigo detective da Polícia de Nova Iorque. Ele telefonou-me diversas vezes do telemóvel, mas a chamada está sempre a cair.

— É um telefonema importante? Eu posso ligar-te mais tarde.

— Não, eu telefono-lhe mais tarde. Sei o que ele quer, e é uma coisa que ainda não tenho. Treinámo-lo bem, por isso ele está apaixonado pelo poder da medicina forense mas quer os resultados da noite para o dia. Que é que se passa? É bom ouvir a tua voz. A esta hora, nunca esperei que fosses tu.

— Desculpa telefonar-te para o emprego. É um bom momento para conversarmos, para além do fato de o teu amigo detetive estar a tentar entrar em contato contigo?

— Bem, para ser franco, tenho uma sala de espera cheia de pacientes. Mas suponho que podem esperar, uma vez que estão todos mortos.

Alexis riu-se. A nova faceta de humor sarcástico de Jack, que ela só tinha visto algumas vezes, era uma mudança profunda do seu eu anterior. Ele sempre tinha tido sentido de humor, mas no passado era mais sutil e, francamente, um pouco seco.

— Está tudo bem aí em Beantown? Não costumas telefonar durante o dia. Onde é que estás? A trabalhar no hospital?

— Na verdade, não. Até fico embaraçada por dizer que não me recordo da última vez que conversamos.

— Foi há cerca de oito meses. Tu telefonaste-me para me contar que o Craig tinha voltado para casa. Se bem me lembro, achei que não ia resultar e dei-te a minha opinião. O Craig nunca me pareceu um homem de família. Recordo-me de te dizer que era um homem que daria um ótimo médico, mas não um grande pai ou marido. Lamento se a minha opinião feriu os teus sentimentos.

— Os teus comentários surpreenderam-me, mas não feriste os meus sentimentos.

— Como nunca mais disseste nada, pensei que estavas zangada.

"Se pensaste isso, podias ter-me ligado", pensou Alexis, mas não o disse. Em vez disso, continuou:

— Já que perguntas, as coisas não estão nada bem em Beantown.

— Lamento saber. Espero que a minha profecia não se tenha realizado.

— Não, o Craig ainda está em casa. Creio que a última vez que falamos não te contei que ele foi processado por negligência médica.

— Não, não mencionaste esse pequeno pormenor. Isso aconteceu depois ou antes de ele voltar para casa?

— Tem sido um período difícil para todos nós — continuou Alexis, ignorando a pergunta de Jack.

— Posso imaginar. O que é difícil de imaginar é ele a ser processado, quando dá tanto de si aos pacientes. Mas, por outro lado, tendo em conta este ambiente atual de negligência médico-legal, todos correm riscos.

— O julgamento começou hoje.

— Bem, deseja-lhe boa sorte. Sabendo a sua necessidade de ser o número um na turma, provavelmente

reagiu muito mal à censura pública.

— Isso é dizer pouco. Ser processado por negligência é difícil para todos os médicos, mas para o Craig é especialmente duro em termos de auto-estima. Ele apostou tudo na carreira. Os últimos oito meses têm sido um inferno para ele.

— Como é que tem sido para ti e para as miúdas?

— Não tem sido fácil, mas temos lidado com a situação, exceto, talvez, a Tracy. Os quinze anos podem ser uma idade difícil e esta tensão suplementar dificultou ainda mais as coisas. Ela não consegue perdoar o pai por nos ter abandonado quando o fez e por andar com uma das secretárias. A imagem que tem dos homens sofreu um rude golpe. A Meghan e a Christina têm estado mais ou menos. Como sabes, o Craig nunca teve tempo para se envolver demais nas vidas delas.

— As coisas estão bem entre ti e o Craig? Voltou tudo ao normal?

— O nosso relacionamento tem estado em suspenso, com ele a dormir no quarto de hóspedes até esta confusão do processo por negligência ficar resolvido. Eu sou suficientemente realista para saber que, neste momento, o prato dele está bastante cheio. Na verdade, está a transbordar, e é por isso que estou a telefonar-te.

Seguiu-se uma pausa. Alexis inspirou.

— Se precisas de algum dinheiro, não há problema — ofereceu Jack.

— Não, o dinheiro não é problema. O problema é que há boas hipóteses de Craig perder o caso. E, com a censura pública, como lhe chamaste, penso que há grandes probabilidades de ele desmoronar, ou seja, em vernáculo, de ter um esgotamento nervoso. E, se isso acontecer, francamente não vejo qualquer possibilidade de uma reconciliação. Acho que seria uma tragédia para o Craig, para mim e para as miúdas.

— Então, ainda o amas?

— É uma pergunta difícil. Pensa assim: ele é o pai das minhas filhas. Sei que, socialmente, não tem sido o melhor dos pais, nem o melhor dos maridos no sentido tradicional dos livros de histórias, mas tem trabalhado para que não nos falte nada e agiu sempre de uma forma carinhosa. Acredito fervorosamente que nos ama o mais que pode. Ele é um médico a sério. A medicina é a sua amante. De uma forma real, o Craig é a vítima de um sistema que o obrigou a distinguir-se e a competir a partir do momento em que decidiu ser médico. Existiu sempre mais um teste e mais um desafio. Ele tem uma necessidade insaciável de aprovação profissional. O sucesso tradicional não tem a mesma importância para ele. Eu sabia que seria sempre assim quando o conheci e estava consciente disso quando casei com ele.

— Pensaste que ele ia mudar?

— Nem por isso. Devo dizer que o admirei pela dedicação e espírito de sacrifício, e continuo a admirar. Talvez isso diga alguma coisa acerca de mim, mas neste momento isso não interessa.

— Não vou discutir contigo acerca de nada disso. Senti mais ou menos o mesmo em relação à personalidade do Craig, pois eu próprio passei pelo mesmo sistema de aprendizagem e senti a mesma pressão. Só não conseguiria transmitir a minha impressão tão bem como tu. Mas isso deve-se, talvez, ao fato de seres psicóloga e esta ser a tua especialidade.

— Pois é. Os distúrbios de personalidade têm sido o meu ganha-pão. Antes de eu e Craig nos casarmos eu já sabia que ele tinha muitos traços narcisistas. Agora esses traços poderiam transformar-se num distúrbio, já que tornou disfuncionais alguns aspectos da sua vida. O problema é que não consegui convencê-lo a consultar ninguém profissionalmente, o que não me surpreende pois as pessoas narcisistas têm dificuldade em admitir quaisquer deficiências.

— E também não gostam de pedir ajuda, uma vez que consideram que a dependência é um sinal de fraqueza — declarou Jack. — Eu próprio já passei por isso. A maior parte dos médicos têm pelo menos uma ponta de narcisismo.

— Craig tem muito mais do que uma ponta, e é por isso que este problema está a revelar-se tão

avassalador para ele.

— Lamento saber tudo isto, Alexis, mas aqueles meus pacientes mortos estão a começar a ficar inquietos. Não quero que se vão embora sem terem sido vistos. Não te importas que te telefone esta noite?

— Desculpa-me por estar tão tagarela — disse Alexis rapidamente. — Mas preciso de te pedir um favor: um favor bastante grande.

— Sim? — disse Jack.

— Não te importarias de vir até cá e ver se podes ajudar? Jack soltou uma pequena gargalhada.

— Ajudar? Como é que eu poderia ajudar?

— Tu já mencionaste que eras muitas vezes testemunha em julgamentos. Com toda essa experiência no tribunal, poderias ajudar-nos. O advogado da companhia de seguros que está a representar o Craig parece competente, mas não está a criar empatia com os jurados. O Craig e eu falámos acerca de pedir outro advogado, mas não temos forma de avaliar se seria uma atitude sensata ou não. O que interessa é que estamos desesperados e pessimistas.

— A grande maioria das vezes que fui a tribunal foi em processos criminais, não cíveis.

— Não me parece que isso tenha importância.

— No único caso de negligência médica em que estive envolvido, foi do lado do queixoso.

— Creio que isso também não importa. Tu és inventivo, Jack. Pensas com isenção. Nós precisamos de um pequeno milagre. É o que a minha intuição está a dizer-me.

— Não vejo como poderia ajudar-vos, Alexis. Não sou advogado. Não sou bom com advogados. Nem sequer gosto de advogados.

— Jack, quando eras mais novo, ajudaste-me sempre. Ainda és o meu irmão mais velho. Preciso de ti. Como te disse, eu estou desesperada. Mesmo que acabe por ser um apoio mais psicológico do que real, ficar-te-ia muito agradecida se viesses. Não insisti para que nos visitasses desde que estás na Costa Leste, Jack. Sei que seria penoso para ti. Sei que tens características defensivas na tua personalidade, e sei que ver-me a mim e às minhas filhas te recorda da tua perda terrível.

— Isso foi assim tão óbvio?

— Era a única explicação. E já tinha percebido sinais desse tipo de comportamento quando éramos crianças. Era sempre mais fácil para ti evitares uma situação do que enfrentá-la. De qualquer maneira, respeitei isso, mas agora estou a pedir-te que esqueças e venhas ajudar-me, ajudar as minhas filhas e ajudar o Craig.

— Quanto tempo é que se prevê que o julgamento demore?

— A maior parte da semana, é o consenso generalizado.

— A última vez que falamos, havia uma coisa nova na minha vida que não te contei. Vou casar.

— Jack! Que notícia maravilhosa. Por que é que não me contaste antes?

— Não me pareceu apropriado, logo depois de me contares as últimas novidades sobre a situação do teu casamento.

— Não teria importado. Eu conheço-a?

— Conheceste-a a única vez que me vieste visitar aqui ao trabalho. Laurie Montgomery. Somos colegas. Alexis sentiu um arrepio de repugnância a percorrer-lhe a coluna. Nunca tinha visitado uma morgue antes de visitar o local de trabalho de Jack. Ainda que ele tivesse realçado que era o gabinete de um médico legista e que a morgue não passava de uma pequena parte de um vasto conjunto, ela não tinha achado a distinção convincente. Para ela, era um local de morte, pura e simplesmente, e parecia e cheirava a isso mesmo.

— Estou contente por ti — disse ela, enquanto pensava vagamente no que o irmão e a futura mulher conversariam durante um pequeno-almoço normal. — O que me deixa particularmente feliz é que conseguiste processar o teu luto pela Marilyn e pelas crianças e prosseguir a tua vida. Acho que isso é maravilhoso.

— Não acredito que uma pessoa consiga recuperar completamente de um desgosto desses. Mas obrigado!

— Quando é o casamento?

— Esta sexta-feira à tarde.

— Oh, meu Deus. Desculpa estar a pedir-te um favor nesta altura tão crítica.

— A culpa não é tua, isso é certo, mas sem dúvida complica as coisas, se bem que não as impossibilite. Não sou eu que estou a fazer os planos para o casamento. O meu trabalho era a lua-de-mel, e já está tudo tratado.

— Isso quer dizer que vens?

— Vou, a menos que te telefone na próxima hora, mais ou menos, mas é melhor ir quanto antes para poder voltar a tempo. Caso contrário, a Laurie pode começar a pensar que estou a tentar esquivar-me.

— Não me importo de falar com ela e explicar-lhe a situação.

— Não vai ser necessário. Vamos combinar o seguinte. Parto hoje ao final da tarde ou ao princípio da noite, depois de sair do trabalho. Obviamente, terei de falar com a Laurie e com o sub-diretor, e também tenho de terminar algumas coisas no meu gabinete. Quando chegar ao hotel, telefono para tua casa. Vou precisar do dossiê completo do caso: todos os depoimentos, descrição ou cópias de quaisquer provas e, se puderes, quaisquer testemunhos.

— Não vais ficar num hotel! — disse Alexis, decidida. — De maneira nenhuma. Tens de ficar lá em casa. Temos imenso espaço. Preciso de falar contigo pessoalmente e seria melhor para as miúdas. Por favor, Jack.

Seguiu-se uma pausa.

— Ainda estás aí? — perguntou Alexis.

— Sim, ainda estou aqui.

— Como estás a fazer o esforço de vir cá, quero que fiques em minha casa. A sério. Vai ser bom para todos, embora talvez seja uma racionalização egoísta, significando que sei que será bom para mim.

— Está bem — disse Jack com alguma relutância na voz.

— Por enquanto, nenhuma testemunha foi chamada para depor. A defesa está a efetuar as alegações iniciais neste preciso momento. O julgamento está praticamente no princípio.

— Quanto mais material puderes arranjar-me sobre o caso, maiores serão as hipóteses de eu poder dar alguma sugestão.

— Vou ver o que posso fazer para obter as alegações iniciais da acusação.

— Bem, então acho que nos veremos mais logo.

— Obrigada, Jack. Saber que vens, faz-me recordar os velhos tempos.

Alexis desligou o telemóvel e guardou-o na mala. Depois da conversa e mesmo sem saber se Jack poderia ajudar, estava contente por ele vir. Ele poderia dar-lhes o apoio emocional que apenas um membro da família pode proporcionar. Passou novamente pelos seguranças e apanhou o elevador para o segundo andar. Quando entrou na sala de audiências e fechou a pesada porta o mais silenciosamente possível, percebeu que Randolph ainda estava a descrever o efeito pernicioso que a economia médica atual tinha no exercício da medicina. Decidindo sentar-se o mais próximo possível do júri, percebeu pelos olhos vidrados dos jurados que não estavam mais interessados do que quando ela saíra. Alexis ficou ainda mais contente com a vinda de Jack. Deu-lhe a sensação de que estava a fazer alguma coisa.

Nova Iorque, Nova Iorque
Segunda-feira, 5 de Junho de 2005
15:45

Jack deixou-se ficar sentado à secretária vários minutos depois de falar com a irmã, a tamborilar com os dedos na superfície metálica. Não tinha sido inteiramente honesto com ela. A irmã pensara que o motivo

por que evitara visitá-la se prendia com o dinheiro e ele não a tinha esclarecido. Pior ainda, não tinha admitido no seu íntimo que as razões continuavam tão válidas como sempre. Sabia que seria especialmente penoso voltar a ver as filhas de Alexis, uma vez que Meghan e Christina tinham aproximadamente as mesmas idades que as suas falecidas filhas Tâmara e Lydia. Porém estava preso num dilema emocional, tendo em conta até que ponto ele e Alexis tinham sido íntimos no Indiana. Ele era cinco anos mais velho do que a irmã e a diferença de idades fora a suficiente para que o seu papel fosse um pouco paternal e ao mesmo tempo bastante íntimo para ser um irmão com quem ela podia contar. Essa circunstância, mais a culpa que sentia por ter evitado Alexis durante os dez anos que passara em Nova Iorque, ditou a impossibilidade de não responder aos seus apelos numa hora de necessidade. Infelizmente, não ia ser fácil.

Levantou-se e, por breves instantes, debateu-se a respeito do que deveria fazer em primeiro lugar. A sua primeira inclinação era falar com Laurie, embora a perspectiva não o entusiasmasse nada, pois ela estava claramente aflita com os planos para o casamento; a mãe estava a deixá-la doida e, por sua vez, ela estava a deixá-lo doido. Consequentemente, pensou que talvez fizesse mais sentido falar primeiro com Calvin Washington, o subdiretor do instituto. Era Calvin que teria de autorizar Jack a tirar alguns dias de licença do emprego. Durante um momento fugaz, a esperança de que Calvin recusasse aquela licença adicional passou pela mente de Jack, uma vez que ele e Laurie já iam tirar duas semanas de férias a partir de sexta-feira. Se lhe fosse negada autorização para ir a Boston, os seus problemas de culpa em relação a Alexis, a relutância em ver as filhas da irmã e a necessidade de explicar o assunto a Laurie ficariam certamente resolvidos.

No entanto, Calvin não diria que não; uma emergência familiar nunca era recusada.

Porém, antes mesmo de desligar o computador, a racionalidade prevaleceu. Intuitivamente, soube que devia pelo menos tentar falar com Laurie primeiro, pois se não o fizesse e ela acabasse por descobrir, seria o inferno, tão perto que estava o casamento. Com essa idéia em mente, dirigiu-se para o gabinete de Laurie.

Jack tinha outro motivo para não estar nada empolgado com a possível viagem a Boston e esse motivo prendia-se com o fato de Craig Bowman estar longe de ser a sua pessoa preferida. Jack tolerava-o por causa de Alexis, mas nunca tinha sido fácil. No dia em que o conhecera, reconhecera imediatamente o tipo. Jack tinha tido vários colegas com personalidades semelhantes na sua turma durante o curso de medicina. Ele era o género de indivíduo que fazia questão de abafar qualquer um com uma avalanche de citações de artigos de jornal que, supostamente, confirmavam o seu ponto de vista, se alguém se atrevesse a sugerir um ponto de vista alternativo. Se esse fosse o único problema, Jack poderia viver com ele, mas, infelizmente, os modos obstinados do cunhado também eram exacerbados por um irritante grau de arrogância, grandiosidade e prepotência. Mas até isso poderia ter sido suportável se ele conseguisse ocasionalmente conversar com Craig acerca de outra coisa que não sobre medicina. Mas nunca conseguiu. Craig só estava interessado em medicina, ciência e os seus pacientes. Não se interessava por política, ou cultura, ou mesmo desporto. Não tinha tempo.

Enquanto se aproximava da porta do gabinete de Laurie, Jack aclarou audivelmente a garganta ao lembrar-se de que Alexis sugerira que ele tinha características defensivas na personalidade. Que lata! Refletiu por instantes e a sua reação fê-lo sorrir. Num momento de clarividência, percebeu que ela estava certa e que Laurie concordaria plenamente. Em muitos aspectos, essa reação era uma prova do seu narcisismo, o que tinha admitido a Alexis.

Jack enfiou a cabeça no gabinete de Laurie, mas a sua cadeira estava vazia. Riva Mehta, a colega de Laurie, de pele escura e voz sedosa, estava à sua secretária a falar ao telefone. Olhou para Jack com os seus olhos de ônix.

Jack apontou para a cadeira de Laurie enquanto erguia as sobrancelhas numa pergunta muda. Riva respondeu apontando para baixo e formando as palavras "no poço" com os lábios, sem afastar o

auscultador do ouvido.

Com um aceno de compreensão de que Laurie estava lá em baixo na sala de autópsias, sem dúvida a tratar de um caso de última hora, Jack voltou para trás e dirigiu-se para os elevadores. Agora, se Laurie descobrisse que ele tinha ido falar com Calvin primeiro, já teria uma explicação.

Como sempre, encontrou o Dr. Calvin Washington no seu gabinete, ao lado do do diretor. Em contraste com o deste último, o gabinete de Calvin estava praticamente cheio com os armários de arquivos metálicos, a secretária e duas cadeiras de costas direitas. Quase não havia espaço para o corpo de cento e dez quilos de Calvin passar pela secretária e sentar-se na cadeira. Calvin tinha a missão de percorrer diariamente todos os gabinetes, o que não era uma tarefa fácil tendo em conta que havia mais de uma dúzia de médicos legistas e mais de vinte mil casos por ano que resultavam em quase dez mil autópsias. Diariamente, havia uma média de dois homicídios e duas overdoses. O Instituto de Medicina Legal era um lugar movimentado e Calvin fiscalizava todos os pormenores desagradáveis.

— Qual é o problema agora? — perguntou Calvin no seu tom de voz grave e profundo.

No princípio Jack ficava relativamente intimidado com o corpo volumoso e temperamento tempestuoso do homem. À medida que os anos foram passando, os dois tinham começado a sentir um prudente respeito mútuo. Jack sabia que Calvin ladrava mas não mordida.

Jack não entrou em pormenores. Limitou-se a dizer que tinha uma emergência familiar em Boston que requeria a sua presença.

Calvin observou Jack através das lentes progressivas com aros metálicos.

— Não sabia que tinhas família em Boston. Pensei que eras de um sítio qualquer no Midwest.

— É uma irmã — disse Jack simplesmente.

— Vais voltar a tempo das tuas férias? — perguntou Calvin.

Jack sorriu. Conhecia Calvin suficientemente bem para saber que ele estava a brincar.

— Vou fazer todos os possíveis.

— De quantos dias é que estamos a falar?

— Não posso dizer ao certo, mas espero que seja apenas um.

— Bom, mantém-me informado — disse Calvin. — A Laurie está a par desta mudança súbita?

Ao longo dos anos, Jack tinha começado a perceber que Calvin tinha criado uma ligação quase paternal com Laurie.

— Ainda não, mas está no topo da minha lista. Na verdade, é a única pessoa da minha lista.

— Está bem! Põe-te daqui para fora. Tenho trabalho para fazer. Depois de agradecer ao subdiretor, que lhe fez um gesto de adeus, Jack saiu da zona da administração e desceu pelas escadas até ao andar das salas de autópsias. Acenou ao técnico de autópsias e ao chefe da segurança que se encontrava no seu gabinete. Uma baforada do que os residentes de Nova Iorque chamam de ar fresco entrou pela plataforma de descargas que estava voltada para a Rua Trinta. Virando à direita, percorreu o chão de cimento manchado e passou pela câmara frigorífica e pelos compartimentos individuais refrigerados. Ao chegar junto da sala de autópsias, espreitou para o interior pela janela de rede de arame. Duas figuras com fatos protetores completos estavam ocupadas com a limpeza da sala. Um único corpo com uma incisão suturada estava estendido na mesa mais próxima. Era óbvio que o trabalho estava concluído.

Jack abriu ligeiramente a porta e perguntou se alguém sabia onde estava a Dra. Montgomery. Um dos ocupantes disse que ela tinha saído cinco minutos antes. Jack praguejou baixinho e voltou para trás, apanhando o elevador para o quarto andar. Durante a subida, perguntou a si mesmo se haveria alguma maneira de apresentar a situação que fosse mais fácil para Laurie. A intuição dizia-lhe que ela não ia ficar satisfeita com esta mudança inesperada, pois a mãe estava a pressioná-la para além do razoável por causa da cerimónia de sexta-feira.

Encontrou-a no gabinete, a organizar o trabalho na secretária. Era evidente que tinha acabado de chegar. Riva continuava ao telefone e ignorou-os.

— Que surpresa agradável — disse Laurie, iluminando-se.

— Espero que sim — replicou Jack. Encostou o rabo à secretária de Laurie e olhou para ela. Não havia mais nenhuma cadeira. Não só os médicos legistas tinham de partilhar gabinetes nas instalações antiquadas do instituto como os espaços eram exíguos. Duas secretárias e alguns armários de arquivo enchiam a sala.

Os olhos azul-esverdeados de Laurie fitaram Jack com uma expressão interrogativa e sem pestanejar. Tinha os cabelos penteados no alto da cabeça e presos com um gancho de imitação de tartaruga. Algumas madeixas de cabelo caíam à frente do rosto em caracóis.

— Que é que queres dizer com "espero que sim"? Por amor de Deus, que é que vais dizer-me? — Laurie estava preocupada.

— Acabei de receber um telefonema da minha irmã, Alexis.

— Que bom. Ela está bem? Já me tenho perguntado porque é que não se mantêm mais em contato, especialmente desde que ela e o marido tiveram aqueles problemas. Eles ainda estão juntos?

— Ela está bem e, sim, estão juntos. O telefonema foi por causa dele. O meu cunhado está a atravessar um período difícil. Está a ser julgado por negligência médica.

— Isso é uma pena, especialmente porque disseste que ele é um médico excelente. Detesto ouvir esse tipo de histórias, tendo em conta o que nós, médicos legistas, sabemos dos médicos que deviam ser processados.

— Os médicos maus estão muito mais orientados para a gestão de riscos, para compensar o que lhes falta em habilidade e conhecimentos.

— Que é que se passa, Jack? Sei que não vieste aqui para falar sobre a crise da negligência médica. Tenho a certeza disso.

— Aparentemente, o caso do meu cunhado não está a correr bem, pelo menos na opinião da Alexis, e, devido ao muito que ele se empenhou para ser médico, ela está convencida de que, se perder, ele vai desmoronar. Para além do mais, acredita que se isso acontecer o casamento e a família vão desagregar-se. Se a Alexis não fosse licenciada em psicologia, talvez eu não lhe desse tanto crédito, mas como é psicóloga, tenho de presumir que tem razão.

Laurie inclinou a cabeça ligeiramente para o lado para observar Jack de um ângulo um pouco diferente.

— É óbvio que estás a querer dizer-me alguma coisa, e tenho a sensação de que não vou gostar nada.

— A Alexis implorou-me que fosse a Boston o mais depressa possível, para tentar ajudar.

— Que diabo é que tu podes fazer?

— Provavelmente, apenas segurar-lhe na mão. Fiquei tão cético como tu e disse-lhe, mas ela praticamente implorou-me para ir. Para ser franco, ela tocou na minha enorme culpa.

— Oh, Jack — murmurou Laurie, queixosa. Inspirou profundamente e soltou o ar. — Quanto tempo é que vais estar ausente?

— Espero que seja apenas um dia. Foi o que disse ao Calvin. — Depois, acrescentou rapidamente: — Vim ao teu gabinete para falar contigo primeiro, e depois parei no gabinete dele a caminho do poço, quando soube que estavas lá.

Laurie acenou afirmativamente. Baixou os olhos para a secretária e brincou com um clipe perdido. Era notório que estava dividida entre a necessidade da irmã de Jack e a sua própria necessidade.

— Não preciso de te recordar que hoje é segunda-feira à tarde e o nosso casamento está marcado para a uma e trinta de sexta-feira.

— Eu sei, mas tu e a tua mãe estão a fazer o trabalho todo. A lua-de-mel era a minha tarefa e já está tudo tratado.

— E quanto ao Warren?

— Tanto quanto sei, nas suas próprias palavras, está fixe, mas vou verificar.

Jack tinha tido sérias dificuldades para decidir quem seria o padrinho, Warren ou Lou. Por fim, tinham

tirado à sorte e Warren ganhara. Para além de Warren e Lou, as outras pessoas que Jack convidara para a cerimónia tinham sido o seu colega de gabinete, o Dr. Chet McGovern, e alguns dos colegas dos jogos de basquetebol da vizinhança. Tinha evitado especificamente convidar a família, por uma série de razões.

— E tu?

— Estou pronto.

— Devo ficar preocupada por ires para Boston e veres as filhas da tua irmã? No passado, disseste-me que era um problema para ti. Que idade têm elas agora?

— Quinze, onze e dez.

— As tuas duas filhas não tinham onze e dez anos?

— Tinham.

— Pelo que partilhaste comigo ao longo dos anos acerca do funcionamento da tua mente, estou preocupada com a possibilidade de teres problemas por te relacionares com elas. Onde é que vais ficar?

— Lá em casa! A Alexis insistiu.

— Não quero saber se ela insistiu. Sentes-te confortável com a ideia de ficar lá? Se não sentires, dá ouvidos a ti próprio e fica num hotel. Não quero que tenhas problemas com isto e, possivelmente, decidas não ir avante com o casamento. Há uma hipótese de abrires feridas antigas.

— Tu conheces-me bem de mais. Pensei em tudo o que me disseste. Acho que pensar no assunto e não ignorá-lo é um sinal saudável! A Alexis acusou-me de ter traços de personalidade defensiva.

— Como se eu não soubesse isso, tendo em conta a eternidade que demoraste a sentir-te capaz de casar comigo.

— Não sejas má — disse Jack com um sorriso. Esperou para ter a certeza de que Laurie percebia que ele estava a brincar, porque o que ela tinha dito era verdade. Durante alguns anos, a culpa e o desgosto de Jack tinham-no feito sentir que não era justo ser feliz. Até sentia que devia ter sido ele a morrer, não Marilyn e as meninas.

— Seria mesquinho da minha parte tentar convencer-te a não ir — continuou Laurie num tom sério. — Mas não seria honesta se não te dissesse que não estou feliz com a situação, quer de um ponto de vista egoísta, quer pelo efeito que pode ter no teu estado de espírito. Vamos casar na sexta-feira. Não me telefones de Boston a sugerir o adiamento. Se o fizeres, seria um cancelamento, não um adiamento. Espero que não encares isto como uma ameaça absurda. Passado todo este tempo, é o que eu sinto. Dito isto, faz o que tens de fazer.

— Obrigado. Compreendo como te sentes, e com bons motivos. Para mim, em muitos aspectos tem sido um caminho lento para a normalidade.

— Quando é que vais, exatamente?

Jack olhou para o relógio. Eram quase quatro horas da tarde.

— Agora mesmo, acho eu. Vou de bicicleta para o apartamento, arrumo algumas coisas num saco e sigo para o aeroporto. Atualmente, ele e Laurie estavam a viver no rés-do-chão do velho prédio de Jack, na Rua 106. Tinham-se mudado do quarto andar porque o edifício estava a ser renovado. Jack e Laurie tinham-no adquirido sete meses antes e tinham cometido o erro de tentar viver nele enquanto as obras progrediam.

— Telefonas-me esta noite quando estiveres instalado?

— Claro que sim.

Laurie levantou-se e abraçaram-se.

Jack não perdeu tempo. Depois de resolver alguns assuntos pendentes na sua secretária, desceu até à cave e tirou a bicicleta de montanha de onde a deixava estacionada. Com o capacete e luvas e um clipe na perna direita das calças, pedalou pela Rua 30 e depois dirigiu-se para norte na Primeira Avenida.

Como sempre, depois de montar na bicicleta, os problemas de Jack esbateram-se. O exercício e a satisfação que o aguardavam levaram-no para outro mundo, especialmente durante a travessia diagonal

do Central Park. Como uma jóia verde no meio da cidade de betão, o parque proporcionava uma experiência transcendente. Quando saiu na zona ocidental do Central Park para a Rua 106, a tensão resultante da conversa com Laurie tinha desaparecido.

Tinha saído do seu sistema graças à magia do interior florido do parque.

Em frente ao seu prédio, Jack parou na esquina do parque infantil do bairro. Warren e Flash estavam no campo de basquetebol, a encestar para treinarem para os furiosos e competitivos jogos do final da tarde. Jack abriu o portão da vedação alta de arame e levou a bicicleta à mão para o parque.

— Hei, meu — chamou Warren. — Vieste cedo. Vais correr esta noite? Se fores, não te esqueças de vir para cá, porque esta noite vai ser uma festa. O corpo jovem e impressionantemente musculado de Warren estava completamente escondido pelas roupas largas estilo hip-hop. Flash era mais velho e a sua barba estava a ficar prematuramente branca. O seu maior trunfo, para além da capacidade de afundar, era a boca. Conseguia argumentar sobre qualquer assunto e fazer com que a maior parte das pessoas concordassem com o seu ponto de vista. Juntos, formavam uma equipa praticamente imbatível.

Após leves abraços e apertos de mão ritualizados, Jack disse a Warren que não poderia jogar porque tinha de ir a Boston por uma ou duas noites.

— Beantown! — comentou Warren. — Tenho lá um mano que é fixe e joga muito. Podia dar-lhe um toque para lhe dizer que estás na área.

— Isso seria bestial — disse Jack. Não tinha pensado levar o equipamento, mas um pouco de exercício talvez fosse a terapia perfeita se as coisas ficassem emocionalmente perigosas.

— Eu vou dar-lhe o número do teu telemóvel e deixo o dele na tua caixa de mensagens.

— Boa — disse Jack. — Escuta! Está tudo bem com o teu smoking para sexta-feira?

— Não há problema. Vamos buscá-lo na quinta.

— Ótimo — disse Jack. — Talvez vos veja na quarta-feira à noite. Não me faria nada mal um ou dois jogos antes do grande dia.

— Nós estamos aqui, Doutor — disse Warren. Tirou a bola a um espantado Flash e marcou um cesto de três pontos.

Boston, Massachusetts Segunda-feira, 5 de Junho de 2006 19:35

Jack desembarcou da ponte aérea das seis e meia da Delta e deixou-se arrastar pelos outros passageiros. Presumiu que sabiam para onde iam. Pouco depois, estava junto ao terminal da Delta e passados cinco minutos o autocarro da Hertz, a companhia de aluguer de viaturas, parou. Jack entrou.

Não ia a Boston há algum tempo e, graças à interminável construção do aeroporto, não reconhecia absolutamente nada. Enquanto o autocarro percorria os diversos terminais, perguntou a si mesmo como seria recebido quando chegasse à propriedade dos Bowman. A única pessoa que tinha a certeza que seria hospitaleira era Alexis. Quanto aos outros, não fazia idéia do que poderia esperar, especialmente no que dizia respeito a Craig. E também não via Alexis há mais de um ano, o que tornaria o reencontro algo embaraçoso. Vira-a pela última vez em Nova Iorque, onde ela tinha ido sozinha a uma conferência de psicologia.

Jack suspirou. Não queria estar em Boston, especialmente porque sabia que as hipóteses de fazer outra coisa para além de dar palmadinhas nas costas da irmã e lamentar-se com ela não eram grandes, e também porque estava consciente de que a sua ida tinha aborrecido Laurie. Estava confiante de que a noiva ficaria bem, mas não podia esquecer-se de que a mãe a tinha submetido a uma tensão enorme ao longo das últimas semanas. A ironia era que ela devia desfrutar da cerimónia de casamento e dos preparativos. Em vez disso, tudo fora um fardo. Jack tinha sido obrigado a morder a língua em diversas ocasiões quando se sentia tentado a dizer-lhe que ela devia estar mais descontrainda. Se tivesse sido Jack a decidir, teriam marcado uma cerimónia pequena e privada, apenas com alguns amigos. Da sua perspectiva cínica, a realidade dos grandes acontecimentos sociais nunca correspondia à expectativa romântica.

Jack e os outros passageiros acabaram por ser deixados nas instalações da Hertz e, depois de muita confusão, acabou por se sentar atrás do volante de um Hyundai Accent bege que lhe fez lembrar uma antiquada lata de sumo Minute Maid. Com um pequeno mapa e algumas indicações vagas, aventurou-se com toda a coragem e perdeu-se imediatamente. Boston não era uma cidade simpática para um visitante motorizado. E os condutores de Boston também não. Enquanto tentava chegar à cidade suburbana onde Alexis vivia, Jack sentiu que estava a conduzir num rali. Nas raras visitas anteriores, tinha-se encontrado sempre com a irmã na cidade.

Abalado mas não derrotado, Jack parou na entrada dos Bowman às oito e quarenta e cinco. Ainda não estava totalmente escuro, graças à aproximação do solstício de Verão, mas as luzes incandescentes do interior estavam acesas, conferindo à casa o que Jack presumiu ser a aparência falsamente acolhedora da família feliz. A casa, tal como as outras naquele bairro de Newton, era imponente. Era uma grande estrutura com dois andares e meio feita de tijolo e pintada de branco com uma série de lucernas salientes no telhado. Como nas outras casas, também esta tinha um extenso relvado, imensos arbustos, árvores altas e grandes canteiros de flores. No rés-do-chão, por baixo de cada janela havia uma floreira com flores a abrir. Ao lado do Hyundai de Jack estava um Lexus, e ele sabia por uma prévia conversa com Alexis que, no interior da garagem, estava a carrinha da praxe.

Ninguém saiu de casa a correr e a acenar uma bandeira de boas-vindas. Jack desligou o motor e, por instantes, considerou a idéia de dar a volta e ir-se embora. Mas não podia fazer uma coisa dessas, por isso tirou a mala de mão do banco de trás e saiu do carro. Lá fora, ouviu os ruídos familiares de grilos e outras criaturas. Com exceção desses sons, o bairro parecia desprovido de vida.

À porta principal, Jack espreitou pelos vidros laterais. Havia uma pequena entrada com um suporte para chapéus de chuva. A seguir, abria-se o átrio. Viu um lance de escadas que subiam para o primeiro andar. No entanto, não havia pessoas, não havia ruído. Jack tocou à campainha, que na verdade era uma melodia que se ouviu claramente através da porta fechada. Quase imediatamente, apareceu uma figura pequena e andrógina a descer as escadas. Vestia simplesmente T-shirt e calções, e estava descalça. Era uma pré-adolescente ágil, com a pele muito branca e sem marcas e braços e pernas delicados. Abriu a porta. A sua determinação foi imediatamente notória.

— Deve ser o tio Jack.

— Sou, e tu? Jack sentiu o coração a bater mais depressa. Já podia ver a sua falecida filha Tâmara.

— Christina — declarou ela. Depois, sem desviar os olhos esverdeados de Jack, gritou por cima do ombro: — Mãe! O tio Jack está aqui.

Alexis apareceu do outro lado do átrio. Enquanto se aproximava, exsudava uma grande domesticidade. Usava um avental e vinha a limpar as mãos a um pano aos quadrados.

— Bem, manda-o entrar, Christina.

Embora parecesse adequadamente mais velha, Alexis estava muito parecida com a imagem que Jack guardava dela na casa onde tinham passado a infância, em South Bend, Indiana. Não havia dúvida de que eram irmãos. Tinham os mesmos cabelos cor de areia, os mesmos olhos cor de xarope de ácer, as mesmas feições vincadas e a mesma compleição, que sugeria que tinham apanhado sol mesmo que não tivessem. Nenhum deles ficava completamente pálido, nem sequer no meio do Inverno.

Com um sorriso caloroso, Alexis avançou diretamente para Jack e apertou-o num abraço demorado.

— Obrigada por vires — sussurrou-lhe ao ouvido.

Ainda estava a abraçar Alexis, quando Jack viu as outras duas raparigas a aparecer no cimo das escadas. Era fácil distingui-las, pois, com quinze anos, Tracy tinha mais trinta centímetros de altura do que Meghan, de onze. Como se não soubessem bem o que fazer, as meninas desceram a escadaria lentamente, hesitando em cada degrau. Enquanto se aproximavam, foi fácil para Jack ver que as suas personalidades diferiam tanto como a altura. Os olhos azul-céu de Tracy brilhavam com uma intensidade descarada, ao passo que os olhos cor de avelã de Meghan saltitavam, não querendo estabelecer contato visual. Jack

engoliu em seco. O movimento dos olhos de Meghan sugeria que ela era tímida e introvertida como a sua Lydia.

— Venham cá e cumprimentem o vosso tio — disse Alexis, bem disposta. Quando as raparigas chegaram ao rés-do-chão, Jack ficou surpreendido com a altura de Tracy. Estava a olhar para ela praticamente ao nível dos olhos. Era sem dúvida oito a dez centímetros mais alta do que a mãe. A outra coisa que viu foi que ela tinha dois piercings óbvios. Um era na narina e tinha um pequeno diamante. Tinha também uma argola de prata no umbigo exposto.

A roupa que vestia incluía uma camisola sem mangas que se esticava sobre seios precocemente grandes. Na parte inferior do corpo usava calças de cintura descaída. A roupa e os acessórios conferiam-lhe uma sensualidade picante tão ardente como o seu olhar.

— Este é o vosso tio, meninas — disse Alexis como apresentação.

— Por que é que nunca nos visitou? — perguntou Tracy imediatamente. Tinha as duas mãos desafiadoramente enfiadas nos bolsos das calças.

— As suas filhas morreram mesmo num acidente de avião? — perguntou Christina quase simultaneamente.

— Meninas! — ralhou Alexis, esticando a palavra como se tivesse cinco ou seis sílabas. Depois, pediu desculpa a Jack: — Desculpa. Tu sabes como são as crianças. Nunca sabemos o que vão dizer.

— Não faz mal. Infelizmente, são duas perguntas razoáveis. — Depois, olhando Tracy nos olhos, disse: — Talvez tenhamos oportunidade de conversar amanhã ou depois. Vou tentar explicar porque é que me tornei um desconhecido para vocês. — Em seguida, baixando os olhos para Christina, acrescentou: — Em resposta à tua pergunta, perdi realmente duas lindas filhas num acidente de avião.

— Muito bem, Christina — disse Alexis, intronetendo-se na conversa. — Como és a única que já terminou os trabalhos de casa, queres levar o tio Jack ao quarto de hóspedes da cave? Tracy e Meghan, vocês vão voltar para cima e terminar os trabalhos de casa. E, Jack, presumo que não comeste.

Jack acenou afirmativamente. Tinha engolido uma sanduíche à pressa no Aeroporto LaGuardia, que já desaparecera há muito nas partes inferiores do sistema digestivo. Embora não o esperasse, estava com fome.

— Que tal uma massa? Mantive o molho quente e posso fazer uma salada rapidamente.

— Acho ótimo.

O quarto de hóspedes da cave era o que ele esperava. Tinha duas janelas altas com os vãos revestidos a tijolo. O ar era úmido e fresco como o de uma adega. Pelo lado positivo, estava decorado com bom gosto em diversas tonalidades de verde. A mobília incluía uma cama enorme, uma escrivaninha, uma poltrona com um candeeiro de leitura e uma televisão de ecrã plano. O quarto tinha casa de banho privativa.

Enquanto Jack tirava as roupas da mala e pendurava o que podia no armário, Christina atirou-se para a poltrona. Com os braços pousados nos braços do sofá e os pés espetados no ar, observou Jack com um olhar crítico.

— É mais magro que o meu pai.

— Isso é bom ou mau? — perguntou Jack. Pousou os ténis de basquetebol no fundo do armário e levou os utensílios da barba para a casa de banho. Gostou de ver um grande chuveiro em vez da tradicional banheira.

— Que idade tinham as suas filhas quando caíram no avião?

Embora devesse esperar que Christina voltasse ao assunto sensível depois da sua resposta pouco esclarecedora, uma pergunta tão direta e pessoal atirou-o para a perturbadora sequência de quando se despedira da mulher e das filhas no aeroporto de Chicago. Tinha sido há praticamente quinze anos que levava a família ao aeroporto para elas apanharem a ponte aérea para Champaign, enquanto uma série de perigosas trovoadas e tornados se aproximava das vastas planícies do Midwest. Ele estava em Chicago a fazer uma especialização em medicina forense depois de uma empresa gigante de cuidados médicos ter

engolido o seu consultório de oftalmologia no apogeu dos seguros de saúde. Jack andava a tentar convencer Marilyn a mudar para Chicago, mas ela tinha recusado legitimamente por causa das crianças. A passagem do tempo não tinha entorpecido a recordação daquela última despedida. Como se tivesse acontecido no dia anterior, viu Marilyn, Tâmara e Lydia através da divisória de vidro da rampa a seguir até à porta de embarque. Ao chegarem à entrada da manga, apenas Marilyn se voltara para dizer adeus. Tâmara e Lydia, com o seu entusiasmo infantil, tinham simplesmente desaparecido.

Como ficaria a saber mais tarde nessa mesma noite, apenas quinze ou vinte minutos após a descolagem o pequeno avião a hélice tinha-se despenhado na fértil terra preta da pradaria. Fora atingido por um raio e apanhado numa forte rabanada de vento. Todos os passageiros tinham morrido num piscar de olhos.

— Sente-se bem, tio Jack? — perguntou Christina. Jack tinha estado imóvel durante vários segundos, como se tivesse ficado paralisado.

— Estou bem — disse Jack, com alívio palpável.

Tinha acabado de reviver o momento da sua vida em que evitava a todo o custo pensar e, no entanto, o episódio terminara sem as habituais sequelas viscerais. Não sentiu o estômago embrulhado nem o coração a parar, nem foi como se um cobertor pesado e asfixiante descesse sobre si. Era uma história triste, mas sentiu distância suficiente para poder ter sido vivida por outra pessoa qualquer. Talvez Alexis tivesse razão. Como tinha dito ao telefone: talvez ele tivesse processado o desgosto e continuado a sua vida.

— Que idade é que elas tinham?

— As mesmas que tu e a Meghan.

— Isso é horrível.

— Pois foi — concordou Jack.

Já na grande cozinha, Alexis mandou Jack sentar-se à mesa familiar enquanto ela acabava de cozer a massa. As filhas tinham ido para o primeiro andar preparar-se para ir para a cama. No dia seguinte havia aulas. Os olhos de Jack observaram a divisão. Era uma cozinha grande mas acolhedora, que se adequava à aparência externa da casa. As paredes estavam pintadas num tom de amarelo torrado. Um sofá grande e confortável forrado com um tecido floral verde-claro e cheio de almofadas estava voltado para a lareira, sobre a qual se via o maior televisor de ecrã plano que Jack já tinha visto. Os cortinados tinham o mesmo padrão do sofá e emolduravam uma janela saliente que se abria para um terraço. A seguir ao terraço havia uma piscina, depois da qual se estendia um relvado com o que parecia um mirante na penumbra.

— É uma casa linda — comentou Jack. Na sua opinião, era mais do que linda. Comparada com a forma como ele tinha vivido durante os últimos dez anos, era o epítome do luxo.

— Como eu te disse ao telefone, o Craig tem ganhado imenso dinheiro — explicou Alexis enquanto deitava a massa num escorredor.

— Onde é que ele está? — perguntou Jack.

Ninguém mencionara o nome dele. Jack presumira que estaria fora, talvez numa emergência médica ou, possivelmente, a falar com o advogado.

— Está a dormir no quarto de hóspedes do primeiro andar — esclareceu Alexis. — Não dormimos juntos nem partilhamos o mesmo quarto desde que ele saiu de casa para ir viver na cidade.

— Pensei que talvez tivesse sido chamado para ver um doente.

— Não, ele não trabalha esta semana. Contratou alguém para ocupar o seu lugar no consultório enquanto durar o julgamento. Recomendação do advogado. E acho que foi uma medida acertada. Por muito dedicado que seja no exercício da sua profissão, neste momento eu não o quereria para meu médico. Está preocupado demais.

— Estou impressionado por ele estar a dormir. Se fosse eu, estaria levantado, a andar de um lado para o outro pela casa.

— Ele teve uma pequena ajuda — admitiu Alexis. Trouxe a massa e a salada para a mesa e pousou tudo à

frente de Jack. — Foi um dia difícil, devido ao início do julgamento, e ele está compreensivelmente deprimido. Receio que ande a auto-medicar-se com comprimidos para dormir, para combater a insónia. Também tem havido algum álcool: uísque, para ser precisa, mas não em quantidades preocupantes. Pelo menos, ainda não. Jack anuiu mas não disse nada.

— Que é que queres beber? Eu vou beber um copo de vinho.

— Um pouco de vinho seria bom — disse Jack.

Sabia mais do que gostaria acerca da depressão. Após o acidente aéreo, tinha passado anos a lutar contra ela.

Alexis trouxe uma garrafa de vinho branco aberta e dois copos.

— O Craig sabia que eu vinha? — inquiriu Jack. Era uma pergunta que devia ter feito antes de concordar em vir.

— É claro que sabia — respondeu Alexis enquanto servia o vinho. — De fato, discuti a ideia com ele antes de te telefonar.

— E ele concordou?

— Ele questionou o meu raciocínio, mas disse que deixaria a decisão a meu cargo. Para ser franca, não ficou muito entusiasmado quando falamos no assunto e disse uma coisa que me surpreendeu. Disse que estava convencido de que não gostavas dele. Tu nunca disseste nada do gênero, pois não?

— Claro que não — disse Jack. Enquanto começava a comer, perguntou a si mesmo até onde é que deveria levar aquela conversa. A verdade é que, quando Alexis e Craig tinham ficado noivos, pensara que ele não era o homem certo para a irmã. Porém nunca tinha dito nada, principalmente porque pensava, sem saber ao certo porquê, que os médicos em geral eram uma má aposta, em termos de casamento. Só há relativamente pouco tempo é que o tortuoso caminho para a recuperação lhe dera a introspecção necessária para explicar a antiga aversão... nomeadamente, que todo o processo de aprendizagem da medicina ou selecionava pessoas bastante narcisistas, ou as criava, ou uma combinação das duas. Na opinião de Jack, Craig era o exemplo máximo desta teoria. A dedicação obsessiva à medicina quase garantia que o seu relacionamento pessoal seria proporcionalmente superficial.

— Eu disse-lhe que tu não pensavas assim — continuou Alexis. — Na verdade, disse-lhe que o admiravas, porque tu disseste-me isso uma vez. Não estou enganada, pois não?

— Eu disse-te que o admirava como um médico consumado — replicou Jack, consciente de que estava a ser levemente evasivo.

— E complementei dizendo que tinhas inveja do que ele tinha conseguido. Tu disseste alguma coisa nesse sentido, não foi?

— Indubitavelmente, tenho o maior respeito pela sua capacidade de fazer investigação científica básica e publicável ao mesmo tempo que gere um consultório grande e bem sucedido. É o objetivo romântico de muitos médicos que nunca chegam sequer a aproximar-se. Eu fiz uma tentativa quando era oftalmologista, mas, retrospectivamente, as minhas supostas investigações eram uma anedota.

— Sabendo o que sei a teu respeito, não posso imaginar que isso seja verdade.

— Voltando ao assunto crucial, como é que Craig se sente por eu estar aqui? Na verdade, não respondeste à minha pergunta.

Alexis bebericou um gole de vinho. Evidentemente, estava a ponderar na resposta e, quanto mais tempo demorava, mais inquieto Jack foi ficando. Afinal de contas, era um convidado na casa do cunhado.

— Suponho que não respondi deliberadamente — admitiu ela. — Ele sente-se embaraçado por estar a pedir ajuda, como tu sugeriste ao telefone que poderia acontecer. Não há dúvida de que ele encara a dependência como uma fraqueza, e toda esta situação o fez sentir-se totalmente dependente.

— Mas tenho a sensação de que não é ele que está a pedir ajuda. Alexis pousou o copo de vinho.

— Tens razão — disse ela com relutância. — Sou eu que estou a pedir ajuda em nome dele. Ele não está muito satisfeito com a tua presença porque se sente embaraçado. Mas eu estou encantada por estares aqui.

— Alexis esticou-se por cima da mesa e pegou na mão de Jack. Apertou-a com uma ferocidade inesperada. — Obrigada por te preocupares, Jack. Senti a tua falta. Sei que não é a melhor altura para te ausentares de Nova Iorque, e isso torna a tua vinda ainda mais especial. Obrigada, obrigada, obrigada. Uma inesperada onda de emoção inundou-o, e ele sentiu o rosto a ruborizar-se. Ao mesmo tempo, a natureza defensiva da sua personalidade resistiu e impôs-se. Jack soltou a mão da irmã, bebeu um gole de vinho e mudou de assunto.

— Então, conta-me como foi o primeiro dia de julgamento.

Os cantos da boca de Alexis subiram num sorriso ligeiro.

— És transparente, tal como nos velhos tempos! A rapidez com que deste meia volta para fugir de uma arena com carga emocional! Pensaste que eu não ia reparar?

— Estou sempre a esquecer-me de que és psicóloga — replicou Jack com uma gargalhada. — Foi uma reação instintiva de auto-preservação.

— Pelo menos, admites o teu lado emocional. De qualquer maneira, em relação a este julgamento, tudo o que aconteceu até agora foram as alegações iniciais e o depoimento da primeira testemunha.

— Quem foi a primeira testemunha? — Jack terminou a salada e pegou no copo de vinho.

— O contabilista do Craig. Como Randolph Bingham explicou mais tarde, ele foi incluído para determinar que Craig tinha uma obrigação para com a falecida, o que foi fácil, pois a falecida tinha pago a quota anual e Craig consultava-a regularmente.

— Que é que queres dizer com "quota anual"? — perguntou Jack, surpreendido.

— Há quase dois anos, o Craig mudou de um consultório tradicional, em que o doente paga a consulta sempre que vai ao médico, para um consultório de concierge.

— A sério? — exclamou Jack. Não fazia a menor ideia. — Por quê? Pensei que o consultório do Craig ia de vento em popa e que ele o adorava.

— Mesmo que ele não queira, eu vou contar-te porquê — disse Alexis, aproximando-se mais da mesa como se estivesse prestes a revelar um segredo. — Ao longo dos últimos anos, o Craig sentiu que tem estado a perder progressivamente o controlo das decisões em relação aos pacientes. Tenho a certeza de que estás a par de tudo isto, mas com o grande aumento dos planos de saúde das companhias de seguros, numa tentativa de controlar e reduzir os custos, as seguradoras estão a meter-se entre o médico e o paciente, dizendo aos médicos o que podem e não podem fazer. Para uma pessoa como o Craig, tem sido um pesadelo constante.

— Se eu lhe fosse perguntar porque mudou, o que é que ele diria? — perguntou Jack.

Estava fascinado. Já tinha ouvido falar em medicina de concierge, mas pensava tratar-se de um pequeno grupo ou de uma simples excentricidade que estava na moda. Nunca tinha falado com um médico que exercesse nessas condições.

— Ele nunca admitiria ter comprometido uma decisão em relação a um paciente por influência externa. Porém, está a enganar-se a si mesmo. Para manter o consultório rentável, viu-se obrigado a ver cada vez mais pacientes todos os dias. A razão que ele apresenta para justificar a mudança para a medicina de concierge é que lhe dá a oportunidade de exercer medicina como aprendeu na faculdade, onde pode passar todo o tempo necessário com cada paciente...

— Bem, é a mesma coisa.

— Não, existe uma diferença sutil, embora haja um aspecto de racionalização da parte dele. A diferença é entre um empurrão negativo e um puxão positivo. A explicação dele dá ênfase ao paciente.

— O estilo de medicina está a ter relevância no caso de negligência médica?

— Sim, pelo menos segundo o advogado de acusação, que, devo dizer, está a portar-se melhor do que eu antecipei.

— Que é que queres dizer com isso?

— Ao olhar para ele, e verás por ti mesmo se fores ao tribunal, nem sequer imaginarias que ele é

eficiente. Como poderei dizer isto: ele é o verdadeiro estereótipo do advogado de danos pessoais espalhafatoso e perseguidor de ambulâncias e do advogado de defesa da Máfia, e tem metade da idade do advogado de defesa do Craig. No entanto, está a criar uma empatia surpreendentemente grande com o júri.

— Como é que o estilo de medicina do Craig se enquadra neste caso? O advogado de acusação explicou isso nas alegações iniciais?

— Absolutamente, e de uma forma muito eficaz. Todo o conceito de medicina de concierge se destina a poder satisfazer as necessidades do paciente, como um concierge num hotel.

— Estou a ver a associação.

— Para que isso aconteça, cada paciente tem acesso ao médico através de telemóvel e/ou e-mail, para que possam contactar o médico a qualquer hora, se for necessário.

— Parece um convite para o paciente abusar.

— Suponho que isso acontece com alguns pacientes. Mas o Craig não se importava. De fato, parecia gostar, porque começou a fazer consultas no domicílio fora de horas. Penso que isso tinha uma componente retro nostálgica para ele.

— Consultas no domicílio? — perguntou Jack. — Normalmente, as consultas em casa são uma perda de tempo. O que um médico moderno pode lá fazer é muito limitado.

— Não obstante, alguns pacientes adoram, como era o caso da falecida. O Craig consultava-a muitas vezes durante a noite. De fato, tinha-lhe feito uma visita em casa na manhã do próprio dia em que supostamente ocorreu a negligência. Nessa noite, ela piorou e o Craig foi lá a casa mais uma vez.

— Parece-me que seria difícil encontrar alguma coisa de mal nisso.

— Pode presumir-se que sim, mas, de acordo com o advogado de acusação, foi o fato de o Craig fazer a visita no domicílio em vez de mandar a paciente para o hospital que causou a negligência, uma vez que atrasou o diagnóstico e o tratamento de emergência do ataque cardíaco.

— Isso parece-me absurdo — disse Jack, indignado.

— Não, se tivesses ouvido o advogado de acusação durante as alegações iniciais. É que há outras circunstâncias no episódio que são importantes. Aconteceu quando o Craig e eu estávamos oficialmente separados. Na época, ele vivia num apartamento em Boston com uma das jovens secretárias, uma Leona.

— Santo Deus! — exclamou Jack. — Nem sei quantas histórias ouvi acerca de médicos casados que têm casos com empregadas do consultório. Não sei o que passa pela cabeça dos médicos. Nos dias de hoje, a maior parte dos homens noutras profissões sabem que não devem andar com as suas funcionárias. Estão a candidatar-se a problemas com a justiça.

— Tenho a impressão de que estás a ser demasiado generoso com os homens de meia-idade casados, que se vêem presos numa realidade que não correspondeu às suas expectativas românticas. Penso que o Craig se enquadra nessa categoria, mas o corpo de vinte e três anos de Leona não foi o engodo inicial. Por muito irónico que pareça, a mudança para a medicina de concierge proporcionou-lhe uma coisa que ele nunca tinha tido: tempo livre. O tempo livre pode ser uma coisa perigosa para uma pessoa que passou metade da sua vida tão concentrada num único objetivo, como aconteceu com Craig. Foi como se acordasse, se contemplasse ao espelho e não gostasse do que via. De repente, começou a interessar-se quase obsessivamente pela cultura. Também quis compensar o tempo perdido e ultrapassar de um dia para o outro a sua imagem de uma pessoa bem arredondada. Mas para ele não foi suficiente fazê-lo apenas como um passatempo. Tal como com a medicina, queria fazê-lo com cem por cento de esforço, e insistiu que eu o acompanhasse. Mas, obviamente, eu não podia, pois tinha o meu trabalho e a responsabilidade das filhas. Foi o que o levou a afastar-se, pelo menos tanto quanto eu sei. A Leona veio mais tarde, quando se apercebeu de que se sentia sozinho.

— Se estás a tentar fazer-me sentir pena dele, não vai resultar.

— Só quero que percebas aquilo que temos de enfrentar. O advogado de acusação sabe que o Craig e a

Leona tinham bilhetes para o concerto da orquestra sinfônica na noite em que a mulher do queixoso morreu. Ele diz que tem testemunhas que vão comprovar que o Craig fez a consulta no domicílio embora suspeitasse que a paciente estava a sofrer um ataque cardíaco, na esperança de que o seu diagnóstico estivesse errado. Se fosse esse o caso, poderia ir ao concerto. O Symphony Hall é mais próximo da casa do queixoso do que do Hospital Newton Memorial.

— Deixa-me adivinhar... esta Leona foi arrolada como testemunha.

— Claro! Agora, ela é a amante rejeitada. Para piorar as coisas, continua a trabalhar no consultório do Craig e ele não pode despedi-la com medo de outro processo judicial.

— Então o advogado de acusação está a alegar que o Craig colocou a paciente em risco ao menosprezar o possível diagnóstico.

— Essencialmente, é isso. Eles dizem que não corresponde ao padrão de cuidados em termos um diagnóstico atempado, o que é crítico no caso de um ataque cardíaco, como os acontecimentos provaram. Nem sequer precisam de provar que a mulher teria sobrevivido se tivesse sido levada imediatamente para o hospital, apenas que podia ter sobrevivido. Claro que a ironia cruel é que a alegação é diametralmente oposta à forma como o Craig exerce a sua profissão. Como nós dissemos, ele colocou sempre os pacientes em primeiro lugar, antes mesmo da própria família.

Jack passou a mão pelos cabelos, frustrado.

— Isto é mais complicado do que eu pensei. Eu presumi que a questão se prendia com algum problema médico específico. Este tipo de caso significa que é ainda menos provável que eu possa ser útil do que pensei.

— Quem sabe? — disse Alexis, num tom fatalista. Afastou-se da mesa, dirigiu-se para a consola e pegou num volumoso envelope castanho cheio de papéis. Trouxe-o para a mesa e pousou-o. Os papéis fizeram um tump considerável ao cair. — Aqui tens uma cópia do caso que organizei para ti. Tem praticamente tudo, desde os interrogatórios, aos depoimentos e aos registos médicos. A única coisa que não incluí foi a transcrição dos procedimentos de hoje, mas dei-te uma boa ideia do que foi dito. Até há dois artigos de investigações recentes do Craig que incluí por sugestão dele: talvez para não dar parte de fraco, imaginando que ficarias impressionado.

— Possivelmente ficarei, se conseguir compreendê-los. De qualquer maneira, parece que tenho de pôr mãos à obra.

— Não sei onde é que queres trabalhar. Tens muitas hipóteses. Posso mostrar-te algumas alternativas para além do teu quarto lá em baixo?

Alexis mostrou a Jack o rés-do-chão da casa. A sala de estar era enorme mas parecia desconfortavelmente prístina, como se ninguém tivesse jamais pisado a carpete de pêlo alto. Jack excluiu-a. Ao lado da sala de estar havia uma biblioteca com as paredes forradas com painéis de mogno e um bar, mas era escura e sepulcral e a luz era insuficiente. Não, obrigado! Mais abaixo no corredor havia uma sala de cinema com um projetor montado no teto e diversas filas de confortáveis poltronas reclináveis. Era inadequada e tinha uma iluminação ainda pior que a da biblioteca. Ao fundo do corredor havia um escritório bastante grande com duas secretárias iguais em paredes opostas. A secretária de Craig estava impecável, com todos os lápis perfeitamente afiados num copo. A secretária de Alexis era o oposto, com pilhas de livros, jornais e fotocópias. Havia diversas cadeiras de leitura e bancos para os pés. Uma janela saliente abria-se para um canteiro de flores com uma pequena fonte. Na parede diretamente em frente da janela havia estantes do chão ao teto dos dois lados da porta da entrada. No meio de uma série de testes médicos e de psicologia, estava a antiquada maleta de médico de Craig e uma máquina de eletrocardiogramas portátil. Para além de ser uma zona de trabalho, a melhor característica da sala era a iluminação, com candeeiros de teto nos vãos, candeeiros individuais de secretária e candeeiros de pé junto a cada poltrona.

— É um espaço fantástico — disse Jack. — Mas tens a certeza de que não se importam que fique no

vosso escritório particular? — Acendeu um dos candeeiros de pé, que emitiu um brilho vasto e quente.

— Absolutamente nada. Uma coisa posso garantir-te em relação ao Craig. Ele não é territorial.

— Muito bem, nesse caso é aqui que vou ficar. Tenho a impressão de que vou demorar umas boas horas.

— Pousou o volumoso envelope castanho em cima da mesa que estava entre duas poltronas de leitura.

— Como costuma dizer-se, diverte-te. Eu vou para a cama. Como tenho de ter as miúdas prontas para a escola, preciso de me levantar sempre cedo. Há imensas bebidas no frigorífico da cozinha e mais no bar, por isso serve-te à vontade.

— Fantástico! Estou pronto para trabalhar.

Alexis deixou os olhos percorrerem o corpo de Jack e depois fitou novamente o rosto do irmão.

— Tenho de te dizer, mano, que estás com bom aspecto. Quando te visitei no Illinois, na altura em que tinhas o consultório de oftalmologia, parecias uma pessoa diferente.

— Era uma pessoa diferente.

— Tive receio de que viesses a ficar com excesso de peso.

— Eu tinha excesso de peso.

— Agora pareces saudável, com fome e as faces encovadas, como um ator num filme do faroeste.

Jack riu-se.

— É uma descrição criativa. De onde veio isso?

— As miúdas e eu estivemos a ver uns filmes antigos do Sérgio Leone, para um trabalho sobre cinema que a Tracy teve de fazer para a escola. A sério, pareces estar em boa forma. Qual é o teu segredo?

— Basquetebol de rua e andar de bicicleta. São as minhas segundas carreiras.

— Talvez eu devesse experimentar — declarou Alexis com um sorriso travesso. Em seguida, acrescentou: — Boa noite, irmão. Vemo-nos amanhã de manhã. Como deves calcular, as manhãs são sempre um pouco caóticas, com três raparigas.

Jack observou Alexis a afastar-se pelo corredor e depois, com um último aceno, a desaparecer nas escadas. Voltou-se e observou uma vez mais o aposento. Um súbito silêncio desceu como um cobertor. A casa tinha uma aparência e um cheiro tão diferentes da sua que poderia situar-se num planeta distante.

De certa forma consciente de que estava a ocupar o espaço de outra pessoa, Jack sentou-se na poltrona iluminada pelo candeeiro de pé. A primeira coisa que fez foi pegar no telemóvel e ligá-lo. Havia uma mensagem e era de Warren, com o prometido nome e número de telefone do seu amigo em Boston. O nome era David Thomas e Jack telefonou imediatamente, pensando que poderia precisar de exercício se o dia seguinte se revelasse tão tenso como ele temia. As evasivas de Alexis em relação à forma como Craig reagira à visita de Jack eram o bastante para fazer qualquer pessoa sentir-se indesejada.

Warren devia ter feito grandes elogios de Jack quando falara com David, porque este ficou entusiasmadíssimo perante a perspectiva de Jack aparecer para um jogo.

— Nesta altura do ano jogamos todas as noites a partir das cinco horas, meu! — disse David. — Traz o teu rabo branco para cá e veremos o que és capaz de fazer. Deu indicações a Jack para chegar ao campo na Memorial Drive, perto de Harvard. Jack disse que tentaria ir ao fim da tarde.

A seguir, ligou para Laurie para lhe dizer que tudo estava a correr o melhor possível, até então.

— Que é que queres dizer com isso? — perguntou ela.

— Ainda não vi Craig Bowman, mas, aparentemente, ele não está muito feliz com a minha presença.

— Isso não é assim muito bonito, vendo bem as coisas, principalmente devido à altura.

Jack descreveu então o que pensava ser a notícia positiva em relação à reação que tivera com as filhas de Alexis. Contou a Laurie que uma das meninas até tinha falado imediatamente sobre a noite do acidente mas que ele respondera com toda a calma, para sua agradável surpresa.

— Estou surpreendida e contente — disse Laurie. — Acho que é fantástico, e estou aliviada.

Jack continuou, dizendo que a única notícia má era que a negligência não envolvia uma questão técnica, mas uma coisa muito mais complicada, e que havia ainda menos hipóteses de poder ajudá-los do que

tinha pensado.

— Espero que isso signifique que vais voltar para cá imediatamente — disse Laurie.

— Estou a preparar-me para ler o dossiê — respondeu Jack. — Calculo que saberei mais quando terminar.

— Boa sorte.

— Obrigado. Vou precisar.

Jack desligou a chamada e guardou o telemóvel. Por instantes, tentou ouvir algum ruído na casa enorme, mas o silêncio era tão profundo como num túmulo. Pegou no envelope castanho e despejou o conteúdo em cima da mesa de apoio. A primeira coisa em que pegou foi numa investigação que Craig tinha feito em colaboração com um famoso biólogo celular de Harvard e que tinha sido publicada no prestigiado New England Journal of Medicine. Era sobre a função dos canais de sódio nas membranas celulares responsáveis pelos potenciais de acção dos nervos e dos músculos. Havia até alguns diagramas e micrografias da estrutura molecular subcelular. Olhou de relance para o capítulo sobre materiais e métodos. Achava surpreendente que uma pessoa pudesse conceber conceitos tão obscuros e mais ainda que os estudasse. Ao ver que tudo aquilo estava para além da sua capacidade de compreensão atual, pôs o artigo de lado e pegou num depoimento. Eram as declarações de Leona Rattner.

Boston, Massachusetts Terça-feira, 10 de Junho de 2006 6:48

A primeira coisa de que Jack teve consciência foi de uma discussão verbal ao longe, seguida da força da pancada de uma porta a bater. Por breves instantes, tentou incorporar os sons no seu sonho, mas não fizeram sentido. Por isso, abriu os olhos apenas para não conseguir perceber onde se encontrava. Depois de ver a fonte iluminada pela luz do sol do lado de fora da janela saliente e o interior do escritório, recordou-se de tudo num ápice. Na sua mão estava o depoimento de uma enfermeira chamada Georgina Keefe do Hospital Newton Memorial, que ele estava no processo de reler antes de adormecer profundamente.

Jack reuniu todos os documentos do caso de negligência médica Stanhope vs. Bowman e guardou-os no envelope castanho. Teve algumas dificuldades para conseguir guardá-los todos. Em seguida, levantou-se. Uma momentânea onda de tonturas obrigou-o a parar por breves momentos.

Não fazia idéia a que horas tinha adormecido. Tinha lido todos os documentos e estava a rever as partes que lhe tinham parecido mais interessantes quando os olhos se tinham fechado contra a sua vontade. Surpreendentemente o material fascinara-o desde o princípio. Se a história não envolvesse indiretamente a irmã, teria pensado que era um argumento ótimo para uma telenovela, pois a riqueza das personalidades das personagens saltava das páginas. Havia um médico dotado e dedicado, mas arrogante e adúltero; uma amante jovem, rejeitada e zangada; uma esposa escrupulosa e laconicamente sofredora; peritos competentes mas contenciosos; uma procissão de outras testemunhas; e, por fim, a vítima aparentemente hipocondríaca. Era uma comédia de manias humanas, com exceção do infeliz resultado fatal e do fato de ter culminado com um processo por negligência médica. Em relação ao provável desfecho do julgamento, pelo menos pela leitura do material, Jack pensou que a preocupação e o pessimismo de Alexis tinham um bom fundamento. Com a sua grandiosidade e arrogância, que se notavam nas últimas fases do seu depoimento, Craig não tinha ajudado em nada. O advogado de acusação tinha conseguido deixar a impressão de que Craig acreditava que era um ultraje estarem a pôr o seu parecer clínico em questão. Isso não cairia bem a nenhum júri. E, para cúmulo, Craig insinuara que tinha tido um caso com a secretária por culpa da mulher.

Sempre que era pressionado para descrever o objetivo do seu trabalho como médico legista, a resposta habitual de Jack, dependendo até certo ponto de quem fazia a pergunta e da ocasião, era dizer que "falava pelos mortos". Enquanto lia o caso Stanhope vs. Bowman, deu por si a pensar essencialmente na vítima e na circunstância infeliz mas óbvia que a impedia de prestar declarações ou ser testemunha. Jogando um jogo mental, considerou como a participação dela poderia influenciar o caso, e essa linha de pensamento fê-lo acreditar que ela era a chave para uma resolução justa do caso. Pareceu-lhe que, se o júri acreditasse que ela era a hipocondríaca que Jack afirmava, teria de deliberar a favor da defesa, apesar de os sintomas finais serem demasiado reais e apesar da personalidade narcisista de Craig. Esta linha de pensamentos sublinhou a infeliz realidade de não ter havido uma autópsia, o que explicava a ausência de um médico legista na lista de testemunhas para falar pela falecida.

Com o envelope castanho debaixo do braço, percorreu sorrateiramente o corredor até às escadas da cave, por baixo da escadaria principal. Estava com um aspecto tão mau que preferia não encontrar ninguém. Quando começou a descer as escadas, ouviu mais gritaria de uma das raparigas no andar de cima e outra porta a bater.

No seu quarto, Jack fez a barba, tomou um duche e vestiu-se o mais depressa possível. Quando subiu novamente, todo o clã Bowman estava na sala grande. A atmosfera era tensa. As três raparigas estavam sentadas à mesa atrás de caixas de cereais. Craig estava no sofá, escondido atrás do The New York Times com uma caneca de café em cima da mesa de apoio à sua frente. Alexis estava junto à bancada, ocupada a fazer sanduíches para o almoço de uma das filhas. A televisão por cima da lareira estava sintonizada no canal de notícias local, mas o som estava desligado. O sol entrava pelas janelas salientes. Era quase ofuscante.

— Bom dia, Jack — disse Alexis alegremente quando reparou que ele estava parado na soleira da porta.

— Espero que tenhas dormido bem lá em baixo.

— É muito confortável — disse Jack.

— Digam bom dia ao vosso tio — disse Alexis para as filhas, mas apenas Christina obedeceu.

— Não sei porque é que não posso vestir o top encarnado — choramingou Meghan.

— Porque é da Christina e ela diz que prefere que tu não o vistas — replicou Alexis.

— O avião ardeu com as suas filhas lá dentro? — perguntou Christina.

— Christina, basta! — exclamou Alexis. Revirou os olhos para Jack. — Há sumo fresco no frigorífico e café acabado de fazer na cafeteira. Que é que costumás comer ao pequeno-almoço?

— Apenas fruta e cereais.

— Temos as duas coisas. Serve-te.

Jack dirigiu-se para a máquina do café. Quando os seus olhos começaram a procurar uma caneca, apareceu uma a deslizar pela bancada, graças a Alexis. Ele encheu-a com café e deitou uma colher de açúcar e uma gota de natas. Enquanto mexia, observou novamente aquela divisão da casa. Christina e Alexis estavam agora embrenhadas numa conversa sobre os planos para depois das aulas. As outras duas raparigas pareciam silenciosas e mal-humoradas. Craig não tinha emergido de detrás do jornal, o que Jack viu como uma óbvia desconsideração.

Recusando-se a deixar-se intimidar e acreditando que um bom ataque era a melhor defesa, Jack aproximou-se da lareira. Olhava agora diretamente para o jornal de Craig, que este mantinha completamente aberto, como uma barreira.

— Alguma coisa interessante nas notícias? — perguntou Jack, enquanto bebia um gole do seu café fumegante.

A extremidade superior do jornal desceu devagar, revelando progressivamente o rosto gordo e parado de Craig. Os seus olhos pareciam alvos, com anéis escuros a toda a volta, enquanto as escleróticas estavam salpicadas de minúsculos capilares encarnados que lhe conferiam o olhar de um homem que tinha passado a noite na farra. Em contraste com o rosto fatigado, vestia uma camisa branca recentemente passada a ferro e uma gravata clássica, enquanto os cabelos cor de areia estavam muito bem penteados com um ligeiro brilho que sugeria um toque de gel.

— Não estou com grande disposição para conversa fiada — disse Craig taciturnamente.

— Nem eu — respondeu Jack. — Pelo menos, estamos de acordo à partida. Vamos desanuviar a atmosfera, Craig! Estou aqui a pedido da minha irmã. Não estou aqui para te ajudar. Estou aqui para ajudá-la. Se te ajudar a ti, é em consequência disso. Mas deixa-me dizer-te uma coisa; acho muito mal teres sido processado por negligência médica. Pelo que conheço de ti em termos profissionais, és a última pessoa que deveria ser processada por negligência. Agora, há algumas áreas sociais em que, na minha perspectiva, não és brilhante, mas isso é outra história completamente diferente. Em relação a este caso, li o material e tenho umas ideias. Podes ouvi-las ou não, a opção é tua. Quanto a ficar em tua casa, também é contigo, uma vez que gosto da unanimidade dos casais quando sou hóspede. Posso facilmente mudar-me para um hotel.

Com exceção dos sons abafados das notícias locais e de alguns chilreios dos pássaros lá fora, a sala ficou em silêncio e imóvel. Ninguém se mexeu até Craig deixar cair ruidosamente o jornal, o dobrar ao

acaso e o pousar. Momentos depois, voltou a ouvir-se o ruído das colheres a bater nas taças de cereais. Do lava-loiças veio o som da torneira a ser aberta. O som e a ação tinham voltado.

— Não tenho nenhum problema em ser frontal — disse Craig. A sua voz parecia agora mais cansada e triste do que taciturna. — Quando soube que vinhas, fiquei irritado. Com tudo o que se passa, não me pareceu que fosse o momento adequado para termos companhia, especialmente porque nunca te deste ao trabalho de vir visitar-nos antes. Para ser franco, aborreceu-me que pudesses ter a ilusão errada de que eras a cavalaria a chegar na hora para salvar a vítima em perigo. O fato de me dizeres à partida que não é esse o caso faz-me sentir de forma diferente. És bem-vindo nesta casa, mas lamento não estar com disposição para ser um bom anfitrião. Em relação às tuas ideias sobre o caso, gostaria de as ouvir.

— Não espero que sejas um anfitrião de todo, tendo em conta o que estás a passar — disse Jack. Sentou-se na ponta da mesa de apoio, na diagonal de Craig. A conversa estava a correr melhor do que ele previra. Tinha pensado desanuviar o ambiente fazendo um elogio a Craig. — Juntamente com o material relativo ao julgamento, havia dois dos teus artigos de investigação mais recentes. Fiquei impressionado. Claro que teria ficado mais impressionado se tivesse percebido alguma coisa.

— O meu advogado pensa incluí-los como prova da dimensão da minha dedicação à medicina. O advogado de acusação disse nas alegações iniciais que vai tentar provar o contrário.

— Certamente, não fará mal nenhum. Não consigo imaginar como é que vai apresentá-los, mas não sou advogado. Se o fizer, tenho de te dar o crédito, Craig. Tu és fantástico. A maioria dos médicos que conheço pensam que gostariam de fazer uma combinação de trabalho clínico e investigação. É o maior ideal aprendido na faculdade de medicina, mas tu és um dos poucos que o concretiza realmente. O que é tão surpreendente é que é investigação a sério, não aqueles artigos típicos de "relatos de um caso interessante" que tentam aparecer como investigação.

— Não há dúvida de que é investigação a sério — disse Craig, animando-se ligeiramente enquanto se embrenhava no assunto. — Estamos a descobrir cada vez mais acerca dos canais de sódio estimulados eletricamente nas células nervosas e musculares, e as nossas descobertas têm uma aplicação clínica imediata.

— No último artigo que escreveste para o NEMJ, falas sobre dois canais de sódio diferentes, um para o coração e outro para os nervos. Em que é que diferem?

— São estruturalmente diferentes, o que estamos agora a determinar a nível molecular. Soubemos que eram diferentes devido à forte dissemelhança na resposta à tetrodotoxina.

— Tetrodotoxina? — perguntou Jack. — É a toxina que mata as pessoas que comem o sushi errado no Japão.

Craig não conseguiu evitar uma gargalhada.

— Tens razão. É sushi preparado por um chef inexperiente a partir de peixe balão num dado momento do seu ciclo reprodutivo.

— Notável — comentou Jack. Depois de conseguir fazer com que Craig se animasse, estava ansioso para mudar de assunto. As investigações de Craig, apesar de interessantes, eram demasiado esotéricas para o seu gosto. Saltando directamente de um assunto para outro, Jack abordou a sua convicção de que a vítima, Patience Stanhope, era o elemento-chave para vencer o caso de negligência médica. — Se o teu advogado conseguir comprovar indiscutivelmente e convencer os jurados de que esta mulher era a hipocondríaca que era, o júri terá de deliberar contra o queixoso.

Durante alguns segundos, Craig limitou-se a olhar para Jack. Foi como se a transição da conversa tivesse sido tão abrupta que o seu cérebro tinha de ser reiniciado.

— Bem — disse ele, por fim. — É interessante que digas isso, porque eu já disse o mesmo ao Randolph Bingham.

— Bem, aí tens. Estamos a pensar da mesma maneira, o que confere mais credibilidade à ideia. Que é que o teu advogado disse?

— Se bem me lembro, não disse grande coisa.

— Acho que devias abordar novamente o assunto — declarou Jack. — E, já que estamos a falar sobre a falecida, não vi o relatório da autópsia. Presumo que não foi feita. Estou correto?

— Infelizmente, não houve autópsia — disse Craig. — O diagnóstico foi confirmado pela análise dos biomarcadores. — Encolheu os ombros. — Ninguém esperava um processo por negligência médica. Tenho a certeza de que se essa hipótese tivesse sido aventada, os médicos legistas teriam optado por uma autópsia e eu próprio teria pedido que ela fosse efetuada.

— Há outra pequena particularidade registada que me pareceu curiosa — declarou Jack. — Uma enfermeira das urgências chamada Georgina Keefe, a enfermeira que recebeu a paciente no Hospital Newton Memorial. Ela escreveu nas suas notas que a paciente tinha uma forte cianose central. Pareceu-me estranho ela não mencionar esse fato no depoimento. Voltei atrás e verifiquei. Claro que reparei nesse pormenor porque, no teu depoimento, disseste que tinhas ficado chocado com o estado de cianose quando viste a paciente. Na verdade, esta questão foi um ponto de discórdia com o Sr. Stanhope.

— Foi certamente um ponto de discórdia — disse Craig na defensiva. Algum do mau-Humor original voltava à sua voz. — O Sr. Stanhope tinha dito ao telefone, e passo a citar, "Ela parece um pouco azulada", mas quando cheguei lá a casa a paciente estava extremamente cianótica.

— Terias dito que era cianose central, como a enfermeira?

— Central ou periférica, qual é a diferença neste tipo de casos? O coração não estava a bombear o sangue com rapidez suficiente através dos pulmões. Havia muito sangue desoxigenado no seu sistema. É isso que geralmente provoca a cianose.

— A questão é a quantidade de cianose. Concorro que a cianose profunda sugere certamente que não passava sangue suficiente pelos pulmões ou que não entrava ar suficiente nos pulmões. Se se tratasse de uma cianose periférica, significando que o sangue estava apenas a acumular-se nas extremidades, não teria sido tão visível ou uniforme.

— Que é que estás a insinuar? — perguntou Craig agressivamente.

— Para ser franco, não sei. Como médico legista, tento manter uma mente aberta. Deixa-me perguntar-te o seguinte: que espécie de relacionamento tinha a falecida com o marido?

— Suponho que era um pouco estranho. Não eram certamente afetuosos em público. Duvido que fossem muito chegados, pois ele costumava fazer-me queixas sobre a hipocondria da mulher.

— É que nós, médicos legistas, somos naturalmente desconfiados por experiência. Se eu fizesse esta autópsia, e tendo em conta a cianose, procuraria sinais de asfixia ou estrangulamento apenas para excluir a hipótese de homicídio.

— Isso é absurdo — retorquiu Craig. — Não se tratou de um homicídio. Santo Deus, homem!

— Não estou a sugerir que foi. Estou apenas a pensar nisso como uma possibilidade. Outra possibilidade pode ser que a mulher tivesse um desvio cardíaco não diagnosticado da esquerda para a direita. Craig passou os dedos pelos cabelos com impaciência, o que alterou a sua aparência de cansado mas apresentável, para cansado e levemente desganhado.

— Ela não tinha um desvio da esquerda para a direita!

— Como é que sabes? Ela não te deixou fazer uma ressonância cardíaca não invasiva, como quiseste fazer depois do eletrocardiograma com prova de esforço que, a propósito, não consegui encontrar entre os papéis.

— Ainda não conseguimos localizá-lo no consultório, mas temos os resultados. No entanto, tens razão. Ela recusou quaisquer exames cardíacos.

— Nesse caso, podia ter um desvio cardíaco da esquerda para a direita nunca diagnosticado.

— Que diferença faria se tivesse?

— Ela poderia ter um problema estrutural sério no coração ou nas artérias principais, o que levanta a questão de contribuição para a negligência, uma vez que se recusou a fazer os exames que esclareceriam

os resultados do eletrocardiograma com prova de esforço. Mais importante, se ela tivesse um defeito estrutural grave, então poder-se-ia argumentar que o resultado teria sido o mesmo, ainda que ela tivesse sido transportada imediatamente para o hospital. Se fosse esse o caso, então o júri teria de deliberar a teu favor e serias ilibado.

— São argumentos interessantes, mas, infelizmente para mim, é tudo académico. Não foi efetuada autópsia, por isso nunca se saberá se ela tinha um defeito estrutural.

— Não necessariamente — declarou Jack. — Não foi efetuada uma autópsia, mas isso não significa que ela não se possa fazer.

— Estás a pensar numa exumação do cadáver? — perguntou Alexis da zona da cozinha. Obviamente, tinha estado a escutar.

— Desde que o corpo não tenha sido cremado — acrescentou Jack.

— Não foi cremado — respondeu Craig. — Foi enterrado no Cemitério de Park Meadow. Eu sei porque fui convidado para o funeral pelo Jordan Stanhope.

— Aposto que foi antes de te acusar de negligência médica.

— Obviamente. Foi outro motivo que me levou a ficar tão abalado quando recebi a intimação e li a acusação. Porque é que o homem me convidaria para o funeral para depois me processar? Como tudo o resto, não faz sentido.

— E foste?

— Claro que sim. Senti-me obrigado. Quero dizer, estava aborrecido por não ter conseguido salvar a mulher.

— É difícil fazer uma autópsia depois de o cadáver estar enterrado há quase um ano? — perguntou Alexis. Tinha-se aproximado e sentou-se no sofá. — Parece tão macabro.

— Nunca se sabe — disse Jack. — Existem dois fatores importantíssimos. Primeiro: a qualidade de embalsamamento do corpo. Segundo: se a sepultura se manteve seca e se o selo do caixão permaneceu intacto. A realidade é que nunca se sabe até se abrir a sepultura. Mas, independentemente da situação, é possível obter muitas informações.

— De que é que vocês estão a falar? — gritou Christina da mesa. As duas outras raparigas tinham desaparecido no primeiro andar.

— Nada, querida — disse Alexis. — Vai lá acima a correr e traz as tuas coisas. O autocarro da escola chega a qualquer minuto.

— Esta poderia ser a minha contribuição para o caso — disse Jack. — Eu poderia indagar quais são as formalidades para a exumação aqui no Massachusetts e fazer uma autópsia. Para além de simples apoio moral, é provavelmente a única maneira de poder oferecer ajuda nesta questão. Mas é convosco. Vocês é que sabem. Alexis olhou para Craig.

— Que é que te parece? — perguntou. Craig abanou a cabeça.

— Para ser franco, não sei o que pensar. Quero dizer, se uma autópsia provasse que ela tinha um problema cardiovascular congénito tão grave que o atraso em levá-la para um hospital não teria importância, eu seria totalmente a favor. Mas quais são as probabilidades de isso acontecer? Eu diria que são bastante reduzidas. No reverso da medalha, se uma autópsia revelasse que o enfarte do miocárdio foi ainda mais extenso do que seria de esperar, talvez a autópsia piorasse as coisas. Parece-me uma faca de dois gumes.

— Vamos fazer o seguinte — disse Jack. — Eu vou investigar o assunto. Vou descobrir quais são os passos a dar e depois informo-vos. Entretanto, vocês podem pensar no assunto. Que me dizem?

— Eu acho que é um bom plano — respondeu Alexis. Olhou para Craig.

— Porque não? — disse Craig com um encolher de ombros. — Eu sempre disse que quanto mais informação, melhor.

Boston, Massachusetts Terça-feira, 6 de Junho de 2006 9:28

— Todos de pé! — declarou o oficial de diligências quando o juiz Davidson emergiu dos seus aposentos e subiu as escadas para a tribuna. A toga preta tapava-lhe os pés, por isso ele parecia deslizar como uma aparição. — Podem sentar-se — disse o oficial de diligências depois de o juiz estar instalado no seu lugar.

Jack olhou para trás para poder baixar-se para o assento sem entornar o café da Starbucks. Depois disso, reparou com um sentimento de culpa que mais ninguém trouxera bebidas para a sala de audiências, por isso escondeu o café ao seu lado no banco.

Estava sentado ao lado de Alexis no apinhado setor reservado ao público. Tinha-lhe perguntado porque é que havia tantos observadores, mas ela dissera-lhe que não fazia a menor ideia. Quase todos os lugares estavam ocupados.

A manhã na residência dos Bowman tinha corrido melhor do que Jack imaginara. Ainda que Craig tivesse oscilado até certo ponto entre ser conversador e ficar sorumbático, pelo menos tinham tido uma conversa mutuamente franca, e Jack sentia-se infinitamente melhor em relação ao fato de estar hospedado na casa deles. Depois de as miúdas terem saído para a escola, tinham falado mais, mas a conversa decorrera essencialmente entre Jack e Alexis. Craig voltara para a sua disposição cabisbaixa e preocupada.

Tinha havido uma longa discussão acerca do transporte para e da cidade, mas Jack fora peremptório em relação a levar o seu carro. Queria ir ao tribunal para perceber como eram os intervenientes principais, especialmente os advogados, mas depois, por volta do meio-dia, queria ir ao Instituto de Medicina Legal de Boston, onde iniciaria as suas investigações acerca das normas para a exumação de cadáveres em vigor no Massachusetts. Depois disso, não sabia o que faria. Disse-lhes que talvez voltasse para o tribunal, mas se não aparecesse encontrar-se-iam na casa de Newton ao final da tarde.

Enquanto o tribunal se preparava para começar a analisar as habituais moções preliminares, Jack estudou os atores principais. O juiz afro-americano parecia um antigo jogador de futebol americano já fora de forma, e no entanto a sensação de autoridade que irradiou através da deliberação confiante com que lidou com a papelada que tinha em cima da secretária e conversou em voz baixa com o oficial de diligências transmitiu a Jack a tranquilizadora impressão de que sabia o que estava a fazer. Os dois advogados eram exatamente como Alexis os tinha descrito. Pela forma como se vestia, se movia e falava, Randolph Bingham era a imagem do advogado elegante e culto de uma firma importante. Em forte contraste, Tony Fasano era o jovem advogado descarado e espampanante que exibia roupas de marca e pesados acessórios em ouro. No entanto, a característica de Tony em que Jack reparou imediatamente e que Alexis não tinha mencionado foi que ele parecia estar a divertir-se. Embora o queixoso enlutado estivesse rigidamente sentado, Tony e a sua assistente mantinham uma conversa animada com sorrisos e gargalhadas reprimidas, numa atitude muito diferente da mesa da defesa, onde todos estavam sentados com gélida correção ou desespero desafiador.

Os olhos de Jack moveram-se em staccato pela fila de jurados, enquanto estes se instalavam no banco do júri. Era obviamente um grupo díspar, o que lhe pareceu adequado. Pensou que, se saísse do tribunal e descesse a rua, as primeiras doze pessoas que encontraria formariam um grupo equivalente.

Enquanto Jack estudava os jurados, Tony Fasano chamou a primeira testemunha do dia. Era Marlene Richardt, a secretária e recepcionista de Craig. A mulher prestou juramento e sentou-se no banco das

testemunhas.

Jack concentrou-se nela. Achou que parecia a determinada Frau que o seu nome alemão sugeria. Tinha proporções razoáveis e uma constituição quadrada, não muito diferente da de Tony. Usava os cabelos apanhados ao alto num carrapito. A boca tinha a expressão de um bulldog e os olhos chispavam num sinal de desafio. Foi fácil perceber que se tratava de uma testemunha recalcitrante.

Do pódio, Tony começou lentamente, a tentar brincar com a mulher, mas não foi bem sucedido, pelo menos foi a impressão com que Jack ficou até olhar para os jurados. Em contraste com a testemunha, a maior parte deles sorria com as tentativas de Tony para ter graça. Jack percebeu logo o que Alexis tinha dito, pois era mais do que óbvio que Tony Fasano tinha um dom especial para criar empatia com o júri.

Jack lera as declarações de Marlene, que tinham muito pouca relevância para o caso, uma vez que no dia em que Patience Stanhope falecera ela não tinha tido contato com a paciente, já que esta não tinha ido ao consultório. Craig consultara-a duas vezes em casa. Por esse motivo, Jack ficou surpreendido por Tony estar a demorar tanto tempo com ela, delineando meticulosamente a associação de Marlene com Craig e a sua própria vida pessoal complicada. Tendo em conta ela que trabalhava para ele há quinze anos, havia muito sobre que falar.

Tony manteve o estilo humorístico. No começo, Marlene ignorou-o, mas após uma hora do que estava a começar a parecer uma artimanha do advogado, ela começou a ficar zangada e quando isso aconteceu passou a responder de forma emocional. Foi nesse momento que Jack sentiu acertadamente que o estilo brincalhão não passava de uma armadilha a que o advogado recorrera deliberadamente. Tony queria-a desequilibrada e zangada. Como se tivesse pressentido a aproximação de alguma coisa inesperada, Randolph tentou protestar que o testemunho era interminável e irrelevante. O juiz pareceu concordar, mas após uma pequena conversa junto à tribuna, que Jack não conseguiu ouvir, o interrogatório recomeçou e rapidamente se revelou um filão para a acusação.

— Posso aproximar-me da testemunha, Meritíssimo? — perguntou Tony. Segurava uma pasta de arquivo na mão.

— Pode — respondeu o juiz Davidson.

Tony avançou para o banco das testemunhas e entregou a pasta de arquivo a Marlene.

— Não se importa de dizer ao júri o que tem nas mãos?

— A ficha de um paciente do consultório.

— E a quem pertence essa ficha?

— A Patience Stanhope.

— Existe um número de arquivo na ficha.

— É claro que existe um número de arquivo! — retorquiu Marlene secamente. — Se não existisse, como é que poderíamos encontrá-la?

— Não se importa de o ler em voz alta para o júri? — pediu Tony, ignorando o pequeno ataque de fúria de Marlene.

— PP oito.

— Obrigado — disse Tony. Pegou na pasta e voltou para o pódio.

Vários jurados inclinaram-se para a frente, curiosos.

— Sra. Richardt, gostava que explicasse ao júri o que significam as iniciais PP.

Como um gato encurralado, os olhos de Marlene percorreram a sala antes de se pousarem por instantes em Craig.

— Sra. Richardt — pressionou Tony. — Olá! Está alguém em casa?

— São letras — retorquiu Marlene com brusquidão.

— Ora, obrigado — disse Tony sarcasticamente. — Acredito que a maioria dos jurados as reconheceu como letras. O que estou a perguntar é o que é que significam. E permita que lhe recorde que está sob juramento e que prestar falso testemunho é perjúrio, um crime que é contemplado com uma pena severa.

O rosto de Marlene, que fora ficando progressivamente encarnado durante o interrogatório, tornou-se mais encarnado ainda. Até as faces incharam, como se ela estivesse a conter a respiração.

— Se isto a ajudar a lembrar-se, um testemunho posterior sugerirá que a senhora e o Dr. Craig criaram esta designação para o arquivo, que não é típica no consultório. Na verdade, tenho mais dois números de arquivo de dois pacientes do consultório. — Tony ergueu as duas pastas de arquivo adicionais. — A primeira é de Peter Sager e o número é PS um vinte e um. Escolhemos esta pasta especialmente porque as iniciais do paciente são iguais às da falecida, e no entanto as letras na pasta dela são PP e não PS. E a terceira pasta é de Katherine Baxter, e o número é KB dois trinta e três. Também havia outras, e em todos os casos as duas primeiras letras correspondiam às iniciais do paciente. Ora, reparámos que existiam alguns PP, mas muito poucos. Por isso, pergunto mais uma vez. Que significa PP, já que não são as iniciais da paciente?

— PP significa "paciente problemático" — retorquiu Marlene desafiadoramente.

Tony voltou-se para o júri e a sua boca torceu-se num sorriso sarcástico.

— Paciente problemático! — repetiu lentamente mas em voz alta. — Santo Deus, que é que isso significa? Eles criam problemas no consultório?

— Sim, criam problemas no consultório — retorquiu Marlene. — São hipocondríacos. Estão sempre a inventar um monte de queixas estúpidas e roubam o tempo que o doutor tem para as pessoas que estão realmente doentes.

— E o Dr. Bowman concordou com a atribuição dessa designação aos pacientes?

— Claro que sim. É ele que nos diz quais são.

— E, para que não haja mal entendidos, a ficha da Patience Stanhope era uma ficha PP, o que significava que ela era uma paciente problemática. É verdade?

— Sim!

— Não tenho mais perguntas.

Jack inclinou-se para Alexis e sussurrou:

— Isto é um pesadelo de relações públicas. Onde é que o Craig tinha a cabeça?

— Não faço a menor ideia. Mas uma coisa destas não ajuda nada. Na verdade, as coisas estão ainda piores.

Jack acenou afirmativamente, mas não disse mais nada. Não queria acreditar que Craig fosse tão insensato. Todos os médicos tinham pacientes que rotulavam de "pacientes problemáticos", mas isso nunca era indicado na sua ficha. Todos os consultórios tinham pacientes que eram odiados ou desprezados e de quem os médicos tentavam livrar-se, mas muitas vezes sem sucesso. Jack lembrou-se de que, no seu próprio consultório de oftalmologia, tinha dois ou três pacientes tão desagradáveis que quando via os seus nomes na lista de consultas ficava mal disposto o dia inteiro. Sabia que essa reação fazia parte da natureza humana, e o fato de ser médico não absolvía a pessoa desses sentimentos. Era um tema que era varrido para debaixo do tapete durante o ensino, exceto em psiquiatria.

No contra-interrogatório, Randolph tentou reparar os estragos o melhor possível, embora fosse evidente que tudo aquilo o tinha apanhado de surpresa. Com o processo ritualizado da revelação compulsória, aquele género de surpresas eram raras. Tony exibia um sorriso presunçoso.

— Rotular um paciente de "paciente problemático" não é necessariamente depreciativo, pois não, Sr.a Richardt?

— Acho que não.

— Na verdade, o motivo para marcar esse tipo de pacientes é para que se possa dar-lhes mais atenção e não menos.

— De fato, as consultas deles eram mais demoradas.

— É exatamente onde quero chegar. É correto dizer que logo que via o PP marcava mais tempo para o médico estar com o doente?

— Sim.
— Então, ter a designação PP era benéfico para o paciente.

— Sim.
— Não tenho mais perguntas.

Jack inclinou-se de novo para Alexis.

— Vou para o Instituto de Medicina Legal. Isto deu-me mais um pouco de motivação.
— Obrigada — sussurrou Alexis em resposta.

Jack sentiu um alívio muito grande quando saiu do tribunal. A hipótese de se ver enredado no sistema judiciário tinha sido sempre uma das suas fobias e ver isso acontecer ao cunhado era assustador. A noção de que a justiça prevaleceria milagrosamente era pouco razoavelmente idealista, como o caso de Craig ameaçava provar. Jack não confiava no sistema, ainda que não conseguisse imaginar um melhor.

Tirou o Hyundai alugado do parque subterrâneo do Tribunal Cível de Boston. Tinha estacionado o carro ali nessa manhã, ao tropeçar no estacionamento público depois de procurar em vão um lugar na rua, na zona do Centro Governamental de Boston. Não fazia ideia onde é que Craig e Alexis tinham estacionado. A ideia original era que ele os seguiria para a cidade, mas sempre que deixava o espaço de um carro entre o seu carro e o Lexus dos Bowman, outro carro metia-se imediatamente no meio. E a situação complicou-se quando chegaram à portagem. Sem vontade de ser tão agressivo em velocidades de auto-estrada como seria necessário para ficar diretamente atrás de Craig e Alexis, perdeu-os no mar de condutores que se dirigiam para a cidade. Da sua perspectiva, a condução em Boston, que tinha sido difícil na noite anterior, era cem vezes mais complicada na verdadeira hora de ponta.

Recorrendo ao mapa da Hertz, tinha conseguido chegar a Boston com bastante facilidade. O verdadeiro problema fora estacionar o carro, até ter encontrado acidentalmente o parque subterrâneo do Tribunal Cível de Boston. Da garagem, tinha sido um percurso relativamente curto e bastante agradável até ao tribunal.

Depois de sair da garagem difusamente iluminada, Craig encostou junto à berma da estrada e consultou o mapa da Hertz. Demorou algum tempo a encontrar Albany Street, mas uma vez encontrado o seu destino foi fácil orientar-se com a ajuda do Boston Common, que ficava à sua direita, e o Jardim Público de Boston, do seu lado esquerdo. O jardim estava profusamente colorido com uma imensidão de flores do final da Primavera. Jack já se tinha esquecido de como Boston era uma cidade encantadora e bonita.

Enquanto conduzia, tarefa que ocupava a maior parte da sua concentração, tentou pensar em mais alguma forma de ajudar a causa de Craig. Parecia-lhe um disparate irónico o cunhado ser culpado de negligência médica por ter tido a delicadeza de fazer uma consulta em casa de um paciente.

Foi relativamente fácil encontrar Albany Street e o Instituto de Medicina Legal também não apresentou problemas de maior. Para facilitar ainda mais a sua tarefa, havia um sítio de estacionamento público com diversos andares imediatamente ao lado. Quinze minutos depois, Jack estava a falar com uma recepcionista jovem e atraente que se encontrava do outro lado de uma divisória de vidro. Em contraste com as instalações antiquadas do Instituto de Medicina Legal de Nova Iorque, a sede de Boston era nova em folha. Jack não conseguiu deixar de se sentir invejoso e impressionado.

— Posso ajudá-lo? — perguntou a mulher alegremente.

— Imagino que sim — disse Jack.

Explicou-lhe quem era e disse que queria falar com um dos médicos legistas. Afirmou que não tinha preferência e que podia falar com quem estivesse disponível.

— Penso que estão todos na sala de autópsias, Doutor — disse a mulher. — No entanto, deixe-me verificar.

Enquanto a mulher fazia diversos telefonemas, Jack olhou em volta. A decoração era utilitária e sentia-se o odor característico de tinta recente. Havia um gabinete para o agente de ligação com a polícia e, através da porta aberta, Jack viu um agente uniformizado. Havia várias outras salas, mas Jack só podia

imaginar a sua função.

— Afinal de contas, a Dra. Latasha Wylie está disponível e vai descer já — informou a recepcionista. Foi praticamente obrigada a gritar do outro lado da divisória de vidro para Jack poder ouvi-la. Ele agradeceu-lhe e começou a perguntar a si mesmo onde seria ao certo o Cemitério de Park Meadow. Se Craig e Alexis quisessem que a autópsia fosse efetuada por ele, teria de despachar tudo muito rapidamente, uma vez que já iam no segundo dia de um julgamento que deveria durar cinco. A autópsia propriamente dita não seria o desafio. O desafio seria a lentidão da burocracia e, numa cidade tão antiga como Boston, Massachusetts, Jack receava que a burocracia fosse enorme.

— Dr. Stapleton? — perguntou uma voz.

Jack assustou-se. Tinha estado a espreitar sub-repticiamente para dentro de uma das outras salas, a tentar descobrir para que servia. Sentindo-se culpado, virou-se e viu uma mulher afro-americana surpreendentemente jovem com tranças pretas e linda como uma manequim. Jack passou de um sentimento de culpa para um instante de perplexidade. Ultimamente, estava a tornar-se demasiado frequente encontrar colegas de profissão que lhe pareciam alunas da faculdade. Fazia-o sentir-se velho.

Feitas as apresentações, que incluíram a apresentação do cartão do Instituto de Medicina Legal apenas para mostrar que não era um tarado qualquer, Jack descreveu sucintamente o que pretendia: nomeadamente, informações sobre os procedimentos de exumação no Massachusetts. Latasha convidou imediatamente Jack a subir para o seu gabinete, que o deixou ainda mais invejoso quando o comparou com o que tinha no instituto em Nova Iorque. A sala não era enorme nem suntuosa, mas tinha uma secretária e uma zona de trabalho, por isso a papelada inevitável e o trabalho microscópico podiam ser mantidos separados e não tinham de ser desviados para darem lugar uns aos outros. Também tinha janelas. Via-se apenas o estacionamento adjacente, mas permitiam a entrada de muita luz do dia, uma coisa que ele não via no seu gabinete.

Já dentro do gabinete, Jack descreveu pormenorizadamente o caso de negligência médica de Craig. Esticou a realidade dizendo que Craig era um dos melhores médicos de medicina geral da cidade, ainda que exercesse nos subúrbios, e sugerindo que ia ser considerado culpado pela morte da falecida a menos que o cadáver fosse exumado e autopsiado. O objetivo deste embelezamento da realidade foi a convicção de que, se o Instituto de Medicina Legal de Boston ficasse suficientemente motivado, poderiam ultrapassar todos os problemas burocráticos. Em Nova Iorque era o que teria acontecido. Infelizmente, Latasha desenganou-o imediatamente.

— Em Boston, os médicos legistas não podem envolver-se na exumação de um cadáver, a menos que seja um caso criminal — observou ela. — E mesmo nessa circunstância tem de haver a intervenção de um delegado do ministério público, que por sua vez tem de pedir um mandado judicial a um juiz.

Jack resmungou intimamente. A burocracia estendia os seus horríveis tentáculos.

— É um processo demorado — continuou Latasha. — Essencialmente, é preciso que este instituto convença o procurador de que existem fortes indícios de crime. Por outro lado, se não houver crime envolvido, aqui no Massachusetts passa a ser um procedimento pro-forma.

Jack prestou mais atenção.

— A sério? Como assim?

— Só precisa de uma autorização.

Jack sentiu o coração a bater mais depressa.

— E como é que se obtém uma autorização?

— É passada pelo secretário municipal da localidade onde se situa o cemitério ou pelo Departamento de Saúde, se for aqui em Boston. A maneira mais fácil seria entrar em contato com o diretor da funerária que fez o enterro. Se a agência funerária for da mesma cidade que o cemitério, e normalmente é o que acontece, eles conhecem pessoalmente os funcionários do Conselho de Saúde. Provavelmente, com os contatos certos, seria possível obtê-la numa hora.

— Que boa notícia! — declarou Jack.

— Se resolver fazer a autópsia, nós poderemos ajudar, não fazendo-a aqui, evidentemente, uma vez que se trata de uma instituição pública e não estou a imaginar o chefe a autorizar uma coisa dessas. No entanto, poderíamos ajudar fornecendo frascos e fixadores para amostras e ajudar a processar as amostras. Se necessário, também poderíamos ajudar com a toxicologia.

— A certidão de óbito terá o nome da agência funerária?

— Sem dúvida. O levantamento do cadáver tem de ficar registado. Como é que disse que a falecida se chamava?

— Patience Stanhope. Morreu há cerca de nove meses. Latasha usou o computador para aceder à certidão de óbito.

— Aqui está. Oito de Setembro de 2005, para ser precisa.

— A sério? — perguntou Jack. Levantou-se e espreitou para a data por cima do ombro de Latasha. Parecia uma coincidência. O dia 8 de Setembro de 2005 também fora importante na sua vida. Era o dia do jantar no em que ele e Laurie tinham ficado noivos.

— Foi a agência funerária Langley-Peerson, de Brighton, que levou o corpo. Quer que anote o endereço e o número de telefone?

— Obrigado — disse Jack. Continuava maravilhado com a data. Sentou-se novamente. Não era supersticioso, mas a coincidência intrigou-o.

— Qual é o prazo? Quando é que se imagina a fazer esta autópsia? — perguntou Latasha.

— Para ser absolutamente franco, ainda não está decidido se vamos fazê-la ou não — admitiu Jack. — O médico e a mulher é que sabem. Eu penso que ajudaria, e foi por isso que a sugeri e estou a investigar quais serão os procedimentos necessários.

— Há uma coisa sobre a exumação que me esqueci de mencionar — disse Latasha, como se tivesse acabado de lhe ocorrer.

— Oh — disse Jack, restando o entusiasmo.

— Vão precisar da aprovação e assinatura do parente mais próximo.

Os ombros de Jack caíram visivelmente. Censurou-se por não se lembrar do que agora era tão óbvio. Claro que o parente mais próximo teria de concordar. Tinha deixado que a vontade de ajudar a irmã se sobrepusesse à racionalidade. Não conseguia imaginar o queixoso a autorizar a exumação da esposa morta para ajudar a defesa. Mas depois lembrou-se de que já tinham acontecido coisas mais estranhas e como fazer uma autópsia talvez fosse a única coisa que podia oferecer a Alexis, não ia aceitar aquele requisito como uma impossibilidade. No entanto, havia Laurie em Nova Iorque. Se ia fazer uma autópsia, teria de ficar em Boston, o que a deixaria aborrecida. Como tantas coisas na vida, a situação era muito mais complicada do que ele gostaria.

Quinze minutos mais tarde, estava novamente no seu Hyundai Accent, a tamborilar com os dedos na tampa do air-bag do lado do condutor. Tinha de decidir o que fazer. Olhou para o relógio. Era meio-dia e vinte e cinco minutos. A hipótese de voltar para o tribunal estava excluída, pois o julgamento estaria no intervalo para o almoço. Podia ter ligado para o telemóvel de Alexis, mas em vez disso preferiu fazer uma visita à agência funerária. Tomada a decisão, desdobrou o mapa da Hertz e estabeleceu a rota.

Sair de Boston não foi mais fácil do que entrar, mas quando chegou ao rio Charles conseguiu orientar-se. Vinte minutos depois estava na rua certa da área suburbana de Brighton e passados cinco minutos encontrou a agência funerária. Situava-se numa grande casa familiar branca, com aros de madeira, construída num estilo Vitoriano e onde não faltavam um torreão e pormenores em estilo italiano. Nas traseiras estendia-se um anexo moderno de estilo indeterminado construído com blocos de cimento. Mais importante na perspectiva de Jack é que tinha um parque de estacionamento amplo.

Depois de trancar o carro, Jack dirigiu-se para a fachada frontal do edifício e subiu as escadas para um espaçoso alpendre que circundava a casa. Não havia mobiliário nenhum naquela zona. A porta principal

estava aberta, por isso entrou no átrio do edifício.

A impressão imediata de Jack foi que o interior era tão sereno como uma biblioteca deserta, com cantos gregorianos abafados a proporcionar o ruído de fundo. Teria gostado de dizer que era tão severo como uma agência funerária deserta, mas como se tratava de uma agência funerária sentiu-se obrigado a pensar noutra coisa. A sua esquerda, encostado à parede, via-se um expositor com todos os caixões devidamente abertos para revelar os interiores de veludo ou cetim. Nomes reconfortantes como Benção Eterna estavam à vista, mas os preços não. À direita situava-se uma sala para velórios que naquele momento estava vazia. Filas de cadeiras desmontáveis estavam voltadas para um estrado elevado com um catafalco vazio. Sentiu uma lufada de incenso a pairar no ar, como se tivesse entrado numa loja de recordações tibetana.

No começo Jack ficou confuso, sem saber onde deveria procurar um ser humano vivo, mas antes de avançar demasiado apareceu um, como por magia. Jack não tinha ouvido uma porta a abrir nem passos a aproximarem-se.

— Posso ajudá-lo? — perguntou um homem numa voz quase inaudível.

Era magro e austero no seu fato preto, camisa branca e gravata preta. Com um rosto macilento e cadavérico, parecia um candidato aos serviços do estabelecimento. Os cabelos finos, curtos e pintados de uma cor forte estavam colados à cúpula áspera da cabeça. Jack teve de reprimir um sorriso. O homem personificava o estereótipo conhecido, mas falso, do funcionário das agências funerárias. Era como se tivesse sido escolhido por uma agência de seleção de atores para representar um papel num filme de vampiros. Jack sabia que a realidade não sustentava a imagem de Hollywood. Enquanto médico legista, tinha muitos contatos com empregados de agências funerárias e nenhum deles se parecia com o homem que se encontrava à sua frente.

— Posso ajudá-lo? — repetiu o homem ligeiramente mais alto mas quase num sussurro, apesar de não haver ninguém, nem sequer mortos, que pudesse incomodar.

Estava rigidamente direito, com as mãos devotamente entrelaçadas sobre o abdômen e os cotovelos muito encostados ao corpo. A única coisa que se movia eram os lábios finos. Nem sequer parecia pestanejar.

— Estou à procura do diretor da agência.

— Ao seu serviço. Chamo-me Harold Langley. Somos um estabelecimento familiar.

— Eu sou médico legista — disse Jack. Mostrou rapidamente o seu cartão de visita para ter uma certeza razoável de que Harold não tinha tempo para reparar que não era do Massachusetts. Harold retesou-se visivelmente, como se Jack fosse um emissário do Departamento de Licenciamentos Profissionais do Massachusetts. Desconfiado por natureza, Jack pensou que a reação era curiosa, mas continuou. — A vossa agência tratou de todos os trâmites de Patience Stanhope, que faleceu no passado mês de Setembro.

— É verdade, fomos nós. Recordo-me bem. Também nos encarregamos do enterro do Sr. Stanhope, um cavalheiro muito proeminente na comunidade. E também, infelizmente, do único filho dos Stanhope.

— Oh! — reagiu Jack a uma informação que não esperava. Registou-a rapidamente e voltou ao assunto que o tinha trazido ali. — Surgiram algumas questões em relação ao falecimento da Sra. Stanhope e está a ser aventada a hipótese de se proceder a uma exumação do cadáver. A Agência Funerária Langley-Peerson tem alguma experiência com este tipo de situações?

— Temos, mas numa base muito pouco frequente — respondeu Harold, descontraindo para a sua postura originalmente contida e cerimoniosa. Aparentemente, Jack deixara de ser encarado como uma possível ameaça. — Tem a papelada necessária?

— Não. Esperava que vocês pudessem ajudar-me nessa questão.

— Certamente. É necessário uma autorização para a exumação, uma autorização de transporte, uma autorização para um novo enterro e, mais importante, a autorização tem de ter a assinatura do atual Sr. Stanhope, que é o familiar mais próximo. É o parente mais próximo que tem de autorizar.

— Já tinha sido informado disso. O senhor tem os formulários necessários aqui?

— Sim, creio que sim. Se quiser fazer o favor de me acompanhar, posso dar-lhes.

Harold levou Jack por um arco em direcção à escadaria principal, mas virou à esquerda para um corredor escuro forrado com uma alcatifa de pêlo alto. Jack percebeu como é que Harold tinha conseguido aparecer tão silenciosamente.

— mencionou que o primeiro Sr. Stanhope era proeminente na comunidade. Como assim?

— Foi o fundador da Companhia de Seguros Stanhope de Boston, que foi muito importante no seu apogeu. O Sr. Stanhope era um homem rico e um grande filantropo, coisa rara em Brighton. Brighton é uma comunidade da classe trabalhadora.

— Isso quer dizer que o atual Sr. Stanhope deve ser um homem rico.

— Indubitavelmente — respondeu Harold, enquanto levava Jack para um escritório tão austero como ele próprio. — A história do atual Sr. Stanhope é uma maravilhosa história de Horatio Alger. Nasceu Stanislaw Jordan Jaruzelski, filho de uma família de operários imigrantes, e começou a trabalhar na companhia de seguros logo que saiu do Liceu de Brighton. Era um miúdo genial, ainda que não tenha ido para a universidade, e conseguiu subir a pulso até à direcção. Quando o velhote faleceu, ele casou com a viúva, dando origem a algumas especulações sórdidas. Até adotou o apelido dela.

Apesar de lá fora estar um dia de Junho luminoso e cheio de sol, o interior do escritório de Harold era tão escuro que o candeeiro de secretária e o candeeiro de pé tinham de estar acesos. As janelas estavam tapadas com pesados reposteiros de veludo verde-escuro. Enquanto contava a Jack a saga dos Stanhope, Harold dirigiu-se para um armário de arquivo folheado a mogno com quatro gavetas. Tirou uma pasta da gaveta de cima. Do interior da pasta retirou três formulários e entregou um deles a Jack. Pousou os outros dois em cima da secretária. Apontou para uma das cadeiras forradas a veludo que estavam defronte da secretária antes de se sentar na sua cadeira de costas altas.

— O que lhe dei é a autorização para a exumação — disse Harold. — Há um lugar para o Sr. Stanhope assinar.

Enquanto se sentava, Jack olhou de relance para o documento. Sem dúvida, obter a assinatura ia ser o maior bico de obra, mas por enquanto não se preocuparia com isso.

— Quem preencherá o resto, depois de o Sr. Stanhope assinar?

— Eu próprio me encarregarei disso. Qual é o prazo que tem em mente?

— Se for feita, terá de ser imediatamente.

— Nesse caso, é melhor dizer-me sem demora. Terei de solicitar os serviços da empresa que montou o jazigo e de uma escavadora.

— A autópsia pode ser feita aqui?

— Sim, na sala de embalsamamento, coordenando a hora em função do nosso horário. O único problema é que talvez não tenhamos todas as ferramentas que gostaria. Por exemplo, não possuímos uma serra craniana.

— Eu posso arranjar as ferramentas.

— Devo referir que será um trabalho caro.

— Estamos a falar em que valores?

— Temos os custos da empresa do jazigo e da escavadora, bem como as taxas do cemitério. Para além disso, não podemos esquecer os nossos honorários pela obtenção das licenças, pela supervisão e pela utilização da sala de embalsamamento.

— Pode dar-me uma idêia aproximada?

— Pelo menos vários milhares de dólares.

Jack assobiou baixinho, como se pensasse que o valor era elevado, embora na realidade achasse que era barato, tendo em conta tudo o que estava envolvido. Levantou-se.

— Tem um número de telefone para onde possa ligar-lhe fora das horas de expediente?

— Vou dar-lhe o número do meu telemóvel.

— Fantástico — disse Jack. — Mais uma coisa. Sabe o endereço da residência dos Stanhope?

— Claro que sim. Toda a gente conhece a residência dos Stanhope. É um marco em Brighton.

Alguns minutos depois, Jack estava uma vez mais no interior do carro alugado, a tamborilar no volante enquanto refletia sobre qual deveria ser o seu próximo passo. Já passava das duas da tarde. Voltar ao tribunal era uma perspectiva que não o entusiasmava. Tinha sido sempre mais interveniente do que espectador. Em vez de voltar para Boston, pegou no mapa da Hertz. Demorou alguns minutos, mas localizou o Hospital Newton Memorial e acabou por chegar ao seu destino.

O Hospital Newton Memorial era parecido com quase todos os hospitais suburbanos em que Jack tinha estado. Era feito de tijolo e tinha uma confusão de alas acrescentadas ao longo dos anos. O setor mais antigo tinha pormenores da época, essencialmente com características gregas, mas as estruturas novas eram progressivamente mais simples. A adição mais recente era composta apenas por tijolo e vidro escurecido, sem quaisquer enfeites.

Jack estacionou na zona reservada às visitas num parque de estacionamento que terminava junto a uma zona de terras pantanosas com um pequeno lago. Um bando de gansos do Canadá flutuavam imóveis à superfície como um grupo de engodos de madeira. Consultando o grosso dossiê do caso, Jack decorou os nomes das pessoas com quem queria falar: o médico das urgências, Matt Gilbert; a enfermeira das urgências, Georgina; e a cardiologista da equipe, Noelle Everette. Estavam todos na lista de testemunhas da acusação e todos tinham prestado declarações pela defesa. O que incomodava Jack era a questão da cianose.

Em vez de se dirigir para a entrada principal do hospital, Jack entrou pela zona das urgências. A entrada de ambulâncias estava vazia. Ao lado, havia uma porta de vidro automática. Jack entrou e dirigiu-se directamente para a recepção de admissão de doentes.

Pareceu-lhe uma boa hora para o que tinha em mente. Havia apenas três pessoas na sala de espera e nenhuma delas parecia doente ou ferida. A enfermeira que estava na recepção levantou a cabeça quando Jack se aproximou. Vestia um fato de cirurgia e tinha o habitual estetoscópio em volta do pescoço. Estava a ler o Boston Globe.

— A calmaria antes da tempestade — brincou Jack.

— Mais ou menos isso. Em que posso ajudá-lo?

Jack fez o discurso habitual e mostrou rapidamente o cartão do Instituto de Medicina Legal. Perguntou por Matt e Georgina, usando propositadamente os seus nomes de batismo para sugerir familiaridade.

— Ainda não chegaram — respondeu a enfermeira de serviço. — Trabalham no turno da noite.

— Quando é que começa o turno?

— Às três.

Jack olhou para o relógio. Eram quase três horas.

— Então, devem estar mesmo a chegar.

— Espero bem que sim! — disse a enfermeira severamente, mas com um sorriso para mostrar que estava a brincar.

— E a Dra. Noelle Everette?

— Tenho a certeza de que está algures no hospital. Quer que a chame através do intercomunicador?

— Agradecia.

Jack recuou para a sala de espera onde se encontravam as outras três pessoas. Tentou estabelecer contato visual, mas ninguém mostrou disposição para isso. Olhou para uma National Geographic mas não lhe pegou. Em vez disso, maravilhou-se com a transformação de Stanislaw Jordan Jaruzelski em Jordan Stanhope e depois pensou em como ia conseguir que Jordan Stanhope assinasse a autorização para exumar o cadáver. Parecia impossível, como escalar o monte Everest não apenas sem oxigénio como também sem sapatos. Sorriu fugazmente ao imaginar dois alpinistas de rabo ao léu em pose triunfal no cume rochoso. Nada é impossível, recordou a si mesmo. Ouviu o nome da Dra. Noelle Everette ser

chamado num sistema de intercomunicadores antiquado. Um sistema daqueles parecia um anacronismo na era da informação, com miúdos da escola primária a mandar mensagens escritas por telemóvel.

Passados cinco minutos, a enfermeira de serviço nas urgências chamou-o à recepção. Disse-lhe que a Dra. Everette estava na radiologia e que teria todo o gosto em falar com ele. A enfermeira indicou-lhe o caminho.

A cardiologista estava ocupada a ler e a ditar cardioangiogramas. Estava sentada numa pequena sala de observação com uma parede inteira repleta de películas de raios-X numa correia transportadora móvel. A única luz vinha de detrás das películas e inundava-a com a sua fluorescência branco-azulada, semelhante ao luar mas mais forte. Aquela luz fazia a cardiologista parecer um fantasma, especialmente devido à bata branca. Jack presumiu que pareceria igualmente deslavado. Foi muito franco. Explicou quem era e porque é que estava ligado ao caso.

— Eu vou ser uma testemunha especialista da acusação — disse Noelle, desejando ser igualmente franca.

— Vou testemunhar que, quando a paciente chegou aqui às urgências não tivemos qualquer hipótese de reanimá-la, e fiquei indignada ao saber que tinha havido um atraso evitável. Alguns de nós, médicos antiquados, que tratamos todos os pacientes admitidos e não apenas os que nos pagam adiantado, ficamos furiosos com estes médicos de luxo. Estamos convencidos de que eles estão a beneficiar-se a si mesmos em vez de agirem no melhor interesse dos pacientes como afirmam e como dita o verdadeiro profissionalismo.

Jack ficou embasbacado com a reação emocional de Noelle. — Então, vai testemunhar porque o Dr. Bowman exerce medicina de concierge? — perguntou Jack.

— De maneira alguma — replicou Noelle. — Vou testemunhar porque houve um atraso no transporte da paciente para o hospital. Toda a gente sabe que após um enfarte do miocárdio é crucial iniciar o tratamento fibrinolítico e de reperfusão logo que possível. Se essa opinião reflete secundariamente alguma coisa da minha opinião sobre a medicina de concierge, que seja!

— Escute, eu respeito a sua posição, Dra. Everette, e não estou aqui para tentar convencê-la do contrário. Acredite em mim! Estou aqui para perguntar-lhe qual era o grau de cianose que a paciente apresentava. É uma coisa de que se recorda especialmente?

Noelle relaxou ligeiramente.

— Não sei dizer-lhe especificamente, uma vez que a cianose é um sinal frequente visto em doenças cardíacas graves.

— A enfermeira das urgências escreveu nas suas notas que a paciente tinha cianose central. Quero dizer, ela disse especificamente cianose "central".

— Escute, quando a paciente chegou estava praticamente morta, com as pupilas dilatadas, o corpo completamente flácido e uma braquicardia pronunciada com AV total preto. O coração não pôde ser estimulado externamente. Ela estava às portas da morte. A cianose foi apenas uma parte do quadro geral.

— Bem, obrigado por ter falado comigo — disse Jack. Levantou-se.

— Não tem de quê — respondeu Noelle.

Enquanto descia para a sala das urgências, estava ainda mais pessimista do que antes em relação ao desfecho do caso. A Dra. Noelle Everette ia ser uma poderosa testemunha especialista para a acusação, não apenas graças ao seu prestígio como cardiologista, mas também porque era articulada e uma médica dedicada, e porque estivera pessoalmente envolvida no caso.

— Os tempos mudaram — murmurou Jack baixinho enquanto pensava que antigamente era difícil encontrar um médico que se dispusesse a testemunhar contra outro médico.

Pareceu-lhe que Noelle estava ansiosa para testemunhar e, apesar do que tinha dito, parte da sua motivação era a forte antipatia que nutria pela medicina de concierge.

Quando Jack chegou à zona das urgências, o turno tinha mudado. Embora as urgências ainda estivessem tranquilas, Jack teve de esperar para falar com a enfermeira e com o médico enquanto estes se

informavam acerca dos pacientes que aguardavam resultados de exames ou a chegada dos seus médicos particulares. Eram praticamente três e meia quando, por fim, conseguiu sentar-se com eles numa pequena sala para os funcionários diretamente atrás da recepção. Eram ambos jovens. Jack calculou que teriam trinta e poucos anos.

Jack disse essencialmente a mesma coisa que tinha dito a Noelle, mas a reação da equipa das urgências foi muito menos emocional ou crítica. Na verdade, Georgina, no seu estilo esfuziante, professou que tinha ficado muito impressionada com Craig.

— Quero dizer, quantos médicos é que chegam às urgências na ambulância com o paciente? Posso dizer-lhe que não são muitos. É ridículo ele estar a ser processado. Mostra bem até que ponto o sistema está avariado, quando médicos como o Dr. Bowman são emboscados por tipos como o advogado perseguidor de ambulâncias que foi contratado pela acusação. Não me recordo do nome dele.

— Tony Fasano — ofereceu Jack. Estava a gostar de ouvir alguém que partilhava os seus pensamentos, ainda que perguntasse a si mesmo se Georgina teria ouvido falar no lado social da história de Craig, especialmente porque Leona tinha vindo para as urgências naquela noite fatal.

— Isso mesmo: Tony Fasano. Quando ele veio bisbilhotar aqui pela primeira vez, pensei que era um figurante de um daqueles filmes de gangsters. A sério que pensei. Não conseguia acreditar que ele fosse realmente assim. Ele tirou mesmo o curso de direito?

Jack encolheu os ombros.

— Bem, posso garantir-lhe que não andou em Harvard. De qualquer maneira, não consigo imaginá-lo a chamar-me como testemunha. Eu disse-lhe exatamente o que pensava do Dr. Bowman. Acho que ele fez um trabalho excelente. Até tinha uma máquina portátil de eletrocardiogramas e já tinha efetuado o teste dos biomarcadores antes de chegarem aqui às urgências.

Jack acenou afirmativamente enquanto Georgina falava. Tinha lido tudo isto no seu depoimento, no qual ela elogiava Craig exageradamente. Quando ela se calou, Jack disse:

— Eu queria falar convosco acerca da cianose.

— Que tem a cianose? — perguntou o Dr. Matt Gilbert. Era a primeira vez que falava. A sua personalidade calma era esmagada pela vivacidade de Georgina.

— Tu lembras-te da cianose, tonto — disse Georgina, dando uma palmada brincalhona no ombro de Matt antes de Jack poder falar. — Ela estava tão azul como a lua azul quando a trouxeram para cá.

— Não me parece que essa expressão tenha alguma coisa a ver com cor — disse Matt.

— Não tem? — perguntou Georgina. — Bem, devia ter.

— Não se recorda da cianose? — perguntou Jack a Matt.

— Vagamente, suponho, mas o seu estado geral sobrepunha-se a tudo o resto.

— Nas suas notas, descreveu-a como "cianose central" — disse Jack para Georgina. — Teve alguma razão específica para isso?

— Bem, é claro! Ela estava toda azul, não apenas os dedos ou pernas. Tinha o corpo todo azul até lhe porem o oxigénio com o respirador e começarem a fazer massagem cardíaca.

— Qual pensa que poderá ter sido a causa? — perguntou Jack. — Acha que podia ter sido um desvio cardíaco da esquerda para a direita ou talvez um edema pulmonar grave?

— Não sei se foi um desvio cardíaco — declarou Matt. — Mas ela não tinha nenhum edema pulmonar. Os pulmões estavam limpos.

— Recordo-me de uma coisa — disse Georgina de repente. — Ela estava completamente flácida. Quando lhe coloquei outra agulha para o soro, o braço parecia o de uma boneca de trapos.

— Na sua experiência, isso é único? — perguntou Jack.

— Sim — disse Georgina. Olhou para Matt, à espera de confirmação. — Normalmente, há alguma resistência. Acho que varia com o nível de consciência — Algum de vocês detectou algum grau de hemorragias petequiais nos olhos dela, algumas marcas estranhas no rosto ou no pescoço?

Georgina abanou a cabeça.

— Eu não. — Olhou para Matt.

— Eu estava demasiado preocupado com o estado geral para reparar nos pormenores — disse Matt.

— Por que é que pergunta? — perguntou Georgina.

— Eu sou médico legista — explicou Jack. — Fui treinado para ser cínico. Em qualquer caso de morte súbita com cianose, temos pelo menos de pensar na hipótese de asfixia ou estrangulamento.

— Ora aí está uma perspectiva nova — disse Georgina.

— A análise dos biomarcadores confirmou um ataque cardíaco — lembrou Matt.

— Não estou a pôr em causa que tenha havido um enfarte do miocárdio — disse Jack. — Mas seria interessante se tivesse sido causado por um processo não natural. Deixem-me dar-vos um exemplo. Uma vez tive o caso de uma mulher, provavelmente alguns anos mais velha do que a Sra. Stanhope, que teve um ataque cardíaco imediatamente depois de ter sido assaltada sob a mira de uma arma de fogo. Foi fácil provar uma relação temporal e o perpetrador foi condenado à morte e aguarda a execução da pena até hoje.

— Santo Deus! — disse Georgina.

Depois de dar um cartão de visita com o número de telemóvel a cada um deles, Jack voltou para o carro. Quando abriu a porta e entrou, já passava das quatro horas. Sentou-se por instantes, a contemplar o pequeno lago. Pensou na conversa que acabara de ter com os empregados do hospital e achou que havia um empate entre Noelle e Georgina, com uma avidamente a favor de Craig e a outra ferozmente contra. O problema era que Noelle ia seguramente depor em tribunal, ao passo que Georgina, como ela própria esperava, não seria intimada pois não estava na lista da defesa. Para além disso, não tinha ficado a saber grande coisa, ou, se tinha, era burro demais para reconhecer. Uma coisa era certa; tinha gostado de todas estas pessoas e estava impressionado com elas. Se tivesse um acidente e fosse trazido para o hospital, sentiria que estava em boas mãos.

Jack pensou no que faria a seguir. Teria gostado de voltar para a casa dos Bowman, vestir o equipamento de basquetebol e jogar umas partidas com David Thomas, o amigo de Warren, na Memorial Drive. No entanto, realisticamente falando, sabia que se houvesse alguma hipótese de contribuir para o caso fazendo uma autópsia aos restos mortais de Patience Stanhope, teria de se obrigar a enfrentar Jordan Stanhope e tentar convencê-lo a assinar a autorização para exumação do cadáver. Resignou-se à ideia de improvisar enquanto tentava apelar ao sentido de justiça e equidade do homem.

Pegou no pequeno cartão que Harold Langley lhe tinha dado com o seu número de telemóvel e a morada de Jordan Stanhope. Equilibrando-o no volante, pegou no fidedigno mapa da Hertz e tentou encontrar a rua. Precisou de alguma paciência, mas localizou-a próximo do Lago Chandler e do Clube de Campo de Chestnut Hill. Presumindo que a sessão do julgamento teria sido interrompida por volta das três e meia ou quatro horas, pensou que seria um momento tão bom como qualquer outro para lhe fazer uma visita. Não fazia ideia se conseguiria ou não entrar em casa do homem, mas não seria por não tentar.

Ao fim de meia hora a percorrer um labirinto enlouquecedor de estradas sinuosas, conseguiu encontrar a residência dos Stanhope. Que Jordan Stanhope era um homem rico tornou-se imediatamente evidente. A casa era gigantesca, com jardins espaçosos e imaculados, árvores e arbustos meticulosamente aparados e flores por todo o lado. Um Bentley azul-escuro de dois lugares, novo e brilhante, estava estacionado na entrada circular defronte da casa. Uma garagem para três carros mais afastada era visível através das árvores à direita do edifício principal.

Jack encostou o seu Hyundai Accent ao lado do irmão obscenamente caro. A justaposição formava um contraste extraordinário. Saiu do carro e aproximou-se do outro. Tinha de espreitar para o interior da máquina extravagante, atribuindo, bem-humorado, este interesse inesperado a um gene até agora subentendido no seu cromossoma Y. As janelas estavam abertas, por isso o aroma da pele luxuosa inundava toda a zona adjacente. O carro era obviamente novo em folha. Depois de ter a certeza de que

não estava a ser observado, Jack enfiou a cabeça pela janela do lado do condutor. O painel de comandos tinha uma elegância simples e rica. Depois, reparou noutra coisa: as chaves estavam na ignição. Jack recuou. Embora pensasse que era o cúmulo do ridículo gastar a quantidade de dinheiro que pensava ser o preço do carro, o fato de as chaves estavam disponíveis desencadeou a fantasia fugaz de percorrer uma bonita estrada no Bentley com Laurie ao seu lado. Foi um devaneio que lhe recordou o sonho recorrente de voar que tinha na adolescência. Porém, o devaneio depressa se dissolveu e foi substituído por um leve embaraço por estar a cobiçar o carro de outro homem, mesmo que apenas para um passeio imaginado.

Jack deu a volta ao Bentley e aproximou-se da porta principal. A sua reação ao carro surpreendera-o a diversos níveis, o mais importante dos quais dizia respeito à ideia de se poder divertir. Durante muitos anos após o acidente aéreo, tinha sido incapaz de o fazer, pois isso despertava a sua culpa por ser o único elemento da família que ainda estava vivo. O fato de poder fazê-lo agora era a melhor sugestão de que tinha feito progressos significativos para a cura.

Depois de tocar à campainha, Jack virou-se para o Bentley resplandecente. Tinha pensado no que o carro significava para ele, mas agora refletiu sobre o que dizia acerca de Jordan Stanhope, também conhecido por Stanislaw Jordan Jaruselski. Sugeria que o homem estava a mimar-se o mais possível com a sua nova fortuna.

O som da porta a abrir-se chamou a atenção de Jack, que se voltou e se concentrou no assunto que o tinha trazido ali. No bolso interior do casaco estava a autorização de exumação por assinar e o papel amachucou-se quando levantou a mão para proteger os olhos. O sol do fim da tarde estava a refletir-se nos batentes de latão polido da porta e ele deixou de ver por alguns segundos.

— Sim? — perguntou Jordan. Apesar do brilho intenso, Jack percebeu que estava a ser observado com desconfiança. Jack usava as calças de ganga do costume, uma camisa de cambráia azul com gravata de tricô e um casaco de Verão que não era limpo nem passado a ferro há mais tempo do que ele gostaria de admitir. Em contraste, Jordan vestia um casaco de tecido escocês e usava gravata. À volta da sua silhueta sentia-se uma lufada de ar fresco e seco que sugeria que o ar condicionado de casa estava ligado, apesar de a temperatura exterior ser amena.

— Sou o Dr. Stapleton — começou Jack. Com uma decisão súbita, e para sugerir uma explicação quase oficial para a sua visita, Jack tirou a carteira do bolso e mostrou o seu distintivo de médico legista. Ergueu-o no ar durante alguns segundos. — Sou médico legista e gostaria de tomar um pouco do seu tempo.

— Deixe-me ver! — disse Jordan quando Jack tentou, como sempre, guardar o distintivo e a carteira no local habitual.

Jack ficou surpreso. As pessoas raramente examinavam as suas credenciais profissionais.

— Nova Iorque? — perguntou Jordan, olhando de novo para o rosto de Jack. — Não está bastante longe?

Jordan falou num melodioso tom de troça e com um leve sotaque inglês que Jack associava aos colégios internos de elite da Nova Inglaterra. Para maior surpresa de Jack, Jordan tinha esticado o braço e apertara ligeiramente a mão de Jack para a manter parada enquanto analisava o distintivo. Os seus dedos muito bem arranjados eram frios ao toque.

— Eu levo o meu trabalho a sério — declarou Jack, revertendo defensivamente para o sarcasmo.

— E que trabalho é que o traz à nossa humilde casa?

Jack não conseguiu evitar um sorriso. O comentário do homem sugeria que ele tinha um sentido de humor irónico muito parecido com o seu. A casa era tudo menos humilde.

— Quem é, Jordie? — perguntou uma voz cristalina das profundezas frescas do interior da casa.

— Ainda não sei muito bem, querida — respondeu Jordan afetuosamente por cima do ombro. — É um médico de Nova Iorque.

— Pediram-me que ajudasse no processo judicial em que o senhor está envolvido atualmente — disse Jack.

— A sério! — exclamou Jordan com um toque de surpresa. — E como é que pretende ajudar ao certo? Antes de Jack poder responder, uma atraente mulher com olhar dengoso e que devia ter metade da idade de Jordan apareceu ao lado deste e olhou para Jack. Rodeou o pescoço de Jordan com um braço e pousou o outro sobre o peito dele. Sorriu agradavelmente, revelando dentes surpreendentemente brancos e perfeitos.

— Porque é que estão aqui parados? Convida o doutor para entrar! Ele pode tomar chá conosco. Seguindo a sugestão da mulher, Jordan desviou-se, fez sinal a Jack para que entrasse em casa e depois levou-o numa longa viagem por um átrio central e uma sala de estar luxuosa até à estufa construída nas traseiras do edifício. Com três paredes e telhado de vidro, Jack teve a sensação de estar no jardim exterior. Embora tivesse pensado que "chá" era um eufemismo para cocktails, estava redondamente enganado.

Aninhou-se numa cadeira excessivamente grande de verga branca com almofadas de chintz claras e uma criada discreta, fardada a rigor, serviu-lhe chá, chantilly e biscoitos e desapareceu rapidamente. Jordan e a namorada, Charlene McKenna, estavam sentados à sua frente, num sofá de verga a condizer. Entre Jack e os seus anfitriões havia uma mesa de vidro baixa onde estava um serviço de prata com mais doces. Charlene não conseguia tirar as mãos de Jordan, que se comportava como se não estivesse consciente da aberta afeição da rapariga. Inicialmente, a conversa abrangeu diversos assuntos antes de se centrar nos planos do casal para o Verão, que incluíam um cruzeiro pela costa da Dalmácia.

Jack achou surpreendente que o casal se dispusesse a fazer toda a conversa. Percebeu que estavam sedentos de diversão, já que não teve de dizer muito para além de que era de Nova Iorque e estava atualmente hospedado em casa da irmã, em Newton. Depois disso, teve apenas de proferir um "hã-hã" ocasional para indicar que estava a prestar atenção. Isto deu a Jack a oportunidade de observar, e ficou fascinado. Jordan estava a divertir-se e, ao que tudo indicava, divertia-se praticamente desde o dia em que Patience Stanhope falecera. Tinha feito um luto curto, pois Charlene fora viver com ele algumas semanas depois do enterro. O Bentley que estava na entrada tinha apenas um mês, e o casal passara uma parte do Inverno em St. Tropez. Graças à fusão destas novas informações com a sua natureza cínica, a possibilidade de a morte de Patience não ter tido causas naturais passou a ser mais do que um pensamento passageiro na mente de Jack e tornou a ideia de fazer uma autópsia ainda mais apropriada e necessária. Pensou voltar ao Instituto de Medicina Legal de Boston com as suas desconfianças, ainda que inteiramente circunstanciais, para saber se eles estariam dispostos a falar com o procurador para que este pedisse a um juiz que ordenasse a exumação, porque, se tivesse sido de alguma forma responsável pela morte de Patience, Jordan nunca concordaria. Todavia, quanto mais Jordan falava e mais evidente se tornava que ele estava a desempenhar o papel do cavalheiro culto e aristocrata que não era na realidade, menos certo ficava Jack da sua reação a uma autópsia. Já houvera casos criminais em que os perpetradores se julgavam tão inteligentes que ajudavam ativamente a polícia apenas para provar até que ponto eram inteligentes. Jordan poderia encaixar-se nessa categoria e concordar com uma autópsia para tornar o jogo ainda mais excitante.

Jack abanou a cabeça. De repente, a sua racionalidade impôs-se e soube sem a menor sombra de dúvida que estava a deixar a sua imaginação delirar.

— Não concorda? — perguntou Jordan. Tinha visto a cabeça de Jack a abanar.

— Não, quero dizer, sim — disse Jack enquanto tropeçava verbalmente, a tentar disfarçar a sua gafe.

A verdade é que não tinha estado a ouvir a conversa.

— Estou a dizer que a melhor altura para ir à costa da Dalmácia é durante o Outono e não na Primavera. Não concorda?

— Concordo — insistiu Jack. — Isso é inquestionável. Apaziguado, Jordan voltou ao que tinha estado a dizer. Charlene acenou em sinal de apreciação.

Jack voltou para os seus pensamentos e admitiu a si mesmo que a hipótese de ter havido mão criminosa

envolvida na morte de Patience era infinitesimalmente pequena. Principalmente porque Patience tivera um ataque cardíaco e porque tinham estado envolvidos tantos médicos conceituados, incluindo o seu cunhado. Craig não era a pessoa preferida de Jack, particularmente para estar casado com a sua irmã, mas era um dos médicos mais competentes e inteligentes que conhecera em toda a sua vida. Era impossível Jordan ter enganado um grupo tão bom de profissionais conseguindo fazer com que a mulher tivesse um ataque cardíaco.

Essa percepção levou Jack uma vez mais para a estaca zero. O Instituto de Medicina Legal não conseguiria arranjar-lhe uma autorização para a exumação do cadáver e para efetuar uma autópsia. Se queria que isso acontecesse, teria de ser ele a conseguir tudo. E a pose de Jordan como brâmane de Boston talvez ajudasse. Jack podia apelar ao seu cavalheirismo, uma vez que os verdadeiros cavalheiros têm o dever de dar um exemplo de comportamento ético, fazendo tudo para que a justiça prevaleça. Era arriscado, mas foi a única coisa de que se lembrou.

Enquanto Jordan e Charlene debatiam a melhor altura do ano para ir a Veneza, Jack pousou a chávena e o pires e procurou um dos seus cartões de visita no bolso lateral. Aproveitou uma pausa na conversa para se inclinar para a frente e, com o polegar, pousar o cartão no tampo da mesa de vidro.

— Muito bem! Que é que temos aqui? — perguntou Jordan, caindo imediatamente na armadilha. Inclinando-se para a frente, olhou de relance para o cartão antes de pegar nele para o examinar com mais atenção. Charlene tirou-lho das mãos e observou-o por sua vez.

— O que é um médico legista? — perguntou Charlene.

— Um médico legista — explicou Jack — é um médico que fez uma especialização em patologia forense, e tem a tarefa de procurar as causas da morte.

— E preparava-se para me dizer como é que pretende ajudar no meu processo — disse Jordan — que, devo dizer, estou a achar um tédio.

— E por quê?

— Pensei que seria excitante, como ver um combate de boxe. Em vez disso, é maçador, como assistir a uma discussão entre duas pessoas.

— Tenho a certeza de que poderia torná-lo mais interessante — declarou Jack, agarrando a oportunidade que a opinião de Jordan acerca do julgamento lhe proporcionava.

— Por favor, seja mais específico.

— Gosto da analogia de comparar o julgamento ao boxe, mas o motivo por que é desinteressante é porque os dois lutadores de boxe estão com os olhos vendados.

— É uma imagem curiosa. Dois lutadores apenas a dar murros no ar.

— Precisamente! E estão a dar murros no ar porque não possuem todas as informações de que precisam.

— De que é que eles precisam?

— Estão a discutir os cuidados ministrados a Patience Stanhope sem ela poder contar a sua versão da história.

— E que história é que ela contaria, se pudesse?

— Não saberemos, a menos que eu possa perguntar-lhe.

— Não compreendo o que vocês estão a dizer — queixou-se Charlene. — A Patience Stanhope está morta e enterrada.

— Creio que ele está a referir-se a uma autópsia.

— É precisamente do que estou a falar.

— Desenterrá-la, quer dizer? — perguntou Charlene, consternada. — Que nojo!

— Não é assim tão invulgar — disse Jack. — Ela faleceu há menos de um ano. Garanto que a autópsia vai dizer-nos alguma coisa, e o combate de boxe, como diz, será travado à luz do dia.

— Como por exemplo? — perguntou Jordan. Tinha ficado quieto e pensativo.

— Como a porção do coração que esteve envolvida no ataque cardíaco, como progrediu, se havia alguma

condição pré-existente.

Jordan mastigou o lábio inferior enquanto considerava o que Jack tinha dito. Este sentiu-se encorajado. Sabia que o que estava a tentar fazer era quase impossível, mas Jordan não tinha recusado imediatamente a ideia. É claro que podia não saber que a autorização para fazer a exumação dependia dele.

— Por que é que está a oferecer-se para fazer isto? — perguntou Jordan. — Quem está a pagar-lhe?

— Ninguém está a pagar-me. Posso dizer honestamente que estou motivado para que se faça justiça. Ao mesmo tempo, tenho um conflito de interesses. A minha irmã é casada com o arguido, o Dr. Craig Bowman.

Jack procurou cuidadosamente sinais de fúria ou irritação no rosto de Jordan, mas não viu nada. Na verdade, ele parecia estar a analisar os comentários de Jack sem emoção.

— Eu sou absolutamente a favor da justiça — afirmou Jordan por fim. Por enquanto, o leve sotaque inglês tinha desaparecido. — Mas parece-me que seria difícil para si ser totalmente objetivo.

— De acordo — disse Jack. — É um bom argumento, mas se fizesse uma autópsia preservaria todas as amostras para serem revistas por um especialista. Até poderia arranjar um médico legista sem qualquer conflito de interesses para me auxiliar.

— Por que é que não se fez logo a autópsia?

— Nem todas as mortes resultam em autópsias. Se tivessem existido quaisquer dúvidas em relação à causa da morte, o Instituto de Medicina Legal teria pedido uma autópsia. Na altura, não houve dúvidas. A Patience teve um ataque cardíaco devidamente documentado e foi assistida pelo seu médico. Se o processo legal tivesse sido antecipado, teria sido efetuada uma autópsia.

— Eu não tinha planeado apresentar queixa, embora não fosse honesto se não admitisse que o seu cunhado me enfureceu naquela noite. Acusou-me de não lhe transmitir adequadamente o estado da Patience, quando lhe implorei que me deixasse levá-la diretamente para o hospital.

Jack acenou afirmativamente. Tinha lido sobre este pormenor nos depoimentos de Jordan e Craig e não pretendia envolver-se no caso. Sabia que as origens de muitos processos por negligência médica resultavam da má comunicação com o médico ou com a equipa deste.

— Na verdade, não pretendia processar o Dr. Bowman até o Dr. Anthony Fasano me contatar.

Jack prestou mais atenção.

— Foi o advogado que o procurou e não o contrário?

— Absolutamente. Assim como o doutor. Veio à minha porta e tocou à campainha.

— E convenceu-o a processar o meu cunhado.

— Convenceu, e basicamente com a mesma justificação que o doutor está a usar: justiça. Disse que era minha responsabilidade fazer todos os possíveis para que o público fosse protegido de médicos como o Dr. Bowman e do que ele chamou as "inequidades e desigualdades" da medicina de concierge. Foi bastante persistente e persuasivo.

"Santo Deus", pensou Jack. A ingenuidade de Jordan em relação ao engodo de um advogado de danos pessoais enfraqueceu a consideração que começava a sentir por aquele homem. Jack lembrou a si mesmo que ele era um impostor: um impostor rico, mas não obstante um impostor que tinha casado bem. Depois de preparar o terreno, Jack decidiu que tinha chegado o momento de atirar a matar e sair dali. Levou a mão ao bolso e tirou a autorização para a exumação do cadáver. Pousou-a em cima da mesa, defronte de Jordan.

— Para eu poder efetuar a autópsia, basta que assine esta autorização. Eu encarrego-me do resto.

— Que tipo de papel é este? — perguntou Jordan, regressando ao sotaque falso. Inclinou-se para a frente e olhou-o de relance. — Eu não sou advogado.

— É um formulário de rotina — explicou Jack. Lembrou-se de algumas observações sarcásticas, mas conteve-se.

A reação de Jordan apanhou-o desprevenido. Em vez de fazer mais perguntas, levou a mão ao bolso do

casaco, mas infelizmente não foi para tirar uma caneta. Em vez disso, tirou um telemóvel. Marcou rapidamente um número e recostou-se. Enquanto a ligação era efetuada, olhou para Jack.

— Dr. Fasano — disse Jack, olhando o seu luxuoso relvado lá fora. — Um médico legista de Nova Iorque acaba de me entregar um formulário que poderá interferir com o julgamento. É para eu dar autorização para desenterrarem a Paciente para se fazer uma autópsia. Quero que o veja antes de eu assinar.

De onde estava sentado, a mais de três metros de distância, Jack ouviu a resposta de Fasano. Não conseguiu compreender as palavras propriamente ditas, mas o tom foi bastante claro.

— Está bem, está bem! — repetiu Jordan. — Eu não assino nada enquanto não verificar. Tem a minha palavra. — Fechou a tampa do telemóvel e depois olhou para Jack. — Ele vem já para cá.

A última coisa que Jack queria era envolver os advogados. Como tinha dito a Alexis no dia anterior, não gostava de advogados, particularmente de advogados de danos pessoais, com as suas desculpas falsas de lutarem pelos mais desprotegidos. Depois do acidente aéreo, tinha sido perseguido por advogados que tentavam levá-lo a processar a companhia aérea.

— Acho que vou andando — disse Jack, levantando-se. Não conseguia deixar de pensar que, com o envolvimento de Tony Fasano, as hipóteses de obter uma assinatura de autorização eram praticamente nulas. — tem o número do meu telemóvel no cartão, para o caso de querer entrar em contato comigo depois de o seu advogado analisar o formulário.

— Não. Quero resolver isto agora — declarou Jordan. — Se não o fizer agora, nunca farei, por isso sente-se! O Dr. Fasano não demora nada. Vamos tomar uma bebida. Já passa das cinco horas, por isso é legal. — Sorriu e esfregou as mãos uma na outra, num gesto de antecipação.

Jack recostou-se novamente na cadeira de verga. Resignou-se ao desenlace da visita, fosse ele qual fosse.

Jordan devia ter um botão de chamada escondido, pois a empregada materializou-se subitamente. Jordan pediu um jarro de vodca, martinis e um prato de azeitonas.

Como se nada se tivesse passado entretanto, Jordan regressou confortavelmente à discussão dos planos de viagem iminentes que tinha para os dois. Jack declinou a oferta de um martini. Era a última coisa no mundo que lhe apetecia. Estava a pensar fazer um pouco de exercício físico logo que conseguisse sair dali.

No momento em que Jack chegava aos limites da sua paciência, um carrilhão de sinos anunciou visitas na porta principal. Jordan não se mexeu. Ao longe, ouviram a porta principal a abrir-se e o som de vozes abafadas. Alguns minutos depois, Tony Fasano entrou intempestivamente na sala. Alguns passos atrás vinha outro homem vestido de forma idêntica a Tony, mas intimidantemente maior.

Num sinal reflexo de respeito, Jack levantou-se. Reparou que Jordan se tinha mantido calmamente sentado.

— Onde está esse suposto formulário? — perguntou Tony. Não tinha tempo para delicadezas. Jordan apontou com a mão livre. A outra segurava o martini. Charlene estava comodamente sentada ao lado dele, a brincar com os cabelos da sua nuca.

Tony pegou bruscamente na autorização de exumação que estava em cima da mesa com tampo de vidro e deu-lhe uma vista de olhos com os olhos escuros. Enquanto o fazia, Jack observou-o. Em contraste com a sua postura jovial na sala de audiências, ele estava agora ostensivamente irado. Jack calculou que andasse perto dos quarenta anos. Tinha um rosto largo com feições arredondadas e dentes quadrados. As mãos eram compactas, com dedos curtos. Jack transferiu o olhar para o companheiro significativamente maior que vestia o mesmo fato cinzento, camisa preta e gravata preta. O homem tinha vindo até à soleira da porta da sala de estar e parara. Obviamente era o capanga. O fato de Tony pensar que precisava de uma companhia daquelas numa visita a um cliente deixou Jack hesitante.

— O que é este disparate? — exigiu saber Tony, a acenar o formulário na direção de Jack.

— Eu não chamaria disparate a um formulário oficial — replicou Jack. — É uma autorização para exumação.

— Quem é o senhor, uma espécie de pistoleiro contratado da defesa?

— De maneira alguma.

— É irmão da mulher do Dr. Bowman — explicou Jordan. — Está em casa da irmã para se certificar de que é feita justiça. Foram as palavras que ele usou.

— Justiça, o caraças! — resmungou Tony, voltando-se para Jack. — Você tem muita lata para vir aqui falar com o meu cliente.

— Errado! — disse Jack, calmamente. — Fui convidado para tomar chá. — Ainda por cima, um espertalhão — retorquiu Tony.

— É verdade! Ele foi convidado para entrar — disse Jordan. — E tomamos mesmo chá, antes dos martinis.

— Estou apenas a tentar preparar o caminho para fazer uma autópsia — explicou Jack. — Quanto mais informação estiver disponível, maior será a probabilidade de se fazer justiça. Alguém precisa de falar pela Patience Stanhope.

— Não posso acreditar neste monte de tretas — disse Tony, erguendo as mãos num gesto de irritação. Em seguida, apontou para o homem que o acompanhava. — Franco, vem cá e tira esta merda de cão da casa do Sr. Stanhope!

Franco entrou obedientemente na sala. Agarrou o braço de Jack pelo cotovelo, levantando-lhe o ombro. Quando Franco começou a sair da sala com Jack a reboque, este pensou racionalmente nas consequências de oferecer resistência. Olhou de relance para o seu anfitrião, que não se tinha mexido no sofá de verga. Jordan parecia surpreso com o que estava a acontecer, mas não interveio enquanto Tony pedia desculpa pela interrupção e prometia tratar do impostor.

Mantendo um aperto firme no braço de Jack, Franco marchou pela sala de estar formal e saiu para o átrio central em mármore com a escadaria imponente.

— Não podemos discutir isto como pessoas civilizadas? — perguntou Jack. Começou a resistir ligeiramente ao avanço enquanto continuava o debate mental sobre como lidar com aquela situação. Jack não gostava de violência física, muito embora tivesse sido provocado. Franco era do tipo corpulento que Jack associava sempre aos defesas quando jogava futebol americano na faculdade. Um choque com uma massa de tamanho e proporção semelhantes tinha ditado o fim da sua breve carreira de jogador de futebol americano.

— Cale-se! — disse Franco bruscamente, sem sequer lançar um olhar a Jack.

Franco parou quando chegaram à porta principal. Depois de a abrir, impeliu Jack para a rua, soltando-lhe o braço.

Jack arranjou o casaco e desceu os dois degraus até ao caminho de gravilha. Estacionado atrás do Bentley e do Hyundai via-se um grande Cadillac preto de idade indeterminada. Comparado com os outros dois veículos, parecia uma casa flutuante.

Jack começou a dirigir-se para o carro e já tinha as chaves na mão, mas parou e virou-se. A razão dizia-lhe para entrar no carro e ir-se embora, mas a mesma zona no seu cromossoma Y que tinha admirado o Bentley estava ultrajada com a expulsão sumária. Franco tinha saído de casa e estava parado com as pernas abertas e as mãos na cintura. Um sorriso afetado e sarcástico bailava no seu rosto marcado pelo acne. Antes de alguém dizer fosse o que fosse, Tony saiu do interior da casa, empurrando Franco. Uma versão consideravelmente mais pequena do corpulento Franco, tinha de balançar as ancas de uma forma peculiar para caminhar com as pernas atarracadas e curtas. Avançou diretamente para Jack e enfiou o dedo indicador no rosto deste.

— Deixe-me explicar-lhe a realidade aqui, cowboy — disse ele, raivoso. — Eu tenho pelo menos cem mil envolvidos neste caso e espero receber ser bem recompensado. Está a ouvir bem? Não quero que lixe

tudo. As coisas estão a correr muito bem, por isso não há autópsia. Capisce?

— Não sei porque é que está tão perturbado — replicou Jack. — Podia arranjar um médico legista da sua confiança para trabalhar comigo. Sabia que a questão da autópsia era um caso perdido, mas senti uma certa satisfação ao irritar Tony. O homem, que tinha os olhos ligeiramente esbugalhados, estava agora ainda mais alterado. As veias das têmporas estavam salientes como vermes escuros.

— Que é que eu preciso de lhe dizer? — disse Tony retoricamente. — Não quero uma autópsia! O caso está muito bem assim. Não preciso nem quero ter surpresas. Vamos tramar aquele médico concierge arrogante e imbecil, e ele merece.

— Parece-me que perdeu a objetividade — comentou Jack.

Não pôde deixar de reparar que os lábios grossos de Tony se tinham encaracolado para trás numa irrisão autêntica ao pronunciar a palavra "concierge". Jack perguntou a si mesmo se o homem se tinha interessado pelo caso como uma cruzada pessoal. Havia um toque de fanatismo na sua expressão.

Tony olhou para Franco em busca de apoio.

— Acreditas neste tipo? Parece que vem de outro planeta.

— Está-me a parecer que tem medo de fatos — declarou Jack.

— Não tenho medo de fatos — berrou Tony. — Arranjei imensos fatos. Aquela mulher morreu de ataque cardíaco. Devia ter ido para aquele hospital uma hora antes, e se isso tivesse acontecido não estaríamos aqui a falar.

— O que é um "ataque"? — perguntou Jack, troçando do sotaque de Tony. Não se ouvira o som "n e o "d" tinha sido quase sibilado.

— Basta! — vociferou Tony. Estalou os dedos para chamar a atenção de Franco. — Põe este idiota no carro e longe da minha vista.

Franco desceu os degraus com tanta rapidez que se ouviram moedas a tilintar no bolso. Passou ao lado de Tony e tentou dar um empurrão a Jack com as palmas das mãos. Jack manteve-se firme.

— Sabem uma coisa? Tenho andado para vos perguntar como é que coordenam as roupas — disse Jack.

— Decidem na noite anterior, ou é a primeira coisa que fazem de manhã? Quero dizer, é amoroso.

Franco reagiu com uma velocidade que apanhou Jack desprevenido. Com a palma da mão aberta, esbofeteou-o na face com força suficiente para os ouvidos retinirem. Jack recuou instantaneamente e retribuiu o favor com um golpe semelhante e igualmente eficaz.

Nada habituado a que as pessoas não se intimidassem com o seu tamanho, Franco ficou mais surpreendido com a pancada do que Jack. Quando a mão se ergueu reflexivamente para tocar na face a arder, Jack agarrou-o pelos ombros e desferiu-lhe uma joelhada nas virilhas. Franco dobrou-se por breves instantes, a tentar respirar. Quando se endireitou novamente, tinha uma arma na mão.

— Não! — gritou Tony. Agarrou o braço de Franco por detrás e baixou-o.

— Desapareça daqui para fora! — rosnou para Jack, enquanto segurava o enraivecido Franco como um treinador seguraria um cão com raiva. — Se estragar o meu caso de qualquer maneira, é o seu fim. Não vai haver autópsia nenhuma.

Jack recuou até bater no Hyundai. Não queria despregar os olhos de Franco, que ainda não estava completamente direito e continuava com a arma na mão. As pernas de Jack pareciam de borracha devido à adrenalina que lhe percorria o fluxo sanguíneo.

Dentro do carro, ligou-o rapidamente. Enquanto olhava para Tony e para o seu comparsa, vislumbrou Jordan e Charlene parados na soleira da porta.

— Este assunto ainda não está arrumado — gritou Franco através do vidro aberto do lado do condutor enquanto Jack se afastava.

Durante mais de quinze minutos, Jack andou em círculos por zonas residenciais, a virar ao acaso e sem parar. Não queria que ninguém o seguisse nem o encontrasse, particularmente um grande Cadillac preto. Sabia que tinha sido estúpido no fim da visita à mansão dos Stanhope. Fora um breve ressurgimento da

personalidade arrojada e desafiadora que emergira após a depressão que o acidente aéreo e a perda da família tinha originado. Quando a adrenalina diminuiu, sentiu-se fraco. Totalmente perdido mas perto de uma placa com os nomes de diversas ruas, encostou junto ao passeio à sombra de um carvalho gigantesco para se orientar.

Enquanto conduzia, tinha brincado com a ideia de se dirigir para o aeroporto, lavar as mãos de todo aquele caso e apanhar um avião de volta para Nova Iorque. A pele a arder na face era um argumento a favor, assim como o fato de a possibilidade de efetuar uma autópsia para ajudar a irmã e o cunhado estar agora completamente posta de parte. O outro argumento forte era que o casamento se aproximava a uma velocidade alucinante.

Porém não foi capaz de o fazer. Sair da cidade às escondidas era um ato de grande cobardia. Pegou no mapa da Hertz e tentou adivinhar que estrada principal devia tentar encontrar e a direção que teria de seguir. Não foi fácil, porque a estrada onde se encontrava não estava assinalada no mapa. Ou era pequena de mais, ou estava fora do alcance do mapa. O problema é que não sabia qual era o caso.

No preciso momento em que se preparava para arrancar e procurar uma rua principal ao acaso, o seu telemóvel ganhou vida. Jack levou a mão ao bolso e tirou-o. Não reconheceu o número. Atendeu a chamada.

— Dr. Stapleton, fala Jordan Stanhope. O senhor está bem?

— Já tive momentos melhores na minha vida, mas basicamente estou bem. — Jack estava surpreendido com o telefonema.

— Queria pedir desculpa pela forma como o Dr. Fasano e o seu associado o trataram na minha casa.

— Obrigado — disse Jack. Pensou noutras respostas mais inteligentes, mas conteve-se.

— Vi que foi agredido. Fiquei impressionado com a sua reação.

— Não devia ter ficado. Foi uma atitude embaraçosamente estúpida, especialmente tendo em conta que o homem estava armado.

— Achei que ele estava a pedi-las.

— Duvido que ele partilhe a sua opinião. Foi a parte da visita de que menos gostei. Acabei por perceber até que ponto o Dr. Fasano é labrego. É embaraçoso.

"Não é tarde de mais para cancelar tudo", pensou Jack, mas não disse nada.

— Também estou a pôr em questão as táticas dele e o seu desprezo absoluto pela descoberta da verdade.

— Bem-vindo ao mundo da advocacia — disse Jack. — Infelizmente, nos processos cíveis o objetivo é a resolução da contenda, não a descoberta da verdade.

— Bem, eu não vou ser conivente com isso. Vou assinar a autorização para a exumação.

Newton, Massachusetts Terça-feira, 6 de Junho de 2006 19:30

Quando chegou à residência dos Bowman, era tarde demais para pensar em fazer exercício físico. Também tinha faltado ao jantar com as sobrinhas, que já se tinham retirado para os respectivos quartos e estavam a estudar para os exames finais que se aproximavam. Aparentemente, a sua presença já era uma trivialidade, porque nenhuma delas veio ao rés-do-chão para o cumprimentar. Para compensar a falta de interesse das filhas, Alexis recebeu-o efusivamente, mas reparou logo no aspecto avermelhado, magoado e inchado do rosto do irmão.

— Que é que te aconteceu? — perguntou, preocupada.

Jack afastou-a, dizendo que não era nada, mas disponibilizou-se para explicar mais tarde, depois de se limpar. Mudou de assunto e perguntou por Craig. Alexis respondeu-lhe que o marido estava na sala grande, mas não entrou em pormenores.

Jack meteu-se no duche para se lavar e, quando saiu, limpou o vapor do espelho da casa de banho para se observar ao espelho. Depois da água quente, a vermelhidão era ainda mais intensa do que antes. No que não tinha reparado era numa hemorragia pequena e viva em forma de chama na córnea, na parte esclerótica do olho. Inclinando-se mais para o espelho, reparou em algumas hemorragias subcutâneas quase imperceptíveis na parte lateral da maçã do rosto. Não restavam dúvidas de que Franco tinha acertado em cheio. Jack não conseguiu deixar de pensar como estaria Franco, porque a palma da sua mão ainda estava dolorida do impacto, o que sugeria que lhe batera com uma força semelhante.

Depois de mudar de roupa, Jack colocou a roupa suja no cesto da lavandaria, como Alexis lhe tinha dito.

— Não queres jantar? — perguntou-lhe a irmã. Estava parada no meio da cozinha.

— É uma idéia ótima — disse Jack. — Estou esfomeado. Não tive tempo para almoçar.

— Nós comemos bifes grelhados, batatas assadas, espargos cozidos ao vapor e salada. Que te parece?

— Um sonho — disse Jack.

Durante esta troca de palavras, Craig mantivera-se calado. Estava sentado a doze metros de distância no sofá da sala grande, exatamente no lugar onde estava nessa manhã, mas sem o jornal. Usava as mesmas roupas com que o vira de manhã, ainda que a camisa estivesse agora amachucada, com o botão do colarinho aberto e o nó da gravata afrouxado. Como uma estátua, olhava para o ecrã de televisão plano, absolutamente imóvel. Jack não teria pensado que era uma situação anormal se a televisão não estivesse desligada. Na mesa de apoio à sua frente via-se uma garrafa de uísque escocês meio vazia e um copo de vidro fora de moda quase a transbordar com o líquido cor de âmbar.

— Que está ele a fazer? — perguntou Jack, baixando a voz.

— Que é que te parece que ele está a fazer? — replicou Alexis. — Está a vegetar. Está deprimido.

— Como correu o resto do dia no tribunal?

— Eu diria que correu de forma muito semelhante à parte a que assististe. É por isso que ele está deprimido. O primeiro dos três especialistas arrolados pela acusação já foi interrogado. Foi o Dr. William Tardoff, o chefe do serviço de cardiologia do Hospital Newton Memorial.

— Que espécie de testemunha foi ele?

— Infelizmente, muito credível, e não foi arrogante com os jurados. Conseguiu explicar de forma perfeitamente clara porque é que a primeira hora, até os primeiros minutos, são tão importantes para uma vítima de ataque cardíaco. Depois de Randolph protestar algumas vezes, ele conseguiu que ficasse

registado nos autos que, na sua opinião, as hipóteses de sobrevivência da Patience Stanhope tinham diminuído significativamente porque Craig se atrasou a confirmar o diagnóstico e a levá-la para uma unidade de cuidados médicos... nomeadamente, o hospital.

— Parece-me bem prejudicial, especialmente vindo de um chefe de departamento no próprio hospital de Craig.

— O Craig tem motivos para estar deprimido. Qualquer médico tem sérias dificuldades para aceitar críticas, pois eles colocam-se num pedestal, mas quando essas críticas vêm de um colega respeitado é infinitamente pior.

— O Randolph conseguiu reduzir o impacto do Dr. Tardoff quando o interrogou?

— Tenho a certeza que sim, pelo menos até certo ponto, mas parece que anda sempre a jogar à apanhada.

— Mandam as regras que a acusação apresente o caso em primeiro lugar. A defesa terá o seu momento.

— O sistema não parece justo, mas não temos alternativa.

— Hoje só foram interrogadas duas pessoas? — perguntou Jack.

— Não, houve três testemunhas ao todo. Antes do Dr. Tardoff, testemunhou a Darlene, a enfermeira do Craig, que foi apanhada com o problema da designação de "paciente problemático" exatamente como tinha acontecido com a Marlene, e com o mesmo resultado. Durante o intervalo para o almoço, o Randolph estava furioso com o Craig por ele não lhe ter falado no assunto, e é fácil compreender porquê.

— Ainda me incomoda que o Craig permitisse uma coisa dessas no seu consultório.

— Infelizmente, demonstra uma espécie de arrogância.

— Eu seria menos generoso. Para mim, é pura estupidez e não vai ser nada benéfico para a causa dele.

— Estou surpreendida por ter sido permitido. Acho que é claramente prejudicial. Mas sabes o que me incomoda mais?

— O quê? — perguntou Jack. Reparou que o rosto de Alexis se tinha ruborizado.

— O caso do Craig vai sofrer, mas na verdade a designação das secretárias para esse tipo de pacientes era apropriada.

— Como assim? — perguntou Jack. Não pôde deixar de reparar que a cor de Alexis se tinha acentuado. Era um assunto delicado para ela.

— Porque eram pacientes problemáticos, todos eles. Na verdade, chamar-lhes pacientes problemáticos não era suficientemente forte. Eram hipocondríacos da pior espécie. Eu sei, porque Craig me falava acerca deles. Estavam a fazê-lo perder tempo. Deviam ser consultados por um psiquiatra ou um psicólogo, alguém que os pudesse ajudar a processar os seus problemas. A Patience Stanhope era a pior de todos. Há cerca de um ano, houve um intervalo de tempo em que ela arrancava o Craig da cama uma vez por semana para uma consulta desnecessária no domicílio. Estava a afetar toda a família.

— Então, estavas irritada com a Patience Stanhope?

— É claro que estava irritada. O Craig saiu de casa pouco tempo depois daquele período em que ela foi tão exigente.

Jack observou o rosto da irmã. Sabia que a personalidade dela tendia para o histriónico, quando eram miúdos, e esta reação perante Patience Stanhope sugeria que esses traços não tinham desaparecido completamente. Alexis tinha-se enervado imenso.

— Então, não tiveste pena quando ela faleceu? — disse Jack, mais uma afirmação do que uma pergunta.

— Pena? Fiquei feliz. Eu tinha-lhe dito muitas vezes que ele devia deixar de ser médico dela: devia arranjar-lhe outro médico, de preferência um psiquiatra. Mas tu conheces o Craig. Recusou sempre. Não tinha qualquer problema em remeter pacientes para especialistas, sempre que precisavam de cuidados específicos, mas a ideia de desistir de um paciente era equivalente a fracasso. Não foi capaz de o fazer.

— Quanto é que ele bebeu? — perguntou Jack para mudar de assunto. Apontou para o corpo imóvel de Craig.

— Demais, como todas as noites.

Jack acenou afirmativamente. Sabia que o abuso de drogas e álcool por médicos não era uma sequele rara nos processos de negligência médica.

— Já que estamos a falar no assunto, que é que te apetece beber? — perguntou Alexis. — Cerveja ou vinho?

— Uma cerveja seria perfeito — respondeu Jack.

Jack foi buscar a cerveja e, enquanto Alexis lhe fazia o jantar, saiu da zona da cozinha e aproximou-se do sofá. Embora não mexesse o corpo, os olhos de Craig, raiados de sangue, ergueram-se e fitaram os de Jack.

— Lamento que o dia não tenha corrido bem no tribunal — disse Jack, esperando que Craig comesse a conversar.

— Quanto é que viste? — perguntou Craig, apaticamente.

— Apenas o interrogatório da tua recepcionista, Marlene, que foi perturbador.

Craig abanou uma mão, como se estivesse a enxotar insetos invisíveis, mas não teceu qualquer comentário. Os olhos voltaram para o ecrã escuro.

Jack gostaria de lhe fazer perguntas sobre a designação "PP" para tentar compreender a mentalidade que teria levado Craig a fazer uma coisa tão politicamente incorreta e disparatada, mas calou-se. Não teria ajudado nada e destinava-se unicamente a satisfazer uma curiosidade mórbida. Alexis estava certa. Tinha sido arrogância. Craig era um daqueles médicos que pensavam que tudo o que faziam era nobre porque o âmagô da sua vida em termos de dedicação e sacrifício era de fato nobre. Era um infeliz sentido de prerrogativa.

Como Craig estava pouco comunicativo, Jack voltou para a cozinha e depois saiu para o pátio e foi fazer companhia a Alexis, que estava a grelhar o seu bife. Alexis estava ansiosa para falar sobre uma coisa mais otimista do que o processo de negligência médica. Queria saber pormenores sobre Laurie e sobre os planos para o casamento. Jack relatou-lhe as coisas básicas, mas não ficou entusiasmado com a conversa pois sentia-se culpado por estar em Boston e deixar todos os problemas de última hora a cargo de Laurie. Em muitos aspectos, era uma posição insustentável. Estava destinado a sentir culpa, fizesse o que fizesse; se partisse para Nova Iorque, sentiria que estava a abandonar Alexis. Estaria sempre a desconsiderar alguém. Porém, em vez de chafurdar num dilema, foi buscar mais uma cerveja.

Quinze minutos mais tarde, sentou-se à grande mesa redonda onde a família fazia as refeições enquanto Alexis pousava um prato de comida maravilhosa à sua frente. Para si própria, a irmã tinha feito uma chávena de chá e fez-lhe companhia à mesa, sentando-se à sua frente. Craig tinha recuperado o suficiente para ligar a televisão e estava agora a ver um canal de notícias local.

— Gostava de te contar como foi o meu dia — disse Jack entre duas garfadas. — Há uma decisão a tomar sobre o meu papel no caso do Craig e sobre o que vocês querem que eu faça. Devo dizer que tive um dia bastante produtivo.

— Craig! — Alexis chamou o marido. — Acho que devias desligar o suporte de vida e vir até aqui para ouvires o que o Jack tem para dizer. Em última análise, esta decisão é tua.

— Não gosto que gozem comigo — disse Craig bruscamente, mas desligou a televisão com o comando à distância.

Como se estivesse exausto, levantou-se, pegou na garrafa de uísque e no copo e dirigiu-se para a mesa. Pousou o copo em primeiro lugar, encheu-o com uísque antes de pousar a garrafa e sentou-se.

— Vou ter de te tirar a bebida — disse Alexis. Esticou a mão para a garrafa de uísque e puxou-a para fora do alcance do marido.

Jack esperou que ele tivesse um ataque de fúria por causa da garrafa, mas não foi isso que aconteceu. Ele esboçou um sorriso débil para Alexis num agradecimento sarcástico.

Enquanto comia, Jack relatou-lhes cronologicamente o seu dia e tentou não deixar escapar nada. Falou na ida ao Instituto de Medicina Legal, na Dra. Latasha Wylie e no que ela lhe dissera sobre a exumação de

cadáveres no Massachusetts, particularmente sobre a necessidade de aprovação do parente mais próximo.

— Não é o Jordan Stanhope? — perguntou Alexis.

— Ele nunca concordará — disse Craig.

— Deixem-me terminar a história — disse Jack.

Descreveu a visita à Agência Funerária Langley-Peerson e a conversa que tivera com Harold Langley, que lhe fornecera os formulários para obter a autorização necessária. Depois, contou aos Bowman o que tinha sabido sobre Jordan Stanhope.

As bocas de Alexis e de Craig abriram-se simultaneamente de espanto quando Jack lhes relatou a curta biografia de Jordan.

Craig foi o primeiro a falar.

— Achas que é verdade? — perguntou.

— Harold Langley não tem motivos para mentir. Deve ser do conhecimento comum em Brighton; caso contrário, seguramente o Harold Langley não me teria contado. Os donos de agências funerárias são notoriamente discretos.

— Stanislaw Jordan Jaruselski — repetiu Alexis, incrédula. — Não admira que tenha mudado o nome.

— Eu sabia que o Jordan era mais novo que a Patience — disse Craig — mas nunca suspeitei de nada assim. Eles comportavam-se como se estivessem casados há mais de vinte anos. Estou espantado.

— Eu acho que a parte interessante é que era a Patience que tinha o dinheiro.

— Agora já não — comentou Craig. Abanou a cabeça, abismado. — O Randolph devia ter descoberto isto. É mais um exemplo da sua inaptidão. Eu devia ter exigido outro advogado.

— Normalmente, este não é o tipo de informações necessárias na litigação de um caso de negligência médica — disse Jack, embora estivesse surpreendido por o assunto não ter sido afluído no depoimento de Jordan. — Não é relevante.

— Eu não tenho tanta certeza — contrapôs Craig.

— Deixa-me terminar — interrompeu Jack. — Depois, poderemos falar sobre toda a situação.

— Está bem — concordou Craig. Pousou o copo e inclinou-se ansiosamente para a frente. Já não era um indivíduo pateticamente apático.

Em seguida, Jack levou os Bowman ao Hospital Newton Memorial com o seu diálogo e relatou a conversa tida com a Dra. Noelle Everette, o Dr. Matt Gilbert e a enfermeira Georgina. Falou sobre a impressão de que o assunto da cianose estava por resolver. Contou que a principal convicção de Georgina era que a cianose era uniforme e não se limitava às extremidades. Jack perguntou se Craig tinha a mesma impressão.

— Suponho que sim — disse Craig. — Mas eu fiquei tão estarecido com a gravidade do seu estado geral que na verdade não olhei para ela com essa questão em mente.

— Foi exatamente o que o Dr. Gilbert disse — acrescentou Jack.

— Espera um segundo! — exclamou Craig, levantando a mão. — Saber o que soubeste acerca do Jordan fez-te pensar que esta questão da cianose é mais importante? Quero dizer, esta situação do dinheiro com um homem mais jovem a casar com uma viúva rica... Craig calou-se enquanto a sua mente brincava com a ideia e com as respectivas implicações.

— Tenho de reconhecer que sim — concordou Jack — mas por pouco tempo. Em muitos aspectos, é demasiado telenovela, se é que a palavra existe. Para além do mais, o ataque cardíaco da Patience está documentado pelos biomarcadores, como o Dr. Gilbert me recordou hoje. Ao mesmo tempo, a curiosa biografia de Jordan não deve ser completamente posta de parte. Jack começou então a contar a história que tinha contado a Matt e Georgina acerca do caso que envolvia uma mulher de certa idade que morrera depois de ser vítima de um assalto à mão armada.

— Acho que tudo isto é muito importante — disse Craig — e continua a fazer-me questionar a

competência do Randolph.

— E o que é essa nódoa negra na tua face? — perguntou Alexis, como se lhe tivesse ocorrido repentinamente que Jack tinha concordado em explicá-la.

— Que nódoa negra? — perguntou Craig. Jack estava à sua esquerda e ele não conseguia ver o lado esquerdo do rosto de Jack.

— Não viste? — perguntou Alexis, surpreendida. — Repara.

Craig levantou-se e inclinou-se por cima da mesa. Relutantemente, Jack virou a cabeça para a esquerda para que Craig pudesse ver a sua face.

— Santo Deus — disse Craig. — Isso está com um aspecto horrível. — Esticou a mão e tocou na maçã do rosto de Jack com a ponta do dedo indicador para avaliar a extensão do edema. — Dói?

Jack desviou o rosto.

— É claro que dói — respondeu, irritado. Sempre detestara que os médicos fizessem aquilo. Carregavam sempre no sítio onde as pessoas diziam que doía. E os ortopedistas eram os piores, na experiência de Jack, adquirida graças aos muitos altos e nódoas negras que arranjava a jogar basquetebol de rua.

— Desculpa — disse Craig. — Está com mau aspecto. Talvez um saco de gelo fosse boa idéia. Queres que vá buscar um?

Jack declinou os cuidados de Craig.

— Como é que isso aconteceu? — perguntou Alexis.

— Já lá chego — disse Jack, e começou a descrever a visita aos Stanhope.

— Foste à mansão dos Stanhope? — perguntou Craig, obviamente incrédulo.

— Fui — admitiu Jack.

— Isso é legal?

— Legal, como? É claro que é legal. Quero dizer, eu não fui falar com jurados nem nada desse género. Se havia uma probabilidade de conseguir uma assinatura, tinha de ir. — Jack falou-lhes então sobre o Bentley e a inesperada Charlene.

Craig e Alexis trocaram olhares de surpresa. Craig soltou uma gargalhada curta e irónica.

— Que é feito dos longos períodos de luto? — perguntou Alexis, indignada. — O homem não tem vergonha nenhuma, com aquela elaborada fachada de cavalheiro.

— Isto começa a lembrar-me um outro caso conhecido que ocorreu em Rhode Island, embora este envolvesse diabetes — disse Craig.

— Eu sei a que caso é que estás a referir-te — disse Jack. — Mas nesse caso o suposto perpetrador foi absolvido.

— Que é que aconteceu à tua cara? — perguntou Alexis impacientemente. — Estás a dar cabo de mim com a expectativa.

Jack contou-lhes como tinha abordado o assunto da exumação do corpo de Patience, completamente convencido de que a sua proposta seria mal recebida. Em seguida, descreveu a chegada de Tony Fasano, juntamente com um associado vestido com roupas quase idênticas.

— Chama-se Franco — disse Alexis.

— Conhece-lo? — perguntou Jack. Estava surpreendido.

— Não o conheço. Vi-o apenas. É difícil alguém não dar por ele. Ele vem para o tribunal com o Tony Fasano. Só sei o seu nome porque ontem ouvi o Tony Fasano a chamá-lo quando estavam a sair da sala de audiências.

Jack relatou a objeção veemente de Tony à idéia da exumação do corpo de Patience para ser efetuada uma autópsia. Disse-lhes que tinha sido ameaçado de que estaria "arrumado" se fizesse a autópsia.

Durante alguns minutos, Alexis e Craig limitaram-se a olhar para Jack. Estavam ambos estupefatos com o que ele acabara de lhes contar.

— Que esquisito! — disse Craig por fim. — Porque é que ele estaria tão contra uma autópsia?

Jack encolheu os ombros.

— Presumivelmente, porque se sente confiante em relação ao caso e não quer fazer ondas. Investiu muito dinheiro e espera um pagamento colossal. No entanto, devo dizer-vos que isso me deixa ainda mais motivado.

— E a tua cara? — perguntou Alexis. — Continuas a evitar contar-nos o que aconteceu.

— Isto aconteceu no fim, depois de o Franco correr comigo. Eu estava a ser engraçadinho e estúpido. Disse-lhes que achava que as roupas a condizer eram queridas.

— E ele bateu-te? — perguntou Alexis, consternada.

— Bem, não foi uma carícia de amor — replicou Jack.

— Acho que devias apresentar queixa — declarou Alexis, indignada.

— Não concordo — disse Jack. — Estupidamente, também lhe bati, por isso se apresentasse queixa seria apenas para dar origem a uma discussão sobre quem tinha batido em quem primeiro.

— Tu bateste naquele brutamontes? — questionou Alexis com descrença. — O que é que te aconteceu na idade adulta, tornaste-te auto-destrutivo?

— Já houve pessoas que me acusaram disso num passado não muito distante. Gosto de pensar que sou ocasionalmente impulsivo, com um toque de temeridade arrogante.

— Eu não acho graça nenhuma a isto — disse Alexis.

— Eu também não — replicou Jack. — Mas o episódio, e especialmente o fato de ser espancado, ajudou a minha argumentação com o Jordan, que eu tinha pensado que seria um caso perdido. — Jack procurou no bolso interior do casaco e tirou a autorização para a exumação do corpo. Pousou-a em cima da mesa e alisou-a com a palma da mão. — O Jordan assinou a autorização para a exumação.

Alexis esticou a mão e puxou o formulário para junto de si. Olhou para a assinatura de Jordan e piscou os olhos diversas vezes, como se estivesse a espera que desaparecesse.

— Isto quase elimina qualquer suspeita do envolvimento dele — disse Craig, olhando por cima do ombro de Alexis.

— Quem sabe — replicou Jack. — A única certeza que temos é que coloca a ideia de uma autópsia na mesa como uma opção legítima. Já não é uma simples possibilidade teórica, ainda que agora estejamos perante um problema de tempo. Presumindo que poderá ser ultrapassado, a questão objetiva é se vocês querem que eu a faça ou não. Tem de ser decidido esta noite.

— Os meus sentimentos não sofreram nenhuma alteração desde esta manhã — declarou Craig. — Não é possível ter a certeza se vai ajudar ou prejudicar, e eu posso argumentar em ambos os sentidos.

— Eu estou convencido de que, devido à questão da cianose, é ligeiramente mais provável que ajude do que prejudique — declarou Jack. — Tem de existir uma explicação anatômica, uma patologia que tenha contribuído para isso. Mas tens razão: não há garantias. — Jack encolheu os ombros. — No entanto, não quero obrigar-vos a nada. Não estou aqui para piorar a situação. A decisão é vossa.

Craig abanou a cabeça.

— Estou tão confuso que é difícil tomar uma decisão. Acho que estou contra por causa do desconhecido, mas que sei eu? A posição em que me encontro dificilmente me permite pensar com objetividade.

— E se perguntasses a Randolph? — sugeriu Alexis. — Se fosse encontrada uma coisa positiva na autópsia, ele teria de arranjar uma maneira de a incluir como prova no julgamento.

— Tens razão — disse Jack. — Randolph deve ser consultado. Seria um exercício de futilidade se as descobertas não pudessem ser introduzidas.

— Alguma coisa está mal aqui — disse Craig. — Eu estou a pôr em dúvida a competência do homem e a considerar a hipótese de o substituir e vocês querem que ele decida se vamos fazer uma autópsia ou não.

— Podemos contar-lhe a história do Jordan Stanhope ao mesmo tempo — disse Alexis, ignorando Craig.

— Podemos telefonar-lhe e discutir isto com ele esta noite? — perguntou Jack. — A decisão quanto à

autópsia não pode esperar.

— Podemos fazer melhor do que telefonar-lhe — disse Alexis. — Ele vive ao virar da esquina.

— Está bem — concordou Craig, levantando as mãos para o céu. Não estava tão determinado a ponto de se opor a Alexis e Jack. — Mas não vou telefonar-lhe.

— Eu não me importo de lhe telefonar — declarou Alexis. Levantou-se e dirigiu-se para a secretária.

— Pareces estar a sentir-te melhor — disse Jack para Craig enquanto Alexis usava o telefone.

— Tenho altos e baixos — explicou Craig. — Num minuto estou deprimido e no minuto seguinte esperançado de que a verdade prevaleça. Tem sido assim desde Outubro passado, quando esta trapalhada começou. No entanto, hoje foi com certeza um dos dias piores, quando ouvi o Bill Tardoff a testemunhar contra mim. Tive sempre uma relação muito cordial com ele. Não consigo compreender.

— Ele é um bom médico?

Craig olhou para Jack com uma expressão furiosa.

— Faz-me essa pergunta daqui a dois dias. Agora, a minha resposta seria emocional. Neste momento, tenho vontade de o matar.

— Compreendo — disse Jack, e era verdade. — E a Dra. Noelle Everette? Tem boa reputação?

— Comigo ou com a comunidade do hospital?

— Ambos.

— Como acontece no caso do Bill, os meus sentimentos mudaram após este processo por negligência médica. Antes, achava que ela era razoável, não extraordinária mas razoável, e cheguei a enviar-lhe pacientes. Depois do processo, estou tão zangado com ela como com o Bill. Em relação à sua reputação geral, é boa. Todos gostam dela, embora não seja tão dedicada como a maioria dos colegas.

— Por que é que dizes isso?

— Oficialmente, trabalha apenas a meio tempo, ainda que provavelmente deva ser três quartos. Dá a desculpa da família, o que é um disparate. Quero dizer, todos temos famílias.

Jack acenou como se concordasse, mas não era verdade. Pensou que Craig devia ter experimentado a ética de trabalho de Noelle. Provavelmente, teria sido mais feliz e um marido e pai muito melhor.

— A razão que me levou a fazer-te perguntas sobre Noelle Everette — disse Jack após uma pausa — foi que ela disse uma coisa interessante hoje. Disse que alguns dos médicos antiquados, um grupo no qual ela se incluía, estavam zangados com os médicos de concierge. Isso surpreende-te?

— Nem por isso. Eu acho que devem ter inveja. Nem todos podem ter um consultório desses. Depende do seu leque de pacientes.

— Se eles são ricos ou não, é isso que queres dizer?

— Tem uma grande influência — admitiu Craig. — A medicina de concierge permite um estilo de vida invejável, se o compararmos com a confusão que se instalou nos consultórios normais. Eu ganho mais dinheiro em muito menos tempo.

— O que é que aconteceu aos pacientes do consultório antigo que não puderam pagar o adiantamento?

— Foram canalizados para consultórios de outros médicos.

— Então, em certa medida, foram abandonados.

— Não, de maneira nenhuma. Nós passámos imenso tempo a dar-lhes nomes e números de telefone de outros médicos.

Para Jack, aquilo soava-lhe bastante a abandono, mas não argumentou. Em vez disso, declarou:

— Então, interpretas a raiva com que a Noelle falou como proveniente da inveja.

— Não me ocorre nenhuma outra razão.

Jack pensou em várias, incluindo o conceito de profissionalismo que Noelle havia mencionado, mas não estava interessado num debate. O que o interessava verdadeiramente era o caso de negligência médica, por isso perguntou:

— A Patience Stanhope era uma paciente antiga, do teu consultório anterior?

— Não. Era paciente do médico que fundou o consultório de concierge que neste momento eu estou basicamente a gerir. Ele está na Flórida e o seu estado de saúde não é dos melhores.

— Então, de certa forma, herdaste-a?

— De certa forma. Alexis voltou para a mesa.

— O Randolph vem já. Está interessado na ideia da autópsia, mas tem algumas reservas, incluindo a sua admissibilidade, como eu temia.

Jack acenou afirmativamente, mas estava mais interessado na conversa com Craig e não sabia bem como formular a pergunta seguinte.

— Craig, recordas-te de eu ter mencionado a ideia de sufocação ou estrangulamento em relação à Patience Stanhope esta manhã, teoria que mais tarde percebi que era ridícula uma vez que ela tinha morrido devido a um ataque cardíaco?

— Como poderia esquecer?

— É um exemplo de como pensam os médicos legistas como eu. Quero dizer, eu não estava a fazer alegações de espécie alguma. É como se estivesse a pensar em voz alta, a tentar relacionar a cianose central com o resto dos fatos. Em retrospectiva, compreendes, não é verdade? Na altura, ficaste bastante furioso.

— Compreendo, mas ultimamente, por motivos óbvios, não tenho andado nos meus dias. Desculpa.

— Não precisas de te desculpar. Só estou a falar no assunto porque quero fazer-te uma pergunta que me ocorreu quando a Noelle Everette fez o comentário acerca de um grupo de médicos antiquados estarem zangados com os médicos de luxo. É uma pergunta que poderá parecer-te bizarra como esta manhã te pareceu a menção ao estrangulamento e sufocação.

— Já aguçaste a minha curiosidade. Podes fazer a tua pergunta.

— Ocorre-te alguma forma remotamente possível de poderes ter sido tramado pela morte da Patience Stanhope? O que estou a sugerir é que alguém pode ter encarado a morte dela como uma forma de prejudicar a medicina de concierge. Esta ideia parece-te minimamente plausível, ou estou novamente algures para lá da órbita de Plutão?

Um pequeno sorriso apareceu nos cantos da boca de Craig e espalhou-se lentamente para dentro até ele soltar uma gargalhada e abanar a cabeça, pasmado.

— Aquilo que te falta em racionalidade é seguramente compensado em criatividade.

— Não te esqueças de que se trata de uma pergunta retórica. Não espero uma resposta; quero apenas que a guardes nos arquivos do teu cérebro e que vejas se te faz lembrar quaisquer outros fatos que não tenhas contado a ninguém.

— Estás a sugerir uma espécie de conspiração? — perguntou Alexis.

Estava tão surpreendida como Craig.

— Uma conspiração implica mais do que uma pessoa — disse Jack. — Como me pediste para fazer quando me telefonaste, estou a pensar noutras possibilidades.

— Estás a exceder-te um pouco — replicou Craig.

A campanha ditou o fim da conversa sobre malévolas maquinações médicas, como Craig se referiu à ideia de Jack quando Alexis se dirigiu para a porta. Quando ela voltou com Randolph Bingham, Jack e Craig estavam a rir-se de outros nomes engenhosos que Craig ia dizendo. Alexis ficou agradavelmente surpreendida. Craig não tinha um comportamento tão normal há meses, o que era ainda mais invulgar tendo em conta o dia tenso que vivera no tribunal.

Jack foi uma vez mais apresentado a Randolph. A primeira vez tinha sido nessa manhã à porta da sala de audiências, antes do início da sessão. Não tinha havido muito tempo, e Alexis, que se encarregara das apresentações, limitara-se a dizer que Jack era seu irmão. Agora, incluiu pormenores das habilitações profissionais de Jack.

Randolph não falou durante o monólogo de Alexis, embora acenasse algumas vezes em pontos-chave.

— Muito prazer em conhecê-lo novamente — disse ele quando Alexis se calou.

— Igualmente — respondeu Jack. Sentiu que a situação era incômoda. Randolph estava irreprimivelmente sério. Embora tivesse despido o fato de corte perfeito que usara no tribunal, a sua idéia de roupa descontraída era uma camisa Oxford branca de mangas compridas acabada de engomar, calças de lã fina com pregas e um vinco afiado como a lâmina de uma faca e uma camisola de caxemira leve como mais uma prova do seu formalismo. Parecia ter feito a barba, em contraste com Jack e Craig, que tinham a esperada barba do final de tarde, e os seus cabelos grisalhos estavam tão bem penteados como no tribunal.

— Querem sentar-se aqui à mesa ou vamos para a sala de estar? — perguntou Alexis, como boa anfitriã.

— Como queira — disse Randolph. — Mas temos de ser rápidos. Ainda tenho muitas coisas para preparar esta noite.

Acabaram por se sentar à volta da mesa onde estavam antes da chegada de Randolph.

— A Alexis falou-me sobre a sua sugestão de efetuar uma autópsia à falecida — disse Randolph. — Talvez possa explicar-me porque é que acha que poderá ser importante à última hora.

Jack achou que ele falava com a verdadeira melodia que associava às escolas de elite da Nova Inglaterra e de repente ocorreu-lhe que Randolph era o arquétipo a que Jordan aspirava. A razão para isso era outra questão, já que Jack achava que Randolph era um homem desapaixonado, um prisioneiro da sua formalidade contida.

Jack enumerou a sua pequena lista de pontos a favor de uma autópsia sem qualquer referência a conspirações ou crime. Em seguida, discursou sobre o papel do médico legista de falar pelos mortos.

— Em resumo — disse ele, para concluir — acredito que uma autópsia proporcionaria à Patience Stanhope o seu último dia no tribunal. A minha esperança é encontrar patologia suficiente para ilibar o Craig ou, na pior das hipóteses, para encontrar um argumento para negligência forçada, uma vez que existe documentação a provar que a falecida se recusou a fazer os exames ao coração que o Craig recomendou.

Jack olhou para os gélidos olhos azuis de Randolph à procura de uma reação. Não viu nenhuma, tão pouco na boca, que era uma abertura horizontal pequena e quase sem lábios a meio caminho entre o nariz e a ponta do queixo.

— Alguma pergunta? — questionou Jack, esperando gerar uma resposta.

— Creio que não — respondeu Randolph por fim. — O doutor expôs o seu caso sucintamente e bem. É uma possibilidade intrigante em que eu não tinha pensado porque os aspectos clínicos do caso estão perfeitamente claros. A minha maior preocupação reside na admissibilidade do que o doutor possa encontrar. Se fosse descoberta alguma coisa verdadeiramente relevante e ilibatória, eu teria de apresentar uma petição ao tribunal a pedir um adiamento para permitir uma investigação adequada. Por outras palavras, a decisão poderia recair sobre o juiz.

— Eu não poderia ser chamado como uma testemunha surpresa de refutação?

— Apenas para refutar testemunhos anteriores, não para apresentar provas novas.

— Eu estaria a refutar os testemunhos das testemunhas da acusação que alegam negligência médica.

— É esticar a corda, mas percebo onde quer chegar. Em qualquer dos casos, a decisão competiria ao juiz, e ele teria de ter em conta as objeções veementes do advogado de acusação. Seria uma luta árdua e, se o seu testemunho fosse permitido, a acusação teria fundamentos para um recurso. Uma última reflexão que aumenta as dificuldades de apresentar provas novas desse tipo é a experiência que tenho com o juiz Davidson. Ele é conhecido por gostar de despachar os casos e já está irritado com o ritmo lento deste julgamento. Não há dúvida de que quer encerrar o assunto. Não veria com bons olhos provas novas trazidas à última hora.

Jack encolheu os ombros e ergueu as sobrancelhas numa interrogação.

- Então, é contra?

— Não necessariamente. Trata-se de um caso único com desafios únicos, e seríamos tolos se não fizéssemos tudo o que estiver ao nosso alcance para um desfecho a nosso favor. Novas provas ilibatórias poderiam ser usadas como a base para pedir um novo julgamento em recurso. Por outro lado, acredito que as probabilidades de encontrar alguma coisa ilibatória são muito escassas. Dito isto, diria que estou sessenta-quarenta a favor da autópsia. Esta é a minha posição.

Randolph levantou-se e os outros imitaram-no.

— Obrigado por me convidarem para vir cá a casa e me porem ao corrente da situação — disse ele, apertando a mão a todos. — Vemo-nos no tribunal.

Enquanto Alexis acompanhava Randolph à porta, Jack e Craig sentaram-se novamente.

— Ele enganou-me — disse Jack. — Precisamente quando pensei que ia dizer-nos que era contra a autópsia, diz-me que concorda.

— Eu tive a mesma reação — comentou Craig.

— Uma coisa que esta pequena reunião me fez perceber é que não me parece que devas mudar de advogado — disse Jack. — O Randolph pode ser pedante, mas estou convencido de que é extremamente inteligente e, sob aquela capa de cavalheiro, esconde-se um lutador. Não tenho a menor dúvida de que ele quer ganhar.

— Obrigado pela opinião — disse Craig. — Quem me dera partilhá-la sem reservas.

Alexis voltou. Parecia ligeiramente irritada.

— Porque é que não lhe falaste sobre o encontro com o Tony Fasano e a ameaça que ele te fez?

— Não queria confundir o assunto — disse Jack. — Foi por essa mesma razão que não falei sobre as minhas teorias loucas de crime nem sobre a biografia surpreendente do Jordan Stanhope, também conhecido como Stanislaw Jaruselski.

— Eu acho que a questão da ameaça é muito mais importante — declarou Alexis. — Não te incomoda seres ameaçado daquela maneira?

— Nem por isso. O Tony Fasano está preocupado com o seu investimento, pois seguramente adiantou muito dinheiro. Parece-me uma pessoa que ferve em muito pouca água.

— Não sei — disse Alexis. — Preocupa-me.

— Bem, pessoal! — disse Jack. — Chegou o momento da grande decisão. Vou tentar fazer esta autópsia ou não? Há uma coisa que não mencionei. A experiência diz-me que os jurados têm uma reação instintiva de senso-comum na tomada de decisões, mas gostam de fatos. Os resultados de uma autópsia são fatos que eles podem segurar nas mãos, em contraste com os testemunhos, que são efémeros e abertos à interpretação. Tentem não esquecer isso.

— Se podes dizer-me honestamente que não estás preocupado com a ameaça do Tony Fasano, nesse caso voto a favor da autópsia.

— E tu, Craig? — perguntou Jack. — Tu és o principal interessado neste caso. O teu voto pode anular os nossos.

— Os meus sentimentos não mudaram — declarou Craig. — Acho que existem mais probabilidades de encontrarmos coisas que não queremos do que coisas que queremos. Mas não vou votar contra vocês e o Randolph. — Levantou-se. — Agora, vou subir e entregar-me às mãos calorosas de um hipnótico forte. Com o resto dos peritos da acusação, Jordan Stanhope e, possivelmente, Leona Rattner convocados para testemunhar, vai ser um dia difícil.

Craig subiu e Jack e Alexis deixaram-se ficar sentados à mesa durante alguns minutos, perdidos nos seus pensamentos. Jack foi o primeiro a falar, depois de pegar na garrafa de uísque escocês.

— Misturar isto com um hipnótico forte não é boa idéia.

— Não posso refutar isso.

— Alguma vez te preocupaste com a possibilidade de Craig se magoar?

— Estás a referir-te a tomar uma dose excessiva?

— Sim, quer intencionalmente, quer sem querer. — Jack lembrou-se das suas guerras com pensamentos autodestrutivos durante os anos em que lutara contra a depressão.

— É claro que penso nisso, mas ele tem um aspecto de narcisismo a seu favor. Geralmente, os narcisistas não fazem mal a si mesmos. Para além do mais, a depressão dele está longe de ser incapacitante e ele tem tido períodos regulares de normalidade... como esta noite, por exemplo. Provavelmente, recusar-se-ia a admitir, mas eu acho que a tua presença o animou. Significa que te importas, e ele respeita-te.

— Isso é bom. Mas que é que ele toma para dormir? Sabes?

— Apenas o costume. Eu controlo tudo. Sinto vergonha de dizer que tenho contado os comprimidos sem ele saber.

— Não devias ficar embaraçada. Estás a ser prudente.

— Como queiras — disse Alexis. Levantou-se. — Acho que vou para cima. Vou ver como estão as miúdas e deitar-me. Não gosto nada de te abandonar, mas se a Leona testemunhar amanhã, o dia também será especialmente difícil para mim.

— Não há problema — disse Jack, levantando-se por sua vez. — Eu também estou cansado, mas quero ler alguns depoimentos mais uma vez. Não consigo deixar de pensar que pode estar a escapar-me uma coisa que seria essencial ter em mente se e quando fizer a autópsia.

— Devo dizer que não te invejo a trabalhar numa pessoa que está enterrada há quase um ano. Como é que fazes este tipo de trabalho todos os dias? Não é repugnante?

— Eu sei que parece desagradável, talvez até mórbido, mas na verdade é fascinante. Aprendo alguma coisa todos os dias e não tenho pacientes problemáticos.

— Não me fales em pacientes problemáticos — disse Alexis. — Fala sobre feridas auto-infligidas; esse é um exemplo perfeito!

O silêncio da casa grande pesou sobre Jack depois de Alexis dizer boa noite e subir as escadas. Durante alguns minutos, refletiu sobre a curiosa reação emocional de Alexis ao fato de Patience Stanhope ser uma paciente problemática e como tinha afirmado frontalmente que estava contente por ela ter morrido. Até aludira a uma idéia de que Patience Stanhope teria alguma coisa a ver com o fato de Craig ter saído de casa. Jack abanou a cabeça. Não sabia o que pensar. Em vez disso, terminou a cerveja que estava a bebericar e em seguida dirigiu-se para o seu quarto para ir buscar o dossiê do caso e o telemóvel. Com estas coisas na mão, voltou para o escritório onde tinha passado inadvertidamente a noite. O aposento transmitiu-lhe uma sensação de conforto e aconchego.

Depois de se instalar na mesma poltrona de leitura onde se sentara na noite anterior, abriu o telemóvel. Sentia-se dividido em relação a telefonar a Laurie. Apetecia-lhe ouvir a voz dela, mas não estava empolgado com a perspectiva de lidar com o seu ressentimento inevitável quando lhe falasse sobre a possível exumação e autópsia. Já era terça-feira à noite, o que significava que faltavam apenas mais dois dias inteiros antes de sexta-feira. O outro problema era que Jack tinha telefonado para Calvin durante o dia para lhe dizer que não estaria no Instituto na quarta-feira e que o manteria informado. Calvin podia ter dito alguma coisa a Laurie e ela estaria irritada por ficar a saber das notícias em segunda mão.

Enquanto o telefone tocava, Jack mexeu-se para ficar o mais confortável possível e os seus olhos percorreram as estantes que enchiam a parede em frente. O movimento deteve-se numa grande maleta de médico preta e antiquada ao lado de uma máquina de eletrocardiogramas portátil.

— Por fim, notícias do viajante ocupado — disse Laurie alegremente. — Esperava que fosses tu.

Jack lançou-se imediatamente num pedido de desculpas por telefonar tarde, mas explicou que queria esperar até ter sido tomada uma decisão.

— Que espécie de decisão?

Jack inspirou.

— A decisão de fazer uma autópsia à paciente cuja morte está na base do processo que foi instaurado ao Craig.

— Uma autópsia? — perguntou Laurie, consternada. — Jack, é terça-feira à noite. O casamento é à uma e meia de sexta-feira. Não preciso de dizer que não falta muito tempo.

— Eu sei que estamos a lutar contra o tempo. Estou a ter isso em conta. Não te preocupes!

— Vais fazer a autópsia amanhã de manhã?

— Acho que não, mas suponho que talvez seja possível. O problema é que o cadáver ainda está no chão.

— Jack! — gemeu Laurie, dizendo o seu nome docemente. — Por que é que estás a fazer-me isto?

Jack contou-lhe os pormenores do caso, tudo o que tinha lido no dossiê e depois tudo o que tinha acontecido nesse dia, exceto o episódio com Franco. Laurie escutou sem o interromper até Jack terminar. Depois, surpreendeu completamente Jack.

— Queres que eu apanhe um avião e te dê uma ajuda no caso?

Jack desejou poder transpor os quilômetros que os separavam e dar-lhe um abraço de agradecimento, mas respondeu:

— Agradeço a oferta, mas não é necessário. Não vai ser um caso difícil, a menos que tenha entrado muita água.

— Depois diz-me. Tenho a certeza de que, a trabalhar em equipa, despacharíamos o assunto rapidamente. Depois de um pouco de conversa amorosa e da promessa de ligar logo que soubesse mais pormenores, Jack desligou o telemóvel. Preparava-se para pousar o dossiê no colo quando os seus olhos avistaram novamente a maleta de médico. Jack levantou-se e aproximou-se da estante. Como tinha dito a Alexis, achava que as consultas no domicílio não eram a forma mais indicada de usar o tempo de um médico, já que havia limites para o que podia ser feito sem as ferramentas de diagnóstico disponíveis num consultório bem equipado. No entanto, ao lembrar-se da referência feita no dossiê a um equipamento portátil que permitia analisar os biomarcadores que confirmavam um ataque cardíaco, ocorreu-lhe que talvez estivesse desatualizado. Na verdade, nem sequer tinha ouvido falar naquele equipamento e estava curioso para ver como era. Tirou a maleta da estante e pousou-a em cima da secretária de Craig. Acendeu o candeeiro articulado e abriu a maleta. Ela abriu-se como uma caixa de apetrechos de pesca com uma série de pequenos compartimentos a abarrotar em tabuleiros que abriam para os lados. Por baixo ficava o espaço principal, com uma série de instrumentos, incluindo um punho para medir a tensão arterial, um oftalmoscópio e um otoscópio. Jack tirou o oftalmoscópio. O simples manusear do instrumento trouxe-lhe uma onda de recordações.

Jack guardou o oftalmoscópio e observou a pletora de outro material, incluindo fluido endovenoso, tubos endovenosos, termómetro, medicação de emergência, hemostáticos, recipientes para análises e ligaduras. Num canto do fundo da maleta encontrou o kit de biomarcadores. Tirou-o e leu o exterior. À espera de encontrar um folheto que fosse mais informativo, abriu a caixa. O folheto estava em cima.

Depois de o ler, Jack apercebeu-se de que teria de reavaliar as suas teorias sobre consultas no domicílio. Com produtos daqueles, incluindo formas novas e precisas de determinar o nível da diabetes, um médico podia ser bastante eficaz num ambiente doméstico, especialmente com a máquina de eletrocardiogramas portátil que tinha visto ao lado da maleta de médico.

Jack guardou o folheto e depois guardou o kit de biomarcadores. Ao fazê-lo, reparou em algum material usado, incluindo um frasco vazio de atropina e um frasco vazio de epinefrina. Perguntou a si mesmo se seriam da época em que Craig tinha tratado Patience Stanhope. Segundo o registo, tinham sido usados os dois medicamentos. Depois, encontrou algo que o fez ter a certeza de que eram. Encontrou um pequeno frasco do antidepressivo Zolofi com o nome de Patience Stanhope e a notação 6: um comprimido antes de deitar. Jack abriu o frasco e olhou para os seis comprimidos azul-claros. Tapou novamente o frasco e colocou-o no sítio de onde o tinha tirado. Em seguida, pegou nos frascos de atropina e epinefrina. Estavam vazios.

Ao ouvir o que lhe pareciam passos a descer a escadaria principal, Jack sentiu-se culpado por estar a bisbilhotar propriedade privada, ainda que se tratasse apenas de uma maleta de médico. Era uma

violação clara da confiança que depositavam nele. Com algum pânico, guardou rapidamente os frascos, fechou a maleta e atirou-a para a estante. Atravessou rapidamente o aposento, saltou para a cadeira de leitura e pousou o dossiê do caso no colo.

Precisamente a tempo. Craig entrou no escritório alguns momentos mais tarde. Vestia um roupão de banho e calçava chinelos de quarto. Aproximou-se e sentou-se na outra cadeira de leitura.

— Espero não estar a incomodar-te — disse Craig.

— Não sejas tonto — replicou Jack. Reparou que a voz de Craig tinha um tom monocórdico que estava ausente quando o cunhado subira e que, ao entrar no escritório, trazia os braços caídos ao longo do corpo como se estivessem paralisados. Jack teve a impressão de que ele já tinha tomado os medicamentos para dormir e não tinha economizado na dose.

— Só queria agradecer-te por teres vindo a Boston. Sei que a noite passada e esta manhã não te tratei muito bem.

— Não há problema. Posso avaliar aquilo por que estás a passar.

— Também queria dizer-te que, depois de pensar melhor, sou a favor da autópsia.

— Isso quer dizer que a decisão é unânime. Agora, depois de convencer toda a gente, só espero conseguir fazê-la.

— Bem, aprecio os teus esforços. — Levantou-se e cambaleou antes de se equilibrar.

— Dei uma vista de olhos à tua maleta de médico — disse Jack para aliviar a consciência. — Espero que não te importes.

— É claro que não. Precisas de alguma coisa? Na altura em que fazia muitas consultas no domicílio, juntei uma pequena farmácia.

— Não! Estava curioso para ver o kit de biomarcadores para ataques cardíacos. Nem sabia que existiam.

— É difícil mantermo-nos a par da tecnologia. Boa noite.

— Boa noite — respondeu Jack. De onde estava sentado, viu Craig a afastar-se lentamente pelo corredor comprido em direção às escadas. O cunhado movia-se como um morto-vivo. Pela primeira vez, Jack começou a sentir pena dele.

Newton, Massachusetts Quarta-feira, 7 de Junho de 2006 6:15

A rotina matinal foi tão caótica como na manhã anterior, incluindo outra discussão entre Meghan e Christina por causa de uma peça de vestuário. Jack nunca soube o que era, mas a situação tinha se invertido. Agora era Meghan que negava qualquer coisa a Christina e o resultado foi esta subir as escadas a correr e a chorar.

Alexis era a única que agia com normalidade. Era como se fosse a cola que mantinha a família junta. Craig estava sonolento e falou pouco, aparentemente ainda a sentir os efeitos da medicação para dormir em cima do uísque.

Depois de as miúdas saírem para a escola, Alexis voltou-se para Jack.

— Que queres fazer em relação ao transporte? Queres vir conosco ou levas o teu carro?

— Tenho de levar o carro. A minha primeira paragem é na agência funerária Langley-Peerson. Tenho de levar os papéis assinados para dar início ao processo de exumação. — O que não disse foi que esperava poder jogar um pouco de basquetebol ao fim da tarde.

— Nesse caso, encontramos-nos no tribunal?

— A minha intenção é essa — disse Jack, embora acalentasse a esperança de que Harold Langley pudesse fazer milagres e tirar Patience Stanhope do seu lugar de eterno descanso nessa mesma manhã.

Se isso fosse possível, então Jack efetuaria a autópsia, teria os resultados nessa tarde, apresentá-los-ia a Craig e Alexis e voltaria na ponte aérea para Nova Iorque. Isso permitir-lhe-ia ter a quinta-feira para organizar o trabalho no seu gabinete antes da lua-de-mel que deveria começar na sexta-feira à tarde. Dar-lhe-ia também a oportunidade de ir buscar os bilhetes e os vouchers para os hotéis.

Jack saiu antes de Alexis e Craig. Entrou no carro alugado e dirigiu-se para a portagem da auto-estrada. Tinha presumido que, como já tinha visitado a agência funerária Langley-Peerson, seria fácil lá chegar. Infelizmente, estava enganado. Foram precisos quase quarenta e cinco minutos de condução arriscada para fazer aproximadamente oito quilómetros a direito.

A balbuciar obscenidades devido à experiência extenuante, Jack parou por fim no parque de estacionamento da agência funerária. Estava mais cheia do que no dia anterior e Jack teve de estacionar no fundo. Quando deu a volta para a fachada principal do edifício, havia pessoas reunidas no alpendre. Nesse momento, apercebeu-se de que devia estar em curso um serviço fúnebre. As suas suspeitas foram confirmadas quando entrou no átrio. Na sala de velórios da direita havia pessoas atarefadas a arranjar flores e a abrir cadeiras adicionais. No catafalco via-se um caixão aberto com o ocupante a descansar confortavelmente. A mesma banda sonora religiosa do dia anterior inundava o local.

— Quer assinar o livro? — perguntou um homem num tom de voz baixo e agradável. Em muitos aspectos, era uma versão significativamente pesada de Harold Langley.

— Estou à procura do director da funerária.

— Eu sou o diretor da funerária. Sr. Locke Peerson ao seu serviço.

Jack disse que andava à procura do Sr. Langley e foi-lhe indicado o escritório dele. Encontrou o homem sentado à secretária.

— O atual Sr. Stanhope assinou a autorização — disse Jack, sem perder tempo com conversas de circunstância. Estendeu-lhe o formulário. — Agora é uma questão de máxima urgência trazer o corpo para cá, para a sala de embalsamamento.

— Esta manhã, temos um enterro — disse Harold. — Depois disso, começarei a resolver este assunto.
— Vê alguma hipótese de resolver o assunto durante o dia de hoje? É que estamos a fazer uma verdadeira corrida contra o tempo.

— Dr. Stapleton, não se lembra de que a cidade, a empresa de jazigos, o técnico da escavadora e o cemitério estão envolvidos nesta diligência? Em circunstâncias normais, estamos a falar de um prazo de pelo menos uma semana.

— Não pode ser uma semana — disse Jack, enfaticamente. — Tem de ser hoje ou amanhã, o mais tardar.

Jack estremeceu ao pensar na implicação de ter de esperar até quinta-feira e pensou no que poderia dizer a Laurie.

— Isso é uma impossibilidade.

— Talvez quinhentos dólares para além dos vossos honorários habituais possam compensar a inconveniência.

Jack observou a expressão de Harold. Ele tinha uma falta de mobilidade quase parkinsoniana e um par de lábios finos que faziam lembrar os de Randolph.

— A única coisa que posso dizer-lhe é que envidarei todos os esforços no sentido de resolver o assunto o mais depressa possível. Não posso fazer promessas.

— E eu não posso pedir mais do que isso — disse Jack, enquanto estendia um dos seus cartões de visita a Harold. — A propósito, faz alguma ideia em que estado poderá estar o cadáver?

— É claro que sim — respondeu Harold enfaticamente. — O cadáver deve estar num estado prístino. Foi embalsamado com o nosso cuidado de sempre e o caixão é um Repouso Perpétuo topo de gama, coberto com um jazigo de betão de primeira qualidade.

— E o lugar da sepultura: muita água?

— Nenhuma. É no cume da colina. O primeiro Sr. Stanhope escolheu pessoalmente o lugar para a família.

— Telefone-me logo que tiver novidades.

— Com certeza.

Quando Jack saiu da agência funerária, as pessoas que estavam no alpendre tinham começado a entrar sombriamente. Jack sentou-se no carro e consultou o mapa, agora um significativamente melhor, dado por Alexis, que se rira ao ouvi-lo dizer que tentara andar pela cidade com o mapa da agência de aluguer de automóveis. O destino seguinte de Jack foi o instituto de medicina legal. Graças ao trânsito muito menos intenso, conseguiu fazer a viagem num tempo relativamente curto.

A recepcionista recordava-se dele. Disse-lhe que tinha a certeza de que a Dra. Wylie estava na sala de autópsias nessa manhã e encarregou-se de ligar lá para baixo e falar com ela pessoalmente. O resultado foi que um técnico da morgue veio à recepção e acompanhou Jack até à antecâmara da sala de autópsias. Dois homens vestidos normalmente andavam de um lado para o outro; um era afro-americano, o outro caucasiano. O caucasiano era um irlandês grande e de rosto encarnado. Todas as outras pessoas usavam fatos de proteção Tyvek. Alguns minutos mais tarde, Jack ficou a saber que os homens eram detetives interessados no caso em que Latasha Wylie estava a trabalhar.

Jack recebeu um fato protetor e foi empurrado para dentro da sala. Como o resto das instalações, a sala de autópsias era do mais moderno que havia e fazia a sala de autópsias de Nova Iorque parecer um anacronismo. Havia cinco mesas, três das quais estavam a ser utilizadas. A de Latasha era a mais afastada e ela acenou-lhe para que se aproximasse.

— Estou quase a terminar — disse Latasha por detrás da máscara facial de plástico. — Pensei que gostaria de dar uma vista de olhos.

— Que é que tem aí? — perguntou Jack. Estava sempre interessado.

— É uma mulher de cinquenta e nove anos que foi encontrada morta no seu quarto depois de ter sido visitada por um homem que conheceu na internet. A desarrumação do quarto sugeria luta, com a mesa-de-cabeceira tombada e o candeeiro partido. Os detetives que estão na antessala pensam que foi homicídio.

A mulher tinha um golpe na testa, junto aos cabelos.

Latasha puxou o escalpe da mulher, que estava dobrado sobre o rosto para ela ter acesso ao cérebro. Jack inclinou-se para observar a laceração. Era redonda e côncava, como se tivesse sido feita por um martelo.

Latasha começou a descrever como tinha conseguido reconstituir o que, afinal, tinha sido um acidente e não um homicídio. A mulher escorregara num pequeno tapete no chão de madeira encerada e chocara contra a mesa-de-cabeceira, batendo com a testa no remate do candeeiro com toda a força do seu peso corporal. O caso era o exemplo perfeito de como o conhecimento do local da ocorrência era importante. Aparentemente, o remate do candeeiro era uma espiral bastante alta que terminava num disco plano semelhante à cabeça de um martelo.

Jack ficou impressionado e disse isso mesmo a Latasha.

— Tudo num dia de trabalho — disse ela. — Em que é que posso ajudá-lo?

— Vim cobrar a sua oferta de materiais para efetuar a autópsia. Parece que vai concretizar-se, desde que consigam tirar o cadáver do chão sem demora. Vou fazê-la na agência funerária Langley-Peerson.

— Se a fizer fora das horas de expediente, eu poderei ajudar e até levar uma serra para ossos.

— A sério? — perguntou Jack. Não tinha esperado tanta generosidade. — Gostaria muito de poder contar com a sua ajuda.

— Parece um caso interessante. Deixe-me apresentar-lhe o nosso chefe, o Dr. Kevin Carson.

O chefe, que estava a autopsiar um corpo na mesa número um, era um indivíduo alto, magro e agradável com um sotaque sulista que afirmou conhecer muito bem o chefe de Jack, Harold Bingham. Disse que Latasha lhe tinha contado o que Jack estava a tentar fazer e corroborava a sua oferta de processar amostras e ajudar com a toxicologia, se necessário. Disse que ainda não faziam os seus exames de toxicologia, mas tinham acesso permanente às soberbas instalações da universidade.

— Diga ao Harold que eu lhe mando cumprimentos — disse Kevin antes de voltar a concentrar-se no seu trabalho.

— Com certeza — respondeu Jack, embora o homem já estivesse inclinado sobre o cadáver que tinha à sua frente. — E agradeço a ajuda.

— Parece um chefe agradável — disse Jack quando ele e Latasha foram para a antecâmara.

— Ele é muito boa pessoa — concordou Latasha.

Quinze minutos mais tarde, Jack guardou uma caixa com equipamento para a autópsia no porta-bagagens do seu Accent, depois de desviar o seu equipamento de basquetebol. Antes de se sentar atrás do volante, também guardou o cartão de Latasha com o telemóvel na carteira.

Embora Alexis tivesse sugerido outro parque de estacionamento próximo de Faneuil Hall, Jack preferiu voltar para o parque por baixo do Boston Common, pois era mais fácil de encontrar. Também gostava do passeio até ao edifício do tribunal.

Ao entrar na sala de audiências, Jack tentou fechar a porta o mais silenciosamente possível. Nesse momento, o meirinho do tribunal procedia ao juramento de uma testemunha. Jack ouviu o nome; era o Dr. Herman Brown.

Parou à porta e os seus olhos perscrutaram a sala. Viu as nucas de Craig e Jordan juntamente com as dos respectivos advogados e assistentes. Os jurados pareciam tão entediados como no dia anterior, mas o juiz parecia preocupado. Estava a remexer em papéis, a olhar para eles e a reorganizá-los como se estivesse sozinho na sala.

Os olhos de Jack observaram os espectadores e fixaram-se imediatamente nos de Franco. Ao longe, as órbitas dos olhos de Franco pareciam buracos negros característicos sob sobrancelhas encaracoladas que o faziam parecer um homem do Neandertal.

Insensatamente, Jack sorriu e acenou. Sabia que era um disparate, já que estava a provocá-lo, mas não foi capaz de se conter. Era a mentalidade de correr riscos que tinha emergido como um mecanismo juvenil

para lidar com a culpa por ter perdido a família. Jack ficou com a impressão de que o homem tinha ficado tenso, mas não podia ter a certeza. Franco continuou a olhá-lo de semblante carregado durante mais alguns segundos, mas depois desviou os olhos quando o patrão se levantou da mesa da acusação e se dirigiu para o pódio.

Jack censurou-se por ter provocado deliberadamente o homem e pensou que devia procurar uma loja onde vendessem spray de gás-pimenta. Se houvesse um segundo confronto, Jack não pretendia andar novamente aos murros. A diferença de tamanho entre os dois tornava a luta injusta.

Jack continuou a observar os espectadores. Uma vez mais, ficou surpreendido com o número de observadores e confuso com o motivo que os levava a estarem ali. Perguntou a si mesmo quantos seriam os proverbiais viciados em julgamentos, que rejubilavam com o justo castigo que os arguidos recebiam, particularmente os ricos e poderosos. Como médico de sucesso, Craig era um pouco de ambos.

Por fim avistou Alexis. A irmã estava sentada na primeira fila, encostada à parede, perto da bancada do júri. Ao seu lado parecia estar um dos poucos lugares vazios. Jack caminhou até à frente e depois pediu licença e começou a dirigir-se para a coxia. Alexis viu-o a aproximar-se e tirou as suas coisas para lhe dar espaço. Jack apertou-lhe o ombro antes de se sentar.

— Alguma sorte? — sussurrou Alexis.

— Progressos, espero, mas agora não está nas minhas mãos. Que é que tem acontecido aqui?

— Infelizmente, mais do mesmo. O começo foi lento, uma vez que o juiz teve de resolver um assunto legal misterioso. A primeira testemunha foi a Dra. Noelle Everette.

— Não pode ter sido bom.

— Não foi. Ela passou a imagem de uma profissional com um currículo soberbo, ponderada e sensível, com o benefício acrescido de ser da comunidade e ter estado envolvida na tentativa de reanimação. Lamento dizer que o Tony lidou bem com ela. A forma como a interrogou e a forma como ela respondeu manteve a atenção dos jurados. Em certa altura até vi três donas de casa a acenar com a cabeça... não é bom sinal. O testemunho dela foi essencialmente igual ao do Dr. William Tardoff, mas na minha opinião acabou por ser mais eficaz. Ela fica com a imagem da médica que todos desejariam ter.

— Como se portou o Randolph no interrogatório?

— Não tão eficaz como com o Dr. Tardoff, mas, pessoalmente, não sei como poderia ser, tendo em conta a perfeição do depoimento da Dra. Everette. Fiquei com a sensação de que ele só queria vê-la fora do banco das testemunhas.

— Esse podia ter sido o melhor estratagema — disse Jack. — A questão da medicina de concierge foi abordada?

— Oh, sim. O Randolph tentou opor-se, mas o juiz Davidson está a permitir tudo.

— O assunto da cianose foi falado?

— Não. Porque é que perguntas?

— Tem sido uma espécie de urtiga no meu cérebro. Vai ser uma das coisas principais que terei em mente quando e se fizer a autópsia.

Um sexto sentido fez Jack voltar-se e olhar para Franco, que se encontrava na outra extremidade da sala. Ele estava a fitar Jack com uma expressão que oscilava entre um esgar e um sorriso cruel. O lado positivo foi que, do ângulo que Jack estava a ver, percebia-se que o lado direito do rosto de Franco estava tão encarnado como o seu. Até agora, estavam aparentemente empatados.

Jack recostou-se novamente no banco de carvalho duro como pedra e concentrou-se no julgamento. Tony estava no pódio, enquanto o Dr. Herman Brown se encontrava no banco das testemunhas. A frente da tribuna do juiz, os dedos do escrivão do tribunal tocavam incessantemente na sua pequena máquina para criar um registo textual. Tony tinha pedido à testemunha que anunciasse o seu impressionante currículo académico e clínico e o médico não se calava há um quarto de hora. Enquanto chefe de cardiologia do Hospital Boston Memorial, também era chefe do Departamento de Cardiologia da Faculdade de

Medicina de Harvard.

Randolph tinha-se levantado diversas vezes, oferecendo-se para declarar que a testemunha tinha habilitações suficientes para falar na qualidade de perita para poupar tempo ao tribunal, mas Tony insistira. Queria impressionar o júri e o estratagema estava a funcionar. Tornou-se cada vez mais evidente para todos os presentes que seria difícil encontrar uma testemunha mais qualificada em cardiologia, ou mesmo com habilitações equivalentes. A aparência e o porte do homem reforçavam a imagem. Havia uma aura de brâmane de Boston que era semelhante à de Randolph, mas sem ponta de desdém e condescendência. Em vez de frio e distante, parecia bondoso e gentil: o género de pessoa que se desviaria do seu caminho para colocar um pássaro bebê no ninho. Tinha cabelos brancos e bem penteados e uma postura direita. As roupas eram boas mas não demasiado elegantes e tinham um aspecto usado e confortável. Usava um laço com um padrão de cornucópias. Até se sentiu um toque de modéstia quando Tony foi obrigado a esforçar-se para levar o homem a admitir com relutância os seus prémios e façanhas.

— Por que é que este médico olímpico está a testemunhar a favor do queixoso num julgamento por negligência médica? — sussurrou Jack para Alexis, mas era uma pergunta retórica e não esperava uma resposta. Começou a perguntar a si mesmo se o motivo estaria de alguma forma relacionado com o comentário inesperado de Noelle Everette sobre a medicina de concierge quando tinha dito, "Alguns de nós, médicos antiquados, ficamos furiosos com os médicos de luxo". Talvez o Dr. Brown fizesse parte desse grupo, porque o conceito de medicina de concierge desafiava o novo profissionalismo que a academia estava a tentar abraçar e, mais do que qualquer outra pessoa no julgamento, o Dr. Herman Brown estava a representar a academia.

— Dr. Brown — disse Tony Fasano, apertando os lados do pódio com os dedos curtos e grossos. — Antes de abordarmos a infeliz e evitável morte da Patience Stanhope...

— Protesto — disse Randolph enfaticamente. — Não ficou estabelecido que a morte da Sra. Stanhope era evitável.

— Aceite! — declarou o juiz Davidson. — Reformule a pergunta!

— Antes de abordarmos a morte infeliz da Patience Stanhope, gostaria de lhe perguntar se teve algum contacto anterior com o arguido, o Dr. Craig Bowman.

— Tive.

— Pode explicar a natureza do vosso contato ao júri?

— Protesto, Meritíssimo — disse Randolph, exasperado. — É irrelevante. Se for relevante de alguma forma insondável, então oponho-me a que o Dr. Brown seja testemunha porque será parcial.

— Quero que os advogados se aproximem, por favor — disse o juiz Davidson.

Tony e Randolph juntaram-se obedientemente ao lado da tribuna do juiz.

— Vou ficar muito aborrecido se tivermos uma repetição do que aconteceu na segunda-feira — declarou o juiz Davidson. — Vocês são advogados experientes. Comportem-se como tal! Ambos conhecem as regras. Quanto à atual linha de interrogatório: Dr. Fasano! Devo presumir que tem uma fundamentação lógica relevante para este tipo de perguntas?

— Absolutamente, Meritíssimo! O âmago do caso da acusação centra-se na atitude do Dr. Bowman com os seus pacientes em geral e com a Patience Stanhope em particular. Chamo a atenção do tribunal para a humilhante classificação "PP". O Dr. Brown tem a capacidade de nos prestar alguns esclarecimentos sobre o desenvolvimento destas características durante o crítico terceiro ano do Dr. Bowman na faculdade de medicina e também durante o internato. Testemunhos posteriores irão relacioná-las diretamente com o caso da Patience Stanhope.

— Está bem, vou permitir o interrogatório nestes moldes — determinou o juiz Davidson depois de tomar uma decisão enquanto cofiava o bigode. — Mas quero que o relacionamento seja feito rapidamente para estabelecer a relevância. Fui claro em relação a esse ponto?

— Perfeitamente claro, Meritíssimo — disse Tony, incapaz de evitar um leve sorriso de satisfação.

— Não fique tão pesaroso — disse o juiz Davidson para Randolph. — O seu protesto ficou registado. A minha opinião, desde que o Dr. Fasano esteja a ser totalmente honesto em relação à relevância, é que o valor probatório ultrapassará o prejudicial. Admito que é uma decisão baseada no meu julgamento, mas é para isso que aqui estou. Em troca, concederei à defesa uma grande liberdade no interrogatório. Quanto à questão de parcialidade, houve muitas oportunidades para estabelecer isso durante a investigação e nada foi dito. No entanto, a questão poderá ser examinada durante o interrogatório da defesa. E quero que o ritmo acelere — continuou o juiz Davidson. — Destinei esta semana para o julgamento e já é quarta-feira. Para bem dos jurados e da minha agenda, quero que esteja concluído na sexta-feira, a menos que surjam circunstâncias particularmente atenuantes.

Os dois advogados acenaram afirmativamente. Randolph voltou para o seu lugar na mesa da defesa enquanto Tony regressou ao pódio.

— Protesto indeferido — declarou o juiz Davidson em voz alta. — Prossiga.

— Dr. Brown — disse Tony depois de aclarar a garganta. — Não se importa de explicar ao júri a natureza do seu contato com o Dr. Craig Bowman?

— O primeiro contato que tive com ele foi como seu mentor no Hospital Boston Memorial aquando do seu estágio de medicina interna durante o terceiro ano da faculdade de medicina.

— Pode explicar o que isso significa, uma vez que ninguém neste maravilhoso júri frequentou a faculdade de medicina? Tony fez um gesto que varreu a fila de jurados, alguns dos quais acenaram em sinal de concordância. Todos ouviam com profunda atenção, exceto o auxiliar de canalizador, que estava concentrado nas unhas.

— Medicina interna é o estágio mais importante e mais exigente durante o terceiro ano, e talvez dos quatro anos. É a primeira vez que os alunos têm um contato prolongado com os pacientes desde o momento da admissão até ao momento da alta, e participam no diagnóstico e terapia sob atenta observação e supervisão dos médicos residentes e do mentor.

— O grupo do qual era mentor e que incluía o Dr. Bowman era grande ou pequeno?

— Era um grupo pequeno: seis alunos, para ser preciso. O ensino é intenso.

— Então, na qualidade de mentor, o doutor vê os alunos regularmente.

— Todos os dias.

— Nesse caso, pode observar o desempenho global de cada aluno.

— Exatamente. É um período crítico da vida do aluno e marca o início da transformação individual de estudante de medicina para médico.

— Então, as atitudes que são observadas ou se desenvolvem são importantes.

— Extremamente importantes.

— E como é que avalia a sua responsabilidade como mentor face às atitudes dos alunos?

— Uma vez mais, é extremamente importante. Na qualidade de mentores, temos de equilibrar as atitudes explícitas para com os pacientes tal como estão promulgadas pela faculdade de medicina com as atitudes implícitas muitas vezes exibidas pelos internos cansados e tensos.

— Existe uma diferença? — perguntou Tony com uma descrença exagerada. — Pode explicar essa diferença?

— A quantidade de conhecimentos que os estagiários de medicina têm de assimilar e de se recordar imediatamente é desconcertante e aumenta todos os anos. Como os residentes estão muito pressionados, por vezes podem perder de vista os aspectos humanísticos do que estão a fazer e que formam a base do profissionalismo. Existem igualmente mecanismos de defesa para lidar com o sofrimento, a agonia e a morte que não são saudáveis.

Tony abanou a cabeça, espantado.

— Deixe-me perguntar-lhe se percebi bem. Em termos simplificados, pode existir uma tendência dos

estagiários de medicina para desvalorizar as pessoas em termos individuais, como se esquecessem as árvores por prestarem demasiada atenção à floresta?

— Suponho que sim — disse o Dr. Brown. — Mas é importante não trivializar esta questão.

— Vamos todos tentar não o fazer — declarou Tony com uma curta gargalhada que provocou alguns sorrisos tímidos nos jurados. — Agora, vamos voltar ao arguido, o Dr. Craig Bowman. Como é que ele se comportou durante o estágio de medicina interna do terceiro ano?

— Geralmente, de forma excelente. No grupo de seis alunos, ele era de longe o que tinha mais conhecimentos e o que estava mais bem preparado. Eu ficava muitas vezes surpreendido com as suas capacidades. Recordo-me de um episódio em que perguntei o que era o BUN de um paciente.

— O BUN é um exame de laboratório? — perguntou Tony.

— Sim. Perguntei mais como uma questão retórica, para realçar que o conhecimento da função renal era essencial para o tratamento do estado do paciente. O Dr. Bowman explicou-o sem hesitação, fazendo-me perguntar a mim mesmo se teria inventado, um estratagema frequente na faculdade de medicina para esconder a falta de preparação. Mais tarde, fui ver ao manual. Estava totalmente certo.

— Então o Dr. Bowman teve uma boa nota no curso.

— Teve “Muito Bom”.

— No entanto, qualificou o excelente dizendo, "geralmente de forma excelente".

— Pois foi.

— Pode dizer-nos porquê?

— Fiquei com uma impressão incómoda, que voltei a sentir durante a supervisão do Dr. Bowman quando ele foi interno no Hospital Boston Memorial.

— E qual foi essa impressão?

— Fiquei com a impressão de que a personalidade dele...

— Protesto! — gritou Randolph. — Fundamento: a testemunha não é psiquiatra nem psicólogo.

— Indeferida — replicou o juiz Davidson. — Enquanto médico, a testemunha teve contato com esses ramos e poderá comprovar até que ponto quando fizer o seu interrogatório. A testemunha pode prosseguir.

— Fiquei com a impressão de que a vontade que o Dr. Bowman tinha de ter sucesso e a forma como idolatrava o então residente-chefe o faziam ver os pacientes como um meio para competir. Procurava ativamente os casos mais difíceis para que as suas apresentações fossem intelectualmente mais interessantes e para conseguir os maiores louvores.

— Por outras palavras, ficou com a impressão de que o Dr. Bowman via os pacientes como uma forma de progredir na carreira?

— Essencialmente, sim.

— E esse gênero de atitude não é consistente com o atual conceito de profissionalismo?

— Correto.

— Obrigado, Doutor — disse Tony. Fez uma pausa e olhou para todos os jurados, estabelecendo contato visual com cada um deles, permitindo que o testemunho fosse assimilado.

Jack inclinou-se para Alexis e sussurrou:

— Agora compreendo o que disseste acerca do Tony Fasano; este tipo é bom. Está a pôr a medicina académica e a sua competitividade inerente em julgamento juntamente com a medicina de concierge.

— O que está a perturbar-me é que ele está a transformar os sucessos do Craig numa desvantagem, antecipando-se à altura em que o Randolph tentará fazer o oposto.

Quando Tony começou o interrogatório, concentrou-se no episódio de Patience Stanhope com intensidade. Conseguiu que o Dr. Brown declarasse até que ponto era importante para as vítimas de ataque cardíaco iniciarem o tratamento o mais depressa possível e que a análise dos registos lhe permitira constatar que as hipóteses de sobrevivência de Patience teriam diminuído substancialmente devido ao atraso de Craig na confirmação do diagnóstico.

— Só mais algumas perguntas, Dr. Brown — disse Tony. — Conhece o Dr. William Tardoff?

— Conheço, sim.

— Sabe que ele estudou na Universidade de Boston?

— Sim.

— E também conhece a Dra. Noelle Everette e sabe que ela estudou em Tufts?

— A resposta para as duas perguntas é sim.

— Surpreende-o que três especialistas em cardiologia das nossas três prestigiadas faculdades de medicina concordem que o Dr. Craig Bowman não cumpriu o padrão de tratamento em relação à Patience Stanhope?

— Não me surpreende. Mostra simplesmente unanimidade na questão da necessidade de tratamento rápido das vítimas e ataque cardíaco.

— Obrigado, Doutor. Não tenho mais perguntas. Tony pegou nos seus papéis e voltou para a mesa da acusação. Tanto a assistente como Jordan elogiaram o seu desempenho com palmadinhas no braço. Randolph levantou-se lentamente e dirigiu-se para o pódio com a imponência conferida pela grande altura. Endireitou o casaco e pousou um dos sapatos pesados e com solas grossas no gradeamento.

— Dr. Brown — começou Randolph — concordo que parece haver unanimidade na questão do tratamento de vítimas de ataque cardíaco logo que possível, num local adequadamente equipado. Porém, essa não foi a última pergunta do Dr. Tony Fasano. A pergunta dele incidiu sobre o Dr. Bowman atingir ou não o padrão de cuidados.

— Insistir em ir à residência dos Stanhope em vez de se encontrar com a vítima no hospital provocou um atraso.

— Mas antes da chegada do Dr. Bowman à residência dos Stanhope não havia um diagnóstico definitivo.

— De acordo com o testemunho do queixoso no depoimento, o Dr. Bowman disse-lhe que a mulher estava a sofrer um ataque cardíaco.

— Isso foi o testemunho do queixoso — disse Randolph — mas o arguido declarou que disse especificamente que não se devia excluir a hipótese de ataque cardíaco. Não disse categoricamente que a Patience Stanhope estava a ter o que vocês, médicos, chamam de enfarte do miocárdio, ou EM. Se não tivesse havido ataque cardíaco, não teria havido atraso. Não é verdade?

— É verdade, mas ela sofreu um ataque cardíaco. Está documentado. Também consta dos registos que ela fez um eletrocardiograma com prova de esforço cujo resultado foi ambíguo.

— No entanto, onde eu quero chegar é que o Dr. Bowman não sabia ao certo que a Patience Stanhope tinha sofrido um EM — disse Randolph. — E ele vai testemunhar isso neste tribunal. Mas concentremo-nos no que disse antes sobre a faculdade de medicina. Deixe-me perguntar-lhe: teve “Muito Bom” no seu estágio de medicina interna do terceiro ano?

— Tive.

— Todos os colegas de grupo tiveram “Muito Bom” com o vosso mentor?

— Não, não tiveram.

— Todos queriam ter ‘Muito Bom’?

— Suponho que sim.

— Como é que se entra para a faculdade de medicina? Os alunos têm de ter “Muito Bom” rotineiramente no currículo ao longo do curso?

— Claro.

— E como é que se obtêm os internatos mais cobiçados, como o do Hospital Boston Memorial?

— Com notas muito altas.

— Não é hipócrita os académicos rebaixarem a competição como anti-humanista e no entanto basearem todo o sistema nela?

— Não têm de ser mutuamente exclusivos.

— Talvez no melhor dos mundos, mas a realidade é um pouco diferente. A competição não gera compaixão em nenhum campo. Como o doutor disse eloquentemente, os alunos de medicina têm de absorver uma quantidade de informações desconcertante, e é com base nisso que são avaliados. E mais uma pergunta sobre este assunto. Na sua experiência enquanto aluno e mentor, existe competição para os, passo a citar, "casos mais interessantes" em detrimento das doenças degenerativas rotineiras?

— Acho que sim.

— E isso acontece porque as apresentações suscitam mais louvores.

— Suponho que sim.

— O que sugere que todos os alunos, mas particularmente os melhores, até certo ponto usam os pacientes para aprender e para progredir nas carreiras.

— Talvez.

— Obrigado, Doutor — disse Randolph. — Agora, vamos voltar à questão das consultas médicas domiciliárias. Qual é a sua impressão profissional em relação às consultas no domicílio?

— Têm um valor limitado. Não temos acesso às ferramentas necessárias para exercer a medicina do século vinte e um.

— Então, geralmente os médicos não são a favor das consultas no domicílio. Concorda?

— Concordo. Para além da falta de equipamento, representa uma utilização inadequada de recursos, uma vez que se perde demasiado tempo na deslocação. Nesse mesmo espaço de tempo, podem ser vistos muitos mais pacientes.

— Então, não é eficiente.

— Sim, poder-se-ia dizer isso.

— Qual é a opinião dos pacientes sobre as consultas no domicílio?

— Protesto! — gritou Tony, soerguendo-se da sua cadeira. — Opinião.

O juiz Davidson tirou os óculos de leitura e olhou para Tony com uma incredulidade irritada.

— Indeferido! — declarou com brusquidão. — Enquanto paciente, coisa que todos somos em determinada altura, o Dr. Brown estará a falar por experiência própria. Continue.

— Quer que repita a minha pergunta? — perguntou Randolph.

— Não — disse o Dr. Brown. Hesitou. — Regra geral, os pacientes gostam de ser consultados nas suas casas.

— Na sua opinião, que é que a Patience Stanhope pensava destas consultas no domicílio?

— Protesto! — exclamou Tony, levantando-se uma vez mais. — Suposição. Não há maneira de a testemunha saber qual era a opinião da falecida sobre as consultas no domicílio.

— Deferida — disse o juiz Davidson com um suspiro.

— Presumo que leu os registos médicos fornecidos ao queixoso.

— Sim, li-os.

— Nesse caso, sabe que o Dr. Bowman fez muitas consultas no domicílio para ver Patience Stanhope antes do fim de tarde em questão, frequentemente a meio da noite. De acordo com a leitura desses registos, qual era o diagnóstico habitual nessas consultas?

— Reação ansiosa que se manifestava essencialmente em queixas gastrointestinais.

— E o tratamento?

— Sintomático e placebo.

— Havia dores envolvidas?

— Sim.

— Onde se situavam as dores?

— Principalmente na região abdominal inferior, mas de vez em quando na zona intestinal média.

— Nesta última localização, as dores são ocasionalmente descritas como dores no peito. Estou correto?

— Sim, está correto.

— Pela leitura da ficha, diria que Patience Stanhope tinha pelo menos alguns sintomas de hipocondria?

— Protesto! — disse Tony, deixando-se ficar sentado na cadeira. — Na ficha nunca foi mencionada hipocondria.

— Indeferido — disse o juiz Davidson. — O tribunal gostaria de recordar ao advogado do queixoso que a testemunha é o seu especialista médico.

— Pela leitura da ficha, acredito que seria seguro presumir que existia algum elemento de hipocondria.

— O fato de o Dr. Bowman fazer repetidas consultas no domicílio, que o senhor disse que muitos médicos não aprovam, muitas vezes a meio da noite, a uma mulher com hipocondria reconhecida, diz-lhe alguma coisa enquanto médico sobre a atitude do Dr. Bowman e sobre a sua compaixão pelos pacientes?

— Não, não diz.

Randolph endireitou-se com a surpresa e as suas sobrancelhas ergueram-se.

— A sua resposta desafia a racionalidade. Pode explicar?

— Segundo sei, as consultas domiciliárias são um dos pré-requisitos que os pacientes esperam, quando pagam quotas que chegam a ascender aos vinte mil dólares por ano, para fazerem parte de um consultório de concierge. Nessa circunstância, não se pode afirmar que o fato de o Dr. Bowman fazer consultas domiciliárias reflete necessariamente bondade ou altruísmo.

— Mas pode refletir.

— Sim, pode.

— Diga-me, Dr. Brown, tem algum preconceito contra a medicina de concierge?

— É claro que tenho preconceitos contra a medicina de concierge — retorquiu o Dr. Brown. Até àquele momento, ele tinha mantido uma frieza desligada, não muito diferente da de Randolph. Tornou-se evidente que as perguntas de Randolph o tinham desafiado.

— Pode dizer ao tribunal porque é que é tão sensível em relação a este assunto?

O Dr. Brown respirou fundo para se acalmar.

— A medicina de concierge desafia um dos três princípios básicos do profissionalismo médico.

— Talvez possa aprofundar a questão.

— Claro que sim — disse o Dr. Brown, passando para o papel profissional que lhe era tão familiar. — Para além do bem-estar e da autonomia do paciente, o princípio da justiça social é o suporte chave do profissionalismo médico do século vinte e um. A prática da medicina de concierge é o oposto absoluto da tentativa de eliminação da discriminação nos cuidados de saúde, que é o ponto fulcral da justiça social.

— Acredita que o facto de ter essa opinião pode comprometer a sua capacidade para ser imparcial em relação ao Dr. Bowman?

— Evidentemente que não.

— Talvez possa dizer-nos porquê, uma vez que, para usar as suas palavras, "desafia" a racionalidade.

— Sendo um médico bem informado, o Dr. Bowman sabe que os sintomas que as mulheres sentem quando estão a sofrer um enfarte do miocárdio não seguem os sintomas clássicos sentidos pelos homens. Logo que um médico pensa num ataque cardíaco numa mulher, particularmente numa mulher pós-menopáusica, deve agir como se se tratasse de um enfarte do miocárdio até se provar o contrário. Existe um paralelo em pediatria: se um médico com um doente pediátrico pensar que o paciente pode sofrer de meningite, esse médico é obrigado a proceder nesse sentido e efetuar uma punção lombar. O mesmo acontece no caso de uma mulher e um possível ataque cardíaco. O Dr. Bowman suspeitou de ataque cardíaco e devia ter agido em conformidade com a sua suspeita.

— Dr. Brown — disse Randolph. — Diz-se muitas vezes que a medicina é mais uma arte do que uma ciência. Pode dizer-nos o que isso significa?

— Significa que as informações factuais não são suficientes. Um médico deve recorrer também ao seu discernimento, e como isto não é uma área objetiva que possa ser estudada, é rotulada como uma arte.

— Então, o conhecimento científico médico tem os seus limites.

- Exatamente. Não existem dois seres humanos exatamente iguais, nem mesmo os gémeos idênticos.

— Diria que a situação com que o Dr. Bowman se deparou na noite do dia 8 de Setembro de 2005, quando foi chamado para ver pela segunda vez no mesmo dia uma mulher que sabia ser hipocondríaca, exigia uma grande dose de discernimento?

— Todas as situações médicas requerem discernimento.

— Estou a referir-me especificamente à noite em questão.

— Sim. Na minha opinião, seria preciso uma grande ponderação.

— Obrigado, Doutor — disse Randolph, juntando os seus papéis. — Não tenho mais perguntas.

— A testemunha pode ser dispensada — declarou o juiz Davidson. Em seguida, voltando-se para os jurados, acrescentou: — Estamos a aproximar-nos do meio-dia e parece-me que todos precisam comer alguma coisa. Eu preciso. Lembrem-se de não falar sobre o caso com ninguém, nem entre vocês. — Bateu com o martelo. — O julgamento está suspenso até à uma e trinta.

— Todos de pé — disse o oficial de diligências quando o juiz desceu da tribuna e desapareceu nos seus aposentos.

Boston, Massachusetts Quarta-feira, 7 de Junho de 2006 12:30

Alexis, Craig e Jack tinham encontrado uma loja de sanduíches pequena e ruidosa de onde se via a esplanada do vasto Centro Governamental. Randolph tinha sido convidado, mas desculpara-se alegando que precisava de efetuar alguns preparativos. Estava um lindo dia de final da Primavera e a esplanada estava cheia de pessoas que tinham escapado dos seus escritórios apertados para apanharem um pouco de sol e de ar fresco. Jack ficou surpreendido ao constatar que Boston parecia uma cidade mais voltada para o exterior do que Nova Iorque.

No começo, Craig estava pensativo, como de costume, mas começou a descontraír e juntou-se à conversa. — Não falaste na autópsia — disse Craig subitamente. — Como está a situação?

— Neste momento, está nas mãos do diretor de uma agência funerária — explicou Jack. — Ele tem de levar a papelada para o departamento de saúde e marcar a abertura do jazigo e a trasladação do caixão.

— Então, ainda é possível?

— Estamos a tentar — disse Jack. — Há pouco, estava esperançado de que talvez fosse possível fazê-la esta tarde, mas como ninguém disse nada, presumo que teremos de apontar para amanhã.

— O juiz quer que o caso passe para o júri na sexta-feira — disse Craig, desencorajado. — Amanhã pode ser tarde demais. Detesto obrigar-te a fazer todo este esforço em vão.

— Talvez seja inútil — concordou Alexis com alguma tristeza. — Talvez tudo isto não sirva de nada. Jack olhou de um para o outro.

— Hei, vá lá, meninos. Eu não encaro isto como estar a esforçar-me em vão. Dá-me a sensação de que estou a fazer alguma coisa. E, para além do mais, quando penso na questão da cianose fico cada vez mais interessado.

— Mas por quê, exatamente? — questionou Alexis.

— Não o ponhas a falar — disse Craig. — Não quero ficar com falsas esperanças. Vamos conversar sobre o que se passou esta manhã.

— Não pensei que quisesses falar sobre esse assunto — disse Alexis, algo surpreendida.

— Na verdade, preferia esquecer, mas infelizmente não posso dar-me a esse luxo.

Craig e Alexis olharam para Jack, expectantes.

— O que é isto? — perguntou Jack com um sorriso forçado, olhando de um para o outro. — Um interrogatório? Por quê eu?

— Tu podes ser o mais objetivo de todos nós — disse Alexis. — Isso é óbvio.

— Como é que achas que o Randolph está a comportar-se, agora que o viste mais em ação? — perguntou Craig. — Eu estou preocupado. Não quero perder este caso e não apenas porque não cometi nenhuma negligência. A minha reputação vai ficar na sarjeta. Aquela última testemunha foi o meu mentor na faculdade de medicina e o responsável por mim enquanto fiz o internato. Eu idolatrava aquele tipo, e continuo a idolatrá-lo profissionalmente.

— Compreendo até que ponto isto deve ser devastador e humilhante — replicou Jack. — Dito isto, acho que o Randolph está a fazer um bom trabalho. Neutralizou quase tudo o que o Tony tinha estabelecido no seu interrogatório. Por isso, suponho que tenho de dizer que o que eu vi esta manhã foi um empate. O problema é que Tony é mais interessante, mas isso não basta para trocar de advogado a meio do julgamento.

— O que Randolph não neutralizou foi a poderosa analogia do Dr. Brown acerca do paciente pediátrico com meningite. Ele tem razão quando diz que é assim que temos de agir com uma mulher pós-menopáusia quando pensamos que ela poderá estar a sofrer um ataque cardíaco. As mulheres não têm os mesmos sintomas que os homens num número surpreendente de casos. Talvez eu tenha feito asneira, porque é verdade que um ataque cardíaco me passou pela cabeça.

— Os médicos têm uma tendência terrível para se porem em causa em todos os casos que têm um desfecho adverso — lembrou Jack a Craig. — Isso acontece especialmente em situações de alegada negligência. A realidade é que tu fizeste o possível e o impossível para ajudar esta mulher, que na verdade estava a aproveitar-se de ti. Sabes que não é politicamente correto dizer isto, mas é a verdade. Com todos os seus falsos alarmes, a chamar-te a meio da noite, não admira que o teu índice de desconfiança em relação a uma doença verdadeira estivesse abaixo do mínimo.

— Obrigado — disse Craig com os ombros descaídos. — Ouvir-te dizer isso significa muito para mim.

— O problema é que o Randolph tem de fazer o júri perceber isso. É disso que se trata. E não te esqueças de que o Randolph ainda não apresentou o seu lado. Tu tens os teus próprios peritos, que estão dispostos a testemunhar exatamente o que eu acabei de dizer.

Craig respirou fundo e soltou o ar ruidosamente. Acenou afirmativamente algumas vezes.

— Tens razão. Não posso desistir, mas amanhã terei de testemunhar.

— Seria de esperar que estivesses ansioso para o fazer — disse Jack. — Mais do que ninguém, és tu quem sabe exactamente o que aconteceu e quando.

— Compreendo isso muito bem — replicou Craig. — O problema é que desprezo tanto Tony Fasano que tenho sérias dificuldades para me manter calmo. Tu leste o depoimento. Ele conseguiu irritar-me. O Randolph avisou-me para não parecer arrogante; eu fui arrogante. O Randolph avisou-me para não entrar em nenhuma discussão; eu discuti. O Randolph avisou-me para não me zangar; eu zinguei-me. O Randolph aconselhou-me a limitar-me a responder a cada pergunta; eu divaguei imenso, a tentar justificar erros honestos. Fui terrível e receio que volte a acontecer. Não sou bom nisto.

— Considera o teu depoimento como uma experiência de aprendizagem — disse Jack. — E não te esqueças. O depoimento demorou dois dias. O juiz não permitirá isso. Quem quer que o julgamento chegue ao fim na sexta-feira é ele.

— Suponho que a conclusão lógica é que eu não confio em mim próprio — declarou Craig. — O único aspecto positivo de toda esta trapalhada é que me obrigou a fitar-me no espelho proverbial. O motivo por que o Tony Fasano me fez parecer arrogante é porque eu sou arrogante. Sei que não é politicamente correto dizê-lo, mas sou o melhor médico que conheço. Já tive essa confirmação de muitas maneiras diferentes. Fui sempre um dos melhores, se não o melhor, durante todo o curso, e viciei-me nos louvores. Quero ouvi-los, e é por isso que o inverso, como o que estou a ouvir durante este horrível julgamento, é tão humilhante e perturbador.

Depois deste desabafo, Craig ficou em silêncio. Alexis e Jack ficaram estupefatos e momentaneamente incapazes de falar. A empregada de mesa aproximou-se e levou os pratos sujos. Alexis e Jack entreolharam-se fugazmente e voltaram a contemplar Craig com os olhos muito abertos.

— Alguém diga alguma coisa! — pediu Craig. Alexis ergueu as palmas das mãos e abanou a cabeça.

— Não sei muito bem o que dizer. Não sei se devo reagir emocional ou profissionalmente.

— Experimenta profissionalmente. Acho que preciso de um choque com a realidade. Eu estou em queda livre. E sabes por quê? Vou dizer-te porquê. Quando fui para a universidade e me matei a trabalhar, pensei que era uma porcaria, mas que quando entrasse na faculdade de medicina ficaria livre. Bem, a faculdade de medicina também foi uma porcaria, por isso esperei ansiosamente pelo internato. Provavelmente já estão a ver o filme. Bem, o internato não foi nenhuma festa, mas ao virar da esquina estava a abertura do meu consultório. E foi nessa altura que a realidade se fez sentir verdadeiramente, graças às companhias de seguros e a todas as tretas que temos de aturar.

Jack olhou para Alexis. Percebeu que ela estava a debater-se sobre o que dizer em relação a estas revelações inesperadas, mas esperava que lhe ocorresse alguma coisa, uma vez que ele era incapaz de dizer fosse o que fosse. Estava chocado com o monólogo de Craig. A psicologia não era, de modo nenhum, o seu forte. Tempos houvera em que fazia tudo o que estava ao seu alcance para se manter controlado.

— O teu discernimento é dramático — começou Alexis.

— Não me venhas com essas tretas condescendentes — atirou Craig.

— Acredita em mim — disse Alexis. — Estou impressionada. A sério! O que estás a tentar transmitir é que a tua natureza romântica tem sofrido desilusões constantes à medida que a realidade não alcançou as expectativas que tinhas idealizado. Sempre que atinges um objetivo, não é como pensavas que seria. Isso é trágico. Craig revirou os olhos.

— Isso parece-me uma grande treta.

— Não é — insistiu Alexis. — Pensa nisso.

Craig apertou os lábios e franziu as sobrancelhas durante um momento muito longo.

— Está bem — disse, por fim. — Faz sentido. No entanto, parece uma forma muito rebuscada de dizer "As coisas não resultaram bem como querias". Mas, afinal de contas, nunca gostei muito de conversa de psicólogos.

— Tu tens te debatido com alguns conflitos — continuou Alexis. — Não tem sido fácil para ti.

— Oh, não me digas — replicou Craig com uma ponta de desdém.

— Não fiques defensivo — pediu Alexis. — Estás a pedir a minha opinião profissional.

— Tens razão! Desculpa! Deixa-me ouvir os conflitos.

— O mais fácil é o teu conflito entre a medicina clínica e a medicina de investigação. Isso provocou-te alguma ansiedade no passado devido à necessidade de te aplicares a cem por cento em qualquer ocupação, mas neste caso conseguiste encontrar um equilíbrio. Um conflito mais problemático é aquele que existe entre dedicares-te à prática da medicina ou dedicares-te à tua família. Isso foi a causa de muita ansiedade. Craig olhou para Alexis, mas manteve-se em silêncio.

— Por motivos óbvios, não posso ser objetiva — continuou Alexis. — O que gostaria de fazer era encorajar-te a explorar esses teus problemas com um profissional.

— Não gosto de pedir ajuda — disse Craig.

— Eu sei, mas até isso diz algo que talvez fosse importante analisares. — Alexis voltou-se para Jack. — Queres acrescentar alguma coisa?

Jack ergueu as mãos.

— Não. Não sou nada bom nesse campo.

Na verdade, estava a pensar que ele próprio se debatia com os seus conflitos - nomeadamente, se deveria iniciar uma nova família com Laurie, como devia acontecer na sexta-feira. Durante muitos anos tinha dito que não, que não merecia ser feliz, e que outra família seria uma traição à primeira. No entanto, à medida que os anos tinham passado, passara a ter medo de colocar Laurie em risco. Jack tinha lutado contra o medo admitidamente irracional de que o fato de amar alguém pusesse essa pessoa em risco.

A conversa tornou-se mais leve e Jack aproveitou o momento para pedir licença para ir telefonar. Enquanto saía para a esplanada ladrilhada, marcou o número do Instituto de Medicina Legal de Nova Iorque. Tinha pensado deixar um recado à secretária de Calvin. A sua esperança era que Calvin tivesse saído para almoçar. Infelizmente, não foi isso que aconteceu. A secretária é que tinha ido almoçar. Calvin atendeu o telefone.

— Quando é que voltas para cá? — perguntou ele ao ouvir a voz de Jack.

— Isto está mau — respondeu Jack. Depois teve de afastar o telefone do ouvido enquanto Calvin praguejava e continuava a refilar por causa da sua irresponsabilidade. Ao ouvir: "Afinal, que diabo estás tu a fazer aí?", Jack encostou novamente o telemóvel ao ouvido e explicou a possível autópsia. Contou a

Calvin que tinha sido apresentado ao médico legista chefe de Boston, o Dr. Kevin Carson.

— A sério! Como é que está esse velho rapaz sulista? — perguntou Calvin.

— Pareceu-me bem. Estava a meio de uma autópsia quando o conheci, por isso falamos pouco tempo.

— Ele perguntou por mim?

— Oh, sim! — mentiu Jack. — Mandou cumprimentos.

— Bem, se voltares a vê-lo diz-lhe que eu mando cumprimentos. E depois volta para cá. Nem preciso de te dizer que deixaste a Laurie sobrecarregada de trabalho com o grande dia ao virar da esquina. Não vais tentar vir para cá no último minuto, pois não?

— É claro que não — respondeu Jack. Sabia que Calvin era uma das pessoas do trabalho que ela insistira em convidar. Se a decisão fosse sua, convidaria apenas Chet, o seu colega de gabinete. No trabalho já sabiam demasiado acerca da vida privada de ambos.

Voltou para junto de Craig e Alexis e, após um curto passeio ao sol, regressaram ao tribunal. Quando chegaram à porta da sala de audiências, havia outras pessoas a entrar. Era uma e um quarto.

Craig dirigiu-se para a mesa da defesa com Randolph e o assistente do advogado. Jordan Stanhope já estava na mesa da acusação com Tony Fasano e Renee Relf. Tornou-se claro para Jack que Tony estava a dar conselhos de última hora a Jordan, antes de este se sentar no banco das testemunhas. Embora o som da sua voz se perdesse no meio da conversa generalizada na sala, os seus lábios estavam a mexer-se rapidamente e ele gesticulava com as duas mãos.

— Tenho a impressão de que isto vai ser puro teatro — disse Jack enquanto se dirigiam para a mesma fila que tinham ocupado nessa manhã. Alexis tinha dito que gostava de ficar próximo dos jurados para observar as suas expressões e gestos. Nesse momento, os jurados ainda não tinham entrado.

— Infelizmente, acho que tens razão — concordou Alexis, sentando-se e pousando a carteira no chão à sua frente.

Jack sentou-se e acomodou-se o melhor possível no carvalho duro. Os seus olhos deambularam pela sala de audiências, prendendo-se por momentos na estante cheia de livros de direito atrás da tribuna do juiz. Dentro do espaço onde decorria o julgamento havia um quadro negro com rodas, à seguir às mesas da acusação e da defesa, sobre uma alcatifa com manchas. Quando os olhos de Jack se moveram até à direita para observar o banco do oficial de diligências, erraram o alvo. Uma vez mais, deu por si a fitar os olhos atentos de Franco. Ao contrário do que acontecera nessa manhã e devido à posição atual do sol, Jack conseguiu ver os olhos do homem dentro das suas órbitas fundas. Pareciam dois berlindes pretos brilhantes. Jack sentiu vontade de acenar novamente, mas a racionalidade prevaleceu. Já se tinha divertido de manhã. Não fazia o menor sentido ser abertamente provocador.

— Achaste os comentários do Craig durante o almoço tão surpreendentes quanto eu? — perguntou Alexis.

Satisfeito por desviar a atenção de Franco, Jack voltou-se para Alexis.

— Acho que espantosos seria uma palavra melhor. Não quero ser cínico, mas parece-me desajustado. Os narcisistas reconhecem-se como tal?

— Normalmente, não, a menos que estejam a ser submetidos a terapia e se sintam motivados. Claro que agora estou a falar sobre alguém com um distúrbio disfuncional de personalidade, não apenas de um traço de personalidade, onde a maior parte dos médicos se enganam.

Jack não falou mais sobre o assunto. Não estava com vontade de iniciar uma discussão com Alexis sobre o grupo a que Craig pertencia. Em vez disso, perguntou:

— É este o género de discernimento a que se costuma chamar reação temporária à tensão ou uma verdadeira mudança no autoconhecimento?

— O tempo dirá — respondeu Alexis. — Mas vou ter esperança. Seria algo muito positivo. Num sentido real, o Craig é uma vítima de um sistema que o obrigou a competir e a ser excelente, e a única forma de saber quando estava a ser excelente era quando recebia louvores dos professores, como o Dr. Brown. Tal

como ele admitiu, tornou-se viciado nesse género de aprovação. Depois, quando terminou o internato, deixou de receber louvores como um drogado a quem é negada a sua droga preferida, ao mesmo tempo que se sentia desiludido com a realidade do tipo de medicina que era obrigado a exercer.

— Acho que isso acontece a muitos médicos.

— Não te aconteceu a ti. Por quê?

— Até certo ponto, aconteceu, na altura em que era oftalmologista. O Randolph levou o Dr. Brown a admitir que o ensino da medicina é estruturado dessa forma. Mas quando eu estudava não era tão monomaniaco quanto o Craig. Tinha outros interesses para além da medicina. Só tive “Muito Bom” menos no estágio de medicina interna do terceiro ano.

Jack assustou-se quando o telemóvel começou a vibrar no bolso. Tinha-o colocado em silêncio. Freneticamente, tentou tirá-lo do bolso. Por motivos que não conseguia perceber, o telemóvel assustava-o sempre.

— Estás incomodado com alguma coisa? — perguntou Alexis, observando as contorções do irmão.

Ele deslizou a pélvis para a frente para se esticar.

— O maldito telefone — explicou Jack. Por fim, conseguiu tirá-lo do bolso. Olhou para o ecrã de LCD. Era um número com o código de área 617, ou seja, de Boston. Depois, recordou-se do número. Era da agência funerária.

— Já volto — disse Jack. Levantou-se e saiu rapidamente da fila. Uma vez mais, sentiu o olhar de Franco, mas não o retribuiu. Em vez disso, saiu da sala de audiências. Só depois atendeu o telefone.

Infelizmente, o sinal era péssimo, por isso desligou. Apanhou rapidamente o elevador para o rés-do-chão e saiu para o exterior. Usou a função de chamadas perdidas para recuperar o número. Instantes depois, Harold atendeu e Jack pediu desculpa pela ligação deficiente que o obrigara a desligar.

— Não há problema — disse Harold. — Tenho boas notícias. A papelada está pronta, as licenças foram concedidas e está tudo combinado.

— Maravilhoso — disse Jack. — Quando? Esta tarde?

— Não! Isso seria um milagre. Vai ser amanhã, a meio da manhã. Foi o melhor que consegui. Tanto a empresa dos jazigos como o técnico da escavadora têm o dia completamente ocupado hoje.

Desapontado por não ter havido um milagre, Jack agradeceu ao diretor da agência funerária e desligou. Ficou parado durante alguns minutos, a pensar se devia telefonar a Laurie para lhe dizer quando seria a autópsia. Ainda que soubesse que seria adequado telefonar-lhe, a perspectiva não o entusiasmava nada, pois tinha poucas dúvidas sobre qual seria a reação da noiva. Foi então que teve uma ideia cobarde. Em vez de lhe telefonar para o instituto, ia telefonar-lhe para o telemóvel e deixar uma mensagem na caixa de mensagens, já que ela raramente ligava o telemóvel durante o dia. Dessa forma, evitaria a sua reação imediata e dar-lhe-ia uma oportunidade para se adaptar antes de lhe telefonar nessa noite.

Com essa tarefa ligeiramente desagradável despachada, Jack voltou para o seu lugar ao lado de Alexis. Jordan Stanhope estava no banco das testemunhas e Tony encontrava-se no pódio, mas ninguém falava. Tony estava ocupado com os seus papéis.

— Que é que perdi? — sussurrou Jack ao ouvido de Alexis.

— Nada. O Jordan acabou de prestar juramento e prepara-se para começar a testemunhar.

— A autópsia vai ser efetuada durante o dia de amanhã. O cadáver deverá ser exumado de manhã.

— Isso é bom — disse Alexis, mas a sua reação não foi a que Jack esperava.

— Não pareces muito entusiasmada.

— Como posso estar? Como o Craig disse ao almoço: amanhã pode ser tarde demais.

Jack encolheu os ombros. Estava a fazer as coisas o melhor que podia.

— Eu sei que isto é difícil para si — declarou Tony num tom enfático para que todos os presentes na sala de audiências pudessem ouvir. — Vou fazer todos os possíveis para que seja o mais curto e indolor possível, mas o júri tem de ouvir o seu testemunho.

Jordan acenou, agradecido. Ao invés da postura ereta que adotava normalmente, tinha agora os ombros descaídos, e em vez da habitual neutralidade no rosto, os cantos da sua boca estavam virados para baixo numa expressão de aparente desânimo e desespero. Vestia um fato de seda preto, camisa branca e gravata preta. A espreitar do bolso do peito via-se um lenço quadrado preto.

— Suponho que sente a falta da sua mulher — disse Tony. — Ela era uma mulher maravilhosa, ardente e culta que adorava a vida, não era?

— Santo Deus! — gemeu Jack num sussurro para Alexis. — Depois de visitar o homem, isto vai dar-me vômitos. E estou surpreso com o Randolph. Não sou advogado, mas aquela é seguramente uma pergunta capciosa. Porque é que ele não protesta?

— Ele disse-me que o testemunho da viúva ou do viúvo é sempre o mais problemático para a defesa. Diz que a melhor estratégia é tirá-lo do banco o mais depressa possível, o que dá bastante liberdade ao advogado de acusação.

Jack acenou afirmativamente. A dor de perder um membro da família era uma emoção que comovia toda a gente, como experiência humana fundamental.

Jordan começou a falar de uma forma enjoativamente sentimental sobre Patience: como ela era maravilhosa, como a vida em conjunto era um conto de fadas e o quanto a amava. Sempre que Jordan se emocionava e parava de falar, Tony fazia mais algumas perguntas para o orientar.

Nesta fase em que o testemunho de Jordan decorria aborrecidamente, Jack voltou a cabeça e observou a galeria do público. Viu Franco, mas o homem olhava para a testemunha, o que foi um pequeno alívio. Jack esperou que não ficassem ressentimentos. Procurava outra pessoa e descobriu-a na última fila. Era Charlene. A mulher estava bastante atraente no seu fato preto de luto. Jack abanou a cabeça. Havia alturas em que não conseguia acreditar na degeneração de que os seres humanos eram capazes. Mais não fosse para manter as aparências, ela não devia estar ali.

Enquanto o elogio se arrastava, Jack começou a ficar cada vez mais inquieto. Não tinha necessidade de escutar a conversa disparatada de Jordan. Olhou de relance para a nuca de Craig. O cunhado estava imóvel, como se estivesse em transe. Jack tentou imaginar como seria se estivesse enredado num pesadelo daqueles. Jack arriscou um olhar fugaz na direção de Alexis. A irmã estava intensamente concentrada, com os olhos levemente cerrados. Desejava-lhe toda a sorte do mundo e lamentou não poder fazer mais nada.

No momento em que Jack decidiu que não conseguiria ouvir nem mais uma palavra do testemunho de Jordan, Tony mudou a direção do interrogatório.

— Agora, vamos falar sobre o dia 8 de Setembro de 2005 — disse ele. — Calculo que a sua mulher não estivesse a sentir-se bem nesse dia. Pode contar-nos nas suas palavras o que aconteceu?

Jordan aclarou a garganta. Puxou os ombros para trás e sentou-se direito.

— A meio da manhã percebi que ela não estava a sentir-se bem. Chamou-me para ir ao seu quarto. Vi-a muito perturbada.

— De que é que ela se queixava?

— De dores no abdómen, gases e congestão. Disse que estava a tossir mais do que o habitual. Disse que não tinha dormido a noite inteira e que já não aguentava. Pediu-me para chamar o Dr. Bowman. Disse que queria que ele viesse imediatamente. Afirmou que não conseguiria ir ao consultório.

— Tinha mais alguns sintomas?

— Disse que lhe doía a cabeça e que se sentia quente.

— Então, os sintomas eram estes: dor abdominal, gases, tosse, dor de cabeça e calor.

— Essencialmente, sim. Quero dizer, ela tinha sempre muitas queixas, mas essas foram as principais.

— Pobre mulher — disse Tony. — E presumo que também era difícil para si.

— Fazíamos o melhor possível — respondeu Jordan rigidamente.

— Então, chamou o médico e ele veio.

— Sim.

— E que é que aconteceu?

— O Dr. Bowman examinou-a e recomendou-lhe que tomasse a medicação que já tinha receitado para o seu sistema digestivo. Também lhe recomendou que saísse da cama e parasse de fumar. Disse-lhe também que lhe parecia que ela estava mais ansiosa do que era habitual e sugeriu que experimentasse tomar uma pequena dose do medicamento anti-depressivo que ela tomava ao deitar. Disse que achava que valia a pena tentar.

— A Patience ficou satisfeita com essas recomendações?

— Não. Queria um antibiótico, mas o Dr. Bowman recusou-se a receitar-lho. Disse que ela não precisava.

— Ela seguiu as recomendações do médico?

— Não sei que medicamentos tomou, mas acabou por se levantar. Eu achei que ela parecia um pouco melhor. Depois, cerca das cinco horas, avisou-me que ia voltar para a cama.

— Nessa altura queixou-se de alguma coisa?

— Nem por isso. Quero dizer, ela tinha sempre algumas queixas, e foi por isso que voltou para a cama.

— Que aconteceu a seguir?

— De repente, cerca das sete horas, ela chamou-me ao seu quarto. Queria que eu telefonasse novamente ao médico porque estava a sentir-se muito mal.

— Tinha as mesmas queixas dessa manhã?

— Não, eram completamente diferentes.

— Quais eram agora? — perguntou Tony.

— Tinha uma dor no peito há já uma hora.

— Que era diferente da dor abdominal que tivera de manhã?

— Completamente diferente.

— Que mais?

— Estava fraca e disse que tinha vomitado um pouco. Mal conseguia estar sentada e disse que estava entorpecida e que também parecia estar a flutuar. E disse que sentia dificuldade para respirar. Estava muito doente.

— Parece-me uma circunstância muito séria. Deve ter sido assustador.

— Senti-me muito perturbado e preocupado.

— Então — entoou Tony para obter um efeito dramático — telefonou para o médico e que é que lhe disse?

— Disse-lhe que a Patience estava muito doente e que devia ir para o hospital.

— E como é que o Dr. Bowman reagiu ao seu pedido urgente de ir para o hospital imediatamente?

— Quis que eu descrevesse os sintomas dela.

— E o senhor descreveu? Disse-lhe o que nos disse hoje?

— Quase palavra por palavra.

— E qual foi a resposta do Dr. Bowman? Mandou-o chamar uma ambulância e disse-lhe que se encontraria convosco no hospital?

— Não. Não parava de me fazer perguntas, algumas das quais tive de ir confirmar com a Patience.

— Deixe-me ver bem se compreendo. Disse-lhe que a sua mulher estava neste estado deplorável e ele mandou-o ir ao quarto dela imensas vezes para perguntar pormenores específicos. É isso que está a dizer?

— É precisamente o que estou a dizer.

— Durante este período de perguntas e respostas, enquanto estava a desperdiçar-se tempo valioso, voltou a mencionar a sua convicção de que ela devia ir directamente para o hospital sem mais demora?

— Sim. Eu estava aterrorizado.

— E devia estar aterrorizado, pois a sua mulher estava a morrer diante dos seus olhos.

— Protesto — disse Randolph. — Argumentativo e prejudicial. Peço que seja apagado dos autos.

— Deferido — disse o juiz Davidson. Olhou para os jurados. — Vão ignorar este último comentário do Dr. Fasano e o que ele disse não deverá ter influência quando analisarem o caso. — Em seguida, voltou-se para Tony. — Devo avisá-lo, Sr. Advogado, que não tolerarei mais comentários deste tipo.

— Peço desculpa ao tribunal — disse Tony. — As minhas emoções sobrepuseram-se à razão. Não voltará a acontecer.

Alexis inclinou-se para Jack.

— O Tony Fasano assusta-me. Ele é matreiro. Sabia o que estava a fazer.

Jack acenou em sinal de concordância. Era como ver um lutador de rua numa batalha sem regras.

Tony Fasano aproximou-se da sua mesa para beber água. Longe da vista do juiz, Jack apanhou-o a piscar o olho para a assistente, Renee Relf.

De novo no pódio, Tony voltou à narrativa.

— Durante a sua conversa telefónica com o Dr. Bowman enquanto a sua mulher estava gravemente enferma, ele mencionou as palavras ataque cardíaco?

— Mencionou, sim.

— Disse que ela estava a sofrer um ataque cardíaco?

— Sim. Disse que era nisso que estava a pensar.

Jack reparou que Craig se tinha inclinado e estava a sussurrar alguma coisa para Randolph. Randolph acenou afirmativamente.

— Muito bem — continuou Tony. — Quando o Dr. Bowman chegou a sua casa e viu a Patience, teve um comportamento diferente de quando estava ao telefone. Estou correto?

— Protesto — disse Randolph. — Pergunta capciosa.

— Deferido — disse o juiz Davidson.

— Sr. Stanhope, não se importa de nos contar o que aconteceu quando o Dr. Bowman chegou a sua casa na noite de 8 de Setembro do ano passado?

— Ficou chocado com o estado da Patience e disse-me para chamar uma ambulância imediatamente.

— O estado da sua mulher tinha-se alterado dramaticamente entre a sua conversa telefónica com o Dr. Bowman e a chegada deste?

— Não.

— Nessa altura o Dr. Bowman disse-lhe alguma coisa que achasse inadequada?

— Sim. Culpou-me por não ter descrito adequadamente o estado em que a Patience se encontrava?

— Isso surpreendeu-o?

— É evidente que me surpreendeu. Eu tinha-lhe dito até que ponto ela estava mal e referido mais do que uma vez que ela devia ser levada imediatamente para o hospital.

— Obrigado, Sr. Stanhope. Agradeço o seu testemunho sobre este trágico acontecimento. Tenho mais uma pergunta: quando o Dr. Bowman chegou naquela noite fatídica, que é que trazia vestido? Lembra-se?

— Protesto — disse Randolph. — Irrelevante.

O juiz Davidson rodou a caneta e olhou para Tony.

— Isto é relevante ou não passa de um simples embelezamento?

— Muito relevante, Meritíssimo — respondeu Tony — como ficará perfeitamente claro no depoimento da próxima testemunha de acusação.

— Protesto indeferido — disse o juiz Davidson. — A testemunha pode responder à pergunta.

— O Dr. Bowman chegou de smoking, acompanhado de uma jovem com um vestido decotado.

Alguns dos jurados trocaram olhares com os vizinhos do lado, como se estivessem a interrogar-se sobre o que ele ou ela estava a pensar.

— Reconheceu a jovem?

— Sim, já a tinha visto no consultório do Dr. Bowman e ele disse que era a sua secretária.

— Os trajes deles pareceram-lhe estranhos ou significativos?

— Ambas as coisas — disse Jordan. — Foi estranho porque sugeria que eles iam a caminho de um evento social e eu sabia que o Dr. Bowman era casado, e importante porque perguntei a mim mesmo se o traje teria alguma coisa a ver com a decisão do Dr. Bowman de ir lá a casa em vez de se encontrar conosco no hospital.

— Obrigado, Sr. Stanhope — disse Tony, reunindo os seus papéis. — Não tenho mais perguntas.

— Dr. Bingham — disse o juiz Davidson, acenando na direção de Randolph.

Randolph hesitou por instantes. Era evidente que estava mergulhado em pensamentos. Mesmo quando se levantou e se aproximou do pódio, pareceu estar a mover-se por reflexo e não por uma intenção consciente. Um silêncio expectante encheu a sala de audiências.

— Sr. Stanhope — começou Randolph. — Vou fazer-lhe apenas algumas perguntas. Todos nós na mesa da defesa, incluindo o Dr. Bowman, estamos tristes com a sua perda e compreendemos como é difícil para si revisitar aquela noite fatídica, por isso serei breve. Vamos voltar à conversa telefônica que teve com o Dr. Bowman. Recorda-se de dizer ao Dr. Bowman que, segundo se lembrava, a Patience nunca se tinha queixado de dores no peito antes?

— Não tenho a certeza. Estava muito perturbado.

— E, no entanto, com o Dr. Fasano, a sua memória dessa mesma conversa telefônica pareceu-me impressionantemente completa.

— Posso ter dito que ela nunca tinha tido dores no peito. Não tenho a certeza.

— Devo lembrar-lhe que no seu depoimento declarou isso. Quer que leia?

— Não. Se está lá, então é verdade. E agora que falou nisso, acho que disse realmente que ela nunca tinha tido dores no peito. Foi há oito meses e eu estava sob pressão. O depoimento foi muito mais próximo do acontecimento.

— Compreendo isso, Sr. Stanhope. Mas gostaria que procurasse lembrar-se da resposta do Dr. Bowman. Recorda-se do que ele disse?

— Acho que não.

— Ele corrigiu-o e lembrou-lhe que ela tinha tido dores no peito em diversas ocasiões anteriores e que ele já tinha ido lá a casa por causa disso.

— Talvez sim.

— Afinal, parece que a sua lembrança do que foi dito durante esta conversa telefônica não é tão clara como fomos levados a acreditar há poucos minutos.

— A conversa telefônica decorreu há oito meses e na altura eu estava desvairado. Não penso que seja descabido.

— Não é certamente descabido, e no entanto tem a certeza de que o Dr. Bowman disse especificamente que a Patience estava a sofrer um ataque cardíaco.

— Ele disse que tinha de verificar essa possibilidade.

— A sua escolha de palavras sugere que não foi o Dr. Bowman a abordar o assunto.

— Eu abordei o assunto. Perguntei-lhe se estava a pensar nisso. Pelas perguntas que estava a fazer-me acerca da Patience, não foi difícil adivinhar.

— Dizer que a possibilidade tinha de ser verificada é muito diferente de declarar que ela estava a sofrer um ataque cardíaco. Ficaria surpreendido se eu lhe dissesse que o Dr. Bowman nunca usou as palavras ataque cardíaco durante a vossa conversa?

— Falamos sobre isso. Eu lembro-me.

— O senhor abordou o assunto. Ele limitou-se a dizer, "temos de verificar essa possibilidade". Ele nem sequer mencionou as palavras.

— Talvez tenha acontecido assim, mas que diferença faz?

— Eu acredito que faz uma diferença enorme. Acha que sempre que uma pessoa tem uma dor no peito... como o senhor, por exemplo... e um médico está de serviço, ele ou ela pensa que tem de ser verificada a possibilidade de um ataque cardíaco?

— Penso que sim.

— Portanto, quando disse ao Dr. Bowman que a Patience tinha uma dor no peito, não é surpreendente que o Dr. Bowman pensasse que essa possibilidade tinha de ser verificada, mesmo que as hipóteses fossem muito, muito reduzidas.

— Suponho que não.

— E nas consultas anteriores que o Dr. Bowman fez à sua mulher em resposta às queixas de dores no peito, qual foi o diagnóstico em todas as ocasiões?

— Considerou-se que eram gases intestinais.

— Correto! Gases intestinais na curvatura esplênica do cólon, para ser exato. Não eram ataques cardíacos nem dores no coração, uma vez que os eletrocardiogramas e as enzimas estavam normais e mantiveram-se normais em observações subsequentes.

— Não eram ataques cardíacos.

— O Dr. Bowman fez muitas consultas domiciliárias para ver a sua mulher. De fato, os registros demonstram uma taxa de visitas de aproximadamente uma vez por semana durante um intervalo de oito meses. Isso é consistente com as suas lembranças?

Jordan acenou afirmativamente, o que suscitou uma admoestação do juiz:

— A testemunha vai fazer o favor de falar alto para o escrivão poder ouvi-lo e fazer o registro nos autos.

— Sim — respondeu Jordan.

— A Patience preferia ser consultada em casa?

— Sim. Ela não gostava de ir ao consultório.

— Ela gostava de hospitais?

— Tinha pavor de hospitais.

— Então, ao fazer-lhe consultas domiciliárias, o Dr. Bowman estava a servir as necessidades e desejos da sua mulher.

— Sim, estava.

— Como o senhor está semi-reformado e passava uma grande parte do seu tempo em casa, teve muitas oportunidades para interagir com o Dr. Bowman, devido às muitas consultas domiciliárias que ele fazia.

— É verdade — concordou Jordan. — Falávamos sempre e tínhamos um relacionamento bastante cordial.

— Presumo que estaria sempre presente quando o Dr. Bowman consultava a Patience.

— Ou eu ou a nossa criada.

— Durante alguma dessas conversas com o Dr. Bowman, que presumo que cuidava principalmente de Patience, surgiu o termo hipocondria?

Os olhos de Jordan voltaram-se rapidamente para Tony e logo em seguida para Randolph.

— Sim.

— E presumo que conhece a definição do termo.

Jordan encolheu os ombros.

— Acho que sim.

— É aplicado a um indivíduo que se preocupa com as sensações e funções normais e acredita que são indicadores de problemas graves que necessitam de atenção médica. É esse, na generalidade, o significado do termo que conhece?

— Eu não teria conseguido defini-lo assim, mas sim, é esse significado que conheço.

— O Dr. Bowman alguma vez usou esse termo referindo-se à Patience?

— Sim.

— Usou o termo num sentido depreciativo?

— Não, não usou. Disse que era sempre importante não esquecer que os hipocondríacos podiam ter doenças verdadeiras juntamente com as doenças psicológicas, e ainda que as suas doenças imaginárias não fossem verdadeiras, eles sofriam na mesma.

— Há alguns momentos, quando o Dr. Fasano estava a interrogá-lo, o senhor declarou que o estado da Patience não se alterou dramaticamente entre a vossa conversa telefónica e a chegada do Dr. Bowman.

— Correto.

— Durante a vossa conversa, disse ao Dr. Bowman que acreditava que a Patience estava a sentir algumas dificuldades para respirar. Recorda-se disso?

— Sim.

— Também disse que achava que ela estava um pouco azulada. Recorda-se disso?

— Não sei se foram essas as minhas palavras exatas, mas é a essência do que eu estava a dizer.

— Eu garanto que é exatamente o que o senhor disse ou extremamente parecido. No seu depoimento, concordou que era extremamente parecido. Quer ler as partes relevantes?

— Se eu disse que era extremamente parecido, então era. Neste ponto, não me lembro.

— Quando o Dr. Bowman chegou, encontrou a Patience completamente azul e quase sem respirar. Diria que era muito diferente da descrição que fez ao telefone?

— Eu estava a tentar fazer o meu melhor numa situação difícil. Deixei bem claro que ela estava muito doente e que devia ser vista no hospital.

— Mais uma pergunta — disse Randolph, endireitando o corpo alto e magro em toda a sua altura de mais de um metro e noventa. — Tendo em conta a longa história de hipocondria de Patience, juntamente com uma série de episódios anteriores de dores no peito causadas por gases intestinais, acredita que na noite de 8 de Setembro de 2005 o Dr. Bowman pensou que a sua mulher estava a sofrer um ataque cardíaco?

— Protesto — gritou Tony, levantando-se. — Opinião.

— Deferido — declarou o juiz Davidson. — A pergunta poderá ser colocada ao próprio arguido durante o seu depoimento.

— Não tenho mais perguntas — disse Randolph, e regressou à mesa da defesa.

— Quer voltar a interrogar? — perguntou o juiz Davidson a Tony.

— Não, Meritíssimo — respondeu Tony.

Enquanto Jordan descia do banco das testemunhas, Jack voltou-se para Alexis. Levantou o polegar num elogio ao interrogatório de Randolph, mas depois o seu olhar deteve-se nos jurados. Não lhe pareceram tão atentos como ele tinha estado. Em vez de estarem inclinados para a frente como antes, estavam todos recostados nas suas cadeiras, com os braços cruzados no peito, exceção feita ao ajudante de canalizador. Ele estava concentrado nas unhas.

— A acusação pode chamar a próxima testemunha! — ordenou o juiz Davidson.

Tony levantou-se e chamou.

— Sra. Leona Rattner, queira apresentar-se, por favor.

Boston, Massachusetts Quarta-feira, 7 de Junho de 2006 15.25

Jack virou-se. Tinha um interesse levemente lascivo em ver a jovem atrevida transformada em amante abandonada e ressentida. Depois de ler o seu forte depoimento, tinha a certeza de que o testemunho ia ser um autêntico espetáculo.

Leona entrou pela porta da sala de audiências e percorreu determinadamente o corredor central. Em contraste com a descrição que Craig fizera das suas roupas habitualmente sensuais, ela vestia agora um fato de calças e casaco azul-escuro com uma blusa branca abotoada até ao pescoço. Jack presumiu que tinha sido uma sugestão de Tony Fasano. O único vestígio do seu estilo normal eram umas sandálias com saltos extra-altos que a faziam cambalear ligeiramente.

Embora as roupas da mulher fossem discretas, Jack percebeu imediatamente o que tinha atraído Craig. As suas feições não eram especiais, nem os cabelos louro-palha, obviamente pintados com as raízes pretas à vista. Mas a sua pele era imaculada e radiosa. Ela era a imagem da sensualidade juvenil impudentemente projetada.

Leona dirigiu-se para o banco das testemunhas e acenou descaradamente com a cabeça. Sabia que estava no palco e adorava a sensação.

Jack arriscou um olhar de relance na direção de Alexis. O rosto da irmã estava impenetrável, refletindo uma expressão determinada com os lábios apertados com firmeza. Jack ficou com a impressão de que ela estava a preparar-se para o que se avizinhava. Como já tinha lido o depoimento de Leona, Jack pensou que era um bom estratagema de autopreservação.

O oficial de diligências fez jurar a testemunha enquanto Leona erguia a mão direita para o céu.

— Jura ou afirma dizer a verdade, toda a verdade, e nada mais do que a verdade?

— Juro — disse Leona numa voz levemente nasalada. Enquanto subia para o banco das testemunhas, olhou modestamente para o juiz através de pestanas cheias de rímel.

Tony demorou algum tempo a chegar ao pódio e a preparar as suas notas. Depois, pousou um dos sapatos ornamentados com borlas na balaustrada de latão, como era seu hábito, e deu início ao interrogatório. Em primeiro lugar, estabeleceu uma curta biografia: onde tinha nascido (Revere, Massachusetts); o liceu que tinha frequentado (Revere, Massachusetts); onde vivia atualmente (Revere, Massachusetts). Perguntou-lhe há quanto tempo trabalhava no consultório do Dr. Bowman (mais de um ano) e onde frequentava aulas noturnas três noites por semana (Faculdade Comunitária de Bunker Hill).

Enquanto Leona respondia a estas perguntas iniciais neutras, Jack teve mais uma oportunidade para observá-la. Reparou que ela e Tony partilhavam o mesmo sotaque, que lhe pareceu ser um sotaque tanto de Brooklyn quanto de Boston. Jack também detectou mais alguns dos traços de personalidade que Craig tinha descrito: teimosa, impetuosa e voluntariosa. O que ainda lhe faltava observar era a petulância caprichosa.

— Agora, vamos falar sobre o seu relacionamento com o seu patrão, o Dr. Craig Bowman — disse Tony.

— Protesto — disse Randolph. — Imaterial.

— Senhores advogados, queiram fazer o favor de se aproximar! — ordenou o juiz Davidson, irritado.

Randolph obedeceu imediatamente. Tony fez sinal a Leona para que se sentasse quieta e seguiu-o.

Usando os óculos de leitura como uma pessoa usa um rolo de jornal para ameaçar um cão, o juiz Davidson voltou-se para Tony.

— É bom que isto não seja uma farsa elaborada, e quero novamente garantias de que esta treta social é essencial para o caso do queixoso. Se assim não acontecer, vamos ter um julgamento nulo e, potencialmente, uma decisão a favor do médico.

— É absolutamente essencial. A testemunha vai confirmar que o Dr. Bowman não quis ir ao encontro da Patience Stanhope no hospital por causa do relacionamento de ambos e dos planos que tinham para essa noite.

— Está bem. Vou dar-lhe muita corda, e espero que não se enforque com ela. Vou permitir o testemunho social pelos motivos que já expliquei no passado, especificamente, a garantia de que o seu valor probatório ultrapassa o valor prejudicial. — O juiz Davidson acenou com os óculos na direção de Randolph. — No que diz respeito à defesa, terá ampla liberdade no seu interrogatório e o Dr. Fasano respeitará isso. Esclarecido este assunto, quero despachar as coisas. As vossas interrupções estão a causar-me um aborrecimento de morte. Compreendido?

— Sim, Meritíssimo — ecoaram os dois advogados em uníssono. Giraram sobre os calcanhares e voltaram para os respectivos lugares.

— Protesto indeferido — declarou o juiz Davidson em voz alta, para ser ouvido pelo escrivão. — Continue o interrogatório da menina Rattner.

— Menina Rattner — disse Tony. — Pode falar ao tribunal sobre o seu relacionamento com o Dr. Bowman?

— Claro. No começo eu era, tipo, apenas uma das empregadas. Mas há cerca de um ano percebi que o Dr. Bowman andava a galar-me. Percebe o que estou a dizer?

— Acho que sim — respondeu Tony. — Continue!

— No princípio fiquei embaraçada e tudo porque sabia que ele era casado e tinha filhos e essas tretas todas. Mas depois, numa noite em que fiquei a trabalhar até mais tarde, ele veio à sala de arquivo onde eu estava a trabalhar e começamos a falar. Uma coisa levou a outra e começamos a andar. Quero dizer, não fazia mal porque eu soube que ele tinha saído de casa e arranjado um apartamento em Boston.

— Era um caso platônico?

— Credo, não! Ele era um tigre. Era um relacionamento muito físico. Uma tarde até fizemos na marquesa de observação, no consultório. Ele disse que a mulher não gostava de sexo e, para além disso, que tinha engordado imenso depois de ter as filhas e que nunca perdera peso. Ele estava, tipo, esfomeado e precisava de muita atenção, por isso eu deixei-me levar. Adiantou-me muito!

— Meritíssimo, isto ultrapassa... — começou Randolph, levantando-se.

— Sente-se, Dr. Bingham — disse o juiz Davidson ríspidamente. Em seguida, olhou para Tony por cima dos óculos de leitura. — Dr. Fasano, chegou o momento de estabelecer fundamento, e é bom que seja convincente.

— Claro, Meritíssimo — disse Tony. Fez um desvio rápido para beber um gole de água na mesa da acusação. Depois, passando a língua pelos lábios como se estes estivessem secos, regressou ao pódio e remexeu os papéis.

Ouviu-se um murmúrio de expectativa na zona reservada aos espectadores e os jurados pareceram mais atentos do que era habitual, com muitos inclinados para a frente. Material impudico nunca deixava de deleitar as pessoas.

Uma vez mais, Jack olhou furtivamente para Alexis pelo canto do olho. Ela não se tinha mexido. A sua expressão sombria não mudara. Ele não pôde deixar de sentir uma compaixão protetora, fraternal, pela irmã. Esperava que a experiência profissional em psicologia pudesse proporcionar-lhe algum elemento de proteção do ego, por muito humilhante que fosse a situação.

— Menina Rattner — começou Tony. — Na noite de 8 de Setembro de 2005, estava no apartamento do Dr. Bowman em Boston, onde residia na época.

— Correto. Eu tinha-me mudado da espelunca onde vivia em Somerville porque o senhorio era um chato.

O juiz Davidson inclinou-se para Leona.

— A testemunha limitar-se-á a responder a perguntas e abster-se-á de monólogos espontâneos.

— Sim, Meritíssimo — respondeu Leona docilmente, a bater as pestanas. — O que tínhamos planeado fazer e o que fizemos foram duas coisas diferentes. Tínhamos planeado ir ao Symphony Hall ver um espetáculo qualquer. O Craig, quero dizer, o Dr. Bowman, estava com uma pancada de Renascimento para compensar o tempo perdido e tinha-me comprado um vestido cor-de-rosa lindo de morrer e com um decote enorme. — Com o dedo, traçou um grande arco côncavo sobre o peito. — Estávamos ambos entusiasmados. A parte melhor era chegar ao Symphony Hall no momento em que estava toda a gente a entrar. Quero dizer, a música também era bastante boa, mas entrar era a melhor parte para nós dois. O Dr. Bowman tinha bilhetes para a temporada e os lugares eram mesmo à frente. Quando descíamos a coxia era como estar no palco, e era por isso que ele gostava que eu estivesse muito sensual.

— Parece que o Dr. Bowman gostava de a exhibir.

— Uma coisa desse género — concordou Leona. — Eu não me importava. Achava divertido.

— Mas, para isso, tinham de chegar lá a horas ou talvez um pouco antes do início do espetáculo.

— Isso mesmo! Se chegássemos atrasados, por vezes era preciso esperar até ao intervalo, e não era a mesma coisa.

— Que é que aconteceu no dia 8 de Setembro de 2005?

— Estávamos a preparar-nos para sair quando o telemóvel do Dr. Bowman tocou.

— Presumo que era o Jordan Stanhope — disse Tony.

— Era, e significava que a noite tinha ido ao ar porque o Dr. Bowman decidiu fazer uma consulta domiciliária.

— Ficou no apartamento enquanto o Dr. Bowman foi fazer a consulta?

— Não. O Dr. Bowman disse-me para ir. Disse que se fosse falso alarme poderíamos ir diretamente da casa dos Stanhope para o concerto. Disse que a residência dos Stanhope não era muito longe do Symphony Hall.

— Significando que era mais perto do que o Hospital Newton Memorial.

— Protesto — disse Randolph. — Falta de fundamento. A testemunha não disse nada sobre o Hospital Newton Memorial.

— Deferida — disse o juiz Davidson num tom de voz cansado. — O júri vai ignorar! Continue.

— Menina Rattner — entouou Tony, e lambeu os lábios como tinha o costume de fazer. — A caminho da residência dos Stanhope, o Dr. Bowman disse-lhe alguma coisa acerca da impressão de que a consulta domiciliária que estava prestes a efetuar seria um alarme falso?

— Protesto — disse Randolph. — Rumor.

— Indeferido — disse o juiz Davidson com um suspiro. — A testemunha limitar-se-á aos comentários feitos pelo Dr. Bowman e não dará qualquer opinião sobre o estado de espírito dele.

— Repito — disse Tony. — O Dr. Bowman disse-lhe alguma coisa sobre a sua opinião sobre o estado da Patience Stanhope? Leona ergueu os olhos para o juiz.

— Estou confusa. Ele está a perguntar, e o senhor diz-me para não responder.

— Eu não estou a dizer-lhe para não responder, minha querida — disse o juiz Davidson. — Estou a dizer-lhe para não tentar imaginar o que o Dr. Bowman estava a pensar. Ele poderá dizer-nos isso pessoalmente. O Dr. Fasano está a perguntar-lhe o que é que o Dr. Bowman disse especificamente sobre o estado da Patience.

— Está bem — disse Leona, compreendendo finalmente. — Ele disse que receava que a consulta fosse séria.

— Significando que a Patience Stanhope estava seriamente doente.

— Sim.

— Ele disse alguma coisa sobre o que sentia em relação a pacientes como a Patience Stanhope, os PPs,

ou pacientes problemáticos?

— Nessa noite enquanto estávamos no carro?

— Sim, nessa noite.

— Disse que ela era hipocondríaca, uma coisa que ele não suportava. Disse que, para ele, os hipocondríacos eram iguais aos que fingiam estar doentes. Lembro-me porque mais tarde fui procurar a palavra no dicionário.

— Procurar a palavra hipocondríaco no dicionário é muito louvável. Que é que a motivou?

— Ando a estudar para ser técnica laboratorial ou auxiliar de enfermagem. Tenho de aprender.

— O Dr. Bowman alguma vez lhe disse mais alguma coisa acerca dos sentimentos que nutria pela Patience Stanhope?

— Oh, sim! — disse Leona com uma gargalhada fingida para dar ênfase.

— Quer explicar ao júri quando é que isso aconteceu?

— Foi na tarde em que lhe entregaram a intimação. Estávamos no Sports Club/LA.

— E que é que ele disse exatamente?

— Pergunte antes o que é que não disse. Quero dizer, ele passou-se e disse coisas que vocês nem podem imaginar.

— Dê aos jurados uma idéia do que está a falar.

— Bem, é difícil lembrar-me da tirada inteira. Ele disse que a detestava porque ela deixava toda a gente doida, incluindo ela própria. Disse que o deixava doido porque a única coisa em que falava era nos seus movimentos intestinais e por vezes guardava as fezes para lhe mostrar. Também disse que o deixava doido porque nunca fazia nada do que ele dizia. Chamou-lhe hipocondríaca, uma porcaria de esposa e uma cabra do pior que o obrigava a segurar-lhe na mão e a ouvir as suas queixas. Disse que o seu falecimento era uma bênção para todos, incluindo ela própria.

— Uau! — disse ele, fingindo que estava a ouvir o testemunho pela primeira vez e que estava chocado.

— Então, calculo que, com base no que o Dr. Bowman disse, a menina ficou convencida de que ele estava contente com a morte da Patience Stanhope.

— Protesto — disse Randolph. — Capcioso.

— Deferido — disse o juiz Davidson. — Os jurados vão ignorar.

— Diga-nos o que pensou depois da tirada do Dr. Bowman.

— Pensei que ele estava contente por ela ter morrido.

— Ao ouvir tal tirada, como você própria a classifica, deve ter pensado que o Dr. Bowman estava verdadeiramente perturbado. Ele disse alguma coisa específica sobre ser processado, significando que o seu desempenho e a sua tomada de decisão seriam razoavelmente questionados num tribunal?

— Sim. Disse que era um ultraje que o filho da mãe do Jordan Stanhope estivesse a processá-lo pela perda da consorte quando não conseguia imaginar o Sr. Stanhope a fazer sexo ou a querer fazer sexo com aquela velha miserável.

— Obrigado, menina Rattner — disse Tony, recolhendo os papéis muito espalhados na superfície do pódio. — Não tenho mais perguntas.

Uma vez mais, Jack olhou de relance para Alexis. Desta vez, ela fitou-o.

— Bem — sussurrou ela filosoficamente — que é que o Craig pode esperar? Não há dúvida de que cavou a sua própria sepultura. O testemunho da Leona foi tão mau como eu tinha imaginado que seria. Esperemos que consigas descobrir alguma coisa na autópsia.

— Talvez o Randolph consiga fazer alguma coisa quando a interrogar. E não te esqueças de que o Randolph ainda não começou a apresentar o caso da defesa.

— Não estou esquecida. Estou simplesmente a ser realista e a colocar-me no lugar de um daqueles jurados. Não parece nada bom. As testemunhas estão a deixar convincentemente a imagem de que o Craig é uma pessoa completamente diferente do que ele é na realidade. Tem os seus defeitos, mas a forma como

se preocupa com os pacientes não é um deles.
— Infelizmente, acho que tens razão — disse Jack.

Newton, Massachusetts Quarta-feira, 7 de Junho de 2006 13:30

— Deixa-me ver a planta do piso outra vez — disse Renaldo para Manuel. Estavam sentados num Chevrolet Camaro preto estacionado numa rua lateral ladeada de árvores ao dobrar a esquina da residência dos Bowman. Usavam roupas de trabalho castanhas sem quaisquer marcas de identificação. No banco de trás via-se um estojo de lona semelhante aos usados por canalizadores para guardarem as ferramentas.

Manuel entregou a planta a Renaldo. As folhas enrugaram-se quando Renaldo as desenrolou. Renaldo estava sentado atrás do volante. Foi difícil esticar a folha o suficiente para olhar para o desenho.

— Aqui está a porta por onde vamos entrar — disse Renaldo, a apontar. — Estás orientado?

Manuel, que estava sentado no banco da frente, ao lado do condutor, debruçou-se sobre a folha, quase tocando no ombro de Renaldo pois o cimo da página estava longe dele.

— Porra, meu — queixou-se Renaldo. — Não é assim tão complicado.

— Já me orientei! — disse Manuel.

— O que temos de fazer é localizar as três miúdas depressa para que nenhuma delas tenha hipótese de alertar as outras. Sabes o que estou a dizer?

— Claro.

— Então, elas vão estar aqui na sala familiar/cozinha, provavelmente a ver televisão — disse Renaldo, a apontar para a zona na planta — ou então nos seus quartos. — Esforçou-se para chegar à segunda página. As plantas queriam voltar para o rolo apertado original. Acabou por atirar a primeira página para o banco de trás. — Aqui estão os quartos, ao longo das traseiras da casa — disse, quando conseguiu endireitar a segunda página. — E aqui são as escadas. Percebeste? Não queremos andar à procura e isto tem de acontecer rapidamente.

— Compreendo. Mas elas são três e nós somos apenas dois.

— Não vai ser difícil pregar-lhes um susto de morte. A única que pode dar problemas é a mais velha, mas se não conseguirmos fazer isto é porque estamos no negócio errado. O plano é amordaçá-las depressa. Quero dizer, mesmo depressa. Não quero ouvir gritos. Depois de as amordaçarmos é que começa a diversão. Está percebido?

— Está — disse Manuel. Endireitou-se.

— Tens a tua arma?

— É claro que tenho a minha arma. — Tirou uma pistola de calibre.38 com cano comprido do bolso.

— Por amor de Deus, guarda isso! — disse Renaldo bruscamente. Os seus olhos perscrutaram a área para se certificar de que não havia ninguém por perto. Estava tudo calmo. Todas as pessoas estavam a trabalhar. As casas muito espaçadas pareciam desertas.

— E a máscara e as luvas?

Manuel tirou-as do outro bolso.

— Muito bem — disse Renaldo. Olhou para o relógio. — Bom, é agora. Vamos ao trabalho!

Enquanto Manuel saía do carro, Renaldo esticou-se para o banco de trás e pegou no saco de lona. Juntou-se ao companheiro e dirigiram-se para o cruzamento, virando à direita. Não se apressaram e também não falaram. Devido à abóbada de folhas, a rua estava mergulhada na sombra ainda que todas as casas estivessem inundadas de sol. Uma senhora idosa passeava um cão ao longe, mas dirigia-se para o lado

oposto. Um carro aproximou-se e passou sem parar. O condutor ignorou-os. Ao ficarem defronte da propriedade dos Bowman, pararam por breves instantes e olharam para os dois lados da rua.

— Parece tudo bem — disse Renaldo. — Podemos avançar!

Mantendo um passo normal, atravessaram a entrada do relvado da frente dos Bowman. Pareciam dois trabalhadores numa missão legítima. Entraram na linha de árvores que separava as duas casas adjacentes e depressa chegaram à parte traseira dos edifícios. Ao observarem as traseiras da residência dos Bowman, viram a porta por onde pretendiam entrar. Estava a cerca de doze metros de distância, do outro lado de uma tira de relva cheia de sol.

— Bom — disse Renaldo. — Hora das máscaras e luvas.

Puseram rapidamente os artigos: máscaras em primeiro lugar, luvas a seguir. Entreolharam-se e acenaram.

Renaldo abriu o saco de lona. Queria ter a certeza de que tinha tudo. Entregou um rolo de fita adesiva a Manuel e este guardou-o no bolso.

— Vamos a isto!

Refletindo o seu profissionalismo, atravessaram o relvado e abriram a porta num abrir e fechar de olhos e praticamente sem ruído. Depois de entrarem, hesitaram e escutaram. Ouviram uma televisão com gargalhadas enlatadas na sala familiar. Renaldo levantou o polegar e fez sinal a Manuel para avançar. Com passos leves e sem ruído, passaram pelo escritório e percorreram o corredor central. Renaldo ia à frente. Parou junto ao arco que marcava a entrada da sala familiar. Lentamente, espreitou para o outro lado e teve uma visão cada vez mais ampla, primeiro da cozinha, mas logo em seguida da sala familiar. Quando viu as raparigas, recuou. Ergueu dois dedos, indicando que havia duas raparigas. Manuel acenou afirmativamente.

Renaldo usou então a mão para fazer um grande círculo no ar ao contrário dos ponteiros do relógio para sugerir que deviam ir pela cozinha e aproximarem-se do sofá diante da televisão por detrás. Manuel acenou afirmativamente. Renaldo brandiu o seu rolo de fita adesiva. Manuel pegou no dele.

Depois de pousar silenciosamente o saco de lona no chão, Renaldo preparou-se. Olhou para Manuel, que fez sinal de que estava pronto.

Movendo-se rapidamente, mas sem ruído, Renaldo seguiu o caminho que tinha delineado. As cabeças das raparigas viam-se acima das costas do sofá profusamente colorido. O volume da televisão, que parecia baixo quando o tinham ouvido pela primeira vez, não estava baixo, especialmente as sequências de gargalhadas. Renaldo e Manuel conseguiram avançar até estarem diretamente atrás das confiantes raparigas.

Renaldo acenou e cada um dos homens deu a volta à sua extremidade do sofá e atirou-se à rapariga que estava mais perto. Foram duros e decididos, agarrando as crianças pelo pescoço e pressionando os seus rostos nas almofadas macias do sofá. As duas meninas soltaram guinchos fracos em resposta ao ataque, mas os sons foram imediatamente abafados. Usando os dentes, os homens cortaram tiras de fita adesiva dos rolos e, mantendo-se em cima das meninas, prenderam-lhes as mãos atrás das costas. Quase simultaneamente, voltaram-nas para cima. Elas ofegaram, com os olhos muito abertos de terror. Renaldo levou o dedo aos lábios fechados para indicar que tinham de se manter em silêncio, mas não havia necessidade disso. As duas meninas estavam a fazer todos os possíveis para satisfazer a sua fome de ar e o susto tinha sido tão grande que as deixara quase paralisadas.

— Onde está a vossa irmã? — sibilou Renaldo através dos dentes cerrados.

Nenhuma das meninas falou e olharam para os captores com intensidade. Renaldo estalou os dedos para Manuel e apontou para Meghan, que tremia sob o seu aperto.

Manuel soltou Meghan o tempo suficiente para tirar um trapo quadrado do bolso e enfiar-lhe grosseiramente na boca. Ela tentou resistir torcendo a cabeça de um lado para o outro, mas não adiantou

nada. Manuel colou uma pequena tira de fita adesiva na face da menina, para segurar a mordança. Uma segunda tira de fita foi acrescentada rapidamente, obrigando Meghan a respirar ruidosamente pelo nariz. Ao ver o que tinha acontecido a Meghan, Christina esforçou-se rapidamente para ajudar.

— Ela está lá em cima, a tomar um duche — exclamou, sem fôlego.

Renaldo recompensou-a, amordaçando-a rapidamente da mesma forma que Manuel tinha amordaçado Meghan. Em seguida, os dois homens prenderam os pés das duas meninas antes de as levantarem e as colocarem costas com costas, prendendo-as uma à outra. Nessa altura, Renaldo deu-lhes um empurrão e elas caíram uma sobre a outra num monte estranho, as duas ainda a respirar com muita dificuldade.

— Fiquem aqui! — grunhiu Renaldo enquanto pegava no seu rolo de fita adesiva.

Movendo-se em silêncio mas rapidamente, Renaldo subiu as escadas. Ao chegar ao átrio do primeiro andar, ouviu o chuveiro. Era um som distante, suave e sibilante, e ele seguiu-o passando por vários quartos com as portas abertas. A terceira porta à direita abria-se para um quarto cuja desarrumação contrastava com todos os outros. Roupas, livros, sapatos e revistas estavam espalhadas pelo chão e em todas as superfícies horizontais. Uma tanga e um sutiã pretos estavam caídos na soleira de mármore da casa de banho. De dentro da casa de banho saíam nuvens de vapor que enchiam o quarto.

Com crescente expectativa, Renaldo atravessou rapidamente o quarto, tendo cuidado para não tocar nas coisas caídas. Espreitou para o interior da casa de banho, mas era quase impossível ver alguma coisa através do nevoeiro denso. O espelho estava completamente embaciado.

A casa de banho era pequena. Tinha um lavatório embutido numa bancada, uma sanita e uma banheira rebaixada que também servia de duche.

Uma cortina branca opaca com cavalos marinhos pretos estava pendurada num suporte prateado e mexia-se devido às forças da água e do vapor ascendente, bem como com o contato ocasional da ocupante do chuveiro.

Renaldo refletiu brevemente sobre qual seria a melhor forma de lidar com a situação. Com as outras raparigas já presas, no fundo não havia problema nenhum. Na verdade, saber que a rapariga estava nua excitava-o, e isso também tinha de ser tomado em linha de conta. Esticou o braço com o rolo de fita adesiva e pousou-o na ponta da bancada do lavatório. Não pôde deixar de sorrir ao pensar que estava a ser pago para fazer uma coisa que talvez pagasse para fazer. Sabia que a miúda que estava no duche tinha quinze anos muito bem desenvolvidos, com umas mamas que valiam bem um olhar mais atento.

Depois de pensar em algumas alternativas diferentes, incluindo esperar que a rapariga terminasse e saísse do duche sozinha, Renaldo limitou-se a agarrar na cortina da banheira e puxá-la para trás. Era um varão de tensão e a força do puxão fez com que todo o suporte se soltasse da parede e caísse no chão.

No momento do desaparecimento do varão e da cortina, Tracy estava de costas para o chuveiro com a cabeça sob a torrente, a passar energicamente as grossas madeixas de cabelo por água. Não tinha ouvido o estrépito, mas devia ter sentido a entrada de ar significativamente mais frio porque saiu de debaixo do jato de água e abriu os olhos. Logo que avistou o intruso com uma máscara de esqui a tapar-lhe o rosto, gritou.

Renaldo avançou, agarrou uma mão cheia de cabelos molhados e puxou Tracy para fora da banheira. Os pés da adolescente tropeçaram no rebordo e ela caiu de cabeça no chão. Renaldo soltou-lhe os cabelos e pousou um joelho no fundo das costas da rapariga enquanto procurava os seus pulsos agitados. Usando uma força decisiva, puxou-lhe as mãos para as costas, tirou a fita adesiva da bancada do lavatório e, tal como tinha feito no andar de baixo, usou os dentes para arrancar uma tira de fita do rolo. Com movimentos rápidos, enrolou a fita adesiva em volta dos pulsos de Tracy. No espaço de poucos segundos, ela tinha as mãos firmemente amarradas.

Durante este procedimento, Tracy não parara de gritar, mas o som era abafado pelo ruído do chuveiro. Renaldo voltou-a para cima. Tirou um trapo quadrado do bolso, amachucou-o numa bola e começou a enfiar-lho na boca. Tracy era bastante mais forte do que Christina e conseguiu resistir até Renaldo se

sentar em cima dela e usar os joelhos para lhe prender a cabeça. Mesmo assim, ela conseguiu morder-lhe o dedo, o que o enfureceu.

— Puta! — gritou. Bateu-lhe com força, rebentando-lhe o lábio. Ela continuou a resistir, mas ele conseguiu enfiar-lhe a mordaca na boca e colar diversas tiras de fita adesiva para a manter no lugar. Em seguida, levantou-se e contemplou a aterrorizada adolescente.

— Nada má — comentou Renaldo enquanto observava o corpo jovem de Tracy e o piercing no umbigo. Os seus olhos detiveram-se na pequena tatuagem de uma cobra logo a norte do monte púbico. — Já depilas a rata e tens uma tatuagem. Será que a mamã e o papá sabem disso? Não estás um pouco avançada de mais para a tua idade, miúda?

Renaldo baixou-se, segurou Tracy debaixo do braço com uma mão e puxou-a sem cerimónias para ela ficar de pé. Ela reagiu correndo para fora da casa de banho, num movimento que apanhou Renaldo desprevenido. Ele viu-se obrigado a correr para apanhá-la antes de ela conseguir sair do quarto.

— Mais devagar, mana — disse Renaldo, furioso, voltando-a para ela olhar para ele. — Se fores esperta e colaborares, não te acontecerá mal nenhum. Se não, garanto que vais lamentar muito. Percebes?

Tracy olhou desafiadoramente para o seu atacante, com olhos ferozes.

— És uma menina refilona, não és? — perguntou Renaldo ironicamente. Olhou de relance para os seios da rapariga e achou-os muito mais impressionantes agora que ela estava levantada. — E também és sensual. Quantas cobras é que já entraram nessa tua toca? Aposto que muitas mais do que os teus pais pensam, não? — Acenou com a cabeça com um ar de entendido.

Tracy continuou a olhar furiosamente para Renaldo, com o peito a subir e a descer devido à subida de adrenalina.

— Deixa-me dizer-te o que vai acontecer aqui. Tu e eu vamos descer para a sala familiar para uma reunião de família com as tuas irmãs. Vamos juntar-vos todas para serem uma grande família unida. Depois, vou dizer-vos algumas coisas que quero que transmitam aos vossos pais. E a seguir vamos embora. Parece-te um bom plano?

Com um empurrão, Renaldo conduziu Tracy para o corredor. Ainda estava a segurar-lhe o braço logo abaixo do cotovelo. Quando chegaram as escadas, obrigou-a a descer.

Na sala familiar, Manuel estava obedientemente parado junto a Meghan e Christina. As lágrimas e os estremecimentos intermitentes do tronco mostravam que Meghan chorava em silêncio. Christina continuava com os olhos esbugalhados de terror.

— Bom trabalho — disse Manuel quando uma Tracy nua foi levada para o sofá. Tal como Renaldo, também ele não conseguia deixar de olhar para o corpo da adolescente.

— Senta as duas viradas para cada ponta do sofá — ordenou Renaldo.

Manuel puxou as duas pré-adolescentes e rodou-as como Renaldo tinha mandado. Renaldo mandou Tracy sentar-se na ponta do sofá de costas para as irmãs. Depois de ela se sentar, enrolou fita adesiva em volta das três. Quando terminou, endireitou-se e verificou o seu trabalho. Satisfeito, entregou o rolo de fita adesiva a Manuel e mandou-o juntar todo o material.

— Escutem, queridas — disse Renaldo para as raparigas, mas principalmente para Tracy, com quem estabeleceu contato visual direto. — Queremos que transmitam uma mensagem aos vossos pais. Mas primeiro deixem-me perguntar-vos uma coisa. Sabem o que é uma autópsia? Se souberem, basta acenarem com a cabeça!

Tracy não se mexeu. Nem sequer pestanejou. Renaldo esbofeteou-a de novo, abrindo-lhe mais o lábio rasgado. Um fio de sangue escorreu pelo queixo da rapariga.

— Não vou perguntar novamente. Acenem ou abanem a cabeça! O que for apropriado.

Tracy acenou rapidamente.

— Bom! — disse Renaldo. — Aqui está a mensagem para a mamã e para o papá. Esqueçam a autópsia! Percebeste? Esqueçam a autópsia! Acena com a cabeça se percebeste o que eu disse.

Tracy acenou obedientemente.

— Muito bem. A mensagem principal é esta: esqueçam a autópsia. Eu podia escrever, mas, dadas as circunstâncias, não me parece sensato. Digam-lhes que se não ligarem a este aviso voltaremos a visitá-las, crianças, e não vai ser bonito. Percebem o que estou a dizer? Vai ser mau, não como desta vez, porque isto é apenas um aviso. Pode não ser amanhã nem na próxima semana, mas um dia viremos. Agora, quero saber se compreenderam a mensagem. Acenem com a cabeça se perceberam.

Tracy acenou afirmativamente. Alguma da impetuosidade tinha desaparecido dos seus olhos.

— E a última parte da mensagem é tão simples como a primeira. Digam aos vossos pais para não envolverem a polícia neste assunto. Isto vai ficar apenas entre nós e os vossos pais. Se eles forem à polícia, eu terei de voltar a visitar-vos algures, numa altura qualquer. É bastante óbvio. Estamos na mesma onda em relação a tudo isto?

Tracy acenou de novo. Era agora óbvio que estava tão aterrorizada como as irmãs mais novas.

— Bestial — disse Renaldo. Depois, com a mão enluvada beliscou um dos mamilos de Tracy. — Belas mamas. Diz aos teus pais para não me obrigarem a voltar.

Renaldo olhou rapidamente para o aposento e fez sinal a Manuel. Saíram tão depressa como tinham entrado, pegando no saco de lona e tirando as máscaras e as luvas. Fecharam a porta depois de sair e seguiram o mesmo caminho para a estrada. Enquanto se dirigiam para o carro passaram por dois miúdos de bicicleta, mas não ficaram nada preocupados. Eram apenas dois faz-tudo que voltavam de um trabalho qualquer. De novo no carro, Renaldo olhou para o relógio. A operação tinha demorado menos de vinte minutos, o que não era nada mau, por mil dólares.

Boston, Massachusetts Quarta-feira, 7 de Junho de 2006 15.50

Randolph demorou mais tempo do que era habitual para se levantar da mesa da defesa, organizar os apontamentos e colocar-se atrás do pódio. Mesmo quando estava ostensivamente preparado, olhou para Leona Rattner durante tempo suficiente para esta desviar o olhar por breves instantes. Randolph podia ser intimidante com a sua aura poderosa e paternal.

— Menina Rattner — disse Randolph na sua voz refinada. — Como é que descreveria o seu estilo de vestuário no consultório?

Leona riu-se, insegura.

— Acho que é normal. Porquê?

— Rotularia a roupa que veste neste momento como conservadora ou discreta?

— Nunca pensei nisso.

— Alguma vez Marlene Richardt, que é a chefe do consultório, sugeriu que as suas roupas eram inadequadas?

Por instantes, Leona pareceu uma raposa apanhada no galinheiro. Os seus olhos dispararam de Tony para o juiz e depois novamente para Randolph.

— Ela disse alguma coisa em relação a isso.

— Quantas vezes?

— Como é que quer que eu saiba? Algumas vezes.

— Ela usou termos como "sensual" ou "provocante"?

— Suponho que sim.

— Menina Rattner, declarou que o Dr. Bowman andava a "galá-la" há cerca de um ano.

— Correto.

— Acha que isso poderá estar relacionado com as roupas que usa?

— Como é que quer que eu saiba?

— A menina afirmou que no começo ficou embaraçada porque ele era casado.

— É verdade.

— Mas há um ano o Dr. Bowman estava oficialmente separado da mulher. Havia problemas no seu casamento que estavam a ser resolvidos. Isso não era do conhecimento geral no consultório?

— Talvez fosse.

— Será que era a menina que andava a galar o Dr. Bowman e não o contrário?

— Talvez subconscientemente. Ele é um tipo bem parecido.

— Alguma vez lhe passou pela cabeça que o Dr. Bowman podia ser susceptível a roupas provocantes, tendo em conta que vivia sozinho?

— Nunca pensei nisso.

— Menina Rattner, a menina declarou que no dia 8 de Setembro de 2005 estava a viver no apartamento do Dr. Bowman.

— Estava.

— Como é que isso aconteceu? O Dr. Bowman convidou-a para se mudar lá para casa?

— Não foi bem assim.

— A sua mudança alguma vez foi debatida numa conversa para poderem ser discutidas as vantagens e

desvantagens?

— Nem por isso.

— A realidade foi que a menina decidiu mudar-se para lá de moto próprio. Estou correto?

— Bem, eu ficava lá todas as noites. Para quê pagar renda em dois apartamentos?

— Não respondeu à minha pergunta. Mudou-se para o apartamento do Dr. Bowman sem discutir o assunto com ele. Correto?

— Ele também não se queixou — retorquiu Leona. — Podia fazer todas as noites.

— A questão é se se mudou de moto próprio.

— Sim, mudei-me de moto próprio — cuspiu Leona. — E ele adorou.

— Veremos isso quando o Dr. Bowman testemunhar — disse Randolph, consultando os seus apontamentos. — Menina Rattner, na noite de 8 de Setembro de 2005, quando o Dr. Bowman recebeu o telefonema do Sr. Jordan Stanhope sobre a mulher, Patience, alguma vez ele se referiu ao Hospital Newton Memorial?

— Não, não referiu.

— Não disse que seria preferível ir à residência dos Stanhope do que ao hospital, porque a residência dos Stanhope ficava mais perto do Symphony Hall.

— Não. Não disse nada sobre o hospital.

— Quando a menina e o Dr. Bowman chegaram à residência dos Stanhope, a menina ficou no carro?

— Não. O Dr. Bowman quis que eu entrasse para o ajudar.

— Sei que levava a máquina portátil de eletrocardiogramas.

— Sim.

— E quando chegaram ao quarto da Sr.a Stanhope, que é que aconteceu?

— O Dr. Bowman começou a tratar a Sr.a Stanhope.

— Nessa altura, ele mostrou-se preocupado?

— É claro que sim. Mandou o Sr. Stanhope chamar uma ambulância imediatamente.

— Sei que teve de fazer ventilação assistida à paciente enquanto ele fazia o que tinha a fazer.

— Sim. Ele ensinou-me como devia fazer.

— O Dr. Bowman estava preocupado com o estado da paciente?

— Muito preocupado. A paciente estava muito azul e as suas pupilas estavam grandes e sem reação.

— Segundo sei, a ambulância chegou depressa para levar a Sra. Stanhope para o hospital. Como é que a menina e o Dr. Bowman chegaram ao hospital?

— Eu conduzi o carro dele. O Dr. Bowman foi na ambulância.

— Por que é que ele foi na ambulância?

— Disse que se ela tivesse problemas queria estar presente.

— Só voltou a vê-lo muito mais tarde, depois de a Sra. Stanhope morrer. Estou certo?

— Sim. Foi na sala das urgências. Ele estava todo salpicado de sangue.

— Ele ficou desencorajado por a paciente ter morrido?

— Estava bastante em baixo.

— Então o Dr. Bowman esforçou-se ao máximo para salvar a sua paciente.

— Sim.

— E ficou abatido quando todos os seus esforços foram mal sucedidos.

— Acho que diria que ele ficou deprimido, mas não falou sobre o assunto. De fato, acabamos por ter uma sexta-feira muito boa no apartamento.

— Menina Rattner, deixe-me fazer-lhe uma pergunta pessoal. A menina parece-me uma jovem cheia de garra. Alguma vez disse coisas que não queria quando está zangada, talvez exagerando os seus sentimentos?

— Toda a gente faz isso — respondeu Leona com uma pequena gargalhada.

— Na noite em que o Dr. Bowman recebeu a intimação, ficou perturbado?

— Muito perturbado. Eu nunca o tinha visto tão perturbado.

— E zangado?

— Muito zangado.

— Naquelas circunstâncias, acredita que é possível que quando ele, passo a citar, "se passou" e fez comentários inadequados sobre a Patience Stanhope, estivesse simplesmente a falar da boca para fora, especialmente tendo em conta os esforços que tinha feito para reanimá-la naquela fatídica noite e as visitas semanais que lhe tinha feito ao longo do ano que antecedeu a sua morte?

Randolph fez uma pausa, à espera que Leona respondesse.

— A testemunha vai responder à pergunta — disse o juiz Davidson após um período de silêncio.

— Era uma pergunta? — disse Leona, aparentemente espantada. — Não percebi.

— Repita a pergunta — disse o juiz Davidson.

— O que estou a sugerir é que os comentários do Dr. Bowman sobre Patience Stanhope na noite em que lhe foi entregue a intimação foram um reflexo da sua agitação, ao passo que os seus verdadeiros sentimentos em relação à paciente foram muito bem demonstrados no seu empenho dedicado para consultá-la semanalmente em casa durante quase um ano e ao fazer tudo o que estava ao seu alcance para reanimá-la na noite em que ela faleceu. Estou a perguntar-lhe, Menina Rattner, se isto lhe parece plausível.

— Talvez. Não sei. Talvez seja melhor perguntar-lhe a ele.

— Acho que vou fazer isso — disse Randolph. — Mas primeiro quero perguntar-lhe se continua a viver no apartamento que o Dr. Bowman arrendou em Boston.

Jack inclinou-se para Alexis e sussurrou:

— O Randolph está a conseguir fazer perguntas e declarações que deveriam ter suscitado protestos veementes de Tony Fasano. O Fasano foi sempre rápido no gatilho até agora. Que será que está a acontecer?

— Talvez tenha alguma coisa a ver com aquela conversa em voz baixa que o juiz teve com os advogados no começo do depoimento de Leona. Para haver igualdade, são precisas cedências de ambas as partes.

— Está bem visto — concordou Jack. — Seja qual for a razão, Randolph está a aproveitar ao máximo. Jack escutou o interrogatório inteligente que Randolph estava a fazer a Leona sobre os sentimentos dela desde que a investigação do processo começara e Craig voltara a viver com a família. Jack sabia exatamente o que Randolph estava a fazer; estava a preparar o terreno para uma defesa de "amor desprezado", em que o testemunho anterior seria tornado suspeito por ter sido motivado por rancor.

Jack inclinou-se para Alexis e sussurrou:

— Deixa-me fazer-te uma pergunta e responde com honestidade. Importas-te que me vá embora? Gostava de fazer um pouco de exercício físico. Mas, se quiseses que eu fique, eu fico. Tenho a sensação de que o pior já passou. Daqui em diante, ela só vai dar uma má imagem de si própria.

— Por favor! — disse Alexis com sinceridade. — Vai fazer um pouco de exercício! Agradeço que tenhas estado aqui, mas já estou bem. Vai divertir-te. O juiz vai acabar a sessão daqui a pouco. Faz sempre isso por volta das quatro horas.

— Tens a certeza de que estás bem? — perguntou Jack.

— Absolutamente — insistiu Alexis. — Vou comer cedo com as miúdas, mas guardo alguma coisa para comeres mais tarde. Não te apresses, mas tem cuidado, o Craig magoa-se sempre quando joga. Tens a tua chave?

— Tenho a chave — disse Jack.

Envolveu a irmã num abraço rápido. Levantou-se e foi pedindo licença às pessoas que estavam na fila até sair para o corredor. Quando chegou, olhou de relance para o lugar que Franco ocupava sempre. Mas ficou surpreendido. O homem não estava no lugar do costume. Embora não parasse, Jack perscrutou os

espectadores para ver se encontrava a silhueta rufia que já conhecia bem. Ao chegar à porta, voltou-se e observou rapidamente os espectadores uma vez mais. Franco não estava visível em parte alguma. Usando as costas para empurrar a alavanca da porta, Jack saiu da sala de audiências. Não ver Franco no seu lugar habitual deixou-o pensativo. Ocorreu-lhe a perspectiva de encontrar o homem num lugar difícil com saídas limitadas, como o parque de estacionamento subterrâneo. Embora alguns anos antes nem tivesse pensado duas vezes no assunto, agora que ia casar dali a dois dias não estava tão despreocupado, pois tinha mais alguém em quem pensar para além de si próprio. Tinha de ter cuidado, e ter cuidado significava estar preparado. A ideia de comprar um spray de gás-pimenta tinha-lhe ocorrido no dia anterior, mas não concretizara a sua intenção. Decidiu mudar isso.

O átrio dos elevadores do segundo andar estava cheio de pessoas. As portas de uma das quatro salas de audiências estavam abertas e as pessoas saíam naquele momento. Um julgamento estava no intervalo. Viam-se grupos de pessoas a conversar; outras dirigiam-se apressadamente para os elevadores e tentavam adivinhar qual dos oito elevadores chegaria primeiro.

Jack juntou-se ao grupo e deu por si a olhar em volta cautelosamente e a perguntar a si mesmo se iria encontrar Franco. Jack duvidava que houvesse algum problema no edifício do tribunal. Estava preocupado com o que poderia acontecer lá fora.

No controlo de segurança à entrada, parou para perguntar a um dos guardas uniformizados se sabia da existência de alguma drogaria ali perto. Foi-lhe dito que havia uma ao fundo de uma rua chamada Charles Street, que atravessava o bairro de Beacon Hill.

Garantiram a Jack que não teria dificuldade em encontrar a rua, especialmente porque também atravessava o parque, o que queria dizer que era a rua que Jack teria usado para ir para o parque de estacionamento onde o carro alugado estava à sua espera. Armado com aquela informação e com o conselho de que devia seguir pelo labirinto de Beacon Hill, Jack saiu do tribunal.

Procurou de novo sinais de Franco, mas não o viu em parte alguma e riu-se da sua paranóia. Como lhe tinham dito que ficava do outro lado da entrada do tribunal, Jack deu a volta ao edifício. As ruas eram estreitas e sinuosas, nada parecidas com a quadrícula a que se tinha acostumado em Nova Iorque. Seguindo o seu faro, chegou a Derne Street, que, misteriosamente, se tornou Myrtle. A maior parte dos edifícios eram casas de tijolo de três andares, modestas e estreitas. Para sua surpresa, viu de repente um encantador parque infantil cheio de crianças e mães. Passou pelo Beacon Hill Plumbling, onde um amigoso labrador cor de chocolate fazia um fraco trabalho a guardar a entrada. Quando chegou ao cimo da colina e começou a descer, Jack perguntou a um transeunte se ia na direção certa para Charles Street. Foi-lhe dito que sim, mas aconselhado a virar à esquerda na próxima esquina, onde havia uma pequena mercearia, e depois a virar à direita para Pinkney Street.

À medida que a rua se foi tornando mais íngreme, percebeu que Beacon Hill não era apenas um nome, mas uma verdadeira colina. As casas tornaram-se maiores e mais elegantes, embora continuassem simples. À sua esquerda, passou por uma praça cheia de sol com uma sólida vedação de ferro forjado a rodear uma fila de olmos com cem anos e uma tira de relva. Alguns quarteirões mais adiante, chegou a Charles Street.

Em comparação com as ruas estreitas por onde tinha vindo, Charles Street era uma grande avenida. Mesmo com estacionamento paralelo dos dois lados, havia espaço para três faixas de rodagem. Havia uma grande variedade de pequenas lojas de ambos os lados da rua. Depois de parar um dos muitos transeuntes e perguntar-lhe se sabia onde poderia encontrar uma drogaria, foi-lhe recomendada uma.

Quando entrou na loja, perguntou a si mesmo se seria realmente necessário comprar o spray de gás-pimenta. Longe do tribunal e do processo de Craig, a ameaça de Franco parecia-lhe uma possibilidade remota. Mas tinha vindo até ali, por isso comprou o spray de gás-pimenta ao lojista de queixo quadrado que, por coincidência, se chamava Jack. Jack soube isso por acaso, quando outro empregado o chamou.

Recusou a oferta de um pequeno saco e guardou o spray de gás-pimenta no bolso direito do casaco.

Como tinha feito o esforço para comprar a embalagem estreita, queria mantê-la à mão. Com aquela arma, Jack subiu o resto de Charles Street até ao Boston Common e foi buscar o Hyundai.

Quando penetrou na garagem subterrânea escura, desagradavelmente úmida, fria e deserta, Jack ficou contente por ter o spray de gás-pimenta. Era precisamente numa circunstância daquelas que não gostaria de encontrar Franco. Porém, já no seu carro e a caminho da cabina de pagamento, riu-se uma vez mais da paranóia e perguntou a si mesmo se seria uma questão de culpa despropositada. Pensando bem, sabia que não devia ter dado uma joelhada ao homem na entrada da residência dos Stanhope, ainda que não conseguisse deixar de pensar que, se não tivesse feito aquilo, a situação podia ter-se descontrolado rapidamente, tendo em conta que Franco estava armado.

Quando saiu das profundezas sombrias da garagem para a forte luminosidade do sol, tomou a decisão consciente de parar de pensar em Franco. Em vez disso, encostou junto ao passeio e consultou o mapa da cidade que Alexis lhe tinha dado. Enquanto o fazia, sentiu o coração a bater mais depressa perante a perspectiva de um bom jogo de basquetebol.

Procurou a Memorial Drive e descobriu rapidamente o seu objetivo ao longo da bacia do rio Charles. Infelizmente, era em Cambridge, do outro lado do rio. A julgar pela sua experiência de condução em Boston, calculou que chegar lá se pudesse tornar difícil, uma vez que havia poucas pontes. As suas preocupações eram bem fundadas, e em breve ele viu-se enredado na confusão das proibições de voltar à esquerda, estradas de um sentido, a irregularidade das indicações de direcção e os agressivos condutores locais.

Apesar das dificuldades, lá conseguiu chegar a Memorial Drive e depois encontrou rapidamente os campos de basquetebol ao ar livre que David Thomas, o amigo de Warren, tinha descrito. Estacionou numa pequena rua lateral, saiu e abriu o porta-bagagens do carro. Desviou os artigos para a autópsia que lhe tinham sido fornecidos por Latasha, tirou o equipamento de basquetebol e procurou um sítio para mudar de roupa. Como não viu nenhum, entrou novamente no carro e, como se fosse um contorcionista, conseguiu despir a roupa e vestir os calções sem ofender ninguém na multidão de ciclistas, patinadores e corredores que se exercitavam junto às margens do rio Charles.

Após certificar-se de que o carro estava trancado, Jack correu para os campos de basquetebol. Havia cerca de quinze homens, todos com mais de vinte anos. Com quarenta e seis, Jack presumiu que seria um jogador sênior. O jogo ainda não tinha começado. Estavam todos a encestar ou a exhibir-se e os habituais diziam os habituais disparates de campo de jogos.

Acostumado à complicada etiqueta do campo, graças aos muitos anos de experiência num ambiente semelhante em Nova Iorque, Jack agiu descontraidamente. Começou simplesmente por ir aos ressaltos e passar as bolas aos que estavam a treinar os cestos. Só mais tarde é que começou a encestar e, como esperava, a sua precisão chamou a atenção de alguns jogadores, ainda que nada fosse dito. Passados quinze minutos, já descontraído, Jack perguntou casualmente por David Thomas. A pessoa a quem tinha perguntado não respondeu, limitando-se a apontar.

Jack aproximou-se do homem, que era um dos mais vociferadores. Como Jack tinha imaginado, era afro-americano, à beira dos quarenta anos, ligeiramente mais alto do que ele próprio, e mais pesado. Tinha barba. Na verdade, tinha mais pelos no rosto do que cabelos no alto da cabeça. Mas a característica mais marcante era o brilho dos olhos; o homem tinha uma gargalhada fácil. Era evidente que gostava da vida. Quando Jack se aproximou e se apresentou, David estendeu calorosamente os braços para Jack, abraçou-o e depois apertou-lhe a mão.

— Qualquer amigo do Warren Wilson é meu amigo — disse David, entusiasmado. — E o Warren diz que tu és um ótimo jogador. Hei, ficas comigo, está bem?

— Claro! — disse Jack — Hei, Aesop! — gritou David para outro jogador. — Esta não é a tua noite, meu. Não vais jogar conosco. Quem vai jogar é o Jack! — David bateu nas costas de Jack e depois acrescentou, como um aparte: — Aquele miúdo tem sempre uma história. É por isso que lhe chamamos

Aesop!

O jogo foi fantástico: tão bom como os que Jack jogava em Nova Iorque. Apercebeu-se muito rapidamente de que tinha tido sorte ao ser incluído na equipa escolhida por David. Ainda que os jogos fossem todos renhidos, a equipa de David triunfou continuamente, o que significou que para Jack o jogo foi contínuo. Durante mais de duas horas, ele, David e os outros três jogadores que David tinha selecionado para o jogo da noite não perderam. Quando acabou, Jack estava exausto. Na linha lateral, olhou para o relógio. Já passava das sete horas.

— Voltas amanhã à noite? — perguntou David quando ele estava a arrumar as coisas.

— Não posso garantir — respondeu Jack.

— Eu vou estar aqui.

— Obrigado por me deixares jogar contigo.

— Hei, meu. Tu mereceste.

Jack saiu do campo vedado e fechado a cadeado com as pernas ligeiramente bambas. Embora estivesse encharcado em suor no fim do jogo, a brisa seca e quente que soprava do rio já se encarregara de lhe secar o equipamento. Jack caminhou lentamente. O exercício físico tinha-lhe feito um bem enorme. Durante várias horas, não tinha pensado em nada para além das necessidades imediatas do jogo, mas agora a realidade voltava a instalar-se. Não lhe apetecia nada conversar com Laurie. O dia seguinte seria quinta-feira e ele nem sequer sabia a que horas poderia começar a autópsia, muito menos quando a terminaria e poderia apanhar o avião para Nova Iorque. Sabia que ela ia ficar compreensivelmente aborrecida, e não sabia o que dizer-lhe.

Jack chegou ao pequeno carro bege, destrancou a porta e começou a abri-la. Para sua surpresa, uma mão surgiu por cima do seu ombro e fechou-a com violência. Jack virou-se e deu por si a olhar para os olhos encovados e para o rosto não muito bonito de Franco. A primeira coisa que lhe passou pela cabeça foi que o maldito spray de gás-pimenta que lhe tinha custado dez dólares e noventa e cinco cêntimos estava no bolso do casaco, dentro do carro.

— Temos um assunto para acabar de resolver — rosnou Franco.

Jack estava suficientemente próximo de Franco para quase ser derrubado pelo seu forte hálito a alho.

— Correção — disse Jack, a tentar inclinar-se para trás. Franco estava a encurralá-lo contra o carro. — Acho que nunca tivemos assuntos em comum, por isso não pode estar nenhum por resolver. Jack reparou que atrás de Franco e um pouco de lado havia outro homem que também estava envolvido na confrontação.

— Espertalhão — balbuciou Franco. — O que há entre nós diz respeito a tu me dares um pontapé à traição nos tomates.

— Não foi à traição porque tu batestes-me primeiro.

— Agarra-o, António! — ordenou Franco enquanto recuava um passo.

Jack reagiu, tentando fugir entre Franco e o carro. Com as sapatilhas calçadas, pensou que poderia escapar facilmente dos dois brutamontes, apesar de estar cansado do jogo. Mas Franco precipitou-se para a frente e conseguiu agarrar um bocado da camisola de Jack com a mão direita e puxou-o com força enquanto lhe desferia um murro com o punho esquerdo. António agarrou um dos braços de Jack e tentou agarrar o outro para lhos prender atrás das costas. Entretanto, Franco puxou a mão direita atrás para desferir um murro potente.

No entanto o murro nunca acertou no alvo. Em vez disso, um cano curto abateu-se sobre o ombro de Franco, arrancando-lhe um grito de surpresa e dor. O braço direito caiu sem energia ao longo do corpo enquanto a mão direita voava para o ombro magoado, e ele curvou-se.

O cano estava apontado para António.

— Solta-o, meu! — disse David.

Mais de uma dúzia de jogadores de basquetebol tinham-se materializado num U ameaçador à volta de

Jack, Franco e Antônio. Vários deles tinham aros de ferro; um deles tinha um bastão de basebol. Antônio soltou Jack e olhou raivosamente para os recém-chegados.

— Parece-me que vocês não são aqui do bairro — comentou David num tom de voz que já não era truculento. — Aesop, desarma-os!

Aesop deu um passo em frente e tirou rapidamente a arma a Antônio. Franco não resistiu. O segundo rufião não estava armado.

— Agora, recomendo-vos que desapareçam deste bairro — disse David, tirando a arma da mão de Aesop.

— Isto ainda não acabou — murmurou Franco para Jack, quando ele e Antônio afastaram-se. Os jogadores de basquetebol afastaram-se para os deixar passar.

— O Warren avisou-me a teu respeito — disse Franco para Jack. — Disse que tu tinhas tendência para te meter em sarilhos e que já te tinha safado em mais do que uma ocasião. Tens sorte por termos visto estes brancos a rondar enquanto estávamos a jogar. Que é que se passa?

— Apenas um mal entendido — respondeu Jack, evasivo. Levou o dedo ao lábio. Havia um pouco de sangue.

— Se precisares de alguma ajuda, é só dizeres-me. Agora, é melhor arranjares gelo para pôr nesse lábio inchado. Queres ficar com esta arma? Talvez precises dela se aquele idiota aparecer à tua porta.

Jack declinou a pistola e agradeceu a David e aos outros antes de entrar no carro. A primeira coisa que fez foi tirar o spray de gás-pimenta do bolso do casaco. Em seguida, observou-se no espelho retrovisor. O lado direito do lábio superior estava inchado e tinha uma mancha azulada. Um fio de sangue seco escorria pelo queixo.

— Santo Deus — murmurou. Warren tinha razão, ele tinha realmente tendência para se envolver em circunstâncias comprometedoras. Limpou o sangue o melhor possível com a ponta da camisola.

Enquanto voltava para a casa dos Bowman, Jack pensou dizer que se tinha magoado a jogar basquetebol. As nódoas negras não eram raras nos tipos de jogos que fazia e sabia por experiência própria que o basquetebol era um desporto de contato. O problema é que Craig e Alexis estariam desanimados depois da sessão daquele dia e não queria preocupá-los mais ainda. Tinha receio de que eles se sentissem inapropriadamente responsáveis.

O mais silenciosamente possível, usou a chave que Alexis lhe tinha dado para entrar pela porta principal. Trazia as roupas e os sapatos nos braços. O seu objetivo era esgueirar-se para o andar de baixo e tomar uma ducha rápido antes de encontrar fosse quem fosse. Estava ansioso para pôr gelo no lábio, mas já tinha passado tanto tempo desde que a ferida fora feita que mais quinze minutos não fariam grande diferença. Fechou a porta sem fazer barulho, mas parou com a mão no puxador. O seu sexto sentido estava a incomodá-lo; a casa estava demasiado calma. Todas as outras vezes que entrara havia ruídos de fundo: um rádio, um telemóvel a tocar, conversa de crianças ou a televisão. Agora, não havia nada e o silêncio era agoirente. Como vira o Lexus na entrada, estava razoavelmente certo de que pelo menos os pais estariam em casa. A sua preocupação imediata foi que alguma coisa tivesse corrido mal no julgamento.

Com as roupas apertadas contra o peito, Jack avançou rápida e silenciosamente pelo corredor até ao arco que dava acesso à sala grande. Inclinou-se na abertura, à espera que a sala estivesse vazia. Para sua surpresa, a família estava toda no sofá, com os pais nas duas extremidades. Pareciam estar a ver televisão, mas o aparelho estava desligado.

Daquele ponto vantajoso, Jack não via os rostos. Por instantes, deixou-se ficar imóvel, a observar e a escutar. Ninguém se mexeu ou falou. Confuso, entrou na sala e aproximou-se. Quando chegou a cerca de três metros do grupo, chamou o nome de Alexis em voz baixa. Não queria perturbá-los se fosse algum momento familiar, mas também não conseguia afastar-se.

As cabeças de Craig e Alexis viraram-se como se tivessem sido impelidas por uma mola. Craig olhou

para Jack com uma expressão furiosa. Alexis levantou-se. Tinha o rosto tenso e os olhos encarnados. Alguma coisa estava errada. Alguma coisa estava muito errada.

Newton, Massachusetts Quarta-feira, 7 de Junho de 2006 19:48

— E foi isso — disse Alexis.

Tinha contado a Jack a história sobre como ela e Craig tinham chegado a casa após o fim da sessão do julgamento para encontrarem as filhas aterrorizadas, amarradas e amordaçadas com fita adesiva. Tinha falado lenta e deliberadamente. Craig vociferara alguns pormenores sórdidos, como o fato de Tracy ter sido arrastada do duche completamente nua e rudemente agredida.

Jack ficou sem fala. Estava sentado na mesa de apoio, voltado para a irmã e para a família dela. A medida que a história ia sendo contada, os seus olhos saltaram de Alexis, que estava ansiosa, com medo e preocupada, para Craig, que estava fora de si de fúria, e para três crianças que estavam chocadas e claramente traumatizadas. As três crianças estavam sentadas em silêncio e imóveis. Tracy tinha as pernas aconchegadas debaixo do corpo e os braços cruzados no peito. Vestia roupas de desporto grandes demais e tinha os cabelos encaracolados. Não tinha o umbigo à mostra. Christina e Meghan abraçavam as pernas encolhidas, com os joelhos a apontar para o ar. Todas tinham marcas vermelhas na parte inferior do rosto devido à fita adesiva. Tracy tinha o lábio rasgado.

— Vocês estão bem, meninas? — perguntou Jack às crianças.

Parecia-lhe que apenas Tracy tinha sido agredida fisicamente e felizmente não parecia muito grave.

— Estão tão bem como pode esperar-se — respondeu Alexis.

— Como é que os intrusos entraram?

— Arrombaram a porta das traseiras — disse Craig com brusquidão. — Obviamente, eram profissionais.

— Roubaram alguma coisa? — perguntou Jack. Os seus olhos perscrutaram rapidamente a sala à procura de estragos, mas tudo parecia estar em ordem.

— Aparentemente, não — disse Alexis.

— Nesse caso, que é que queriam? — perguntou Jack.

— Queriam transmitir uma mensagem — respondeu Alexis. — Deixaram uma mensagem verbal à Tracy para ela nos transmitir.

— O quê? — perguntou Jack impacientemente quando Alexis não aprofundou.

— Esqueçam a autópsia — lançou Craig. — A mensagem foi que esquecêssemos a autópsia ou voltariam para magoar as miúdas.

Os olhos de Jack disparavam entre Craig e Alexis. Não podia acreditar que a sua oferta de ajuda tivesse causado uma situação daquelas.

— Isto é de loucos — exclamou. — Não pode estar a acontecer uma coisa destas.

— Diz isso às miúdas! — desafiou Craig.

— Lamento — disse Jack.

Desviou os olhos dos rostos dos Bowman. Estava arrasado por ter sido a causa de um desastre daqueles. Abanou a cabeça e olhou de novo, particularmente para Craig e Alexis.

— Muito bem, então não vai haver autópsia!

— Não sabemos bem se estamos dispostos a ceder a este tipo de chantagem — disse Alexis. — Apesar do que aconteceu, não excluimos categoricamente a hipótese de uma autópsia. Parece-nos que se alguém está disposto a ir ao ponto de ameaçar crianças para impedir uma autópsia, a razão para a efetuar torna-se ainda mais forte.

Jack acenou afirmativamente. Também tinha pensado nisso, mas não era ele que ia colocar Tracy, Meghan e Christina num perigo ainda maior. Para além do mais, o único culpado que lhe ocorria era Tony Fasano, e a sua motivação podia apenas envolver o medo de perder taxa de contingência. Jack olhou para Craig, cuja raiva tinha aparentemente diminuído um pouco à medida que a conversa ia progredindo.

— Se houver algum risco, não sou a favor — disse Craig. — Mas estamos a pensar que poderemos eliminar o risco.

— Chamaram a polícia? — perguntou Jack.

— Não, não chamámos — respondeu Alexis. — Essa era a segunda parte da mensagem: esquecer autópsia e não chamar a polícia.

— Têm de chamar a polícia — disse Jack, mas as suas palavras soaram a falso, uma vez que ele próprio não tinha participado o confronto com Fasano e companhia nem a alteração com Franco que decorrera apenas há meia hora.

— Estamos a pensar nas opções que temos — explicou Craig. — Estivemos a falar sobre o assunto com as miúdas. Elas vão para casa dos avós durante alguns dias, até o julgamento terminar. A minha mãe e o meu pai vivem em Lawrence, Massachusetts, e neste momento já estão a caminho para virem buscá-las.

— Provavelmente, eu vou com elas — disse Alexis.

— Não precisas de vir, mãe — replicou Tracy, falando pela primeira vez. — Nós ficamos bem com o avô e a avó.

— Ninguém sabe onde elas vão ficar — explicou Craig. — Não vão à escola o resto desta semana e talvez até ao fim do ano, já que faltam apenas alguns dias. Prometeram não usar os telemóveis e não dizer a ninguém onde estão.

Jack acenou afirmativamente, mas não sabia com o que estava a concordar. Parecia-lhe estar a receber mensagens contraditórias. Não havia forma de o risco para as miúdas ser completamente eliminado. Estava preocupado com a possibilidade de Alexis e Craig não estarem a pensar com clareza devido à tensão provocada pelo julgamento. A única coisa de que Jack tinha a certeza era de que a polícia tinha de ser notificada.

— Escutem — disse Jack. — A única pessoa que me parece que poderá estar por trás deste crime é Tony Fasano e os seus capangas.

— Nós pensamos o mesmo — disse Craig. — Mas parece quase demasiado venal, por isso estamos a tentar manter um espírito aberto. Aquilo que me surpreendeu particularmente durante o julgamento foi a animosidade que os meus colegas sentem em relação ao meu consultório de concierge. Dá alguma credibilidade às perguntas retóricas que fizeste a noite passada sobre uma conspiração.

Jack pensou fugazmente na ideia, mas ao invés de ficar entusiasmado por ter um adepto declarado da teoria da conspiração, concluiu que a probabilidade de esse cenário ser real era extremamente reduzida, muito embora o tivesse sugerido na noite anterior. Tony Fasano e os seus capangas eram uma possibilidade muito mais real, especialmente porque Tony já o tinha ameaçado.

— Não sei se repararam no meu lábio inchado — disse ele, e tocou no inchaço com cuidado.

— Seria difícil não reparar — replicou Alexis. — Foi do basquetebol?

— Eu ia dizer que sim — admitiu Jack. — Mas tive outro encontro com o Franco do Tony Fasano. Está a tornar-se um lamentável ritual diário.

— Aqueles filhos da mãe! — exclamou Craig, com raiva.

— Estás bem? — perguntou a irmã, preocupada.

— Estou melhor do que estaria se os meus novos colegas do basquetebol aqui em Boston não tivessem vindo tão depressa ajudar-me. O Franco tinha um cúmplice.

— Oh, meu Deus! — disse Alexis. — Lamentamos imenso ter-te envolvido nisto.

— Eu assumo toda a responsabilidade — declarou Jack. — E não quero que sintam pena de mim. O que estou a tentar sugerir é que, muito provavelmente, o Fasano e companhia também estiveram por trás do

que aconteceu aqui. O ponto é: a polícia tem de ser informada dos dois casos.

— Tu podes telefonar para a polícia por causa do teu problema — replicou Craig. — Mas eu não quero colocar a segurança das minhas filhas em risco. Estou convencido de que a polícia não pode fazer absolutamente nada. Aquelas pessoas que aqui vieram eram profissionais, com máscaras de esqui, uniformes de trabalho sem marcas distintivas e luvas. E a polícia de Newton não está acostumada a este género de coisas. É apenas uma cidade suburbana.

— Discordo — disse Jack. — Aposto que a vossa polícia local já viu muito mais coisas do que podem imaginar, e a ciência forense é uma ferramenta poderosa. Não fazes ideia do que eles conseguem descobrir. Talvez seja possível associar este acontecimento a outros. Podem, seguramente, aumentar a vigilância. Um dos problemas se não participarem à polícia é que ficam nas mãos de quem quer que fez isto. Estão a deixar que façam chantagem convosco.

— É claro que estamos a ser chantageados — gritou Craig suficientemente alto para as filhas saltarem.

— Santo Deus, homem. Achas que somos estúpidos?

— Tem calma, Craig! — aconselhou Alexis. Pôs os braços à volta de Tracy, que estava sentada ao seu lado.

— Tenho uma sugestão — disse Jack. — Tenho um bom amigo em Nova Iorque que é detetive sénior no Departamento da Polícia de Nova Iorque. Posso telefonar-lhe e aproveitar a vantagem dos seus conhecimentos e experiência. Podemos perguntar-lhe o que vocês devem fazer.

— Não quero ser coagido — disse Craig.

— Ninguém vai coagir-te — replicou Jack. — Garanto-te.

— Eu acho que o Jack devia telefonar para o amigo — disse Alexis. — Ainda não tínhamos tomado nenhuma decisão em relação à polícia.

— Está bem! — concordou Craig, erguendo as mãos. — Que é que eu sei? Jack procurou nos bolsos do casaco e encontrou o telemóvel. Abriu-o e marcou o número de casa de Lou Soldano nas teclas de marcação rápida. Passava pouco das oito da noite, provavelmente a melhor hora para apanhar o detetive, mas ele não estava em casa. Jack deixou uma mensagem para que ele lhe telefonasse. A seguir, experimentou o telemóvel de Lou e apanhou o detetive no carro a caminho do local onde havia sido cometido um homicídio, em Queens.

Enquanto os Bowman escutavam, Jack descreveu sucintamente a Lou o que tinha andado a fazer e o que acontecera em Boston. Concluiu dizendo que estava sentado com a irmã, o marido desta e as crianças naquele preciso momento e que a questão era se deviam participar à polícia ou não.

— Não há dúvida — disse Lou sem hesitação. — Têm de participar à polícia.

— Eles estão preocupados porque pensam que a polícia de Newton podera não ter experiência suficiente para justificar o risco. — Disseste que eles estão aí contigo?

— Sim. Estão mesmo à minha frente.

— Põe-me em alta-voz!

Jack fez o que o amigo tinha pedido e segurou o telefone à sua frente. Lou apresentou-se formalmente, lamentou a provação por que estavam a passar e depois disse:

— Tenho um amigo muito, muito competente que exerce as mesmas funções que eu no Departamento da Polícia de Boston. Trabalhámos juntos há uma eternidade. Ele tem muita experiência em todos os tipos de crimes, incluindo aquele de que vocês foram vítimas. Não me importo nada de lhe telefonar e pedir-lhe que se envolva pessoalmente. Ele vive na vossa cidade ou em West Newton. É qualquer coisa Newton. Tenho a certeza de que conhece os tipos da polícia de Newton. É convosco. Posso telefonar-lhe imediatamente. Ele chama-se Liam Flanagan. É um tipo fantástico. E deixem-me dizer-vos uma coisa. As vossas filhas estão mais em risco se não participarem o incidente do que se o fizerem. Sei isso por experiência.

Alexis olhou para Craig.

— Acho que devíamos aceitar a oferta dele.

— Está bem — concordou Craig com alguma relutância.

— Ouviste? — perguntou Jack.

— Ouvi — disse Lou. — Vou tratar disso imediatamente.

— Não desligues, Lou — disse Jack. Desligou a alta-voz, pediu licença à família e foi para o corredor, onde não podia ser ouvido. — Lou, quando falares com o Flanagan, vê se ele pode arranjar-me uma arma.

— Uma arma? — perguntou Lou. — É um pedido difícil.

— Vê se é possível. Estou a sentir-me mais vulnerável do que o costume.

— A tua licença está válida?

— Sim, para Nova Iorque. Fiz o treino formal e tudo isso. Foste tu que insististe comigo. No entanto, nunca cheguei a comprar a arma.

— Vou ver o que posso fazer.

Quando Jack fechou a tampa do telemóvel, a campainha da porta principal soou. Alexis passou apressadamente por ele.

— Devem ser a avó e o avô — disse ela. Porém estava enganada. Era Randolph Bingham, vestido informalmente, mas tão elegante como sempre.

— O Craig está pronto para o ensaio? — perguntou Randolph, reparando na surpresa de Alexis. — Ele está à minha espera.

Alexis ficou confusa durante uma fração de segundo, pois estava convencidíssima de que eram os pais de Craig que estavam a tocar à campainha.

— Ensaio? — perguntou ela.

— Sim. O Craig vai depor amanhã e decidimos que seria benéfico fazermos um ensaio.

— Entre — convidou Alexis, embaraçada com a sua hesitação.

Randolph reparou nos calções e na T-shirt sujos de sangue de Jack, mas não disse nada enquanto Alexis o conduziu pelo corredor até à sala familiar. Randolph foi o próximo a ser posto ao corrente do que tinha acontecido nessa tarde na residência dos Bowman. A medida que a história era contada, a sua expressão passou da habitual e levemente condescendente reserva para preocupação.

— As meninas foram vistas por um médico? — perguntou ele.

— Apenas por Craig — respondeu Alexis. — Não falámos com o pediatra delas.

Randolph olhou para Craig.

— Se quiser, posso apresentar um requerimento para adiar o seu caso.

— Quais são as hipóteses de o juiz concordar? — perguntou Craig.

— Não há maneira de saber. Estaria totalmente nas mãos do juiz Davidson.

— Para ser honesto consigo, acho que prefiro que este pesadelo do julgamento termine — disse Craig. — E, provavelmente, é o mais seguro para as miúdas.

— Como queira — disse Randolph. — Presumo que chamou a polícia? Alexis e Craig trocaram um olhar. Depois, Alexis olhou para Jack, que acabara de voltar para a sala.

— Já estamos a tratar disso — disse Jack. Depois esboçou rapidamente o plano. Quando terminou, começou a explicar que estavam convencidos de que Tony Fasano e companhia estavam muito provavelmente por detrás daquele episódio, usando a ameaça muito específica de Tony para Jack segundo a qual seria "o seu fim" se fizesse a autópsia.

— Isso é claramente agressão — disse Randolph. — Pode apresentar queixa.

— O episódio é um pouco mais complicado — disse Jack. — A única testemunha é o capanga de Fasano, a quem eu acabei por bater depois de ele me bater. O que interessa é que eu, pessoalmente, não pretendo apresentar queixa — Há alguma prova de que o Tony Fasano esteja por detrás dos atos criminosos de hoje? — perguntou Randolph. — Se houver, tenho a certeza de que poderei pedir a anulação do

juízo.

— Não há provas — disse Craig. — As minhas filhas dizem que talvez conseguissem reconhecer uma voz, mas não têm a certeza.

— Talvez a polícia tenha mais sorte — disse Randolph. — E a autópsia? Vai ser feita ou não?

— Estamos a tentar decidir — respondeu Alexis.

— Obviamente, o que está em questão é a segurança das miúdas — disse Craig.

— Se houvesse autópsia, quando é que seria feita?

— A exumação do corpo está prevista para amanhã de manhã — disse Jack. — Eu farei a autópsia imediatamente, mas os resultados iniciais serão apenas patologia simples.

— É muito tarde no curso dos acontecimentos — disse Randolph. — Talvez não valha a pena o esforço nem o risco. Amanhã, depois de o Dr. Bowman testemunhar, tenho a certeza de que o juiz determinará que a acusação concluiu o seu caso. Depois, apresentarei a defesa com o testemunho dos nossos peritos. Isso significa que na sexta-feira de manhã faremos as alegações finais.

O telemóvel de Jack tocou. Ele ainda o tinha na mão e assustou-se. Saiu rapidamente da sala antes de atender. Era Lou.

— Consegui falar com o Liam. Conte-lhe a história toda e dei-lhe a morada. Ele vai já para aí com alguns elementos da polícia de Newton. É um bom tipo.

— Falaste-lhe acerca da arma?

— Falei. Ele não ficou nada excitado com a ideia, mas eu fiz-lhe um retrato brilhante da tua integridade e todas essas tretas.

— Bem, e qual foi a decisão? Se tudo correr bem, amanhã vão exumar o cadáver e, com todas estas ameaças, sinto-me como se tivesse a cabeça a prêmio.

— Ele disse que vai resolver o teu problema, mas eu vou ficar responsável por ti.

— Que é que isso significa?

— Presumo que ele vai dar-te uma arma, por isso tem cuidado com essa coisa!

— Obrigado pelo conselho, papá — disse Jack. — Vou tentar matar o menor número possível de pessoas. Jack voltou para a sala familiar. Craig, Alexis e Randolph ainda estavam a discutir as questões da autópsia. O consenso tinha sido a favor de fazê-la, apesar do problema do tempo. O principal argumento para Randolph era a possibilidade de usar quaisquer descobertas potencialmente importantes para ajudar no processo de recurso, se viesse a ser necessário interpor um recurso, quer para revogar o veredito, quer para conseguir um novo julgamento, quer para fixar a indenização de acordo com a contribuição para negligência. Randolph chamou a atenção de todos para o fato de os autos documentarem claramente que Patience Stanhope tinha recusado diversas vezes fazer mais avaliações cardíacas após o duvidoso eletrocardiograma com prova de esforço, opondo-se aos conselhos do médico.

Jack aproveitou uma pausa na conversa para informar o grupo de que o tenente detetive Liam Flanagan vinha a caminho.

— Queremos que faças a autópsia, se ainda estiveres disposto a isso — disse Alexis para Jack, aparentemente ignorando o que ele tinha acabado de dizer.

— Já percebi — disse ele. — Terei o maior prazer em fazê-la, se é o que vocês querem. — Olhou para Craig, que encolheu os ombros.

— Não vou contra a maioria — disse Craig. — Tenho estado sob tanta tensão que não confio na minha capacidade de avaliação.

— Está certo — disse Jack. Uma vez mais, sentiu que Craig estava a demonstrar um discernimento inesperado.

A campainha da porta soou uma vez mais e Alexis correu novamente para abrir, dizendo que deviam ser os avós. Enganou-se pela segunda vez. Parados à porta estavam cinco polícias, dois dos quais com uniformes do Departamento da Polícia de Newton. Alexis mandou-os entrar e levou-os para a sala

grande.

— Sou o tenente detetive Liam Flanagan — apresentou-se o irlandês grande e de rosto encarnado numa voz tonitruante.

Tinha olhos brilhantes de um tom de azul-bebê e sardas espalhadas pelo nariz achatado de pugilista profissional. Apresentou os colegas, que incluíam o detetive Greg Skolar, os agentes Sean e David Shapiro e o investigador da polícia técnica Derek Williams.

Enquanto Liam fazia as apresentações, Jack observou-o. Parecia-lhe familiar, como se tivesse conhecido o homem algures no passado, mas achou que era improvável. De repente, pensou que se tinha recordado. Quando teve a oportunidade de se apresentar a Liam, perguntou:

— Vi-o no instituto de medicina legal esta manhã?

— Viu, sim — disse Liam efusivamente. Riu-se. — Agora lembro-me de si. Entrou na sala de autópsias. Depois de uma breve descrição do incidente, o investigador da polícia técnica e os dois agentes uniformizados saíram para verificar o pátio enquanto ainda havia alguma luz do dia. O sol tinha-se posto, mas ainda não estava completamente escuro. Os dois detetives estavam essencialmente interessados nas crianças e as crianças reagiram ao fato de serem o centro das atenções.

Enquanto decorriam as investigações, Randolph perguntou a Craig se estava em condições para o ensaio que tinham planeado para o depoimento do dia seguinte.

— Até que ponto é que acha que é necessário? — protestou Craig. Estava compreensivelmente preocupado.

— Eu diria que é extremamente crucial — declarou Randolph. — Talvez queira recordar-se do seu comportamento quando prestou declarações. Seria calamitoso repeti-lo à frente dos jurados. Já se percebeu que o estratagema da acusação é apresentá-lo como um médico arrogante e indiferente que estava mais interessado em chegar ao Symphony Hall a horas com a namorada trofeu do que no bem-estar da paciente gravemente doente. Temos de impedir que se apresente de qualquer forma que fundamente essas alegações. A única maneira é ensaiar. Você é um bom médico, mas uma testemunha fraca.

Castigado pela avaliação nada lisonjeira de Randolph, Craig concordou docilmente com um ensaio. Interrompeu os detetives para dizer às crianças que estaria na biblioteca.

De repente, Jack e Alexis ficaram a olhar um para o outro. No começo, tinham escutado atentamente a descrição que as crianças estavam a fazer da situação terrível em que tinham estado envolvidas, mas quando se tornou repetitiva enquanto os detetives procuravam diligentemente alguma informação esquecida mas importante, o interesse desvaneceu-se. Dirigiram-se para a zona da cozinha.

— Quero que saibas uma vez mais que lamento muito — disse Jack. — As minhas intenções eram boas, mas fui mais um estorvo do que uma ajuda.

— Não podíamos prever nada disto — replicou Alexis. — Tu foste uma ajuda enorme em termos de moral, e também para o Craig. Ele é um homem diferente desde que vieste para cá. Eu ainda estou chocada com a perspicácia que ele evidenciou ao almoço.

— Espero que essa perspicácia dure. E quanto às miúdas? Como é que achas que estão a reagir a esta experiência?

— Não tenho a certeza — admitiu Alexis. — São miúdas bastante equilibradas, apesar de o pai não ter estado muito disponível durante o seu crescimento. Por outro lado, eu tenho estado muito próxima de cada uma delas. Teremos de as ir acompanhando diariamente e deixá-las expressar os seus sentimentos e preocupações.

— Tens alguns planos específicos para elas?

— Essencialmente levá-las para casa dos avós. Elas adoram a avó. Têm de dormir todas no mesmo quarto, e normalmente queixam-se imenso, mas dadas as circunstâncias penso que será bom para elas.

— Também vais?

— Era sobre isso que estávamos a falar quando entraste. Eu sinto-me inclinada para ir. É uma boa

maneira de reconhecer que os medos delas são legítimos, o que é importante. A última coisa que deve ser feita é dizer-lhes banalidades de que vão ficar bem e que não devem ter medo. Elas devem ter medo. É óbvio que foi uma experiência muito traumatizante. Agradeço a Deus por não terem sido mais magoadas fisicamente do que foram.

— Como é que vais decidir se as acompanhas ou se ficas?

— Provavelmente, vou com elas. A minha ida foi debatida porque Craig expressou algum interesse em que eu ficasse para ajudar no ensaio para o depoimento de amanhã e porque a Tracy disse que não queria que eu fosse. Tu ouviste-a. Mas acho que é um desabafo de adolescente. E, por muito que esteja preocupada com o Craig e as suas necessidades, se tiver de escolher, as meninas vencem sem contestação.

— Achas que elas vão precisar de ajuda profissional, de alguma espécie de terapia?

— Creio que não. Só se o medo for prolongado ou aumentar exageradamente. Em última análise, terá de ser ponderado. Felizmente, tenho alguns colegas no trabalho que, se for necessário, poderão analisar o problema.

— Tenho estado a pensar que, como a minha presença causou tantos problemas, talvez fosse melhor para todos se eu me mudasse para um hotel na cidade — disse Jack.

— De maneira nenhuma — protestou Alexis. — Nem quero ouvir falar nisso. Estás aqui e vais ficar aqui.

— Tens a certeza? Eu não fico ofendido.

— Tenho a certeza absoluta. Nem sequer vamos falar mais sobre isso.

A campainha da porta principal tocou mais uma vez.

— Têm de ser os avós — declarou Alexis categoricamente, afastando-se da bancada da cozinha, onde se tinha encostado.

Jack olhou de relance para a zona de estar, onde se encontravam os detetives e as crianças. Aparentemente, a conversa estava a chegar ao fim. Os dois polícias uniformizados e o elemento da polícia técnica tinham voltado para a sala e estavam a analisar as fitas adesivas que tinham prendido as crianças.

Alguns minutos depois, Alexis entrou com os Bowman mais velhos. Leonard era um homem robusto e macilento com barba de dois dias, um antiquado corte de cabelo à escovinha e uma barriga grande que sugeria que ele passava demasiado tempo a beber cerveja na sua poltrona preferida diante da televisão. Quando Jack lhe foi apresentado, ficou a saber uma coisa ainda mais idiossincriticamente distintiva; Leonard era um homem de poucas palavras que teria envergonhado os lacónicos espartanos. Quando se cumprimentaram, ele limitou-se a grunhir.

Rose Bowman era o antípoda. Quando apareceu e as crianças correram para ela, a senhora murmurou palavras de alegria e preocupação. Era uma mulher alta e forte, com cabelos brancos encaracolados, olhos claros e dentes amarelos.

Enquanto as crianças arrastavam a avó para o sofá, Jack deu por si momentaneamente isolado com Leonard. Para fazer conversa, comentou que as crianças gostavam muito da avó. A única resposta que obteve foi outro grunhido abafado.

Com a polícia a trabalhar, as miúdas entretidas com a avó, Alexis ocupada a fazer a sua mala e a das filhas e Craig fechado na biblioteca com Randolph, Jack ficou com Leonard. Após mais algumas tentativas vãs para fazer o reformado proferir algumas palavras, Jack desistiu. Falou com Flanagan, soube que ele ficaria lá em casa pelo menos mais trinta minutos, pegou na pilha de roupas e sapatos que tinha pousado na lareira, procurou Alexis, que estava a fazer as malas, e disse-lhe que ia tomar um duche. A seguir, desceu para o seu quarto.

Debaixo do chuveiro e com um forte sentimento de culpa, lembrou-se que ainda não tinha telefonado a Laurie. Ao sair, contemplou-se no espelho e estremeceu. Tinha se esquecido completamente do gelo e o seu lábio continuava inchado e azul. Combinando isso com o lado esquerdo do rosto, que ainda estava

encarnado, parecia que estivera envolvido numa rixa de bar. Pensou ir buscar algum gelo ao congelador que tinha visto na cave, mas chegou à conclusão de que já tinha passado tanto tempo que o efeito seria mínimo, por isso desistiu da ideia. Em vez disso, vestiu-se e pegou no telemóvel.

Com o sinal quase inexistente, Jack também desistiu da ideia de telefonar. Subiu as escadas e encontrou-se com Alexis, as miúdas e os avós no átrio principal. A irmã tinha acabado de arrumar as coisas e já colocara a bagagem na carrinha. As miúdas queriam que Rose fosse com elas, mas ela disse que tinha de ir com o avô. Foi então que Jack ouviu as únicas palavras de Leonard:

— Anda, Rose — disse ele sombriamente, arrastando as palavras.

Era uma ordem, não um pedido. Obedientemente, Rose soltou-se das crianças e seguiu rapidamente o marido que já tinha saído pela porta principal.

— Vejo-te amanhã no tribunal? — perguntou Alexis a Jack enquanto levava as crianças para a porta da garagem. As miúdas já se tinham despedido de Craig, que continuava a trabalhar com Randolph na biblioteca.

— Acho que sim — respondeu Jack. — Honestamente, não sei como será o meu dia. O planeamento não está nas minhas mãos.

Alexis virou-se imediatamente e a sua expressão mudou quando ela se recordou de alguma coisa.

— Oh, meu Deus — exclamou ela — Acabo de me lembrar que vais casar na sexta-feira. Amanhã já é quinta. Tenho andado tão preocupada que me esqueci completamente. Desculpa. A tua futura mulher deve odiar-me por te ter arrastado para cá e por te manter refém.

— Ela conhece-me suficientemente bem para saber quem deve culpar, se se sentir inclinada para isso.

— Então, vais fazer a autópsia e depois regressas a Nova Iorque?

— O plano é esse.

À porta da garagem, Alexis disse às filhas para se despedirem do tio. Cada uma delas abraçou Jack obedientemente. Apenas Christina falou. Sussurrou ao ouvido de Jack que tinha pena que as filhas tivessem ardido no avião. O comentário totalmente inesperado apanhou Jack tão de surpresa que minou o seu equilíbrio emocional e ele teve de abafar uma lágrima. Quando Alexis o abraçou, sentiu a sua nova emoção e afastou-se para o olhar nos olhos, enganando-se com a sua origem.

— Hei — disse ela. — Nós estamos bem. As miúdas vão ficar bem. Confia em mim!

Jack acenou afirmativamente e conseguiu falar.

— Vemo-nos amanhã durante o dia e espero ter alguma coisa para oferecer que faça tudo isto ter valido a pena.

— Eu também — disse Alexis. subiu para a carrinha e activou a porta da garagem, que subiu com um ruído enorme.

Foi nesse momento que Jack se lembrou que tinha de tirar o seu carro. Estava estacionado ao lado do Lexus de Craig e a tapar o acesso. Correu à frente da carrinha de Alexis e fez-lhe sinal para esperar. Recuou o Hyundai para a estrada e esperou enquanto a irmã fazia o mesmo. Com uma buzina e um aceno, ela desapareceu na noite.

Enquanto arrumava o carro na entrada, Jack olhou de relance para os carros estacionados na berma. Havia dois carros da polícia de Newton e dois carros escuros sem identificação que pertenciam aos dois detetives. Perguntou a si mesmo se demorariam muito a acabar, pois estava ansioso para falar com eles em particular, especialmente com Liam Flanagan. Em resposta à sua pergunta, os cinco agentes surgiram na soleira da porta principal no momento em que Jack saiu do carro.

— Por favor! — chamou Jack. Correu na direção deles e apanhou-os a meio do carreiro em forma de serpentina.

— Dr. Stapleton — disse Liam. — Andávamos à sua procura.

— Já acabaram de analisar o local? — perguntou Jack.

— Por enquanto.

— Tiveram sorte?

— A fita adesiva vai ser analisada no laboratório da polícia técnica, bem como algumas fibras que encontrámos na casa de banho da miúda. Não havia muita coisa. Porém, encontrámos uma coisa no jardim que não tenho autorização para divulgar e que poderá ser prometedora, mas, analisando a situação, foi obviamente um trabalho profissional.

— E em relação à autópsia que está no centro desta tentativa de chantagem? — perguntou o detetive Greg Skolar. — Vai ser feita ou não?

— Se a exumação se concretizar, então a autópsia será efetuada — respondeu Jack. — Vou fazê-la logo que o corpo estiver disponível.

— É estranho acontecer uma coisa destas por causa de uma autópsia — comentou o detetive Skolar. — Está à espera de revelações chocantes?

— Não sabemos o que esperar. A única coisa que sabemos ao certo é que a paciente sofreu um ataque cardíaco. Obviamente, isto aguçou a nossa curiosidade.

— Esquisito! — disse o detetive Skolar. — Para o doutor e os Bowman poderem estar descansados, vamos manter a casa sob vigilância durante alguns dias.

— Tenho a certeza de que os Bowman vão ficar agradecidos. Quanto a mim, sei que conseguirei dormir melhor.

— Mantenha-nos informados sobre quaisquer novos desenvolvimentos — pediu o detetive Skolar.

Entregou um cartão de visita a Jack antes de lhe apertar a mão. Os outros três agentes uniformizados também lhe apertaram a mão.

— Posso falar consigo um instante? — perguntou Jack a Liam.

— Com certeza — replicou Liam. — Eu ia perguntar-lhe o mesmo. Jack e Liam despediram-se dos polícias de Newton e eles afastaram-se nos seus veículos, sendo rapidamente engolidos pela escuridão intensa. A noite tinha caído com relutância, mas agora a transição era completa. A única luz vinha das janelas dos Bowman e de um candeeiro de rua solitário do lado oposto ao que os polícias tinham seguido. No alto do céu negro, uma estreita lua em forma de cimitarra espreitava por entre a abóbada de árvores frondosas que ladeavam a rua.

— Quer ir para a minha limusina? — perguntou Liam, apontando para o seu Ford muito velho.

— Na verdade, está ótimo aqui fora — respondeu Jack.

O calor que se fizera sentir durante o dia tinha diminuído e a temperatura era estimulante. Os dois homens encostaram-se ao veículo e Jack contou a história do seu confronto com Tony Fasano, a ameaça que recebera e as duas lutas com o capanga dele, Franco. Liam escutou atentamente.

— Eu conheço o Tony Fasano — disse. — Ele move-se em muitas direções, incluindo danos pessoais e agora negligência médica. Até fez algum trabalho criminal a defender bandidos da pior espécie, e foi por isso que o conheci. Tenho de dizer que ele é mais esperto do que parece à primeira vista.

— Eu tive a mesma impressão.

— Acha que ele está por detrás desta tentativa de chantagem profissional mas rudimentar? Tendo em conta as pessoas com quem se relaciona, tem os contatos necessários.

— É evidente, tendo em vista a maneira como me ameaçou, mas, por outro lado parece quase simples demais e estúpido demais, para uma pessoa assim tão esperta.

— Suspeita de mais alguém?

— Nem por isso — respondeu Jack. Por breves instantes, sentiu vontade de abordar a ideia da conspiração, que de alguma forma envolvia oposição ao estilo de medicina de luxo praticada por Craig, mas pensou que as hipóteses de a ideia ter alguma validade eram tão infinitesimalmente pequenas que se sentia embaraçado por falar no assunto.

— Eu vou investigar o ângulo Fasano — declarou Liam. — O escritório dele fica na zona norte, por isso está na nossa jurisdição. No entanto, sem provas, pelo menos até agora, não podemos fazer grande coisa,

especialmente a curto prazo.

— Eu sei — disse Jack. — Escute, agradeço-lhe por se ter disponibilizado para vir aqui esta noite e ter-se envolvido. Eu estava com receio de que os Bowman não participassem o incidente.

— Eu estou sempre disposto a fazer um favor ao meu velho amigo Lou Soldano. Fiquei com a impressão de que são muito amigos.

Jack acenou e sorriu intimamente. Tinha conhecido Lou quando andavam ambos a tentar conquistar Laurie. Sentia que o fato de Lou ter sido elegante ao ponto de se tornar aliado de Jack quando as suas hipóteses com Laurie começaram a diminuir era um tributo à sua personalidade e acabara por ser crucial no desfecho do romance. O romance dos dois tinha tido muitos altos e baixos, graças à bagagem psicológica de Jack.

— Isso leva-me ao último assunto — disse Liam. Destrancou o carro e procurou alguma coisa numa mochila cilíndrica no banco da frente. Voltou-se para Jack e entregou-lhe um revólver Smith and Wessen de calibre 30 com o cano curto. — É bom que tenha cuidado com ele, porque isto é uma coisa que não costumo fazer.

Jack virou o revólver na mão. A arma brilhou no escuro, refletindo a luz proveniente das janelas dos Bowman.

— É bom que tenha um motivo cento e dez por cento válido para usar esta coisa — disse Liam. — E espero sinceramente que não a use.

— Esteja descansado, teria de ser um motivo de vida ou morte — disse Jack. — Mas, como as miúdas não estão cá, talvez nem precise. — Estendeu a mão para devolver o revólver a Liam.

Liam levantou a mão, com a palma virada para Jack.

— Fique com ele. Já foi agredido duas vezes. Este Franco parece ter alguns parafusos desapertados. Certifique-se apenas de que mo devolve. Quando é que se vai embora?

— Amanhã durante o dia, e essa é mais uma razão para não ficar com a arma.

— Fique com ela! — insistiu Liam. Entregou o seu cartão de visita a Jack antes de dar a volta ao carro e abrir a porta do lado do condutor. — Podemos encontrar-nos quando se for embora ou pode deixar a arma na esquadra dentro de um saco com o meu nome. Não se ponha a dizer o que é!

— Eu serei sutil — garantiu-lhe Jack. Depois, acrescentou uma nota de humor: — Sutileza é o meu nome do meio.

— Não é isso que o Lou diz — riu-se Liam. — Mas disse que você é extremamente responsável e é com isso que estou a contar.

Com um último adeus, Liam entrou no carro e desapareceu rapidamente na mesma direcção que a polícia de Newton tinha seguido.

No escuro, Jack mexeu na pistola. Parecia enganadoramente inocente, como as armas de brinquedo que tivera quando era criança, mas como médico legista conhecia bem o seu poder de destruição. Tinha analisado mais entradas de balas em cadáveres do que gostaria de admitir e maravilhava-se sempre com o grau de estragos. Guardou a arma num bolso e tirou o telemóvel de outro. Tinha sentimentos contraditórios em relação a telefonar a Laurie, porque sabia que ela ficaria justamente aborrecida por ele continuar em Boston. Da perspectiva dela, o seu regresso a casa na quinta-feira, talvez mesmo na quinta-feira à noite, com o casamento à uma e trinta de sexta-feira, era absurdo, irracional, sem sentido e até ofensivo, mas sentia-se impotente. Tinha ficado enredado num poço de areia movediça de circunstâncias. Depois de tudo o que tinha acontecido, algumas das coisas por sua culpa, não podia simplesmente abandonar Alexis e Craig. Para além do mais, estava genuinamente intrigado com o fato de alguém, por algum motivo, estar disposto a tudo para não deixar que a autópsia fosse feita. E quando esta realidade se instalou no seu cérebro, ocorreu-lhe uma coisa nova: E o hospital? Teria acontecido alguma coisa no hospital na noite em que Patience Stanhope fora levada para lá que precisasse de ser escondida? Não tinha pensado no assunto por esse ângulo, e embora fosse improvável, parecia muito mais provável do

que a ideia extravagante da conspiração contra a medicina de concierge. Com alguma trepidação e praticamente todos os neurónios do seu cérebro a disparar, Jack marcou o número do telemóvel de Laurie nas teclas de marcação rápida.

Newton, Massachusetts Quarta-feira, 7 de Junho de 2006 21:55

— Já não era sem tempo! — disse Laurie bruscamente.

Jack estremeceu. O cumprimento era cento e oitenta graus diferente do da noite anterior, o que prenunciava o tipo de conversa que ele temia.

— São quase dez horas da noite! — queixou-se Laurie. — Por que é que não telefonaste? Já passaram oito horas desde a mensagem cobarde que deixaste no telemóvel.

— Desculpa — disse Jack o mais contritamente possível. — Foi uma noite bastante estranha.

Embora aquele comentário fosse um eufemismo deliberado, não era o tipo de humor sarcástico de que Jack gostava. Ele estava a fazer um esforço consciente para resistir à tendência que se tinha tornado reflexa na abordagem não-te-roles à vida após a tragédia familiar. Tendo cuidado com o vocabulário usado e o mais sucintamente possível, relatou-lhe o assalto, o terror sentido pelas crianças e a visita feita pela polícia e só possível graças à intervenção rápida de Lou. Falou-lhe sobre Tony Fasano e a sua ameaça terrível e falou-lhe também sobre Franco, incluindo o episódio do dia anterior que não lhe tinha contado no último telefonema.

— Isto é incrível! — disse Laurie após uma pausa. A maior parte da raiva tinha-se desvanecido da sua voz. — Estás bem?

— Tenho um lábio inchado e alguns capilares rebentados numa face, mas já fiquei pior no basquetebol. Estou bem.

— Estou nervosa em relação a esse Franco. Parece ser um lunático.

— Eu também estou preocupado com ele — confessou Jack. Pensou em mencionar a arma, mas decidiu que o mais provável era ela ficar ainda mais enervada.

— Presumo que estás convencido de que o Tony Fasano está por detrás do episódio com as crianças.

Jack repetiu uma parte da conversa que tinha tido com Liam Flanagan.

— Como estão as crianças?

— Parecem extraordinariamente equilibradas, tendo em conta aquilo por que passaram. Talvez isso esteja de alguma forma relacionado com o fato de a mãe delas ser psicóloga. A Alexis é maravilhosa com as miúdas. Levou-as para casa dos avós, os pais do Craig, durante alguns dias. Para te dar uma idéia, a mais pequena estava calma a ponto de me dizer que lamentava o que tinha acontecido com as minhas filhas, quando se despediu. Apanhou-me completamente de surpresa.

— Ela parece precocemente auto-controlada — disse Laurie. — Isso é uma bênção para os Bowman. Agora, vamos falar sobre nós. Quais são as novidades em relação ao teu regresso?

— No pior dos cenários, amanhã à noite — respondeu Jack. — Faço a autópsia, anoto os resultados, sejam eles quais forem, e envio-os para o advogado do Craig. Mesmo que eu quisesse, ele acha que não conseguiria autorização para me pôr a testemunhar no julgamento, por isso nem sequer é uma alternativa a considerar.

— Estás a vir muito em cima da hora — disse Laurie. — Se eu ficar à tua espera no altar e tu não apareceres, nunca te perdorei. Só quero que saibas isso.

— Eu disse no pior dos cenários. Talvez chegue a meio da tarde.

— Promete-me que não vais fazer nenhum disparate.

Jack pensou numa série de respostas ótimas para aquele pedido, mas resistiu. Em vez disso, afirmou:

— Vou ter cuidado. — Depois, acrescentou, para deixar ainda mais calma: — A polícia de Newton prometeu uma vigilância extra.

Confiante de que Laurie estava razoavelmente mais calma, Jack disse-lhe algumas frases carinhosas apropriadas e em seguida despediu-se. Depois, fez mais dois telefonemas. Falou rapidamente com Lou para explicar o que tinha sucedido com Liam Flanagan e para lhe agradecer a ajuda. Disse-lhe que se encontrariam na igreja, na sexta-feira. A seguir, ligou para Warren e contou-lhe que, não só David era um bom jogador de basquetebol, como também o tinha livrado de levar uma tarefa. Teve de afastar o telemóvel do ouvido quando Warren respondeu. Disse-lhe que também o veria na igreja.

Depois de efetuados todos os telefonemas, Jack observou uma vez mais o cenário pacífico que se estendia à sua volta. O recorte côncavo da lua tinha subido um pouco mais no céu e iluminava as silhuetas pretas das árvores. Apesar do brilho noturno enviado para o céu por toda a área metropolitana de Boston, algumas estrelas brilhavam no firmamento. Jack respirou fundo para absorver o ar fresco. Era revigorante. Um cão ladrou ao longe. A serenidade fê-lo pensar no que traria a manhã seguinte. Haveria violência na exumação? Não sabia, mas o pensamento fê-lo sentir-se satisfeito por Liam ter insistido para que ele ficasse com a arma. Tocou no bolso e sentiu-a. A sua pesada solidez deixou-o mais seguro, ainda que soubesse que as estatísticas sugeriam o contrário. Com um sentimento de fatalismo de que, fizesse ele o que fizesse, aconteceria o que tivesse de acontecer, encolheu os ombros, virou-se e dirigiu-se para casa.

Sem Alexis e as crianças, Jack sentiu-se um intruso. Depois de fechar a porta principal, o silêncio da casa tornou-se quase palpável, embora ouvisse as vozes de Craig e de Randolph na biblioteca. Entrou na sala espaçosa e dirigiu-se para o frigorífico. Havia bastante comida e ele fez uma sanduíche rapidamente. Abriu uma cerveja e levou tudo para o sofá. Tendo o cuidado de manter o volume baixo, acendeu a televisão e, depois de passar rapidamente pelos canais, encontrou um noticiário. Ainda a sentir-se estrangeiro numa terra desconhecida, sentou-se confortavelmente e comeu.

Já tinha terminado a sanduíche e a maior parte da cerveja quando ouviu vozes alteradas na biblioteca. Era obviamente um desacordo. Jack aumentou rapidamente o volume da televisão para não ouvir. Sentiu-se como quando quase fora apanhado a bisbilhotar a maleta de médico de Craig. Alguns minutos mais tarde, a porta principal da casa bateu com força suficiente para Jack sentir a vibração. Poucos minutos depois disso, Craig entrou na sala grande. A forma como agia tornou aparente que estava furioso, particularmente a força com que atirou cubos de gelo para um copo antiquado e atirou com a porta de vidro do armário. Serviu-se de uma dose generosa de uísque e depois trouxe a bebida e a garrafa para o sofá.

— Importas-te? — perguntou Craig, apontando para o sofá onde Jack estava sentado.

— Claro que não — respondeu Jack, sem saber muito bem porque é que ele se tinha dado ao trabalho de perguntar.

Jack desviou-se mais para a outra ponta. Desligou a televisão e rodou para ficar de frente para o dono da casa, que se tinha afundado no sofá, ainda com a garrafa e o copo nas mãos.

Craig bebeu um grande trago do uísque escocês e manteve-o na boca durante alguns instantes antes de engolir. Estava a olhar para a lareira vazia.

— Como é que correu o ensaio? — perguntou Jack. Sentia-se obrigado a tentar estabelecer conversa.

Craig limitou-se a sorrir sarcasticamente.

— Sentes-te preparado? — insistiu Jack.

— Suponho que estou tão preparado quanto jamais estarei. Mas isso não quer dizer grande coisa.

— Qual foi o conselho do Randolph?

Craig forçou outra gargalhada.

— Já sabes, o costume. Não posso tirar macacos do nariz, peidar-me muito alto nem rir-me do juiz.

— Estou a falar a sério — disse Jack. — Gostava de saber.

Craig olhou para Jack. Um pouco da tensão que era tão evidente desapareceu do seu rosto.

— Os avisos do costume, como eu falei ao almoço, e talvez mais alguns. Tenho de evitar gaguejar e risos despropositados. Acreditas nisto? O Tony Fasano vai atacar-me verbalmente e eu tenho de manter a calma enquanto isso acontece. Quanto muito, posso fazer uma expressão magoada e não zangada, para que o júri simpatize comigo. Acreditas nisto?

— Acho que parece razoável.

Os olhos de Craig semi-cerraram-se quando fitou Jack.

— Talvez para ti, mas não para mim.

— Não pude deixar de ouvir as vozes alteradas, apesar de não conseguir perceber o que estavam a dizer.

Tu e o Randolph discordaram sobre alguma coisa?

— Nem por isso — respondeu Craig. — Ele só me irritou. Claro que era o que estava a tentar fazer. Estava a fazer de Tony Fasano. O problema que quando eu estiver no banco das testemunhas, tenho de prestar juramento, e o Tony Fasano não. Isso significa que ele pode inventar e proferir todas as alegações que quiser e eu tenho de ser insensível, mas não sou. Até me irritei com o Randolph. Sou um caso perdido.

Jack observou Craig a beber o uísque todo e a servir-se de mais. Sabia que muitas vezes os traços de personalidade dos clínicos verdadeiramente bons como Craig os tornavam suscetíveis a processos por negligência médica, e esses mesmos traços tornavam-nos más testemunhas na sua defesa. Também sabia que o oposto era verdade: os médicos verdadeiramente maus faziam um esforço nas suas maneiras com os doentes para compensar as suas deficiências e evitar processos judiciais, e esses mesmos médicos, se processados, defendiam-se com desempenhos merecedores de um Oscar.

— As coisas não estão nada promissoras — continuou Craig, mais taciturno que zangado. — E continuo preocupado porque acho que, apesar de toda a sua experiência, o Randolph não é o tipo certo. Ele é demasiado pretensioso. Manhoso como é o Tony Fasano, tem os jurados na palma da mão.

— Os jurados têm uma maneira surpreendente de acabarem por ver através do nevoeiro — replicou Jack.

— A outra coisa que me irrita imenso no Randolph é que não pára de falar no recurso — disse Craig como se não tivesse escutado Jack. — Foi isso que me fez perder as estribeiras no fim da nossa sessão. Eu nem queria acreditar que ele estava a falar nisso numa altura destas. É claro que sei que tenho de pensar nessa eventualidade. Tal como tenho de pensar no que farei com o resto da minha vida. Se perder, podes acreditar que não vou continuar a exercer.

— Isso é uma dupla tragédia — disse Jack. — A profissão não pode dar-se ao luxo de perder os seus melhores médicos, nem os teus pacientes podem dar-se ao luxo de ficar sem ti.

— Se eu perder este caso, nunca mais vou conseguir olhar para um paciente sem me preocupar com a hipótese de ser processado e de ter de passar de novo por este tipo de experiência. Foram os oito piores meses de toda a minha vida.

— Mas que é que vais fazer se não exerceres? Tu tens uma família jovem.

Craig encolheu os ombros.

— Provavelmente vou trabalhar para uma grande companhia farmacêutica. Há imensas oportunidades. Conheço diversas pessoas que seguiram esse caminho. A outra possibilidade é conseguir fazer investigação a tempo inteiro.

— Poderias mesmo fazer aquele trabalho de pesquisa sobre os canais de sódio a tempo inteiro e sentires-te realizado? — perguntou Jack.

— Claro que sim. É uma coisa empolgante. É ciência básica e no entanto tem uma aplicação clínica prática.

— Suponho que as grandes farmacêuticas estão interessadas nessa área.

— Sem dúvida.

— Mudando de assunto — disse Jack. — Enquanto estive lá fora a despedir-me de todos, pensei numa

coisa que queria partilhar contigo.

— Sobre o quê?

— Sobre a Patience Stanhope. Tenho todo o dossiê do caso, que li diversas vezes. Inclui todas as tuas fichas, mas a única coisa do hospital é a folha do serviço de urgências.

— Não havia mais nada. Ela nunca foi admitida.

— Eu sei, mas não há trabalho de laboratório para além do que está mencionado nas notas e não foram feitos pedidos de análises. O que me ocorreu foi se teria acontecido um erro grave no hospital, como terem-lhe administrado um medicamento errado ou uma dose excessiva. Se assim fosse, o responsável poderia estar desesperado para esconder o que fez e ficaria feliz da vida se tu fosses culpabilizado. Sei que é uma teoria um bocado rebuscada, mas não é tão disparatada como a ideia da conspiração. Que é que achas? Quero dizer, é claro, pelo que aconteceu aqui esta tarde às tuas filhas, que alguém é muito, muito contra a possibilidade de eu fazer uma autópsia, e se o culpado não for o Fasano, o motivo tem de estar relacionado com outra coisa que não o dinheiro.

Craig desviou o olhar durante um minuto, enquanto refletia sobre a ideia.

— É outro pensamento louco mas interessante.

— Presumo que durante a investigação foram obtidos todos os documentos relevantes do hospital.

— Acredito que sim — respondeu Craig. — E um argumento contra essa teoria é que eu estive com a paciente o tempo todo. Teria percebido uma coisa dessas. Quando é administrada uma dose excessiva ou o medicamento errado, normalmente observa-se uma mudança marcada no estado do paciente. Não houve nada disso. Desde o momento em que a vi pela primeira vez na residência dos Stanhope até ser declarado o óbito, ela foi-se simplesmente apagando, sem reagir a nada do que fizemos.

— Certo — disse Jack. — Mas talvez seja uma ideia a ter em mente quando fizer a autópsia. Estava a pensar fazer uma despistagem toxicológica simples, mas se houver a hipótese de uma dose excessiva de medicação ou um medicamento errado, a situação é mais crítica.

— Que é que uma despistagem toxicológica detecta?

— Os medicamentos usuais e até alguns invulgares, se tiverem concentrações suficientemente elevadas.

Craig terminou a segunda bebida, olhou para a garrafa de uísque e achou melhor não servir uma terceira. Levantou-se.

— Lamento não ser melhor anfitrião, mas tenho um encontro com o meu agente hipnótico favorito.

— Misturar álcool com comprimidos não dá bom resultado.

— Não me digas? — questionou Craig com arrogância. — Não fazia a mínima ideia!

— Até amanhã — disse Jack. Sentiu que o comentário provocador de Craig não merecia uma resposta.

— Estás preocupado com o regresso dos homens maus? — perguntou Craig num tom sarcástico.

— Não — respondeu Jack.

— Eu também não. Pelo menos, até a autópsia ser feita.

— Estás com dúvidas? — perguntou Jack.

— É evidente que estou com dúvidas, especialmente quando me dizes que as hipóteses de encontrar alguma coisa relevante são pequenas e o Randolph diz que não vai influenciar o julgamento, independentemente do que for encontrado, porque não será admitido como prova.

— Eu disse que as hipóteses de encontrar alguma coisa eram pequenas antes de alguém forçar a entrada em tua casa para te avisar que não se poderia fazer a autópsia. Mas eu não estou a argumentar. Tu e a Alexis é que têm de decidir.

— Ela está decidida.

— Bem, vocês é que sabem. Tens de me dizer, Craig. Queres que a faça?

— Não sei o que pensar, especialmente depois de dois uísques duplos.

— Por que é que não me dás uma resposta definitiva de manhã? — sugeriu Jack. Estava a perder a paciência. Craig não era a mais fácil das pessoas para se gostar, mesmo sem dois uísques duplos.

— Que gênero de pessoa é que estaria disposta a aterrorizar três meninas para transmitir uma mensagem?
— perguntou Craig.

Jack encolheu os ombros. Era o tipo de pergunta que não necessitava de resposta. Desejou boa noite a Craig e o cunhado fez o mesmo antes de sair da sala com passos pouco firmes.

Jack ficou sentado no sofá, com a cabeça para trás e o corpo muito esticado, e avistou Craig a subir lentamente as escadas. Pareceu-lhe que Craig já estava a evidenciar um toque de desequilíbrio induzido pelo álcool, como se não soubesse bem onde estavam os pés. Sempre com o instinto de médico, Jack perguntou a si mesmo se deveria ir ver como estava Craig a meio da noite. Era uma pergunta que não tinha uma resposta fácil, pois Craig não aceitaria bem aquele cuidado, com a sua implicação de necessidade, um anátema para ele.

Jack levantou-se e espreguiçou-se. Sentiu o peso do revólver e, embora não estivesse preocupado com quaisquer intrusos, a sensação foi reconfortante. Olhou para o relógio. Era demasiado cedo para tentar adormecer. Observou o ecrã negro da televisão: não estava interessado. À falta de um plano melhor, foi buscar o dossiê do caso de Craig e levou-o para o escritório. Como era um homem de hábitos, sentou-se na mesma poltrona que ocupara em ocasiões anteriores. Depois de acender o candeeiro de chão, procurou o registo do serviço de urgências do hospital.

Tirou a folha e recostou-se. Já a tinha lido por alto, particularmente a parte relacionada com a cianose. Agora, queria ler todas as palavras. No entanto, durante a leitura começou a ficar distraído. Os seus olhos deambularam até à antiquada maleta de médico de Craig. De repente, ocorreu-lhe um novo pensamento. Perguntou a si mesmo qual seria a incidência de falsos positivos do kit de biomarcadores portátil.

Em primeiro lugar, aproximou-se da porta para confirmar se ainda se ouviam os movimentos de Craig no primeiro andar. Ainda que o cunhado tivesse dito que não se importava que Jack mexesse na sua maleta, ele não se sentia à vontade. Porém, quando se convenceu de que estava tudo em silêncio, tirou a maleta de couro da sua prateleira, abriu-a e tirou o kit de biomarcadores. Abriu o manual de instruções do produto e leu que a tecnologia se baseava em anticorpos monoclonais, que são altamente específicos, o que significava que as hipóteses de um falso positivo eram quase de certeza nulas.

— Oh, bem — disse Jack em voz alta. O manual voltou para dentro da caixa, e a caixa voltou ao seu lugar no fundo da maleta, no meio dos três frascos usados, e a maleta voltou para a prateleira. "Lá se vai a minha ideia inteligente", pensou.

Jack regressou à poltrona de leitura e à folha do serviço de urgências. Infelizmente, não havia nada remotamente suspeito e, como tinha reparado na primeira leitura, o registo da cianose era a parte mais interessante.

De repente os dois telefones em cima das duas secretárias ganharam vida simultaneamente. O toque rouco na casa em silêncio chocou Jack. Os toques insistentes continuaram e Jack contou-os. Após o quinto toque, começou a acreditar que Craig talvez não estivesse a ouvir e levantou-se da poltrona de leitura. Acendeu o candeeiro na secretária de Alexis e olhou para o visor onde estava registada a identificação da pessoa que estava a ligar. O nome era Leonard Bowman.

Depois do sétimo toque, Jack teve a certeza de que o telefone não ia ser atendido, por isso pegou no auscultador. Como suspeitava, era Alexis.

— Obrigada por atenderes — disse ela depois de Jack falar.

— Estava à espera que o Craig atendesse, mas acho que a combinação de bebida e comprimidos o levou para a terra dos sonhos.

— Está tudo bem aí? — perguntou Alexis.

— Está tudo a correr às mil maravilhas — disse Jack. — Como estão as coisas por aí?

— Bastante bem. Tendo em conta tudo o que aconteceu, as miúdas estão a reagir extremamente bem. A Christina e a Meghan já estão a dormir. A Tracy está a ver um filme antigo na televisão. Temos de dormir

todas no mesmo quarto, mas acho que é boa idéia.

— O Craig está com dúvidas sobre a realização da autópsia.

— Por quê? Pensei que isso já estava decidido.

— Ele está com receio por causa das filhas, mas isso foi depois de beber dois uísques duplos. Vai dar-me uma resposta definitiva amanhã.

— Eu telefono-lhe de manhã. Acho que deve ser feita e estou ainda mais convencida disso por causa da ameaça de hoje. Quero dizer, essa é uma das razões por que eu e as miúdas viemos para cá! Conta fazê-la! Eu dou-lhe a volta.

Trocaram mais algumas palavras, incluindo que se encontrariam no tribunal no dia seguinte, e depois desligaram.

De novo na poltrona de leitura, Jack tentou concentrar-se no dossiê do caso, mas não conseguiu. Não era capaz de deixar de se maravilhar com a quantidade de coisas que iam acontecer nos próximos dois dias e de se interrogar se haveria algumas surpresas. Mal ele sabia.

Newton, Massachusetts Quinta-feira, 8 de Junho de 2006 7.40

A inquietação que Jack sentira na noite anterior após a partida de Alexis e das meninas intensificou-se de manhã. Não sabia se o estado de espírito de Craig se devia à tensão do testemunho iminente ou à ressaca do álcool e dos comprimidos, mas ele tinha regredido para uma insociabilidade silenciosa e pensativa, semelhante à que vira na primeira manhã que passara na residência dos Bowman. Na altura, Alexis e as crianças tinham tornado a situação suportável, mas sem elas o ambiente estava indiscutivelmente desagradável.

Jack tinha tentado mostrar-se alegre quando subiu da sua toca na cave, mas o seu esforço valeu-lhe apenas um olhar frio. Só depois de Jack se ter servido de leite e cereais é que Craig falou.

— Recebi um telefonema da Alexis — disse ele num tom rouco e desanimado. — Ela disse que vocês falaram a noite passada. De qualquer maneira, a mensagem é: a autópsia mantém-se.

— Está bem — respondeu Jack simplesmente. Apesar do mau-humor em que Craig parecia estar mergulhado, não conseguiu deixar de pensar no que ele diria se lhe confessasse que tinha ido lá acima a meio da noite para o observar e escutar a sua respiração. Parecera-lhe tudo normal, e Jack não tentara acordá-lo, como fazia parte do seu plano original. Tendo em conta a disposição de Craig mesmo sem a intromissão que realçaria as suas fragilidades, ficou muito satisfeito por não o ter feito.

Já preparado para sair, Craig compensou parcialmente o seu comportamento aproximando-se de Jack, que estava sentado à mesa de jantar a beber café e a dar uma vista de olhos ao jornal.

— Desculpa-me por ser um anfitrião tão mau — disse ele num tom de voz mais normal, desprovido de arrogância ou sarcasmo. — Este não é o meu melhor momento.

Por respeito, Jack afastou a cadeira e levantou-se.

— Eu compreendo o que estás a sofrer. Nunca passei por um processo de negligência médica, mas, nos meus tempos de oftalmologista, vi diversos amigos a passarem por isso. Sei que é horrível e tão mau como um divórcio.

— É um horror — confessou Craig.

Depois Craig fez uma coisa absolutamente inesperada. Deu um abraço desajeitado a Jack e soltou-o imediatamente, antes que este tivesse tempo para reagir. Evitou olhar o cunhado nos olhos enquanto ajustava o casaco do fato.

— Se te serve de alguma coisa, estou reconhecido por teres vindo cá. Obrigado pelos teus esforços e lamento que tenhas levado algumas pancadas por minha causa.

— Ainda bem que vim — disse Jack, tentando evitar ser sarcástico dizendo: "O prazer foi meu." Detestava ser menos do que verdadeiro, mas tinha sido apanhado desprevenido com a mudança de comportamento de Craig.

— Vemo-nos no tribunal?

— Sim, mas não sei quando.

— Está bem. Então, até logo.

Jack observou Craig a sair. Uma vez mais, tinha subestimado o homem.

Desceu para o quarto de hóspedes na cave e guardou as suas coisas no saco de viagem. Não sabia o que fazer com as roupas da cama. Acabou por desmanchá-la e deixar os lençóis e as toalhas num monte no chão. Dobrou os cobertores. Havia um bloco de apontamentos ao lado do telefone. Escreveu um breve

bilhete de agradecimento e pousou-o em cima dos cobertores. Hesitou em relação ao que fazer com a chave da porta principal, mas decidiu ficar com ela e devolvê-la pessoalmente quando entregasse o dossiê do caso a Alexis. Queria ficar com o dossiê até ao fim da autópsia, para o caso de o procedimento levantar questões sobre as quais os papéis pudessem lançar luz. Vestiu o casaco. Sentiu a arma num lado e o telemóvel no outro.

Com o envelope volumoso debaixo de um braço e o saco de viagem na outra mão, Jack subiu as escadas e abriu a porta da frente. Embora o tempo tivesse estado ótimo durante toda a sua estada em Boston, agora piorara acentuadamente. O céu estava carregado de nuvens escuras e chovia. Jack olhou para o seu Hyundai. O carro estava a cerca de cinquenta encharcados metros de distância. Ao lado da porta havia um bengaleiro. Jack tirou um chapéu de chuva com o nome do Ritz Carlton. Não havia motivo para não poder devolvê-lo a Alexis quando lhe entregasse as outras coisas.

Com o chapéu de chuva, precisou de várias viagens a saltitar por cima de poças de água para colocar as coisas no carro. Depois de tudo pronto, ligou o motor e os limpapára-brisas e limpou o vidro embaciado com as costas da mão. Em seguida, recuou para a estrada, acenou para o polícia que estava sentado no seu carro-patrolha, aparentemente a vigiar a casa, e acelerou na estrada.

Pouco depois, o vidro estava completamente embaciado e foi obrigado a limpá-lo de novo. Com um olho na estrada, usou o outro para localizar o botão de desembaciamento. Quando o ligou, o problema diminuiu. Para ajudar, Jack abriu ligeiramente o vidro do lado do condutor.

Enquanto seguia pelas ruas suburbanas, o tráfego foi aumentando gradualmente. Devido à cobertura de nuvens baixas e escuras, muitos carros tinham os faróis acesos. Ao chegar à entrada da portagem da auto-estrada, onde teve de esperar que o semáforo ficasse verde, lembrou-se de que era hora de ponta. À sua frente, a auto-estrada estava repleta de carros, autocarros e camiões que criavam uma névoa rodopiante e vaporosa. Enquanto esperava que o semáforo mudasse, Jack preparou-se para mergulhar no meio da confusão. Tinha consciência de que não era um condutor especialmente bom, especialmente porque raramente conduzira depois de ir viver para Nova Iorque, há uma década. Preferia mil vezes a sua bicicleta de montanha, ainda que a maior parte das pessoas considerasse perigoso andar de bicicleta no trânsito da cidade.

De repente, alguma coisa bateu na traseira do seu carro, fazendo com que a cabeça batesse no encosto. Quando conseguiu recompor-se o suficiente, virou-se para espreitar pela janela de trás, por onde escorria água. Não viu muito mais do que um veículo preto muito maior colado à traseira do seu. Foi nesta altura que Jack se apercebeu de que o seu carro estava a avançar apesar de ter o pé a pressionar o pedal do travão.

Voltou-se para olhar novamente para a frente e o seu coração parou. Estava a ser empurrado para além do sinal vermelho! Lá fora, ouviu o horrível chiar das suas rodas bloqueadas contra o macadame salpicado de pedras, bem como o rugido do potente motor que o empurrava. Depois, apercebeu-se de uns faróis que se aproximavam do seu lado esquerdo e de uma buzina a berrar um aviso urgente. Em seguida, ouviu um barulho lancinante e agudo de borracha no pavimento, seguido de uns faróis brilhantes a serem desviados à sua frente.

Os olhos de Jack fecharam-se reflexivamente, à espera de um impacto no lado esquerdo do carro. Quando o impacto se deu, foi mais um roçar do que um embate, e Jack viu a imagem desfocada pela água de um carro encostado de lado contra o seu Hyundai, junto à porta do seu lado. Ouviu metal a raspar contra metal.

Levantou o pé do travão, a pensar que este não estava a funcionar e precisava de ser pressionado. No segundo em que o seu pé soltou o pedal, o veículo disparou em frente na direção da turba de carros velozes que circulavam na auto-estrada. Jack carregou novamente no pedal do travão. Sentiu as rodas a bloquear e o som dos pneus na superfície da estrada voltou a ouvir-se, mas a velocidade não abrandou. Olhou novamente para trás. O grande carro preto empurrava-o inelutavelmente para a perigosa

interestadual que se estendia a menos de quinze metros de distância. Instantes antes de virar a cabeça para olhar de novo em frente, avistou o ornamento no capot do carro que o empurrava. Embora a imagem fugaz fosse indistinta no meio do nevoeiro e da chuva, Jack percebeu que era composta por dois ramos em forma de crescente a ladear um brasão. Fez a associação instantaneamente. Era o ornamento dos Cadillacs e, na mente de Jack, até que fosse provado o contrário, um Cadillac preto significava Franco. Uma vez que o travão era inútil face aos cavalos excessivos do Cadillac, Jack soltou o pedal e pisou o acelerador. O Accent reagiu lentamente. Ouviu-se outro som agonizante de metal a raspar em metal e, com um estalo perceptível, o Hyundai conseguiu soltar-se do carro que estava a atacá-lo.

Agarrando-se desesperadamente ao volante, Jack entrou nas quatro faixas de tráfego veloz da auto-estrada como nunca tinha entrado antes. No último segundo chegou a fechar os olhos, pois não havia separador lateral naquela parte da estrada, por isso não tinha outra alternativa a não ser misturar-se no fluxo de carros da faixa da direita. Embora nas experiências de condução anteriores Jack tivesse ficado com a impressão de que os condutores de Boston pareciam extremamente agressivos, teve de lhes reconhecer o mérito de estarem atentos e terem reflexos rápidos. Apesar de uma cacofonia de buzinas e chiar de pneus, o carro de Jack conseguiu enfiar-se no meio dos outros veículos. Quando abriu os olhos, viu que estava comprimido entre dois veículos, e praticamente colado a eles. Infelizmente, o carro de trás era um intimidante Hummer que se deixou ficar onde estava, a sugerir que o condutor tinha ficado desvairadamente furioso.

Jack tentou ajustar a velocidade para igualar exatamente a do carro da frente, apesar de sentir que ele estava a deslocar-se depressa demais, tendo em conta as condições climatéricas. No entanto, sentiu que não tinha muitas opções. Não abrandou, com receio que o Hummer lhe batesse da mesma forma que o Cadillac preto tinha batido. Entretanto, procurou freneticamente o Cadillac pelos espelhos laterais e pelo espelho retrovisor, mas não era uma tarefa fácil. Era obrigado a tirar os olhos do carro da frente, que não passava de uma mancha preta apesar de os limpa pára-brisas estarem a trabalhar à velocidade máxima. Jack não viu o Cadillac, mas de vez em quando vislumbrava o condutor do Hummer a agitar o punho e a mostrar-lhe o dedo alternadamente, quando sentia que Jack estava a olhar na sua direcção.

A necessidade de se concentrar na condução não era o único problema com que se deparava e que dificultava a localização do seu atacante motorizado. Grandes remoinhos de nevoeiro e vapor de água eram agitados freneticamente pelos veículos que passavam a grande velocidade, particularmente pelos camiões cujas dezoito rodas, cada uma delas quase com o tamanho do carro de Jack, rodavam no pavimento molhado e atiravam vagas de água para o ar em volta das palas.

De repente, à sua direita, surgiu uma berma estreita para veículos avariados. Teve de tomar uma decisão rápida, uma vez que o comprimento da berma não era grande e, à velocidade a que o seu carro e os outros circulavam, a oportunidade depressa se perderia. Impulsivamente, Jack guinou para a direita para sair da fila de trânsito, pisou o travão e depois lutou contra a tendência do carro para deslizar, primeiro para um lado e depois para o outro.

Muito aliviado, conseguiu parar o carro, mas não teve um momento de descanso. Pelo espelho retrovisor, avistou o Cadillac preto a sair da faixa de rodagem exactamente como ele tinha feito.

Respirou fundo para encher o peito de ar, agarrou no volante com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos e pisou o acelerador a fundo. A aceleração não foi de partir o pescoço, mas mesmo assim foi impressionante. A sua frente, o fim da berma começou a aparecer indistintamente, obrigando uma vez mais Jack a enfiar-se abruptamente no meio do trânsito. Desta vez não o fez às cegas, mas provocou a mesma fúria no condutor do veículo de trás. Porém, com o Cadillac obviamente ainda a persegui-lo, Jack não se preocupou. Na verdade, havia um lado bom. O homem continuou a expressar a fúria que sentia colando-se à traseira do seu carro. Em circunstâncias normais, Jack teria considerado essa situação perigosa e irritante. Porém, agora significava que não havia espaço para o Cadillac, o que seria muito pior do que um simples condutor irado.

Sabia que alguns quilômetros mais adiante estava a sua saída, que, surpreendentemente, bifurcava da faixa mais à esquerda. Não muito longe da saída ficavam as portagens que marcavam o final da auto-estrada. Jack tentou decidir qual seria a melhor alternativa. As portagens significavam funcionários e talvez até polícia, o que era bom, mas também significavam longas filas, o que era mau. Ainda que David Thomas tivesse tirado a pistola a Franco, Jack sabia que o homem teria indubitavelmente acesso a mais armas. Se Franco era suficientemente louco para o abalroar numa tentativa de o atirar para o meio do trânsito, achou que teria poucos problemas de consciência em alvejá-lo. A via rápida tinha menos funcionários e não tinha polícia, o que era mau, mas também não havia filas, particularmente nas duas faixas da esquerda, o que era bom.

Enquanto avaliava estas possibilidades, Jack apercebeu-se vagamente de que ao longe, a seguir a alguns edifícios que se viam junto à auto-estrada, apareceu uma verdadeira berma. Não pensou muito no assunto, uma vez que não tinha intenção de sair da faixa de rodagem uma segunda vez. O que ele imaginara é que o Cadillac pudesse usar a berma para o apanhar.

Só quando o Cadillac ficou ao seu lado é que Jack o avistou. E quando isso aconteceu viu que a janela do carro estava aberta. Mais importante, Franco conduzia apenas com uma mão. Na outra mão via-se uma arma, que ele tirou para fora da janela. Jack tocou no travão ao mesmo tempo que a janela do lado do passageiro se esmagava em mil pedaços e aparecia um buraco na pala por cima do vidro da frente imediatamente à esquerda de Jack.

O condutor do carro que seguia atrás de Jack recomeçou a buzinar, completamente exasperado. Jack compreendia perfeitamente a sua agitação. Também estava impressionado com o fato de o homem ter conseguido evitar a colisão, e jurou a si mesmo que nunca mais voltaria a queixar-se dos condutores de Boston.

Um instante depois de carregar no travão, Jack premiu o pedal do acelerador até ao fundo e usou a sua nova técnica de se misturar no meio dos carros para se mover lateralmente por várias faixas de rodagem. Agora, todos os condutores à sua volta buzonavam ensurdecedoramente. Jack não pôde saborear a sua façanha porque Franco efetuou uma manobra ainda mais arriscada e já estava na mesma faixa que ele, apenas com um veículo de permeio. À sua frente, Jack viu a placa que indicava a sua saída, Allston-Cambridge, Faixa da Esquerda, a aproximar-se rapidamente e depois a ficar ao seu nível. Impulsivamente, tomou uma decisão súbita que dependia de o seu Accent ágil e compacto conseguir fazer uma curva muito apertada, a alta velocidade, coisa que seria impossível para o Cadillac antigo, que mais parecia um barco. Franco colaborou mantendo-se na faixa, presumivelmente a evitar usar a faixa da esquerda relativamente vazia para ultrapassar Jack com receio de ser obrigado a sair da auto-estrada na saída que se aproximava rapidamente.

Todo o corpo de Jack ficou tenso quando ele fixou os olhos no seu objetivo. Pretendia executar uma viragem o mais brusca possível à esquerda para a saída sem que o carro derrapasse e passar ao lado de um triângulo de contentores de plástico amarelo do tamanho de barris colocados de forma a amortecer a pancada de quaisquer veículos que estivessem na iminência de embater no contraforte de betão da saída. Desejou ardentemente que Franco fosse obrigado a continuar na auto-estrada.

Naquele que esperava ser o instante certo, Jack guinou o volante para a esquerda. Ouviu os pneus a chiar em sinal de protesto e sentiu a poderosa força centrífuga a tentar desviar a traseira do carro ou a sacudi-lo. A medo, tocou no travão, sem saber se ajudaria ou se seria uma grande asneira. Por um segundo, pareceu que o carro estava sobre duas rodas, mas depois endireitou-se e desviou-se agilmente dos contentores de proteção, passando a uma distância bastante razoável.

Virando rapidamente o volante na direção oposta, Jack endireitou o carro na saída, dirigindo-se para a fila de portagens à sua frente. Começou a travar. Nesse momento, olhou pelo espelho retrovisor a tempo de ver Franco a embater de lado no vértice de barris amarelos. O mais impressionante de tudo é que o Cadillac já estava de pernas para o ar, tendo ostensivamente capotado logo que Franco tentara seguir

Jack.

Jack estremeceu com a força do impacto, que lançou pneus e outros destroços no ar. Ficou maravilhado com o nível da raiva de Franco, que tinha obviamente toldado qualquer resquício de racionalidade.

Quando Jack se aproximou das cabinas de portagem, os dois funcionários saíram a correr dos seus postos, abandonando os condutores que aguardavam para pagar a portagem. Um dos funcionários levava um extintor na mão. Jack espreitou pelo espelho retrovisor. Viu línguas de chamas a lamber a parte lateral do veículo capotado.

Com a certeza de que não podia fazer muita coisa, Jack seguiu. Depois de se afastar consideravelmente de toda aquela confusão, que tinha começado com Franco a bater na traseira do seu carro, a sua ansiedade cresceu até ao ponto de começar a tremer visivelmente. Em alguns aspectos, aquela reação surpreendeu-o mais do que a experiência em si. Há poucos anos, teria ficado deliciado com um acontecimento daqueles. Agora, sentia-se mais responsável. Laurie estava a contar com ele para se manter vivo e chegar à igreja de Riverside à uma e meia do dia seguinte.

Vinte minutos mais tarde, quando estacionou no parque da Agência Funerária Langley-Peerson, já se tinha recomposto o suficiente para reconhecer que tinha a responsabilidade de participar o que sabia acerca do acidente de Franco, embora não quisesse perder tempo a ir à polícia de Boston. Deixou-se ficar sentado no carro e pegou no telemóvel e no cartão de visita de Liam Flanagan, que tinha o número do telemóvel do polícia. Marcou o número. Quando Liam atendeu, Jack ouviu várias vozes em segundo plano.

— Estou a telefonar em má altura? — perguntou Jack.

— Não, não. Estou na fila no Starbucks para comprar o meu leite com chocolate. Que é que se passa?

Jack contou-lhe a história do seu último encontro com Franco, desde o início até ao fim dramático e decisivo.

— Tenho uma pergunta — disse Liam. — Respondeu aos tiros com a minha pistola?

— É claro que não — replicou Jack. Era a última pergunta que esperava. — Para dizer a verdade, essa ideia nunca me ocorreu.

Liam disse a Jack que ia transmitir a informação aos agentes da brigada de trânsito que patrulhavam a auto-estrada e, se eles tivessem algumas perguntas, dar-lhes-ia o número do telemóvel de Jack para que pudessem falar directamente com ele.

Satisfeito com a facilidade da participação, Jack inclinou-se para a frente e examinou o buraco de bala no rebordo plástico no interior do carro, sabendo que na Hertz não iam ficar nada felizes. O furo estava relativamente aberto, como via frequentemente nos ferimentos de entrada de balas nos crânios das vítimas. Estremeceu interiormente ao pensar que desta vez quase tinha sido o seu crânio, e isso levou-o a perguntar a si mesmo se o ataque que Franco lhe fizera com o carro tinha sido o plano B. O plano A talvez fosse esperar que Jack saísse de casa ou, pior ainda, forçar a entrada na residência durante a noite. Talvez a vigilância da polícia tivesse sido o impedimento e Jack estremeceu uma vez mais ao lembrar-se da certeza que sentira na noite anterior de que não haveria intrusos. A ignorância era uma bênção.

Tomando a decisão consciente de não se desgastar com isso, Jack tirou o chapéu de chuva do banco de trás e dirigiu-se para a agência funerária. Aparentemente sem cerimónias marcadas, o estabelecimento recuperara a serenidade sepulcral, quebrada apenas pelos Cânticos Gregorianos quase inaudíveis. Jack teve de se dirigir sozinho para o escritório de Harold com os seus pesados reposteiros.

— Dr. Stapleton — disse Harold ao ver Jack na soleira da porta. — Infelizmente, tenho más notícias.

— Por favor! — exclamou Jack. — Não me diga isso. Já tive uma manhã atribulada e difícil.

— Recebi um telefonema de Percy Gallaudet, o operador da escavadora. O cemitério destacou-o para outro trabalho e depois tem de se ausentar para escavar os esgotos de uma pessoa qualquer. Disse que só poderá fazer o seu trabalho amanhã.

Jack inspirou e desviou o olhar durante alguns instantes para se acalmar. Os modos untuosos de Harold tornavam este novo obstáculo muito mais difícil de suportar.

— Muito bem — disse Jack lentamente. — Que tal arranjarmos outro operador de escavadoras? Deve haver mais do que um nesta zona.

— Existem imensos, mas atualmente apenas um é aceitável para o Walter Strasser, o superintendente do Cemitério de Park Meadow.

— Há subornos envolvidos? — disse Jack, mais como uma declaração do que como uma pergunta. Haver apenas um operador de escavadoras deixava entrever um caso flagrante de pequena corrupção.

— Só Deus sabe, mas a realidade é que estamos limitados ao Percy Gallaudet.

— Merda! — exclamou Jack. Não havia como efetuar a autópsia de manhã e conseguir estar na igreja de Riverside à uma e meia da tarde.

— Há mais um problema — declarou Harold. — O caminhão da empresa de jazigos não está disponível amanhã, e tive de lhes telefonar a dizer que não íamos precisar dos seus serviços hoje.

— Maravilhoso! — comentou Jack sarcasticamente. Inspirou novamente. — Vamos analisar isto cuidadosamente para sabermos quais são as nossas opções. Há alguma forma de fazermos isto sem a empresa de jazigos?

— De maneira nenhuma — disse Harold, indignado. — Isso implicaria deixar o jazigo no chão.

— Hei, eu não me importo que o jazigo fique no sítio onde está. Afinal, para que é que têm de o tirar?

— O procedimento é esse. É um jazigo de luxo escolhido especificamente pelo falecido Sr. Stanhope. A tampa de uma só peça tem de ser retirada com todo o cuidado.

— A tampa não poderia ser retirada sem se remover todo o jazigo?

— Suponho que sim, mas é possível que rache.

— E que diferença faria isso? — perguntou Jack, perdendo a paciência. Achava que os rituais de enterro em geral eram bizarros e era adepto da cremação. Bastava olhar para as múmias dos faraós egípcios grotescamente expostas para perceber que permitir que os restos mortais de uma pessoa se mantivessem intactos não era necessariamente uma boa idéia.

— Uma racha poderia comprometer o selo do caixão — disse Harold com indignação renovada.

— Estou a perceber que o jazigo pode ficar no chão — disse Jack. — Eu assumo a responsabilidade. Se a tampa rachar, podemos arranjar uma nova. Tenho a certeza de que a empresa de jazigos ficará satisfeita com esta solução.

— Suponho que sim — disse Harold, moderando a atitude.

— Eu vou falar pessoalmente com o Percy e Walter, para tentar resolver este impasse.

— Como queira. Por favor, mantenha-me informado. Eu tenho de estar presente se e quando o jazigo for aberto, — Pode ter a certeza de que o avisarei — disse Jack. — Pode explicar-me como é que chego ao Park Meadow?

Jack saiu da agência funerária num estado de espírito diferente daquele com que entrara. Agora, estava irritado e também extremamente excitado. Três coisas que nunca deixavam de o exasperar eram a burocracia, a incompetência e a estupidez, especialmente quando ocorriam juntas, coisa que acontecia com frequência. Tirar Patience Stanhope da terra estava a revelar-se uma tarefa mais árdua do que ele esperara quando, displicentemente, sugerira uma autópsia.

Ao chegar ao carro, observou-o criticamente pela primeira vez desde a perseguição na auto-estrada. Para além do vidro partido e da bala na pala do vidro da frente, todo o lado esquerdo estava arranhado e amolgado, e a traseira tinha sido empurrada para dentro. A traseira estava tão danificada que recebeu não conseguir abrir o porta-bagagens. Felizmente, os seus medos revelaram-se infundados quando conseguiu abrir a porta. Queria ter a certeza de que teria acesso aos materiais que Latasha lhe tinha fornecido. Não queria pensar em qual seria a reação da Hertz a tantos estragos, embora estivesse aliviado por ter optado por um seguro contra todos os riscos.

Depois de entrar no carro, pegou no mapa e, combinando-o com as indicações de Harold, conseguiu estabelecer a sua rota. O cemitério não ficava longe e encontrou-o sem grande esforço nem incidentes.

Dominava uma colina perto de uma imponente instituição religiosa que se parecia com um colégio e tinha inúmeros edifícios separados. O cemitério era bastante agradável, mesmo à chuva, e parecia um parque com lápides. O portão principal tinha uma elaborada estrutura de pedra que ladeava a estrada de acesso e estava cheia de estátuas dos profetas. Os portões em si eram grades pretas de ferro-forjado e teriam sido proibitivos se não estivessem permanentemente abertos. Todo o cemitério estava delimitado por uma vedação que condizia com os portões da entrada.

Do outro lado do portão e aconchegado atrás dele erguia-se um edifício gótico que englobava um escritório e uma garagem com vários lugares para estacionamento. O edifício situava-se numa área empedrada a partir de onde várias ruas conduziam ao cemitério propriamente dito. Jack estacionou o carro e entrou pela porta aberta do escritório. Havia duas pessoas em duas secretárias. O resto do mobiliário incluía vários armários de arquivo metálicos com quatro gavetas e uma mesa de biblioteca com algumas cadeiras. Na parede via-se um grande mapa do cemitério com a localização de todas as campas.

— Posso ajudá-lo? — perguntou uma mulher com aspecto desleixado.

Não foi amistosa nem hostil quando lançou um olhar avaliador a Jack. Era um estilo que Jack estava a começar a associar à Nova Inglaterra.

— Ando à procura de Walter Strasser — disse Jack.

A mulher apontou para o homem sem olhar para ele nem para Jack. Já tinha voltado a concentrar-se no ecrã do seu computador.

Jack aproximou-se da secretária do homem, que tinha uma idade indefinida no final da meia-idade e era suficientemente corpulento para sugerir que aproveitara o seu quinhão dos sete pecados mortais, particularmente a gula e a preguiça. Estava impassivelmente sentado à secretária com as mãos entrelaçadas sobre a impressionante barriga. O rosto cheio estava encarnado como uma maçã.

— É o Sr. Strasser? — perguntou Jack quando o homem não esboçou a menor vontade de falar ou mover-se.

— Sou.

Jack apresentou-se rapidamente e mostrou o seu distintivo do Instituto de Medicina Legal. Explicou em seguida a necessidade de examinar a falecida Patience Stanhope devido a um processo cível e disse que as autorizações necessárias para a exumação já tinham sido obtidas. Declarou que a única coisa de que necessitava era do corpo.

— O Sr. Harold Langley falou-me detalhadamente sobre esta questão — disse Walter.

"Muito obrigado por me dizeres isso logo que cheguei", pensou Jack, mas não disse nada. Em vez disso, perguntou:

— Ele também mencionou que existe um problema de agendas? Tínhamos planeado que a exumação seria efetuada hoje.

— O Sr. Gallaudet tem um problema. Eu disse-lhe para telefonar para o Sr. Langley esta manhã e explicar-lhe a situação.

— Eu recebi a mensagem. O motivo que me levou a vir cá pessoalmente foi para saber se uma pequena atenção extra pelos seus esforços e pelo trabalho do Sr. Gallaudet poderiam colocar a exumação de novo na agenda de hoje. Infelizmente, tenho de deixar a cidade esta noite... — Jack calou-se deixando no ar a vaga oferta de um suborno, esperançado de que a cobiça fosse uma parte tão grande dos pontos fracos de Walter como a gula parecia ser.

— Que gênero de atenção extra? — perguntou Walter, para satisfação de Jack. Os olhos do homem moveram-se rapidamente na direcção da mulher com uma expressão cautelosa, sugerindo que ela não fazia parte dos seus esquemas.

— Estava a pensar no dobro da taxa normal, em dinheiro.

— Pelo meu lado, não há problema — disse Walter. — No entanto, terá de falar com o Percy.

— E que tal outro operador de escavadoras?

Walter refletiu sobre a sugestão durante alguns instantes, e depois declinou.

— Lamento! O Percy está ligado ao Park Meadow há muito tempo. Ele conhece e respeita as nossas regras e regulamentos.

— Compreendo — concordou Jack, enquanto adivinhava que a longa ligação de Percy estava muito provavelmente mais relacionada com subornos do que com as regras e os regulamentos. Porém, não ia repisar a questão a menos que ficasse num impasse com Percy. — Ouvi dizer que o Sr. Gallaudet está a trabalhar aqui no cemitério neste momento.

— Está lá em cima, junto ao grande ácer, com o Henrique e o César, a preparar o terreno para um enterro que decorrerá ao meio-dia.

— Quem são o Henrique e o César?

— São os nossos vigilantes.

— Posso levar o carro até lá?

— Faça o favor.

Enquanto subia a colina de carro, a chuva diminuiu e depois parou. Jack ficou aliviado, pois graças a Franco estava a conduzir sem o vidro da janela do lado do passageiro.

Desligou os limpa pára-brisas. À medida que subia, foi tendo uma panorâmica cada vez melhor da área circundante. Para oeste, perto da linha do horizonte, via-se uma tira de céu limpo a prometer um tempo melhor num futuro próximo.

Jack encontrou Percy e os vigilantes do cemitério próximo do cume da colina. Percy estava na cabina de vidro da sua escavadora, a escavar uma sepultura, enquanto os dois vigilantes observavam, encostados a pás com cabos compridos. Percy tinha a pá da escavadora mergulhada no fundo do buraco e o motor a gásóleo do veículo estava em esforço para a aproximar e depois içar e retirar. O solo acabado de escavar estava empilhado num cone sobre um grande oleado. Uma camionete de caixa aberta com o nome do cemitério pintado na porta estava estacionada ao lado.

Jack estacionou o carro e dirigiu-se para a escavadora. Tentou chamar a atenção de Percy gritando o nome deste, mas o ruído do motor a gásóleo abafou-o. Só quando bateu no vidro é que ele percebeu que estava a ser abordado. Solto imediatamente os comandos e o rugido do motor tornou-se um ronronar mais suportável. Percy abriu a porta da cabina.

— Que é que se passa? — gritou, como se o motor da escavadora ainda estivesse a fazer um barulho considerável.

— Preciso de falar consigo por causa de um trabalho — gritou Jack por sua vez.

Percy saltou para fora da cabina. Era um homem baixo e parecido com um esquilo. Movia-se com sacões súbitos e rápidos e tinha uma expressão eternamente interrogativa no rosto, com sobrancelhas fixamente erguidas e a testa franzida. Os cabelos eram curtos mas espetados e os dois antebraços estavam muito tatuados.

— Que espécie de trabalho? — perguntou Percy.

Jack apresentou-se e explicou o que queria de uma forma ainda mais elaborada do que tinha feito com Walter Strasser, na esperança de apelar a um fundo de boa vontade que Percy pudesse ter e conseguir voltar a agendar a ressurreição de Patience Stanhope para aquele dia. Infelizmente, não resultou.

— Lamento, meu — disse Percy. — Depois deste trabalho, tenho um amigo com o esgoto entupido e gêmeos recém-nascidos.

— Já ouvi dizer que está ocupado — disse Jack. — Mas, como disse ao Sr. Strasser, estou disposto a pagar o dobro da taxa para que o trabalho seja feito hoje.

— E que é que o Sr. Strasser respondeu?

— Disse que da parte dele não havia problema.

- As sobrancelhas de Percy subiram mais um pouco enquanto ele ponderava na oferta de Jack.

— Então, está disposto a pagar o dobro da taxa do cemitério e o dobro dos meus honorários?

— Só se o trabalho for feito hoje.

— Mesmo assim, eu tenho de ir ajudar o meu amigo — disse Percy. — Teria de ser depois disso.

— Então, a que horas poderia fazer o trabalho?

Percy contraiu os lábios e acenou com a cabeça enquanto refletia. Olhou para o relógio.

— De certeza que seria depois das duas.

— Mas o trabalho vai ser feito? — perguntou Jack. Precisava de ter a certeza.

— Vai ser feito — prometeu Percy. — Só não sei o que vou encontrar no esgoto do meu amigo. Se correr bem, posso estar de volta aproximadamente às duas horas. Se houver algum problema, então é impossível prever uma hora.

— Mas vai fazer o trabalho, ainda que seja ao fim da tarde.

— Claro que sim — disse Percy. — Pelo dobro do preço que cobro habitualmente.

Jack estendeu a mão. Percy apertou-a rapidamente. Enquanto voltava para o carro amolgado, Percy subiu para a cabina da escavadora. Antes de ligar o motor, telefonou para Harold Langley.

— Eis o que se passa — disse, numa voz que implicava não haver espaço para discussão. — A exumação da Patience está novamente de pé e vai ser feita a qualquer altura depois das duas horas da tarde.

— Não pode adiantar-me uma hora mais exata?

— Vai ser depois de o Sr. Gallaudet terminar o que tem agendado. Neste momento, é tudo o que posso dizer-lhe.

— Só preciso de ser avisado com meia hora de antecedência — disse Harold. — Encontramo-nos junto à campa.

— Muito bem — respondeu Jack.

Esforçou-se para manter a voz desprovida de sarcasmo. Tendo em conta o preço que ia pagar à Agência Funerária Langley-Person, achava que Harold é que devia ter vindo fazer braço de ferro com Walter Strasser e Percy Gallaudet.

Com o som da escavadora de Percy a trabalhar, Jack tentou pensar nas outras coisas que tinha para fazer. Olhou para o relógio. Eram quase dez e meia. Da forma como as coisas estavam a correr, a sua intuição disse-lhe que teria muita sorte se conseguisse levar Patience Stanhope para a agência funerária Langley-Person a meio ou quase ao fim da tarde, o que significava que a Dra. Latasha Wylie talvez estivesse disponível. Não sabia ao certo se a oferta de ajuda tinha sido inteiramente sincera, mas achou que podia dar-lhe o benefício da dúvida. Com ajuda, a autópsia seria mais rápida e ele teria alguém com quem trocar ideias e partilhar opiniões. Também queria a serra que ela se tinha oferecido para trazer. Ainda que, na sua opinião, o cérebro não fosse importante neste caso em particular, Jack detestava fazer fosse o que fosse sem ter tudo o que era necessário. Mais importante, pensou que talvez precisasse de usar um microscópio ou um aparelho de dissecação, e a presença de Latasha viabilizaria essa possibilidade. E o mais importante de tudo era a oferta do chefe dela para ajudar com a toxicologia, um procedimento que Latasha poderia agilizar. Agora que estava a considerar a hipótese de uma dose excessiva de medicação ou um medicamento errado administrados no hospital, queria fazer um exame toxicológico e precisava dos resultados imediatamente para poder incluí-los no relatório.

Esses pensamentos fizeram Jack considerar a distinta possibilidade que andava a evitar inconscientemente. O mais provável era não conseguir despachar-se a tempo de apanhar a última ponte aérea de Boston para Nova Iorque, o que significava que seria obrigado a ir de manhã. Como sabia que os primeiros voos eram ao amanhecer, conseguiria estar sem problemas na igreja a tempo da cerimónia da uma e meia, mesmo com uma paragem no apartamento para vestir o smoking. O problema era dizê-lo a Laurie.

Reconhecendo que não estava pronto para ter essa conversa e racionalizando que ainda não tinha a

certeza de não conseguir apanhar o avião nessa noite, Jack optou por não telefonar naquele momento. Decidiu que seria muito melhor falar com ela quando tivesse uma informação definitiva.

Inclinando-se para o lado para tirar a carteira do bolso de trás, pegou no cartão de Latasha Wylie e marcou o número do telemóvel da médica. Tendo em conta as horas, não ficou surpreendido quando foi parar à caixa de mensagens. Indubitavelmente, ela estava na sala de autópsias. A mensagem que deixou era simples. A exumação estava atrasada, por isso a autópsia seria feita ao fim da tarde e, se ela quisesse, adoraria poder contar com a sua ajuda. Deixou o número do seu telemóvel.

Feitos os telefonemas, Jack concentrou-se num problema de ordem prática. Graças à amadora oferta de suborno que fizera a Walter e Percy, na qual tinha sem dúvida oferecido demasiado dinheiro, tendo em conta a rapidez com que eles tinham anuído, via-se agora obrigado a arranjar o dinheiro prometido. Os vinte ou trinta dólares que trazia habitualmente na carteira não o levariam muito longe. No entanto, graças ao seu cartão de crédito, não teria problema em levantar o dinheiro. Só precisava de um ATM, e haveria muitos na cidade.

Depois de fazer tudo o que lhe ocorreu, resignou-se a voltar para o tribunal. A perspectiva não o animou nada. Estava farto de ver a irmã a ser humilhada e a inicial pequena onda de prazer que sentira, mas se recusara a admitir, de que Craig estava a receber o que merecia, já tinha desaparecido há muito tempo. Jack passara a sentir uma forte empatia com os dois e achava profundamente desagradável assistir ao seu massacre e ver o seu relacionamento ser rebaixado por tipos como Tony Fasano, por um interesse puramente monetário.

Por outro lado, tinha prometido aos dois que apareceria e, de formas diferentes, ambos tinham expressado satisfação com a sua presença. Com estes pensamentos, Jack ligou o carro alugado, conseguiu fazer inversão de marcha e saiu do cemitério. Do lado de fora do portão cheio de estátuas elaboradamente incrustadas, encostou na berma para olhar para o mapa. Foi bom, pois descobriu um caminho muito melhor para Boston sem ter de voltar para trás até à agência funerária.

Já a caminho da cidade, deu por si a sorrir. Não estava propriamente a rir, mas de repente ficou divertido. Estava em Boston há dois dias e meio, andava a dar cabo da cabeça com um absurdo processo por negligência médica, tinha sido esbofeteado e esmurrado, tinha sido alvejado e aterrorizado por um rufia num Cadillac preto e no entanto, na realidade, não conseguira concretizar nada. Havia uma espécie de ironia cómica na situação que apelava ao seu sentido de humor reconhecidamente perverso.

Depois ocorreu-lhe outro pensamento. Estava tão preocupado com a reação de Laurie ao seu atraso em Boston que tinha cada vez mais relutância em falar com ela, com receio do que ela diria. No entanto, não estava preocupado com o atraso propriamente dito. Se a autópsia o obrigasse a ir para Nova Iorque de manhã, tinha de reconhecer que talvez não chegasse a tempo do casamento. Ainda que as hipóteses de isso acontecer fossem remotas, uma vez que havia um vôo de meia em meia hora a partir das seis da manhã, a probabilidade não era de zero, e mesmo assim ele não se importava. E o fato de não se importar levou-o a questionar as suas motivações inconscientes. Amava Laurie, não tinha quaisquer dúvidas em relação a isso, e acreditava que queria voltar a casar. Nesse caso, porque é que não estava mais preocupado?

Jack não tinha respostas para além da certeza de que a vida era mais complicada do que a sua atitude desprendida sugeria. Aparentemente, ele funcionava em muitos níveis, alguns dos quais nem sequer ele próprio conhecia.

Sem carros a persegui-lo, nevoeiro cerrado para ultrapassar ou trânsito de hora de ponta, Jack fez um tempo excelente até à baixa de Boston. Embora estivesse a aproximar-se vindo de uma direção nova, conseguiu chegar ao Jardim Público de Boston e ao Boston Common no local em que os dois eram interceptados pela Charles Street. E depois conseguiu encontrar o parque de estacionamento subterrâneo que tinha usado nas ocasiões anteriores.

Jack estacionou o carro, aproximou-se do recepcionista do parque e perguntou-lhe onde poderia

encontrar um ATM. Indicaram-lhe a zona comercial de Charles Street e encontrou a máquina em frente à drogaria onde tinha comprado o ainda não usado spray de gás-pimenta. Com o limite máximo de dinheiro que podia levantar na mão, seguiu o caminho do dia anterior no sentido inverso. Subiu Beacon Hill, apreciando o ambiente familiar das bonitas casas, muitas com floreiras cuidadosamente cultivadas e repletas de flores nas janelas. A chuva recente tinha lavado as ruas e os passeios ladrilhados. O céu carregado de nuvens fê-lo reparar em algo que não vira no dia anterior, com o céu limpo: os candeeiros a gás do século dezanove estavam acesos, aparentemente dia sim dia não.

Jack entrou na sala de audiências e hesitou junto à porta. Superficialmente, o cenário parecia exatamente igual ao que tinha deixado na tarde do dia anterior, com a única exceção de que era Craig quem estava no banco das testemunhas e não Leona. Havia o mesmo grupo de personagens a espelhar as mesmas atitudes. Os jurados estavam impassíveis, como figuras recortadas em cartão, exceto o auxiliar de canalizador que fazia da observação das unhas uma tarefa contínua. O juiz estava preocupado com os papéis que tinha em cima da secretária, como no dia anterior, e os espectadores estavam contrariamente atentos.

Os olhos de Jack perscrutaram os espectadores e viu Alexis no sítio do costume com um lugar vazio ao lado, aparentemente guardado para ele. Do lado oposto da galeria reservada ao público, no lugar habitualmente ocupado por Franco, encontrava-se António. O homem era uma versão mais pequena de Franco, mas significativamente mais bonito. Usava agora a farda da equipa de Tony Fasano: fato cinzento, camisa preta e gravata preta. Ainda que estivesse razoavelmente convencido de que Franco estaria fora da jogada durante alguns dias, perguntou a si mesmo se teria problemas com António. Também se perguntou se Franco ou António, ou ambos, teriam alguma coisa a ver com o ataque às filhas de Craig.

Pedindo as devidas desculpas, Jack entrou na fila onde Alexis estava sentada na extremidade mais afastada, o lugar mais próximo da bancada do júri. A irmã viu-o a aproximar-se e lançou-lhe um sorriso rápido e nervoso. Jack pensou que não era um sinal nada auspicioso. Ela pegou nas suas coisas para que ele pudesse sentar-se. Apertaram as mãos fugazmente antes de ele se instalar.

— Como está a correr? — sussurrou Jack, inclinando-se para Alexis.

— Melhor agora que o Randolph está a interrogá-lo.

— Que é que aconteceu no interrogatório do Tony Fasano?

Alexis olhou de relance para Jack, traindo a ansiedade que sentia. Tinha os músculos faciais tensos e os olhos mais abertos do que era costume. As mãos estavam muito apertadas no colo.

— Não correu bem? — perguntou Jack.

— Foi terrível — admitiu Alexis. — A única coisa positiva que pode dizer-se é que o testemunho do Craig foi consistente com o seu depoimento. Ele não se contradisse de forma nenhuma.

— Não me digas que ele se enfureceu depois de tanto tempo de ensaio.

— Ficou furioso ao fim de cerca de uma hora e a partir daí foi sempre a piorar. O Tony sabia quais eram os botões e carregou em todos eles. A parte pior foi quando o Craig disse ao Tony que ele não tinha o direito de criticar nem questionar médicos que sacrificavam as suas vidas para cuidar dos seus pacientes. Depois ainda lhe chamou um desprezível caçador de ambulâncias.

— Não é bom — disse Jack. — Ainda que seja verdade.

— E piorou — disse Alexis violentamente, levantando a voz.

— Desculpe — disse uma voz atrás deles. Alguém bateu no ombro de Jack. — Não conseguimos ouvir a testemunha — queixou-se a senhora.

— Desculpe — disse Jack. Voltou-se novamente para Alexis. — Queres ir um bocado até ao átrio?

Alexis acenou afirmativamente. Era óbvio que necessitava de uma pausa.

Levantaram-se. Alexis deixou as suas coisas. Saíram pelo corredor central. Jack abriu a pesada porta da sala de audiências o mais silenciosamente possível. No átrio dos elevadores, sentaram-se num banco forrado a couro e curvaram-se, com os cotovelos nos joelhos.

— Valha-me Deus — murmurou Alexis. — Não percebo o que é que todos estes voyeurs ganham por assistir ao maldito julgamento.

— Alguma vez ouviste o termo schadenfreude? — perguntou Jack, maravilhando-se por ter estado a pensar nisso meia hora antes por causa da sua reação inicial à confusão em que Craig estava metido.

— Recorda-me — sugeriu Alexis.

— É alemão. Refere-se a quando as pessoas exultam com os problemas e dificuldades de outra pessoa.

— Tinha-me esquecido do termo alemão — disse Alexis. — Mas estou muito familiarizada com o conceito. Tendo em conta a sua prevalência, devíamos ter uma palavra para o definir em inglês. Raios, é o que faz vender os jornais sensacionalistas. De qualquer maneira, eu sei porque é que as pessoas estão a assistir ao tormento do Craig. Vêem os médicos como pessoas poderosas. Por isso, não me dêes ouvidos quando me lamento.

— Sentes-te bem?

— Para além de uma dor de cabeça, estou bem.

— E as meninas?

— Aparentemente, estão bem. Açam que estão de férias, por faltarem às aulas e estarem em casa da avó. Não recebi nenhuma chamada no telemóvel. Todas sabem o meu número de cor e se houvesse algum problema eu seria a primeira pessoa a ser informada.

— Eu tive uma manhã muito atribulada.

— A sério? Quais são as novidades da autópsia? Precisamos de um verdadeiro milagre.

Jack contou-lhe a história das peripécias dessa manhã na auto-estrada e o queixo de Alexis foi caindo à medida que o relato progredia. Estava igualmente perplexa e alarmada.

— Eu é que devia perguntar-te se estás bem — disse ela quando Jack descreveu o espetacular acidente final em que o carro de Franco capotara.

— Estou bem. O carro alugado está bem pior. Eu sei que o Franco está ferido. Provavelmente está num hospital qualquer. Não ficaria surpreendido se também estiver preso. Eu participei o incidente ao mesmo detetive da Polícia de Boston que foi lá a casa a noite passada. Presumo que as autoridades não verão com bons olhos o disparo de armas de fogo na principal auto-estrada do Estado.

— Meu Deus — disse Alexis, solidária com o irmão. — Lamento que te tenha acontecido tudo isto. Sinto-me responsável.

— Não sintas! Devo dizer-te que tenho propensão para me meter em sarilhos. A culpa de tudo isto é minha. Mas acredita que tudo o que aconteceu serviu apenas para reforçar a minha determinação de fazer esta maldita autópsia.

— Qual é a situação?

Jack descreveu as suas maquinações com Harold Langley, Walter Strasser e Percy Gallaudet.

— Céus — disse Alexis. — Depois de todo este esforço, espero que descubras alguma coisa importante.

— Esperamos os dois.

— Não há problema se adiares a viagem para Nova Iorque para amanhã de manhã?

— O que não tem remédio, remediado está — disse Jack com um encolher de ombros. Não lhe apetecia aprofundar aquela questão particularmente espinhosa.

— E qual é a opinião da tua futura mulher?

— Ainda não lhe disse — admitiu Jack.

— Santo Deus! — exclamou Alexis. — Esta não é uma boa maneira de eu iniciar um relacionamento com a minha nova cunhada.

— Vamos voltar ao que está a acontecer no julgamento — disse Jack para mudar de assunto. — Tu ias contar-me como é que o testemunho do Craig ficou ainda pior.

— Depois de ter criticado severamente o Tony, dizendo que ele era um perseguidor de ambulâncias desprezível, decidiu pregar um sermão aos jurados dizendo-lhes que não eram seus pares. Declarou que

eles eram incapazes de julgar os seus atos, porque nunca tinham tentado salvar ninguém como ele tentara salvar a Patience Stanhope.

Estupefato, Jack bateu com uma mão na testa.

— Que é que o Randolph estava a fazer quando isto aconteceu?

— Ele fez tudo o que pôde. Estava sempre a protestar, mas não adiantou nada. Tentou pedir um intervalo, mas o juiz perguntou ao Craig se ele precisava de descansar e ele disse que não, por isso o julgamento prosseguiu.

Jack abanou a cabeça.

— O Craig é o seu pior inimigo, embora...

— Embora o quê? — perguntou Alexis.

— O Craig tem uma certa razão. Em alguns aspectos, fala por todos os médicos. Aposto que todos os médicos que passaram pelo inferno de um julgamento por negligência médica sentem o mesmo. Simplesmente têm a sensatez de não o dizer.

— Bem, não tenho qualquer dúvida de que ele devia ter estado calado. Se eu fosse uma jurada a cumprir o meu dever cívico e ouvisse este tipo de reprimenda, ficaria irritada e muito mais receptiva a aceitar a interpretação que o Tony fez dos acontecimentos.

— Essa foi a pior parte?

— Houve muitas partes a candidatar-se ao lugar da pior. O Tony levou o Craig a admitir que teve dúvidas de que a fatídica consulta no domicílio fosse uma verdadeira emergência, como Leona tinha testemunhado, e também que um ataque cardíaco estava na sua lista de diagnósticos possíveis. Também levou o Craig a admitir que ir da residência dos Stanhope até ao Symphony Hall demoraria menos tempo do que do Hospital Newton Memorial, e que estava ansioso para chegar ao concerto antes de este começar para exhibir a sua namorada boazona. E, talvez particularmente incriminador, conseguiu que o Craig admitisse que tinha dito todas aquelas coisas pouco lisonjeiras acerca da Patience Stanhope àquela vaca, a Leona, incluindo que o falecimento da Patience era uma bênção para todos.

— Uau! — disse Jack, abanando uma vez mais a cabeça. — Nada bom! — Absolutamente nada bom. O Craig conseguiu apresentar-se como um médico arrogante e displicente que estava mais interessado em chegar ao Symphony Hall a horas com o seu objeto sexual do que em fazer tudo pela sua paciente. Foi exatamente o que Randolph lhe disse para não fazer! Jack sentou-se direito.

— E que é que o Randolph está a fazer no seu interrogatório?

— Tentativa de gestão dos danos seria a melhor descrição. Está a tentar reabilitar o Craig em cada questão individual, desde a designação de PP, paciente problemático, até aos acontecimentos que ocorreram na noite em que a Patience Stanhope morreu. Quando tu entraste, o Craig estava a falar sobre a diferença entre o estado da Patience quando ele chegou à casa dela e a descrição que o Jordan Stanhope lhe tinha feito ao telefone. O Randolph já conseguiu que o Craig deixasse bem claro que não disse que a Patience Stanhope estava a sofrer um ataque cardíaco quando falou com Jordan, mas que era uma coisa que tinha de ser tida em conta. Claro que isso contradiz o que o Jordan declarou durante o seu testemunho.

— Tiveste alguma percepção de como o júri estava a reagir ao testemunho do Craig durante o interrogatório do Randolph em comparação com o do Tony Fasano?

— Pareceram-me mais impassíveis do que antes, mas pode ser apenas a minha percepção pessimista. Depois do comportamento do Craig no banco das testemunhas, não estou nada otimista. O Randolph tem uma luta hercúlea à sua frente. Esta manhã, disse-me que vai pedir ao Craig para contar a história da sua vida numa tentativa de contrariar o assassinato de caráter que Tony lhe fez.

— Porque não — disse Jack.

Embora não estivesse grandemente entusiasmado, sentiu um reacender de pena por Alexis e quis dar-lhe apoio. Enquanto voltavam para os seus lugares, perguntou a si mesmo como é que uma descoberta a favor

da acusação afetaria o relacionamento de Alexis com Craig. Jack nunca tinha defendido a união dos dois desde a primeira vez que vira Craig, cerca de dezesseis anos antes. Ele e Alexis tinham-se conhecido durante o estágio no Hospital Boston Memorial e tinham sido convidados para ir a casa de Jack enquanto ainda estavam noivos. Jack achava Craig insuportavelmente egotista e obcecado com a medicina. Porém, agora que tivera a oportunidade de os ver juntos no seu ambiente e nesta circunstância difícil, percebera que se completavam um ao outro. O caráter levemente histriónico e dependente de Alexis, que fora mais evidente quando ela era criança, adaptava-se bem ao narcisismo mais sério de Craig. Em muitos aspectos, da perspectiva de Jack, eles completavam-se.

Jack recostou-se e instalou-se o mais confortavelmente possível, naquelas circunstâncias. Randolph estava rigidamente ereto no pódio, emanando toda a sua classe de sangue azul. Craig estava no banco das testemunhas, ligeiramente inclinado para a frente, com os ombros curvados. A voz de Randolph soava agressivamente articulada, melódica e ligeiramente sibilante. A de Craig era insípida, como se tivesse estado envolvido numa discussão e se sentisse exausto.

Jack sentiu a mão de Alexis a insinuar-se entre o seu cotovelo e a parte lateral do corpo e depois a avançar para lhe pegar na mão. Ele apertou-a e trocaram um sorriso fugaz.

— Dr. Bowman — entouou Randolph. — O senhor quis ser médico desde que recebeu um estojo de médico aos quatro anos e começou a tratar os seus pais e o seu irmão mais velho. Mas eu sei que houve um acontecimento específico na sua infância que confirmou esta altruísta escolha de carreira. Não se importa de contar esse episódio ao tribunal?

Craig pigarreou.

— Tinha quinze anos e estava no décimo ano. Era um dos gestores do clube de futebol. Tinha tentado entrar para a equipa mas não consegui, o que foi um grande desapontamento para o meu pai, já que o meu irmão mais velho tinha sido um jogador excelente. Por isso, passei a ser gestor; na prática, não passava do rapaz que levava a água. Sempre que havia uma pausa, corria para o campo com um balde, uma concha e copos de papel. Durante um jogo no nosso campo, um dos nossos jogadores magoou-se e o jogo foi interrompido. Eu corri para dentro do campo com o balde, mas, quando me aproximei, vi que o jogador ferido era meu amigo. Em vez de levar o balde para junto do grupo de jogadores, corri para ele. Fui a primeira pessoa que estava fora das linhas a chegar junto dele, e o que vi foi perturbador. Ele tinha uma fratura muito grave na perna, o pé estava espetado numa direção marcadamente anormal e ele contorcia-se em agonia. Fiquei tão impressionado com a sua necessidade e a minha incapacidade de o ajudar que decidi ali mesmo que não só queria ser médico, como eu ia ser médico.

— É uma história de partir o coração — disse Randolph — e comovente devido ao seu imediato impulso compassivo e ao fato de isso o ter motivado a seguir aquele que seria um caminho difícil. Tornar-se médico não foi fácil para si, Dr. Bowman, e essa necessidade altruísta que descreveu com tanta eloquência teve de ser realmente forte para o fazer ultrapassar o obstáculo que tinha pela frente. Quer fazer o favor de contar ao tribunal um pouco da sua inspiradora história de abnegação?

Craig endireitou-se perceptivelmente no banco das testemunhas.

— Protesto — gritou Tony, levantando-se. — Irrelevante.

O juiz Davidson tirou os óculos de leitura.

— Advogados, aproximem-se da tribuna. Obedientemente, Randolph e Tony juntaram-se à direita do juiz.

— Escute bem! — disse o juiz Davidson, apontando os óculos a Tony. — O doutor fez do caráter a peça central do caso da acusação. Eu permiti, contrariando os protestos do Dr. Bingham, com a condição de o senhor estabelecer fundamento, e acho que estabeleceu. O que é bom para a caça é bom para o caçador. O júri tem todo o direito de ouvir as motivações e o percurso profissional do Dr. Bowman. Estou a ser claro?

— Sim, Meritíssimo — disse Tony.

— Mais: não quero ouvir uma chuva de protestos a este respeito.

— Compreendo, Meritíssimo — disse Tony.

Tony e Randolph voltaram para os seus lugares, Tony para a mesa da acusação e Randolph para o pódio.

— Protesto indeferido — disse o juiz Davidson em voz suficientemente alta para se fazer ouvir pelo escrivão. — A testemunha pode responder à pergunta.

— Recorda-se da pergunta? — inquiriu Randolph.

— Acho que sim — disse Craig. — Por onde é que começo?

— Seria boa idéia começar pelo princípio — disse Randolph. — Sei que não teve o apoio dos seus pais.

— Pelo menos não do meu pai e ele mandava em casa com punho de ferro. Ressentia-se com os filhos, especialmente comigo, pois eu não era um prodígio do futebol ou do hóquei como o meu irmão, Leonard Júnior. O meu pai pensava que eu era uma "flor de estufa", e disse-me isso em inúmeras ocasiões. Quando a minha mãe deixou escapar que eu queria ser médico, ele afirmou que isso só aconteceria por cima do seu cadáver.

— Utilizou exatamente esses termos?

— Sem tirar nem pôr! O meu pai era um canalizador que desprezava todos os licenciados, que rotulava de bando de ladrões. Não queria de maneira nenhuma que o filho viesse a fazer parte desse mundo, especialmente porque ele nunca terminara o liceu. Na verdade, que eu saiba, dos dois lados da minha família andou na universidade, incluindo o meu próprio irmão, que acabou por herdar o negócio de canalizações do meu pai.

— Então, ele não apoiou os seus interesses académicos.

Craig soltou uma gargalhada triste.

— Quando era adolescente, eu lia às escondidas. Era obrigado a isso. Havia alturas em que o meu pai me batia quando me apanhava a ler em vez de fazer tarefas domésticas. Quando recebia as cadernetas escolares, tinha de as esconder do meu pai e dá-las à minha mãe para que as assinasse em segredo porque só tinha notas máximas. Com a maioria dos meus amigos, acontecia precisamente o contrário.

— Tornou-se mais fácil quando foi para a universidade?

— Em alguns aspectos sim, noutros não. Ele ficou profundamente descontente comigo e, em vez de me chamar "flor de estufa", tornei-me "pomposo". Ele sentia embaraço em falar sobre mim aos amigos. O maior problema foi recusar-se a preencher as declarações financeiras necessárias para eu me candidatar a uma bolsa de estudos e, evidentemente, também se recusou a contribuir com um tostão que fosse.

— Como é que conseguiu pagar a faculdade?

— Conte com uma combinação de empréstimos, prêmios escolares e todos os gêneros de trabalhos que conseguia arranjar, e mesmo assim consegui manter uma média ótima. Durante os dois primeiros anos trabalhei essencialmente em restaurantes, a lavar pratos e a servir às mesas. Nos dois últimos anos, consegui trabalhar em diversos laboratórios científicos. Durante o Verão, trabalhava no hospital e fazia tudo o que me arranjavam. Para além disso, o meu irmão ajudou um pouco, embora não pudesse contribuir com muito pois já tinha constituído família.

— O seu objetivo de ser médico e o desejo de ajudar as pessoas apoiou-o durante estes anos difíceis?

— Sem dúvida, especialmente o trabalho de Verão no hospital. Eu idolatrava os médicos e as enfermeiras, particularmente os residentes. Mal podia esperar para me tornar um deles.

— Que aconteceu quando foi para a faculdade de medicina? As suas dificuldades financeiras agravaram-se ou passaram a ser menores?

— Agravaram-se imenso. As despesas eram maiores e o plano de estudos exigia mais horas, ocupando o dia inteiro todos os dias, em contraste com os primeiros anos do curso geral.

— Como é que conseguiu sobreviver?

— Pedi empréstimos até ao máximo permitido; o resto, tive de o ganhar com uma miríade de empregos perto do centro médico. Felizmente, empregos era coisa que não faltava.

— Como é que arranjava tempo? A faculdade de medicina é considerada uma ocupação a tempo inteiro, sem disponibilidade para mais nada.

— Não dormia. Bem, não totalmente, pois isso é fisicamente impossível. Aprendi a dormir aos bocados, mesmo durante o dia. Era difícil, mas pelo menos na faculdade de medicina o objetivo estava à vista, o que tornava mais fácil suportar todas as dificuldades.

— Que tipo de trabalhos é que fez?

— Todos os trabalhos do costume num centro médico, como tirar sangue, tipificar e analisar sangue, limpar gaiolas de animais: tudo o que pudesse ser feito à noite. Até trabalhei na cozinha do centro médico. Depois, durante o segundo ano, arranjei um emprego fantástico com um investigador que estava a efetuar um estudo sobre os canais de iões de sódio nas células nervosas e musculares. Actualmente, ainda trabalho nesse projeto.

— Com um horário tão ocupado durante a faculdade, como eram as suas notas?

— Excelentes. Estava entre os dez melhores da minha aula e fui membro da sociedade escolástica Alpha Omega Alpha.

— Na sua opinião, qual foi o maior sacrifício que fez? Foi a falta de sono crônica?

— Não! Foi a falta de tempo para os contatos sociais. Os meus colegas tinham tempo para interagir e discutir a experiência que estavam a viver. A faculdade de medicina é bastante intensa. Durante o meu terceiro ano, tive sérias dúvidas sobre se deveria optar pela ciência médica académica básica ou pela medicina clínica. Teria adorado debater os prós e os contras e beneficiar das opiniões dos meus colegas. No entanto, tive de tomar a decisão sozinho.

— E como é que tomou a decisão?

— Percebi que gostava de cuidar das pessoas. Havia uma gratificação imediata que me agradava.

— Então, era o contato com as pessoas que considerava agradável e gratificante.

— Sim, e o desafio de fazer os diagnósticos diferenciais, bem como o paradigma de reduzir as hipóteses.

— Mas era o contato com as pessoas e o fato de as ajudar que mais apreciava.

— Protesto — disse Tony. Estava cada vez mais inquieto. — Repetitivo.

— Deferido — disse o juiz Davidson num tom de voz cansado. — Não vale a pena repisar esse ponto, Dr. Bingham. Tenho a certeza de que o júri já percebeu.

— Fale-nos sobre o seu internato — pediu Randolph.

— Isso foi um prazer — disse Craig. Agora estava sentado direito, com os ombros para trás. — Devido à minha média, fui aceito como interno no prestigiado Hospital Boston Memorial. Era um ambiente de aprendizagem maravilhoso e de repente estava a ser pago, não muito, mas alguma coisa. Igualmente importante, já não pagava propinas, por isso pude começar a amortizar a dívida chocante que tinha contraído para pagar a universidade e a faculdade de medicina.

— Continuou a apreciar os laços necessariamente fortes que se estabeleciam entre o doutor e os seus pacientes?

— Claro que sim. Essa era, de longe, a parte mais gratificante.

— Agora, fale-nos sobre o seu consultório. Sei que teve algumas desilusões.

— No começo, não! Inicialmente, o meu consultório era tudo o que eu tinha sonhado. Estava ocupado e estimulado. Gostava de ir trabalhar todos os dias. Os meus pacientes eram um desafio em termos intelectuais e ficavam reconhecidos. Mas depois as companhias de seguros começaram a recusar os pagamentos, muitas vezes contestando desnecessariamente determinadas despesas e impossibilitando-me de fazer o que era melhor para os meus pacientes. As receitas começaram a cair e as despesas não paravam de aumentar. Para poder manter as portas abertas, tive de aumentar a produtividade, que é um eufemismo para consultar mais pacientes por hora. Consegui fazer isto, mas à medida que o tempo passava fui ficando cada vez mais preocupado com a qualidade.

— Sei que o seu estilo de clínica mudou nessa altura.

— Mudou dramaticamente. Fui contatado por um médico mais velho e muito conceituado que praticava medicina de concierge, mas que estava com problemas de saúde. Esse médico ofereceu-me sociedade.

— Desculpe a interrupção — disse Randolph. — Talvez não se importe de relembrar aos jurados o significado de "medicina de concierge".

— É um estilo de consultório em que o médico concorda limitar o número de pacientes para oferecer uma acessibilidade extraordinária mediante o pagamento de uma quota anual.

— Acessibilidade extraordinária que inclui consultas no domicílio?

— Pode incluir. Tudo depende do médico e do paciente.

— O que está a dizer é que, na medicina de concierge, o médico pode adaptar o serviço às necessidades do paciente. Estou correto?

— Sim. Dois princípios fundamentais para tratar bem os pacientes são o princípio do bem-estar do paciente e o princípio da autonomia do paciente. Ver demasiados pacientes por hora ameaça violar esses princípios, uma vez que tudo é feito a correr. Quando o médico está pressionado com o tempo, a conversa tem de ser forçada, e quando isso acontece a narrativa do paciente perde-se, o que é trágico, uma vez que é muitas vezes na narrativa que se escondem os fatos críticos do caso. Num consultório de concierge, como o meu, posso variar o tempo que passo com os pacientes e o local do serviço de acordo com as necessidades e desejos de cada um.

— Dr. Bowman, a prática da medicina é uma arte ou uma ciência?

— É definitivamente uma arte, mas baseia-se num fundamento de ciência comprovada.

— A medicina pode ser exercida adequadamente a partir de um livro?

— Não, não pode. Não existem duas pessoas iguais no mundo. A medicina tem de ser adaptada a cada paciente individualmente. Para além do mais, quando aparecem no mercado, os livros estão invariavelmente ultrapassados. O conhecimento médico está em expansão rápida e contínua.

— O discernimento do médico tem um papel na prática da medicina?

— Absolutamente, o seu discernimento é crucial em qualquer decisão médica.

— Foi seu discernimento médico que seria melhor para a Patience Stanhope se lhe fizesse uma consulta no domicílio na noite de 8 de Setembro de 2005?

— Sim, foi.

— Pode explicar ao júri porque é que o seu parecer o levou a acreditar que seria o melhor curso de ação?

— Ela detestava hospitais. Eu até hesitava em mandá-la fazer análises de rotina ao hospital. As idas ao hospital exacerbavam inevitavelmente os seus sintomas e a sua ansiedade geral. Ela preferia mil vezes que eu fosse lá a casa, coisa que fiz quase uma vez por semana durante oito meses. De todas as vezes, foi falso alarme, mesmo nas ocasiões em que Jordan Stanhope me dizia que ela achava que estava a morrer. Na noite do dia 8 de Setembro, não me foi dito que ela pensava que estava a morrer. Eu estava confiante de que a visita seria um falso alarme como todas as outras e, no entanto, como médico, não podia ignorar a possibilidade de ela estar verdadeiramente doente. A melhor forma de atestar isso era indo directamente para casa dela. — A Sra. Rattner declarou que, enquanto se dirigiam para lá, o doutor lhe disse que pensava que as queixas da Sra. Stanhope talvez fossem sérias. É verdade?

— É verdade, mas não disse que considerava que as hipóteses eram extremamente reduzidas. Disse que estava preocupado porque tinha notado uma inquietação ligeiramente maior do que era habitual na voz do Sr. Stanhope.

— Quando estava ao telefone com o Sr. Stanhope disse-lhe que acreditava que a Sra. Stanhope estava a sofrer um ataque cardíaco?

— Não, não disse. Disse-lhe que quando havia queixa de dor no peito tinha de se verificar essa possibilidade, mas a Sra. Stanhope já tinha tido dores no peito no passado, dores essas que se revelaram insignificantes.

— A Sra. Stanhope tinha problemas cardíacos?

— Eu tinha-lhe feito um eletrocardiograma com prova de esforço vários meses antes do seu falecimento e o resultado foi ambíguo. Não bastava para dizer que ela tinha problemas cardíacos, mas eu achei que ela devia fazer exames mais específicos ao coração com um cardiologista no hospital.

— Recomendou isso à paciente?

— Recomendei veementemente, mas ela recusou, acima de tudo porque isso implicaria uma ida ao hospital.

— Uma última pergunta, Doutor — disse Randolph. — Em relação à designação de PP, ou paciente problemático, usada no seu consultório: ela significava que o paciente tinha mais ou menos atenção?

— Consideravelmente mais atenção! O problema com os pacientes que têm essa designação era que eu não podia aliviar os seus sintomas, fossem eles reais ou imaginados. Como médico, considerava que era um problema continuado, daí a terminologia.

— Obrigado, Doutor — disse Randolph enquanto reunia os seus apontamentos. — Não tenho mais perguntas.

— Dr. Fasano — chamou o juiz Davidson. — Quer fazer mais alguma pergunta?

— Certamente, Meritíssimo — retorquiu Tony. Levantou-se de um salto e dirigiu-se sem demora para o pódio como um cão de caça atrás de um coelho.

— Dr. Bowman, em relação aos seus pacientes PP, não disse na altura à sua namorada que vivia consigo, enquanto iam a caminho da residência dos Stanhope no seu novo Porsche encarnado, no dia 8 de Setembro de 2005, que não suportava esses pacientes e que achava que os hipocondríacos eram tão maus como os que fingiam estar doentes?

Fez-se silêncio enquanto Craig fixava Tony com os seus olhos a chispar como armas.

— Doutor? — perguntou Tony. — O gato comeu-lhe a língua, como costumávamos dizer na escola primária?

— Não me recordo — respondeu Craig por fim.

— Não se recorda? — interrogou Tony com uma incredulidade exagerada. — Oh, por favor, Doutor, essa é uma desculpa muito conveniente, especialmente vinda de uma pessoa que foi excelente durante todo o curso a recordar-se de pormenores triviais. Olhe, a Sra. Rattner lembra-se. Talvez se recorde de ter dito à Sra. Rattner na noite em que recebeu a intimação para este processo que detestava a Patience Stanhope e que o seu falecimento foi uma bênção para todos. Isto é, possivelmente, uma coisa de que consegue recordar-se?

Tony inclinou-se para a frente sobre o pódio até onde a sua estatura baixa permitiu e ergueu as sobranceiras numa expressão interrogativa.

— Disse uma coisa desse gênero — admitiu Craig com relutância. — Estava zangado.

— É evidente que estava zangado — exclamou Tony. — Estava indignado com o fato de alguém, como o meu infeliz cliente, ter tido a lata de questionar se o seu discernimento médico estava ao nível do padrão de cuidados de saúde que devem ser prestados a qualquer paciente.

— Protesto! — disse Randolph. — Argumentativo!

— Deferido — disse o juiz Davidson. Olhou para Tony com uma expressão furiosa.

— Estamos todos impressionados com a sua história de menino pobre que fica rico — disse Tony, mantendo o desdém. — Mas não tenho a certeza do que isso significa agora, especialmente tendo em conta o estilo de vida que os seus pacientes lhe proporcionaram ao longo dos anos. Qual é o valor atual de mercado da sua casa?

— Protesto — disse Randolph. — Irrelevante e imaterial.

— Meritíssimo — queixou-se Tony. — A defesa apresentou um testemunho económico para atestar o empenho do arguido em tornar-se médico. É mais do que razoável que o júri saiba quais foram as suas recompensas económicas.

O juiz Davidson ponderou por instantes antes de dizer:
— Protesto indeferido. A testemunha vai responder à pergunta.
Tony concentrou-se novamente em Craig.
— Então?
Craig encolheu os ombros.
— Dois ou três milhões, mas nós não pagamos essa quantia.
— Agora gostaria de lhe fazer algumas perguntas acerca do seu consultório de concierge — disse Tony, apertando com força as partes laterais do pódio. — Acredita que exigir um pagamento anual adiantado de milhares de dólares está para além das posses de alguns pacientes?
— Claro — retorquiu Craig.
— Que aconteceu àqueles seus pacientes tão adorados que não puderam ou, por algum motivo, não quiseram pagar a quota que servia para financiar o seu Porsche novo e o seu ninho de sexo em Beacon Hill?
— Protesto! — disse Randolph. Levantou-se. — Argumentativo e prejudicial.
— Deferido — disse o juiz Davidson ríspidamente. — O advogado vai restringir as suas perguntas ao esclarecimento de informações factuais adequadas e não formulará as perguntas para veicular teorias ou argumentos que poderão ser referidos nas alegações finais. Este é o meu último aviso!
— Peço desculpa, Meritíssimo — disse Tony antes de se voltar de novo para Craig. — Que é que aconteceu aos adorados pacientes de quem tinha cuidado ao longo dos anos?
— Tiveram de arranjar outros médicos.
— Coisa que, devo dizer, é muitas vezes mais fácil de dizer do que de fazer. Ajudou-os nessa tarefa?
— Demos-lhes nomes e números de telefone.
— Tirou-os das Páginas Amarelas?
— Eram médicos locais que eu e a minha equipe conhecíamos.
— Telefonou a esses médicos?
— Em alguns casos.
— O que significa que em alguns casos não telefonou. Dr. Bowman, não o incomodou abandonar os seus supostamente adorados pacientes que estavam desesperados e contavam consigo para as suas necessidades de saúde?
— Eu não os abandonei! — retorquiu Craig, indignado. — Dei-lhes escolhas.
— Não tenho mais perguntas — disse Tony.
Revirou os olhos enquanto voltava para a mesa da acusação.
O juiz Davidson olhou para Randolph por cima dos óculos.
— A defesa deseja interrogar novamente?
— Não, Meritíssimo — respondeu Randolph, soerguendo-se na cadeira.
— A testemunha está dispensada — declarou o juiz Davidson.
Craig levantou-se e, com um andar seguro, voltou para a mesa da defesa. O juiz voltou-se para Tony.
— Dr. Fasano? Tony levantou-se.
— A acusação concluiu o seu caso, Meritíssimo — disse ele confiantemente, antes de se sentar de novo.
Os olhos do juiz voltaram para Randolph.
Como se fosse um sinal, Randolph levantou-se e exibiu toda a sua estatura de aristocrata.
— Baseado na inadequação do caso da acusação e na falta de provas até ao momento, a defesa pede a anulação.
— Pedido indeferido — disse o juiz ríspidamente. — As provas apresentadas são suficientes para prosseguirmos. Quando o julgamento recommençar após um intervalo para o almoço, pode chamar a sua primeira testemunha, Dr. Bingham. — Dito isto, baixou o martelo rapidamente e o som ecoou como um tiro de espingarda. — Intervalo para o almoço. Aviso-vos novamente que não podem discutir o caso

entre vocês nem com quaisquer outras pessoas e que se devem abster de dar quaisquer opiniões até à conclusão dos depoimentos.

— Todos de pé — gritou o oficial de diligências.

Jack e Alexis levantaram-se juntamente com todos os presentes na sala de audiências no momento em que o juiz desceu da tribuna e desapareceu pela porta lateral.

— Que é que te pareceu? — perguntou Jack enquanto os jurados eram levados para fora da sala.

— Não consigo deixar de ficar surpreendida com o nível da aparente raiva interior do Craig nestes procedimentos, com o seu pouco auto-controle sobre o seu comportamento.

— Como és a especialista lá em casa, surpreende-me que estejas surpreendida. Não é consistente com o seu narcisismo?

— É, mas esperava que, com a clarividência de que deu mostras ontem ao almoço, ele conseguisse controlar-se melhor. No momento em que o Tony se levantou e antes mesmo de começar a fazer perguntas, vi a expressão do Craig mudar.

— Na verdade, eu estava a pedir a tua opinião em relação à forma como o Randolph orquestrou a parte do interrogatório que ouvimos.

— Infelizmente acho que não foi tão eficaz como eu tinha esperado. Fez o Craig parecer demasiado maçador, como se estivesse a pregar um sermão. Eu teria preferido que o interrogatório fosse incisivo e direto, como no final.

— Eu achei o interrogatório do Randolph bastante eficaz — disse Jack. — Não fazia ideia de que o Craig tinha subido na vida a pulso. Trabalhar tanto como ele trabalhou para ganhar dinheiro enquanto frequentava a faculdade de medicina e mesmo assim conseguir as notas que teve é bastante impressionante.

— Mas tu és médico, não jurado, e não ouviste o interrogatório do Tony. Craig pode ter batalhado quando andava a estudar, mas, da perspectiva dos jurados, é difícil sentir pena agora que o Craig e eu vivemos numa casa que deve valer quase quatro milhões de dólares. O Tony foi muito esperto quando o interrogou pela segunda vez e trouxe novamente à baila os sentimentos negativos pela paciente, o Porsche encarnado, a namorada e o fato de ele ter sido obrigado a deixar muitos dos seus pacientes antigos.

Jack acenou com relutância. Tinha estado a esforçar-se para ver as coisas de uma forma otimista para animar Alexis. Experimentou uma tática diferente:

— Bem, agora é a altura de o Randolph ganhar um lugar ao sol. Chegou o momento de a defesa brilhar.

— Infelizmente receio que não vá haver muito sol. A única coisa que o Randolph vai fazer é apresentar duas ou três testemunhas especialistas, nenhuma das quais é de Boston. Ele disse que terminaria esta tarde. Amanhã são as alegações finais. — Alexis abanou a cabeça com desalento. — Dadas as circunstâncias, não vejo como é que ele poderá alterar o rumo deste caso.

— Ele é um advogado com muita experiência em casos de negligência médica — disse Jack, tentando mostrar um entusiasmo que não sentia. — Geralmente, a experiência prevalece na análise final. Quem sabe. Talvez ele tenha uma surpresa na manga.

Jack não fazia ideia de que tinha uma certa razão. Ia haver uma surpresa, mas não viria da manga de Randolph.

Boston, Massachusetts Quinta-feira, 8 de Junho de 2006 13:15

— Revistas? — perguntou a jovem mulher que parecia uma sem-abrigo.

Jack pensou que ela não teria mais de quarenta quilos, e no entanto passeava meia dúzia de cães de vários tamanhos que iam desde um grande danois cinzento até um pequeno bichon frise. Um monte de sacos transparentes para cocô saía do bolso de trás das suas calças de ganga. Jack detivera-a depois de seguir a sua rota estabelecida nas redondezas de Beacon Hill. Tinha decidido comprar algum material de leitura para o caso de a espera pelo operador da escavadora ser excessivamente prolongada.

— Vejamos — disse a mulher, franzindo o rosto enquanto pensava. — Há dois sítios em Charles Street.

— Um será suficiente — disse Jack.

— Há a Cary Drug na esquina da Charles com a Rua Mount Vernon.

— Estou a ir na direção certa? — perguntou Jack.

Naquele momento encontrava-se em Charles Street, na direção da zona do parque e do estacionamento subterrâneo.

— Está. A drugstore é um quarteirão mais adiante, deste lado da rua.

Jack agradeceu à mulher, que estava a ser puxada pelos impacientes cães.

A loja era um estabelecimento verdadeiramente familiar, com um ambiente antiquado, atravancado mas acolhedor. Todo o espaço tinha aproximadamente o tamanho da seção de champôs de um hipermercado, e no entanto era um verdadeiro empório. Produtos que iam desde vitaminas até medicamentos para a constipação e blocos de apontamentos estavam amontoados em prateleiras que iam do chão ao tecto ao longo do único corredor. Ao fundo, o balcão da farmácia tinha uma seleção surpreendentemente vasta de revistas e jornais.

Jack tinha aceite o convite de Alexis e Craig para almoçar, mas arrependeu-se. Foi como se tivesse sido convidado para um velório onde esperavam que conversasse com o falecido. Craig estava furioso com o sistema, como lhe chamou, com Tony Fasano, com Jordan Stanhope e, acima de tudo, consigo mesmo. Sabia que se tinha comportado de uma forma deplorável, apesar das horas de ensaio com Randolph na noite anterior. Quando Alexis tentou fazê-lo falar acerca dos motivos que o levavam a ter tão pouco controlo sobre as suas emoções, embora soubesse bem que era do seu melhor interesse controlar-se, Craig passou-se e ele e Alexis tiveram uma troca de palavras curta mas desagradável. Mas, a maior parte do tempo, ele ficou sombriamente em silêncio e alheado do que o rodeava. Alexis e Jack tinham tentado falar, mas a intensidade da irritação de Craig transmitia vibrações que se tornava difícil ignorar.

No fim do almoço, Alexis estava convencida de que Jack voltaria para a sala de audiências, mas ele esquivara-se com a desculpa de que queria estar no cemitério às duas horas, pois podia ter a sorte de Percy Gallaudet se despachar a retificar o sistema de esgotos do amigo. Nesse momento, Craig dissera furiosamente a Jack para desistir porque os dados estavam lançados e o cunhado não precisava de se incomodar. Jack respondera que tinha ido longe demais e envolvera demasiadas pessoas para abandonar a idéia.

Com diversas revistas e um New York Times debaixo do braço, dirigiu-se para o parque de estacionamento subterrâneo, levou o Accent todo amolgado para a luz do dia e dirigiu-se para oeste. Teve algumas dificuldades para descobrir a rota que o trouxera para a cidade nessa manhã, mas acabou por reconhecer alguns pontos de referência que lhe mostraram que se encontrava no caminho certo.

Jack entrou no Cemitério de Park Meadow às duas e dez e estacionou ao lado de um monovolume Dodge diante do edifício onde se situava o escritório. Entrou e encontrou a mulher desmazelada e Walter Strasser exatamente como os deixara nessa manhã. A mulher escrevia num teclado de computador e Walter estava impassivelmente sentado à secretária com as mãos entrelaçadas sobre a barriga. Jack perguntou a si mesmo se ele alguma vez trabalharia, já que não havia nada em cima da sua secretária que apontasse nesse sentido. Os dois olharam na direcção de Jack, mas a mulher voltou imediatamente ao trabalho sem uma palavra. Jack avançou para Walter, que o seguiu com os olhos.

— Algum sinal do Percy? — perguntou Jack.

— Não o vejo desde que saiu daqui esta manhã.

— Ele disse alguma coisa? — perguntou Jack. Ficou maravilhado ao constatar que a única forma de saber que Walter estava consciente era o raro piscar de olhos e o movimento da boca quando falava.

— Népia.

— Há alguma maneira de o contactar? Combinei encontrar-me com ele aqui depois das duas. Ele concordou em desenterrar a Patience Stanhope esta tarde.

— Se disse que fazia o trabalho, não vai faltar.

— Ele tem telemóvel? Esqueci-me de lhe perguntar.

— Népia. Contatamo-lo por e-mail. Depois ele passa pelo escritório. Jack pousou um dos seus cartões de visita em cima da secretária de Walter.

— Agradecia-lhe imenso se pudesse contactá-lo para saber quando é que ele pode tratar do assunto da Patience Stanhope. Pode ligar-me para o telemóvel. Entretanto, vou para junto da sepultura, se me disser onde é.

— Gertrude, mostra ao doutor onde fica a zona dos Stanhope no mapa.

As rodas da cadeira de Gertrude chiaram quando ela se afastou da secretária. Como era uma mulher de poucas palavras, limitou-se a bater com um dedo indicador cheio de artrite no lugar apropriado. Jack olhou de relance para o sítio. Graças às linhas de contorno, viu que era no cume da colina. — A melhor vista do Park Meadow — comentou Walter.

— Eu espero aqui — disse Jack. Começou a dirigir-se para o carro.

— Doutor! — chamou Walter. — Como a sepultura vai ser aberta, temos de resolver a questão da taxa, que tem de ser paga antes de as escavações começarem.

Depois de tirar um número significativo de notas de vinte dólares do grande monte, Jack voltou para o carro alugado e subiu a colina. Encontrou um pequeno desvio com uma árvore e um banco de jardim. Parou o carro e dirigiu-se para o local onde pensava estar o talhão dos Stanhope. O talhão situava-se no cimo da colina. Viam-se três lápides de granito idênticas e muito simples. Encontrou a de Patience e olhou de relance para a inscrição gravada na pedra.

Depois, tirou as revistas e o jornal do carro, dirigiu-se para o banco e instalou-se o mais confortavelmente possível. O tempo tinha melhorado dramaticamente desde o princípio da manhã. O sol queimava agora com uma ferocidade muito maior que nos últimos dias, como se quisesse lembrar a toda a gente que o Verão estava mesmo ao virar da esquina. Jack ficou contente por ter a sombra da árvore coberta de hera porque estava um calor quase tropical.

Olhou para o relógio. Parecia difícil de acreditar que dentro de menos de vinte e quatro horas estaria casado. A menos que, apercebeu-se, acontecesse algum desastre imprevisto, como não conseguir chegar à igreja a tempo. Pensou no assunto durante um minuto enquanto um gaio azul lhe ralhava furiosamente de um cornizo próximo. Jack sacudiu a cabeça para afastar a ideia de que não chegaria à igreja a tempo. Era uma coisa impossível. Mas o pensamento foi uma lembrança desagradável da necessidade de telefonar a Laurie. Porém, perante a realidade de não saber quando é que teria o cadáver de Patience, decidiu adiar mais uma vez.

Há muito tempo que Jack não se lembrava de passar algum tempo sem fazer nada. Tinha percebido que

manter-se freneticamente ocupado, quer a trabalhar quer a fazer desporto, era a melhor forma de manter os seus demónios longe. Durante os últimos anos, Laurie tinha conseguido pacientemente fazê-lo perder esse hábito, mas isso só acontecia quando estavam juntos. Esta situação era diferente, porque estava sozinho. No entanto, não sentiu o impulso de pensar no passado e em como a sua vida podia ter sido. Contentou-se em pensar como iria ser, a menos que...

Jack afastou a idéia do pensamento pela segunda vez. Para se distrair, pegou no jornal e começou a ler. Estar ali ao sol a ler o jornal com pássaros a cantar nas redondezas transmitiu-lhe uma sensação boa. O fato de estar sentado no meio de um cemitério não o incomodou absolutamente nada. Na verdade, graças ao seu irónico sentido de humor, só serviu para aumentar o prazer.

Depois de terminar o jornal, Jack começou a ler as revistas. Depois de ler vários artigos extensos mas bastante interessantes na *The New Yorker*, o contentamento de Jack começou a desvanecer-se, especialmente quando percebeu que estava ao sol, Viu as horas e praguejou. Faltava um quarto para as quatro. Levantou-se, esticou-se e pegou no jornal e nas revistas. Fosse como fosse, ia encontrar Percy e obrigá-lo a marcar uma hora para iniciar os trabalhos. Sabendo que a última ponte aérea para Nova Iorque era aproximadamente às nove da noite, admitiu que talvez não conseguisse despachar-se a tempo de apanhar esse voo. A menos que fosse no carro alugado para Nova Iorque, coisa que não lhe apetecia nada fazer por inúmeras razões, teria de passar mais uma noite em Boston. Ocorreu-lhe a idéia de ficar no hotel que vira no aeroporto, porque não tinha a intenção de voltar para a casa dos Bowman sem a presença da irmã e das sobrinhas. Por muita pena que tivesse de Craig, ao almoço fartara-se das suas imbecilidades.

Atirou os jornais e as revistas para o Hyundai pela janela do passageiro sem vidro. Já estava a dar a volta ao carro quando ouviu o ruído da escavadora. Protegeu os olhos do sol para espreitar por entre as árvores e viu o veículo amarelo de Percy a subir a alameda sinuosa do cemitério. Tinha a pá dobrada sobre a traseira como a perna de um gafanhoto. Jack telefonou rapidamente para Harold Langley.

— São quase quatro horas — queixou-se Harold quando Jack se identificou e disse que a exumação estava prestes a começar.

— Foi o melhor que consegui fazer — replicou Jack. — Até tive de subornar o homem. — Jack não disse que também tinha subornado Walter Strasser.

— Está bem — disse Harold, resignado. — Estou aí dentro de meia hora. Preciso de ter a certeza de que as coisas estão prontas aqui na agência. Se me atrasar um pouco, não abram o caixão antes de eu estar no local! Repito, não tentem tirar a tampa do caixão enquanto eu não estiver presente para assistir! Tenho de identificar o caixão e certificar-me de que estava naquele jazigo específico.

— Compreendo — disse Jack.

Antes de Percy chegar, a camioneta de caixa aberta do Park Meadow aproximou-se. Enrique e César saíram do veículo e descarregaram algum equipamento da caixa da camioneta. Com uma eficiência louvável e restringindo a conversa ao mínimo necessário, delimitaram a sepultura de Patience Stanhope com estacas, estenderam um oleado como o que Jack vira nessa manhã junto à sepultura que estava a ser escavada, cortaram e removeram a relva e empilharam as tiras enroladas na ponta do impermeável.

Quando Percy chegou ao local, tudo estava preparado para a escavadora. Embora acenasse rapidamente a Jack, o homem não saiu da cabina enquanto não posicionou a máquina como queria. Só então saltou para o chão, para colocar os apoios.

— Desculpe o atraso — disse ele para Jack.

Jack limitou-se a acenar. Não estava interessado em conversa. A única coisa que queria era tirar o maldito caixão da terra.

Quando Percy achou que estava tudo em ordem, começou a trabalhar. A pá cavou fundo no solo relativamente solto. O motor a gasóleo da escavadora rugiu quando a pá era enterrada e depois içada. Percy rodou o braço da pá e começou a empilhar terra no oleado.

Percy revelou-se hábil no serviço e, passado pouco tempo, tinha começado a formar-se uma grande trincheira com paredes perpendiculares. Quando já tinha escavado aproximadamente um metro e vinte, Harold Langley chegou com o carro funerário da Langley-Peerson. Fez inversão de marcha e recuou o veículo até este ficar ao lado da trincheira em escavação. Com as mãos nas ancas, inspecionou os progressos.

— Está a chegar perto — gritou para Percy. — Por isso, abrande. Jack não percebeu se Percy não tinha ouvido Harold ou se decidiu ignorá-lo. Fosse por que motivo fosse, continuou a escavar como se Harold não estivesse presente. Passado pouco tempo, ouviu-se um som oco quando os dentes da pá bateram na tampa de betão da sepultura, cerca de trinta centímetros por baixo do solo no fundo da cova. Harold ficou desvairado.

— Eu mandei-o abrandar — gritou ele, a acenar freneticamente as mãos na tentativa de fazer Percy tirar a pá do buraco.

Jack não pôde deixar de sorrir. Harold parecia totalmente deslocado fora da agência funerária, ao sol, com o sombrio fato preto e pele macilenta, como uma paródia de um músico punk. Pontas de cabelos pintados de uma cor escura subiam da parte lateral da cabeça e cobriam a careca muito bem colados com gel.

Percy continuou a ignorar os gestos cada vez mais frenéticos de Harold. Em vez disso, enterrou a pá e ouviu-se um arranhar e chiar quando os dentes da pá metálica foram arrastados ao longo da tampa de cimento da sepultura.

Em desespero, Harold correu para a cabina da escavadora e bateu no vidro. Só nesse momento é que a pá parou e o rugido do motor a gásóleo diminuiu. Percy abriu a porta e olhou para o lívido diretor da agência funerária com a expressão interrogativa que lhe era característica.

— Vai partir a tampa do jazigo ou arrancar os ganchos, seu... — gritou Harold, incapaz de se lembrar de um nome suficientemente ordinário para expressar o que pensava de Percy. A ira tinha-lhe prendido a língua.

Jack deixou os profissionais a resolver as suas diferenças e entrou no carro. Queria telefonar e pensou que o carro o protegeria do barulho do motor da escavadora quando Percy recomeçasse a trabalhar. A janela do passageiro, com o vidro partido, estava voltada para longe da ação.

Jack telefonou à Dra. Latasha Wylie. Desta vez, falou diretamente com ela.

— Já tinha ouvido a sua mensagem — admitiu Latasha. — Desculpe não lhe ter respondido. Às quintas-feiras temos a nossa reunião geral.

— Não há problema — disse Jack. — Estou a telefonar-lhe agora porque neste preciso momento o corpo está a ser desenterrado. Se tudo correr bem, e tenho motivos para desconfiar tendo em conta os obstáculos que tive de ultrapassar para chegar até aqui, estou a prever começar a autópsia entre as seis e as sete na Agência Funerária Langley-Peerson. Tinha-se oferecido para ajudar. Isso continua a ser uma possibilidade?

— O momento não podia ser melhor — disse Latasha. — Conte comigo! Já tenho a serra arrumada e pronta para levar.

— Espero não estar a privá-la de uma coisa mais divertida.

— O papa vinha jantar lá a casa, mas vou dizer-lhe que teremos de marcar para outro dia.

Jack sorriu. Latasha tinha um sentido de humor próximo do seu.

— Penso que poderei encontrar-me consigo na agência cerca das seis e meia — continuou Latasha. — Se, por algum motivo, não for conveniente, telefone-me!

— Parece-me um bom plano. Posso oferecer-lhe o jantar depois de toda a diversão e brincadeira?

— Se não for demasiado tarde. Uma rapariga precisa do seu sono de beleza.

Jack desligou. Enquanto estava a falar, Enrique e César tinham desaparecido no buraco e começaram a voar pazadas de terra para o ar. Entretanto, Percy começara a colocar cabos de aço nos dentes da pá.

Harold tinha voltado para a borda da vala e espreitava para o fundo com as mãos nas ancas. Jack ficou satisfeito ao constatar que ele estava a empenhar-se pessoalmente.

Olhou de novo para o telemóvel e pensou telefonar a Laurie. Apercebeu-se então de que falhara o que tinha considerado o pior cenário que expusera a Laurie na noite anterior: chegar a casa nessa noite. Os acontecimentos tinham empurrado inexoravelmente a sua partida para a manhã do dia seguinte, o dia do casamento. Embora o seu lado covarde tentasse convencê-lo a adiar o telefonema até ao fim da autópsia, sabia que teria de ligar nesse momento. Mas essa não era a única questão difícil: outro problema era o que iria contar-lhe sobre a corrida demolidora dessa manhã na auto-estrada. Depois de refletir durante alguns instantes, decidiu não lhe esconder nada. Achou que o fator pena suplantaria o fator preocupação, uma vez que ele estava razoavelmente confiante de que Franco estaria a convalescer, pelo menos durante alguns dias, e não tinha condições de voltar a aparecer. Claro que isso não excluía António, fosse ele quem fosse. Jack recordou uma imagem do homem ao lado de Franco durante o confronto no campo de basquetebol em Memorial Drive. Jack não fazia ideia de qual seria o papel dele na equipa de Fasano, se é que tinha algum papel, mas recordara a sua existência quando Percy começara a escavar a sepultura de Patience. Inconscientemente, tinha tocado no revólver que trazia no bolso apenas para se tranquilizar de que a arma ainda lá estava. Tendo em conta a ameaça transmitida às sobrinhas, não era um exagero pensar que alguém viria contestar a exumação.

Respirou fundo para ganhar coragem e marcou o número de Laurie nas teclas de marcação rápida. Havia sempre a esperança de ir parar à caixa de mensagens. Infelizmente, isso não aconteceu. Laurie atendeu logo.

— Onde estás? — perguntou ela sem preliminares.

— A má notícia é que estou num cemitério em Boston. A boa notícia é que não sou um dos residentes.

— Este não é o momento certo para estar a fazer piadas.

— Desculpa! Não consegui evitar. Estou num cemitério. O jazigo está a ser aberto neste preciso momento.

Seguiu-se uma pausa desagradável.

— Sei que estás desapontada — disse Jack. — Fiz tudo o que podia para acelerar o processo. A esta hora, esperava já estar a caminho de casa. Não tem sido fácil. Jack descreveu a perseguição que Franco lhe tinha feito nessa manhã. Contou-lhe tudo o que tinha acontecido, incluindo a bala alojada na pala do vidro da frente do carro alugado.

Laurie escutou num silêncio incrédulo até Jack terminar o seu monólogo, que incluiu a necessidade de subornar o superintendente do cemitério e o operador da escavadora. Também mencionou que o testemunho de Craig tinha sido um desastre.

— Irrita-me não saber se hei de ficar zangada ou com pena de ti.

— Se estás a pedir a minha opinião, eu inclinar-me-ia para a pena.

— Por favor, Jack. Nada de piadas! Isto é sério.

— Depois de terminar a autópsia, seguramente terei perdido o último vôo desta noite. Vou ficar num hotel no aeroporto. Os vôos começam por volta das seis e meia da manhã.

Laurie suspirou audivelmente.

— Vou cedo para casa dos meus pais, para me arranjar, por isso não vamos encontrar-nos no apartamento.

— Não há problema. Acho que conseguirei vestir o smoking sem a tua ajuda.

— Vais para a igreja com o Warren?

— A minha intenção é essa. Acho um espanto a forma como ele consegue arranjar sempre estacionamento.

— Está bem, Jack. Vemo-nos na igreja. — E desligou abruptamente.

Jack suspirou e desligou o telefone. Laurie não estava feliz, mas ao menos já tinha despachado aquela

desagradável tarefa. Por instantes, maravilhou-se com o fato de nada ser simples e claro na vida. Guardou o telemóvel no bolso e saiu do carro. Enquanto estivera a falar com Laurie, as coisas pareciam estar a avançar sem problemas na sepultura. Percy estava de novo dentro da cabina da escavadora e tinha o motor a gásóleo a chiar. A pá estava equilibrada por cima do buraco com cabos de aço esticados para as profundezas. Era notório que a escavadora estava a submeter os cabos a uma tensão significativa. Jack dirigiu-se para a borda do buraco e parou junto de Harold. Olhou para baixo e viu que os cabos estavam presos a ganchos embutidos na tampa do jazigo.

— Que é que está a acontecer? — gritou Jack para se fazer ouvir acima do ruído do motor.

— Estamos a tentar quebrar o selo — gritou Harold em resposta. — Não é fácil. É um material semelhante a asfalto, que é usado para deixar o jazigo impermeável.

A escavadora resmungou e fez força, e em seguida abrandou e recomeçou a puxar.

— Que vamos fazer se o selo não partir? — perguntou Jack.

— Teremos de voltar noutro dia com os funcionários da empresa de jazigos.

Jack praguejou baixinho.

De repente, ouviu-se um pop baixo e um breve som de sucção.

— Ora, aleluia! — disse Harold enquanto fazia sinal a Percy para abrandar com um aceno da mão.

A tampa da cripta funerária subiu. Quando chegou ao cimo da vala, Enrique e César agarraram-na para a manter firme enquanto Percy a afastava da sepultura. Com cuidado, o operador pousou-a na relva. Em seguida, saiu da cabina da escavadora.

Harold espreitou para a cripta. O forro era de aço inoxidável, brilhante como um espelho. No interior via-se um caixão metálico branco e dourado. A toda a volta do caixão havia um espaço de sessenta centímetros.

— Não é uma beleza? — disse Harold com uma veneração quase religiosa. — É um Repouso Perpétuo da Huntighton Industries. Não vendo muitos destes. Sem sombra de dúvida, é uma visão para recordar.

Jack estava mais interessado no fato de que o interior da cripta estava seco como um osso.

— Como é que tiramos o caixão cá para fora? — perguntou.

Mal tinha feito a pergunta, Enrique e César desceram para o interior da cripta e passaram tiras largas de pano sob o caixão e em seguida por dentro das quatro pegas. Com o motor a gásóleo de novo a trabalhar, Percy equilibrou a pá sobre o buraco e desceu-a para que as tiras pudessem ser presas. Harold abriu a porta de trás do carro funerário.

Vinte minutos mais tarde, o caixão estava em segurança dentro do carro funerário e Harold fechou a porta.

— Encontramo-nos na agência? — perguntou Harold a Jack.

— Claro que sim. Quero fazer a autópsia imediatamente. E vai haver mais uma médica legista envolvida no processo. Chama-se Dra. Latasha Wylie.

— Muito bem — disse Harold. Sentou-se no banco do condutor do carro funerário, recuou até à estrada e acelerou pela colina abaixo.

Jack pagou a Percy o que tinha sido combinado, entregando-lhe a maior parte do maço de notas de vinte dólares. Também deu duas notas a Enrique e César antes de entrar no carro e começar a descer a colina. Enquanto conduzia, não pôde deixar de se sentir satisfeito. Após todos os problemas anteriores, estava surpreso com o fato de a exumação propriamente dita ter corrido tão bem. Particularmente, nem Fasano, nem António, e muito menos Franco, tinham aparecido para estragar a festa. Agora, só tinha de efetuar a autópsia.

Brighton, Massachusetts Quinta-feira, 8 de Junho de 2006 18:45

Para alegria de Jack, tudo continuou a correr bem. Fez o percurso entre Park Meadow e a Agência Funerária Langley-Peerson sem incidentes, e o mesmo aconteceu com Harold e o caixão. Quando Jack chegou, Latasha já estava à espera. Tinha chegado há cinco minutos, por isso o timing fora quase perfeito. À chegada, Harold mandara dois dos seus musculosos funcionários tirar imediatamente a Repouso Perpétuo do carro funerário e colocá-la em cima de uma maca. A maca tinha sido empurrada para a sala de embalsamamento, onde se encontrava agora.

— O plano é o seguinte:... — disse Harold.

Estava parado ao lado do caixão, com uma mão ossuda pousada na superfície metálica brilhante. Graças à forte lâmpada fluorescente da sala de embalsamamento, que emitia uma luz branco-azulada, toda a cor de vida que ele tinha desaparecera e parecia mais cadavérico do que era habitual.

Jack e Latasha estavam a alguma distância, perto da mesa de embalsamamento, que ia substituir a mesa de autópsias. Ambos vestiam fatos protetores Tyvek que Latasha tivera a boa ideia de trazer do instituto de medicina legal, sem esquecer as luvas, as máscaras plásticas para proteger o rosto e uma série de ferramentas para efetuar a autópsia. Na sala estavam também Bill Barton, um simpático senhor com alguma idade que Harold apresentara como o seu empregado de maior confiança, e Tyrone Vich, um robusto afro-americano com o dobro do tamanho de Bill Barton. Os dois tinham-se oferecido para ficar até mais tarde e ajudariam Jack e Latasha no que eles precisassem.

— ...agora, vamos abrir a urna — continuou Harold. — Vou certificar-me de que contém de fato os restos mortais da falecida Patience Stanhope. O Bill e o Tyrone vão despir as roupas da morta e colocar o corpo na mesa de embalsamamento para se proceder à autópsia. Quando terminarem, o Bill e o Tyrone encarregar-se-ão de vestir novamente o corpo e colocá-lo no caixão, para que possa ser novamente enterrado de manhã.

— O senhor vai ficar nas instalações? — perguntou Jack.

— Não me parece que seja necessário — respondeu Harold. — Mas vivo aqui perto e o Bill ou o Tyrone poderão telefonar-me se houver alguma dúvida.

— Parece-me um bom plano — disse Jack, a esfregar entusiasticamente as mãos com luvas de borracha.

— Vamos ao trabalho!

Harold tirou uma manivela da mão de Bill, inseriu a extremidade na ranhura de uma das extremidades do caixão metálico, ajustou-a e tentou rodá-la. O esforço provocou um afluxo fugaz de cor no seu rosto, mas ele não conseguiu girar o mecanismo de fecho e gesticulou na direção de Tyrone, que trocou de lugar com o diretor. Os músculos de Tyrone ficaram salientes por baixo da camisa de trabalho de algodão e, com um chiar abrupto e tortuoso, a tampa começou a abrir. Um momento depois, ouviu-se um leve silvo.

Jack olhou para Harold.

— Esse silvo é bom ou mau sinal? — perguntou. Esperava que não fosse indicador de decomposição gasosa.

— Nem bom nem mau — respondeu Harold. — É indicativo do selo soberbo da Repouso Perpétuo, o que não é surpreendente, uma vez que se trata de um produto de topo de gama com tecnologia de ponta.

Harold mandou Tyrone para o outro lado do caixão, onde ele repetiu o processo com a manivela.

— Já deve estar — disse Harold quando Tyrone terminou. Colocou os dedos debaixo de uma ponta do

caixão e mandou Tyrone fazer o mesmo na outra extremidade. Depois, num movimento coordenado, levantaram a tampa e deixaram que o corpo de Patience Stanhope fosse inundado pela luz da sala.

O interior do caixão estava forrado de cetim branco e Patience vestia um vestido de tafetá branco muito simples. A condizer com a decoração, o seu rosto, antebraços e mãos expostos estavam cobertos com uma branca e macia penugem de fungos. Por baixo do bolor, a sua pele tinha uma tonalidade de cinzento mármore.

— Sem a menor sombra de dúvida, esta é a Patience Stanhope — disse Harold piamente.

— Ela está fantástica — comentou Jack — toda enfeitada e pronta para o baile de finalistas.

Harold lançou um olhar desaprovador na direção de Jack, mas manteve os lábios finos apertados.

— Muito bem! Bill e Tyrone — disse Jack, entusiasmado — dispam-lhe os enfeites de festa e vamos começar a trabalhar.

— Vou-me embora — declarou Harold com um laivo de admoestação, como se estivesse a falar para uma criança mal-comportada. — Espero que o trabalho valha a pena.

— E em relação aos seus honorários? — perguntou Jack.

De repente, lembrou-se de que não tinham chegado a acordo em relação a uma verba.

— Eu tenho o seu cartão de visita, Doutor. Depois, enviamos-lhe a conta.

— Perfeito — disse Jack. — Obrigado pela ajuda.

— O prazer foi nosso — disse Harold, ironicamente. A sua sensibilidade de diretor de agência funerária tinha sido ofendida pela linguagem desrespeitosa de Jack.

Jack puxou uma mesa com rodas e pousou um papel e uma caneta na superfície de aço inoxidável. Não tinha um gravador e queria escrever as suas descobertas à medida que efetuava a autópsia. Depois, ajudou Latasha a preparar frascos para amostras e os instrumentos. Embora Harold tivesse deixado algumas das ferramentas de embalsamamento, Latasha trouxera a faca de patologia, bisturis, tesoura e pinças juntamente com a serra de ossos.

— O seu cuidado ao trazer todo este equipamento vai tornar isto mil vezes mais fácil — disse Jack enquanto prendia uma nova lâmina de bisturi ao cabo. — Eu estava a pensar fazer a autópsia com o que eles tivessem aqui; o que, pensando bem, não seria boa ideia.

— Não deu trabalho nenhum — disse Latasha, a observar a sala. — Eu não sabia o que esperar. É a primeira vez que entro numa sala de embalsamamento. Com franqueza, estou impressionada.

A sala tinha aproximadamente o mesmo tamanho da sua sala de autópsias no instituto de medicina legal, mas havia apenas uma mesa central de aço inoxidável, o que fazia a sala parecer um espaço muito vasto. O chão e as paredes eram de cerâmica verde-clara. Não havia janelas. Em vez de janelas, viam-se zonas de azulejos de vidro que permitiam a entrada da luz exterior.

Os olhos de Jack seguiram os de Latasha pela sala.

— Isto é um verdadeiro palácio — disse ele. — Quando pensei em fazer esta autópsia, imaginei-me a usar a mesa de cozinha de alguém.

— Que nojo! — exclamou Latasha. Olhou de relance para Bill e Tyrone, que despiam atarefadamente o cadáver. — Quando passou pelo instituto de medicina legal na quinta-feira, contou-me a história da Patience Stanhope e do seu amigo médico. Infelizmente, esqueci-me dos pormenores. Não se importa de me fazer uma sinopse breve?

Jack fez melhor do que isso. Contou-lhe a história toda, sem omitir o seu relacionamento com Craig e também as ameaças que ele e as filhas de Craig tinham recebido por causa da questão da autópsia. Até lhe contou o incidente dessa manhã na auto-estrada do Massachusetts.

Latasha ficou chocada e a sua expressão refletiu isso mesmo.

— Suponho que devia ter-lhe contado isto antes — disse Jack. — Talvez não tivesse concordado tão prontamente em envolver-se nesta história. Mas eu estou convencido de que, se houvesse problemas, teriam acontecido antes de a Patience Stanhope ser retirada do chão.

— Concordo com isso — disse Latasha, recompondo-se ligeiramente. — Agora os problemas, se acontecerem, vão depender do que descobriremos.

— Tem uma certa razão — concordou Jack. — Talvez fosse preferível não me ajudar. Se alguém estiver destinado a ser um alvo de qualquer tipo, quero que seja eu.

— O quê? — interrogou Latasha com uma expressão exagerada. — E deixá-lo ficar com a diversão toda? Não, obrigada! Nunca foi o meu estilo. Vamos ver o que descobrimos e depois decidiremos qual é a melhor forma de agir.

Jack sorriu. Admirava aquela mulher e gostava dela. Tinha inteligência, garra e dinamismo.

Bill e Tyrone tiraram o cadáver do caixão, transportaram-no para a mesa de embalsamamento e pousaram-no sobre a superfície. Com um balde de água e uma esponja, Bill limpou o bolor com cuidado. Como uma mesa de autópsias, a mesa de embalsamamento tinha um rebordo ao longo da periferia e um tubo na ponta para apanhar quaisquer fluidos que escorressem.

Jack posicionou-se do lado direito de Patience enquanto Latasha se colocava do lado esquerdo. Ambos tinham colocado a máscara protetora no rosto e na cabeça. Tyrone pediu licença para ir fazer a verificação de segurança noturna. Bill recuou para um canto, para estar disponível no caso de precisarem dele.

— O cadáver está num estado fantástico — comentou Latasha.

— O Harold pode ser um pouco emproado, mas aparentemente sabe o que faz.

Tanto Jack como Latasha fizeram o seu exame externo em silêncio. Latasha endireitou-se depois de concluir a observação.

— Não vejo nada que não esperasse — disse ela. — Quero dizer, ela passou por uma tentativa de reanimação e por um processo de embalsamamento, e existem imensas provas disso.

— Concordo — disse Jack. Tinha estado a olhar para umas pequenas lacerações no interior da boca, que eram consistentes com o fato de ter sido entubada durante a reanimação. — Até agora, não existem sinais de estrangulamento, mas não podemos excluir a ideia de sufocação sem compressão do peito.

— Essa hipótese estaria num lugar muito baixo na minha lista — replicou Latasha. — A própria história quase exclui essa possibilidade, percebe o que estou a dizer?

— Tem razão — disse Jack. Entregou um bisturi a Latasha. — Quer fazer as honras?

Latasha fez a típica incisão em forma de Y desde as pontas dos ombros até ao centro e seguidamente desceu até à púbis. O tecido estava seco como um peru demasiado cozinhado e tinha uma cor acinzentada. Não havia putrefação, por isso o cheiro era bolorento mas não ofensivo.

A trabalhar rapidamente e em conjunto, Jack e Latasha expuseram os órgãos internos. Os intestinos tinham sido completamente evacuados com a cânula de embalsamamento. Jack ergueu a ponta firme do fígado. Por baixo e presa na parte inferior estava a vesícula biliar. Apalpou-a com os dedos.

— Temos biliar — disse ele, satisfeito. — Será útil para a toxicologia. — também temos vítreo — disse Latasha, a apalpar os olhos através das pálpebras fechadas. — Acho que devíamos tirar uma amostra.

— Absolutamente — disse Jack. — E de urina também, se conseguirmos tirar alguma da bexiga ou dos rins.

Cada um deles pegou em seringas e tirou as amostras. Jack etiquetou a sua enquanto Latasha fazia o mesmo com a dela.

— Vejamos se existe um desvio óbvio da esquerda para a direita — disse Jack. — Eu continuo a pensar que a questão da cianose vai ser um fator importante.

Com cuidado, desviou os frágeis pulmões para poder observar as grandes artérias. Após uma palpação minuciosa, abanou a cabeça.

— Parece tudo normal.

— A patologia vai estar no coração — afirmou Latasha com convicção. — Creio que tem razão — concordou Jack. Chamou Bill e perguntou-lhe se havia alguns recipientes ou taças metálicos que

pudessem ser usados para os órgãos. Bill tirou diversos de um armário por baixo do lavatório de embalsamamento.

Procedendo como se estivessem acostumados a trabalhar juntos, Jack e Latasha retiraram o coração e os pulmões em bloco. Enquanto ela segurava no recipiente, Jack tirou o órgão do peito e colocou-o lá dentro. Ela pousou o recipiente em cima da mesa, junto aos pés de Patience.

— Os pulmões parecem normais — declarou Jack. Esfregou os dedos ao longo da superfície dos pulmões.

— Também estão normais ao toque — disse Latasha enquanto os pressionava em alguns sítios. — É uma pena não termos uma balança.

Jack chamou Bill e perguntou se havia uma balança, mas não havia nenhuma.

— O peso parece-me normal — disse Jack, elevando o bloco de tecidos.

Latasha experimentou, mas abanou a cabeça.

— Eu não tenho jeito para avaliar pesos.

— Estou ansioso para chegar ao coração, mas talvez fosse preferível fazermos o resto primeiro. Que acha?

— Trabalho primeiro, diversão depois: é esse o seu lema?

— Uma coisa desse género — disse Jack. — Vamos dividir o trabalho para acelerar as coisas. Um de nós poderia fazer os órgãos abdominais enquanto o outro faz a dissecação do pescoço. Para ser rigoroso, quero ter a certeza de que o osso hióide está intacto, muito embora nenhum de nós pense que houve estrangulamento.

— Se está a dar-me a escolher, prefiro o pescoço.

— Combinado.

Durante a meia hora que se seguiu, trabalharam em silêncio nas respectivas zonas. Jack usou o lavatório para lavar os intestinos. Foi no intestino grosso que encontrou a primeira patologia significativa. Chamou Latasha e apontou. Era um cancro no cólon ascendente.

— É pequeno, mas parece ter penetrado a parede — disse Latasha.

— Acho que sim — concordou Jack. — E alguns dos gânglios abdominais estão aumentados. Esta é a prova dramática de que os hipocondríacos também adoecem.

— Isto teria sido detectado num exame aos intestinos?

— Sem dúvida. Se ela tivesse feito um. Consta dos registos do Craig que ela recusou continuamente a sua recomendação para que o fizesse.

— Então, isto tê-la-ia morto se ela não tivesse sofrido um ataque cardíaco.

— Com o tempo — respondeu Jack. — Que tal está a sair-se com o pescoço?

— Estou quase a terminar. O osso hióide está intacto.

— Bom! Não quer passar para o cérebro enquanto eu acabo o abdômen? Estamos a trabalhar a um ritmo excelente. — Jack olhou de relance para o relógio de parede. As oito da noite estavam a aproximar-se e o seu estômago roncava. — Vai aceitar o meu convite para jantar? — perguntou a Latasha, que voltava para a mesa naquele instante.

— Veremos que horas são quando terminarmos — respondeu ela por cima do ombro.

Jack encontrou uma série de pólipos no intestino grosso de Patience. Quando acabou de tratar os intestinos, colocou-os de novo na cavidade abdominal.

— Não posso deixar de elogiar o Harold Langley. O trabalho que fez na Patience Stanhope teria deixado um embalsamador do antigo Egipto cheio de orgulho.

— Não tenho muita experiência em corpos embalsamados, mas o estado deste é melhor do que eu esperava — comentou Latasha enquanto ligava a serra de ossos.

Era um aparelho vibratório destinado a cortar ossos duros, mas não tecidos moles. Ela experimentou-a. O aparelho produziu um ruído sibilante e estridente. Posicionou-se na cabeceira da mesa e começou a

trabalhar no crânio que tinha previamente exposto dobrando o escalpe de Patience sobre o rosto. Relativamente imune ao barulho, Jack apalpou o fígado, à procura de metástases do cancro do cólon. Como não encontrou nenhuma, fez uma série de cortes no órgão, que estava aparentemente limpo. Sabia que talvez encontrasse algumas ao microscópio, mas isso teria de ser feito posteriormente. Vinte minutos mais tarde, depois de se verificar que não existia nenhuma anormalidade evidente no cérebro e de terem sido recolhidos alguns espécimes de vários órgãos, os dois patologistas concentraram-se no coração. Jack tinha retirado os pulmões, por isso o órgão estava sozinho no recipiente.

— É como guardar o melhor presente para o fim — disse Jack, enquanto olhava com ansiedade e curiosidade para o órgão e perguntava a si mesmo que segredos estava prestes a revelar. Tinha o tamanho aproximado de uma laranja grande. A cor do tecido muscular era cinzenta, mas a camada gordurosa de tecido adiposo tinha um tom castanho-claro.

— Vai ser como uma sobremesa — disse Latasha com igual entusiasmo.

— Estar aqui a olhar para este coração lembra-me um caso que tive há cerca de meio ano. Era o de uma mulher que teve um colapso no Bloomingdale's e cujo coração não pôde ser reanimado com um pace-maker externo, exatamente como aconteceu com a Patience Stanhope.

— Que é que descobriu nesse caso?

— Um estreitamento vincado do crescimento da artéria coronária posterior descendente. Aparentemente, uma pequena trombose tinha destruído uma boa porção do sistema de condução do coração de um só golpe.

— É isso que espera encontrar neste caso?

— Está quase no topo da minha lista — disse Jack. — Mas também penso que vai haver algum tipo de defeito no septo que cause um desvio da esquerda para a direita e que justifique a cianose. — Em seguida, acrescentou pateticamente. — O que, infelizmente, não vai dizer-nos, é porque é que alguém estava tão determinado em impedir-nos de descobrir o que quer que estamos prestes a descobrir.

— Acho que vamos encontrar uma doença coronária generalizada e evidência de uma série de ataques cardíacos pequenos e assintomáticos e que, por esse motivo, o sistema de condução estava particularmente em risco antes do episódio final, mas não suficientemente comprometido para aparecer num eletrocardiograma normal.

— É uma idéia interessante — disse Jack.

Olhou para Latasha, que se encontrava do outro lado da mesa e continuava a olhar para o coração exposto. O respeito que sentia por ela não parava de crescer. Só gostaria que ela não parecesse ter dezanove anos. Fazia-o sentir-se velho.

— Não se esqueça, foi demonstrado recentemente que, no que diz respeito à doença coronária, as mulheres na pós-menopausa têm sintomatologia diferente da dos homens em idade equivalente! O caso que acabou de descrever é a prova disso.

— Pare de me fazer sentir velho e ignorante — queixou-se Jack.

Latasha fez um gesto de rejeição com a mão enluvada.

— Sim, claro! — entoeou ela com uma pequena gargalhada.

— Que tal fazermos uma pequena aposta, uma vez que nenhum de nós está no seu local de trabalho, onde esse gênero de atividade é vista com maus olhos? Eu aposto que vai ser congênito e você diz que é degenerativo. Estou disposto a apostar cinco dólares para apoiar a minha idéia.

— Uau, que esbanjador! — troçou Latasha. — Cinco é muito dinheiro, mas eu aposto dez.

— Apostado — disse Jack.

Depois de virar o coração, pegou num par de fórceps finos e numa tesoura e começou a trabalhar. Latasha segurou o órgão enquanto Jack procurava e depois abria a artéria coronária direita, concentrando-se no ramo posterior descendente. Depois de abrir até onde os instrumentos permitiam, endireitou-se e esticou

as costas.

— Não há estreitamento — disse ele com um misto de surpresa e desapontamento. Embora normalmente mantivesse uma mente aberta em termos de diagnóstico, com receio de ser limitado pela descoberta positiva, neste caso estava quase certo da patologia que ia encontrar. Era a artéria coronária direita, que fornecia sangue à maior parte do sistema de condução do coração, que tinha sido destruído pelo ataque cardíaco de Patience Stanhope.

— Não desespere já — disse Latasha. — Os dez dólares ainda estão na balança. Não existe estreitamento, mas também não vejo quaisquer outros depósitos ateromatosos.

— Tem razão. Está perfeitamente limpo — concordou Jack.

Custava-lhe acreditar. Toda a artéria estava globalmente normal.

Jack concentrou-se na artéria coronária esquerda e nas suas ramificações. No entanto, após alguns minutos de dissecação, tornou-se evidente que a esquerda estava nas mesmas condições da direita. Não tinha placas nem estriatura. Jack ficou confuso e desolado. Depois de tudo o que tinha passado, parecia-lhe uma afronta pessoal que não houvesse uma anormalidade coronária aparente, quer de desenvolvimento quer degenerativa.

— A patologia tem de estar no interior do coração — declarou Latasha. — Talvez vejamos algumas vegetações na válvula mitral ou aórtica que tenham libertado uma chuva de coágulos sanguíneos que depois desapareceram.

Jack acenou afirmativamente, mas estava a ponderar na probabilidade de morte cardíaca súbita resultante de um ataque cardíaco sem doença da artéria coronária. Pensou que era uma probabilidade extremamente reduzida, talvez menos de dez por cento, mas obviamente possível, como evidenciado pelo caso na sua frente. Uma coisa com que podia sempre contar na patologia forense era a possibilidade de ver e aprender coisas novas.

Latasha entregou a Jack uma faca com a lâmina comprida, despertando-o de um mini-transe.

— Vá lá! Vamos ver o interior.

Jack abriu cada uma das quatro câmaras do coração e efetuou cortes em série nas paredes musculares. Ele e Latasha inspecionaram as válvulas, os septos entre os lados direito e esquerdo do coração e as superfícies cortadas dos músculos. Trabalharam em silêncio, verificando cada estrutura de forma individual e metódica. Quando terminaram, os seus olhos cruzaram-se de lados opostos da mesa.

— O lado positivo é que nenhum de nós perdeu dez dólares — declarou Jack, a tentar fazer humor com a situação. — O lado negro é que a Patience Stanhope está a guardar os seus segredos muito bem guardados. Ela tinha fama de ser tudo menos cooperante em vida, e mantém o seu caráter na morte.

— Depois de ouvir a história, estou chocada ao ver como o coração parece tão normal — afirmou Latasha. — Nunca vi uma coisa assim. Acho que as respostas vão ter de esperar pelo microscópio. Talvez haja algum processo de doença capilar que envolve apenas os vasos mais pequenos do sistema coronário.

— Nunca ouvi nada assim.

— Eu também não — admitiu Latasha. — Mas ela morreu devido a um ataque cardíaco que teve de ser em grande escala. Temos de encontrar mais patologia para além de um pequeno cancro do cólon. Espere um segundo! Como é que se chama aquela síndrome epónima em que as artérias coronárias entram em espasmo? — Apontou para Jack, como se estivesse a jogar às charadas e fosse a vez de ele adivinhar.

— Francamente, não faço a menor idéia. Agora, veja se não diz uma trivialidade que vai fazer-me sentir inadequado.

— Prinzmetal! É isso — disse Latasha triunfantemente. — Angina de Prinzmetal.

— Nunca ouvi falar — admitiu Jack. — Agora, está a fazer-me lembrar o meu cunhado, que é a vítima deste desastre. Ele saberia, sem a menor sombra de dúvida. O espasmo pode causar ataques cardíacos em grande escala? A questão é essa.

— Não pode ser Prinzmetal — disse Latasha de repente, com um aceno. — Mesmo nessa síndrome, o espasmo está associado a algumas estenoses da artéria próxima, o que significa que haveria patologia visível, coisa que não temos.

— Estou aliviado — disse Jack.

— Temos de perceber isto de uma maneira ou de outra.

— A minha intenção é essa, mas não ver nenhuma patologia cardíaca deixa-me baralhado e até embaraçado, tendo em conta toda a confusão que armei por causa desta autópsia.

— Tenho uma idéia — disse Latasha. — Vamos levar todas as amostras para o meu gabinete. Poderemos examinar o coração no microscópio eletrônico de dissecação e até preparar algumas seções de tecido cardíaco para observar os capilares. O resto dos espécimes terão de ser processados normalmente.

— Talvez devêssemos apenas ir jantar a algum lado — sugeriu Jack que, de repente, sentiu uma vontade enorme de lavar as mãos de todo aquele assunto.

— Eu vou buscar uma pizza a caminho do instituto. Vá lá! Vamos fazer uma festa. Há aqui um grande mistério. Vejamos se conseguimos desvendá-lo. Até podemos fazer um rastreio de toxicologia esta noite. Por acaso eu conheço o supervisor do turno da noite do laboratório da universidade. Já andámos há algum tempo. As coisas não funcionaram, mas continuamos amigos.

Jack ficou mais atento.

— Diga isso outra vez! — exclamou ele, incrédulo. — Podemos fazer um rastreio de toxicologia esta noite?

Em Nova Iorque, no Instituto de Medicina Legal, Jack tinha muita sorte se conseguia um numa semana.

— A resposta é sim, mas temos de esperar até depois das onze, quando o Allan Smitham começa o turno.

— Quem é o Allan Smitham? — perguntou Jack.

A possibilidade de um rastreio toxicológico imediato abria uma dimensão de investigação totalmente diferente.

— Conhecemo-nos na universidade. Tivemos muitas aulas de química e de biologia juntos. Depois eu fui para a faculdade de medicina e ele fez outra licenciatura. Agora trabalhamos a poucos quarteirões de distância um do outro.

— E o seu sono de beleza?

— Preocupo-me com isso amanhã à noite. Agora já me agarrou com este caso. Temos de salvar o seu cunhado dos advogados malvados.

Newton, Massachusetts Quinta-feira, 8 de Junho de 2006 21:05

Alexis atendeu ao quarto toque. Jack tinha marcado o número dela e pusera o telemóvel em alta-voz antes de o pousar no banco do passageiro do carro alugado. Tinha saído da Agência Funerária Langley-Peerson e dirigia-se para o Hospital Boston Memorial. Tinha decidido fazer lá uma curta paragem antes de o turno das três às onze sair de serviço, pois queria falar com Matt Gilbert e Georgina. Fora uma decisão impulsiva, quando ele e Latasha saíram da agência funerária após terminarem a autópsia. Ela dissera que ia parar rapidamente no seu apartamento para dar de comer ao cão, deixar as amostras de fluidos no laboratório de toxicologia com uma mensagem para Allan lhe telefonar logo que chegasse e comprar duas pizzas num restaurante que estava aberto a noite inteira, antes de se encontrar com ele no parque de estacionamento do instituto de medicina legal. Dera a Jack a oportunidade de a acompanhar, mas a janela de oportunidade fizera-o decidir passar em vez disso pelo hospital.

— Estava com esperança de que fosses tu — disse Alexis quando ouviu a voz de Jack.

— Consegues ouvir-me bem? — perguntou Jack. — Estamos em alta-voz.

— Ouço lindamente. Onde estás?

— Estou sempre a fazer essa pergunta a mim próprio — brincou Jack.

A sua disposição tinha sofrido uma reviravolta desde o ponto mais baixo provocado pelo fato de não ter encontrado nada de relevante na autópsia de Patience. Tinha sido contagiado pelo entusiasmo de Latasha e pela perspectiva de obter a ajuda de um toxicologista, e o cérebro estava a ganhar velocidade como uma antiquada locomotiva a vapor. Agora, ideias fervilhavam na sua mente como um bando de pardais excitados.

— Estás com uma disposição rara. Que é que se passa?

— Estou no meu carro alugado a caminho do Hospital de Newton.

— Estás bem?

— Estou. Vou apenas passar por lá para fazer algumas perguntas aos funcionários do serviço de urgências que trataram a Patience Stanhope.

— Fizeste a exumação e a autópsia?

— Fiz.

— Que é que descobriste?

— Para além de um cancro no cólon que, na nossa perspectiva, não é relevante, não encontrei nada.

— Nada? — perguntou Alexis.

O desapontamento na sua voz foi evidente.

— Sei o que estás a pensar, porque pensei o mesmo. Fiquei deprimido. Mas agora acho que foi um presente inesperado.

— Como assim?

— Se tivesse descoberto uma doença coronária genérica, vulgar, que era na verdade o que esperava, em vez de uma coisa dramática, que era o que desejava encontrar, teria ficado por aí. Ela tinha uma doença coronária e sofrera um ataque cardíaco. Fim da história. Porém, o fato de ela não ter uma doença cardíaca pede uma explicação. Quero dizer, existe uma leve hipótese de ela ter tido uma ocorrência cardíaca fatal que nós não vamos conseguir diagnosticar oito meses depois do fato, mas agora a possibilidade de ter havido mais alguma coisa está a nosso favor, especialmente considerando a

resistência que o Fasano expressou em relação ao fato de eu fazer a autópsia, a atitude do Franco ao tentar atirar-me para fora daquela maldita estrada e, mais importante ainda, a ameaça que foi feita às vossas filhas. A propósito, como é que elas estão?

— Estão boas. Comportam-se de uma forma muito segura e estão a divertir-se imenso aqui em casa da avó. Como sempre, ela está a estragá-las com mimos. Mas voltemos ao teu assunto: que é que estavas a tentar dizer-me?

— Não sei ao certo. Mas eis alguns dos meus pensamentos, ainda que possam não valer nada. A morte da Patience Stanhope e a resistência à autópsia podem ser duas circunstâncias completamente distintas. O Fasano e a sua equipa podem estar por detrás das ameaças e por motivos puramente financeiros. Todavia, de certa forma não faz sentido. Por que é que ele iria ao extremo de forçar a entrada em vossa casa e depois deixar-me fazer a exumação sem se opor? Parece-me que os três acontecimentos estão separados e não ligados. O Fasano ameaçou-me pelos motivos que deu. O Franco tem o seu problema de ego depois de eu lhe ter dado um pontapé nos tomates, por isso os meus problemas com ele não têm nada a ver com a Patience Stanhope. Isso deixa o assalto à tua casa por explicar.

— Isto é demasiado complicado — queixou-se Alexis. — Se não foi o Tony Fasano que mandou aterrorizar as minhas filhas, então quem foi?

— Não faço idéia. Mas perguntei a mim mesmo qual poderia ser a motivação se não envolvesse o Fasano e dinheiro. É bastante claro que seria uma tentativa de me impedir de descobrir alguma coisa; e que é que pode descobrir-se numa autópsia? Uma coisa seria uma dose excessiva de medicação ou um medicamento errado administrado à Patience Stanhope no hospital. Os hospitais são grandes organizações, com imensos acionistas, que envolvem muito dinheiro.

— Isso é uma loucura — declarou Alexis sem hesitação. — O hospital não esteve por detrás da maldade que foi feita às minhas filhas.

— Alexis, tu querias que eu viesse a Boston e tentasse descobrir alguma coisa, e é precisamente o que estou a fazer.

— Mas o hospital? — perguntou ela com um gemido. — É por isso que vais para lá agora?

— Sim — confessou Jack. — Considero-me um bom avaliador de personalidades. Fiquei impressionado com os dois funcionários do serviço de urgências com quem falei na terça-feira. Eles são diretos e desprovidos de artifícios. Quero falar com eles novamente.

— Que vais fazer? — perguntou Alexis sarcasticamente. — Vais perguntar-lhes se cometeram um erro tão grande que o hospital tem de mandar pessoas brutalizar as minhas filhas para tentar esconder o caso? Isso é ridículo.

— Quando colocas as coisas nessa perspectiva, parece uma teoria rebuscada. Mas mesmo assim vou fazê-lo. A autópsia ainda não terminou. Quero dizer, a dissecação terminou, mas agora vamos ver o que a toxicologia pode dizer-nos e também vamos analisar algumas amostras no microscópio. Também quero confirmar qual foi a medicação que ministraram à Patience Stanhope para poder informar o toxicologista.

— Bem, isso parece mais razoável do que acusar o hospital de um encobrimento ridículo.

— A idéia de uma dose excessiva ou do medicamento errado não é a única que me ocorreu. Queres ouvir outra?

— Estou a escutar, mas espero que a próxima idéia seja mais razoável do que a primeira.

Jack pensou em algumas réplicas inteligentes e sarcásticas, mas controlou-se.

— A idéia do hospital baseou-se no princípio de que o ataque cardíaco da Patience Stanhope e a oposição à autópsia foram duas circunstâncias separadas, ainda que relacionadas. E se ambas envolveram a mesma pessoa?

Seguiu-se uma pausa deliberada enquanto Jack deixava que a irmã assimilasse este comentário.

— Não sei bem se estou a perceber-te — disse Alexis por fim. — Estás a querer dizer que alguém causou um ataque cardíaco à Patience Stanhope e depois tentou evitar uma autópsia para que isso não

fosse descoberto?

— É exatamente o que estou a sugerir.

— Não sei, Jack. Parece quase uma loucura. Suponho que estás a falar no Jordan.

— O Jordan é a primeira pessoa que me ocorre. O Craig disse que ele e a Patience não eram propriamente um casal apaixonado e que o Jordan é o grande beneficiário com a morte dela. Certamente, não perdeu tempo a fazer o luto. Tanto quanto sabemos, ele e a namorada já podiam estar juntos enquanto a Patience ainda era viva.

— Como é que uma pessoa pode causar um ataque cardíaco em alguém propositadamente?

— Seria possível com dedaleira.

— Não sei — disse Alexis, hesitante. — Isso parece-me igualmente rebuscado. Se o Jordan fosse culpado, certamente não iniciaria um processo judiciário por negligência médica e não tenho a menor dúvida de que não teria assinado a autorização para a exumação do cadáver.

— Eu pensei nisso — disse Jack enquanto desviava para a zona de estacionamento do Hospital Newton Memorial. — Concordo que não parece racional, mas talvez não estejamos a lidar com uma pessoa racional. Talvez o Jordan esteja muito divertido com isto, a pensar é muito mais esperto do que todos nós. Mas este género de suposição tem de ser comprovada. Primeiro, é preciso encontrar alguma droga no rastreio da toxicologia. Se encontrarmos alguma coisa, teremos de trabalhar para trás.

— É a segunda vez que dizes "nós". Estás apenas a usar uma figura de estilo ou não?

— Uma das médicas legistas do Instituto de Medicina Legal de Boston está a ajudar-me generosamente.

— Espero que tenhas falado com a Laurie — disse Alexis. — Ela concorda que continues aqui?

— Não ficou muito feliz, mas está bem.

— Não posso acreditar que vais casar amanhã.

— Eu também não — replicou Jack. Arrumou o carro num espaço vazio à frente do lago. Os faróis do carro iluminaram uma cascata de água borbulhante. — Que é que aconteceu no julgamento esta tarde?

— O Randolph chamou dois peritos para testemunharem, um de Yale e outro de Columbia. Foram os dois credíveis, mas nada interessantes. O melhor de tudo foi que não foram massacrados pelo Tony, que tentou confundi-los. Penso que o Tony estava com esperança de que o Randolph voltasse a chamar o Craig para testemunhar, mas ele foi sensato e não caiu nesse erro. Em vez disso, concluiu o seu caso. E foi o que aconteceu. Amanhã de manhã serão as alegações finais, com o Randolph a falar em primeiro lugar.

— A tua intuição em relação ao desfecho do julgamento mudou?

— Nem por isso. As testemunhas de defesa eram boas, mas não eram da cidade. Como Boston é uma verdadeira meça da medicina, não me parece que o fato de terem vindo de universidades distantes tenha impressionado favoravelmente os jurados. Os peritos do Tony tiveram mais impacto.

— Infelizmente devo dizer que acho que tens uma certa razão.

— Se, por uma hipótese remota, descobrisses algum indício de crime em relação à Patience Stanhope, provavelmente seria a salvação do Craig.

— Devo dizer-te que esse pensamento não me sai da cabeça. Para ser franco, é a minha principal motivação. Como está o ânimo dele?

— Desencorajado. Preocupo-me um pouco por estar sozinho em casa. Quando é que pensas voltar para lá?

— Não sei — respondeu Jack, e de repente sentiu-se culpado por não querer voltar para a residência dos Bowman.

— Quando chegares a casa, talvez pudesses ir espreitar para ver se ele está bem. Não gosto nada da combinação de álcool e comprimidos para dormir.

— Está bem — disse Jack. — Já cheguei ao hospital e tenho de me despachar.

— Aconteça o que acontecer, agradeço todos os teus esforços do fundo do meu coração, Jack. Nunca saberás até que ponto o teu apoio foi importante para mim no meio de toda esta trapalhada.

— Continuas a pensar assim, ainda que a minha bisbilhotice tenha sido responsável pelo que aconteceu às miúdas?

— Não te considero absolutamente nada responsável por isso.

Os dois irmãos trocaram mais alguns carinhos fraternais que talvez tivessem provocado uma lágrima a Jack se tivessem continuado e despediram-se. Jack fechou a tampa do telemóvel e ficou sentado no carro durante um minuto, a pensar em relacionamentos e em como mudavam ao longo do tempo. Sentiu uma onda de felicidade por ele e a irmã terem voltado à intimidade de antigamente, apesar dos anos de separação enquanto ele lutava com o seu próprio desânimo.

Ao sair do carro, o zelo que Latasha suscitara voltou impetuosamente. Os comentários de Alexis tinham sido um pouco deprimentes, mas ele não precisava que ninguém lhe dissesse que tinha algumas ideias absurdas. Como explicara, estava a pensar em todas as possibilidades a partir de um conjunto de fatos que eram em si mesmos aparentemente pouco plausíveis.

Em contraste com a primeira visita, o serviço de urgência estava muito agitado. A sala de espera estava cheia e quase todos os lugares estavam ocupados. Viam-se algumas pessoas no exterior, junto à entrada de ambulâncias. A noite estava quente e úmida, quase como uma noite de Verão.

Jack teve de esperar na recepção atrás de uma mulher com um bebê febril nos braços. A criança olhou para ele por cima do ombro da mãe com olhos vidrados e uma expressão apática. Quando chegou ao balcão e se preparava para perguntar pelo Dr. Matt Gilbert, o médico apareceu. Atirou com uma ficha das urgências para cima da secretária quando o seu olhar se cruzou com o de Jack.

— Eu conheço-o — disse ele, a apontar para Jack. Obviamente, estava a tentar recordar-se do nome.

— Dr. Jack Stapleton.

— Isso mesmo! O médico legista interessado no caso de reanimação falhada.

— Boa memória — comentou Jack.

— É o principal talento que desenvolvi na faculdade de medicina. Que podemos fazer por si?

— Preciso de dois minutos do seu tempo, de preferência com a Georgina. Ela está cá esta noite?

— É ela que dirige o espetáculo — disse a recepcionista com uma gargalhada. — Está cá.

— Sei que esta não é a melhor altura — disse Jack. — Mas exumamos o corpo e acabei de fazer a autópsia. Pensei que gostariam de saber o que descobri.

— Sem dúvida — disse Matt. — E não é má altura. Estamos ocupados, mas são coisas rotineiras. Neste momento, não há urgências críticas. Vamos para a sala. Eu chamo a Georgina.

Jack ficou sentado sozinho durante alguns minutos. Usou esse tempo para rever as duas páginas que constituíam a entrada de Patience no serviço de urgência. Tinha tirado as folhas do dossiê do caso enquanto falava com Alexis.

— Bem-vindo novamente — disse Georgina quando entrou na sala.

Matt entrou atrás dela. Estavam os dois vestidos com batas brancas sobre roupas verdes do bloco cirúrgico.

— O Matt disse que desenterrou a Sra. Stanhope e fez uma autópsia. Fixe! Que é que descobriu? Quero dizer, nunca recebemos este tipo de retorno de ninguém.

— A parte mais interessante é que o coração dela parecia inteiramente normal. Sem quaisquer alterações degenerativas.

Georgina encostou as costas das mãos nas ancas e espetou os cotovelos. A sua boca formou um sorriso desapontado e forçado.

— Pensei que íamos ouvir alguma coisa surpreendente.

— E não deixa de ser surpreendente — replicou Jack. — Em caso de morte cardíaca súbita é raro não se encontrar patologia.

— Veio até aqui para nos dizer que não descobriu nada? — perguntou Georgina, incrédula. Olhou para Matt à procura de apoio.

— Na verdade, vim perguntar-vos se haveria alguma hipótese de lhe ter sido administrada uma dose excessiva de algum medicamento ou simplesmente o medicamento errado.

— De que tipo de medicamento está a falar? — perguntou Georgina.

O seu sorriso desvaneceu-se, substituído por uma confusão circunspecta.

— Qualquer coisa — disse Jack. — Particularmente, algum dos novos agentes fibrinolíticos ou antitrombóticos. Não sei; vocês estão envolvidos em algum estudo aleatório que envolva pacientes do foro cardíaco? Estou apenas curioso. Não há nada do género do que estou a falar na descrição de tratamentos. Jack entregou as duas folhas a Georgina, que as olhou de relance. Matt olhou por cima do ombro dela.

— Tudo o que lhe demos está aqui — declarou Georgina, segurando a ficha. Olhou para Matt à espera de confirmação.

— Isso mesmo — concordou Matt. — Ela estava moribunda quando chegou, praticamente uma linha plana no monitor cardíaco. A única coisa que tentámos foi reanimá-la. Não procurámos tratar o enfarte. Onde é que queria chegar?

— Ela não tomou nada, como por exemplo dedaleira?

—Não — respondeu Matt. — Não conseguimos batimento cardíaco, nem sequer compacing sequencial de duas câmaras. O coração dela estava completamente insensível.

Jack olhou de Georgina para Matt e novamente para Georgina. Lá se ia a teoria de dose excessiva ou medicamento errado!

— Os únicos registos laboratoriais na ficha do serviço de urgências são os gases no sangue. Foram feitas mais análises?

— Quando tiramos sangue para detectar gases no sangue, pedimos rotineiramente a contagem de plaquetas e eletrólitos. E nos casos de ataque cardíaco também pedimos biomarcadores.

— Se foram pedidos, porque é que não estão mencionados na requisição nem na ficha da paciente? Os gases no sangue estão lá.

Matt tirou as folhas da mão de Georgina e observou-as rapidamente. Encolheu os ombros.

— Não sei, talvez porque normalmente vão para o processo do hospital, mas como ela morreu tão rapidamente não chegou a ser internada e não foi aberto um processo. — Encolheu mais uma vez os ombros. — Suponho que não estão na requisição porque se trata de um pedido padrão para todos os suspeitos de enfarte do miocárdio. E mencionei que o sódio e o potássio estavam normais na avaliação, por isso alguém telefonou para a recepção do serviço de urgência a transmitir os resultados.

— Isto não é um serviço de urgências de cidade grande — explicou Georgina. — É raro termos uma morte aqui. Normalmente, as pessoas são internadas, mesmo as que chegam em mau estado.

— Podemos telefonar para o laboratório e ver se eles conseguem localizar os resultados? — perguntou Jack. Não sabia bem o que pensar desta descoberta inesperada nem se teria algum significado, mas sentiu-se obrigado a ver onde é que aquela pista o levaria.

— Claro — disse Matt. — Vamos mandar chamar o recepcionista. Entretanto, temos de voltar ao trabalho. Obrigado por passar por cá. É estranho não ter encontrado nenhuma patologia, mas é bom sabermos que não deixamos escapar alguma coisa que pudesse tê-la salvo.

Cinco minutos mais tarde, Jack estava no minúsculo gabinete sem janelas do supervisor do turno da noite do laboratório. O supervisor era um homem alto, forte e com papos nos olhos que lhe davam uma aparência de falta de sono. Estava a olhar para o monitor do computador com a cabeça inclinada para trás. O seu crachá dizia: "Olá, sou o Wayne Marsh."

— Não vejo nada com o nome de Patience Stanhope — disse Wayne.

Tinha sido muito solícito quando fora chamado às urgências e convidara Jack para ir ao seu gabinete. Tinha ficado impressionado com as suas credenciais e se tinha reparado que o crachá dizia Nova Iorque e não Massachusetts, não disse nada.

— Preciso de um número de serviço — explicou Wayne — mas, se ela não foi internada, não tem um.
— Que tal através da conta? — sugeriu Jack. — Alguém teve de pagar as análises.
— A esta hora, não há ninguém na contabilidade — disse Wayne — mas não disse que tem uma cópia do registo do serviço de urgência? O registo tem um número de acesso à urgência. Posso experimentar por aí.

Jack entregou-lhe as notas do serviço de urgência. Wayne introduziu o número.

— Aqui vamos nós — disse ele quando um registo piscou no ecrã. — O Dr. Gilbert tinha razão. Fizemos uma análise de sangue completa com plaquetas, eletrólitos e os biomarcadores cardíacos habituais.

— Quais?

— Fazemos CKMB e troponina T cardíaca à chegada ao serviço de urgência, com repetições seis horas depois do internamento e doze horas depois do internamento.

— Estava tudo normal?

— Depende da sua definição de normal — replicou Wayne. Rodou o monitor do computador para que Jack pudesse ver. Apontou para a seção do hemograma. — Há uma subida ligeira a moderada na contagem de glóbulos brancos, que é de esperar num ataque cardíaco. — O seu dedo passou em seguida para os eletrólitos. — O potássio está no limite máximo do normal. Se ela tivesse sobrevivido, teríamos verificado isso, por motivos óbvios.

Jack estremeceu intimamente ao ouvir falar no potássio. O episódio assustador com o potássio de Laurie durante a sua gravidez ectópica ainda estava bem fresco na sua mente, apesar de já ter acontecido há mais de um ano. Depois, os seus olhos repararam nos resultados dos biomarcadores. Para sua surpresa, os testes estavam negativos e ele chamou imediatamente a atenção de Wayne para esse fato. O pulso de Jack acelerou. Teria tropeçado numa coisa importante?

— Isso não é invulgar — explicou Wayne. — Com os tempos melhorados de resposta às chamadas do 112, muitas vezes as nossas vítimas de ataque cardíaco chegam ao serviço de urgência dentro do intervalo de três a quatro horas que os biomarcadores demoram a subir. É um dos motivos pelos quais repetimos rotineiramente o teste seis horas depois.

Jack acenou afirmativamente enquanto tentava analisar a discrepância que esta nova informação lhe apresentava. Não sabia se se tinha esquecido ou se nunca tinha sabido que havia um espaço de tempo antes de os biomarcadores ficarem positivos. Sem querer parecer excessivamente desinformado, formulou as perguntas seguintes com todo o cuidado.

— Surpreende-o que um kit de marcadores portátil tenha dado um resultado positivo anteriormente?

— Nem por isso — respondeu Wayne.

— Por que não?

— Existem muitas variáveis. Em primeiro lugar, há cerca de quatro por cento de resultados que não falsos negativos e três por cento que apresentam falsos positivos. Os testes baseiam-se em anticorpos monoclonais extremamente específicos, mas não são infalíveis. Em segundo lugar, os kits portáteis baseiam-se em troponina não T, e existem muitos kits portáteis no mercado. O kit portátil era apenas de troponina ou com mioglobina?

— Não sei — admitiu Jack.

Tentou recordar-se do que estava escrito na caixa da maleta de médico de Craig, mas não conseguiu visualizá-la.

— É um fator importante. O componente de mioglobina torna-se positivo mais depressa, muitas vezes duas horas depois. Qual é o período de tempo neste caso? — pegou na ficha do serviço de urgência e leu em voz alta: — O marido da paciente declarou que a dor no peito e outros sintomas se desenvolveram entre as cinco e as seis da tarde, provavelmente mais perto das seis. — Wayne levantou os olhos para Jack. — Ela chegou às urgências perto das oito, por isso o período de tempo está certo em relação aos nossos resultados, uma vez que ainda não tinham passado quatro horas. Sabe quando foi feito o teste com

o kit portátil?

— Não sei — disse Jack. — Mas se tivesse de calcular diria que foi algures por volta das sete e meia.

— Bem, isso parece realmente marginal, mas como eu disse os testes portáteis são feitos por uma série de empresas com graus de sensibilidade muito diferentes. Os aparelhos também devem ser armazenados com cuidado e creio que têm um prazo de validade. Francamente, é por isso que não os utilizamos. Preferimos de longe a troponina T, uma vez que é feito apenas por uma empresa. Obtemos resultados muito representativos num curto espaço de tempo. Gostaria de ver o nosso analisador Abbott? É uma beleza. Mede a absorvência espectrofotometricamente em quatrocentos e cinquenta nanômetros. É do outro lado do laboratório, se quiser dar uma vista de olhos.

— Obrigado, mas acho que vou deixar para outra altura — disse Jack. O homem estava a falar sobre assuntos técnicos que o ultrapassavam e a visita ao hospital já tinha demorado o dobro do tempo que tinha planeado. Certamente, não queria deixar Latasha à sua espera. Agradeceu a ajuda de Wayne e voltou rapidamente para o elevador. Enquanto descia para o rés-do-chão, não conseguiu deixar de pensar se o kit portátil de Craig estaria de alguma forma defeituoso, quer devido a um armazenamento menos correto, quer a estar fora de prazo, e teria dado um falso positivo. E se Patience Stanhope não tivesse sofrido um enfarte do miocárdio? De súbito, abria-se uma dimensão totalmente nova, particularmente com os serviços de toxicologia que tinha à sua disposição. Havia muito mais drogas que afetavam prejudicialmente o coração do que as que eram capazes de simular um ataque cardíaco.

Jack entrou rapidamente no carro e marcou o número de Latasha sem demora. Como tinha feito com Laurie, pôs o telemóvel em alta-voz e pousou-o no banco do passageiro. Quando estava a sair do parque de estacionamento do hospital, Latasha atendeu.

— Onde está? — perguntou ela. — Eu estou no meu gabinete. Tenho duas pizzas quentes e duas Coca-Colas grandes. Onde é que se meteu?

— Estou a sair do hospital agora mesmo. Lamento ter demorado tanto tempo, mas fiquei a saber uma coisa que poderá ser importante. O teste de biomarcadores da Patience Stanhope foi negativo na análise feita no hospital.

— Mas disse-me que era positivo.

— Esse foi o resultado do kit de biomarcadores portátil — disse Jack.

Explicou-lhe cuidadosamente o que o supervisor do laboratório lhe tinha dito.

— O que tudo isso quer dizer — disse Latasha quando Jack terminou — é que agora não sabemos ao certo se ela teve um ataque cardíaco, e isso seria consistente com o que descobrimos durante a autópsia.

— Precisamente, e se for esse o caso, a toxicologia vai ser crucial...

— Eu já deixei as amostras no laboratório de toxicologia com um bilhete para o Allan me telefonar.

— Perfeito — disse Jack.

Não conseguia deixar de ficar maravilhado com a sua sorte por ter Latasha a ajudá-lo. Se não fosse ela, talvez tivesse desistido depois de não encontrar nada no coração.

— Acho que isto coloca o marido enlutado numa posição dúbia — acrescentou Latasha.

— Ainda existem algumas inconsistências — disse Jack, lembrando-se das afirmações de Alexis contra o envolvimento de Jordan — mas no geral concordo, por muito banal e mercenário que pareça.

— Quanto tempo demora a chegar cá?

— Vou o mais depressa que puder. Estou a chegar à estrada nove. Provavelmente, poderá calcular melhor do que eu. Será boa ideia começar a comer a pizza enquanto está quente.

— Eu espero — disse Latasha. — Tenho estado ocupada a preparar algumas seções do coração para análise microscópica.

— Não sei se vou comer muito — disse Jack. — Estou completamente elétrico. Parece que bebi umas dez chávenas de café.

Quando desligou o telefone, viu as horas. Eram quase dez e meia, o que significava que o amigo de

Latasha chegaria ao laboratório de toxicologia daí a pouco. Jack esperava que ele tivesse muito tempo livre, uma vez que se imaginava a mantê-lo ocupado a maior parte da noite. Não tinha ilusões em relação ao poder da toxicologia para detectar venenos. Não era um processo tão fácil como se fazia crer muitas vezes nos órgãos de informação popular. Para grandes concentrações de drogas comuns, normalmente não era um processo difícil. No entanto, detectar vestígios de componentes mais tóxicos e letais que podiam matar uma pessoa era como procurar a proverbial agulha num palheiro.

Jack parou num semáforo e tamborilou impacientemente com os dedos no volante. O ar quente, macio e úmido de Junho entrou pela janela sem vidro. Ficou satisfeito por ter reservado algum tempo para ir ao hospital, embora agora se sentisse embaraçado com a ideia de uma tentativa de encobrimento por parte da instituição, mas pensou que a ideia tinha conduzido indiretamente à dúvida sobre se Patience Stanhope sofrera ou não um ataque cardíaco.

O semáforo ficou verde e ele continuou. O problema era que, em todo o caso, ela podia ter sofrido um ataque cardíaco. Wayne admitira que, mesmo com o maravilhoso analisador de absorvência, a taxa de falsos negativos era mais elevada que a de falsos positivos. Jack suspirou. Este caso não tinha nada que fosse simples e direto. Patience Stanhope estava a revelar-se uma paciente problemática até na morte, o que lhe trouxe à lembrança a sua anedota de advogados preferida: Qual é a diferença entre um advogado e uma prostituta? A prostituta deixa de trabalhar quando a pessoa morre. Da perspectiva de Jack, Patience estava a ficar com algumas características dos advogados.

Enquanto conduzia, refletiu na sua promessa de ver como estava Craig, que naquela altura já devia estar mergulhado num sono profundo, induzido pela combinação de medicamentos e álcool. Jack não estava empolgado com a perspectiva e achava que era desnecessário, uma vez que, na sua opinião, Craig não tinha o menor perfil de um suicida e, como médico inteligente, estava bem ciente do poder da medicação que tomava. Por outro lado, o lado bom da visita seria a oportunidade de verificar o tipo de kit de biomarcadores que Craig usara e se estava fora de prazo. Enquanto não tivesse aquela informação, não poderia decidir com fiabilidade se havia uma hipótese superior à habitual de o resultado ter sido um falso positivo.

Boston, Massachusetts Sexta-feira, 9 de Junho de 2006 1:30

Jack estava a olhar para os ponteiros do relógio de parede institucional há quase cinco minutos, enquanto estes avançavam implacavelmente para a uma e trinta da madrugada. Inspirou no momento em que o ponteiro dos minutos deu o último salto. Não se tinha apercebido de que não respirara nos últimos segundos, já que aquela hora era um minimarco. Exatamente dali a doze horas estaria casado e todos os anos em que evitara o assunto fariam parte do passado. Parecia-lhe inconcebível. Excetuando o passado relativamente recente, quase tinha institucionalizado que ficaria sozinho. Seria capaz de se casar? Na verdade, não sabia.

— Sente-se bem? — perguntou Latasha, trazendo Jack de volta para a realidade com um pequeno aperto no antebraço.

— Estou bem. Estou bem! — disse Jack. Ela assustara-o.

— Pensei que estava a ter uma crise de ausência. Nos últimos minutos, não mexeu um único músculo. Nem sequer pestanejou. Em que raio é que estava a pensar que o deixou tão paralisado?

Embora fosse muito reservado, Jack quase contou a Latasha aquilo em que estava a pensar para obter um ponto de vista diferente. Aquela reação surpreendeu-o, ainda que reconhecesse ter criado uma forte afinidade com aquela mulher. Com exceção do desvio pelo Hospital Newton Memorial, estavam a trabalhar juntos há cerca de seis horas e tinham desenvolvido uma familiaridade natural. Quando Jack chegara ao instituto de medicina legal de Boston, tinham ocupado o que parecia ser a biblioteca, embora as prateleiras estivessem quase todas vazias, sem dúvida à espera de financiamento futuro. A melhor peça da sala era uma grande mesa de leitura, na qual Jack espalhara o conteúdo do dossiê do processo de negligência médica de Craig e o organizara para poder encontrar alguma coisa específica, se houvesse necessidade. Na ponta da mesa havia várias caixas de pizza abertas, pratos de papel e copos grandes. Nenhum deles comera muito. Estavam ambos consumidos pelo mistério de Patience Stanhope.

Também tinham levado o microscópio de dissecação estéreo com duas cabeças e, sentados em lados opostos da mesa, tinham passado várias horas a abrir e a analisar as artérias coronárias. Como as suas irmãs maiores e mais proximais, todas as veias distais estavam normais e limpas. Jack e Latasha tinham prestado particular atenção às ramificações que serviam o sistema de condução do coração.

A última fase do exame ao coração era o microscópico. Tinham tirado espécimes de todas as zonas do coração mas, uma vez mais, concentraram-se no interior e em volta do sistema de condução. Antes de Jack chegar, Latasha tinha preparado uma série de lamelas a partir de uma pequena amostra e a primeira coisa que tinham feito depois de ele chegar tinha sido organizá-las e depois colocá-las a secar. Naquele momento, estavam no microscópio para ser observadas.

No momento em que estavam a acabar de preparar as lamelas, Allan Smitham telefonou. Aparentemente ficara satisfeito por ter notícias de Latasha, pelo menos foi a essa a sensação com que Jack ficou do lado da conversa que era obrigado a ouvir, ainda que tentasse não o fazer. Sentiu-se incomodado por estar a proceder como um intruso, mas a boa notícia foi que Allan estava ansioso para ajudar e faria o despiste toxicológico imediatamente.

— Não me ocorreram ideias novas — disse Jack em resposta à pergunta de Latasha sobre aquilo em que estava a pensar. Quando os seus olhos tinham deambulado para o relógio de parede e o seu movimento marcado o hipnotizara em pensamentos sobre o casamento intimidamente iminente, devia estar a tentar

pensar em teorias novas sobre Patience. Tinha contado todas as suas velhas teorias a Latasha, repetindo-lhe essencialmente o que dissera a Alexis ao telefone enquanto se dirigia para o hospital. Esquecendo todas as pretensões de discrição, incluiu a ideia da dose excessiva de medicamento, ainda que retrospectivamente parecesse louca, quase imbecil, e Latasha reagira adequadamente.

— Eu também não tive nenhum momento de iluminação — disse ela. — É possível que me risse de algumas das suas idéias, mas tenho de lhe reconhecer o mérito da criatividade. Não consegui lembrar-me de nada, percebe?

Jack sorriu.

— Talvez consiga, se combinar o que eu lhe disse com algum deste material — disse Jack. Apontou para o dossiê do processo que estava em cima da mesa. — Há uma quantidade notável de personagens. Tenho aqui depoimentos de quatro vezes mais testemunhas do que as que foram intimadas.

— Gostaria muito de ler alguns dos depoimentos, se me disser quais é que, na sua opinião, são potencialmente mais úteis.

— Se quiser ler alguns, aconselho os do Craig Bowman e do Jordan Stanhope. Como arguido e queixoso, ocupam o centro do palco. Na verdade quero reler o que ambos disseram sobre os sintomas da Patience. Logicamente, se ela tivesse sido envenenada, como estamos a pensar, os sintomas sutis seriam cruciais. Sabe tão bem como eu que alguns venenos são quase impossíveis de descobrir no caldo complicado de químicos que compõem um ser humano. Provavelmente, teremos de dizer ao Allan o que procurar para ele conseguir encontrar alguma coisa.

— Onde estão os depoimentos do Dr. Bowman e do Sr. Stanhope? Jack pegou neles. Tinha-os separado. Eram ambos volumosos. Esticou o braço e deu-os a Latasha.

— Cruzes, credo! — exclamou ela, sentindo o peso. — O que é isto, o Guerra e Paz? Quantas páginas temos aqui?

— O depoimento do Craig Bowman demorou vários dias. O escrivão do tribunal tem de anotar todas as palavras.

— Não sei bem se, às duas da manhã, tenho coragem para fazer isto — disse Latasha. Deixou os volumes cair em cima da mesa à sua frente.

— É apenas diálogo, com entrelinhas grandes. Na verdade, a maior parte das coisas são muito fáceis de ler.

— Que fazem estas fotocópias científicas aqui? — perguntou Latasha, pegando na pequena pilha de publicações científicas.

— O Dr. Bowman é o autor principal da maioria e co-autor do resto. O advogado do Craig achou por bem apresentá-las como prova do seu empenhamento na medicina. O estratagema da acusação é nada mais nada menos do que um assassinato de carácter.

— Recordo-me deste quando foi publicado no Journal — disse Latasha, pegando no artigo fundamental publicado no New England Journal of Medicine.

Uma vez mais, Jack ficou bastante impressionado.

— Arranja tempo para ler esses artigos esotéricos?

— Estas coisas não são esotéricas — replicou Latasha com uma risada desaprovadora. — Hoje em dia a fisiologia da membrana é crucial em praticamente todos os ramos da medicina, especialmente na farmacologia e na imunologia, e até nas doenças infecciosas e no cancro.

— Está bem, está bem! — disse Jack, levantando as mãos como se quisesse proteger-se. — Retiro o que disse. O meu problema é que fiz o curso de medicina no século passado.

— Essa é uma desculpa esfarrapada — disse Latasha. Folheou as páginas do artigo de Craig. — A função dos canais de sódio é a base da função dos músculos e dos nervos. Se eles não funcionarem, nada funciona.

— Já me rendi — disse Jack. — Conseguiu convencer-me. Vou interessar-me pela questão.

De súbito, o telemóvel de Latasha ganhou vida. No silêncio, o barulho inesperado fê-los dar um salto. Latasha pegou no aparelho, olhou para o visor LCD e em seguida abriu a tampa.

— Que é que se passa? — perguntou sem preâmbulos quando encostou o telemóvel ao ouvido.

Jack esforçou-se por ouvir a voz do outro lado, mas não conseguiu. Presumiu e esperou que fosse Alan. A conversa foi vincadamente curta. Latasha limitou-se a dizer, "Tudo bem", e desligou o telefone. Levantou-se.

— Quem era? — perguntou Jack.

— Allan — respondeu Latasha. — Ele quer que vamos visitá-lo ao laboratório, que é ao virar da esquina. Eu acho que vale a pena o esforço, se estiver a pensar mantê-lo ocupado com as suas coisas. Alinha?

— Está a brincar? — perguntou Jack retoricamente.

Empurrou a cadeira para trás e levantou-se.

Jack não se tinha apercebido de que o Instituto de Medicina Legal de Boston ficava na periferia do vasto complexo do Centro Médico e Hospitalar da Cidade de Boston. Apesar da hora, passaram por uma série de funcionários do centro médico, incluindo alguns estudantes de medicina. Embora fosse muito tarde, ninguém parecia estar com pressa. Todos aproveitavam a textura quente e sedosa do ar. Embora, tecnicamente, ainda fosse Primavera, parecia uma noite de Verão.

O laboratório de toxicologia ficava a uns meros dois quarteirões de distância, numa estrutura nova de vidro e aço com oito andares.

No elevador, a caminho do sexto andar, Jack observou Latasha. Os seus olhos escuros estavam concentrados no visor que indicava os andares e o seu rosto reflectia uma fadiga legítima.

— Peço desculpa antecipadamente se disser alguma coisa inadequada — disse Jack — mas tenho a impressão de que o esforço especial que o Allan Smitham está disposto a dedicar a este caso se deve a sentimentos profundos que nutre por si.

— Talvez — replicou Latasha equivocadamente.

— Espero que o fato de aceitar a ajuda dele não a coloque numa situação desagradável.

— Acho que posso aguentar — declarou Latasha num tom que proclamava: fim de discussão.

O laboratório era do mais moderno que havia e estava quase deserto. Para além de Allan Smitham, havia apenas mais duas pessoas, ambos técnicos de laboratório que estavam concentrados a trabalhar na outra extremidade da sala de dimensões generosas. Havia três filas de bancadas que gemiam sob o peso de equipamento novo e resplandecente.

Allan Smitham era um afro-americano extremamente atraente com bigode e pêra muito bem aparados que lhe conferiam uma intimidante aparência mefistofélica. Para essa aparência imponente contribuía a sua estrutura muscular mal disfarçada pela bata branca do laboratório com as mangas arregaçadas sobre uma T-shirt preta justa ao corpo. A sua pele tinha um tom de mogno escuro, um ou dois tons mais escura que a de Latasha. Os olhos dele estavam brilhantes e não se despregavam da antiga amiga de faculdade.

Latasha apresentou Jack, que recebeu apenas um aperto de mão rápido mas firme e um olhar de avaliação fugaz. Allan estava descaradamente interessado em Latasha, que brindou com um sorriso aberto com dentes surpreendentemente brancos.

— Não devias desaparecer durante tanto tempo, miúda — disse Allan enquanto apontava para o seu gabinete minúsculo e utilitário. Acabou por se sentar à secretária enquanto Latasha e Jack ocuparam duas cadeiras de costas direitas à sua frente.

— Tem um laboratório impressionante — disse Jack, levantando um polegar no ar. — No entanto, parece haver falta de pessoal.

— Apenas neste turno — disse Allan. Continuava a sorrir para Latasha. — Em termos de número de funcionários, a diferença entre nós e o turno de dia é como a noite e o dia. Riu-se da piada. Jack ficou com a impressão de que ele não tinha falta de auto-estima nem de sentido de humor.

— Que é que descobriste com as nossas amostras? — perguntou Latasha, indo direta ao assunto.

— Ah, sim — disse Allan, a brincar com os dedos enquanto os cotovelos repousavam no tampo da secretária. — Tu fizeste-me um pequeno resumo das circunstâncias no bilhete, mas gostaria de rever os dados para ter a certeza de que compreendo. A paciente morreu de ataque cardíaco há cerca de oito meses. Foi embalsamada, enterrada e exumada recentemente. O que vocês querem fazer é verificar a hipótese de envolvimento de drogas.

— Vamos expor a situação de forma mais sucinta — declarou Latasha. — A causa da morte foi presumida como natural. Nós queremos ter a certeza de que não se tratou de homicídio.

— Está bem — entendeu Allan como se estivesse a ponderar no que diria a seguir.

— Qual foi o resultado do despiste? — perguntou Latasha com impaciência. — Por que é que estás a arrastar isto?

Jack arrepiou-se intimamente com o tom de Latasha. Sentiu algum desconforto ao pensar que ela estava a ser tudo menos simpática, apesar de Allan estar a fazer-lhes um favor enorme. Estava a tornar-se cada vez mais evidente para Jack que havia algo entre eles que não sabia nem queria saber.

— Quero ter a certeza de que interpretam os resultados de forma correta — disse Allan defensivamente.

— Somos ambos médicos legistas — retorquiu Latasha. — Acho que estamos relativamente bem informados sobre as limitações de um despiste toxicológico.

— Suficientemente informados para saberem que o valor de previsão de um teste negativo é apenas de quarenta por cento? — perguntou Allan, com as sobrancelhas erguidas. — E isto no caso de um cadáver recentemente falecido, não embalsamado.

— Então, o que estás a dizer é que o despiste toxicológico foi negativo.

— Isso mesmo — respondeu Allan. — Foi inquestionavelmente negativo.

— Meu Deus, é como arrancar dentes — queixou-se Latasha.

Revirou os olhos e abanou impetuosamente os braços.

— Que drogas estão englobadas no vosso despiste? — perguntou Jack.

— A dedaleira está incluída?

— A dedaleira está incluída — respondeu Allan enquanto se soerguia para entregar a lista de drogas verificadas no laboratório de toxicologia a Jack.

Jack observou a folha. Ficou impressionado com o número de substâncias incluídas.

— Que métodos é que usam?

— Usamos uma combinação de cromatografia e de imunoensaio enzimático.

— Têm cromatografia gás/espectrometria de massa? — perguntou Jack.

— Pode apostar que temos — declarou Allan orgulhosamente. — Mas se querem que use a artilharia, vão ter de me dar uma idéia do que devo procurar.

— Neste momento, podemos dar-lhe apenas uma idéia geral — disse Jack. — De acordo com os sintomas que a paciente evidenciou e que foram registados, se estivessem envolvidas drogas ou venenos estaríamos à procura de algo capaz de produzir um batimento cardíaco marcadamente lento e que não reagisse a todas as tentativas de reanimação e um depressor respiratório, uma vez que o seu aspecto também foi descrito como sendo cianótico.

— Continua a falar de uma imensidão de potenciais medicamentos e venenos — disse Allan. — Sem algo mais específico, estão a pedir-me um milagre!

— Eu sei — admitiu Jack. — Mas a Latasha e eu vamos voltar e fazer todos os possíveis para nos lembrarmos de alguns candidatos prováveis.

— É bom que façam isso — disse Allan. — Caso contrário, provavelmente vai ser um trabalho em vão. Primeiro, tenho de perceber o que devo ignorar, tendo em conta todo o fluido de embalsamamento a bordo.

— Eu sei — repetiu Jack.

— Por que é que estão a considerar a hipótese de homicídio? — perguntou Allan. — Se é que não se importam que eu pergunte.

Jack e Latasha trocaram um olhar, incertos em relação ao que contar.

— Fizemos a autópsia há algumas horas! — disse Latasha. — Não encontramos absolutamente nada. Não havia patologia cardíaca.

— Interessante — disse Allan, pensativo. Olhou Latasha nos olhos. — Deixa-me ver se percebo bem. Tu queres que eu faça todo este trabalho, ocupe a noite inteira, e às escondidas. É isso que estás a dizer?

— É claro que queremos que faças isto! — retorquiu Latasha secamente. — Qual é o teu problema? Por que outro motivo estaríamos aqui sentados?

— Não estou a referir-me a ti e aqui ao doutor — disse Allan, fazendo um gesto na direção de Jack. — Estou a referir-me a ti, pessoalmente.

— Sim, tudo bem, quero que faças isto — disse Latasha. Levantou-se.

— Está bem — disse Allan. No seu rosto vislumbra-se um sorriso de satisfação.

Latasha saiu do gabinete.

Surpreso com o fim abrupto da reunião, Jack levantou-se e procurou um dos seus cartões de visita.

— Para o caso de querer perguntar-me alguma coisa — disse ele enquanto o pousava na secretária de Allan. Tirou um dos de Allan de um pequeno suporte de acrílico. — Agradeço a sua ajuda. Obrigado.

— Não há problema — disse Allan.

O sorriso prolongado ainda era evidente.

Jack apanhou Latasha junto ao elevador. Não disse nada até começarem a descer.

— Foi um final bastante precipitado — comentou.

Fingiu que não estava a olhar para Latasha fitando o visor que indicava os andares.

— Sim, pois, ele estava a irritar-me. É um filho da mãe convencido.

— Percebi que não tinha problemas de auto-estima. Latasha riu-se e ficou perceptivelmente mais descontraída.

Saíram para a noite. Eram praticamente três horas da madrugada, mas ainda se viam pessoas na rua. Ao aproximarem-se do Instituto de Medicina Legal, Latasha falou.

— Suponho que perguntou a si mesmo porque é que me comporteí daquela forma um pouco rude.

— Isso passou-me pela cabeça — admitiu Jack.

— O Allan e eu fomos muito próximos no último ano da faculdade, mas depois aconteceu uma coisa que me revelou a sua personalidade e que não me agradou nada. — Abriu a porta principal com uma chave e acenou para o segurança. Enquanto subiam o único lance de escadas, ela continuou: — Assustei-me ao pensar que estava grávida. Quando lhe contei, a reação dele foi acabar comigo. Nem sequer consegui que respondesse aos meus telefonemas, por isso escrevi-lhe. A ironia é que eu não estava grávida. Neste último ano, quando descobriu que eu estava aqui no Instituto de Medicina Legal, tentou voltar a andar comigo, mas eu não estou interessada. Lamento se a situação no gabinete dele foi desagradável.

— Não precisa de se desculpar — disse Jack. — Como disse quando íamos para lá, espero que aceitar a ajuda dele não lhe traga problemas.

— Como já passaram muitos anos, pensei que me comportaria melhor do que me comporteí. Mas vê-lo fez-me recordar o episódio e deixou-me zangada. Seria de esperar que já tivesse ultrapassado tudo isto. Entraram na biblioteca. Estava tudo tão desarrumado como quando tinham saído.

— Que tal darmos uma vista de olhos às lamelas que preparámos? — sugeriu Latasha.

— Talvez fosse bom ir para casa dormir um pouco — disse Jack. — Não há motivo para fazer uma direta. Quero dizer, adoro a ajuda e a companhia, mas isto é pedir demais.

— Não vai ver-se livre de mim com tanta facilidade — disse Latasha com um sorriso travesso. — Na faculdade de medicina aprendi que, para mim, quando é tão tarde, é preferível ficar levantada. Para além do mais, adoraria resolver este caso.

— Bem, acho que vou até Newton.

— Vai voltar ao hospital?

— Não. Vou a casa dos Bowman. Disse à minha irmã que iria ver se o marido não está em coma. Devido à depressão, ele tem andado a misturar álcool sob a forma de uísque de malte puro com um comprimido qualquer para dormir.

— Bem! — disse Latasha. — Já fiz diversas autópsias por causa disso.

— Na verdade, não acredito que haja muitos motivos para preocupação — disse Jack. — Ele tem-se em demasiada conta. Duvido que me desse ao trabalho de lá ir, se essa fosse a única razão. Quero ir verificar o kit de biomarcadores que ele usou com a Patience para ver se existe algum motivo para suspeitar que obteve um falso positivo. Se foi um falso positivo, a possibilidade de a causa de morte não ter sido natural aumenta imenso.

— E quanto a suicídio? — perguntou Latasha. — Nunca mencionou o suicídio mesmo como uma hipótese remota e disparatada. Por quê?

Jack coçou a nuca distraidamente. Era verdade que não tinha pensado em suicídio, e perguntou-se porquê. Soltou uma pequena risada, lembrando-se dos muitos casos em que tinha estado envolvido ao longo dos anos onde a causa aparente da morte não era, em última análise, a causa correta. O último caso desse tipo envolvera a mulher do diplomata iraniano que supostamente se suicidara mas fora afinal homicídio.

— Não sei porque é que nem me passou pela cabeça a ideia de suicídio — disse Jack — especialmente tendo em conta algumas das minhas outras ideias igualmente improváveis.

— O pouco que me falou acerca da mulher sugere que ela não era terrivelmente feliz.

— Provavelmente, isso é verdade — admitiu Jack — mas é a única coisa que a teoria do suicídio tem a seu favor. Vamos mantê-la em mente, juntamente com a minha ideia de conspiração no hospital. Mas agora vou a Newton. Claro que é bem-vinda, se quiser acompanhar-me, mas não consigo imaginar porque é que quereria fazer uma coisa dessas.

— Eu fico — disse Latasha. Empurrou as transcrições dos depoimentos de Craig e Jordan, posicionando-as diante de uma das cadeiras, e sentou-se. — Vou fazer algumas leituras complementares enquanto estiver fora. Onde estão os registos médicos?

Jack pegou na pilha correcta e empurrou-a contra os depoimentos de Craig e Jordan.

Latasha pegou numa pequena tira de eletrocardiograma que estava saída na pilha.

— Que é isto?

— É um registo que o Dr. Bowman fez quando chegou à casa da Patience Stanhope. Infelizmente, é quase inútil. Ele teve de desistir de fazer o eletrocardiograma porque ela estava numa situação crítica e a piorar rapidamente.

— Alguém olhou para ele?

— Todos os especialistas olharam para ele, mas não puderam dizer grande coisa. Todos concordaram que a bradicardia marcada sugeria um bloqueio AV. Com isso e outras anormalidades de condução sugestivas, todos sentiram que era pelo menos consistente com um ataque cardíaco algures no coração.

— É uma pena não haver mais — disse Latasha.

— Vou-me embora — disse Jack. — Tenho o telemóvel ligado, para o caso de ter um dos seus momentos de iluminação ou Allan conseguir fazer um milagre.

— Vemo-nos quando voltar — disse Latasha. Já estava a ler rapidamente o depoimento de Craig.

Às três horas da madrugada, era finalmente fácil para Jack conduzir em Boston. Em alguns semáforos de Massachusetts Avenue, o Accent de Jack era o único veículo parado. Em diversas ocasiões, pensou se deveria ignorar o semáforo quando também não havia trânsito no cruzamento, mas nunca o fez. Não tinha qualquer problema em quebrar regras que julgava ridículas, mas os semáforos não se enquadravam nessa categoria.

A auto-estrada foi outra história. Não estava muito cheia, mas havia mais trânsito do que ele esperava e

não eram apenas camiões. Espantado, perguntou a si mesmo o que andariam tantas pessoas a fazer na rua àquela hora tão tardia.

A curta viagem para Newton deu a Jack uma hipótese de se acalmar da quase obsessão que Latasha desencadeara quando dissera que tinha acesso a um toxicologista na altura em que Jack estava preparado para desistir. Num estado de espírito mais descontraído, conseguiu pensar em toda a situação de uma forma consideravelmente mais racional, e quando o fez tornou-se claro qual seria o resultado mais provável. Primeiro, ia concluir que, por falta de provas em contrário, Patience Stanhope tinha muito provavelmente falecido devido a um ataque cardíaco em grande escala, apesar de não existir patologia óbvia oito meses após a ocorrência; e, segundo, que Fasano e companhia estavam muito provavelmente por detrás do ataque desprezível às filhas de Craig e Alexis por motivos puramente económicos. Quando ameaçara Jack diretamente, Fasano tinha sido muito claro em relação ao motivo.

Ao chegar à residência dos Bowman, a leve obsessão de Jack tinha-se transformado num tépido desânimo. Perguntou uma vez mais a si mesmo se o motivo por que ainda estava em Boston e a imaginar teorias disparatadas se prendia mais com os medos semiconscientes de se casar dali a dez horas do que com uma tentativa de ajudar a irmã e o cunhado.

Saiu do carro com o chapéu de chuva que tinha tido a presença de espírito de tirar do banco de trás. Estacionara ao lado do Lexus de Craig. Voltou até à estrada e procurou o carro da polícia que estava ali nessa manhã, mas não o viu em parte alguma. Grande vigilância. Voltou-se para a casa e subiu o caminho de acesso. A fadiga começava a atormentá-lo.

A casa estava às escuras, com exceção de uma luz fraca filtrada através dos painéis da porta principal. Quando se aproximou do pilar da frente, inclinou a cabeça para trás para verificar as janelas dos quartos do primeiro andar. Estavam pretas como ônix e refletiam a luz de um candeeiro de rua distante.

Sem fazer muito barulho, Jack enfiou a chave na fechadura. Não estava a tentar ser dissimulado, mas ao mesmo tempo preferia não acordar Craig, se isso fosse possível. Foi nesse ponto que se lembrou do sistema de alarme. Com a chave na fechadura, tentou recordar-se do código. O seu cérebro estava tão cansado que demorou um minuto a lembrar-se. Depois, perguntou a si mesmo se devia premir outro botão a seguir à introdução do código. Não sabia. Quando se sentiu o mais preparado possível, rodou a chave na fechadura. O mecanismo pareceu barulhento no silêncio noturno.

Jack entrou depressa, ligeiramente em pânico, e olhou para o painel do alarme. Felizmente, o zumbido de aviso que ele esperava não soou, mas esperou para ter a certeza. O alarme estava desativado. Um grande ponto verde sugeria que estava tudo em ordem. Jack fechou a porta principal sem fazer barulho. Foi então que se apercebeu do som abafado da televisão que vinha da sala grande. Na mesma direção via-se luz, que descia pelo corredor principal, onde não havia qualquer outra fonte de iluminação.

Imaginando que Craig podia ainda estar levantado ou a dormir à frente da televisão, Jack percorreu o corredor e entrou na sala grande. Craig não estava em parte alguma. A televisão por cima da lareira estava ligada num canal de notícias por cabo e as luzes estavam acesas naquela zona, ao passo que a cozinha e a zona de refeições se encontravam às escuras.

Em cima da mesa de apoio diante do sofá estava uma garrafa de uísque quase vazia, um copo antiquado e o comando à distância da televisão. Pela força do hábito, Jack aproximou-se, pegou no comando e desligou o aparelho. Depois, voltou para o corredor. Olhou para o cimo das escadas, onde tudo estava às escuras, e depois para o fundo do corredor, onde ficava o escritório. Jack pensou no que ia fazer em primeiro lugar: ver como estava Craig ou verificar o kit de biomarcadores. Não era uma decisão difícil. Quando confrontado com uma escolha, normalmente Jack fazia a tarefa ou recado menos agradável em primeiro lugar, e neste caso era certamente a que envolvia Craig. Não que pensasse que ia ser difícil, mas sabia que se fosse ao quarto dele corria o risco de o acordar, coisa que não queria fazer por uma série de razões. A mais importante é que estava convencido de que o cunhado não consideraria a sua presença como sendo um favor. Na verdade, a implicação de necessidade ia muito provavelmente ofendê-lo e

irritá-lo.

Jack olhou novamente para o escuro. Nunca tinha estado no primeiro andar e não fazia ideia de onde seria o quarto principal. Sem vontade de acender as luzes, recuou até à cozinha. Pela sua experiência, a maioria das famílias tinha uma gaveta de tralha, e a maior parte das gavetas de tralha continham lanternas.

Afinal, acabou por estar meio certo. Havia uma lanterna na gaveta da tralha, mas a gaveta da tralha dos Bowman estava na lavandaria e não na cozinha. A condizer com o resto da casa e o seu conteúdo, a lanterna era uma impressionante Maglite com trinta centímetros de comprimento, que emitiu um feixe de luz forte e concentrado quando a acendeu. Jack pensou que poderia pôr a mão sobre a lente e variar a quantidade de luz e voltou para a escadaria com ela, começando a subir para o primeiro andar. Ao chegar ao cimo das escadas, deixou escapar luz suficiente por entre os dedos para ver o corredor do primeiro andar, primeiro numa direção e depois na outra. Havia muitas portas dos dois lados do corredor e, por pouca sorte, a maior parte delas estavam fechadas. A tentar decidir por onde começar, Jack verificou de novo as duas direções e determinou que o corredor do lado direito tinha metade do comprimento do corredor do lado esquerdo. Sem saber porquê, começou pelo lado direito. Parou do lado de fora da primeira porta e entreabriu-a o suficiente para atravessar a soleira. Lentamente, deixou a luz espalhar-se pelo espaço. Não era, de certeza, o quarto principal. Era o quarto de uma das miúdas e, a avaliar pelos cartazes, fotografias, bibelots e roupas espalhadas, Jack percebeu que se tratava do de Tracy. De volta ao corredor, dirigiu-se para a porta seguinte. Preparava-se para abri-las quando notou que as portas ao fundo do corredor, voltadas para si, eram duplas. Uma vez que todas as outras eram simples, pareceu-lhe muito provável que aquele fosse o quarto principal.

Mantendo a lanterna quase toda tapada, Jack dirigiu-se para as portas duplas. Quando abriu a porta do lado direito, encostou a lente da lanterna ao abdômen para bloquear a luz. A porta deslizou para dentro. Enquanto entrava silenciosamente no aposento, percebeu que estava no quarto principal da casa. Estava a pisar uma alcatifa de pêlo alto. Por instantes, não se mexeu. Esforçou-se para ouvir a respiração de Craig, mas o quarto estava mergulhado no mais profundo silêncio.

Apontou lentamente a lanterna e a luz foi-se estendendo pela divisão. Da penumbra emergiu uma cama de tamanho gigante. Craig estava deitado na extremidade mais afastada da cama.

Por instantes, Jack deixou-se ficar imóvel, a refletir sobre o que ia fazer para ter a certeza de que o cunhado não estava em coma. Até àquele momento, não tinha pensado muito no assunto, mas agora que estava no quarto via-se forçado a tomar uma decisão. Ainda que acordar Craig fosse uma solução definitiva, não era uma opção. Em última análise, pensou que podia simplesmente aproximar-se e escutar a respiração dele. Se lhe parecesse normal, estava disposto a aceitar isso como uma prova positiva de que o homem estava bem, apesar de ser tudo menos uma comprovação científica.

Reduziu novamente a luz e atravessou o quarto, movendo-se mais de memória do que visualmente. A quantidade insignificante de luz ambiente que se filtrava da rua pela janela do quarto foi o suficiente para Jack ver um contorno tênue das peças maiores de mobiliário. Ao chegar aos pés da cama, parou e esforçou-se para ouvir os intermitentes sons sibilantes do sono. No quarto imperava um silêncio de morte. Jack sentiu uma onda de adrenalina. Para seu horror, não ouvia nenhum som de respiração. Craig não estava a respirar!

Newton, Massachusetts Sexta-feira, 9 de Junho de 2006 3:25 da madrugada

Os segundos seguintes foram confusos para Jack. No instante em que se apercebeu de que o cunhado não estava a respirar, precipitou-se para a frente com a intenção de contornar a cama para chegar junto de Craig no mais curto espaço de tempo possível. Ali, puxaria os lençóis para trás, avaliaria rapidamente o estado do cunhado e começaria a reanimação, se fosse a medida apropriada.

Provavelmente, o movimento inesperado para o lado salvou-lhe a vida. No instante seguinte, percebeu que não estava sozinho no quarto. Havia outro vulto vestido de preto, praticamente invisível, que saiu pela porta da casa de banho aberta. O indivíduo brandia um grande taco que rodou num arco no local onde a cabeça de Jack tinha estado uma fração de segundo antes.

Ainda que o golpe não lhe acertasse na cabeça, atingiu-o no ombro esquerdo. Felizmente, foi uma pancada de raspão que não o atingiu com toda a força. Mesmo assim, Jack sentiu uma dor pungente e lancinante que fez estremecer todo o seu corpo, enfraquecendo-lhe os joelhos.

Jack continuava a segurar a lanterna, cujo feixe de luz percorreu o quarto ao acaso, enquanto ele se precipitava para o fundo da cama, evitando encostar-se a ela. Não queria ser encurralado pelo intruso. Mais por instinto do que pela visão, soube que se aproximava outro golpe do taco quando a figura saltou em sua perseguição. Jack agachou-se quase junto ao chão e, acreditando que o ataque era a melhor defesa, atirou-se para a frente, recebendo o atacante com a ponta do ombro direito, como se pretendesse placá-lo. Prendeu o homem no cimo das coxas e continuou a bater com as pernas fortalecidas de tanto andar de bicicleta até conseguir atirar o homem para trás, antes de caírem ambos no chão.

Muito próximo do seu inimigo, sentiu que ficaria em vantagem se usasse a comprida e pesada Maglite como arma. O taco mais comprido que o do atacante estava em notória desvantagem. Soltando as coxas do homem, Jack agarrou um pedaço de camisa e ergueu rapidamente a lanterna ao lado da cabeça com a intenção de lhe atingir a testa. Felizmente, antes de desferir o golpe o seu cérebro disparou rapidamente os neurónios certos e reconheceu o homem. Era Craig.

— Craig? — gritou Jack, incrédulo. Baixou imediatamente a luz da sua posição ameaçadora e fez o feixe incidir sobre o rosto de Craig, para ter a certeza.

— Jack? — disse Craig precipitadamente. Levantou a mão livre para proteger os olhos da luz ofuscante.

— Santo Deus! — proferiu Jack. Soltou a camisa do cunhado, afastou o feixe de luz do rosto dele e levantou-se.

Craig levantou-se por sua vez. Dirigiu-se para um interruptor de parede e acendeu a luz.

— Que diabo estás a fazer aqui, a entrar pela minha casa a estas horas indecentes? — Olhou para o relógio da mesa-de-cabeceira. — Três e meia da madrugada!

— Eu posso explicar — disse Jack. Estremeceu ao sentir uma guinada de dor no ombro. Tocou na zona com cuidado e sentiu um ponto frágil na junção da clavícula com o ombro.

— Santo Deus — queixou-se Craig. Atirou o taco de basebol para cima da cama. Aproximou-se de Jack.

— Céus, peço desculpa por te ter magoado. Eu podia ter-te morto. Estás bem?

— Já me aconteceram coisas piores — respondeu Jack.

Olhou de relance para a cama. O que tinha pensado tratar-se de Craig não passava de almofadas e

cobertores.

— Posso ver? — perguntou Craig, solícito.

— Claro, acho que sim.

Craig segurou no braço de Jack e pousou cuidadosamente a mão no ombro. Rodou o braço na articulação do ombro e depois ergueu-o devagar.

— Alguma dor?

— Alguma, mas não piora com o movimento.

— Acho que não está nada partido, mas uma radiografia não faria mal nenhum. Se quiseres, posso levar-te ao Newton Memorial.

— Acho que vou pôr um pouco de gelo — disse Jack.

— Boa idéia! Vamos lá abaixo à cozinha. Eu ponho algum gelo num saco hermético.

Enquanto percorriam o corredor do primeiro andar, Craig disse:

— O meu coração está a mil. Pensei que eras um daqueles tipos que nos assaltaram e prenderam as minhas filhas que tinha voltado para cumprir a ameaça. Estava disposto a dar cabo de ti.

— Suponho que também pensei que eras um daqueles tipos — disse Jack.

Reparou que Craig vestia um roupão de cor escura e não o fato preto de ninja que Jack imaginara criativamente. Também sentiu a pistola no bolso do casaco a fazer pressão contra o seu corpo. Na fúria do momento nem se tinha lembrado dela, o que tinha sido bom.

Craig colocou um saco de gelo no ombro de Jack e ele ficou sentado numa ponta do sofá, a segurar o saco frio contra a ponta do ombro. Craig afundou-se do outro lado e levou uma mão à testa.

— Vou-me embora para poderes voltar a dormir — disse Jack. — Mas devo-te uma explicação.

— Estou a ouvir — disse Craig. — Antes de ir para a cama, fui lá a baixo ver o teu quarto. Tinhas tirado as roupas da cama. É evidente que não estava à tua espera, especialmente a esta hora, e especialmente a andar sorrateiramente no primeiro andar.

— Eu tinha prometido à Alexis que viria ver como estavas.

— Falaste com ela esta noite?

— Falei, mas não muito tarde. Para ser franco, ela está preocupada por tu misturares álcool e comprimidos para dormir, e tem bons motivos para isso. Já autopsiei algumas pessoas graças a essa combinação.

— Não preciso dos teus conselhos.

— Estás no teu direito — replicou Jack. — No entanto, ela pediu-me para vir ver como estavas. Honestamente, não achei que fosse necessário. O motivo que me levou a andar sorrateiramente pela casa foi porque tive receio de te acordar e que ficasses zangado por eu cá estar.

Craig afastou a mão da testa e olhou para Jack.

— Tens razão em relação a isso.

— Desculpa se te ofendi. Fi-lo pela Alexis. Ela estava com medo que estivesse mais aborrecido do que é habitual, depois do que aconteceu no julgamento.

— Pelo menos és honesto — disse Craig. — Suponho que devia encarar isto como um favor. Com tudo o que está a acontecer, não é nada fácil. Estou a ser obrigado a ver-me a uma luz diferente e nada lisonjeira. Hoje, fui infeliz, ridículo e auto-derrotista enquanto testemunha. Quando penso no que aconteceu, fico embaraçado.

— Como é que achas que correu a tarde, com os peritos da defesa?

— Foi razoável. Foi bom ouvir algumas palavras positivas, para variar, mas não me parece que tenha sido suficiente. A menos que o Randolph tenha um desempenho digno de um Oscar nas alegações finais de amanhã, que, pessoalmente, acho impossível, creio que o júri vai deliberar a favor daquele filho da mãe do Jordan. — Craig suspirou, desanimado. Estava a olhar para o ecrã escuro da televisão desligada.

— Tive outro motivo para vir cá a esta hora tão tardia — disse Jack.

— Sim? E qual foi? — perguntou Craig. Virou-se para olhar para Jack. Tinha os olhos vidrados, como se estivesse com vontade de chorar, mas demasiado embaraçado para o fazer. — Não me disseste nada sobre a autópsia. Fizeste-a?

— Fiz — respondeu Jack. Começou a relatar a Craig uma versão truncada dos acontecimentos daquele dia, começando com a exumação e terminando com a reunião com o toxicologista. Não contou a Craig tanto como tinha contado a Alexis, mas a essência foi a mesma.

Enquanto Jack falava, Craig foi ficando cada vez mais entusiasmado, especialmente com o toxicologista e com a possibilidade da existência de crime.

— Se o toxicologista conseguisse descobrir alguma droga ou veneno, seria o fim deste processo disparatado por negligência médica — disse Craig. Sentou-se mais direito.

— Sem dúvida — afirmou Jack. — No entanto, como te expliquei, é muito, muito improvável. Mas se a Patience não sofreu um ataque cardíaco, abre-se a possibilidade de muitos mais agentes potenciais. O outro motivo por que vim cá esta noite foi para ver a caixa de dispositivos de biomarcadores portáteis que está na tua maleta de médico. Consegues pensar em algum motivo para o resultado ter sido um falso positivo?

Craig ergueu as sobrancelhas por instantes, enquanto ponderava na pergunta.

— Não me ocorre nenhum — respondeu, por fim. — Quem me dera que ocorresse, mas não.

— O supervisor do laboratório do hospital perguntou-me se o que tu usaste testava troponina e mioglobina ou apenas troponina.

— É o da mioglobina. Decidi usar esse pelo motivo que o supervisor do laboratório mencionou... nomeadamente, dá resultados num espaço de duas horas.

— Existe um prazo de validade para o armazenamento desses dispositivos?

— Que eu saiba, não.

— Nesse caso, acho que teremos de limitar os possíveis agentes aos que são capazes de provocar um ataque cardíaco.

— Que tal a dedaleira? — sugeriu Craig.

— Eu pensei na dedaleira, é claro, e fazia parte das substâncias abrangidas no despiste. Por isso, não foi dedaleira.

— Gostava de poder ajudar mais — disse Craig. — Uma das piores partes de ser processado é que me sinto extremamente impotente.

— Poderias ajudar se pensasses nos medicamentos cardíacos a que a Patience ou o Jordan pudessem ter tido acesso.

— Graças ao meu sócio ausente, o Ethan Cohen, ela tinha uma verdadeira farmácia no armário dos medicamentos. Mas todos esses registos foram feitos durante a fase de investigação.

— Já os analisei — disse Jack. Levantou-se. O descanso de alguns minutos fez com que as suas pernas parecessem pesadas e trôpegas. Era óbvio que ia precisar de café antes de a noite chegar ao fim. — É melhor voltar e ver se o toxicologista teve alguma sorte, e a melhor coisa que tu tens a fazer é ir para a cama. — Começou a dirigir-se para a porta.

— Vais trabalhar toda a noite? — perguntou Craig, acompanhando o cunhado.

— Parece que sim — respondeu Jack. — Depois de tudo o que aconteceu, gostava de poder ter a certeza de um resultado positivo, mas não me parece provável.

— Não sei o que dizer, para além de te agradecer por todo o teu esforço. — Não tens nada que agradecer — disse Jack. — E, apesar dos problemas que causei e das pancadas que levei, tem sido positivo. Foi bom voltar a relacionar-me com a Alexis.

Chegaram à porta principal. Craig apontou para o escritório.

— Queres que vá buscar a minha maleta para poderes ver a caixa dos kits de biomarcadores? Tenho a certeza de que é a mesma caixa. Depois deste fiasco, não faço muitas consultas em casa dos pacientes.

Jack abanou a cabeça.

— Não é preciso. Disseste-me o que eu precisava de saber.

— Vemo-nos amanhã no tribunal?

— Acho que não. Tenho alguns planos pessoais que não podem esperar e que me obrigam a apanhar a primeira ponte aérea para Nova Iorque. Por isso, deixa-me desejar-te boa sorte!

Jack e Craig apertaram as mãos, conhecendo-se melhor e apreciando-se um pouco mais.

A viagem de volta para a cidade pouco depois das quatro da madrugada foi um espelho da viagem em sentido contrário. Havia algum trânsito na auto-estrada, mas muito pouco no centro da cidade e na Mass Avenue. Jack demorou menos de vinte minutos para chegar ao Instituto de Medicina Legal. Estacionou ao lado do edifício num lugar reservado, mas como se ia embora muito cedo pensou que não haveria problema.

O segurança reconheceu-o e deixou-o entrar. Enquanto subia as escadas, olhou para o relógio. O seu tempo estava a esgotar-se. Dali a menos de duas horas estaria no avião, a afastar-se do terminal.

Ao entrar na biblioteca, ficou surpreendido. O espaço estava consideravelmente mais desarrumado do que quando ele saía. Latasha parecia estar a estudar para fazer os exames da especialidade. Havia vários livros grandes que ela tinha ido buscar a vários sítios do instituto e que estavam agora abertos em cima da mesa. Jack reconheceu a maioria. Havia manuais de medicina interna, livros de fisiologia, livros de toxicologia e livros de farmacologia. As diversas seções do processo que Jack tinha organizado não estavam espalhadas ao acaso, pelo menos foi o que lhe pareceu.

— Que raio...? — perguntou Jack com uma gargalhada.

Latasha levantou a cabeça de um manual aberto.

— Bem-vindo, desconhecido!

Jack espreitou as capas de dois dos livros que não tinha reconhecido. Depois de ver os títulos, voltou a abri-los na página onde Latasha os tinha. Sentou-se à frente dela.

— Que é que aconteceu ao seu ombro?

Jack continuava a pressionar o saco hermético contra a ferida. Naquela altura, o saco já quase só tinha água, mas continuava suficientemente fresca para fazer algum bem. Contou-lhe o que tinha sucedido e ela sentiu pena dele e criticou Craig de uma forma bastante despropositada.

— A culpa não foi dele — insistiu Jack. — Eu tenho andado tão absorvido com este caso por múltiplas razões que nunca parei para pensar que era um disparate andar sorrateiramente por uma casa que foi assaltada por dois bandidos que aterrorizaram as filhas dele para lhe transmitirem a mensagem de que voltariam se eu fizesse a autópsia. Por amor de Deus, eu acabei de fazer a autópsia. Onde é que estava com a cabeça?

— Mas estava hospedado lá em casa. Seria de esperar que ele se certificasse de quem é que estava a agredir com um taco de basebol.

— Eu já não estava hospedado lá em casa. Mas vamos esquecer este assunto. Graças a Deus que ninguém sofreu mais do que uma contusão. Pelo menos, acho que foi apenas uma contusão. Talvez tenha de fazer uma radiografia à clavícula.

— Veja o lado positivo — disse Latasha. — Ficou com a certeza de que ele não estava em coma, certo?

Apesar de contrariado, Jack não conseguiu deixar de sorrir.

— E quanto ao kit de biomarcadores? Descobriu alguma coisa?

— Nada que sugira que ele obteve um falso positivo. Acho que temos de presumir que o resultado foi legítimo.

— Suponho que isso é bom — disse Latasha. — Elimina uma série de potenciais agentes letais. — Os seus olhos percorreram os livros que tinha colocado à sua volta.

— Parece que tem estado ocupada.

— Não faz ideia. Consegui um segundo fôlego com o auxílio de duas Coca-Colas Diet. Tem sido como

um grande curso de atualização em toxicologia. Não estudava esta matéria desde os exames de medicina forense.

— E o Allan? Já telefonou?

— Várias vezes, para ser exata. Mas é bom. Quanto mais ouço a voz dele, mais fácil se torna não avivar recordações antigas e ficar zangada.

— Ele teve alguma sorte?

— Népia. Absolutamente nenhuma. Aparentemente, está a tentar impressionar-me, e sabe que mais? Não está a fazer um trabalho nada mau. Quero dizer, eu sabia que ele era inteligente, quando andávamos na universidade, com as notas que tinha nos exames de química, física e matemática, mas não sabia que se tinha doutorado do MIT. Sei que isso requer muito mais inteligência do que a faculdade de medicina, onde a perseverança é o maior requisito.

— Ele disse quais foram os tipos de coisas que excluiu?

— A maior parte dos agentes cardiotoxicos mais comuns que não faziam parte do despiste. Também me explicou alguns dos truques que está a usar. Os químicos de embalsamamento estão a dificultar muito o trabalho com as amostras de tecidos, especialmente do coração e do fígado, por isso ele está a concentrar-se nos fluidos, onde houve menos contaminação.

— Então, para que servem todos estes manuais?

— Comecei por rever os agentes cardiotoxicos e aprendi que muitos deles podem causar ataques cardíacos ou, pelo menos, danos suficientes no músculo cardíaco para o quadro clínico se apresentar como um ataque cardíaco, ainda que não haja oclusão das veias cardíacas. Quero dizer, foi o que descobrimos na autópsia. Também foi o que descobri nas amostras que preparámos. Espreitei para algumas das lamelas enquanto foi a casa do seu cunhado. Os capilares parecem normais. Deixei as lamelas no microscópio no meu gabinete, para o caso de querer analisá-las.

— Acredito na sua palavra — disse Jack. — Estava tudo tão normal que achei que não veríamos nada.

— Agora, passei dos agentes puramente cardiotoxicos para os agentes neurotóxicos, uma vez que muitos deles têm os dois efeitos. Devo dizer-lhe que é um assunto fascinante, especialmente a forma como se encaixa no bioterrorismo.

— Leu os depoimentos? — perguntou Jack. Não queria fugir do assunto. — Hei, não estive ausente assim tanto tempo. Acho que fiz imensas coisas. Não me chateie!

— O tempo está a esgotar-se. Temos de nos manter concentrados no nosso objetivo.

— Eu estou concentrada, meu — troçou Latasha. — Não fui passear de carro para confirmar uma coisa que, basicamente, já sabia e levar pancada.

Jack esfregou vigorosamente o rosto com as duas mãos numa tentativa de dissipar as teias de aranha de fadiga que interferiam com a sua cognição e emoção. Ser muito crítico em relação a Latasha não era, seguramente, a sua intenção.

— Onde estão essas Coca-Colas? Estou a precisar de uma explosão de cafeína.

Latasha apontou para a porta do corredor.

— Há uma máquina de venda no refeitório, ao fundo à esquerda.

Quando a lata de refrigerante rebolou até à abertura da máquina de venda de bebidas, o barulho ecoou de tal maneira no silêncio do edifício que Jack deu um salto. Estava cansado, mas também estava tenso e não sabia bem porquê. Talvez porque o tempo para deslindar aquele caso estava a esgotar-se, mas também podia ser ansiedade por regressar a Nova Iorque, com tudo o que isso implicava. Depois de abrir a lata de Coca-Cola, hesitou. A cafeína seria aconselhável quando já estava levemente tenso? Esquecendo as cautelas, emborcou a lata e em seguida arrotou. Refletiu que precisava estar desperto para ser perspicaz, e para isso a cafeína era o melhor remédio.

Sentindo um ligeiro zumbido, uma vez que a cafeína não era um dos seus vícios, Jack ocupou o lugar em frente de Latasha e selecionou as melhores partes das transcrições dos depoimentos de Craig e Jordan

por entre os destroços em volta da colega.

— Não li esses depoimentos de uma ponta à outra — disse Latasha. — Mas dei-lhes uma vista de olhos para fazer uma lista dos sintomas da Patience.

— A sério? — perguntou Jack com interesse. — Era precisamente o que eu ia fazer.

— Foi o que pensei, pois foi o que sugeri antes da sua fatídica ida aos subúrbios.

— Onde está? — perguntou Jack.

Latasha franziu o rosto, concentrada, enquanto procurava no meio de algum do material que tinha à sua frente. Por fim, encontrou um bloco de apontamentos de folhas amarelas. Estendeu-o a Jack.

Jack recostou-se na sua cadeira. Os sintomas não estavam enumerados por uma ordem especial, mas estavam divididos em dois grupos principais: a manhã de 8 de Setembro e o fim da tarde e princípio da noite do mesmo dia. O grupo da manhã incluía dor abdominal, aumento da tosse, rubores, congestão nasal, insônia, dor de cabeça, flatulência e ansiedade geral. O grupo do fim da tarde/princípio da noite englobava dor no peito, cianose, incapacidade de falar, dor de cabeça, dificuldade para andar, dificuldade para sentar, dormência, uma sensação de flutuar, náuseas e alguns vômitos, para além de fraqueza generalizada.

— É tudo? — perguntou Jack, a acenar o bloco no ar.

— Não acha que é suficiente? Ela parece a maioria dos meus pacientes no terceiro ano da faculdade.

— Só queria ter a certeza de que são todos os sintomas mencionados nos depoimentos.

— São todos os que consegui encontrar.

— Encontrou alguma referência a diaforese? — Não, não encontrei, e procurei especificamente.

— Eu também — disse Jack. — A transpiração é tão típica nos casos de ataque cardíaco que nem quis acreditar quando não vi qualquer referência na primeira leitura que fiz. Ainda bem que também não vi, porque pensei que talvez tivesse deixado escapar alguma coisa.

Jack deu mais uma vista de olhos à lista. O problema é que a maior parte das entradas não tinham especificações e as que tinham eram demasiado genéricas e não suficientemente descritivas. Era como se todos os sintomas fossem igualmente importantes, o que dificultava a avaliação do peso que cada sintoma tivera no estado clínico de Patience. A dormência, por exemplo, tinha pouco significado sem uma descrição da localização, dimensão e duração, e se significava não sentir absolutamente nada ou se era parestesia, mais vulgarmente conhecida como formigueiro. Nessa circunstância, era impossível para Jack decidir se a dormência tinha origem neurológica ou cardiovascular.

— Sabe o que é que eu acho mais interessante nesta questão da toxicologia? — perguntou Latasha, levantando os olhos de um grande manual.

— Não! O quê? — replicou Jack vagamente. Estava preocupado a decidir se teria de voltar a ler os depoimentos para tentar perceber que outros pormenores existiam para os sintomas mencionados.

— Répteis — disse Latasha. — É um espanto como todos os seus venenos evoluíram e porque é que existe uma diferença tão grande em potência.

— Curioso — disse Jack enquanto abria o depoimento de Jordan e começava a folhear rapidamente as páginas para chegar à parte relacionada com os acontecimentos do dia 8 de Setembro.

— Existem duas cobras cujo veneno contém uma potente cardiotoxina específica capaz de provocar necrose direta do miocárdio. Pode imaginar o que isso faria ao nível dos biomarcadores?

— A sério? — perguntou Jack, subitamente interessado. — Que espécie de cobras?

Latasha abriu uma trincheira no material que estava sobre a mesa e, depois de virar o livro para Jack, empurrou-o para junto dele. Usou o dedo indicador para apontar os nomes de dois tipos de cobras num quadro comparativo da virulência de veneno de cobra.

— A cobra cascavel Mojave e a cobra cascavel do Pacífico Sul.

Jack olhou de relance para o quadro. As duas cobras que ela tinha apontado encontravam-se entre as mais venenosas das listadas.

— Muito interessante — disse Jack. O seu interesse desvaneceu-se tão depressa como tinha surgido. Empurrou o livro para Latasha. — Porém, não estamos perante um caso de envenenamento. A Patience não foi mordida por uma cobra cascavel.

— Eu sei — declarou Latasha, puxando o livro para si. — Estou apenas a ler sobre venenos para ter ideias para as diversas classes de componentes a ter em consideração. Quero dizer, andamos à procura de uma cardiotoxina.

— Sim — concordou Jack.

Já tinha voltado a concentrar-se no depoimento e encontrou a parte que procurava. Começou a ler com mais atenção.

— Na verdade, os animais venenosos mais interessantes são um grupo de anfíbios, imagine-se — disse Latasha.

— Não me diga — afirmou Jack sem estar verdadeiramente a ouvi-la.

Tinha encontrado a referência à dor abdominal no depoimento. Jordan declarara que era dor abdominal na zona inferior, mais para a esquerda do que para a direita. Jack acrescentou aquela informação à nota de Latasha no bloco de apontamentos.

— São os sapos venenosos colombianos que ganham o prémio — disse Latasha, folheando as páginas do manual até chegar ao capítulo certo.

— Não me diga — repetiu Jack. Passou à frente no depoimento de Jordan até chegar ao sítio onde ele falava sobre os sintomas do final da tarde. Jack procurava principalmente a parte onde Jordan falava sobre a dormência que Patience sentira.

— As secreções da pele contêm algumas das substâncias mais tóxicas conhecidas pelo homem — continuou Latasha. — E têm um feito tóxico imediato no músculo do coração. Já ouviu falar na batracotoxina?

— Vagamente — respondeu Jack. Encontrou a referência à dormência e, pela descrição de Jordan, tornou-se aparente que era parestesia, não ausência de sensibilidade, e que envolvia os braços e as pernas. Jack escreveu as informações no bloco de apontamentos de folhas amarelas.

— É a pior toxina de todas. Quando a batracotoxina entra em contato com o músculo cardíaco, pára imediatamente toda a atividade. — Latasha estalou os dedos. — In vitro, num minuto os miócitos estão a pulsar e no instante seguinte param completamente. Acredita numa coisa destas?

— É difícil de acreditar — reconheceu Jack.

Encontrou a referência de Jordan ao flutuar e, curiosamente, a sensação estava associada à parestesia e não tinha nada a ver com falta de firmeza. Era uma sensação de não estar no chão e flutuar no ar. Jack anotou a informação no bloco de apontamentos.

— O veneno é um alcalino esteróide e não um polipeptídeo, se é que isso tem importância. Encontra-se em diversas espécies de sapos, mas o que contém a concentração mais elevada chama-se *Phylobates terribilis*. Tem um nome muito adequado, uma vez que um sapo minúsculo tem batracotoxina suficiente para matar cem pessoas. É impressionante.

Jack encontrou a parte onde Jordan falava sobre a fraqueza de Patience; que, afinal, não estava relacionada com uma diminuição de qualquer grupo muscular específico como a que se associava à falta de força. Em vez disso, a fraqueza prendia-se com um problema mais global. Começara com dificuldade para andar e progredira num curto espaço de tempo para dificuldade em sentar-se. Jack acrescentou aquela informação no bloco de apontamentos.

— Há outra coisa que devia saber acerca da batracotoxina, se é que não sabe já. O seu modo de ação molecular é despolarizar membranas elétricas, como o músculo e os nervos cardíacos. E sabe como é que faz isso? Faz isso afetando o transporte de sódio, uma coisa que pensava ser esotérica. Lembra-se?

— Que foi isso acerca do sódio? — perguntou Jack quando os comentários de Latasha penetraram na sua concentração. Quando estava a pensar intensamente em alguma coisa, muitas vezes Jack conseguia

alhear-se do que o rodeava, como Latasha já tinha percebido.

— A batracotoxina prende-se às células nervosas e musculares e bloqueia os canais de iões de sódio na posição aberta, o que significa que os nervos e músculos envolvidos deixam de funcionar.

— Sódio — repetiu Jack, como se estivesse em transe.

— Sim — continuou Latasha. — Lembra-se de quando falamos...

De repente, Jack levantou-se de um salto e procurou freneticamente no meio das coisas que estavam espalhadas em cima da mesa.

— Onde estão aqueles papéis? — perguntou ele, bastante agitado.

— Que papéis? — perguntou Latasha.

Tinha interrompido uma frase a meio e recostou-se na cadeira, surpreendida com a impetuosidade abrupta de Jack, que estava a atirar precipitadamente transcrições de depoimentos ao chão.

— Você sabe! — disse ele, a esforçar-se para encontrar a palavra certa. — Aqueles... aqueles papéis!

— Temos imensos papéis aqui, grandalhão. Céus! Afinal de contas, quantas Coca-Colas é que bebeu?

— Que se lixe! — exclamou ele. Desistiu de procurar. Em vez disso, esticou-se na direção de Latasha.

— Deixe-me ver aquele manual de toxicologia! — pediu, agitado.

— Claro — disse Latasha, embasbacada com aquela transformação. Observou-o a folhear as páginas do grande volume até chegar ao índice remissivo. Uma vez ali chegado, passou rapidamente os dedos pelas colunas até encontrar o que procurava. Depois, folheou de novo o livro tão rapidamente que Latasha temeu pela sua integridade. Encontrou a página correta e fez-se silêncio.

— Será pedir de mais que me diga o que está a fazer? — perguntou Latasha ironicamente.

— Acho que tive aquilo a que chamaria um momento de iluminação e eu chamaria uma epifania — balbuciou Jack enquanto continuava a ler. — Boa! — exclamou passados alguns momentos, erguendo um punho triunfante no ar. Fechou o livro com força e olhou para Latasha, que estava do outro lado da mesa.

— Tenho uma ideia sobre o que pedir ao Allan para procurar! É esquisito e se estiver presente talvez não se encaixe em todos os fatos como os conhecemos, mas encaixa em alguns dos mais importantes e provaria que Craig Bowman não cometeu negligência médica.

— O quê? — perguntou Latasha.

Não conseguiu deixar de sentir alguma irritação por Jack ser tão reservado. Eram quase cinco horas da manhã e não estava com disposição para jogos.

— Repare neste sintoma estranho que anotou — disse Jack. Esticou-se com o bloco de apontamentos e apontou para a referência a "sensação de flutuar". — Temos de reconhecer que não é uma queixa típica, nem mesmo dos hipocondríacos mais dedicados. Isto sugere que estava a acontecer alguma coisa verdadeiramente esquisita e se o Allan conseguir encontrar aquilo em que estou a pensar, poderia achar-se que a Patience Stanhope era uma grande fã de sushi ou uma adepta ferrenha de magia negra haitiana, mas vamos descobrir que não é bem assim.

— Jack! — exclamou Latasha, irritada. — Estou demasiado cansada para este gênero de brincadeiras.

— Desculpe — disse Jack. — Este ar de brincadeira deve-se ao meu receio de ter razão. Esta é uma daquelas situações em que, apesar de todo o esforço envolvido, preferia estar enganado. — Esticou-se para puxá-la. — Vamos! Eu conto-lhe a caminho do laboratório do Allan. Isto vai ser um tiro certo.

Boston, Massachusetts Sexta-feira, 9 de Junho de 2006 9.23

Jack enfiou o Hyundai que se encontrava num estado lastimável na berma, atrás de um camião castanho da UPS. Era uma zona de cargas e descargas na movimentada Cambridge Street, junto a um grande edifício curvo e cheio de arcadas em frente da Câmara Municipal de Boston. Jack pensou que, apesar de pretender ser o mais rápido possível, as hipóteses de receber uma multa de estacionamento eram de quase cem por cento. Esperava que o carro não fosse rebocado, mas, tendo em conta essa eventualidade, levou o saco de viagem consigo, juntamente com um grande envelope com a morada do remetente em nome do Instituto de Medicina Legal impressa no canto superior esquerdo.

Subiu a correr um lance de escadas que penetrava no edifício e emergiu no pátio defronte do Tribunal Superior do Distrito de Suffoll. Sem perder tempo, atravessou a entrada a correr. Foi parado por um guarda e pela necessidade de passar o saco de viagem e o telemóvel pela máquina de raio-X. Nos elevadores, fez todos os possíveis para entrar no que chegou primeiro.

Enquanto o elevador subia, Jack conseguiu olhar para o relógio. Não se tinha esquecido de que ia casar dali a quatro horas e o fato de estar na cidade errada causava-lhe uma ansiedade considerável. Quando o elevador chegou ao segundo andar, Jack tentou ser o mais educado possível enquanto abria caminho para sair. Quase poderia pensar que as outras pessoas estavam a impedi-lo deliberadamente.

Ainda que em ocasiões anteriores Jack tivesse tentado fazer o menor barulho possível quando entrava na sala de audiências, desta vez limitou-se a entrar precipitadamente. Achava que quanto mais escândalo fizesse, melhor. Enquanto descia deliberadamente o corredor em direção à divisória que separava a área onde decorria o julgamento da zona dos espectadores, a maioria dos presentes voltou-se para olhar para ele, incluindo Alexis na primeira fila. Jack acenou para a irmã. O oficial de diligências estava sentado no seu cubículo a ler alguma coisa que não era visível no tampo da secretária e não levantou os olhos. Os jurados estavam no seu banco, tão impassíveis como sempre, e olhavam para Randolph, que se encontrava no pódio, aparentemente a começar as alegações finais. O juiz estava na tribuna, a olhar para alguns papéis que tinha em cima da secretária. O escrivão do tribunal e o secretário estavam ocupados nos seus lugares. Na mesa da defesa, Jack viu a nuca de Craig e a do assistente de Randolph. Na mesa da acusação, reparou nas nucas de Tony, Jordan e da assistente do advogado. Estava tudo em ordem; como uma antiquada locomotiva a vapor, as rodas da justiça estavam a rodar lenta e implacavelmente para uma conclusão.

A intenção de Jack era desviar o comboio. Não queria descarrilá-lo, mas queria pará-lo e deixá-lo seguir um trilho diferente. Chegou à divisória e parou. Viu os olhos dos jurados girarem na sua direção sem a mais pequena beliscadura na recentemente adquirida impassividade. Randolph continuou a falar na sua voz culta e melíflua. As suas palavras eram douradas como os raios de sol do fim da Primavera que passavam pelas persianas das janelas altas e se espetavam no ar cheio de partículas de pó.

— Por favor! — disse Jack. — Por favor! — disse mais alto quando Randolph continuou a falar.

Jack não estava na sua linha de visão, mas o advogado virou-se quando este chamou pela segunda vez. Os seus olhos azul-ártico refletiram um misto de confusão e aborrecimento. O oficial de diligências, que também não tinha ouvido as primeiras palavras de Jack, ouviu as segundas. Levantou-se. Era o responsável pela segurança na sala de audiências.

— Preciso de falar consigo imediatamente — disse Jack, de forma a todos os presentes na sala em

silêncio poderem ouvi-lo. — Sei que é bastante inconveniente, mas é de importância vital, se estiver interessado em evitar um erro da justiça.

— Que diabo se passa, senhor advogado? — perguntou o juiz Davidson.

Inclinou a cabeça para baixo e espreitou por cima dos óculos. Mandou o oficial de diligências permanecer no seu cubículo.

Ainda espantado mas recorrendo aos anos de experiência em julgamentos, a expressão de Randolph reverteu rapidamente para a sua imagem de marca de neutralidade. Lançou um olhar na direção do juiz antes de redirecionar a sua atenção para Jack.

— Eu não estaria a fazer isto se não fosse crucial — acrescentou Jack, baixando a voz.

Viu que os ocupantes das mesas da defesa e da acusação se tinham voltado para ele. Jack estava interessado apenas em dois: Craig e Jordan. Dos dois, Jordan era o mais surpreendido e, aparentemente, perturbado com o aparecimento de Jack.

Randolph voltou-se para o juiz.

— Meritíssimo, posso pedir ao tribunal que me dê licença durante alguns segundos?

— Dois minutos! — declarou o juiz Davidson com petulância. Permitiria que Randolph falasse com Jack, mas apenas para se ver livre dele. Era dolorosamente claro que o juiz não estava nada satisfeito com aquela interrupção na sua sala de audiências.

Randolph aproximou-se da balaustrada e olhou imperiosamente para Jack. Falou em voz baixa:

— Isto é extremamente irregular.

— Eu passo a vida a fazer isto — sussurrou Jack, voltando ao seu velho estilo sarcástico. — Tem de me chamar a depor!

— Não posso chamá-lo a depor. Já expliquei porquê e vou fazer a alegações finais, por amor de Deus!

— Eu fiz a autópsia e posso apresentar provas corroboradas por depoimentos escritos por uma médica legista do Massachusetts e por um toxicologista do Massachusetts que determinam que o Dr. Bowman não cometeu negligência médica.

Pela primeira vez, Jack detectou uma pequena racha na casca de equanimidade dentro da qual Randolph funcionava. Foram os olhos que o traíram quando se movimentaram de forma rápida e nervosa entre o juiz e Jack. Havia pouco tempo para reflexão e muito menos para um debate.

— Dr. Bingham! — chamou o juiz Davidson com impaciência. — Os seus dois minutos terminaram.

— Vou ver o que posso fazer — sussurrou Randolph para Jack antes de regressar ao pódio. — Meritíssimo, posso aproximar-me da tribuna?

— Se tem de ser — replicou o juiz Davidson, nada satisfeito.

Tony levantou-se de um salto e juntou-se a Randolph junto à tribuna do juiz.

— Que diabo é que está a acontecer? — sussurrou violentamente o juiz Davidson. — Quem é este homem? Os seus olhos fitaram Jack, que estava junto à balaustrada como um suplicante. Embora tivesse pousado o saco de viagem, continuava com o envelope na mão.

— É o Dr. Jack Stapleton — disse Randolph. — É um médico legista certificado do Instituto de Medicina Legal de Nova Iorque. Fui informado que é muito conceituado em termos profissionais.

O juiz Davidson olhou para Tony.

— Conhece-o?

— Já estive com ele — admitiu Tony, sem aprofundar o assunto.

— Que raio é que ele quer, para entrar aqui desta maneira? Isto é extremamente irregular, para dizer o mínimo.

— Eu expressei os mesmos sentimentos — declarou Randolph. — Ele quer que eu o chame para depor.

— Ele não pode depor! — retorquiu Tony. — Não está na lista de testemunhas e não efetuou um depoimento. É uma sugestão ultrajante.

— Modere a sua indignação! — disse o juiz Davidson para Tony, como se estivesse a falar com uma

criança rebelde. — E por que é que ele quer ser chamado para testemunhar?

— Afirmo que tem provas ilibatórias que provam que o Dr. Bowman não cometeu nenhum ato de negligência médica. Afirmo também que tem corroboração sob a forma de declarações escritas por uma médica legista e um toxicologista do Massachusetts.

— Isto é uma loucura! — exclamou Tony. — A defesa não pode apresentar uma testemunha surpresa no último momento. Viola todas as regras dos manuais desde a assinatura da Magna Carta.

— Pare de se lamentar e de resmungar, Doutor! — disse o juiz Davidson com brusquidão.

Tony controlou-se com esforço, mas a sua ira e frustração reprimidas ficaram bem patentes quando a sua boca de lábios grossos formou um U invertido.

— Faz alguma idéia de como é que ele obteve estas informações que está disposto a apresentar-nos?

— Disse que autopsiou a Patience Stanhope.

— Se esta autópsia é potencialmente ilibatória, porque é que não foi feita há mais tempo para poder ter sido objeto de uma investigação adequada?

— Não existiam motivos para suspeitar que uma autópsia tivesse valor probatório. Tenho a certeza de que o Dr. Fasano concordaria. Os fatos clínicos nunca foram postos em causa neste caso.

— Dr. Fasano, o senhor sabia desta autópsia?

— Sabia apenas que estava a ser considerada.

— Raios! — exclamou o juiz Davidson. — Isto coloca-me entre a espada e a parede.

— Meritíssimo — disse Tony, incapaz de estar quieto. — Se ele for autorizado a testemunhar, eu...

— Não quero ouvir as suas ameaças, Doutor. Estou perfeitamente consciente de que o Dr. Stapleton não pode entrar aqui a valsar e sentar-se no banco das testemunhas. Isso está completamente fora de questão. Suponho que podia ordenar um adiamento e o Dr. Stapleton e as suas descobertas seriam sujeitos a uma investigação normal, mas o problema é que isso dá cabo de todo o meu planeamento. Detesto fazer isso, mas também detesto ver os meus casos revertidos em recurso, e se este testemunho for tão dramático como o Dr. Stapleton parece achar, a reversão da sentença torna-se uma possibilidade real.

— Que tal ouvir as provas que o Dr. Stapleton tem? — sugeriu Randolph. — A sua tomada de decisão tornar-se-ia consideravelmente mais fácil.

O juiz Davidson acenou com a cabeça enquanto refletia sobre a sugestão.

— Para poupar tempo, poderia fazê-lo nos seus aposentos — continuou Randolph.

— Levar uma testemunha para os meus aposentos é irregular.

— Mas não inaudito — ofereceu Randolph.

— Mas a testemunha podia ir dizer o que lhe apetecesse para os jornais. Não gosto dessa idéia.

— Leve o escrivão do tribunal — disse Randolph. — Ele poderá assistir à conversa. O que interessa é que o júri não ouça. Se decidir que não é relevante e pertinente, eu poderei retomar as alegações finais. Se decidir que é relevante e pertinente, terá mais informações para o ajudar a tomar uma decisão em relação ao procedimento mais correto.

O juiz Davidson refletiu sobre a idéia. Acenou com a cabeça.

— Gosto. Vou fazer um pequeno intervalo, mas manterei os jurados onde estão. Vamos resolver isto rapidamente. Não se opõe a este plano, Dr. Fasano?

— Acho que é uma porcaria — resmungou Tony.

— Tem alguma sugestão alternativa? — perguntou o juiz Davidson.

Tony abanou a cabeça. Estava furioso. Estava a contar vencer o seu primeiro caso de negligência médica e agora, a horas do seu objetivo, surgia uma grande trapalhada, apesar de tudo o que ele tinha feito. Voltou para a mesa da acusação e encheu um copo com água. Tinha a boca seca e a garganta arranhada. Randolph voltou para junto de Jack e abriu a cancela para ele entrar na zona reservada.

— Não pode sentar-se no banco das testemunhas — sussurrou Randolph. — Mas está tudo combinado para falar com o juiz, que determinará se vai testemunhar perante o júri numa data posterior. A conversa

decorrerá nos aposentos do juiz. Ele só está disposto a conceder-lhe alguns minutos, por isso é bom que seja conciso e claro. Compreendeu?

Jack acenou afirmativamente. Sentiu-se tentado a dizer a Randolph que só podia dispensar alguns minutos, mas conteve-se. Olhou para Jordan, que tentava nervosamente que Tony lhe explicasse o que estava a acontecer, uma vez que o juiz acabara de anunciar que haveria um curto intervalo embora quisesse que os jurados se mantivessem no banco. Entre os espectadores, o burburinho era generalizado, enquanto as pessoas tentavam descobrir o que estava a acontecer e quem era Jack. Jack olhou para Craig e este sorriu. Jack acenou-lhe.

— Todos de pé! — disse o oficial de diligências no momento em que o juiz se levantou e desceu rapidamente da tribuna. Num piscar de olhos ele atravessou a porta de madeira e desapareceu, embora deixasse a porta convidativamente entreaberta atrás de si. O escrivão do tribunal entrou alguns passos atrás dele.

— Está pronto? — perguntou Randolph a Jack.

Jack acenou de novo e, ao fazê-lo os seus olhos cruzaram-se com os de Tony. "Se o olhar pudesse matar, eu morria agora mesmo", pensou. O homem estava totalmente enraivecido.

Jack seguiu Randolph e Tony juntou-se a eles quando passaram pelo banco das testemunhas vazio e pela secretária do oficial de diligências. Jack sorriu intimamente ao pensar qual seria a reação de Tony se lhe perguntasse como estava Franco, uma vez que não o via em parte alguma. Jack ficou desapontado com os aposentos do juiz. Tinha concebido uma imagem de madeira escura extremamente brilhante, mobiliário em couro e o aroma de charutos caríssimos, como um clube exclusivamente para homens. Em vez disso, era decididamente velho, com paredes a precisar de uma pintura e mobiliário governamental. O que mais se salientava era um miasma a fumo de cigarros. O único ponto alto era uma secretária de estilo Vitoriano atrás da qual o juiz Davidson se sentou numa cadeira de costas altas. Estava recostado para trás com as mãos entrelaçadas atrás da cabeça, em relativo repouso.

Jack, Randolph e Tony sentaram-se em cadeiras forradas a vinil e tão baixas que a sua linha de visão estava bastante abaixo da do juiz Davidson. Jack presumiu que era uma artimanha deliberada da parte do juiz, que gostava de se manter num plano mais elevado. O escrivão do tribunal sentou-se a uma pequena mesa num dos lados.

— Dr. Stapleton — começou o juiz Davidson depois de uma breve apresentação. — O Dr. Bingham disse-me que, à última hora, tem provas ilibatórias a favor do arguido.

— Isso não é inteiramente verdade — declarou Jack. — As minhas palavras foram que eu posso apresentar provas corroboradas que atestam que o Dr. Bowman não cometeu negligência médica conforme está definida nos estatutos. Não houve negligência.

— Isso não é ilibatório? Isto é algum jogo de palavras?

— Não é um jogo — disse Jack. — Nesta circunstância, é ilibatório por um lado e incriminador por outro lado.

— Acho que é melhor explicar — disse o juiz Davidson. Pousou as mãos no tampo da secretária e inclinou-se para a frente. Jack tinha captado todo o seu interesse.

Jack pôs o dedo por baixo da aba do envelope e tirou três documentos. Inclinou-se para a frente e fez deslizar o primeiro pela secretária do juiz.

— Esta primeira declaração está assinada por um agente funerário licenciado do Massachusetts e afirma que o corpo autopsiado foi de fato o da falecida Patience Stanhope. — Jack fez deslizar o segundo papel pela secretária. — Esta declaração confirma que a Dra. Latasha Wylie, uma médica legista autorizada do Massachusetts, participou na autópsia, ajudou na obtenção de todos os espécimes e transportou os espécimes para o laboratório de toxicologia da universidade, onde os transferiu para o Dr. Allan Smitham.

O juiz pegou em todas as declarações e observou-as.

— Eu diria que é uma cadeia de proteção notável — disse ele. Levantou a cabeça. — E qual é a declaração final?

— Foi o que o Dr. Allan descobriu — disse Jack. — Está familiarizado com o envenenamento por fuga? O juiz Davidson brindou os seus convidados com um breve sorriso sarcástico.

— Acho que é melhor ir direto ao assunto, filho — disse ele, condescendentemente. — Tenho um bando de jurados ali fora a olhar para o boneco e mortos para se irem embora.

— É uma espécie de envenenamento muitas vezes letal que é causado por se comer sushi de peixe balão. Compreensivelmente, acontece quase exclusivamente no Japão.

— Não me diga que está a sugerir que a Patience Stanhope morreu por comer sushi — disse o juiz Davidson.

— Quem me dera que fosse esse o caso — respondeu Jack. — O veneno envolvido chama-se tetrodotoxina e é um composto extremamente interessante. É extraordinariamente tóxico. Para lhe dar uma ideia, é cem vezes mais letal do que o veneno de uma das cobras mais venenosas do sudoeste asiático. Uma quantidade microscópica ingerida por via oral causa uma morte rápida. — Jack inclinou-se para a frente e entregou o último papel ao juiz. — Esta última declaração, assinada pelo Dr. Allan Smitham, explica que foi encontrada tetrodotoxina em todos os espécimes obtidos de Patience Stanhope que ele testou, em níveis que sugerem que a dose inicial foi cem vezes maior do que a que bastaria para matá-la. O juiz Davidson analisou o documento e depois estendeu-o a Randolph.

— Talvez esteja a perguntar a si mesmo até que ponto é que os testes da tetrodotoxina são fiáveis? — continuou Jack. — A resposta é que são extremamente fiáveis. A hipótese de um falso positivo é quase nula, especialmente porque o Dr. Smitham utilizou dois métodos completamente diferentes. Um foi cromatografia líquida de alta pressão seguido por espectrometria de massa. O outro foi o radio-imuno-ensaio usando um anticorpo específico da molécula da tetrodotoxina. Os resultados são conclusivos e reproduzíveis.

Randolph estendeu a declaração a Tony, que a puxou, irritado. Estava plenamente consciente da implicação daquela descoberta.

— Então, está a dizer que a falecida não morreu de ataque cardíaco? — disse o juiz Davidson.

— Ela não morreu de ataque cardíaco. Morreu de um envenenamento esmagador por tetrodotoxina. Uma vez que não existe um tratamento disponível, o momento de chegada ao hospital era inteiramente irrelevante. Essencialmente, a partir do momento em que engoliu o veneno, estava condenada.

Uma pancada audível na porta do juiz reverberou na sala. O juiz mandou entrar quem quer que fosse. O oficial de diligências espreitou e disse:

— Os jurados estão a pedir um intervalo para tomar café. Que é que lhes digo?

— Deixe-os fazer o seu intervalo para tomar café — disse o juiz, e dispensou-o com um aceno. Perfurou Jack com os seus olhos escuros que mais pareciam o cano de uma pistola — Então, essa é a parte ilibatória. Qual é a parte incriminadora?

Jack recostou-se na cadeira. Esta era a parte que considerava mais perturbadora.

— Devido à sua extraordinária toxicidade, a tetrodotoxina é uma substância altamente controlada, especialmente hoje em dia. Porém, o composto tem uma curiosa qualidade redentora. O mesmo mecanismo molecular responsável pela sua toxicidade faz dela uma ferramenta notável para estudar os canais de sódio nos nervos e músculos.

— Que influência é que isso tem no caso em questão?

— A investigação publicada e em curso do Dr. Craig Bowman diz respeito ao estudo dos canais de sódio. Ele usa a tetrodotoxina extensivamente.

Um silêncio pesado instalou-se na sala enquanto Jack e o juiz Davidson olhavam fixamente um para o outro por cima da secretária. Os outros dois homens continuaram a olhar. Durante um minuto inteiro ninguém falou. Por fim, o juiz pigarreou e disse:

— Para além desta prova circunstancial de acesso à toxina, existe mais alguma coisa que associe o Dr. Bowman ao ato propriamente dito?

— Existe — respondeu Jack com relutância. — No momento em que se determinou a presença de tetrodotoxina, voltei à residência dos Bowman, onde tinha estado hospedado. Eu sabia que havia um pequeno frasco de comprimidos que o Dr. Bowman tinha dado à falecida no dia em que ela morreu. Levei o frasco para o laboratório de toxicologia. O Dr. Washington fez uma verificação rápida e o interior do frasco deu um resultado positivo para tetrodotoxina. Neste preciso momento, está a efetuar o teste completo e definitivo.

— Muito bem! — disse o juiz Davidson. Esfregou as mãos uma na outra com força e olhou para o escrivão do tribunal. — Interrompa o registo até voltarmos para a sala de audiências. — Depois sentou-se para trás, fazendo a cadeira velha chiar. Ostentava uma expressão sombria mas pensativa. — Eu podia ordenar um adiamento do julgamento para que todas estas novas informações fossem submetidas a um processo de investigação, mas não adianta muito. Isto não é negligência cível, é homicídio. Deixem-me dizer-vos o que vou fazer, cavalheiros. Vou declarar a nulidade do julgamento. Este caso tem de ser entregue ao Ministério Público. Alguma pergunta? — Olhou para os presentes, detendo-se em Tony. — Não esteja tão zangado, Doutor. Pode regozijar-se com a certeza de que a justiça prevaleceu e que o seu cliente pode processar o arguido por morte injustificada.

— O problema é que a companhia de seguros vai livrar-se da responsabilidade — replicou Tony bruscamente.

O juiz olhou para Jack.

— Foi uma investigação admirável, Doutor.

Jack limitou-se a acenar para agradecer o elogio. Mas não se sentia merecedor. Ter de comunicar as descobertas chocantes deixava-o angustiado pelo que ia fazer a Alexis e às miúdas. Agora teriam de sofrer uma investigação demorada e um novo julgamento com consequências terríveis. Era uma tragédia para todos os envolvidos, especialmente para Craig. Jack estava chocado com a intensidade do narcisismo e aparente falta de consciência do homem. Porém, ao mesmo tempo sentiu que Craig tinha sido vitimizado pelo sistema médico académico extremamente competitivo que louvava o altruísmo e a compaixão e no entanto recompensava o oposto; um médico nunca chegava ao topo da carreira por ser bondoso e simpático com os pacientes. Com a necessidade permanente de Craig de trabalhar para ganhar dinheiro durante a primeira fase do curso de medicina, tinha-lhe sido negada a interação social normal que teria atenuado uma mensagem tão contraditória.

— Muito bem, meus senhores — disse o juiz Davidson. — Vamos acabar com este fiasco. — levantou-se e os outros imitaram-no. Em seguida, deu a volta à secretária e dirigiu-se para a porta. Jack seguiu-o atrás dos dois advogados e o escrivão do tribunal saiu atrás de Jack. À frente, já no interior da sala de audiências, ouviu o oficial de diligências gritar para que todos os presentes se levantassem.

Quando Jack saiu dos aposentos do juiz, este estava a sentar-se na tribuna enquanto Randolph e Tony se dirigiam para as respectivas mesas. Reparou que Craig não estava momentaneamente presente e estremeceu ao pensar qual seria a reação do cunhado quando soubesse que o seu segredo tinha sido desvendado.

Jack atravessou calmamente a zona reservada ao julgamento. Atrás de si, ouviu o juiz pedir ao oficial de diligências que fizesse entrar o júri. Jack abriu a cancela. Fitou Alexis. Ela estava a olhá-lo com uma expressão compreensivelmente interrogativa, confusa e no entanto esperançada. Jack pediu licença até conseguir aproximar-se da irmã e sentou-se ao seu lado. Apertou-lhe a mão. Reparou que ela tinha ido buscar o saco de viagem que ele deixara junto à balaustrada antes de entrar nos aposentos do juiz.

— Dr. Bingham — chamou o juiz Davidson. — Reparo que o arguido não se encontra na mesa da defesa. — O Dr. Cavendish, o meu assistente, disse-me que ele pediu para ir à casa de banho — disse Randolph, soerguendo-se.

— Compreendo — replicou o juiz Davidson.

O júri foi conduzido para a sala de audiências e os jurados encheram a bancada.

— Que é que se passa? — perguntou Alexis. — Encontrei alguma coisa criminosa?

— Encontrei mais do que queria — confessou Jack.

— Talvez fosse bom alguém dizer ao Dr. Bowman que a sessão recomeçou — disse o juiz Davidson. — É importante que ele assista a estes procedimentos.

Jack apertou uma vez mais a mão de Alexis antes de se levantar.

— Vou chamar o Dr. Bowman — disse ele. Enquanto percorria uma vez mais o corredor central, fez sinal ao assistente de Randolph, que se tinha levantado, presumivelmente para ir chamar Craig, de que o iria buscar.

Jack empurrou a porta que dava acesso ao átrio. Viu os habituais grupos de pessoas embrenhadas em conversas sussurradas espalhados pelo corredor e pelo átrio dos elevadores. Dirigiu-se para a casa de banho dos homens pelo caminho mais curto. Olhou para o relógio. Eram dez e um quarto. Abriu a porta e entrou. Um homem de ascendência asiática estava a lavar as mãos no lavatório. A área em volta dos urinóis estava vazia. Jack continuou para os cubículos e dobrou-se pela cintura para espreitar por baixo das divisórias. Apenas o último cubículo estava ocupado. Jack percorreu o corredor e hesitou sobre se deveria esperar ou chamá-lo. Como era muito tarde, decidiu chamar.

— Craig? — chamou Jack.

Lá dentro, o autoclismo foi puxado e instantes depois o mecanismo de fecho da porta fez um clique. A porta abriu para dentro e um jovem hispânico saiu. Olhou desconfiadamente para Jack antes de passar por ele a caminho do lavatório. Surpreendido por não estar diante de Craig depois de ter ganho coragem para o fazer, Jack inclinou-se de novo para ter a certeza de que todos os cubículos estavam vazios, e estavam. Com exceção dos dois homens junto ao lavatório, não havia mais ninguém na casa de banho. Craig não estava em lado nenhum. Intuitivamente, Jack percebeu que ele tinha desaparecido.

Boston, Massachusetts Sexta-feira, 9 de Junho de 2006 10:25

Depois de regressar à sala de audiências, para onde Craig não tinha voltado, Jack levou Alexis para um canto. O mais depressa e humanamente possível, relatou-lhe tudo o que tinha acontecido desde que falara com ela na noite anterior. Inicialmente, ela escutou o irmão com incredulidade e consternação, até perceber a dimensão da prova da aparente culpa de Craig. Nessa altura, deixou a sua faceta profissional assumir o controlo, o que lhe permitiu analisar clinicamente a situação. Nesse estado de espírito, foi ela e não Jack a abordar o assunto do tempo e a avisar Jack de que teria de se despachar, se queria chegar à igreja a tempo. Com a promessa de telefonar nessa tarde, Jack pegou no saco de viagem e correu para os elevadores.

A correr a toda a velocidade, atravessou o pátio à frente do tribunal e desceu os dois pequenos lances de escadas até à rua. Para seu alívio, o Accent amolgado estava onde o tinha deixado, ainda que houvesse uma multa de estacionamento presa ao limpa pára-brisas. A primeira ordem de trabalhos era tirar o saco de papel com a pistola do porta-bagagens. Antecipando a necessidade de devolver a arma de fogo a caminho do aeroporto, Jack tinha pedido nessa manhã a Latasha que lhe indicasse como é que chegava à esquadra da polícia.

A esquadra ficava na esquina da rua onde Jack tinha estacionado o carro, embora tivesse de fazer inversão de marcha sobre um traço contínuo. Depois de efetuar a manobra proibida, Jack olhou pelo espelho retrovisor para ver se havia carros da polícia atrás de si. Tinha aprendido por experiência própria que quando se falhava um desvio em Boston era frequentemente impossível voltar para trás.

A diligência na esquadra da polícia foi rápida. O saco tinha o nome de Liam Flanagan e o oficial de serviço aceitou-o de bom grado e sem fazer qualquer comentário. Satisfeito por ter mais um assunto resolvido, Jack correu para o carro, que estava estacionado em segunda fila com o motor a trabalhar.

Os sinais para o aeroporto eram melhores que as placas no resto da cidade e Jack depressa entrou num túnel. Felizmente, a distância do centro de Boston até ao aeroporto era curta e chegou surpreendentemente depressa ao seu destino. Seguindo as placas da empresa de aluguer de automóveis, chegou à Hertz alguns minutos depois.

Estacionou numa das faixas de entrega de veículos. Havia algumas instruções sobre o que fazer quando se deixava um veículo, mas Jack limitou-se a ignorá-las do mesmo modo que ignorou os agentes que andavam por ali a auxiliar os clientes. A última coisa que queria fazer era envolver-se numa discussão prolongada sobre o veículo danificado. Tinha a certeza de que a Hertz daria notícias. Pegou no saco de viagem e correu para o autocarro que o levaria ao terminal.

Quando embarcou no autocarro, pensou que este estava prestes a partir, mas em vez disso o veículo continuou parado com o motor em ponto morto e sem motorista. Jack olhou nervosamente para as horas. Passava pouco das onze. Sabia que tinha de apanhar a ponte aérea das onze e meia da Delta, se não estaria tudo perdido.

Por fim, o motorista apareceu. Disse algumas piadas e perguntou quais os terminais que as pessoas pretendiam. Jack ficou aliviado ao saber que o da Delta era a primeira paragem.

O problema seguinte era comprar um bilhete. Felizmente, a ponte aérea tinha uma seção própria. Depois disso veio a fila de segurança, mas também não foi muito problemático. Eram onze e vinte quando Jack calçou os sapatos e correu pelo meio da multidão em direção à porta da ponte aérea.

Não foi a última pessoa a embarcar, mas quase. A porta do avião foi fechada atrás do indivíduo que embarcou imediatamente atrás dele. Jack sentou-se no primeiro assento disponível para facilitar o desembarque em Nova Iorque. Infelizmente, era um assento do meio entre um estudante mal vestido e com um iPod ligado com o som tão alto que Jack ouvia todas as notas e um executivo de fato às riscas com um computador portátil e um Blackberry. O executivo lançou um olhar desaprovador a Jack quando este indicou que queria ocupar o lugar do meio, pois teve de tirar a mala de viagem de onde a tinha colocado e de pegar no casaco e na pasta, que pousara em cima do assento.

Uma vez sentado com o saco de viagem aos pés, Jack recostou a cabeça no encosto e fechou os olhos. Apesar do cansaço extremo não conseguiria dormir, e não apenas por causa do iPod do vizinho do lado. Continuava a recordar a conversa demasiado curta e insatisfatória que tivera com Alexis e apercebeu-se de que não lhe tinha pedido desculpa por ter sido ele a desmascarar a perfídia de Craig, não apenas em relação à profissão como também em relação à família. Nem sequer a racionalização de que a irmã e as filhas estariam melhor sabendo a verdade fez Jack sentir-se melhor. As hipóteses de a família se manter unida diante do que se avizinhava eram infelizmente escassas e esse pensamento realçou a Jack como as aparências podiam ser enganadoras. Exteriormente, parecia que os Bowman tinham tudo: pais com carreiras bem sucedidas, filhas bonitas e uma casa de sonho. Porém, no interior havia uma espécie de cancro a corroer tudo.

— A vossa atenção, por favor — ouviu-se uma voz no intercomunicador do avião. — Fala o comandante. Acabamos de ser informados pelo controle terrestre de que vamos ficar retidos. Uma trovoadá está a passar pela zona de Nova Iorque. Esperamos que não demore muito tempo e manter-vos-emos informados.

"Merda!", exclamou Jack intimamente. Apertou a testa com a mão direita, usando as pontas dos dedos para massajar as têmporas. A ansiedade e a falta de sono conspiravam para lhe provocar uma dor de cabeça. Como pessoa realista que era, começou a pensar no que aconteceria se não conseguisse chegar a tempo do casamento, Laurie tinha sido muito clara. Dissera que nunca lhe perdoaria e ele acreditava. Laurie não fazia muitas promessas e quando fazia uma não deixava de a cumprir. Sabendo isso, perguntou a si mesmo uma vez mais se tinha ficado em Boston tanto tempo mais por um desejo inconsciente de evitar o casamento do que para resolver o mistério de Patience Stanhope. Respirou fundo. Não acreditava que isso fosse verdade nem queria que fosse verdade, mas não tinha a certeza. O que sabia era que queria chegar à igreja a horas.

Depois, como que em resposta aos seus pensamentos, o intercomunicador voltou a ganhar vida.

— Fala novamente o comandante. O controle terrestre alterou a ordem. Já estamos prontos para partir. Devemos chegar a Nova Iorque dentro do horário previsto.

Jack só acordou com o solavanco do avião no momento em que o trem de aterragem tocou no solo do Aeroporto de LaGuardia. Para sua profunda surpresa, tinha adormecido apesar da ansiedade e, embaraçado, percebeu que até se tinha babado ligeiramente. Limpou a boca com as costas da mão, esfregando a barba por fazer no queixo. Com a mesma mão, tocou no resto do rosto. Precisava de fazer a barba e ainda mais de tomar um duche, mas um olhar de relance para o relógio sugeriu que nenhuma daquelas coisas seria possível. Era meio-dia e vinte e cinco minutos.

A abanar-se como um cão para reativar a circulação sanguínea, Jack passou as mãos pelos cabelos. Esta atividade valeu-lhe uma expressão interrogativa do executivo, que estava declaradamente inclinado para a coxia, para se manter o mais afastado possível de Jack. Ainda que tivesse usado um fato protetor Tyvek, Jack estava consciente de que não tinha tomado banho desde que fizera uma autópsia a um cadáver com oito meses.

De súbito, apercebeu-se de que estava a bater o pé a um ritmo frenético. Mesmo quando pôs a mão no joelho, foi difícil manter a perna imóvel. Jack não se recordava de alguma vez ter estado tão agitado. O fato de ter de estar sentado sem se mexer piorou o tique. Teria preferido estar lá fora na pista, a correr ao

lado do avião.

O aparelho pareceu demorar uma eternidade a chegar ao terminal e depois a dirigir-se de forma agonizantemente lenta para a manga. Quando se ouviu o sinal sonoro, Jack levantou-se do assento. Passou pelo executivo, que estava a tirar uma mala da bagageira, o que lhe valeu mais um olhar de censura. Não se preocupou absolutamente nada, pediu licença e conseguiu chegar à parte da frente do avião. No momento em que a porta se abriu finalmente, após o que lhe pareceu uma espera interminável, foi a terceira pessoa a sair.

Jack correu pela manga, passando pelas duas pessoas que tinham saído do avião antes dele. Chegado ao terminal, correu para a zona de recolha de bagagem e para a rua, que estava cheia de vapor devido a um aguaceiro recente. Como era o primeiro passageiro da ponte aérea Boston- Nova Iorque, esperava que a fila para os táxis fosse inexistente. Infelizmente, não foi isso que aconteceu. A ponte aérea Washington D.C. Nova Iorque tinha aterrado dez minutos antes e vários passageiros estavam à espera de táxis.

Com uma segurança descarada, dirigiu-se para a frente da fila.

— Sou médico e tenho uma emergência — disse, pensando que as duas afirmações eram verdadeiras, apenas não relacionadas. As pessoas que se encontravam na fila olharam-no sem dizer nada e com um toque de irritação, mas ninguém contestou. Jack saltou para o primeiro táxi.

O motorista era indiano ou paquistanês, Jack não conseguiu perceber, e estava a falar ao telemóvel. Deu-lhe a sua morada na Rua 106 e o táxi afastou-se do passeio e acelerou.

Jack olhou para o relógio. Faltavam agora dezoito minutos para a uma hora, o que significava que tinha apenas quarenta e oito minutos antes de ter de estar na Igreja de Riverside. Encostou-se no banco e tentou descontraír, mas era impossível. Para piorar as coisas, desde a saída do aeroporto apanharam todos os sinais vermelhos. Jack viu mais uma vez as horas. Pareceu-lhe injusto que o segundo ponteiro estivesse a andar mais depressa do que era costume. Já faltava um quarto para a uma.

Nervoso, começou a perguntar a si mesmo se devia ir diretamente para a igreja e esquecer a breve paragem em casa. A vantagem é que chegaria a tempo; a desvantagem é que estava vestido um nível abaixo do casual e precisava de fazer a barba e tomar uma ducha.

Quando, por fim, o motorista do táxi desligou o telemóvel, e antes de fazer outro telefonema, Jack inclinou-se para a frente.

— Não sei se fará muita diferença, mas estou com pressa — disse ele. Depois, acrescentou: — Se estiver disposto a esperar na morada que lhe dei, terá uma gorjeta adicional de vinte dólares.

— Se quiser, espero — disse o motorista num tom agradável, com o típico e encantador sotaque do subcontinente indiano.

Jack recostou-se para trás e prendeu novamente o cinto de segurança. Faltavam agora dez minutos para a uma hora.

O engarrafamento seguinte foi na portagem da Ponte Triborough. Aparentemente, alguém sem via-verde estava na faixa rápida e não podia recuar devido à fila de carros que se estendia para trás. Após uma cacofonia horrenda de buzinas de carros e expletivos gritados a plenos pulmões, o problema foi resolvido, mas não antes de perderem mais cinco minutos. Quando Jack chegou à ilha de Manhattan, era uma hora.

O único benefício da ansiedade crescente de Jack foi que esqueceu a obsessão em relação a Alexis e Craig e ao desastre que estava prestes a começar. Um julgamento por negligência médica era mau; um julgamento por homicídio era um pavor. Ia sujeitar toda a família a um tormento impiedoso de muitos anos, com poucas possibilidades de um desfecho feliz.

O motorista conseguiu atravessar a cidade rapidamente, pois conhecia uma rua relativamente sossegada através do Harlem. Quando parou defronte do edifício de Jack, era uma e um quarto. Jack abriu a porta do táxi antes de o veículo parar completamente.

Subiu os degraus a correr e entrou pela porta da frente, surpreendendo alguns operários. Com o edifício a

sofrer uma renovação total, o pó era um desastre. Enquanto corria pelo corredor até ao apartamento onde ele e Laurie estavam a viver temporariamente durante as obras, montes de poeira levantaram-se do chão repleto de destroços.

Jack abriu a porta do apartamento com a sua chave e preparava-se para entrar quando o supervisor da obra o viu lá de cima e gritou que precisava de falar sobre um problema com a canalização. Jack gritou que não poderia ser naquele momento. Entrou, atirou o saco de viagem para o chão e começou a despir-se. Deixou um rasto de roupa a caminho da casa de banho.

Quando se olhou ao espelho, estremeceu. As faces e o queixo estavam enegrecidos pela barba por fazer como se tivesse o rosto sujo de fuligem, e tinha os olhos raiados de sangue e encovados. Após um debate interno rápido sobre se fazia a barba ou tomava um duche, uma vez que dificilmente teria tempo para ambos, decidiu tomar um duche. Inclinou-se para a banheira e abriu as duas torneiras no máximo. Infelizmente, só saíram algumas gotas: o problema da canalização abrangia sem sombra de dúvida todo o edifício.

Jack fechou as torneiras e, depois de se salpicar liberalmente com água-de-colónia, saiu da casa de banho a correr e entrou no quarto. Vestiu a roupa interior e depois a camisa de cerimónia. A seguir, vestiu as calças e o casaco do smoking. Pegou nos botões de peito e de punho e enfiou-os no bolso das calças. O laço preto já feito foi para o outro bolso. Depois de enfiar os pés em sapatos de cerimónia, a carteira no bolso de trás das calças e o telemóvel no bolso do casaco, correu novamente para o corredor.

Com a lentidão necessária para reduzir o levantamento de pó ao mínimo, foi uma vez mais apanhado pelo supervisor da obra, que gritou de novo que era crítico falarem. Jack nem sequer se deu ao trabalho de responder. Lá fora, o táxi continuava à espera. Jack atravessou a rua e entrou rapidamente.

— Igreja de Riverside! — gritou.

— Sabe qual é a rua que atravessa? — perguntou o motorista, a olhar para Jack pelo espelho retrovisor.

— A Cento e Vinte e Dois — respondeu Jack. Começou a tentar colocar os botões, deixando cair um no banco, onde desapareceu rapidamente num buraco negro entre o assento e as costas. Tentou meter a mão na fenda mas não conseguiu e depressa desistiu. Usou os botões que tinha, deixando a última abertura vazia.

— Vai casar-se? — perguntou o motorista, continuando a observar Jack pelo espelho retrovisor.

— Espero que sim — disse Jack. Depois, concentrou-se na tarefa de colocar os botões de punho. Enquanto acabava de colocar o primeiro e começava a tentar prender o segundo, tentou recordar a última vez que tinha vestido um smoking. Não se lembrou, ainda que devesse ter sido na sua vida anterior, quando era oftalmologista. Depois dos botões de punho, Jack curvou-se, atou os atacadores dos sapatos e sacudi o pó. A última tarefa era abotoar o botão de cima da camisa e prender o laço atrás do pescoço.

— Está com bom aspecto — elogiou o motorista com um sorriso rasgado.

— Aposto que sim — disse Jack com o sarcasmo habitual.

Inclinou-se para a frente e tirou a carteira do bolso. Olhou para o taxímetro, tirou notas de vinte suficientes para pagar a conta e mais duas de gorjeta. Quando o táxi entrou em Riverside Drive, deixou cair o dinheiro no banco da frente através da divisória de Plexiglas.

Mais adiante, apareceu o campanário cor de areia da igreja de Riverside. Agigantava-se acima das estruturas circundantes e destacava-se com a sua arquitetura gótica. À frente da igreja viam-se diversas limusinas pretas. Com exceção dos motoristas, que estavam encostados aos veículos, não se via ninguém. Jack olhou para o relógio. Era uma e trinta e três. Estava três minutos atrasado.

Abriu uma vez mais a porta do táxi antes de o veículo estar completamente parado. Gritou um obrigado ao motorista por cima do ombro e ao mesmo tempo que saltava para a rua. A abotoar o casaco, subiu os degraus da igreja a dois e dois. Mais acima, junto à porta aberta, Laurie apareceu de repente como uma miragem. Estava magnificamente vestida com um vestido de noiva branco. Atrás dela ouvia-se música de órgão muito alta.

Jack parou para contemplar a imagem que tinha diante dos olhos. Não podia deixar de admitir que ela parecia mais bela do que nunca, verdadeiramente radiosa. A única detração ligeira eram as mãos, que estavam cerradas e desafiadoramente plantadas nas ancas.

— Jack! — disse Laurie, num tom que pairava entre a fúria e o alívio. — Estás atrasado!

— Hei — respondeu Jack, abrindo as mãos. — Pelo menos estou aqui. Embora contrariada, Laurie sorriu.

— Entra já na igreja — ordenou, brincalhona.

Jack subiu o resto das escadas. Laurie esticou a mão e Jack pegou nela. Depois, ela inclinou-se mais e observou-o atentamente, — Céus, estás com um aspecto horrível.

— Não devias elogiar-me tanto — disse Jack com timidez fingida.

— Nem sequer fizeste a barba.

— Há segredos piores — confessou ele, esperando que ela não percebesse que não tomava um duche há mais de trinta horas.

— Não sei no que me vou meter — disse Laurie, e o seu sorriso voltou. — As amigas da minha mãe vão ficar estarrecidas.

— E têm todos os motivos para isso. Laurie sorriu perante o humor de Jack.

— Tu nunca vais mudar.

— Discordo. Eu sei que mudei. Posso estar um pouco atrasado, mas estou contente por estar aqui. Queres casar comigo?

O sorriso de Laurie cresceu.

— Sim, claro que sim. Tem sido a minha intenção há mais anos do que gostaria de admitir.

— Não é possível dizer-te como te estou grato por teres podido esperar.

— Suponho que tens alguma explicação elaborada para esta chegada à última hora.

— Estou ansioso para te contar. Francamente, o desfecho em Boston deixou-me embasbacado. É uma história em que não vais acreditar.

— Estou ansiosa para ouvir o que tens para contar — disse Laurie. — Mas agora é melhor entrares na igreja e ires para o altar. O teu padrinho, o Warren, deve estar furioso com o teu atraso. Há quinze minutos, veio cá fora e disse que ia, passo a citar, "dar-te uma tarefa".

Laurie empurrou Jack para o interior da igreja, onde ele foi engolido pela música do órgão. Hesitou por instantes, a olhar para o fundo da impressionante nave. Ficou extraordinariamente intimidado. O lado direito da igreja estava cheio, quase sem lugares disponíveis, ao passo que o esquerdo estava praticamente vazio. Jack viu Lou Soldano e Chet. No altar, estava o padre, ou reverendo, ou pastor, ou rabino, ou imã: Jack não sabia. Não era adepto de religiões organizadas e não sentia que uma fosse melhor que as outras. Ao lado do sacerdote estava Warren, e mesmo ao longe o amigo estava imponente no seu smoking. Jack respirou fundo para ganhar coragem e começou a avançar para toda uma nova vida. O resto da cerimônia foi uma mancha para Jack. Teve de ser empurrado ou acotovelado numa direção ou noutra e de receber indicações sussurradas para fazer o que tinha de ser feito. Como estava em Boston, tinha faltado ao ensaio, por isso, da sua perspectiva, era tudo uma novidade.

A parte de que mais gostou foi de sair da igreja a correr, porque significou que a tortura tinha chegado ao fim. No carro descansou, mas o percurso foi demasiado curto. A viagem da igreja até ao Tavern on the Green e ao copo-de-água demorou apenas quinze minutos.

O copo-de-água foi menos intimidante do que o casamento e, em circunstâncias diferentes, menos cansado, teria gostado bastante. Particularmente depois de uma refeição pesada que incluiu vinho e algumas danças obrigatórias, Jack estava a começar a apagar. No entanto, tinha de fazer um telefonema antes disso. Pediu licença para se levantar da mesa e encontrou um lugar relativamente sossegado à entrada do restaurante. Marcou o número do telemóvel de Alexis e ficou contente quando ela atendeu.

— Casaste? — perguntou Alexis logo que soube que era Jack.

— Casei.

— Parabéns! Acho que é maravilhoso e estou muito feliz por ti.

— Obrigado, mana — disse Jack. — Queria telefonar-te para te pedir desculpa por ter provocado mais uma perturbação na tua vida. Convidaste-me para ir a Boston ajudar o Craig e ajudar-te a ti, e eu acabei por fazer o contrário. Lamento imenso. Sinto-me culpado.

— Obrigada por pedires desculpa — disse Alexis. — É lógico que não te considero responsável pelo comportamento do Craig, nem por ele ter sido desmascarado. Acredito verdadeiramente que isso teria acabado por acontecer. E para ser completamente franca, fico contente por saber. Vai facilitar imenso as minhas decisões.

— O Craig voltou a aparecer no tribunal?

— Não, e continuo sem fazer a menor idéia de onde está. Há um mandado para a sua detenção e a polícia já veio cá a casa à procura dele. Confiscaram todos os seus papéis, incluindo o passaporte, por isso ele não vai longe. Esteja onde estiver, está apenas a adiar o inevitável.

— Por muito surpreendente que possa parecer, tenho pena dele — disse Jack.

— Eu também tenho pena dele.

— Ele tentou ver as miúdas ou telefonar?

— Não, mas isso não me surpreende. Ele nunca foi muito chegado a elas.

— Acho que nunca foi muito chegado a ninguém, exceto, talvez, a ti.

— Pensando bem, acho que nem sequer era chegado a mim. É uma tragédia, e pessoalmente acredito que o pai tem uma parte da culpa.

— Por favor, mantém-me informado! — disse Jack. — Nós vamos fazer uma viagem de lua-de-mel, mas eu levo o telemóvel.

— Esta tarde, fiquei a saber mais uma coisa inquietante. Há uma semana, o Craig fez uma nova hipoteca sobre a nossa casa e contraiu um empréstimo de vários milhões de dólares.

— Isso foi possível sem a tua assinatura?

— Foi. Quando compramos a casa, ele insistiu para que ficasse apenas no seu nome. Deu-me uma desculpa qualquer sobre impostos e seguro, mas na época eu não me importei.

— Ele recebeu o empréstimo em dinheiro? — perguntou Jack.

— Não, fui informada de que o dinheiro foi enviado para uma conta no estrangeiro.

— Se precisares de dinheiro, diz-me. Eu tenho mais do que nunca, pois passei a última década sem gastar praticamente nada do meu ordenado.

— Obrigada, mano. Não vou esquecer-me disso. Nós não vamos ter problemas, ainda que talvez seja obrigada a aumentar o ordenado com algumas consultas particulares.

Despediram-se carinhosamente e Jack desligou. Não voltou logo para a festa. Em vez disso, pensou na injustiça e nos caprichos da vida. Enquanto ele antecipava uma lua-de-mel com Laurie e um futuro prometedor, Alexis e as filhas viam-se perante uma grande incerteza e dor emocional. Pensou que era o bastante para tornar uma pessoa ou epicurista ou muito religiosa, um extremo ou o outro.

Jack levantou-se. Optou pela primeira hipótese e estava interessado em levar Laurie para casa.

Epílogo

Havana, Cuba Segunda-feira, 12 de Junho de 2006 14:15

Jack tinha decidido levar Laurie em lua-de-mel para um sítio único e fora da rota turística. Pensara num sítio qualquer em África, mas decidira que era demasiado distante. Pensara na Índia, mas era ainda pior. Depois, alguém tinha sugerido Cuba. No começo, Jack esquecera a idéia por pensar que seria impossível, mas depois tinha ido à internet e depressa percebera que estava enganado. Imensas pessoas, mas não demasiadas, iam para Cuba pelo Canadá, México ou Bahamas. Jack tinha escolhido as Bahamas.

O voo de Nova Iorque para Nassau no sábado, o dia a seguir ao casamento, tinha sido maçador, mas o de Nassau para Havana na Cubana Airlines fora mais alegre e divertido e dera-lhes uma primeira amostra da mentalidade cubana. Jack tinha reservado uma suíte no Hotel Nacional de Cuba, pressentindo que teria um toque do velho encanto cubano. Não tinham ficado desapontados. O hotel situava-se no Malecón, na zona do Vedado da antiga Havana. Alguns dos equipamentos estavam fora de moda e o esplendor do Art Decor original desvanecera-se. O melhor de tudo era o serviço, que era uma maravilha. Ao contrário do que Jack poderia pensar, os cubanos eram um povo feliz.

Felizmente Laurie insistia em dar passeios e fazer caminhadas descontraídas pela zona central e mais antiga de Havana, cuja maior parte tinha sido reconstruída. Diversos dos passeios tinham-nos levado para lá da zona restaurada e para áreas onde os edifícios se encontravam num estado lastimável de degradação e, no entanto, ainda com uma vaga sugestão da sua grandiosidade original.

Jack e Laurie contentavam-se essencialmente em dormir, comer e apanhar sol. Aquela forma de ocupar o tempo tinha dado a Jack tempo de sobra para contar a Laurie os pormenores do que tinha acontecido em Boston, bem como para discutir exaustivamente a situação. Laurie foi solidária com todos, incluindo com Jack. Tinha classificado o acontecimento de tragédia médica americana. Ele concordara.

— Que tal marcarmos uma excursão ao interior? — sugeriu Laurie de repente, interrompendo o repouso rejuvenescedor e despreocupado do marido.

Jack protegeu os olhos do sol e voltou-se para olhar para a nova mulher. Estavam ambos deitados em espreguiçadeiras brancas à beira da piscina. Estavam em fato de banho e muito bem besuntados com protetor solar fator quarenta e cinco. Laurie fitava-o com as sobancelhas levantadas, que ele viu por cima dos óculos escuros.

— Queres mesmo sacrificar esta maravilhosa vida indolente? — perguntou Jack. — Se está calor no litoral, no interior deve estar um forno.

— Não estou a dizer que temos de ir hoje nem sequer amanhã, apenas um dia qualquer antes de nos irmos embora. Seria uma pena vir para tão longe e não ficar com uma perspectiva da ilha fora deste local turístico.

— Acho que tens razão — concordou Jack sem grande entusiasmo. O simples fato de pensar no calor que se faria sentir no interior da ilha provocava-lhe sede. Sentou-se. — Vou buscar alguma coisa para beber. Queres que te traga alguma bebida?

— Vais beber um daqueles mojitos?

— Sinto-me tentado.

— Estás mesmo de férias — comentou Laurie. — Está bem. Se estás no jogo, eu também estou. Talvez vá dormir uma sesta esta tarde.

— Parece-me muito bem — replicou Jack. Levantou-se e espreguiçou-se. Do que precisava

verdadeiramente era de alugar uma bicicleta e dar um passeio a sério, mas a meio caminho do bar já tinha esquecido a idéia. Com preguiça, decidiu que aprofundaria essa possibilidade no dia seguinte.

Chamou um dos empregados do bar e pediu duas bebidas. Beber era uma coisa excepcional para ele, ainda para mais à tarde, mas tinha sido encorajado a experimentar no dia anterior e gostara da sensação de descontração total que o álcool lhe proporcionara.

Enquanto esperava, os olhos de Jack percorreram a área da piscina. Viam-se algumas mulheres com corpos perfeitos que encorajavam um breve olhar apreciador. Os seus olhos deambularam depois para a vasta extensão do Mar das Caraíbas. Corria uma brisa leve e sedosa.

— As suas bebidas, senhor — disse o empregado do bar, chamando Jack à realidade. Ele virou-se, assinou a conta e pegou nos copos. Quando começou a voltar-se e os seus olhos fitaram o rosto de um homem que se encontrava do outro lado do balcão em forma de península, Jack ficou embasbacado. Inclinou-se para a frente e olhou abertamente. Os olhos do homem fixaram-se por breves instantes nos de Jack, sem qualquer sinal de reconhecimento, e depressa se concentraram na bonita jovem latina que estava sentada ao seu lado. Jack observou-o a rir com descontração.

Jack encolheu os ombros, virou-se e começou a dirigir-se para a sua espreguiçadeira, mas depois de dar alguns passos voltou-se de novo. Decidido a ver melhor, deu a volta ao bar e aproximou-se do homem por detrás. Avançou até se encontrar imediatamente atrás do indivíduo. Ouviu-o falar. Falava um espanhol sofrível, certamente melhor que o de Jack.

— Craig? — disse Jack, suficientemente alto para o homem ouvir, mas o indivíduo não se virou. — Craig Bowman — disse Jack um pouco mais alto. Continuou a não haver resposta. Jack baixou os olhos para as duas bebidas que tinha nas mãos e que limitavam as suas opções. Depois de uma curta reflexão, inclinou-se para o balcão ao lado do homem. Pousou um dos copos em cima do balcão e bateu no ombro do desconhecido. Ele virou-se e olhou para Jack. Não houve qualquer sinal de reconhecimento, apenas uma interrogação nas sobrancelhas levantadas e a testa franzida.

— Posso ajudá-lo? — perguntou o homem.

— Craig? — perguntou Jack, observando os olhos do homem. Tendo sido oftalmologista, tinha tendência para olhar para os olhos das pessoas. Da mesma forma que muitas vezes espelhavam sinais de doença geral, também podiam transmitir sinais de emoção. Jack não observou qualquer mudança. As pupilas mantiveram-se exatamente do mesmo tamanho.

— Creio que me confundiu com outra pessoa qualquer. O meu nome é Ralph Landrum.

— Desculpe — disse Jack. — Não foi minha intenção intrometer-me.

— Não há problema — replicou Ralph. — Como é que se chama?

— Jack Stapleton. De onde é?

— Originalmente, de Boston. E o senhor?

— De Nova Iorque — respondeu Jack. — Está hospedado aqui no Nacional?

— Não — disse Ralph. — Arrendei uma casa nos arredores da cidade. Estou envolvido no negócio dos charutos. E o senhor?

— Eu sou médico.

Ralph inclinou-se para trás, para que Jack pudesse ver a sua amiga.

— Esta é a Toya.

Jack estendeu a mão à frente de Ralph e cumprimentou Toya.

— Foi um prazer conhecê-los — disse Jack, depois de tropeçar num pouco de espanhol para ser simpático com Toya. Pegou a bebida. — Desculpem a intromissão.

— Hei, não há problema — disse Ralph. — Estamos em Cuba. As pessoas esperam que fale com elas.

Com um último aceno, Jack afastou-se. Deu a volta ao bar e voltou para junto de Laurie. Ela soergueu-se apoiada num cotovelo e pegou num dos copos.

— Demoraste imenso tempo — disse, a brincar.

Jack sentou-se na sua espreguiçadeira e abanou a cabeça.

— Alguma vez te cruzaste com uma pessoa e tiveste a certeza de que a conhecias?

— Algumas vezes — respondeu Laurie, bebendo um gole da bebida. — Por que é que perguntas?

— Porque acabou de me acontecer — disse Jack. — Estás a ver o homem que está a falar com aquela mulher roliça de encarnado do outro lado do bar? — Jack apontou para o casal.

Laurie pôs os pés no chão, sentou-se e olhou.

— Sim, estou a vê-los.

— Tive certeza de que era o Craig Bowman — disse Jack com uma curta gargalhada. — É suficientemente parecido com ele para ser seu gêmeo.

— Eu pensava que o Craig Bowman tinha cabelos louros parecidos com os teus. Aquele fulano tem cabelos escuros.

— Bem, exceto os cabelos — concordou Jack. — É incrível. Leva-me a questionar as minhas capacidades de observação.

Laurie voltou-se para Jack.

— Por que é que achas tão incrível? Cuba seria um bom refúgio para uma pessoa como o Craig. Seguramente, não existe um tratado de extradição com os Estados Unidos. Talvez seja o Craig Bowman.

— Não, não é — disse Jack. — Eu tive a lata de lhe perguntar e observar a sua reação.

— Bem, não deixes que isso te preocupe — disse Laurie.

Reclinou-se novamente, com a bebida na mão.

— Não vai preocupar-me — respondeu Jack. Também ele se reclinou na espreguiçadeira. Porém, não conseguia afastar aquela coincidência da cabeça. De repente, teve uma idéia. Sentou-se, procurou no bolso do roupão e tirou o telemóvel.

Laurie tinha sentido a sua movimentação súbita e abriu um olho.

— A quem é que vais telefonar?

— À Alexis — respondeu Jack.

Ela atendeu, mas disse a Jack que não podia falar porque estava a dar consultas.

— Tenho apenas uma pergunta muito rápida — disse Jack. — Por acaso conheces um Ralph Landrum, de Boston?

— Conheci — respondeu Alexis. — Escuta, Jack, tenho mesmo de desligar. Telefone-te daqui a umas horas.

— Por que é que respondeste no passado? — perguntou Jack.

— Porque ele morreu — disse Alexis. — Era um dos pacientes do Craig e morreu com um linfoma há cerca de um ano.

FIM

Nota do Autor

A medicina de concierge (também conhecida como medicina de quotas, medicina boutique ou cuidados primários de luxo) é um fenômeno relativamente novo que surgiu pela primeira vez em Seattle. Como é descrito em Crise, trata-se de um gênero de consultório de cuidados primários que requer uma quota anual que varia das centenas aos muitos milhares de dólares por pessoa (a média ronda os mil e quinhentos dólares e o máximo é de cerca de vinte mil dólares). Para que esta quota não seja vista como o prémio de um seguro de saúde, que seria contra os regulamentos, o paciente tem uma lista de privilégios ou serviços médicos especificados que não são contemplados nos seguros de saúde, como por exemplo, exames médicos anuais completos, cuidados preventivos, aconselhamento nutricional e programas de saúde criados à medida, para nomear apenas alguns. Porém o verdadeiro benefício advém da garantia dada pelo médico de limitar os pacientes do consultório a um número muito mais reduzido do que é habitual, possibilitando regalias especiais e acesso privilegiado aos serviços médicos padrão (mas não ao pagamento, que continua a ser da responsabilidade do paciente, quer através de um seguro de saúde, quer do seu próprio bolso).

As regalias podem incluir: um relacionamento médico-paciente muito pessoal, consultas não apressadas que demoram o tempo necessário, zonas de recepção de espera mais agradáveis e menos cheias (não são chamadas salas de espera, pois não ter de esperar faz parte das regalias), visitas domiciliárias ou consultas no consultório sempre que adequado e desejável, facilidade de marcações para especialistas necessários e consulta imediata, e até possíveis deslocações do médico para locais distantes se o paciente adoecer ou se ferir numa viagem. O acesso especial inclui consultas no mesmo dia, se necessário, ou pelo menos no dia seguinte, e acessibilidade permanente ao médico, com o número de telemóvel, do telefone de casa e do endereço de e-mail deste.

Têm aparecido alguns artigos sobre medicina de concierge em revistas especializadas, bem como no The New York Times e noutras publicações generalistas, mas, na maioria dos casos, este estilo de medicina em lenta expansão passa despercebido à maioria do público. Acredito que isto devia e vai mudar, porque a medicina de concierge é mais um sintoma sutil mas importante de um sistema de saúde que está avariado, já que uma boa medicina orientada para o paciente costumava estar disponível, e devia estar disponível, sem ser preciso pagar antecipadamente uma taxa considerável. Mais importante, é do conhecimento comum que já existem injustiças significativas envolvendo o acesso aos cuidados de saúde a nível mundial, e não é preciso ser-se o proverbial "crânio" para perceber que a medicina de concierge só servirá para piorar muito uma situação que já é má: os médicos que exercem este tipo de medicina verão, por definição, menos pacientes, e todos os pacientes que não pagarem a taxa, seja por que motivo for, terão menos escolha num sistema mais limitado. Na verdade, alguns senadores do Congresso norte-americano queixaram-se oficialmente ao Departamento de Saúde e Serviços Humanos a respeito do potencial impacto do fenómeno na limitação da capacidade dos beneficiários do Medicare para encontrarem um médico de cuidados primários. Em resposta, o Gabinete de Controlo do Governo publicou um relatório em Agosto de 2005 onde sugeria que a medicina de concierge ainda não representava um problema, mas que a tendência seria monitorizada. A implicação era que haverá um problema quando este estilo de medicina se expandir. Infelizmente, posso atestar pessoalmente que já atingiu esta situação em Naples, na Florida, onde a medicina de concierge está muito enraizada. Atualmente, em Naples, é difícil um novo paciente Medicare arranjar um médico assistente sem ter de

pagar uma quota exorbitante ou optar por sair do Medicare. Ainda que Naples seja, incontestavelmente, uma comunidade única em termos económicos, acredito que é um prenúncio do que está para vir noutras comunidades, tanto nos Estados Unidos como internacionalmente.

Embora já tenham sido escritos artigos acerca da medicina de concierge, nenhum dos que li aborda verdadeiramente a questão dos motivos por que este fenómeno surgiu nesta época em particular. O que é, regra geral, apresentado são explicações económicas que giram à volta da ideia de que a medicina de concierge faz sentido de um ponto de vista de marketing. Afinal de contas, desde que o paciente possa pagar, quem não gostaria de ter as regalias prometidas, tendo em conta a experiência por que passamos grande parte das vezes que vamos ao médico no nosso mundo atual, e qual é o médico que não preferiria ter segurança financeira desde o ponto de partida e poder exercer a medicina desapressada que aprendeu na faculdade de medicina?

Infelizmente, esta resposta superficial não explica porque é que o fenómeno faz sentido hoje e não fazia, digamos, há vinte anos. Acredito sinceramente que a verdadeira resposta é que a medicina de concierge é um resultado direto do estado avariado e de desordem sem paralelo dos sistemas de saúde a nível mundial. De fato, existem aqueles que evocam a metáfora da "tempestade perfeita" para descrever a situação atual, particularmente nos Estados Unidos.

Tem havido uma série de problemas a atormentar o exercício da medicina ao longo dos últimos vinte e cinco anos, mas nunca houve tantos a convergir ao mesmo tempo. Concorrentemente, estamos a assistir a uma agressiva contenção de custos na área da saúde; falta de funcionários e de equipamento; tecnologia mais avançada; esforços enérgicos e apropriados para a redução de erros médicos; subida em flecha de indenizações litigiosas e de acordos; custos cada vez mais elevados com pessoal auxiliar; uma multiplicação desconcertante de produtos de seguros de saúde, incluindo gestão de cuidados, com a intromissão inerente na tomada de decisões médicas; e até mesmo a mudança do papel dos hospitais. Todas estas forças contribuíram para fazer das bases da medicina - a prestação de cuidados primários - um verdadeiro pesadelo e até para impossibilitá-las. Para um médico de cuidados primários se manter ativo, ou seja, ganhar o suficiente para manter as portas abertas e as luzes acesas (ou permanecer empregado num ambiente de gestão de cuidados), ele ou ela tem de consultar pacientes a um ritmo extraordinário, com um resultado inteiramente previsível: insatisfação, quer do médico, quer do paciente e, por muito irónico que pareça, aumento da utilização e dos custos e acréscimo das litigações.

Consideremos o seguinte exemplo: um paciente com alguns ligeiros problemas médicos persistentes (por exemplo, tensão arterial alta e colesterol elevado) vai ao seu médico assistente com novas queixas de dores no ombro e desconforto abdominal. No ambiente atual do exercício da profissão, o médico tem apenas quinze minutos para tratar de tudo, incluindo as cortesias sociais básicas. Compreensivelmente, os problemas pelos quais o médico já se responsabilizou têm prioridade (a tensão arterial alta e o colesterol elevado). Só depois seriam analisados os sintomas novos. Com o relógio a andar e uma sala de espera cheia de pacientes descontentes porque o plano de consultas foi atrasado devido a uma pequena emergência anterior (uma ocorrência quase diária), o médico recorre à abordagem mais rápida: por exemplo, pedindo uma ressonância magnética ou uma TAC ao ombro e mandando o paciente para um gastroenterologista por causa do desconforto abdominal. Com a pressão para ganhar o suficiente para os gastos gerais do consultório, o médico não tem tempo para investigar devidamente cada queixa, com um historial e um exame meticoloso. O resultado é uma tendência para a sobreutilização e inconveniência para o paciente, custos muito mais elevados e diminuída satisfação para o paciente e para o médico. O médico é obrigado pelas circunstâncias a funcionar mais como um assistente de triagem do que como um médico com capacidade para fazer o seu trabalho. Isto é especialmente verdadeiro se o médico for um interno certificado pelo Ministério da Saúde, muitos dos quais exercem medicina na área dos cuidados primários.

Voltando à questão dos motivos que levaram a medicina de concierge a desenvolver-se agora e não no

passado, estou convencido de que é um resultado direto da "tempestade perfeita" no sistema de saúde e da resultante desilusão e insatisfação dos médicos com o exercício da medicina, que está a atingir proporções epidémicas como indicam as inúmeras sondagens. Os médicos estão insatisfeitos, especialmente os médicos de cuidados primários. Nesta perspectiva, a medicina de concierge é um movimento reacionário e não um simples estratagema de marketing. É uma tentativa dos médicos para retificarem as diferenças entre a medicina que aprenderam no ambiente académico e esperavam exercer e a medicina que são obrigados a exercer, quer forçados pela burocracia (do serviço nacional de saúde ou dos planos de saúde das seguradoras) quer pela pobreza (falta de equipamento e instalações), e entre as expectativas dos pacientes e a realidade do que os médicos estão realmente a proporcionar. A medicina de concierge começou nos Estados Unidos, mas como a atual desilusão e insatisfação dos médicos é um fenómeno global, vai alastrar, se é que não alastrou já, a outros países.

Intelectualmente, tenho alguns problemas com o conceito de medicina de concierge pelas mesmas razões que o Dr. Herman Brown apresenta ao testemunhar a favor do queixoso em Crise. Em resumo, a medicina de concierge desafia os conceitos tradicionais da medicina altruísta. Na verdade, é uma violação directa do princípio de justiça social, que é um os três suportes do profissionalismo médico recentemente definido, que requer que os médicos trabalhem para eliminar a discriminação nos cuidados de saúde, quer baseados na raça, género, nível socio-económico [o itálico é meu], etnia, religião ou qualquer outra categoria. Porém, há um problema. Ao mesmo tempo que sou filosoficamente contra a medicina de concierge, sou também a favor, o que me faz sentir decididamente hipócrita. Admito abertamente que, se fosse médico de clínica geral no mundo atual, queria certamente ter um consultório onde se praticasse medicina de concierge em vez de um consultório normal. A minha desculpa seria que preferiria tratar uma pessoa bem do que dez pessoas de forma deficiente. Infelizmente isso seria uma racionalização, e uma pobre racionalização. Então, talvez dissesse que tenho o direito de praticar a medicina como desejo praticar a medicina. Infelizmente, isso seria negar o fato de que muito dinheiro público é gasto na formação de todos os médicos, incluindo eu, e isso implica a obrigação de tratar todos aqueles que precisam, não apenas os que podem pagar adiantado. Talvez dissesse então que a medicina de concierge é semelhante a um colégio particular e que os pacientes com meios têm o direito de pagar para obterem mais serviços. Infelizmente, isso ignora o fato de que as pessoas que mandam os filhos para colégios particulares também têm de pagar as escolas públicas através dos impostos. Também ignora o fato de que o serviço médico, mesmo o serviço médico básico, está distribuído desigualmente, e eu estaria a aumentar essa desigualdade. Em última análise, teria de admitir a mim mesmo que, provavelmente, a razão por que queria exercer medicina de concierge era mais porque me proporcionaria uma satisfação profissional no dia-a-dia, muito embora, no fundo, lamentasse ter-me tornado um médico diferente daquele que começara por ser. Esse reconhecimento significa que não culpo os médicos que exercem medicina de concierge, mas o sistema que os obrigou a fazê-lo.

É sempre mais fácil ser-se crítico do que resolver problemas. Todavia, em relação à medicina de concierge, estou convencido de que existe uma solução para limitar o seu crescimento, e é uma solução bastante simples. Envolve simplesmente a mudança do mecanismo de reembolso dos cuidados primários, que hoje em dia se baseia numa taxa simples e uniforme de pouco mais de cinquenta dólares por consulta, conforme determinado pela Medicare (a Medicare funciona como uma orientação de facto para a política de saúde). Como já mencionei, os cuidados primários são a base do sistema de saúde e, por conseguinte, este reembolso baixo e de taxa fixa é contra-intuitivo, como evidenciado pelo exemplo que dei. Os pacientes e as doenças variam consideravelmente e se o paciente necessita de quinze minutos, trinta minutos, quarenta minutos ou até uma hora, o médico devia ser pago de acordo com o tempo dispensado ao paciente. Por outras palavras, o reembolso dos cuidados primários devia ser atribuído em relação ao tempo e devia incluir tempo passado ao telefone e a enviar e-mails. Devia igualmente ter um escalão, dependendo do nível de experiência do médico. Parece-me totalmente razoável.

Se os cuidados primários fossem reembolsados dessa forma racional, a qualidade dos cuidados seria encorajada, uma autonomia significativa seria apropriadamente devolvida ao médico e a satisfação do médico e do paciente subiriam. Como corolário, o ímpeto da medicina de concierge diminuiria. Também acredito que esse esquema de reembolsos teria o efeito paradoxal de reduzir os custos globais dos cuidados de saúde ao diminuir o recurso aos serviços de subespecialidade. Para ajudar neste aspecto, o reembolso devia ser separado dos cuidados de especialidade, que é o caso hoje, e voltado para os cuidados primários.

Algumas pessoas podem preocupar-se com a perspectiva de que basear o reembolso no tempo abriria a porta para o tipo de abuso que é visto nas profissões em que o pagamento é calculado com base no tempo, mas eu discordo. Penso que o abuso seria a exceção e não a regra, especialmente com o forte movimento que está em marcha para reafirmar o profissionalismo médico com a recém promulgada Carta do Médico.

Numa nota final, quero falar um pouco acerca da negligência médica. Quando terminei o meu longo período de formação na década de 1970 e abri um pequeno consultório privado, caí no meio da primeira vaga de crises de negligência, que fora provocada por uma onda de litigações e vitórias dos queixosos. O que experimentei, como muitos outros médicos, foi uma dificuldade para obter cobertura, uma vez que uma série das principais seguradoras vocacionadas para seguros de negligência abandonaram inesperadamente o mercado. Felizmente, a situação estabilizou com a criação de métodos alternativos para os médicos obterem seguros de negligência e tudo correu bem até à década de 1980, quando surgiu nova crise de negligência médica. Uma vez mais, houve um súbito relançamento de processos por negligência médica bem como um aumento marcado do valor das indenizações, resultando num aumento repentino e inquietante dos prêmios dos seguros.

Durante essas duas crises, o sistema de saúde foi suficientemente elástico para absorver os custos acrescidos, principalmente ao passá-los em última análise aos pacientes e ao Governo através da Medicare. Em resultado disso, o sistema não sofreu nenhuma perturbação significativa para além de um endurecimento vincado do desagrado dos médicos em relação aos advogados, particularmente os que eles consideravam os "gananciosos": advogados de acusação especializados em casos de negligência. Lembro-me bem da época, e partilhava os mesmos sentimentos. Devido à minha associação próxima à medicina académica, parecia-me que apenas os bons médicos que estavam dispostos a aceitar os casos difíceis eram processados. Consequentemente, apoiava fervorosamente o que a maioria dos médicos julgavam ser a solução, nomeadamente, uma reforma de delitos de natureza cível, como impondo limites nas indenizações não económicas, impondo limites nos honorários dos advogados, ajustando determinados estatutos de limitações e eliminando a responsabilidade conjunta e individual.

Infelizmente assistimos hoje em dia a uma nova crise de negligência médica e embora as suas origens sejam similares - nomeadamente, outro aumento significativo da litigação com indenizações ainda mais elevadas - esta é diferente das duas crises anteriores e muito pior. A nova crise envolve problemas de cobertura e prémios astronómicos, mas, mais importante, ocorre durante a "tempestade perfeita" que está a destruir o sistema de saúde. Na verdade, é uma das suas causas. Subordinada a uma série de fatores, alguns dos quais já mencionei, os custos acrescidos que a crise está a engendrar não podem ser continuados. Os médicos atacados estão a resistir à força intensa da tempestade, aumentando incomensuravelmente a insatisfação e a desilusão. Consequentemente, isso está a afetar o acesso aos cuidados de saúde em determinadas áreas, com médicos a mudarem-se ou a abandonarem o exercício da profissão e vários serviços de alto risco a serem reduzidos. Para além da calamidade económica, ser processado é uma experiência terrível para qualquer médico, como Crise ilustra claramente, ainda que o médico acabe por ser ilibado, o que acontece na maioria dos casos.

Uma vez que a atual crise de negligência médica está a ocorrer apesar de uma série de Estados terem aprovado elementos de reforma de delitos de natureza cível, e como surgiram informações novas sobre a

dimensão de danos iatrogénicos, alterei a minha posição. Já não encaro a reforma dos delitos de natureza cível como a solução. Para além disso, já não vejo de forma míope o problema como um confronto entre os "bons" e os "maus", com médicos altruístas a lutar contra advogados gananciosos.

Como o enredo de Crise sugere, estou agora convencido de que há culpa nos dois lados da equação, com bem e mal nos dois campos, a tal ponto que fico embaraçado com a minha avaliação original e ingénua. As questões globais de segurança dos pacientes e de compensação apropriada para todos os pacientes que sofrem resultados adversos são mais importantes do que atribuir culpas e mais importantes do que estipular acordos inesperados numa espécie de loteria processual para alguns pacientes. Existem formas melhores de lidar com o problema e o público devia exigí-las apesar das objeções dos atuais acionistas: medicina organizada e tribunais dedicados ao julgamento de indenizações por negligência médica.

O fato é que a aplicação das leis de delitos de natureza cível à negligência médica não está a funcionar. Estudos têm mostrado que, no sistema atual, a vasta maioria de queixas não são meritórias, que a vasta maioria dos casos que são meritórios não são levados a tribunal e que os pagamentos são muitas vezes efetuados com poucas provas de prestação de cuidados abaixo da média. Um resultado destes dificilmente pode ser considerado digno de louvor. Em resumo, o método em vigor para resolver a negligência médica está a falhar os seus supostos objetivos duplos de compensar os pacientes com efeitos adversos e proporcionar uma força de dissuasão eficaz à negligência médica.

Analisando pelo lado positivo, há imenso dinheiro disponível para um estratagema melhor em relação aos prémios por negligência que os médicos e hospitais são obrigados a pagar. Atualmente, muito pouco deste dinheiro acaba nas mãos dos pacientes e aqueles que recebem algum, só o conseguem muito tempo depois e após uma luta amarga. Precisamos de um sistema que receba o dinheiro e o dê aos pacientes lesados sem demora enquanto, ao mesmo tempo, se investiga abertamente o motivo do erro para garantir que não volta a acontecer ao próximo paciente. Tem havido múltiplas sugestões para um sistema deste tipo, que variam desde uma espécie de seguro com reembolso automático até algo semelhante à indenização de trabalhadores ou a métodos de arbitragem/mediação. Chegou o momento de se criar uma abordagem alternativa.

R.C.